

JOHN VERDON

autor de *Eu sei o que você está pensando*

NÃO BRINQUE COM FOGO





No ano 2000, um criminoso que ficou conhecido como Bom Pastor matou seis pessoas em estradas, dentro de seus carros em movimento. Na época, ele enviou um manifesto à polícia no qual deixava claras suas motivações: uma cruzada solitária contra a ganância. Após o sexto assassinato, no entanto, encerrou a matança e nunca foi descoberto. Dez anos depois, uma jovem estudante de jornalismo está fazendo um documentário sobre os familiares das vítimas quando coisas estranhas começam a acontecer em sua casa. Objetos são trocados de lugar, maçanetas são afrouxadas, luzes se apagam sozinhas. Assustada, ela contrata Dave Gurney como consultor. Depois de ler o material sobre o caso – incluindo o perfil psicológico do assassino elaborado pelo FBI -, o detetive coloca em dúvida toda a lógica da investigação. Ao confrontar os agentes responsáveis, porém, Dave percebe que está mexendo em um ninho de vespas, o que fica evidente quando até pessoas que o apoiaram no passado se voltam contra ele. Agora seu único aliado é o antigo parceiro Jack Hardwick, um policial grosseirão e debochado que não esconde seu desprezo pelas autoridades. Com sua ajuda, Dave tem acesso aos relatórios confidenciais do caso e começa a própria investigação. Mais uma vez, ele se colocará em risco enquanto tenta provar seu ponto de vista e capturar o criminoso. Além de reunir todas as qualidades da série Dave Gurney – personagens bem construídos e uma admirável engenhosidade narrativa -, “Não Brinque Com Fogo” vai além: é um lembrete do poder da fé em si mesmo num mundo onde isso é cada vez mais raro.

Prólogo

Ela precisava ser impedida.

As insinuações não haviam dado certo. Avisos sutis tinham sido ignorados. Era necessária uma atitude mais firme. Algo dramático e inconfundível, acompanhado de uma explicação clara.

A clareza da explicação era crucial. Não poderia deixar margem a dúvidas ou perguntas. A polícia, a imprensa e a ingênua intrometidazinha tinham que entender a mensagem, concordar com a importância dela.

Olhou, pensativo, o bloco de papel amarelo e começou a escrever:

Você deve abandonar imediatamente seu projeto mal concebido. O que está se propondo a fazer é intolerável. Glorifica as pessoas mais destrutivas da Terra. Ridiculariza minha busca por justiça e exalta os criminosos que executei. Cria uma compaixão indevida pelos piores seres que já existiram. Isso não pode acontecer. Não vou permitir. Eu durmo há dez anos em paz com o que fiz, em paz com minha mensagem ao mundo, em paz com minha justiça. Obrigue-me a pegar em armas de novo e o preço a pagar será terrível.

Leu o que havia redigido. Balançou a cabeça devagar. Não estava satisfeito com o tom. Arrancou a página do bloco e enfiou-a no fragmentador de papéis que ficava ao lado de sua cadeira. Começou de novo em outra página:

Pare o que está fazendo. Pare imediatamente e vá embora. Ou então haverá sangue de novo, e de novo. Esteja avisada. Não atrapalhe minha tranquilidade.

Tinha ficado melhor, mas não o suficiente.

Precisaria trabalhar mais no texto. Enfatizar o argumento. Não deixar

nenhuma dúvida. Torná-lo perfeito.

E restava muito pouco tempo.

Primeira parte

Os órfãos do assassinato

Capítulo 1

Primavera

A porta dupla de vidro estava aberta.

De seu lugar, ao lado da mesa do café da manhã, Dave Gurney podia ver que os últimos vestígios de neve haviam desaparecido do meio do pasto e agora sobreviviam apenas nos locais mais escondidos da mata ao redor.

A fragrância da terra recém-exposta, misturada ao cheiro do feno que não fora cortado no verão anterior, penetrava na grande cozinha da casa. Era um aroma que no passado tinha a capacidade de fasciná-lo. Agora ele mal o notava.

– Você devia ir lá fora – disse Madeleine, parada junto à pia, terminando de comer sua tigela de cereal. – Vá pegar um sol. O dia está maravilhoso.

– É, dá para ver – respondeu ele, sem sair do lugar.

– Vá tomar seu café no jardim – insistiu ela, pousando a tigela no escorredor de pratos sobre a bancada da pia. – Você precisa pegar uma corzinha.

– Hum – retrucou Gurney. Assentiu inexpressivamente e bebeu outro gole da caneca. – Este é o mesmo café que a gente costuma usar?

– O que há de errado com ele?

– Eu não disse que tem alguma coisa errada.

– É, é o mesmo café.

Ele suspirou.

– Acho que estou ficando resfriado. Nos últimos dias as coisas andam meio sem gosto.

Ela pousou as mãos na borda da ilha da cozinha e fitou-o.

- Você precisa sair mais. Precisa *fazer* alguma coisa.
- Certo.
- Estou falando sério. Você não pode ficar em casa olhando para as paredes o dia todo. Vai acabar doente. Já *está* ficando doente. Você retornou a ligação de Connie Clarke?
- Vou retornar.
- Quando?
- Quando estiver a fim.

Ele não achava que estaria a fim num futuro próximo. Era assim que estava se sentindo nos últimos tempos – nos últimos seis meses, para ser mais exato. Era como se, depois dos ferimentos que sofrera no fim do bizarro caso de assassinato de Jillian Perry, ele houvesse começado a evitar tudo o que tivesse ligação com a vida normal: tarefas cotidianas, planos, pessoas, telefonemas, qualquer tipo de compromisso. Chegara ao ponto em que nada o agradava mais que uma página vazia no calendário – sem compromissos, sem promessas. Passara a achar que seu retraimento era sinônimo de liberdade.

Ao mesmo tempo, era objetivo o suficiente para saber que isso não era bom, que não havia paz nessa liberdade. Seu sentimento predominante era de hostilidade, não de serenidade.

Até certo ponto, entendia a estranha desordem que passara a governar sua vida, mantendo-o isolado de tudo. Ou, ao menos, podia listar o que acreditava serem suas causas. No topo da relação, colocaria o zumbido que ouvia desde que saíra do coma. Provavelmente as coisas começaram a sair dos eixos de fato duas semanas antes disso, quando três tiros foram disparados contra ele numa salinha, quase à queima-roupa.

O persistente som em seus ouvidos – que o otorrinolaringologista explicara não ser um “som”, e sim uma anomalia nervosa que o cérebro interpretava como tal – era difícil de descrever. O tom era agudo, o volume, baixo, e o timbre, parecido com uma nota musical assoviada com delicadeza. O fenômeno era bastante comum entre músicos de rock e veteranos de guerra, anatomicamente misterioso e, fora os raros casos de remissão espontânea, incurável.

– Francamente, detetive Gurney – concluíra o médico –, considerando o que o senhor passou, o trauma, o coma e tudo mais, deveria ficar muito feliz

por ficar apenas com um leve zumbido nos ouvidos.

De fato, Dave não podia questionar esse raciocínio. Mas isso não tornava mais fácil se acostumar com o barulho insistente que o envolvia quando tudo estava em silêncio. À noite era ainda pior. O que durante o dia lembrava o apito inofensivo de uma chaleira num cômodo distante, no escuro se transformava numa presença sinistra, algo frio, metálico, que o sufocava.

E havia os pesadelos: sonhos claustrofóbicos que o faziam lembrar as experiências no hospital – o gesso que imobilizava seu braço, a dificuldade para respirar – e o deixavam em pânico durante longos minutos depois de acordar.

Seu antebraço direito ainda conservava um ponto dormente, perto de onde a primeira bala despedaçara o osso de seu pulso. Gurney verificava regularmente o local, às vezes de hora em hora, esperando que o entorpecimento estivesse diminuindo – ou, em dias de maior desânimo, com medo de que estivesse se espalhando. Experimentava dores ocasionais, imprevisíveis e intensas como facadas na lateral do corpo, onde a segunda bala o atravessara. Sentia também uma coceira intermitente, algo como uma urticária incurável, na parte de cima da cabeça, onde a terceira bala fraturara seu crânio.

Talvez o efeito mais perturbador de ter sido ferido fosse a necessidade que agora sentia de andar armado. No trabalho, fazia isso porque o regulamento exigia. Ao contrário da maioria dos policiais, não gostava de armas de fogo. E quando saiu do departamento, depois de 25 anos, deixou para trás, junto com o distintivo, a necessidade de portar uma.

Até ser baleado.

Agora, todas as manhãs, quando se vestia, o inevitável item final da produção era um pequeno coldre de tornozelo com uma Beretta calibre 32. Odiava essa necessidade emocional. Detestava a mudança por que tinha passado, que exigia que aquela maldita coisa estivesse com ele em todos os momentos. Esperava que essa carência diminuísse aos poucos, mas até o momento isso não acontecera.

Como se não bastasse, nas últimas semanas Madeleine parecia ter passado a observá-lo com um novo tipo de preocupação – não mais os fugazes olhares de sofrimento e pânico que ele vira no hospital, ou as

expressões de esperança e ansiedade que se alternavam no início de sua fase de recuperação, porém algo mais silencioso e mais profundo, um medo crônico disfarçado, como se estivesse testemunhando algo terrível.

Ainda de pé junto à mesa, ele terminou o café em dois longos goles. Depois levou a caneca até a pia e deixou que a água quente caísse dentro dela. Podia ouvir Madeleine no saguão, limpando a caixa de areia do gato. O animal fora acrescentado recentemente ao lar por iniciativa dela. Gurney se perguntava por quê. Seria para animá-lo? Nesse caso, não estava funcionando. Não tinha mais interesse no felino do que em qualquer outra coisa.

– Vou tomar uma ducha – avisou.

Ouviu Madeleine responder algo que pareceu ser “Ótimo”. Não tinha certeza se era isso, mas não viu sentido em perguntar. Entrou no banheiro e abriu a torneira de água quente.

A longa chuveirada fumegante lhe deu uma sensação de bem-estar ao mesmo tempo maravilhosa e fugaz – o jato energético golpeava suas costas minuto a minuto, relaxando os músculos, abrindo os vasos, limpando a mente e as cavidades.

Quando terminou de se vestir e voltou para perto da porta de vidro na cozinha, um sentimento de inquietação já começava a se restabelecer nele. Agora Madeleine estava lá fora, no pátio de arenito. Além do pátio ficava o pequeno trecho de pasto que, após dois anos de cortes frequentes, ficara parecido com um gramado. Vestindo um pesado casaco de lona, uma calça de moletom laranja e galochas verdes, ela percorria a borda do calçamento e, com entusiasmo, cravava uma pá no chão a cada 15 centímetros, com a ajuda do pé, criando uma demarcação nítida e arrancando as raízes entranhadas do capim alto. Lançou a Gurney um olhar que parecia, a princípio, um convite para que ele se juntasse a ela na tarefa. Depois, ante sua relutância óbvia, os olhos dela expressaram desapontamento.

Irritado, Gurney virou a cabeça decididamente e fitou, mais abaixo na colina, seu trator verde parado junto ao celeiro.

Madeleine seguiu a direção do olhar dele.

– Estava pensando se você poderia usar o trator para nivelar os sulcos – disse ela.

– Sulcos?

- Onde a gente estaciona os carros.
- Claro... – respondeu ele, hesitante. – Acho que sim.
- Não precisa ser agora.
- Hum.

Toda a tranquilidade produzida pelo banho havia sumido enquanto sua mente era atraída para o curioso problema do trator que ele descobrira um mês antes e que quase havia esquecido – a não ser por aqueles momentos de paranoia em que a questão o deixava louco.

Madeleine parecia analisá-lo. Ela sorriu, largou a pá e foi até a porta lateral, evidentemente para tirar as galochas no quartinho em que eles guardavam os casacos antes de entrar na cozinha.

Gurney respirou fundo e olhou o trator, pensando pela vigésima vez no freio que tinha emperrado de forma misteriosa. Como em maligna harmonia, uma nuvem escura escondeu o sol lentamente. Parecia que a primavera tinha chegado e ido embora.

Capítulo 2

Um grande favor para Connie Clarke

A propriedade dos Gurney ficava no topo de um morro, ao fim de uma estrada rural, no povoado de Walnut Crossing, nas montanhas Catskills. A antiga casa se localizava na pacífica encosta sul do morro. Um pasto que precisava ser aparado a separava de um grande celeiro vermelho e um lago fundo cercado por plantas tabuas e salgueiros. Atrás, havia uma floresta de bétulas, bordos e cerejeiras. Ao norte, um segundo pasto subia ao longo da crista do morro, na direção de uma floresta de pinheiros e de uma sequência de pequenas pedreiras de arenito abandonadas, que davam para o vale seguinte.

O tempo passara pelo tipo de mudança drástica que era muito mais comum nas Catskills do que na cidade de Nova York, de onde Dave e Madeleine tinham se mudado. O céu se tornara um monótono cobertor cinzento que se estendia sobre as colinas. A temperatura parecia ter baixado pelo menos 6 graus em dez minutos.

Uma chuva fina havia começado a cair junto com flocos de neve. Quando Gurney foi fechar a porta de vidro, sentiu uma dor lancinante no lado direito da barriga. Um instante depois, outra pontada. Era algo a que já estava se acostumando, nada que três comprimidos de ibuprofeno não resolvessem. Foi em direção ao banheiro para pegá-los no armário de remédios, pensando que a pior parte da história não era o desconforto físico, mas a sensação de vulnerabilidade, a consciência de que o único motivo de estar vivo era a sorte.

Sorte não era um conceito que apreciava. Parecia ser o substituto dos imbecis para a competência. O acaso havia salvado sua vida, mas não era um aliado em que se pudesse confiar. Conhecia homens mais novos que acreditavam na boa sorte, confiavam nela e achavam que era algo que tinham. No entanto, aos 48 anos, Gurney sabia muitíssimo bem que sorte é apenas sorte e que a mão invisível que joga a moeda para o alto é fria como um cadáver.

A dor na lateral do corpo também o lembrou de que estivera pensando em cancelar o próximo horário com o neurologista em Binghamton. Tivera quatro consultas com o sujeito em menos de quatro meses e elas pareciam cada vez mais sem sentido, a não ser que o único objetivo fosse mandar mais uma conta para o plano de saúde.

Mantinha o número de telefone dele junto com os contatos de outros médicos, na mesa do escritório. Em vez de continuar na direção do banheiro para pegar o ibuprofeno, entrou no escritório a fim de ligar para seu consultório. Enquanto teclava, visualizava-o: um homem preocupado, à beira dos 40 anos, com cabelos pretos ondulados já começando a rarear, olhos pequenos, uma boca feminina, um queixo delicado, mãos macias, unhas feitas, sapatos caros, modos distantes e nenhum interesse visível em qualquer coisa que Gurney pensasse ou sentisse. As três recepcionistas que ocupavam uma sala bem mobiliada e moderna pareciam sempre confusas e irritadas com o médico, com os pacientes e com os dados nas telas dos computadores.

Uma delas atendeu o telefone no quarto toque com uma impaciência que beirava o descaso.

– Consultório do Dr. Hufbarger.

– Meu nome é David Gurney. Tenho uma consulta marcada que gostaria de...

A voz afiada interrompeu-o.

– Espere um momento, por favor.

Ao fundo, Gurney ouviu uma voz masculina exaltada, que por um momento achou que pertencesse a algum paciente furioso desfiando uma reclamação longa e urgente, até que uma segunda voz fez uma pergunta e uma terceira se juntou à confusão num tom similar e ruidoso de indignação, falando depressa. Gurney enfim percebeu que o que escutava

era um canal de notícias, que tornava insuportável ficar na sala de espera de Huffbarger.

– Alô? – disse Gurney com nítida irritação. – Tem alguém aí? *Alô?*

– Só um minuto, por favor.

As vozes que ele achava tão incômodas continuavam ao fundo. Já estava quase desligando quando a recepcionista retornou.

– Consultório do Dr. Huffbarger. Em que posso ajudar?

– Meu nome é David Gurney. Tenho uma consulta que quero cancelar.

– Qual é o dia?

– Daqui a uma semana, às 11h40.

– Soletre seu nome, por favor.

Ele já ia perguntar quantas pessoas estariam marcadas para aquele mesmo dia às 11h40, mas em vez disso fez o que ela pedira.

– E para quando o senhor quer remarcar?

– Não quero remarcar. Só estou cancelando.

– O senhor precisa remarcar.

– O quê?

– Eu só posso remarcar as consultas do Dr. Huffbarger, não cancelá-las.

– Mas o fato é que...

Ela o interrompeu, soando exasperada:

– As marcações não podem ser retiradas do sistema, apenas remanejadas.

É a política do médico.

Gurney podia sentir os lábios se apertando de ódio.

– Não me importo nem um pouco com o sistema nem com a política dele – retrucou com rispidez, pausadamente. – Considere minha consulta cancelada.

– A consulta será cobrada mesmo assim.

– Não será, não. E, se Huffbarger tiver algum problema com isso, diga para ele me ligar.

Gurney bateu o telefone, tenso, sentindo uma pontada de consternação pelo modo infantil como dissera o nome do neurologista.

Olhou para o pasto alto, através da janela do escritório, sem vê-lo de verdade.

Que diabo está acontecendo comigo?

Uma nova pontada de dor no lado direito do corpo lhe ofereceu uma

resposta parcial. Também o lembrou de que ele estava indo pegar o remédio quando parara para cancelar a consulta.

Pegou de novo o caminho do banheiro. Não gostou da cara do sujeito que o olhou do espelho acima da pia. Sua testa estava enrugada de preocupação, a pele, pálida, e os olhos, opacos e cansados.

Meu Deus.

Sabia que precisava retomar o regime de exercícios diários – as séries de flexões de braço e os abdominais que antes o mantinham em melhor forma do que a maioria dos homens de sua idade. Mas agora o homem do espelho parecia mesmo ter 48 anos e não se sentia feliz com isso. Não estava satisfeito com as mensagens diárias de mortalidade que seu corpo lhe enviava. Nem com a regressão da mera introversão a um estado de isolamento. Não estava feliz com... nada.

Pegou o frasco de ibuprofeno na prateleira, jogou três pequenos comprimidos marrons na palma da mão, franziu a testa para eles e jogou-os na boca. Enquanto deixava a água da torneira correr, esperando que esfriasse, ouviu o telefone tocar no escritório. Huffbarger, pensou. Ou alguém do consultório dele. Não fez qualquer menção de ir atender. *Eles que se danem.*

Então escutou os passos de Madeleine no andar de cima. Alguns instantes depois ela atendeu o telefone, justo quando a ligação ia cair na antiga secretária eletrônica. Podia ouvir a voz dela, mas não identificar o que dizia. Encheu um pequeno copo plástico com água até a metade e engoliu os três comprimidos, que começavam a se dissolver na boca.

Presumiu que a esposa estivesse lidando com o problema de Huffbarger. Tudo bem para ele. Mas então escutou os passos dela se aproximando pelo corredor e entrando no quarto. Ela passou pela porta aberta do banheiro e estendeu-lhe o telefone.

– É para você – disse, entregando-o e saindo do cômodo.

Prevendo algum estresse entre ele e Huffbarger ou uma de suas recepcionistas insatisfeitas, Gurney adotou um tom defensivamente brusco:

– Sim?

Houve um segundo de silêncio antes que a pessoa do outro lado da linha respondesse.

– David?

A animada voz feminina lhe era familiar, mas sua memória não conseguiu ligar um nome ou um rosto a ela.

– É – disse ele, dessa vez num tom mais agradável. – Desculpe, mas não estou reconhecendo...

– Ora, como você pôde esquecer? Ah, estou tão magoada, *detetive Gurney*! – exclamou ela com um exagero brincalhão, e de repente o timbre da risada e a entonação das palavras fizeram a pessoa aparecer em sua mente: uma loura magra, inteligente, bastante enérgica, com sotaque do Queens e malares de modelo.

– Connie. Meu Deus. Connie Clarke. Há quanto tempo!

– Seis anos, para ser exata.

– Seis anos. Minha nossa.

O número não significava muito para ele – não o surpreendia –, mas Gurney não sabia exatamente o que dizer.

Lembrou-se da ligação entre eles com uma mistura de sentimentos. Jornalista freelancer, Connie Clarke escrevera um artigo elogioso sobre Gurney para a revista *New York* depois de ele ter resolvido o infame caso do assassino em série Jason Strunk – apenas três anos após ter sido promovido a detetive de primeira classe pela solução do caso do assassino em série Jorge Kunzman. Na verdade, o artigo era um pouco elogioso demais, já que destacava seu número recorde de prisões de homicidas e se referia a ele como o “supertira do Departamento de Polícia de Nova York” – apelido que inspirou uma infinidade de variações divertidas criadas por seus colegas mais criativos.

– E como vão as coisas aí na pacífica terra da aposentadoria?

Ele notou o tom divertido da pergunta e presumiu que ela soubesse de seu envolvimento não oficial nos casos Mellery e Perry.

– Menos pacíficas do que se poderia esperar.

– Uau! É! Acho que é um modo de se referir à situação. Você se aposenta da polícia depois de 25 anos, vai morar nas pacíficas Catskills e após dez minutos se envolve num caso de assassinato seguido de outro. Parece que você é uma espécie de ímã de grandes mistérios. Nossa! O que Madeleine acha de tudo isso?

– Você acabou de falar com ela. Devia ter perguntado.

Connie riu como se ele tivesse dito algo muito espirituoso.

- Então, fora os casos, o que você faz no dia a dia?
- Quase nada, na verdade. Madeleine é muito mais ocupada do que eu.
- Eu simplesmente não consigo imaginar você morando no meio do mato.

Dave preparando compotas de frutas. Dave fazendo bebidas artesanais. Dave indo pegar ovos no galinheiro.

– Pois é, eu não faço nada disso. Nada de compotas, bebidas artesanais ou ovos.

O que lhe veio à mente foi uma opção bem diferente para descrever os últimos seis meses. *Dave bancando o herói. Dave levando tiros. Dave se recuperando lentamente. Dave sentado, escutando o zumbido nos próprios ouvidos. Dave ficando deprimido, hostil, isolado. Dave interpretando cada atividade proposta como um ataque irritante a seu direito de permanecer num estado de medo paralisante. Dave querendo não se envolver em nada.*

– Mas o que você *vai* fazer hoje?

– Para ser bastante sincero com você, Connie, não muita coisa. No máximo vou andar pelos campos, talvez recolher alguns galhos que caíram durante o inverno, talvez colocar um pouco de fertilizante nos canteiros de flores. Algo assim.

– Não me parece tão ruim. Conheço muita gente que daria tudo para trocar de lugar com você.

Ele não respondeu. Deixou que o silêncio se arrastasse, achando que isso a obrigaria a falar sobre o objetivo do telefonema. Tinha que haver um porquê. Lembrava-se de Connie como uma mulher cordial e falante, mas ela sempre tinha um propósito. Sua mente, sob aqueles cabelos louros revoltos pelo vento, estava sempre trabalhando.

– Você está se perguntando por que eu liguei – disse ela. – Certo?

– Isso me passou pela cabeça.

– Porque quero lhe pedir um favor. Um *grande* favor.

Gurney pensou por um momento, depois riu.

– Qual é a piada?

Ela pareceu momentaneamente desestabilizada.

– Uma vez você me disse que é sempre melhor pedir um favor grande do que um pequeno, porque os pequenos são mais fáceis de recusar.

– Não! Não acredito que eu falei isso. Parece tão *manipulador*! Que *horror*! Você está inventando isso, não é?

Ela parecia cheia de uma indignação fingida. Connie jamais permanecia desestabilizada por muito tempo.

– Então, o que posso fazer por você? – indagou Gurney.

– Você inventou mesmo isso! Eu sabia!

– Como eu disse, o que posso fazer por você?

– Bom, agora estou sem graça de pedir, mas é mesmo um grande, um enorme favor. – Ela fez uma pausa. – Você se lembra da Kim?

– Sua filha?

– Minha filha que adora você.

– O quê?

– Não diga que não sabia.

– Do que você está falando?

– Ah, David, David, David, todas as mulheres amam você e você nem percebe.

– Acho que só vi sua filha uma vez, quando ela tinha o quê? Quinze anos?

Sua lembrança era de uma garota bonita mas muito séria almoçando com ele e Connie na casa dela, ficando à margem da conversa, praticamente sem dizer uma palavra.

– Na verdade ela tinha 17 anos. E, tudo bem, talvez *adora* seja exagero. Mas ela achou você muito, muito inteligente, e para a Kim isso significa muita coisa. Agora ela está com 23 anos e por acaso sei que continua tendo uma opinião muito elevada sobre Dave Gurney, o supertira.

– Isso é muito gentil, mas... até agora não entendi nada.

– Claro que não, porque estou fazendo uma confusão enorme para pedir o favor gigantesco. É melhor se sentar, porque pode demorar um pouquinho.

Gurney ainda estava de pé junto à pia do banheiro. Atravessou o quarto e seguiu pelo corredor até o escritório. Não queria sentar. Em vez disso, ficou perto da janela dos fundos.

– Pronto, Connie, estou sentado. O que está acontecendo?

– Na verdade, nada de ruim. De fato, é algo ótimo. Kim teve uma oportunidade incrível. Eu já disse que ela se interessa por jornalismo?

– Seguindo os passos da mãe?

– Meu Deus, nunca diga isso a ela. Kim acabaria mudando de carreira na mesma hora! Acho que o maior objetivo dela é se tornar totalmente independente de mim! Enfim, esqueça os *passos*. Ela está à beira de um

salto enorme. Então deixe-me ir ao ponto antes que você fique completamente confuso. Ela está terminando um mestrado em jornalismo em Syracuse. É perto de você, não é?

– Não é bem na vizinhança. Deve ficar a pouco menos de duas horas daqui.

– Então não é tão longe assim. Pouco mais do que a distância que eu percorro até a cidade todo dia. Bom, a questão é que ela teve a ideia de fazer uma espécie de minissérie sobre vítimas de assassinato como trabalho de conclusão de curso. Na verdade o documentário não seria sobre as vítimas, mas sobre as famílias, os filhos... O objetivo é analisar os efeitos a longo prazo em alguém que teve um dos pais assassinado e o crime ficou sem solução.

– Sem...

– Isso. Serão casos em que o criminoso nunca foi apanhado, de modo que a ferida dos parentes das vítimas permaneceu aberta. Não importa quanto tempo passou, o acontecimento continua sendo o maior fato emocional na vida deles: uma força gigantesca que muda tudo para sempre. Ela intitulou a série de *Os órfãos do assassinato*. Não é fantástico?

– Parece uma ideia interessante.

– *Muito* interessante! Mas estou deixando de lado a melhor parte: não é só uma *ideia*. Vai *acontecer*! Começou como um projeto acadêmico, mas o orientador dela ficou tão impressionado que a ajudou a transformar o resumo numa proposta de verdade. Até conseguiu que algumas das pessoas que ela queria que participassem assinassem contratos de exclusividade, de modo a protegê-la. Depois ele repassou a proposta a um conhecido dele que é produtor na RAM-TV. E adivinhe só: o cara se interessou! De um dia para outro o negócio passou de uma dissertaçãozinha de fim de curso para o tipo de chance que pessoas com vinte anos de experiência matariam para ter. A RAM é a melhor emissora que existe atualmente!

Para Gurney, a RAM era a organização que mais transformava os programas de notícias num carnaval, em algo escandaloso, espalhafatoso, superficial, venenoso e alarmista. Mas conteve a tentação de dizer isso.

– Então agora você deve estar se perguntando o que isso tudo tem a ver com meu detetive predileto, não é? – continuou Connie, empolgada.

– Estou ouvindo.

– Duas coisas. Primeiro, preciso que você dê uma sondada nela.
– Como assim?
– Marque um encontro para ter uma ideia do que ela está fazendo. Veja se reflete o mundo das vítimas de homicídio que você conhece. Com essa chance que Kim conseguiu, basta não cometer muitos erros para o céu ser o limite.

– Hum.
– Esse pequeno resmungo significa que você concorda? Hein, David, por favor?

– Connie, eu não sei absolutamente nada sobre jornalismo.
A maioria das coisas que ele sabia o enojava, mas, de novo, ficou quieto.
– Essa parte ela domina. E é a pessoa mais esperta que eu conheço. Mas ainda é uma criança.

– Então qual vai ser a minha contribuição? A velhice?
– A realidade. O conhecimento. A experiência. A perspectiva. A sabedoria incrível depois de... quantos casos de homicídio?

Ele achou que não fosse uma pergunta de verdade, por isso nem tentou responder.

Connie prosseguiu ainda mais empolgada:

– Kim é supercompetente, mas competência não é o mesmo que experiência de vida. Ela está entrevistando pessoas que tiveram um dos pais ou algum ente querido assassinado. Precisa ter um estado de espírito realista para fazer isso. Precisa de uma visão ampla do que se trata, entende? O que eu quero dizer é que, com tanta coisa em jogo, ela precisa ter o máximo de conhecimento que puder.

Gurney suspirou.

– Nós dois sabemos que existe uma infinidade de fatores quando se trata de sofrimento, morte, perda da pessoa amada...

Ela o interrompeu:

– É, é, eu sei, as populares fases psíquicas do sofrimento, cinco estágios de papo furado e daí em diante. Não é disso que ela precisa. Ela tem que falar com alguém que saiba sobre *assassinato*, que tenha visto as vítimas, conversado com as famílias e as encarado nos olhos e visto o horror neles, alguém que *saiba*, não alguém que tenha escrito uma porcaria de um livro.

Gurney ficou em silêncio por um longo instante.

– E então, você vai fazer o que eu pedi? – retomou Connie. – Vai se encontrar com Kim uma vez, só para ver o que ela conseguiu e aonde planeja chegar com isso? Ver se faz sentido para você?

Enquanto olhava a paisagem do pasto dos fundos pela janela do escritório, a ideia de ir ver a filha de Connie para revisar seu bilhete de ingresso no mundo da televisão de pior qualidade que existia era uma das perspectivas menos atraentes do mundo.

– Você disse que eram *duas* coisas, Connie. Qual é a segunda?

– Bom... – A voz dela enfraqueceu. – Pode haver um problema com um ex-namorado.

– Que tipo de problema?

– Essa é a questão. Kim gosta de parecer invencível, sabe? Como se não tivesse medo de nada nem de ninguém.

– Mas...?

– Mas, no mínimo, esse babaca andou pregando umas peças bem cruéis nela.

– Tipo o quê?

– Tipo entrar no apartamento dela e mudar as coisas de lugar. Teve uma história que ela começou a me contar sobre uma faca que sumiu e depois reapareceu, só que, quando eu quis saber detalhes, ela se fechou.

– E por que você acha que ela puxou o assunto?

– Talvez Kim queira ajuda mas ao mesmo tempo não queira, e não consiga se decidir.

– O babaca tem nome?

– Robert Meese é o verdadeiro, mas ele se apresenta como Robert Montague.

– Isso tem alguma coisa a ver com o projeto de Kim?

– Não sei. Só tenho a sensação de que a situação é pior do que ela quer admitir. Ou, pelo menos, admitir para *mim*. Então... por favor, David? Por favor? Não sei a quem mais recorrer.

Como ele não respondeu, Connie prosseguiu:

– Talvez eu esteja exagerando, imaginando coisas. Pode ser que não haja problema nenhum. Mas, mesmo que seja esse o caso, seria fantástico se você a ouvisse falar sobre o projeto, sobre as vítimas e as famílias. Isso significa muito para Kim. É a oportunidade de uma vida. Ela está tão

determinada, tão confiante...

– Você parece meio hesitante.

– Não sei. Só estou... preocupada.

– Com o projeto ou com o ex-namorado?

– Talvez com os dois. Quero dizer, de um lado é fantástico, não é? Mas me parte o coração pensar que ela pode ser tão determinada, tão confiante e tão independente que acabe ficando perdida sem que eu saiba, sem que possa ajudá-la. Meu Deus, David, você tem um filho, não é? Entende o que eu estou sentindo?

Dez minutos depois de ter desligado, Gurney ainda estava parado junto à janela dos fundos do escritório, tentando entender o tom de voz estranhamente disperso de Connie, imaginando por que havia enfim concordado em se encontrar com Kim e por que toda aquela situação o deixava tão desconfortável.

Suspeitou que tivesse algo a ver com o último comentário dela, sobre seu filho. Esse era, como sempre, um assunto delicado – por razões em que ele não queria pensar no momento.

O telefone tocou. Gurney ficou surpreso ao descobrir que estivera segurando-o distraidamente, tendo se esquecido de pousá-lo. *Dessa vez vai ser mesmo Huffbarger*, pensou, *ligando para defender sua ridícula política de cancelamento de consultas*. Ficou tentado a não atender, a deixar que o telefonema caísse na secretária eletrônica. Mas também queria resolver aquilo de vez e deixar o assunto para lá. Apertou o botão para atender.

– Dave Gurney falando.

Uma voz feminina, nítida e alegre disparou:

– Dave, estou ligando para lhe agradecer! Connie acabou de me dizer que você está disposto a conversar comigo.

Por um instante ele ficou confuso. Sempre ficava incomodado quando alguém chamava o pai ou a mãe pelo nome.

– Kim?

– Claro! Quem você pensou que fosse? – Como ele não respondeu, ela continuou: – Enfim, olhe só que legal: estou indo para Syracuse neste momento. Agora estou exatamente no entroncamento da Rodovia 17 com a I-81. Isso significa que posso pegar a I-88 e chegar a Walnut Crossing em pouco mais de meia hora. Tudo bem para você? Sei que está muito em cima,

mas foi uma coincidência feliz demais! E estou doida para ver você de novo!

Capítulo 3

O impacto do assassinato

As Rodovias 17, 81 e 88 convergem nos arredores de Binghamton, a cerca de uma hora de Walnut Crossing. Gurney se perguntou se a estimativa otimista de tempo feita por Kim seria resultado de falta de informação ou de excesso de entusiasmo. Mas essa era a menor das dúvidas em sua mente enquanto via o pequeno Miata vermelho subir alegremente pela trilha do pasto até sua casa.

Abriu a porta lateral e se dirigiu ao lugar em que seu Outback estava estacionado, no solo de grama e cascalho. O Miata parou ao lado dele e uma jovem saiu segurando uma pasta fina. Ela usava calça jeans, camiseta e um blazer sofisticado com as mangas dobradas.

– Você me reconheceria se eu não tivesse avisado que vinha? – perguntou ela com um riso forçado.

– Talvez, se eu tivesse tempo de analisar seu rosto – respondeu ele, olhando para seus traços emoldurados por delicados cabelos castanhos brilhantes, divididos no meio. – Está igual, só que mais animada e mais feliz do que naquele dia em que almocei com você e sua mãe.

Ela franziu a testa por um momento, pensativa, depois riu.

– Não só do que naquele dia, mas do que *naqueles anos*. Definitivamente eu não era muito feliz na época. Demorei muito para saber o que queria fazer da vida.

– Parece que descobriu mais depressa do que a maioria das pessoas.

Ela deu de ombros, fitando os campos e a floresta ao redor.

– Isto aqui é lindo. Você deve adorar. O ar é tão limpo e fresco!

– Talvez um pouco fresco demais para a primeira semana da primavera.

– Nossa, é mesmo! Ando tão ocupada que não consigo me lembrar de nada. Já é primavera. Como pude esquecer?

– É fácil. Venha comigo. Lá dentro está mais quente.

Meia hora depois, Kim e Dave encontravam-se sentados frente a frente à pequena mesa de pinho do café da manhã, no cantinho perto da porta dupla de vidro. Estavam terminando as omeletes, as torradas e o café que Madeleine havia insistido em fazer quando soubera que Kim tinha viajado a manhã inteira sem comer nada. Madeleine já tinha acabado e agora limpava o fogão. Kim estava contando sua história desde o início, a história que levava àquela visita:

– É uma ideia que eu já tenho há anos: analisar o horror do assassinato por meio do impacto que ele causa na família da vítima. Só não sabia muito bem o que fazer com isso. Às vezes passava um tempo sem pensar no assunto, mas ele sempre voltava à minha mente mais forte do que nunca. Fiquei obcecada com isso: *tinha* que fazer alguma coisa. A princípio achei que seria mais um negócio acadêmico, talvez uma dissertação de sociologia ou psicologia. Então mandei a proposta para um monte de editoras universitárias, mas, como eu não tinha os diplomas apropriados, ninguém comprou a ideia. Aí pensei em fazer um livro comum de não ficção. Mas para isso eu precisaria de um agente, o que significava enviar mais um monte de propostas. O resultado, como você já deve imaginar, foi zero de interesse. Nesse ponto eu pensei: “Com minha idade, quem eu acho que sou? O que já escrevi na vida? Quais são minhas credenciais? Sou praticamente uma criança. Tudo o que eu tenho é uma ideia.” Até que enfim tive uma luz. Dã! “Isso não é um livro, isso é televisão!” A partir daí as coisas começaram a se encaixar. Imaginei uma série de entrevistas íntimas, “televisão realidade” no melhor sentido do termo, que sei que tem um ar bastante pejorativo hoje em dia, mas não precisa ser assim. *Desde que seja feita com emoções reais!*

Ela parou, como se afetada pelas próprias palavras, deu um sorriso sem graça, pigarreou e foi em frente:

– Enfim, juntei tudo na forma de um resumo detalhado para minha dissertação de mestrado e entreguei ao Dr. Wilson, meu orientador. Ele disse que era uma ótima ideia, que tinha muito potencial. Então me ajudou

a colocar o conteúdo no formato de proposta comercial, garantiu que minhas bases jurídicas estivessem cobertas e depois fez uma coisa que disse que nunca fazia: entregou a proposta a um produtor executivo que conhece na RAM-TV, um cara chamado Rudy Getz. E uma semana depois Getz entrou em contato com a gente e falou: “Está bem, vamos em frente.”

– Assim? – questionou Gurney.

– Eu também fiquei surpresa, mas Getz explicou que é como a RAM atua. Quem sou eu para questionar? O fato de poder concretizar essa ideia, explorar esse tema... – Ela balançou a cabeça, como se tentasse afastar alguma emoção que a estivesse invadindo no momento.

Madeleine foi até a mesa, sentou-se e verbalizou o pensamento de Gurney:

– Isso é importante para você, não é? Quero dizer, é importante *de verdade*, não apenas algo que pode impulsionar sua carreira.

– Ah, sim, muito!

Madeleine deu um sorriso suave.

– E o *ponto principal* da ideia... a parte que tanto interessa a você...?

– São as famílias, *os filhos*...

Mais uma vez ela parou por um instante, evidentemente dominada por uma imagem que seu próprio discurso evocava. Empurrou a cadeira para trás, levantou-se e deu a volta na mesa, indo até a porta de vidro que dava para o pátio, o jardim, o pasto e a floresta além.

– É meio bobo, não sei explicar – prosseguiu ela, de costas para eles –, mas acho mais fácil falar sobre isso de pé. – Pigarreou duas vezes antes de começar numa voz quase inaudível: – Acredito que o assassinato muda tudo para sempre. Rouba algo que jamais pode ser substituído. Tem consequências que vão além do que acontece com a vítima. A vítima tem sua vida tomada, o que é terrível e injusto, mas para ela acabou, é o fim. Ela já perdeu tudo aquilo em que sua existência poderia ter se transformado. Não continua *sentindo* a perda, *imaginando* como poderia ter sido.

Ela levantou as mãos e encostou as palmas nos painéis de vidro à sua frente, um gesto que revelava uma intensa emoção e um grande esforço para se controlar.

Então continuou, um pouco mais alto:

– Não é a vítima que acorda numa cama vazia, numa casa vazia. Não é ela

que sonha ainda estar viva e acorda com a dor de perceber que não é verdade. Não é ela que sente a fúria repugnante, o sofrimento causado por sua morte. Não é ela que tem que ver a cadeira vazia junto à mesa, ouvir sons que parecem sua voz. Não é ela que vê o armário cheio de suas roupas... – A voz de Kim estava ficando rouca. Ela pigarreou. – Não é ela que sente *a agonia de perder a coisa mais importante de sua vida*.

A jovem se inclinou e ficou encostada no vidro por vários segundos, depois se afastou lentamente. Quando se virou para a mesa, seu rosto estava todo marcado de lágrimas.

– Vocês já ouviram falar em dor fantasma? Que acontece com pessoas amputadas? Os que ficam sentem o mesmo com o assassinato. Como a dor num membro que não existe mais, uma dor insuportável num lugar vazio.

Kim ficou totalmente imóvel durante um tempo, concentrada nos próprios pensamentos. Depois enxugou o rosto e fitou Gurney e Madeleine com olhos determinados.

– Para entender o que o assassinato é de fato, é preciso conversar com as famílias – disse ela com voz firme. – Essa é minha teoria, meu projeto, meu plano. E é por isso que Rudy Getz está empolgado. – Kim respirou fundo e soltou o ar lentamente. – Se não for muito incômodo, será que posso tomar mais uma xícara de café?

– É claro, pode deixar comigo – respondeu Madeleine com um sorriso agradável.

Foi até a pia e encheu a cafeteira de água mais uma vez.

Gurney estava recostado na cadeira, pensativo, com os dedos das duas mãos unidos embaixo do queixo. Ninguém falou nada durante um ou dois minutos. A cafeteira começou a pingar o café passado dentro da jarra.

Kim deu uma olhada na grande cozinha, que formava um só cômodo, bem espaçoso, com a sala de jantar e a sala de estar.

– Isto aqui é muito legal – comentou. – Bastante aconchegante, caloroso. Na verdade, é perfeito. Parece o sonho que todo mundo tem quando pensa numa casa no campo.

Depois que Madeleine levou a bebida de Kim para a mesa, Gurney foi o primeiro a se manifestar:

– Está claro que esse assunto é muito importante para você. Eu gostaria de ter uma ideia melhor sobre como posso ajudá-la.

– O que Connie pediu?

– Que eu desse “uma sondada” em você. Acho que foi essa a expressão que ela usou.

– Não mencionou... nenhum outro problema?

Para Gurney pareceu que ela estava fazendo um esforço bastante infantil e óbvio para que a pergunta parecesse casual.

– Seu ex-namorado se qualifica como “problema”?

– Ela falou do Robby?

– Mencionou um tal de Robert Meese... ou será Montague?

– Meese. O negócio de Montague é... – Ela se interrompeu e balançou a cabeça. – Connie acha que eu preciso de proteção, mas não concordo. Robby só é patético e muito irritante, nada com que eu não consiga lidar.

– Ele está ligado a seu projeto televisivo?

– Não mais. Por quê?

– Só curiosidade.

Só curiosidade em relação a quê? Em que diabo estou me envolvendo? Por que me dou o trabalho de ficar aqui sentado ouvindo uma estudante agitada como essa, cheia de problemas com o namorado maluco, dizer o que acha sobre assassinato e sua grande chance de alcançar o sucesso na emissora de TV mais sensacionalista do país? Hora de começar a me afastar da areia movediça.

Kim o encarava como se tivesse o dom de Madeleine para ler sua mente.

– Não é nada tão complicado assim. E, como você teve a generosidade de me oferecer ajuda, vou me esforçar para ser mais objetiva.

– Toda hora nós voltamos à parte em que eu *ajudo* você, mas não vejo...

Madeleine, que estava espremendo uma esponja na pia depois de lavar os pratos, sugeriu com delicadeza:

– Por que não ouvimos o que a Kim tem a dizer?

Gurney assentiu.

– Boa ideia.

– Conheci Robby no clube de teatro há quase um ano. Ele era, disparado, o cara mais bonito da universidade. Tipo um Johnny Depp mais novo. Há uns seis meses fomos morar juntos. Durante algum tempo eu me senti a pessoa mais sortuda do mundo. Quando comecei a me dedicar de corpo e alma ao projeto dos assassinatos, ele pareceu apoiar. De fato, quando escolhi as

famílias que queria entrevistar, ele até foi comigo, participou, se integrou totalmente em tudo. E aí... foi aí que... o monstro surgiu.

Ela fez uma pausa e tomou um gole de café.

– À medida que ele se envolvia mais, começou a assumir o controle de tudo. Não estava mais me ajudando com *meu* projeto. Tinha se tornado *nosso* projeto, até que ele começou a agir como se fosse um projeto *dele*. Depois que nos encontrávamos com as famílias, ele dava às pessoas o cartão *dele*, com *seus* contatos, dizendo que elas poderiam falar com *ele* a qualquer momento. Foi aí que começou o lance ridículo do Montague, quando ele mandou imprimir cartões de visita: “Robert Montague, Produção de documentários e consultoria criativa”.

Gurney pareceu cético.

– Ele estava tentando tirar você do caminho, roubar o projeto?

– Era mais doentio do que isso. Robby Meese parece um deus, mas veio de uma família ferrada, totalmente disfuncional, e passou a maior parte da infância em lares adotivos tão problemáticos quanto. No fundo, é a pessoa mais insegura que existe. Chega a ser patético. Algumas famílias com quem falamos para tentar fechar contrato para entrevistas oficiais... Robby ficou desesperado para impressioná-las. Acho que ele teria feito *qualquer* coisa para obter a aprovação delas, para ser aceito por elas. Para torná-las *como* ele. Era meio nojento.

– O que você fez com relação a isso?

– No início eu não sabia o que fazer. Até que descobri que ele andava conversando com um dos principais membros de uma família, um cara que eu realmente queria entrevistar. Quando o confrontei sobre isso, a situação chegou a um ponto em que virou uma disputa de quem gritava mais alto. Foi aí que eu o expulsei do nosso apartamento, do *meu* apartamento. E pedi ao advogado de Connie que esboçasse uma carta bem ameaçadora para mantê-lo longe do projeto, do *meu* projeto.

– Como ele encarou isso?

– A princípio foi muito tranquilo. Tranquilo de uma forma meio pegajosa. Eu o mandei ir se catar. Depois ele começou a dizer que mexer com casos antigos de assassinato poderia ser arriscado e que eu deveria ser cautelosa, que talvez eu não soubesse no que estava me metendo. Ele me ligava tarde da noite e deixava recados na secretária falando que poderia me proteger e

que um monte de gente com quem eu estava lidando, inclusive meu orientador, não era o que parecia ser.

Gurney se empertigou um pouco na cadeira.

– E depois?

– Depois? Eu disse que, se ele não me deixasse em paz, iria conseguir um mandado de restrição e que ele fosse preso por assédio.

– Isso surtiu algum efeito?

– Depende do ponto de vista. Os telefonemas pararam. Mas então começaram a acontecer as coisas esquisitas.

Madeleine interrompeu o que estava fazendo e se aproximou da mesa.

– Isso está ficando interessante. Posso participar?

– Sem problema – respondeu Kim.

Quando Madeleine se sentou, ela prosseguiu:

– Facas começaram a desaparecer da cozinha. Um dia, cheguei da aula e não encontrei meu gato. Até que ouvi um miado baixinho. O bichano estava dentro de um armário. Um armário que eu nunca usava. E uma vez eu acordei atrasada porque a hora marcada no despertador tinha sido mudada.

– Tudo isso é irritante, mas relativamente inofensivo – retrucou Gurney. A expressão de Madeleine sugeriu que ela discordava dele por completo, por isso ele acrescentou: – Não estou dizendo que essas brincadeiras maldosas não causam nenhum impacto emocional. Só estou pensando nos graus de assédio que podem ser abordados juridicamente.

Kim assentiu.

– Certo. Bom, as “brincadeiras” ficaram ainda mais maldosas. Um dia cheguei tarde em casa e havia uma gota de sangue no piso do banheiro, do tamanho de uma moeda. E uma das facas que haviam sumido da cozinha estava caída perto dela.

– Meu Deus – comentou Madeleine.

– Algumas noites depois, comecei a ouvir uns sons estranhos. Alguma coisa me acordava, algo que eu não sabia direito o que era, e depois eu ouvia uma tábua rangendo, então tudo ficava em silêncio, aí escutava algo que parecia uma respiração, em seguida o silêncio de novo.

Madeleine pareceu horrorizada.

– Quantos andares tem seu prédio? – quis saber Gurney.

– Na verdade, é uma casa pequena. São dois andares independentes, além de um porão. Existem muitas construções assim perto do campus, divididas em apartamentos baratos para estudantes. Atualmente sou a única inquilina.

– Você está *sozinha* lá? – indagou Madeleine, com os olhos arregalados. – Você é muito mais corajosa do que eu. Eu sairia correndo...

Um brilho de raiva perpassou os olhos de Kim.

– Não vou fugir daquele babaca!

– Você informou esses incidentes à polícia?

Ela deu um risinho amargo.

– Claro. O sangue, a faca, os sons à noite. Os policiais foram à minha casa, verificaram as janelas e tal. Pareciam entediados. Quando eu ligo e dou meu nome e endereço, posso vê-los revirando os olhos. Está bem claro que me consideram uma chata paranoica em busca de atenção. A maluca cheia de problemas com o namorado.

– Imagino que você tenha trocado as fechaduras, certo? – perguntou Gurney de modo afável.

– Duas vezes. Não adiantou nada.

– Você acha que Robby Meese é o responsável por toda essa... intimidação?

– Acho, não. Eu *sei*.

– Por que tem tanta certeza?

– Se você escutasse a voz dele, os telefonemas depois que eu o coloquei para fora... ou se visse a cara dele quando nós nos esbarrávamos no campus, também teria certeza. Era a mesma *esquisitice*. Não sei explicar direito, mas as coisas que estão acontecendo... são arrepiantes, exatamente como ele.

No silêncio que se seguiu, Kim apertou a xícara de café com as mãos. Isso fez Gurney se lembrar de como ela parara junto à porta pouco tempo antes, as palmas pressionando o vidro. Emoção e controle.

Pensou na ideia do programa, na atração de Kim pela dor causada pelo assassinato. O que ela tinha dito era verdade: em alguns casos o sofrimento infligido por um assassino abre um buraco na família, deixa cônjuge, filhos e pais desolados, enche a vida deles de tristeza e raiva.

Em outros casos, porém, nem o luto nem as emoções eram tão intensos.

Gurney já tinha visto uma enormidade de situações assim. Homens que não prestavam e haviam tido mortes feias. Traficantes de drogas, cafetões, criminosos com uma extensa ficha policial, adolescentes membros de gangues brincando com armas de verdade. A maldade humana era impressionante. Às vezes ele tinha um sonho, sempre o mesmo, em que via imagens de campos de concentração. Uma escavadeira empurrando corpos semiesqueléticos para dentro de uma vala grande como se fossem manequins. Como se fossem entulho.

Ficou sentado fitando a jovem intensa, de olhos escuros, que continuava apertando a xícara morna, com o cabelo lustroso escondendo a maior parte do rosto.

Então encarou Madeleine com uma interrogação nos olhos.

Ela deu de ombros sutilmente, com uma sugestão de sorriso. Parecia um encorajamento à ação.

Gurney olhou de volta para Kim.

– Muito bem. Vamos voltar à questão básica: como posso ajudar você?

Capítulo 4

Igual a um caixão

O que ela queria era que Gurney a acompanhasse de volta ao apartamento em Syracuse, onde mantinha tudo o que era relacionado ao projeto. Assim, ele poderia ver o material em primeira mão: a correspondência com participantes potenciais, as duas entrevistas iniciais que havia feito e submetido como parte da proposta, os planos de entrevistas futuras, o contrato com Rudy Getz, da RAM-TV, o posicionamento geral do projeto e a cópia promocional que estava preparando para a série. Ele poderia analisar tudo isso e lhe dizer o que tinha achado – o que parecia adequado e o que não parecia.

Gurney tinha tanta disposição para dirigir até Syracuse quanto tivera para qualquer atividade nos últimos meses, ou seja, praticamente nenhuma. Mas achou que seria o modo mais rápido de descartar qualquer obrigação que sentisse com relação a Connie Clarke. Ele iria, olharia, comentaria. Dever cumprido. “Grande favor” feito. Depois poderia voltar à sua caverna.

O mapa do Google que havia imprimido para o caso de ele e Kim se separarem no caminho estimava uma viagem de uma hora e 45 minutos de Walnut Crossing até a casa dela, mas quase não havia tráfego nas duas interestaduais que levavam até lá e o pequeno Miata à sua frente percorreu o trajeto inteiro acima do limite máximo de velocidade permitido.

Se estivesse mais bem-humorado, Gurney poderia apreciar a paisagem de florestas e campinas, riachos largos e de correnteza forte, fazendas com a terra recém-arada para as plantações da primavera, fossos típicos e celeiros vermelhos. Mas em seu estado de ânimo essas imagens bucólicas

se reduziam a espaços úmidos e lamacentos – uma terra devastada, de declínio agrícola e tempo ruim.

Sua primeira visão dos arredores de Syracuse reforçou seus pensamentos sombrios. Lembrou-se de ter lido em algum lugar que a cidade ficava perto do lago Onondaga, famoso por ser um dos mais poluídos do país. Isso o fez se lembrar de sua infância no Bronx – da baía de Eastchester, cujo canal de navegação formado por águas turvas era constantemente chacoalhado por barcas e rebocadores. A baía era uma extensão oleosa do estreito de Long Island, onde não parecia haver vida a não ser pelas algas imundas e os medonhos caranguejos – blindados, incomíveis, correndo de um lado para outro, cuja lembrança ainda provocava arrepios em seus braços.

Continuou atrás do Miata de Kim quando ela saiu da interestadual e entrou numa região de aparência maltratada e que não tinha nenhum limite de zoneamento claro. Passou por uma sequência aleatória de pequenas casas de família, espaçosos lares antigos agora divididos em vários apartamentos, lojas de conveniência sem graça, prédios comerciais medonhos e enormes áreas desertas cercadas por tela.

O Miata virou numa rua com uma pizzeria na esquina – Princesa da Pizza de Onondaga – e parou diante de uma construção de dois andares. A casa ficava entre duas outras exatamente iguais a ela, todas separadas entre si por uma estreita entrada de veículos. Na frente de cada uma havia um trecho bruto de terra que implorava por flores ou um gramado. Gurney estacionou atrás de Kim e observou-a enquanto ela saía do pequeno automóvel, depois o trancava e verificava duas vezes ambas as portas. Ela olhou com cautela para a casa e ao longo da entrada de veículos, ou pelo menos foi o que pareceu a Gurney. Enquanto ele se aproximava dela, Kim ofereceu-lhe um sorriso nervoso.

– Alguma coisa errada? – perguntou ele.

– Não, tudo... parece bem.

Ela subiu os três degraus até a porta da frente, que estava destrancada. Essa porta, porém, só dava acesso a um vestíbulo minúsculo com mais duas portas. A da direita tinha duas fechaduras, que ela abriu com chaves diferentes. Antes de virar a maçaneta, Kim olhou para ela com desconfiança e lhe deu algumas sacudidas vigorosas.

Essa porta levava a um corredor. Kim conduziu Gurney ao primeiro

cômodo da direita – uma pequena sala mobiliada apenas com o essencial: um sofá, uma mesinha de centro, duas poltronas de madeira com almofadas soltas, dois abajures de pé minimalistas, uma estante, um arquivo de metal com duas gavetas e uma mesa usada como escrivaninha, com uma cadeira de encosto reto atrás. O piso era coberto por um tapete cor de terra.

Ele deu um sorriso curioso.

– Que negócio foi aquele com a maçaneta?

– Ela saiu na minha mão por duas vezes.

– Quer dizer que foi afrouxada de propósito?

– Ah, com certeza. Nas duas vezes. Na primeira a polícia deu uma olhada e deixou para lá, dizendo que alguém tinha feito uma brincadeira comigo. Na segunda nem se deu o trabalho de mandar alguém. O policial que me atendeu pareceu achar engraçado.

– Não acho nada engraçado.

– Obrigada.

– Sei que já perguntei isso, mas...

– A resposta é sim, tenho certeza de que foi o Robby. E não, não tenho nenhuma prova. Mas quem mais poderia ser?

Quando ela terminou de falar, eles ouviram a campainha – um complexo toque musical.

– Ai, meu Deus. Isso foi ideia da minha mãe quando eu vim para cá. Antes era uma campainha comum, que ela odiava. Só um segundo – disse Kim, dirigindo-se à porta da frente.

Voltou um minuto depois com uma grande caixa de pizza e duas latas de Coca Zero.

– Bem na hora. Pedi pelo celular enquanto estávamos vindo. Achei que estaríamos com fome. Pizza está bom para você?

– Está ótimo.

Ela pôs a caixa na mesinha de centro, abriu-a e puxou uma das poltronas de madeira para perto. Gurney sentou-se no sofá.

Depois que cada um comeu uma fatia com um pouco de refrigerante, Kim disse:

– Muito bem, por onde você quer começar?

– Quando você teve a ideia de entrevistar famílias de vítimas de assassinato, imagino que a primeira coisa que precisou fazer foi decidir

quais crimes abordaria, certo?

– Certo.

Ela o observava com atenção.

– O que mais existe são casos de homicídio. Mesmo se você se limitasse ao estado de Nova York, mesmo que se limitasse a apenas um ano, ainda teria centenas para escolher.

– Isso.

Gurney se inclinou para a frente.

– Então me conte quais foram seus critérios.

– Eles foram mudando pelo caminho. A princípio eu queria incluir todos os tipos de vítima, de homicídio, de família, de raça e de história de vida, diferentes períodos de tempo entre o crime e a atualidade. Variedade completa! Mas o Dr. Wilson ficava me dizendo: “Simplifique o máximo possível. Diminua as variáveis. Encontre um gancho e torne-o mais fácil para o espectador entender. Quanto mais estreito o foco, melhor.” Lá pela décima vez que ele falou isso, eu saquei. Tudo começou a se encaixar. E depois foi tipo “*Isso!* Já sei exatamente o que vou fazer!”.

Enquanto escutava, Gurney sentiu-se estranhamente tocado pelo entusiasmo dela.

– E qual foi o critério final?

– Basicamente o que o Dr. Wilson tinha dito: diminuir as variáveis. Estreitar o foco. Encontrar um gancho. Assim que comecei a pensar desse modo, a resposta acabou se materializando. Vi que podia concentrar todo o projeto nas vítimas do Bom Pastor.

– O cara que matou aquelas pessoas que dirigiam Mercedes, há oito ou nove anos?

– Dez. *Exatamente* dez anos. Todos os ataques dele ocorreram na primavera do ano 2000.

Gurney se recostou na poltrona e assentiu, pensativo, lembrando-se da infame série de seis execuções a tiros que deixou metade da parte noroeste do país com medo de dirigir à noite.

– Interessante. Assim como a natureza do evento é a mesma nos seis casos, o período de tempo entre o crime e a atualidade é praticamente o mesmo, e o atirador, a motivação e o nível de atenção policial também.

– Isso! Assim como o fracasso da investigação, a falta de solução, a ferida

aberta nos familiares. Todos esses fatores tornam o caso do Bom Pastor um modo perfeito de examinar como diferentes famílias reagem à mesma catástrofe com o passar do tempo, como convivem com a perda, como lidam com a injustiça, o que isso faz com elas, especialmente com os filhos. Diferentes resultados para o mesmo tipo de tragédia.

Ela se levantou e foi até o arquivo perto de sua mesa de trabalho. Pegou uma pasta azul brilhante e entregou-a a Gurney. Na capa havia uma etiqueta com letras em negrito que diziam: OS ÓRFÃOS DO ASSASSINATO, UMA PROPOSTA DE DOCUMENTÁRIO, POR KIM CORAZÓN.

Talvez por ter notado o olhar dele se fixar em “Corazón”, ela perguntou:

– Você achava que meu sobrenome era Clarke?

Gurney se lembrou de quando Connie o havia entrevistado para a revista *New York*.

– Sim, achava que fosse o mesmo de sua mãe.

– Clarke é o nome de solteira de Connie. Ela voltou a usá-lo depois que se divorciou do meu pai, quando eu era pequena. O nome dele era, é, Corazón. E o meu também.

Gurney notou, subjacente a essa ênfase, um ressentimento óbvio. Perguntou se esse sentimento seria a causa da relutância dela em se referir a Connie como “mamãe” ou “mãe”.

Não tinha nenhuma vontade de entrar nesse assunto. Abriu a pasta e viu que ela continha um documento grosso, com bem mais de cinquenta páginas. A primeira delas repetia o título. Na segunda havia um sumário: “Conceito”, “Visão geral do documentário”, “Estilo e metodologia”, “Critérios de seleção de casos”, “As vítimas de homicídio do Bom Pastor e as circunstâncias dos crimes”, “Futuros entrevistados”, “Resumos e status dos contatos”, “Transcrições das primeiras entrevistas”, “MDOBP (Apêndice)”.

Ele repassou o sumário mais lentamente.

– Foi você que escreveu isso? Que organizou o projeto desse modo?

– Sim. Algum problema?

– Nenhum.

– Então o que é?

– O modo como você falou antes mostrou muita paixão. Já a organização evidencia muita lógica. – O que ele estava pensando era que o furor de Kim

lhe lembrava Madeleine, enquanto sua lógica o fazia pensar em si mesmo. – Parece algo que eu teria escrito.

Ela lançou-lhe um olhar maroto.

– Acho que é um elogio, certo?

Ele gargalhou pela primeira vez naquele dia, talvez naquele mês. Depois de uma pausa, olhou mais uma vez para o último item do sumário.

– Presumo que BP seja “Bom Pastor”. E o MDO?

– Ah, é o título da explicação de vinte páginas que ele mandou para a imprensa e a polícia: “Memorando de objetivos”.

Gurney assentiu.

– Agora me lembro. A imprensa começou a chamar aquilo de “manifesto”, o mesmo rótulo que tinham posto no documento do Unabomber, cinco anos antes.

Agora foi a vez de Kim assentir.

– O que nos leva a uma das perguntas que eu quero lhe fazer sobre toda essa história de assassino em série. Parece meio confuso. Quero dizer, o Unabomber e o Bom Pastor não parecem ter muito em comum com Jeffrey Dahmer e Ted Bundy, ou com aqueles monstros que você prendeu, Peter Piggert e aquele tal de Papai Noel Satânico, que mandava pedaços das vítimas para policiais da região pelo correio. *Meu Deus!* Esse tipo de comportamento nem é humano!

Um tremor visível atravessou o corpo dela. Kim esfregou os braços com força, como se quisesse aquecê-los.

Em algum lugar lá fora, no céu cinzento de Syracuse, Gurney ouviu o nítido barulho de um helicóptero ficar cada vez mais alto, depois mais fraco, em seguida diminuir até o silêncio.

– Alguns cientistas sociais ficariam irritados comigo por causa disso – disse ele –, mas o conceito de “assassino em série”, assim como muitas terminologias da área, é um pouco vago. Às vezes acho que esses “cientistas” não passam de um bando de rotuladores autoconsagrados que conseguiram formar um clube para ganhar dinheiro. Eles fazem pesquisas questionáveis e atribuem comportamentos ou características semelhantes a uma “síndrome”, depois batizam-na com um nome que soe científico e então oferecem cursos que permitem que os imbecis que pensam como eles memorizem os rótulos, passem numa prova e entrem para o mesmo clube.

Gurney notou que ela o encarava com um olhar surpreso. Consciente de que estava parecendo rabugento – e que esse sentimento devia ter tanto a ver com seu humor dos últimos tempos quanto com a situação atual da criminologia –, tomou outro rumo:

– A resposta mais simples para sua pergunta é que, do ponto de vista da motivação aparente, não parece haver muito em comum entre um canibal movido pelo poder e pelo controle e um cara que diz estar corrigindo os males da sociedade. Mas o fato é que podem existir mais conexões do que a gente imagina.

Kim arregalou os olhos.

– No sentido de que os dois mataram pessoas? Você acha que é disso que se trata, independentemente das motivações?

Gurney ficou impressionado com a energia dela, com sua veemência. Isso o fez sorrir.

– O Unabomber alegou que estava tentando eliminar os efeitos destrutivos da tecnologia no mundo. O Bom Pastor, se não me falha a memória, disse que queria acabar com os efeitos destrutivos da ganância. No entanto, apesar de suas declarações escritas parecerem muito inteligentes, os dois escolheram um meio contraproducente para o fim que *disseram* que queriam atingir. Só existe um modo de esse meio fazer algum sentido.

Era quase possível ver a mente dela trabalhando.

– Quer dizer, se o meio na verdade fosse o fim.

– Exatamente. É muito comum invertermos os dois: os meios e os fins. As ações do Unabomber e do Bom Pastor fazem pleno sentido se você baseá-las na suposição de que o assassinato era o verdadeiro objetivo, o ganho emocional, e que os supostos manifestos eram as justificativas que o legitimavam.

Ela piscou, parecendo prestes a captar as implicações dessa visão para seu projeto.

– Mas o que isso significaria... do ponto de vista da vítima?

– Nada. Para ela, a motivação é irrelevante. Especialmente quanto não existe uma conexão pessoal anterior entre ela e o assassino. Numa estrada escura, vindo de um carro qualquer que passa pelo seu, uma bala na cabeça é uma bala na cabeça, não importa a motivação.

– E as famílias?

– Ah, as famílias. Bem...

Gurney fechou os olhos, repassando todas as conversas tristes que travara ao longo de sua carreira como detetive de homicídios. Foram tantas! Durante décadas... Pais. Esposas. Amantes. Filhos. Rostos atônitos. A recusa em acreditar nas notícias terríveis. Perguntas desesperadas. Gritos. Gemidos. Lamentos. Fúria. Acusações. Ameaças ferozes. Socos na parede. Olhares atordoados. Olhares vazios. Velhos choramingando como crianças. Um homem cambaleando para trás como se tivesse levado um murro. E os piores: aqueles que não tinham reação. Rostos paralisados, olhos mortos. Sem entendimento, sem fala, sem emoção. Virando-se para o outro lado, acendendo um cigarro.

– Bom... – continuou ele depois de um tempo. – Eu sempre acreditei que dizer a verdade fosse a melhor abordagem. Por isso acho que compreender minimamente por que uma pessoa que eles amavam foi morta pode ser algo bom para os familiares sobreviventes. Mas lembre-se: não estou dizendo que sei por que o Unabomber ou o Bom Pastor fizeram o que fizeram. Provavelmente nem eles sabem. Só tenho certeza de que não foi pelo motivo que deram.

Ela o observou por cima da mesinha de centro e deu a impressão de que ia fazer outra pergunta – estava começando a abrir a boca – quando uma pancada leve em algum lugar no alto da parede da casa a fez parar. Kim se empertigou na cadeira, atenta.

– O que você acha que foi? – perguntou ela depois de vários segundos, apontando para a fonte do som.

– Não faço ideia. Talvez uma batida num cano de água quente?

– O som seria esse?

Ele deu de ombros.

– O que *você* acha?

Quando ela ficou em silêncio, ele indagou:

– Quem mora no andar de cima?

– Ninguém. Pelo menos ninguém *deveria* estar morando lá. Eles foram despejados, depois voltaram, aí os policiais invadiram o apartamento. Eram uns traficantes malditos, então foram todos presos, mas provavelmente já devem ter sido liberados. Ou seja: quem sabe? Esta cidade é uma merda.

– Então o andar de cima está vazio?

– Supostamente, sim. – Ela olhou para a mesinha de centro, concentrando-se na caixa de pizza aberta. – Nossa, isso está com uma cara horrível. Quer que eu esquente?

– Por mim, não.

Ele já ia dizer que era hora de ir para casa, mas percebeu que não fazia muito tempo que estava ali. Era só mais um sinal de uma de suas tendências básicas que haviam piorado nos últimos seis meses: o desejo de minimizar o período que passava na companhia de outras pessoas.

Levantando a pasta azul brilhante, ele falou:

– Não sei se tenho como ver isto tudo agora. Parece bem detalhado.

Como uma nuvem movendo-se rápido num dia claro, a expressão de desapontamento dela veio e foi embora.

– Quem sabe hoje à noite? Quero dizer, você pode levar o material e dar uma olhada nele quando tiver tempo.

Gurney foi estranhamente afetado pela reação dela – “tocado” era a única palavra para definir o que sentira, a mesma sensação que tivera antes, enquanto Kim contava como havia resolvido se concentrar nos assassinatos do Bom Pastor. Agora achou que tivesse entendido a que se referia aquele sentimento.

Era o comprometimento integral dela, sua energia, sua esperança – sua *juventude* perspicaz, determinada. E o fato de Kim estar fazendo aquilo tudo sozinha numa casa insegura, num bairro deserto, perseguida por um assediador maldoso. Suspeitou que fora essa combinação de perseverança e vulnerabilidade que tinha inspirado seu instinto paterno incubado.

– Vou dar uma olhada hoje à noite – garantiu.

– Obrigada.

O som do helicóptero surgiu outra vez a distância, primeiro fraco, depois mais alto, então sumiu. Ela pigarreou, nervosa, apertou as mãos no colo e falou com evidente dificuldade:

– Existe uma coisa que eu queria perguntar. Não sei por que estou achando tão difícil...

Kim balançou a cabeça enfaticamente, como se desaprovasse a própria confusão.

– O que é? – indagou Gurney.

Ela engoliu em seco.

– Será que eu poderia contratar você? Nem que seja só por um dia?

– Me *contratar*? Para quê?

– Sei que estou parecendo confusa. Isso é constrangedor. Tenho consciência de que não deveria pressionar você assim, mas é que esse assunto é importante demais para mim.

– O que você quer que eu faça?

– Será que amanhã... você poderia, tipo, ir comigo? Não precisa *fazer* nada. A questão é que tenho duas reuniões marcadas, uma com um possível entrevistado e a outra com Rudy Getz. Só quero que você *esteja* lá para ouvir o que tanto eu quanto eles temos a dizer e depois me dar sua opinião. O que achou, me oferecer algum conselho, sei lá, só... Estou confundido você, não estou?

– Onde vão ser essas reuniões?

– Então você vai comigo? Ah, meu Deus, obrigada, obrigada! Na verdade, não são longe da sua casa. Quero dizer, não são *perto*, mas não são tão distante assim. Uma é em Turnwell. Jimi Brewster, filho de uma das vítimas. E Rudy Getz mora a pouco mais de 15 quilômetros de lá, no topo de uma montanha que dá para a represa do reservatório de Ashokan. Vou me encontrar primeiro com Brewster, às dez, o que significa que eu tenho que buscar você por volta das oito e meia. Tudo bem?

O primeiro instinto de Gurney foi recusar a carona e ir em seu próprio carro. Mas fazia mais sentido ir com Kim e usar o tempo de viagem para fazer as perguntas que certamente lhe ocorreriam até o dia seguinte, a fim de se inteirar melhor da situação em que estava se metendo.

– Claro – respondeu. – Tudo bem.

Já estava se arrependendo da decisão de se envolver naquilo, mesmo que só por um dia, mas não conseguiu recusar.

– O orçamento inicial que eu combinei com a emissora prevê uma verba para consultoria, então posso lhe pagar 750 dólares por dia. Espero que seja suficiente.

Gurney estava prestes a dizer que ela não precisava se preocupar com isso, que não era por dinheiro que ele estava fazendo aquilo. Mas algo na seriedade com que Kim tratou o assunto, como uma mulher de negócios, deixou claro que ela queria que as coisas fossem feitas assim.

– Claro – repetiu ele. – Está ótimo.

Um pouco mais tarde, depois de ficarem batendo papo sobre a vida dela na universidade e os típicos problemas relacionados a drogas em Syracuse, Gurney se levantou da poltrona e confirmou que se encontraria com ela na manhã seguinte.

Kim o acompanhou até a porta, apertou sua mão com firmeza e agradeceu de novo. Enquanto descia os degraus até a calçada rachada, ele ouviu as duas pesadas trancas se fechando. Olhou para um lado e outro da rua lúgubre. O lugar tinha uma aparência suja e o ar recendia a algo salgado – presumiu que fossem os resíduos secos de sal borrifado para derreter o último acúmulo de neve. A atmosfera também tinha um cheiro meio acre.

Gurney entrou no carro, girou a chave e ligou o GPS portátil para guiá-lo até sua casa. O aparelho levou cerca de um minuto para captar os sinais dos satélites. Enquanto ouvia a primeira instrução, Gurney escutou uma porta se abrir com estrondo. Levantou a cabeça e viu Kim correndo para fora da casa. No último degrau, ela perdeu o equilíbrio e se estatelou na calçada. Apoiava-se numa lata de lixo para se levantar quando Gurney a alcançou.

– Você está bem?

– Não sei... Meu tornozelo...

Ela ofegava, parecendo apavorada.

Gurney segurou-a pelos braços, tentando levantá-la.

– O que aconteceu? – perguntou.

– Sangue... na cozinha.

– O quê?

– Sangue. No chão da cozinha.

– Tem mais alguém lá dentro?

– Não. Não sei. Não vi ninguém.

– Muito sangue?

– Não sei. Gotas no chão. Como uma trilha. Até o corredor dos fundos. Não sei direito.

– Você não viu nem ouviu ninguém?

– Não. Acho que não.

– Certo. Agora você está bem. Em segurança.

Ela começou a piscar. Havia lágrimas em seus olhos.

– Tudo bem – repetiu ele baixinho. – Você está segura agora.

Kim enxugou o rosto, tentando se recompor.

– Ok, agora estou melhor.

Quando a respiração dela começou a voltar ao normal, Gurney disse:

– Quero que você entre no carro e tranque a porta. Vou dar uma olhada no apartamento.

– Vou com você.

– Seria melhor ficar no carro.

– Não! – gritou ela, com olhos suplicantes. – É *meu* apartamento. Ele não vai me manter fora do *meu* apartamento!

Mesmo não sendo procedimento normal da polícia permitir que um civil entre de novo num local naquelas condições antes de uma revista completa, Gurney já tinha se aposentado e o protocolo não era mais o ponto principal. Considerando o estado emocional de Kim, ele decidiu que seria melhor mantê-la por perto do que insistir que permanecesse sozinha no carro – trancado ou não.

– Está bem – falou. Tirou a Beretta do coldre em seu tornozelo e a enfiou no bolso do paletó. – Vamos dar uma olhada.

Ele entrou primeiro, deixando as duas portas abertas atrás de si. Parou em frente à sala de estar, no corredor que continuava reto por mais uns 6 metros e terminava num arco que dava na cozinha. Entre a sala e a cozinha havia duas portas abertas à direita.

– Aonde elas levam? – perguntou.

– A primeira ao meu quarto e a segunda ao banheiro.

– Vou checar os dois. Se ouvir qualquer coisa, ou se me chamar e eu não responder imediatamente, saia correndo pela porta da frente, tranque-se no meu carro e ligue para a emergência. Entendeu?

– Entendi.

Ele seguiu pelo corredor, parou em frente ao primeiro cômodo, depois entrou nele e acendeu a luz. Não havia muito para ver. Os móveis se resumiam a uma cama, uma mesinha, um espelho de corpo inteiro, duas cadeiras dobráveis e um guarda-roupa velho. Olhou dentro do armário e embaixo da cama.

Voltou ao corredor, ergueu o polegar para Kim, foi para o banheiro e repetiu o processo.

Em seguida vinha a cozinha.

- Onde você viu as gotas de sangue? – perguntou ele.
- Começam na frente da geladeira e vão em direção ao corredor de trás.

Gurney entrou na cozinha com cuidado, feliz pela primeira vez em seis meses por estar armado. Era um cômodo grande. À direita havia uma mesa pequena com duas cadeiras diante de uma janela que dava para a entrada de veículos e a casa vizinha. A luz que entrava deixava o ambiente na penumbra.

Na parede em frente a ele havia uma bancada com armários embaixo, uma pia e uma geladeira. No meio do cômodo ele viu uma pequena ilha com tampo de madeira, com um cutelo em cima. Enquanto a rodeava, avistou o sangue: uma sequência de gotas escuras no piso de linóleo gasto, cada uma do tamanho de uma moeda, com um espaço de cerca de 75 centímetros entre elas, indo da frente da geladeira até a porta dos fundos da cozinha, levando a uma área sombreada atrás.

Quando menos esperava, escutou um som de respiração atrás de si. Virou-se agachando o corpo e tirando a Beretta do bolso. Era Kim, parada a pouco mais de um metro dele, olhando para o cano da pequena arma meio boquiaberta.

- Meu Deus – disse ele, respirando fundo e baixando a pistola.
- Desculpe. Eu estava tentando não fazer barulho. Quer que acenda a luz?

Gurney assentiu. O interruptor ficava na parede acima da pia e acionava duas compridas lâmpadas fluorescentes no teto. Sob a iluminação mais intensa, as gotas de sangue no chão pareciam mais vermelhas.

– Onde fica o interruptor que acende as luzes daquele corredor dos fundos?

- Na parede à direita da geladeira.

Depois que o encontrou, Gurney apertou o botão e a escuridão do outro lado da porta foi substituída por uma luz fria e piscante, o que indicava que a luminária fluorescente, que não parava de emitir um zumbido, estava no fim da vida. Ele foi lentamente até lá, com a Beretta apontada para baixo.

A não ser por uma lixeira de plástico, o curto corredor dos fundos estava vazio. Na extremidade oposta, Gurney avistou uma porta de entrada de aparência sólida, trancada com uma forte fechadura. Na parede da direita daquele reduzido espaço, havia uma segunda porta. Era para ela que a trilha de sangue levava.

Gurney olhou rapidamente para Kim.

– O que existe atrás daquela porta?

– Uma escada. Para o... porão.

O medo tinha voltado a se evidenciar na voz dela.

– Quando foi a última vez que você esteve lá embaixo?

– Lá embai... ah, meu Deus, não sei. Talvez... talvez há um ano. Um disjuntor desarmou e o cara da manutenção me mostrou como resolver o problema.

– Existe algum outro acesso para lá?

– Não.

– Nenhuma janela?

– Umas pequenas no térreo, mas elas têm barras de proteção.

– Onde fica o interruptor?

– Acho que do lado da porta.

Havia uma gota de sangue logo em frente à entrada do porão. Gurney passou por cima dela. Encostado à parede, girou a maçaneta e abriu a porta rapidamente. O cheiro de ar parado, cheio de mofo, invadiu o pequeno corredor. Gurney esperou, atento, depois olhou escada abaixo. A luz tremeluzente do corredor atrás dele mal a iluminava. Ele encontrou o interruptor na parede ao lado da porta e o ligou, fazendo uma lâmpada fraca e amarelada se acender em algum lugar lá dentro.

Orientou Kim a apagar a luz fluorescente do corredor, para acabar com o zumbido.

Quando ela fez o que ele pediu, Gurney aguçou os ouvidos durante pelo menos um minuto. Silêncio. Olhou escada abaixo. A cada dois ou três degraus viu um pinga escuro.

– O que é? O que você está vendo? – indagou Kim.

Se a voz dela ficasse mais frágil, poderia se partir.

– Mais algumas gotas – respondeu ele baixinho. – Vou dar uma olhada mais de perto. Fique aqui. Se ouvir alguma coisa, corra o mais rápido possível para fora da casa, entre no meu carro e...

Ela o interrompeu:

– De jeito nenhum! Vou ficar com você!

O talento de Gurney para ficar calmo era diretamente proporcional ao desespero das pessoas a seu redor.

– Tudo bem, mas preste atenção: você precisa manter pelo menos 2 metros de distância de mim. – Ele apertou a Beretta com mais força. – Se eu tiver que me mover rápido, vou precisar de espaço. Entendeu?

Kim assentiu com a cabeça.

Ele começou a descer a escada lentamente. Não havia corrimão e os degraus rangiam a cada passo. Quando chegou lá embaixo, viu que a trilha de pontos escuros continuava pelo piso empoeirado até o que parecia um baú comprido e baixo, localizado no canto mais distante. Numa parede havia uma fornalha com dois tanques de óleo junto dela. Na parede ao lado ele avistou uma caixa de disjuntores, e acima dela, quase tocando as vigas expostas do teto, uma fileira de pequenas janelas horizontais. Era possível ver, através do vidro imundo, as barras externas de cada uma. A luz fraca que iluminava o cômodo saía de uma única lâmpada, tão suja quanto as janelas.

O que mais chamou a atenção de Gurney foi o baú.

Ele ouviu a voz de Kim vindo da escada:

– Estou com uma lanterna, você quer?

Gurney olhou para cima e ela lhe entregou uma Maglite bem pequena. As baterias minúsculas estavam implorando para serem trocadas, mas era melhor do que nada.

– O que você está vendo? – perguntou ela.

– Não sei exatamente. Na última vez em que você esteve aqui, lembra-se de ter percebido uma caixa ou um baú encostado na parede?

– Ah, meu Deus, não faço ideia. O cara da manutenção ficou me mostrando os tais disjuntores, os interruptores e não sei o que mais. O que você está vendo?

– Espere só um minuto.

Gurney avançou, seguindo a trilha de sangue até a caixa comprida e baixa.

Por um lado, parecia um simples baú para guardar cobertores. Por outro, ele não conseguia afastar a ideia melodramática de que era mais ou menos do tamanho de um caixão.

– Ah, meu Deus, o que é isso? – questionou Kim.

Ela havia descido a escada e agora estava parada a pouco mais de um metro dele. Sua voz não era mais que um sussurro.

Gurney apoiou a lanterna entre os dentes e apontou para o baú. Com a

arma na mão direita, levantou a tampa com todo o cuidado.

Por um segundo achou que não havia nada lá dentro.

Então viu um brilho suave. Uma faca.

Mesmo à luz fraca do porão, dava para notar que a lâmina fora amolada até ficar estranhamente fina e afiada. Na ponta havia uma minúscula gota de sangue.

Capítulo 5

Num emaranhado de espinhos

Apesar dos esforços de Gurney para convencê-la, Kim se recusou a ligar para a polícia.

– Eu lhe disse que já liguei. Não vou chamá-los de novo. Eles não fazem nada! Só vêm até aqui, olham atrás das portas e das janelas e falam que não há sinal de arrombamento. Depois perguntam se alguém se feriu, se algo de valor foi roubado ou quebrado. Acham que, se o problema não se encaixa em nenhuma dessas categorias, então não é um problema. Na última vez, quando contei que tinha achado a faca no banheiro, assim que eles souberam que ela era minha perderam o interesse, apesar de eu ter destacado que ela estava sumida havia duas semanas. Só raspam a gotinha de sangue que estava no chão perto dela, levaram para análise e nunca mais deram satisfação. Se é para aparecerem aqui e me olharem como se eu fosse uma louca histérica que só os faz perder tempo, eles que se danem! Sabe o que um deles fez na última vez? Bocejou. Bocejou! Na minha cara!

Gurney considerou o que ela disse e pensou em todo o processo de triagem que qualquer policial cheio de trabalho faz quando um novo incidente lhe é relatado. Na visão dele, tudo é relativo – tanto considerando os outros casos com que está lidando quanto no que diz respeito às outras urgências do mês, da semana, do dia... Lembrou-se de um parceiro que tivera muitos anos antes na seção de homicídios do Departamento de Polícia de Nova York, um cara que morava numa cidade pacata no oeste de

Nova Jersey, bem distante do trabalho. Um dia ele levou para a delegacia o jornal de sua cidadezinha. A primeira página era uma matéria sobre uma banheira para pássaros que havia sumido do quintal de alguém. Isso numa época em que a média de assassinatos em Nova York era de vinte por semana – e a maioria mal ganhava uma linha de atenção nos periódicos. O fato era que tudo dependia do contexto. E, ainda que não tivesse confessado isso a Kim, Gurney entendia como a descoberta de sua própria faca no piso de seu próprio banheiro poderia não parecer o fim do mundo para um policial acostumado a lidar com estupros e homicídios.

Mas também compreendia como ela estava perturbada. Havia algo muito sinistro nas ações do invasor, algo que ele próprio achava perturbador. Sugeriu, então, que sair de Syracuse podia ser uma boa ideia – talvez ficar um tempo na casa da mãe.

O conselho transformou o medo de Kim em fúria.

– Aquele filho da puta desgraçado! – sibilou ela. – Se ele acha que vai vencer esta batalha é porque não me conhece nem um pouco.

Gurney esperou que ela ficasse mais calma, depois perguntou se lembrava os nomes dos detetives que tinham atendido aos chamados anteriores.

– Eu já disse: não vou ligar de novo.

– Eu sei. Mas gostaria de falar com eles mesmo assim. Ver se sabem alguma coisa que não estão lhe dizendo.

– Sobre o quê?

– Talvez sobre Robby Meese. Quem sabe? Só posso descobrir se falar com eles.

Kim o encarava com seus olhos escuros, os lábios apertados.

– Elwood Gates e James Schiff. Gates é o mais baixo. Dois escrotos.

O detetive James Schiff havia levado Gurney para uma sala de interrogatório vazia alguns corredores depois da recepção. Deixara a porta aberta, não levava nenhuma cadeira para si mesmo e também não oferecera uma a Gurney. Cobriu o rosto com as mãos e lutou em vão para conter um bocejo.

– Dia longo? – disse Gurney.

– Pode-se dizer que sim. Estou acordado há dezoito horas e ainda tenho seis pela frente.

– Trabalho burocrático?

– Exatamente. Montes de papéis. Sabe, meu amigo, este departamento é grande o bastante para sofrer com toda a burocracia de uma cidade grande e pequeno demais para dar conta de toda essa papelada. Aí, ontem à noite, nós demos uma batida numa boca de fumo lotada. O resultado é que estou com uma cela cheia de viciados e outra cheia de piranhas que vendem o próprio corpo em troca de droga, além de um monte de sacos de provas que tenho que terminar de processar. Então vamos lá: qual é exatamente o interesse do Departamento de Polícia de Nova York em Kim Corazón?

– Desculpe, talvez eu não tenha sido claro pelo telefone. Eu estou aposentado do DPNY. Saí há dois anos e meio.

– *Aposentado?* É, não foi isso que eu entendi... Então você é o quê? Investigador particular?

– Estou mais para um amigo da família. A mãe de Kim é jornalista, escreve muitas matérias sobre a polícia. Nós nos conhecemos enquanto eu ainda estava na ativa.

– Então você conhece bem a Kim?

– Não exatamente. Só estou tentando ajudá-la com um projeto de jornalismo, algo relacionado a assassinatos não solucionados, mas hoje nos deparamos com uma situação meio esquisita.

– Olhe, eu não tenho muito tempo disponível. Será que você poderia ser um pouquinho mais específico?

– Existe um sujeito não muito legal assediando a garota.

– É mesmo?

– Você não sabia?

O olhar de Schiff ficou sombrio.

– Estou ficando perdido. Por que estamos tendo esta conversa?

– Boa pergunta. O que você diria se eu lhe contasse que neste momento, no apartamento de Kim Corazón, existe uma nova evidência de invasão que, pelas características, tem a nítida intenção de intimidá-la?

– Eu não ficaria surpreso. Nós já atendemos a alguns chamados da Srta. Corazón.

– E?

– As histórias dela têm sempre um monte de furos.

– Acho que não entendi.

Schiff tirou um pouco de cera do ouvido e jogou-a no chão com um peteleco.

– Ela lhe disse quem acha que é o responsável? – perguntou ele.

– O ex-namorado, Robby Meese.

– E você já conversou com Meese?

– Não. Você já?

– Já, sim. – Schiff verificou seu celular. – Olhe, eu posso lhe conceder exatamente três minutos do meu tempo. Cortesia profissional. Aliás, você tem algum documento de identificação aí?

Gurney mostrou seu cartão do sindicato e a carteira de motorista.

– Muito bem, Sr. DPNY, resumo rápido, extraoficial. Basicamente, a história de Meese é tão boa quanto a dela. Cada um diz que o outro está com raiva, descontrolado, reagindo mal ao rompimento. Ela afirma que ele entrou em seu apartamento três ou quatro vezes. Um monte de merdinhas sem importância: maçanetas afrouxadas, coisas no lugar errado, objetos escondidos... Ela falou que ele pegou as facas, depois as colocou de volta...

Gurney interrompeu-o:

– Colocou uma faca no banheiro junto com uma gota de sangue, você quer dizer. Eu não chamaria isso de colocar a faca de volta. Não sei como vocês puderam ignorar...

– Epa! Ninguém ignorou nada. Os acontecimentos iniciais, as maçanetas, as merdas desse tipo, tudo isso foi verificado. Agora, quanto a sair correndo e ir procurar digitais na maçaneta, nós teríamos que ser loucos para fazer isso. Nós vivemos numa cidade real, com problemas reais. Mas os procedimentos foram seguidos. Eu tenho os relatórios de todos os incidentes na pasta do caso. A reclamação sobre a gota de sangue, mais tarde, nos foi repassada pelo policial que estava fazendo a ronda. Meu parceiro e eu fomos dar uma olhada e levamos a amostra ao laboratório, tiramos as digitais da faca etc. Acontece que as únicas digitais encontradas eram da Srta. Corazón. A gota de sangue no chão era de carne de boi. Um bife, sei lá.

– Vocês interrogaram Meese?

– Claro que sim.

– E?

– Ele diz que não tem nada a ver com isso, e não existe nenhuma prova do

envolvimento dele. O Sr. Meese continua afirmando que a Srta. Corazón é uma puta vingativa que está tentando incriminá-lo.

– Então qual é a teoria atual? – perguntou Gurney, incrédulo. – Que Kim é louca o suficiente para simular essas situações? Para poder culpar o ex-namorado?

A princípio o olhar de Schiff pareceu dizer que era exatamente nisso que ele acreditava. Depois o policial deu de ombros.

– Ou alguma outra pessoa está fazendo isso, por motivos ainda desconhecidos. – Ele olhou para o celular de novo. – Preciso ir. O tempo voa quando a gente está se divertindo.

Quando Schiff começou a se dirigir à porta aberta da sala de interrogatório, Gurney perguntou:

– Como é que vocês não colocaram câmeras no apartamento?

– Desculpe, não entendi.

– A ação óbvia quando acontecem reclamações repetidas de invasão e vandalismo seria instalar câmeras de segurança escondidas na casa.

– Sugeri isso enfaticamente à Srta. Corazón. Ela recusou, por considerar que seria uma invasão intolerável de sua privacidade.

– Estou surpreso por ela ter reagido assim.

– A não ser que as reclamações dela sejam papo furado e uma câmera fosse provar isso.

Os dois seguiram em silêncio até a recepção, passaram pelo sargento de plantão e foram até a porta principal. Quando Gurney já estava de saída, Schiff disse:

– Você não falou que descobriu novas evidências no apartamento dela que eu deveria saber?

– Falei.

– E então? O que foi?

– Tem certeza que quer saber?

Houve um clarão de raiva nos olhos de Schiff.

– É, eu gostaria de saber.

– Existe um rastro de gotas de sangue que vai da cozinha até um baú no porão. Dentro desse baú, há uma facunha afiada. Mas talvez isso não seja nada de mais, não é? Pode ser que Kim tenha simplesmente espremido o suco de outro bife e feito a carne pingar escada abaixo. Talvez ela só esteja

ficando mais maluca e vingativa a cada minuto.

A volta de Gurney para casa foi desconfortável. Ele ficava escutando o eco de suas frases cheias de sarcasmo quando se despediu de Schiff. Quanto mais pensava nelas, mais pareciam se encaixar no padrão de agressividade que ele havia assumido desde que fora ferido.

Gurney sempre tivera o hábito de questionar a visão dominante em qualquer situação, além do talento nato para detectar suas discrepâncias. Mas aos poucos vinha percebendo que outra coisa acontecia dentro de si, algo menos objetivo. Agora sua tendência de testar a lógica de cada opinião, cada conclusão, estava sendo infundida pela hostilidade – um sentimento que ia da simples irritação até a fúria absoluta. Tinha ficado cada vez mais isolado, mais na defensiva, mais resistente a qualquer ideia que não fosse sua. E estava convencido de que tudo havia começado seis meses antes, com as três balas que quase o mataram. A objetividade, algo que antes ele considerava automático, era agora uma qualidade pela qual precisava lutar. Mas sabia que o esforço valia a pena. Sem isso, ele não tinha nada.

Certa vez um terapeuta lhe dissera: “Sempre que você estiver perturbado, tente identificar o medo que existe por trás dessa sensação. A raiz de tudo é o medo, e, a não ser que o encaremos, tendemos a agir sempre mal.” Agora, tentando pensar friamente, Gurney se perguntou o que temia. A questão ocupou sua mente durante o restante da viagem, e a conclusão mais clara a que chegou foi também a mais constrangedora.

Tinha medo de estar errado.

Estacionou ao lado do carro de Madeleine, junto à porta lateral de casa. O ar da montanha estava frio. Ele entrou, pendurou o paletó no guarda-casacos, foi para a cozinha e gritou:

– Cheguei!

Não houve resposta. O local tinha uma indescritível atmosfera de morte – um tipo de vazio peculiar que só acontecia quando Madeleine não estava.

Precisava ir ao banheiro, então começou a se dirigir para lá, depois lembrou que havia deixado a pasta azul de Kim no carro. Voltou para pegá-la, mas, antes de chegar ao veículo, algo brilhante e vermelho, à direita do

estacionamento, atraiu seu olhar. Como o objeto estava no meio do canteiro em que Madeleine havia plantado flores no ano anterior, Gurney achou que fosse algum tipo de botão vermelho no topo de um caule reto. Um segundo depois, ocorreu-lhe que naquela época do ano seria muito improvável que qualquer coisa nascesse ali. Quando chegou ao canteiro, porém, e percebeu o que era, ficou tão confuso quanto se estivesse realmente vendo uma flor.

O caule reto era a haste de uma flecha espetada de ponta para baixo na terra macia e molhada. A “flor” eram três metades de penas vermelhas na outra extremidade.

Gurney fitou a flecha, pensativo. Será que Madeleine a havia posto ali? Nesse caso, onde a teria conseguido? Estaria usando-a como uma espécie de marcador? Parecia nova em folha, então não podia ter ficado sob a neve durante todo o inverno. Mas, se não fosse obra de Madeleine, de quem seria? Seria possível que não tivesse sido “colocada” ali, mas disparada por alguém com um arco? No entanto, para cair naquela posição, num ângulo quase vertical, só poderia ter sido disparada também verticalmente. Quando? Por quê? Por quem? De onde?

Gurney entrou no canteiro, segurou a flecha perto do solo e tirou-a bem devagar. Tinha uma ponta larga, cortante como uma navalha, o tipo com o qual um caçador poderia atravessar um cervo. Enquanto examinava o projétil mortal, ficou pasmo com a coincidência de ter descoberto, no mesmo dia, duas armas afiadas cercadas por perguntas perturbadoras.

Claro, Madeleine poderia ter uma explicação simples para a flecha. Gurney levou-a para casa e lavou-a na pia da cozinha, sob água corrente. A ponta larga parecia ser de aço-carbono, tão afiada que seria possível fazer a barba com ela. Isso trouxe à sua mente, de novo, a faca no porão de Kim, que por sua vez o lembrou que a pasta dela ainda estava no carro. Gurney pôs a flecha com delicadeza na bancada de pinho e se dirigiu à porta lateral novamente.

Quando a abriu, deu de cara com Madeleine usando uma de suas espantosas combinações de cor: calça de moletom rosa, casaco felpudo lilás e um boné de beisebol laranja. Ela estava ligeiramente ofegante e tinha a mesma expressão prazerosa que sempre exibia quando voltava de uma caminhada pelos morros. Gurney deu um passo para trás a fim de deixá-la entrar.

Ela sorriu.

– O dia está tãããão lindo! Viu aquela luz incrível na colina? Aquele ruborzinho nos botões?

– Que botões?

– Ah, você não viu? Pois venha comigo agora. – Ela pegou-o pelo braço e levou-o para fora, apontando, animada, para as árvores do outro lado do pasto dos fundos. – Só se vê aquele tom de rosa nos pés de bordo no início da primavera.

Gurney viu o que ela havia mencionado, mas não conseguia compartilhar sua empolgação. Em vez disso, a leve camada colorida no fundo cinza-amarronzado da paisagem o lembrou de algo que o fez ficar nauseado: a água escura e fétida, com um leve tom avermelhado, de uma vala perto de uma estrada de serviço abandonada atrás do aeroporto La Guardia. As nuances rubras escorriam de um corpo metralhado localizado logo abaixo da superfície.

Madeleine fitou-o com preocupação.

– Você está bem?

– Só cansado.

– Quer que eu faça um café?

– Não – respondeu ele bruscamente, embora não soubesse por quê.

– Vamos entrar – disse ela.

Já dentro de casa, Madeleine tirou o casaco e o boné e pendurou-os no quartinho. Foi até a pia e abriu a torneira.

– Como foi a viagem a Syracuse? – quis saber.

Gurney pensou que a porcaria da pasta azul ainda estava no carro.

– Não consigo ouvi-la com a torneira aberta – falou ele.

Contando com esta, havia esquecido de pegar a pasta quantas vezes? Três. *Três vezes nos últimos dez minutos. Meu Deus.*

Madeleine encheu um copo com água e fechou a torneira.

– Perguntei sobre sua ida a Syracuse.

Ele suspirou.

– Foi estranha. Syracuse é um lugar bem feio. Espere só um instante que eu já conto.

Dirigiu-se ao carro e dessa vez voltou com a pasta na mão.

Madeleine pareceu perplexa.

– Ouvi dizer que existem alguns bairros antigos bem interessantes lá. Na parte aonde você foi não havia nenhum?

– Alguns. Bairros antigos e interessantes misturados a bairros infernais. A atenção dela foi atraída para a mão dele.

– É o projeto de Kim?

– O quê? Ah, é. – Gurney olhou em volta procurando um lugar para colocar a pasta e notou a flecha que havia deixado na bancada. Apontou para ela e disse: – O que você sabe sobre *isso*?

Ela chegou mais perto e examinou o objeto sem tocá-lo.

– Isso? É a coisa que eu vi lá fora?

– Quando?

– Não sei. Quando saí. Há uma hora, mais ou menos.

– E você não sabe nada a respeito?

– Não. Eu a vi enfiada no canteiro e achei que você tinha posto lá.

Houve um longo silêncio enquanto Gurney fitava a flecha e Madeleine, por sua vez, se sentava à mesa perto da porta de vidro e o fitava.

– Acha que alguém anda caçando por aqui? – perguntou ela, estreitando os olhos.

– Não estamos na temporada de caça – retrucou ele.

– Talvez algum bêbado ache que estamos.

– Que possibilidade reconfortante.

Ela lançou um olhar irritado para a flecha, depois deu de ombros.

– Você parece exausto. Vamos, venha se sentar – sugeriu Madeleine, fazendo um gesto em direção à mesa. – Me conte como foi seu dia.

Quando ele já tinha dito tudo o que conseguia lembrar, inclusive a proposta de Kim de contratá-lo para acompanhá-la a duas reuniões no dia seguinte, examinou o rosto de Madeleine em busca de alguma reação. Mas, em vez de fazer qualquer comentário, ela mudou de assunto:

– Também tive um dia meio difícil.

Inclinou-se para a frente enquanto falava, com os cotovelos na mesa, e juntou as palmas das mãos diante do rosto, pousando o queixo nos polegares. Fechou os olhos e, pelo que pareceu um tempo muito longo, não disse nada.

Depois os abriu de novo, pôs as mãos no colo e se empertigou.

– Lembra que eu lhe falei sobre o matemático? – perguntou ela.

– Vagamente.

– O professor de matemática que era cliente da clínica?

– Ah, sim.

– Ele foi encaminhado para nós depois de ser pego pela segunda vez dirigindo bêbado. Problemas profissionais o levaram a perder o emprego, depois a um péssimo divórcio, à separação dos próprios filhos e a conflitos com os vizinhos. Sua visão de mundo era totalmente sombria, ele tinha problemas para dormir e era obcecado pelos aspectos negativos de cada situação em que se envolvia. Tinha uma mente brilhante, mas estava preso a um quadro de depressão. Frequentava três sessões de grupo por semana, além de uma sessão individual. Em geral estava disposto a falar. Ou melhor, disposto a reclamar, a culpar todo mundo por tudo o que acontecia. Nunca tinha disposição para *fazer* nada, inclusive sair de casa, a não ser que fosse obrigado pelo tribunal. Não tomava antidepressivos porque isso significaria aceitar o fato de que sua própria mentalidade poderia fazer parte de seus problemas. É quase engraçado. Ele estava decidido a fazer tudo a seu modo, e seu modo era não fazer nada.

Ela deu um sorriso triste e olhou pela janela.

– O que aconteceu? – indagou Gurney.

– Ontem à noite ele deu um tiro na cabeça.

Ficaram sentados em silêncio por um longo instante, fitando os morros. Gurney sentiu-se estranhamente desligado do tempo e do espaço.

– Então – disse Madeleine, virando-se para ele –, a mocinha quer contratar você. E você só precisa acompanhá-la e dizer como acha que ela está se saindo?

– Foi isso que ela disse.

– E você acha que pode haver mais alguma coisa?

– Se o dia de hoje servir como exemplo, pode haver algumas reviravoltas ocultas.

Ela lançou-lhe um daqueles seus olhares longos, pensativos, que pareciam enxergar a alma de Gurney. Depois, com esforço evidente, deu um sorriso iluminado.

– Com você no trabalho, não imagino que elas fiquem ocultas por muito tempo.

Capítulo 6

Reviravoltas

Enquanto o sol se punha, os dois tiveram um jantar calmo, com sopa de batata-doce e salada de espinafre. Depois Madeleine acendeu o velho fogão a lenha na extremidade oposta da sala e se acomodou em sua poltrona predileta com o livro *Guerra e paz*, um volume que vinha explorando, esporadicamente, havia quase um ano.

Ele notou que ela não havia se dado o trabalho de pôr os óculos de leitura e que o livro estava fechado em seu colo. Sentiu a necessidade de dizer alguma coisa.

- Quando você ficou sabendo sobre o...
- O suicídio? Hoje de manhã.
- Alguém ligou?
- A diretora. Ela queria que todos que tiveram contato com ele participassem de uma reunião, aparentemente para trocar informações, absorver o choque juntos etc. O que era um absurdo, é claro. Na verdade o que ela queria era tirar o dela da reta, isso sim.

- Quanto tempo durou a reunião?
- Não sei. Que importância tem isso?

Ele não respondeu. Na verdade, não sabia o que responder. Não sabia nem por que havia perguntado. Madeleine abriu o livro, aparentemente ao acaso, e olhou para a página.

Após um ou dois minutos, Gurney pegou a pasta do projeto de Kim na bancada e a levou para o escritório. Folheou as seções intituladas “Conceito” e “Visão geral do documentário” e deu uma olhada na parte

“Estilo e metodologia”, detendo-se apenas para ler uma frase sublinhada: “As entrevistas examinarão os efeitos dos assassinatos, analisando todas as mudanças que ocorreram na vida das famílias.”

Passou por várias outras seções e parou numa intitulada “Resumos e status dos contatos”. Estava organizada na ordem em que os seis assassinatos do Bom Pastor tinham ocorrido. As informações haviam sido dispostas numa planilha, em três colunas com os títulos: “Vítimas dos ataques”; “Membros disponíveis das famílias”; “Postura atual em relação à participação”.

Seus olhos percorreram a lista de vítimas: Bruno e Carmella Mellani, Carl Rotker, Ian Sterne, Sharon Stone, Dr. James Brewster, Harold Blum. Depois do nome de Carmella Mellani havia um asterisco; a nota de rodapé correspondente dizia: “Sobreviveu a um traumatismo craniano severo resultante do ataque. Permanece em estado vegetativo persistente”.

Gurney examinou a segunda coluna, que oferecia uma lista detalhada dos membros das famílias, com endereço, situação geral de vida, idade e características pessoais, e depois deu uma espiada nos resumos da terceira coluna, que informava a postura dos parentes em relação à participação no projeto.

Segundo ela, a viúva de Harold Blum estaria “totalmente cooperativa, grata pelo interesse demonstrado e bastante emotiva, ainda chorando durante conversas sobre o assunto”.

O filho do Dr. Brewster era descrito como “hostil em relação à memória do pai, demonstrando uma simpatia explícita pela filosofia do Bom Pastor e obcecado com os males do materialismo”.

O filho de Ian Sterne, empresário do ramo dentário, era “discreto, resistente à participação, preocupado com os efeitos emocionais negativos do projeto, cético em relação às intenções da RAM-TV e contrário ao sensacionalismo implacável da cobertura original que a emissora fez sobre os assassinatos”.

O filho da corretora de imóveis Sharon Stone “expressou grande entusiasmo pela ideia e falou apaixonadamente sobre os pontos fortes da mãe, o horror da morte dela, o efeito devastador que o acontecimento teve em sua vida e a injustiça intolerável de o assassino estar à solta”.

Havia mais descrições de parentes, seguidas da transcrição de duas

entrevistas – com Jimi Brewster e com Ruth Blum – e uma cópia de vinte páginas do “memorando de objetivos” do Bom Pastor. Quando Gurney estava para deixar a pasta de lado, notou que havia uma última página que não fora catalogada no sumário, com o título “Contatos para informações referentes ao passado”.

Havia três nomes nela, com endereços de e-mail e números de telefone: do agente especial do FBI encarregado do caso, Matthew Trout; do investigador sênior da Polícia do Estado de Nova York Max Clinter; e do investigador sênior da Polícia do Estado de Nova York Jack Hardwick.

Olhou com surpresa para o terceiro nome. Jack Hardwick era um detetive extremamente inteligente e irritante cujo caminho Gurney cruzara em circunstâncias bizarras, desenvolvendo com ele um relacionamento bastante complexo.

Gurney pegou o telefone a fim de ligar para Kim. Queria falar com Hardwick, mas antes disso pretendia descobrir por que ela o havia posto como fonte de informações.

Ela atendeu de imediato:

– Dave?

– É.

– Eu ia ligar para você agora. – Sua voz parecia mais tensa do que satisfeita. – Sua conversa com Schiff provocou uma reviravolta na situação.

– Como assim?

– Ele veio aqui, acho que logo depois que vocês se falaram, querendo ver tudo o que você tinha contado. Ficou muito irritado quando eu disse que tinha limpado o chão da cozinha, mas o que eu poderia fazer, certo? Como eu ia saber que ele ia aparecer? Ele disse que um cara viria aqui hoje à noite para ver se encontrava alguma prova no porão. Acho que acabou sendo bom eu ter ficado com preguiça de descer lá e limpar a escada. Meu Deus, fico arrepiada só de pensar! E ele está insistindo em colocar aquelas câmeras arrepiantes em todo o apartamento.

– É verdade que você se recusou a colocá-las antes?

– Ele disse isso?

– Sim, e também que mandou as manchas de sangue para análise.

– E daí?

– Você me deu a impressão de que eles não tinham feito nada.

Ela fez uma pausa antes de responder:

– O problema não foi o que ele fez ou deixou de fazer, mas a *atitude* dele. Foi ridículo. Ele simplesmente não deu a mínima.

Ainda que essa resposta não solucionasse a questão que se passava na mente de Gurney, ele decidiu deixar para lá. Pelo menos por enquanto.

– Kim, estou dando uma olhada nas fontes que você citou na última página de seu projeto, em particular um detetive chamado Jack Hardwick. Qual é o envolvimento dele nisso?

– Você o conhece? – Sua voz pareceu cautelosa.

– Conheço.

– Bom... quando comecei a investigar o caso do Bom Pastor, há alguns meses, fiz uma lista com os policiais mencionados nos noticiários da época. Um dos primeiros crimes aconteceu na jurisdição de Hardwick, e ele foi um dos investigadores temporários.

– Temporários?

– Tudo mudou depois da terceira semana, se não me engano, quando outro assassinato aconteceu do outro lado da divisa do estado, em Massachusetts. Nesse ponto o FBI assumiu a investigação.

– O encarregado do caso era o agente especial Matthew Trout?

– Isso mesmo. Um escroto fanático por controle.

– Você falou com ele?

– Ele me disse para ler os comunicados divulgados pelo FBI na época e depois mandar minhas perguntas por escrito. Então se recusou a responder a todas elas. Se você chama isso de falar com ele, então acho que falei. Babaca insolente!

Gurney sorriu consigo mesmo. *Bem-vinda ao FBI.*

– Mas Hardwick se dispôs a conversar com você?

– A princípio não, até descobrir que Trout estava tentando controlar o fluxo de informações. Aí pareceu bastante satisfeito em fazer qualquer coisa para irritá-lo.

– Isso é a cara do Jack. Ele sempre gostou de sacanear o FBI.

– Ainda gosta.

– E por que Trout está na lista de fontes se ele se recusa a colaborar?

– Essa relação é mais para o pessoal da RAM-TV. Trout pode não falar comigo, mas com Rudy Getz é diferente. Você ficaria pasmo se soubesse o

tipo de gente que retorna os telefonemas dele. E a velocidade com que isso acontece.

– Sei. E o terceiro nome, Max Clinter?

– Max Clinter. Bom, por onde posso começar? Você já ouviu alguma coisa sobre ele?

– O nome não me é totalmente estranho, mas não passa disso.

– Ele é o detetive que estava de folga e apareceu no meio da perseguição ao Bom Pastor depois de seu último ataque.

Gurney se lembrou dos relatos nos tabloides.

– É o cara que estava com a estudante de arte no carro... totalmente bêbado... que disparou a arma pela janela... derrubou um cara de motocicleta... e foi culpado pela fuga do Bom Pastor?

– É.

– Ele é uma de suas fontes?

A voz de Kim soou defensiva:

– Estou falando com qualquer pessoa que conseguir. O problema é que praticamente todo mundo envolvido no caso repassa todas as perguntas ao Trout, o que é a mesma coisa que jogá-las num buraco negro.

– E o que você descobriu com o Clinter?

– Essa não é uma pergunta fácil de responder. Ele é um sujeito estranho, com uma cabeça confusa. Não sei se entendo tudo o que ele diz. Talvez a gente possa conversar sobre isso amanhã, no caminho. Já está tarde, e eu preciso de um banho.

Mesmo não acreditando, Gurney não questionou. Estava ansioso para falar com Jack Hardwick.

O telefonema caiu na caixa postal e ele deixou um recado.

O crepúsculo estava se transformando em noite rapidamente. Em vez de acender a luz do escritório, ele levou a pasta de Kim para a mesa da cozinha. Madeleine ainda estava sentada na poltrona junto ao fogão a lenha, que tremeluzia na outra extremidade da sala. Tinha colocado o exemplar de *Guerra e paz* na mesinha de centro à sua frente e agora estava tricotando.

– E aí, descobriu de onde aquela flecha veio? – perguntou ela, sem encará-lo.

Gurney olhou em direção à bancada, para a seta preta e suas plumas vermelhas. Algo naquilo lhe embrulhou o estômago.

Então, como se a sensação fosse o mensageiro de uma lembrança que surgia, um incidente no apartamento em que passara a infância, no Bronx, lhe veio à mente. Ele tinha 13 anos e a noite já havia chegado. Seu pai estava trabalhando até mais tarde ou enchendo a cara e a mãe estava numa aula de dança de salão num estúdio em Manhattan, uma obsessão que substituíra sua mania anterior pela pintura com dedos. A avó dele estava no quarto, murmurando enquanto passava as contas do rosário. Gurney estava no quarto que era apenas da mãe desde que o pai tinha começado a dormir no sofá e a guardar suas roupas num armário no corredor.

Ele havia aberto uma das duas janelas de cima. O ar estava frio e cheirava a neve. Gurney tinha um arco de madeira de verdade, não de brinquedo. Havia comprado com as economias de dois anos de mesada. Sonhava que um dia caçaria com ele numa floresta longe do Bronx. Ele parou na frente da janela escancarada, apoiou uma flecha com uma pluma vermelha na corda do arco e, movido por uma estranha empolgação, levantou a arma em direção ao céu negro, puxou a corda e disparou a flecha para o alto. Com um medo súbito apertando o coração, tentou ouvir o som do impacto – a pancada no telhado de um dos prédios mais baixos da vizinhança, ou o estalo metálico no teto de um carro parado, ou o som agudo numa calçada –, mas não escutou nada. Absolutamente nada.

O silêncio inesperado começou a aterrorizá-lo.

Imaginou se uma flecha afiada acertando uma pessoa seria silenciosa.

Pelo resto da noite, considerou as possíveis consequências de seu ato. Esse pensamento o deixou morrendo de medo. Mas o que o incomodava, a parte indigesta da experiência, que mexia com ele mesmo agora, 35 anos depois, era a pergunta que nunca conseguiu responder: por quê?

Por que tinha agido daquela forma? O que o havia levado a fazer algo tão obviamente imprudente, tão despropositado, tão perigosamente sem sentido?

Olhou de novo para a bancada e ficou pasmo com a bizarra simetria entre os dois mistérios: a flecha que ele havia disparado da janela de sua mãe, com motivo e local de pouso desconhecidos, e aquela que havia pousado no canteiro de sua mulher, com motivação e ponto de partida desconhecidos. Balançou a cabeça, como se quisesse afastar alguma névoa interior. Era hora de passar para outro assunto.

Convenientemente, seu celular tocou. Era Connie Clarke.

– Tem uma coisa que eu queria acrescentar, algo que não falei hoje de manhã.

– Ah, é?

– Não foi de propósito. É só uma daquelas coisas vagas que às vezes parecem relacionadas à situação, às vezes não.

– Sei.

– Acho que é mais uma coincidência do que qualquer outra coisa. Todos os assassinatos do Bom Pastor ocorreram exatamente há dez anos, certo? Bom, também foi a mesma época em que o pai de Kim sumiu de vista. Nós estávamos divorciados havia dois anos, e ele vivia falando que queria viajar ao redor do mundo. Nunca achei que faria mesmo isso, apesar de sua impulsividade e irresponsabilidade, o que, aliás, foi parte do motivo pelo qual me separei dele. Até que um dia ele deixou um recado na secretária eletrônica dizendo que tinha chegado a hora, que era agora ou nunca, que ia embora. Quero dizer, foi absurdo. Mas foi assim. Na primeira semana da primavera, há dez anos. Nunca mais tivemos nenhuma notícia dele. Dá para acreditar? Desgraçado egoísta e sem consideração! Kim ficou arrasada. Mais do que tinha ficado com o divórcio, dois anos antes. *Completamente arrasada.*

– Você vê alguma importância na semelhança entre as datas?

– Não, não, não estou sugerindo que existe alguma conexão entre o caso do Bom Pastor e o desaparecimento de Emilio. Como seria possível? Só quero dizer que as duas coisas aconteceram no mesmo mês, em março de 2000. Talvez parte do motivo para Kim se sentir tão ligada à dor dessas famílias por terem perdido alguém seja porque ela própria perdeu o pai na mesma época.

Agora Gurney entendia.

– E a mesma falta de solução...

– Isso. Os assassinatos do Bom Pastor nunca foram totalmente solucionados, porque o criminoso nunca foi preso. E Kim não conseguiu superar o desaparecimento do pai porque nunca foi capaz de descobrir o que realmente aconteceu com ele. Quando ela fala que as famílias das vítimas têm um sofrimento contínuo, acho que está se referindo a si mesma.

Depois da conversa com Connie, Gurney ficou sentado um longo tempo à mesa, tentando digerir as implicações da partida de Emilio Corazón da vida de Kim.

Ele se tornou gradualmente consciente do som das agulhas de tricô de Madeleine, suave e contínuo. Ela estava sentada no centro do fecho de luz amarelo lançado pelo abajur, com uma bola de lã verde ao lado na poltrona e um suéter da mesma cor ganhando forma em seu colo.

Gurney abriu a pasta azul na parte dedicada ao “memorando de objetivos” do Bom Pastor. Numa página de informações sobre seu passado, no início da seção, alguém – presumivelmente Kim – havia indicado que o documento original fora enviado por correspondência expressa num envelope pardo de 22x30 centímetros, endereçado ao “Diretor da Polícia do Estado de Nova York, Bureau de Investigação Criminal”. A data de entrega tinha sido 22 de março de 2000, a quarta-feira seguinte ao fim de semana dos dois primeiros assassinatos.

Gurney virou a página e iniciou a leitura do memorando. Começava abruptamente, com um resumo que consistia em frases numeradas:

1. Se o amor pelo dinheiro, que é a ganância, é a raiz de todo o mal, conclui-se que o bem maior será alcançado por sua erradicação. 2. Como a ganância não existe no vazio, e sim em seus portadores humanos, conclui-se que o modo de erradicar a ganância é exterminar seus portadores. 3. O bom pastor aparta o rebanho, afastando as ovelhas doentes das saudáveis, porque isso impede que a infecção se espalhe. É bom proteger os bons animais dos maus. 4. Ainda que a paciência seja uma virtude, não é pecado não ser paciente com a ganância. Não é pecado pegar em as armas contra lobos que devoram crianças. 5. Esta é nossa declaração de guerra contra os vaidosos portadores da ganância, os ladrões que chamam a si mesmos de banqueiros, os parasitas de limusine, os vermes de Mercedes. 6. Nós libertaremos a Terra desse contágio definitivo, um portador após outro, substituindo o silêncio da passividade por crânios despedaçados até que o mundo esteja limpo, até que o rebanho esteja apartado, até que a raiz de todo o mal esteja morta e expurgada da Terra.

As dezenove páginas seguintes reiteravam detalhadamente esses sentimentos, alternando-se entre o tom profético e o acadêmico. Os

aspectos racionais do argumento eram sustentados por um grande número de dados de distribuição de riqueza, com o objetivo de demonstrar a injustiça da estrutura econômica dos Estados Unidos – contendo estatísticas de tendências que provavam o desvio da nação para uma economia de extremos igual à do Terceiro Mundo, em que a riqueza maciça se concentra no topo, a pobreza se expande e a classe média se encolhe.

A parte principal do documento concluía:

Essa enorme injustiça é impelida pela ganância dos poderosos e pelo poder dos gananciosos. Mais ainda: o controle exercido por essa classe vil e voraz sobre a mídia – o principal motor de influência da sociedade – é praticamente absoluto. Os canais de comunicação (que em mãos livres poderiam ser agentes de mudança) são possuídos, dirigidos e infectados por megacorporações e indivíduos bilionários cujos interesses são motivados pela qualidade virulenta da ganância. Essa é a condição crítica que nos obriga a nossa conclusão inevitável, a nossa decisão clara e a nossas ações diretas.

O documento era assinado com “O Bom Pastor”.

Numa nota separada, presa com um clipe à última página, o autor do texto havia incluído informações sobre os horários e os locais exatos dos dois ataques anteriores.

Como esses fatos ainda não haviam sido revelados ao público, contribuíram para a conclusão de que quem tinha escrito havia sido o assassino. Um pós-escrito indicava que cópias do documento inteiro tinham sido entregues simultaneamente a uma longa relação de empresas jornalísticas nacionais e locais.

Gurney repassou tudo de novo. Quando largou a pasta, meia hora depois, sabia por que o caso havia alcançado sua notável posição na criminologia. E por que havia substituído o caso Unabomber como arquétipo acadêmico dos assassinos impelidos por missões sociais.

O documento era mais claro e menos digressivo do que o manifesto do Unabomber. O nexos lógico entre o problema declarado e a solução sanguinária era mais direto do que as confusas cartas-bombas de Ted

Kaczynski a vítimas cuja relevância para a questão era, na melhor das hipóteses, questionável.

O Bom Pastor tinha resumido muito bem sua abordagem nas duas primeiras declarações numeradas em seu memorando: “1. Se o amor pelo dinheiro, que é a ganância, é a raiz de todo o mal, conclui-se que o bem maior será alcançado por sua erradicação. 2. Como a ganância não existe no vazio, e sim em seus portadores humanos, conclui-se que o modo de erradicar a ganância é exterminar seus portadores.”

O que poderia ser mais direto do que isso?

E o festival de assassinatos do Bom Pastor foi naturalmente inesquecível. Tinha os elementos de um teatro fascinante: uma premissa simples, um período de tempo com foco claro, um alto grau de suspense, uma ameaça intensa, um ataque drástico à riqueza e ao privilégio, vítimas nítidas, momentos de confronto assustadores. Todas essas características eram lendárias e ocupavam um lugar inerente na mente das pessoas. Na verdade, de pelo menos dois tipos de indivíduo: os que se sentiam ameaçados por um ataque contra a riqueza consideravam o Bom Pastor a encarnação do revolucionário decidido a destruir a estrutura da maior sociedade da história, e os que viam os ricos como os grandes vilões o achavam um idealista, um Robin Hood corrigindo a pior injustiça de um mundo injusto.

Fazia sentido que no decorrer dos anos o caso tivesse se tornado um dos prediletos nas aulas de psicologia e criminologia. Os professores gostavam de apresentá-lo porque ele levantava os argumentos que queriam demonstrar com relação a um determinado tipo de assassino, e – algo raro nas ciências sociais – faziam isso sem criar qualquer ambiguidade. Já os alunos apreciavam ouvir sobre ele porque, como muito horrores simples, tinha um fator grotesco que era fascinante. Até o assassino fugindo na noite se tornava um dado atraente – conferindo ao caso uma característica de *ainda em aberto* que tinha um apelo excitante.

Ao fechar a pasta, pensando no poder visceral da narrativa, Gurney percebeu que seus sentimentos estavam confusos.

– Algum problema?

Levantou os olhos e viu Madeleine espiando-o do outro lado da sala, as agulhas de tricô repousando no colo.

Ele balançou a cabeça.

– Provavelmente minha rabugice inata.

Madeleine continuava encarando-o. Gurney sabia que ela esperava uma resposta melhor.

– O documentário de Kim é todo sobre o caso do Bom Pastor.

Madeleine franziu a testa.

– Isso já não foi debatido até a exaustão? Na época, era praticamente a única coisa que passava na TV.

– Ela tem sua própria abordagem. Naquele tempo tudo tinha a ver com o manifesto, a caça ao assassino e as teorias sobre seu passado hipotético, sua formação hipotética, onde ele poderia estar escondido, a violência nos Estados Unidos, a falta de leis de controle de armas, blá, blá, blá. Mas Kim está deixando tudo isso de lado e se concentrando no dano permanente causado às famílias das vítimas, em como a vida delas mudou.

Madeleine pareceu interessada, depois franziu a testa de novo.

– Então qual é o problema?

– Nada que eu tenha conseguido identificar claramente. Talvez seja só eu. Como eu disse, meu humor não está muito bom.

Capítulo 7

Ahab, o caçador de baleias

A manhã seguinte, típica da primavera nas Catskills, estava fria, com o céu nublado e ocasionais flocos de neve soprando de lado e passando pela porta de vidro da cozinha de Gurney.

Às oito horas, Kim Corazón ligou com uma mudança nos planos. Em vez de se encontrarem com Jimi Brewster em Turnwell de manhã e depois irem almoçar com Rudy Getz em Ashokan Heights, a primeira reunião tinha sido substituída por um encontro vespertino com Larry Sterne na casa dele, em Stone Ridge, cerca de vinte minutos ao sul da represa do reservatório de Ashokan. O almoço com Getz continuava de pé.

– Algum motivo especial para a mudança? – perguntou Gurney.

– Mais ou menos. Eu tinha marcado o encontro antes de saber que você estaria disponível. Larry é menos amigável do que Jimi, por isso prefiro que você esteja presente quando eu falar com ele. Jimi é um esquerdista com opiniões fortes, então sua participação é certa, porque vai ser uma plataforma para ele atacar o materialismo. Mas Larry não é tão fácil. Parece desiludido com a imprensa em geral, por causa do sensacionalismo em torno da morte de uma amiga uns anos atrás.

– Você sabe que minha função não é ajudá-la a vender seu peixe, certo?

– Claro que sei! Só quero que você ouça a conversa e depois me diga o que achou. Então eu pego você às onze e meia, em vez de às oito e meia, está bem?

– Ok – concordou ele com desânimo.

Não tinha nenhuma objeção específica à nova programação, só a sensação

de que algo não se encaixava.

Quando ia enfiar o celular no bolso ocorreu-lhe que Jack Hardwick não tinha retornado seu telefonema, por isso ligou de novo.

Depois de apenas um toque, uma voz áspera disse:

– Calma, Gurney, calma. Eu já ia ligar.

– Olá, Jack.

– Minha mão ainda não sarou completamente, ás. Está armando outra oportunidade para eu levar um tiro?

Era uma lembrança de que seis meses antes, no clímax do caso Perry, uma das três balas que atingiram Gurney atravessara seu corpo e se alojara na mão de Hardwick.

– Olá, Jack.

– Olá para você também, porra.

Era assim que começavam todas as conversas com o investigador sênior Jack Hardwick, da Polícia do Estado de Nova York. Aquele sujeito explosivo, com seus olhos azul-claros de husky siberiano, sua mente afiada como uma navalha e seu temperamento mordaz, parecia decidido a tornar qualquer comunicação com ele um sacrifício.

– Estou ligando para falar de Kim Corazón.

– A pequena Kimmy? A garota do projeto escolar?

– Acho que se pode colocar dessa forma. Ela incluiu seu nome numa lista de fontes de informações para o caso do Bom Pastor.

– Não diga. Como vocês se conheceram?

– É uma longa história. Achei que você poderia me dar alguma informação.

– O que quer saber?

– Qualquer coisa que eu não possa encontrar sozinho no Google.

– Detalhezinhos sórdidos do caso?

– Se você achar que são importantes.

Houve um som chiado no telefone.

– Ainda não tomei café hoje.

Gurney não respondeu, mas sabia o que viria em seguida.

– Então o negócio é o seguinte – continuou Hardwick. – Você me entrega um delicioso café importado e talvez eu me sinta motivado a lhe contar os detalhezinhos significativos do caso.

- Existe algum?
- Quem sabe? Se eu não conseguir lembrar nenhum, é só inventar. É claro que o que é importante para uma pessoa pode não significar nada para outra. Quero três cubos de açúcar no café.

Quarenta minutos depois, com dois copos grandes de café no carro, Gurney dirigia pela rodovia sinuosa que levava do mercado de produtos orgânicos Abelard's, em Dillweed, até uma estrada mais tortuosa ainda, que mais parecia uma trilha de gado abandonada. Jack Hardwick morava no fim dela, numa pequena casa alugada. Gurney parou ao lado do espalhafatoso carro de Hardwick – um Pontiac GTO 1970 parcialmente restaurado.

Os flocos de neve esparsos e intermitentes tinham sido substituídos por uma garoa fina. Quando Gurney chegou à varanda que rangia, com um copo em cada mão, Hardwick abriu a porta usando uma camiseta e uma calça de moletom cortada na altura dos joelhos, com os cabelos grisalhos crespos despenteados cortados curtos. Tinham-se visto pessoalmente apenas uma vez desde a hospitalização de Gurney, num inquérito da polícia estadual sobre o tiroteio, mas a primeira frase de Hardwick foi típica dele:

- Então me diga: como você conhece a pequena Kimmy, cacete?

Gurney estendeu-lhe um dos copos.

- Pela mãe dela. Vai querer o café ou não?

Hardwick pegou-o, abriu a tampa e provou.

- A mãe é tão gostosa quanto a filha?

- Pelo amor de Deus, Jack...

– Isso é um sim ou um não? – insistiu Hardwick, recuando para dar passagem a Gurney.

A porta de entrada levava direto a um espaçoso cômodo que Gurney esperaria que fosse mobiliado como uma sala de estar, mas praticamente não havia móveis. As duas poltronas de couro, com uma pilha de livros entre elas, num piso de pinho sem tapete, mais pareciam objetos esperando para ir embora numa mudança do que um arranjo de assentos planejado.

Hardwick o observava.

– Marcy e eu nos separamos – disse ele, como se isso explicasse o vazio do lugar.

- Sinto muito. Quem é Marcy?

– Boa pergunta. Eu achei que soubesse, mas, pelo visto, não. – Ele tomou um longo gole da bebida quente. – Meu cérebro é incapaz de reconhecer mulheres malucas quando elas têm os peitos bonitos. – Deu outro gole, ainda mais longo que o primeiro. – Mas e daí? Todos nós temos nossas deficiências, certo, Davey?

Gurney já havia, muito tempo antes, chegado à conclusão de que a parte de Hardwick capaz de feri-lo como uma faca era aquela que o fazia se lembrar de seu pai – apesar de Gurney ter 48 anos e Hardwick, mesmo grisalho e acabado, ainda não haver nem chegado aos 40.

Às vezes Hardwick era certo no cinismo, transportando Gurney de volta ao apartamento de onde ele havia disparado aquela flecha inexplicável, o mesmo lugar que fora o pretexto para seu primeiro casamento.

A imagem que lhe veio agora foi ele de pé na sala atulhada do apartamento, com o pai, bêbado, destilando pílulas de sabedoria barata, dizendo a ele que sua mãe era maluca, que todas as mulheres eram malucas, que não se podia confiar nelas. Segundo ele, era melhor não lhes contar nada. “Nós somos homens, Davey, e nos entendemos. Sua mãe é um pouco... um pouco *estranha*, entende? Ela não precisa saber que eu bebi hoje, está bem? Isso só vai causar uma encrenca danada. Nós somos homens. Podemos falar um com o outro.” Gurney tinha 8 anos.

O Gurney de 48 anos se esforçou para voltar à sala de Hardwick, ao momento atual.

– Ela levou metade das merdas que havia na casa – comentou Hardwick. Em seguida tomou outro gole, sentou-se numa poltrona e indicou a outra a Gurney. – O que posso fazer por você?

Gurney se acomodou.

– A mãe de Kim é uma jornalista que eu conheci há anos, antes de me aposentar. Ela me pediu que desse uma olhada no projeto da filha, e agora estou tentando descobrir no que me meti, mas talvez você possa ajudar. Como eu disse ao telefone, Kim citou você como uma das fontes.

Hardwick olhou o copo de café como se fosse um intrincado artefato.

– Quem mais está na relação dela?

– Um cara do FBI chamado Matthew Trout e Max Clinter, aquele policial que acabou com a caça ao assassino.

Hardwick soltou uma gargalhada áspera que se transformou num ataque de tosse.

– Uau! O maior babaca do século e um bêbado psicopata. Pelo visto estou muito bem acompanhado!

Gurney tomou um longo gole de seu café.

– Quando vamos chegar aos detalhezinhos sórdidos e significativos?

Hardwick esticou as pernas musculosas e cheias de cicatrizes e se recostou mais na poltrona.

– Coisas que a imprensa nunca ficou sabendo?

– Isso.

– Acho que uma delas seriam os animaizinhos. Você não sabia disso, sabia?

– Animaizinhos?

– Umas pequenas réplicas de plástico. Parte de um conjunto. Um elefante, um leão, uma girafa, uma zebra, um macaco e um outro que eu não lembro.

– E como essas coisas...

– Cada uma delas foi encontrada no local de um ataque.

– Onde?

– Nas imediações do carro da vítima.

– Imediações?

– É, como se tivessem sido jogadas do carro do atirador.

– A análise laboratorial desses objetos levou a alguma conclusão?

– Nenhuma digital, nada do tipo.

– Mas...?

– Mas eles faziam parte de um conjunto infantil, um negócio chamado Arca de Noé. A criança monta um modelo da arca e depois coloca os animais dentro.

– E a investigação descobriu alguma coisa sobre distribuição, lojas, fábrica, algum modo de rastrear esse conjunto específico?

– Nada. Era um brinquedo muito popular na época, que se comercializava em qualquer lugar. Só o Walmart vendeu cerca de 78 mil. Todos idênticos, todos feitos numa fábrica ching-ling.

– Uma fábrica o quê?

– Chinesa. Quem sabe, porra? Não importa. Todos os conjuntos são iguais.

– Alguma teoria com relação à importância particular desses animais?

– Um monte. Todas furadas.

Gurney fez uma anotação mental para voltar a esse assunto mais tarde.

Mais tarde quando? Que diabo estava pensando? O plano era apenas dar sua opinião, não se oferecer para um serviço que ninguém tinha lhe pedido para fazer.

– Interessante – falou. – Mais alguma esquisitice que não foi liberada para consumo da grande massa?

– Acho que se poderia chamar a arma de esquisitice.

– Minha lembrança é que os noticiários só se referiam a uma pistola de grosso calibre.

– Era uma Desert Eagle.

– O monstro calibre 50?

– Exatamente.

– Os caras responsáveis por traçar o perfil devem ter levado isso em consideração.

– Ah, sim, com certeza. Mas não era só o tamanho da arma que era estranho. Dos seis tiroteios, nós recuperamos duas balas em estado bom o suficiente para fazer um exame de balística confiável e uma terceira que seria de pouca utilidade no tribunal mas que era definitivamente sugestiva.

– E o que ela sugeria?

– Que as três balas saíram de três Desert Eagle diferentes.

– O quê?

– Foi essa a reação que todo mundo teve.

– Alguém pensou na hipótese de vários atiradores?

– Sim, por uns dez minutos. Arlo Blatt veio com uma de suas ideias imbecis: que os crimes podiam ser algum tipo de ritual de iniciação de gangue e que cada membro tinha sua própria Desert Eagle. Mas ainda havia o probleminha do manifesto, que parecia ter sido escrito por um professor universitário, enquanto os membros de gangue comuns mal conseguem soletrar a palavra “gangue”. Outras pessoas tiveram ideias menos idiotas, mas no fim a noção de um único atirador prevaleceu, especialmente depois de ser abençoada pelos gênios da análise comportamental do FBI. Os locais dos ataques eram, em essência, idênticos. A abordagem, os tiros e as reconstruções das fugas eram idênticos. E, depois de alguns ajustes psicológicos no perfil que os peritos traçaram, fazia tanto sentido que o

sujeito usasse seis Desert Eagle quanto se usasse uma só.

Gurney só reagiu com uma expressão de sofrimento. Tivera experiências variadas com especialistas em perfil ao longo dos anos e tendia a considerar os acertos deles como nada mais que o resultado de seu bom senso e seus fracassos como prova da inutilidade de sua profissão. O problema com a maioria desses peritos, especialmente os que tinham a arrogância do FBI em seu DNA, era que eles de fato achavam que *sabiam* alguma coisa e que suas especulações eram *científicas*.

– Em outras palavras – disse Gurney –, usar seis armas pesadas não é mais ofensivo do que usar uma só arma ofensiva, porque ofensivo é ofensivo.

Hardwick riu.

– Temos uma última esquisitice: todos os carros das vítimas eram pretos.

– Uma cor comum em Mercedes, não?

– O preto básico respondia por cerca de trinta por cento da produção total dos modelos em questão, além de aproximadamente três por cento de uma variação metálica de preto. Logo, 33 por cento: um terço do total. Com isso, as chances seriam de dois dos seis veículos serem pretos, a não ser que essa cor fizesse parte do critério de seleção do atirador.

– Por que a cor seria importante?

Hardwick deu de ombros, inclinando o copo de café e tomando o restante da bebida.

– Outra boa pergunta.

Ficaram sentados em silêncio por um minuto. Gurney tentava conectar as “esquisitices” de algum modo que explicasse todas elas, mas depois desistiu, percebendo que teria que saber muito mais informações antes que esses detalhes aleatórios pudessem ser organizados num padrão.

– Me diga o que sabe sobre Max Clinter.

– O cara é um tipo fora do comum.

– Como assim?

– Digamos que ele tem uma história interessante. – Hardwick pareceu pensativo, depois soltou uma risada áspera. – Eu adoraria ver vocês dois juntos. Sherlock, o gênio, conhecendo Ahab, o caçador de baleias.

– E a baleia em questão é...?

– O Bom Pastor. Max sempre teve uma tendência a não desistir de um

caso depois de cravar os dentes nele, mas, depois do pequeno incidente que acabou com sua carreira, ele se tornou o próprio retrato do maluco determinado. Colocar as mãos no Bom Pastor não era o objetivo *principal* de sua vida, era o *único* objetivo. Isso fez um monte de gente se afastar dele.

– Hardwick lançou um olhar enviesado para Gurney, acompanhado de outra risada áspera. – Seria divertido ver vocês dois falando merda juntos.

– Jack, alguém já lhe disse que sua risada parece uma descarga de vaso sanitário?

– Não alguém que estivesse me pedindo um favor. – Hardwick se levantou e brandiu o copo vazio. – É um milagre a rapidez com que o corpo humano transforma essa coisa em mijo.

Então ele saiu da sala, voltou alguns minutos depois e se acomodou no braço da poltrona, continuando a falar como se não tivesse havido interrupção:

– Se quer saber mais sobre Max, o melhor ponto de partida é o famoso incidente da máfia de Buffalo.

– Famoso?

– Famoso neste nosso mundinho do interior, com a presença de policiais figurões da Big Apple de que você provavelmente nunca ouviu falar.

– O que aconteceu?

– Tinha um cara ligado à máfia de Buffalo chamado Frankie Benno que havia organizado a volta da heroína ao oeste do estado de Nova York. Todo mundo sabia disso, mas Frankie era esperto e cuidadoso, além de ser protegido por um monte de políticos corruptos. A situação começou a deixar Max obcecado. Ele cismou que tinha que prender Frankie para interrogatório, ainda que não tivesse conseguido achar nada específico para acusá-lo. Enfim, ele decidiu “pressionar o desgraçado a cometer um erro”. Isso foi o que disse à esposa antes de ir a um restaurante que ficava num prédio que pertencia a Frankie e que era conhecido como o ponto de encontro do pessoal dele.

O primeiro pensamento de Gurney foi que “pressionar o desgraçado a cometer um erro” era um objetivo complicado. Seu segundo pensamento foi que ele sempre tinha feito isso, só que chamava de “pressionar o sujeito para observar sua reação”.

– Max entrou no restaurante com as roupas e o comportamento de um

mafioso – continuou Hardwick. – Foi direto à sala dos fundos, onde os caras do Frankie se reuniam quando não estavam ocupados afundando crânios por aí. Havia dois capangas na sala, comendo uma massa com molho de mariscos. Max foi até os dois e sacou uma arma e uma pequena máquina fotográfica descartável. Disse que eles podiam escolher: ou ser fotografados com o cérebro estourado, ou ser fotografados chupando um ao outro. Era com eles. A decisão era deles. Tinham dez segundos para decidir. Podiam agarrar o pau um do outro ou os cérebros dos dois iriam parar na parede. Aí começou a contagem regressiva: dez... nove... oito... sete... seis...

Hardwick se inclinou para Gurney, os olhos brilhando, aparentemente fascinado pelos acontecimentos que narrava.

– Só que Max estava perto demais deles, então um dos capangas estendeu a mão e o desarmou. Max recuou e caiu de bunda. Os capangas já iam enchê-lo de porrada, mas de repente ele abandonou o papel de bandido e começou a gritar que não era quem estava fingindo ser, *que na verdade era só um ator*. Disse que alguém o tinha convencido a fazer aquilo, que a arma nem era de verdade. Estava praticamente chorando. Quando os capangas verificaram a arma, viram que era mesmo falsa. Aí começaram a perguntar que diabo estava acontecendo, quem o tinha mandado fazer aquilo etc. Max disse que não sabia, mas que deveria encontrar o cara no dia seguinte para devolver a câmera com as fotos dos dois se chupando e ganhar 5 mil pelo serviço. Um dos capangas foi até um telefone público na rua; isso foi antes da invasão dos celulares. Quando voltou, falou para o Max que iam levá-lo para o andar de cima porque o Sr. Benno estava chateado. Max parecia a ponto de se cagar nas calças e implorou que o deixassem ir embora, mas eles o levaram para o segundo andar, para um escritório todo protegido. Portas de aço, trancas, câmeras, a porra toda. Frankie Benno estava lá com outros dois caras do grupo. Quando os dois capangas entraram com Max, Frankie lhe lançou um olhar longo e severo, depois deu um sorriso maligno e falou, como se tivesse acabado de ter uma grande ideia: “Tire a roupa.” Max começou a choramingar igual a um bebê, aí Frankie disse: “Tire a porra da roupa e me dê a porra dessa máquina fotográfica.” Max entregou a câmera e depois recuou para a parede, tentando ficar o mais longe possível daqueles sujeitos. Então tirou o paletó e a camisa, depois baixou a calça, mas continuou com os sapatos, aí sentou no chão e começou a puxar as

calças para baixo, mas elas ficaram emboladas nos tornozelos. Frankie disse para ele ser rápido, enquanto os quatro capangas ficavam rindo. De repente Max afastou as mãos dos tornozelos e em cada uma tinha uma bela pistolinha SIG calibre 38. – Hardwick fez uma pausa dramática. – O que acha disso?

A primeira coisa em que Gurney pensou foi sua própria Beretta escondida.

Depois pensou em Max. Ainda que o sujeito fosse um viciado em jogos de azar e provavelmente meio maluco, sabia como criar uma história elaborada e como mantê-la mesmo sob pressão. Sabia manipular pessoas malignas e impulsivas e fazê-las chegar às conclusões que ele queria que chegassem. Para um agente infiltrado – ou um mágico –, não havia qualidade mais valiosa que essa. Mas Gurney podia pressentir que as coisas tinham chegado a um final feio.

Hardwick prosseguiu:

– Exatamente o que aconteceu em seguida foi assunto de ampla investigação por parte do FBI, mas na análise final tudo o que tinham de concreto era a história do Max. Ele só disse que acreditou que sua vida estivesse em perigo imediato e que havia agido de acordo com isso. Resumindo, ele deixou cinco mafiosos mortos naquele escritório e saiu sem um arranhão. A partir daquele dia, até nove anos depois, quando jogou tudo pela janela, Max Clinter teve uma aura de invencibilidade.

– Você sabe o que ele faz para viver agora? No que trabalha?

Hardwick riu.

– Sei. É vendedor de armas. Armas incomuns. Itens de colecionador. Umas paradas militares malucas. Talvez até Desert Eagle.

Capítulo 8

O complicado projeto de Kim Corazón

Quando Gurney chegou em casa, às 11h15, vindo de Dillweed, onde Hardwick morava, Kim estava parada junto à porta lateral, dentro de seu Miata vermelho. Assim que ele estacionou, ela largou o celular e baixou o vidro.

– Eu já ia ligar para você. Bati e ninguém atendeu.

– Você chegou cedo.

– Eu sempre chego cedo. Não suporto me atrasar. É como uma fobia. Podemos ir nos encontrar com Rudy Getz agora mesmo, a não ser que você tenha que fazer alguma coisa antes.

– Só um minuto – disse ele.

Depois entrou em casa para ir ao banheiro. Verificou se havia recados na secretária – não havia nenhum. Então checkou os e-mails no laptop – nada também.

Quando voltou para fora de novo, o cheiro de terra molhada invadiu suas narinas, fazendo-o lembrar a imagem da flecha no canteiro de Madeleine. Ele olhou para lá, meio esperando...

Mas não havia nada ali.

Claro que não. Por que haveria? Qual é meu problema, afinal?

Foi até o Miata e sentou-se no banco do carona. Kim atravessou a estradinha cheia de calombos, passou pelo celeiro e pelo lago e chegou à estrada de terra e cascalho que seguia o riacho descendo a montanha. Assim que pegaram a direção leste pela estrada do condado, Gurney

perguntou:

– Algum problema novo desde ontem?

Ela fez uma careta.

– Estou ficando tensa demais. Acho que é o que os psiquiatras chamam de hipervigilância.

– Ficar verificando toda hora se há algum perigo iminente, você diz?

– Verificando toda hora e fazendo isso de modo tão obsessivo que *tudo* parece uma ameaça. É como se eu tivesse um alarme de incêndio tão sensível que disparasse toda vez que eu ligo a torradeira. Eu fico assim: será que deixei mesmo aquela caneta na mesa? Eu já não lavei aquele garfo? Aquela planta não está 5 centímetros à esquerda de onde estava? Coisas assim. Ontem à noite eu fiquei fora de casa por uma hora e, quando voltei, a luz do banheiro estava acesa.

– Tem certeza que você desligou antes de sair?

– Eu sempre desligo. Mas não é só isso. Fiquei com a impressão de ter sentido o perfume horrível do Robby. Lá no fundo, bem discreto. Por isso comecei a andar pelo apartamento cheirando tudo e por um segundo achei que pudesse sentir aquele odor de novo. – Ela suspirou, exasperada. – Entendeu a situação? Estou pirando. Tem gente que começa a ver coisas. Eu estou *cheirando* coisas.

Depois disso, Kim ficou em silêncio por vários quilômetros. A garoa havia recomeçado, então ela ligou os limpadores de para-brisa, que guinchavam a cada movimento completo. Ela parecia não notar.

Gurney a examinou. Suas roupas eram elegantes, discretas, e seus traços eram harmoniosos – os olhos escuros e a boca adorável. O cabelo tinha uma cor castanha lustrosa e sua pele clara apresentava uma leve sugestão de bronzeado mediterrâneo. Era uma jovem linda, cheia de ideias e de ambição, mas sem ser convencida. E era inteligente. Essa era a parte da qual Gurney mais gostava. Mas tinha curiosidade de saber por que alguém tão inteligente havia se envolvido com uma pessoa tão perturbada quanto Robby Meese.

– Me fale um pouco mais sobre esse seu ex-namorado – pediu ele.

Kim demorou tanto a responder que Gurney pensou que ela não havia escutado.

– Eu disse que ele veio de uma família disfuncional e que cresceu numa

série de lares adotivos – disse ela finalmente. – Talvez algumas pessoas consigam sair de uma situação como essa sem sequelas, mas a maioria não. Eu nunca conheci os detalhes. Só sabia que ele parecia diferente. *Profundo*. Talvez até um pouquinho perigoso. – Ela hesitou. – Acho que a outra característica que o tornava atraente era o fato de Connie odiá-lo.

– Isso fez você gostar dele?

– Acho que o que a levava a detestá-lo era o mesmo motivo que me fazia gostar dele: ele nos lembrava meu pai, que também era meio instável e também tinha um passado maluco.

Meu pai. Às vezes essas palavras tinham o poder de provocar uma onda de tristeza em Gurney. Seus sentimentos tanto como filho quanto como pai de dois meninos – um vivo e outro morto – eram conflituosos e muito reprimidos.

Ele tentou afastar suas emoções se concentrando em outro aspecto do projeto de Kim:

– Você me falou ao telefone que tinha achado Max Clinter *estranho*. Acho que foi essa a palavra que usou.

– Sim, ele é muito intenso. Na verdade, mais do que intenso.

– Como assim?

– Não sei, ele parecia paranoico.

– O que a fez ficar com essa impressão?

– Algo nos olhos dele. Um ar do tipo “eu conheço segredos terríveis”. Ficava dizendo que eu não sabia no que estava me metendo, que estava colocando minha vida em risco, que o Bom Pastor era *pura maldade*.

– Parece que ele a deixou bastante incomodada.

– Sim. “Pura maldade” soa como um tremendo clichê, mas ele fez com que parecesse uma coisa verdadeira.

Depois de mais alguns quilômetros na Rota 28, o GPS de Kim indicou que eles deviam pegar a saída para Boiceville. O Miata seguiu ao longo de um riacho de água cristalina até chegar à Mountainside Drive, uma estrada que subia em zigue-zague por uma íngreme floresta de sempre-vivas até a Falcon’s Nest Lane. Nessa rua, as placas de numeração ficavam ao lado das entradas de veículos e as casas eram protegidas por densas sempre-vivas ou altos muros de pedra. Gurney estimou que o espaço entre uma entrada de veículos e outra era de no mínimo 400 metros. O último número da rua

era o *doze*, gravado em letra cursiva numa placa de bronze presa a um dos dois pilares de pedra que ladeavam a entrada. Sobre cada coluna havia uma pedra redonda do tamanho de uma bola de basquete, com uma águia de pedra empoleirada em cima, asas abertas e garras estendidas de forma agressiva.

Kim pegou a elegante entrada de veículos de paralelepípedos e seguiu lentamente por um túnel de enormes azaleias. Então o túnel chegou ao fim, o caminho se alargou e a casa de Rudy Getz surgiu à frente deles – uma construção de vidro e concreto nem um pouco aconchegante.

– Chegamos – disse Kim com um misto de empolgação e nervosismo quando parou na frente de uma escada de concreto vazada que levava a uma porta de metal.

Os dois saíram do carro, subiram os degraus e já iam bater quando a porta se abriu. Foram recebidos por um homem pálido, baixo e atarracado, com os cabelos grisalhos e ralos e olhos fundos. Ele vestia calça jeans e camiseta pretas e um paletó esporte de linho cor de areia. Segurava uma bebida incolor num copo baixo e largo. Parecia um produtor de filmes pornôs, Gurney pensou.

– Olá! Que bom ver você – disse ele a Kim, com a cordialidade de um sonolento lagarto do deserto. Depois olhou para Gurney e esticou a boca num sorriso forçado. – Você deve ser o famoso detetive consultor. É um prazer. Entrem. – Então recuou, fazendo um gesto largo com a mão que segurava o copo, dando-lhes passagem. Em seguida franziu os olhos para o céu cinzento. – Que merda de tempo, hein?

O interior da casa era de uma modernidade impressionante, decorado com couro, metal, vidro, cores frias, piso de carvalho branco etc.

– O que gostaria de beber, detetive?

– Nada.

– Nada. Certo. E você, Srta. *Corazón*? – Ele pronunciou o nome com um sotaque hispânico exagerado que, combinado com seu sorriso, era como uma carícia lasciva.

– Só um pouco d'água, por favor.

– Água – disse ele, repetindo a palavra como se ela tivesse feito um comentário interessante, não um pedido. – Muito bem, podem se sentar e ficar à vontade – continuou, fazendo um gesto na direção de uma área de

estar em frente a uma janela enorme.

De repente, uma jovem com roupa de ginástica preta apareceu deslizando pelo amplo ambiente sobre patins fantasmagóricos e desapareceu por uma porta na extremidade mais distante da sala.

Getz foi até um conjunto de seis poltronas de alumínio escovado posicionadas ao redor de uma mesinha de centro de acrílico. Sua boca se alargava numa expressão que parecia um sorriso nada caloroso.

Depois que eles se acomodaram, a jovem de patins surgiu de novo e desapareceu em outra porta.

– Claudia – falou Getz com uma piscadela, como se revelasse um segredo.

– É bonita, não é?

– Quem é ela? – perguntou Kim, parecendo surpresa com aquele espetáculo.

– Minha sobrinha, que está passando um tempo aqui. Ela adora andar de patins – respondeu ele. Depois fez uma pausa e então prosseguiu: – Mas estamos aqui a negócios, não é? – O sorriso evaporou, como se o momento das amenidades tivesse se encerrado. – Tenho uma notícia fantástica para você: *Os órfãos do assassinato* conseguiu a nota máxima em nossa pesquisa de audiência.

Kim pareceu mais confusa do que satisfeita.

– Pesquisa? Mas como vocês...

Getz a interrompeu:

– Temos um sistema próprio para avaliar nossas ideias de atrações. Primeiro nós criamos uma espécie de piloto, depois o exibimos a uma fatia representativa do público e recebemos o feedback on-line, em tempo real. É um processo que funciona muito bem.

– Mas que material vocês usaram? Minhas entrevistas com Ruth e Jimi?

– Apenas alguns trechos delas. E incluímos algumas informações para estabelecer o contexto.

– Mas aquelas entrevistas foram feitas com minhas câmeras amadoras. Não eram para...

Getz se inclinou por cima da mesa, na direção de Kim.

– O fato é que, nesse caso, o ar amador acaba sendo perfeito. Às vezes a ausência de produção é o diferencial, porque sugere honestidade. Assim como sua personalidade. Séria. Aberta. Jovem. Inocente. Veja bem, esta é

outra coisa que nosso teste revelou. Eu não deveria lhe contar, mas vou, porque quero que você confie em mim. Os espectadores adoraram você. Simplesmente *adoraram*! É por isso que acho que temos um futuro pela frente. O que acha?

Kim estava com os olhos arregalados e boquiaberta.

– Não sei. Quero dizer... eles só viram um trecho das entrevistas?

– Sim, com alguns acréscimos para explicar o contexto, o ponto de vista etc., como fazemos nos programas de verdade. O teste que veiculamos costuma ter a duração de uma hora e é composto de quatro propostas de programa de treze minutos cada. Ou seja, sua ideia foi exposta com outros três “pilotos” de projetos que também estamos considerando produzir. O título do teste é *Colocar no ar ou no lixo*. Tem gente que acha grosseiro, mas existe um bom motivo para termos optado por esse nome: é *visceral*. – Getz entoou a palavra em tom confidencial, quase de reverência. – Quer saber qual é o verdadeiro segredo do sucesso da RAM-TV? É isso: é *visceral*. Nos velhos tempos as emissoras costumavam pensar que notícia era notícia e diversão era diversão. Por isso as operações jornalísticas delas perdiam dinheiro. Elas estavam sentadas numa mina de ouro e não sabiam. Achavam que o jornalismo tinha a ver apenas com os fatos sendo apresentados do modo mais tedioso possível.

Quando terminou de falar, Getz balançou a cabeça com indulgência diante da capacidade do ser humano de se iludir.

Gurney sorriu.

– Obviamente elas entenderam tudo errado.

Getz apontou um dedo para ele, como um professor atraindo a atenção para um aluno inteligente.

– É óbvio! Notícia é vida, vida é emoção, emoção é *visceral*. Drama, sangue, triunfo, lágrimas! Ninguém quer um babaca engomadinho lendo fatos e números de maneira inexpressiva. As pessoas querem ver o conflito. Tipo vá se danar!... Não, vá se danar *você*!... Quem você acha que está mandando se danar, porra?... *Pou! Pou! Pou!* Estão entendendo?

– Está claro como água – respondeu Gurney, de modo afável.

– Então é por isso que chamamos o teste de ideias de *Colocar no ar ou no lixo*. Porque é disso que as pessoas gostam. Escolhas simples. Poder. Como um imperador olhando o gladiador na arena lá embaixo. Se virar o polegar

para cima, ele vive. Se virar para baixo, ele morre.

Kim piscou e engoliu em seco.

– E... *Os órfãos do assassinato*... recebeu um polegar para cima?

– Um polegar grandão, bem para o alto!

Kim já tinha começado a fazer outra pergunta, mas Getz a interrompeu e continuou sua linha de raciocínio:

– Lá para o alto! O que acho pessoalmente gratificante. É carma, é o círculo completo! Porque foi nossa cobertura original sobre o festival de assassinatos do Bom Pastor que lançou a RAM-TV para o topo, que é o lugar dela. A ideia de voltar ao tema agora, exatamente dez anos depois... é perfeita. Eu posso sentir isso! E agora, que tal um almoço fantástico?

Como se tivesse ouvido a deixa, Claudia reapareceu equilibrando uma bandeja enorme, que colocou na mesinha de centro. Seu cabelo espetado com gel, que Gurney havia pensado que fosse preto, agora se revelava de um azul profundo, de uma tonalidade só um pouco mais escura que a dos olhos dela, que por um momento encontraram os dele com uma franqueza perturbadora. Ela fez uma pirueta na ponta de um dos patins e depois deslizou languidamente pela sala, olhando para trás uma vez antes de sumir de vista.

Havia três pratos na bandeja. Cada um deles continha uma porção de sushis arrumados de forma elaborada e ao mesmo tempo delicada. As cores eram lindas e as formas, intrincadas. Nenhum ingrediente era familiar a Gurney, e parecia que a Kim também não, porque ela os observava com um olhar de apreensão.

– Outra obra-prima de Toshiro – disse Getz.

– Quem é Toshiro? – quis saber Kim.

Os olhos de Getz brilharam.

– É um tesouro que roubei de um ótimo restaurante japonês na cidade.

Ele pegou uma das iguarias no prato mais próximo e a enfiou na boca.

Gurney o imitou. Não sabia o que estava comendo, mas achou delicioso de uma forma surpreendente.

Kim, que parecia estar juntando coragem até então, enfim experimentou uma peça e relaxou visivelmente após mastigar algumas vezes.

– Que delícia – falou. – Então agora ele é seu *chef* de cozinha particular?

– Sim, é uma das recompensas da minha posição.

– Você deve ser muito bom no que faz – comentou Gurney.

– Sou muito bom em reconhecer as coisas que mexem com as pessoas. – Getz fez uma pausa, depois acrescentou, como se tivesse acabado de lhe ocorrer: – Meu talento é a capacidade de reconhecer outro talento quando o vejo.

Gurney assentiu devagar, intrigado com a descarada admiração que o sujeito nutria por si mesmo.

Kim parecia ansiosa para conduzir a conversa de novo ao documentário:

– Eu estava aqui pensando... levando o resultado do teste em consideração, vocês têm alguma sugestão para minhas próximas entrevistas?

Getz lançou-lhe um olhar perspicaz.

– Só continue o que está fazendo. Você tem uma espécie de inocência natural que funciona muito bem. Não pense demais. Por enquanto isso basta. A longo prazo eu já prevejo uma oportunidade de prorrogação da série e talvez a criação de outro programa que parta da mesma premissa. O conceito de *Os órfãos* tem um apelo emocional bem forte, que pode levá-lo muito além das famílias das seis vítimas do Bom Pastor. Podemos pensar facilmente nos familiares de outras vítimas de assassinato. É uma extensão natural, então a gente pode continuar nessa linha. E é possível também pensarmos numa segunda abordagem: a questão da *falta de solução*. Neste momento as duas coisas estão sendo trabalhadas em conjunto. Nós temos a dor das famílias, certo? Mas também temos um assassino que escapou, a questão da ferida aberta. Acho que, caso *Os órfãos* perca o pique, podemos mudar o tom. Estou pensando num novo produto chamado *Quando a Justiça falha*. Nós simplesmente mudaríamos a ênfase para a falta de justiça relacionada aos crimes não solucionados. A injustiça permanente.

Getz se recostou, encarando Kim enquanto ela pensava em tudo o que ele dissera.

Ela pareceu indecisa.

– Isso... pode funcionar... acho.

Ele se inclinou para a frente.

– Veja bem, eu entendo seu ponto de vista: o ângulo emocional, a dor, o sofrimento, a perda. É só uma questão de ajustar o tom. Na primeira série nós poderíamos enfatizar a dor e a perda, enquanto na segunda daríamos

destaque aos crimes não solucionados. E agora acabo de ter outra ideia do nada, só olhando esse cara aí – completou ele, empolgado, apontando para Gurney. – Escutem só isto. Estou apenas pensando em voz alta, mas... o que vocês achariam de ser os mais novos astros do reality show dos Estados Unidos?

Kim piscou, parecendo ao mesmo tempo empolgada e perplexa.

– Eu vejo uma química natural entre vocês dois – continuou Getz. – Um interessante conflito de personalidades. A jovem emotiva que só se importa com as vítimas, com o sofrimento, numa parceria de amor e ódio com o policial de olhos de aço cujo único interesse é solucionar o caso. Isso tem vida. É *visceral*.

Capítulo 9

Um órfão reticente

– **O** que você está pensando? – perguntou Kim olhando nervosa para Gurney enquanto ajustava a velocidade dos limpadores de para-brisa mais uma vez.

Tinham acabado de atravessar a barragem da represa de Ashokan e seguiam para o sul, em direção a Stone Ridge. Passava um pouco das duas horas. A tarde continuava cinzenta e com um chuvisco esporádico.

Como ele não respondeu, ela acrescentou:

– Você está bem sério.

– Ouvir seu colega de trabalho me trouxe recordações de como a RAM-TV abordou o caso do Bom Pastor. Tenho certeza que você não lembra. Duvido que assistisse a muitos noticiários de TV aos 13 anos.

Ela piscou e encarou a pista molhada à sua frente.

– Como foi?

– Vinte e quatro horas por dia de matérias requentadas que só faziam instigar o medo da população. Toda hora davam um nome diferente para o atirador: Maníaco dos Mercedes, Maníaco da Meia-noite, Matador da Meia-noite etc., até que ele mandou o manifesto para a imprensa com a assinatura “O Bom Pastor”. Depois disso passaram a chamá-lo assim. A RAM-TV se concentrou na mensagem contra a ganância contida no documento e começou a divulgar a ideia de que os crimes faziam parte de algum tipo de revolução, uma campanha socialista contra os Estados Unidos e o capitalismo. Foi uma loucura. Eles colocavam seus “especialistas” para falar o dia inteiro sobre os terríveis desdobramentos

possíveis, sobre as conspirações que podiam estar por trás da situação toda. Seus “consultores de segurança” diziam que todos os americanos deviam se armar, que todo mundo deveria ter uma arma em casa, uma no carro, uma no bolso. Que havia chegado a hora de acabar com os criminosos antiamericanos, com os “direitos dos criminosos”. Mesmo quando os crimes pararam, a emissora continuou com as matérias sensacionalistas. Os repórteres não paravam de falar sobre a guerra de classes: que ela havia passado para a clandestinidade, que com certeza irromperia de novo de um modo ainda pior. Bateram nessa tecla por mais um ano e meio. O principal objetivo da RAM-TV era muito claro: provocar o máximo de raiva e pânico apenas para aumentar a audiência e os lucros com anunciantes. O triste é que funcionou. A cobertura deles criou o pior modelo de noticiário na TV a cabo: debates irresponsáveis, ampliação do conflito, teorias de conspiração terríveis, glorificação do escândalo, explicações sempre baseadas na culpa de alguém. E Rudy Getz parece perfeitamente feliz em receber o crédito por isso.

As mãos de Kim apertavam o volante com força.

– O que você está dizendo é que ele não é uma pessoa com quem eu deveria me envolver?

– Não estou dizendo nada que não tenha ficado óbvio no encontro que acabamos de ter.

– Se você estivesse na minha posição, assinaria o contrato com ele?

– Você é inteligente o bastante para saber que essa é uma pergunta sem sentido.

– Não é, não. Só se imagine na minha situação.

– Você está querendo saber que decisão eu tomaria se não fosse *eu*, com meu passado, meus sentimentos, meus pensamentos, minha família, minhas prioridades, minha vida. Será que você não vê? *Minha* vida não poderia me colocar na *sua* posição. Não faz o menor sentido.

Ela piscou, perplexa.

– Por que você está com tanta raiva?

Isso o pegou de surpresa. Kim tinha razão. Ele *estava* com raiva. Seria fácil dizer que répteis sem um pinga de ética como Rudy Getz lhe causavam esse sentimento, que a transformação dos órgãos de imprensa de fontes de informação relativamente inofensivas em cínicos produtores de pânico o

deixava furioso, que transformar histórias de assassinato num reality show o enervava. Mas ele se conhecia o suficiente para saber que as motivações exteriores de sua raiva costumavam ser desculpas para as interiores.

Certa vez um homem sábio lhe dissera: a raiva é como um iceberg. O que você acha que é sua causa em geral é apenas a ponta da massa de gelo. Só seguindo a corrente até lá embaixo para descobrir a que ela está ligada, o que a sustenta.

Pensando nisso, Gurney decidiu seguir a corrente. Virou-se para Kim e disse:

- Por que você me levou à reunião?
- Já lhe expliquei isso.
- Quer dizer que eu estava lá só para dar minha opinião? Para *observar*?
- Sim, para me dizer o que achou do que viu, de como eu lidei com a situação.

– Não posso avaliar seu desempenho sem saber qual era seu objetivo.

– Eu não tinha um *objetivo*.

– Sério?

Ela o encarou.

– Está me chamando de mentirosa?

– Olhe para a frente. – A voz dele saiu séria, paternal.

Quando ela se concentrou de novo na estrada, Gurney continuou:

– Por que Rudy Getz não sabe que você só me contratou por um dia? Por que ele acha que estou mais envolvido nessa história do que estou de verdade?

– Não sei. Com certeza não é por causa de algo que eu tenha dito – retrucou ela, apertando os lábios em seguida.

Gurney teve a impressão de que ela estava tentando não chorar, então disse com delicadeza:

– Quero saber toda a história. Quero saber por que estou aqui.

Ela assentiu de modo quase imperceptível, mas ainda ficou cerca de um minuto em silêncio antes de responder:

– Depois que meu orientador entregou a proposta e as entrevistas iniciais a Getz, as coisas começaram a evoluir muito rápido. Eu não achava que ele fosse se interessar e, quando isso aconteceu, meio que entrei em pânico. Estavam me oferecendo algo muito importante, e eu não queria que

voltassem atrás. Fiquei com medo de pensarem de repente: “Ela não passa de uma garota de 23 anos. O que entende sobre casos de assassinato? O que sabe sobre qualquer coisa?” Então Connie e eu achamos que, se uma pessoa experiente se envolvesse, daria um grau de credibilidade à minha ideia. Aí pensamos em você. Connie disse que ninguém entende mais sobre assassinatos do que você, e que o artigo que ela havia escrito o tinha tornado meio famoso, de modo que sua participação seria perfeita.

- Você mostrou o artigo ao Getz?

- Quando liguei para ele ontem, para falar que você tinha concordado em me ajudar, acho que o mencionei.

- E o Robby Meese?

- O que é que tem?

- Você esperava que eu pudesse ajudá-la a lidar com ele, também?

- Talvez. Talvez eu esteja com mais medo dele do que dei a entender.

A longa experiência de Gurney como policial lhe ensinara que a mentira pode vir embrulhada em diversos tipos de pacote, alguns elaborados e outros feitos às pressas, mas que a verdade em geral é muito simples, independentemente das complexidades da vida. Agora ele sentia essa espontaneidade na voz de Kim. Isso o fez sorrir.

- Então eu deveria ser seu consultor sobre assassinatos, detetive celebridade, fornecedor de credibilidade, coapresentador de um reality show e guarda-costas contra um perseguidor. Mais alguma coisa?

Ela hesitou.

- Já que estou sendo exposta como uma manipuladora ridícula, devo confessar outra esperança maluca: que sua presença na reunião com Larry Sterne poderia convencê-lo a participar, afinal de contas.

- Por quê?

- Isso vai parecer a maior manipulação de todas: eu achei que, já que você é um famoso detetive de homicídios, Larry talvez pensasse que a caçada ao assassino tivesse sido reinstaurada, e ter uma nova esperança de colocar as mãos no assassino poderia convencê-lo a participar.

- Então, além de todo o restante, eu deveria ser seu especialista em casos arquivados seguindo a trilha do Bom Pastor?

Ela suspirou.

- Ridículo, não é?

Ele não respondeu, e Kim não o pressionou.

Em algum lugar acima deles, em meio às densas nuvens, a rotação das hélices de um helicóptero ficou mais forte, depois mais fraca e em seguida sumiu.

Contrastando com as dramáticas águias de Rudy Getz, na entrada de veículos de Larry Sterne havia apenas uma caixa de correio comum ao lado de uma abertura num muro baixo de pedras. A casa, um dos chalés do século XVIII típicos da área, ficava depois de uns 60 metros de um gramado comum. Kim parou o Miata perto de uma garagem à parte.

Quando os dois chegaram à porta da frente, foram recebidos por um homem de estatura e peso medianos que parecia ter cerca de 40 anos. Ele vestia uma camisa de golfe, um cardigã amarrotado, calças largas e sapatos caros, tudo em tons de marrom que combinavam perfeitamente com seu cabelo castanho-claro.

Segundo as informações que Gurney se lembrava de ter visto na pasta azul de Kim, Larry Sterne era, como seu pai – que tinha sido vítima de assassinato e cuja clínica ele havia assumido –, um dentista da elite.

– Kim – disse ele, sorrindo –, que bom ver você de novo. Esse é o detetive Gurney?

– Detetive *aposentado* – corrigiu Gurney.

Sterne sorriu de modo afável, como se estivesse feliz com a distinção.

– Podem entrar, vamos nos acomodar na sala.

Depois de dizer isso, ele os levou a um cômodo bem iluminado, com um piso de tábuas largas e mobiliado com antiguidades de bom gosto.

– Não quero ser grosseiro, Kim, mas não estou com muito tempo hoje, então vamos tentar ir direto ao ponto – continuou ele.

Os três se sentaram em grandes poltronas em volta de um tapete circular, diante de uma lareira de pedra. Os restos vermelhos de carvão conferiam um calor agradável ao ambiente.

– Sei o que o senhor acha da RAM-TV – disse Kim bastante séria. – Mas acho importante falarmos mais uma vez sobre suas objeções, para tentarmos resolvê-las.

Sterne sorriu com paciência e falou como se estivesse se dirigindo a uma criança:

– Estou sempre disposto a ouvi-la, e espero o mesmo de você.

O tom suave do sujeito deixou Gurney sem saber o que pensar dele.

– Claro – respondeu Kim, pouco convincente.

Ele se inclinou um pouco para a frente, a própria imagem da educação.

– Pode começar.

– Está bem. Em primeiro lugar, quem vai estabelecer o formato e o estilo da série serei eu. Então, o senhor não estará lidando com a impessoalidade de uma empresa. Sou eu quem fará as entrevistas. Em segundo lugar, 95 por cento do que será veiculado será formado pelo que os filhos das vítimas, pessoas como o senhor, me disserem. Suas respostas às minhas perguntas serão o que importa. O conteúdo do programa será, em sua quase totalidade, constituído de suas próprias palavras. Em terceiro lugar, não tenho interesse pessoal em nada além da verdade, ou seja, o verdadeiro impacto do assassinato sobre uma família. Por último, a RAM-TV pode ter seu próprio objetivo como uma corporação, mas nesse caso ela é apenas o veículo, o canal de comunicação, o meio. *O senhor* é a mensagem.

Sterne deu um sorriso paciente.

– Muito eloquente, Kim, mas continuo preocupado. Vou usar sua técnica de enumeração para expor meus argumentos. Em primeiro lugar, a RAM-TV não é uma organização boazinha. É o exemplo máximo de tudo o que há de errado com a imprensa atualmente, a porta-voz dos piores sentimentos, aqueles que geram mais discórdia na sociedade. Ela glorifica a agressividade e considera a ignorância uma virtude. Conduzir à verdade pode até ser a sua prioridade, mas com certeza não é a deles. Em segundo lugar, eles têm mais experiência em manipular pessoas como você do que você tem em lidar com pessoas como eles. Não existe nenhuma chance de você conseguir ter o controle sobre sua série. Sei que está pedindo aos participantes que assinem contratos de exclusividade, mas não fique surpresa se a emissora descobrir algum modo de passar por cima disso. Em terceiro lugar, mesmo que a RAM-TV não tivesse objetivos escusos, eu ainda aconselharia você a abortar o projeto. Sua ideia é muito interessante, mas também pode gerar muita dor. O preço a pagar é muito maior do que a recompensa a ser recebida. Você tem boas intenções, mas elas podem criar um grande sofrimento, principalmente quando você torna públicos sentimentos particulares. Por último, minha experiência pessoal

permanece, depois de todos esses anos, como uma prova cabal de tudo o que estou dizendo. Há dezenove anos, quando eu estava na faculdade de odontologia, uma amiga muito próxima, de outra universidade, foi assassinada. Eu lembro que a cobertura da imprensa foi sensacionalista, superficial, barata, absolutamente nojenta. E absolutamente típica. O mais triste é que o público favorece a produção desse tipo de reportagem. A demanda por lixo é maior do que a busca por coberturas sensíveis, inteligentes. É a natureza do negócio, a natureza da audiência. Primeira Aula de Economia do Jornalismo.

Os dois continuaram a conversa por mais algum tempo, ambos reafirmando os pontos que já haviam exposto, com a cordialidade ocultando o fato de que não concordavam um com o outro. A discussão acabou quando Sterne viu a hora e se desculpou por não poder continuar.

– O senhor vai ao consultório na cidade todo dia? – perguntou Gurney.

– Só uma ou duas vezes por semana. Atualmente eu coloco muito pouco a mão na massa. Na verdade, a clínica é uma sólida empresa médico-odontológica, e eu sou mais uma espécie de chefe do conselho do que um dentista. Tive a sorte de encontrar bons sócios e gerentes eficientes. Por isso passo a maior parte do tempo envolvido com organizações médicas e odontológicas externas, instituições de caridade e coisas assim. Nesse aspecto, sou um homem muito afortunado.

– Larry, querido...

Na entrada da sala estava uma mulher alta, em ótima forma, de olhos amendoados. Ela apontava para um delicado relógio de ouro no pulso.

– Sim, Lila, eu sei. Meus convidados já estão indo embora.

Ela sorriu e se retirou.

Enquanto Sterne acompanhava Kim e Gurney até a porta da frente, insistiu que ela mantivesse a mente aberta e permanecesse em contato. Depois de apertar a mão de Gurney e sorrir com educação, disse:

– Espero que em algum momento futuro tenhamos a oportunidade de conversar sobre sua carreira na polícia. A matéria da mãe de Kim fez com que parecesse fascinante.

Foi nesse momento que Gurney percebeu quem o sujeito o fazia lembrar. Mister Rogers, o apresentador de TV.

Mister Rogers com uma esposa saída do harém de um sultão.

Capítulo 10

Um ponto de vista drasticamente diferente

Quase saindo da entrada de veículos de Sterne, mesmo com a ausência de tráfego, Kim parou o carro antes de seguir em direção à estrada.

– Antes que você pergunte – anunciou ela em tom de confissão –, a resposta é sim. Quando marquei o encontro e disse que você vinha comigo, mandei o link para a matéria de Connie.

Gurney ficou em silêncio.

– Está chateado porque fiz isso?

– Estou me sentindo no meio de uma escavação arqueológica.

– Como assim?

– Toda hora um pedacinho novo da história surge no meio da poeira. Fico imaginando o que virá em seguida.

– Nada. Pelo menos nada em que eu consiga pensar. Seu trabalho era assim?

– Assim como?

– Uma escavação arqueológica?

– Em alguns momentos, era.

De fato, essa era uma imagem que lhe ocorria com frequência: descobrir as peças do quebra-cabeça, espalhá-las à sua frente, estudar suas formas e texturas, tentar montá-las, procurar padrões. Às vezes isso podia ser demorado, mas em geral ele precisava agir depressa, como num caso de assassinatos em série, quando a demora em encontrar e interpretar as pistas poderia significar mais assassinatos.

Kim pegou o celular, olhou para a tela e encarou Gurney.

– Sabe, estou aqui pensando... Como ainda não são nem três horas, será que você estaria disposto a participar de mais um encontro antes que eu o leve para casa? – Quando ele ia responder, ela acrescentou depressa: – Seria no caminho, então não levaria muito tempo.

– Preciso estar em casa até as seis.

Isso não era totalmente verdade, mas ele queria impor um limite.

– Acho que tudo bem – disse ela, então digitou um número no celular e depois segurou o telefone junto ao ouvido, esperando que atendessem. – Roberta? Oi, aqui é Kim Corazón.

Um minuto depois, após uma conversa brevíssima, Kim agradeceu e eles partiram.

– Pareceu fácil – comentou Gurney.

– Roberta adorou a ideia do documentário desde o primeiro contato que fiz com ela. É bastante extrovertida em relação aos próprios sentimentos e opiniões. Com a possível exceção de Jimi Brewster, é a participante mais empolgada.

Roberta Rotker morava perto do vilarejo de Peacock, numa casa de tijolos que parecia uma fortaleza e ficava bem no meio de um campo. O terreno fora aparado bem rente, ficando parecido com um gramado. Não havia árvores, nem arbustos, nem qualquer planta rasteira. A propriedade era rodeada por uma cerca de arame de 2 metros de altura e dentro dela havia câmeras de segurança montadas em postes a intervalos regulares. O pesado portão de entrada era do tipo deslizante, comandado eletricamente a partir da casa.

Quando se aproximaram dele, o portão se abriu, revelando uma entrada de veículos coberta de macadame que levava a uma área de estacionamento do mesmo material, diante de uma garagem de tijolos com capacidade para três carros. O lugar tinha uma atmosfera institucional, como uma espécie de esconderijo operado por uma agência do governo. Gurney contou mais quatro câmeras de segurança: duas nos cantos da frente da garagem e duas debaixo das calhas da casa.

A mulher que abriu a porta da frente parecia tão sistemática quanto a construção. Usava uma camisa xadrez e uma calça de sarja escura. O estilo

pouco lisonjeiro de seu cabelo curto e louro revelava sua falta de interesse pela aparência. O olhar que fixou em Gurney não era nem um pouco caloroso – ela o fez pensar num policial, e a pistola SIG Sauer 9 milímetros presa ao coldre em sua cintura só reforçou a impressão.

Ela apertou a mão de Kim do jeito firme que as mulheres que trabalham em profissões tradicionalmente masculinas em geral adotam. Quando Kim lhe apresentou Gurney e lhe explicou que ele era “consultor” do projeto, Roberta Rotker fez um aceno rápido com a cabeça para ele, deu um passo para trás e sinalizou que entrassem.

A construção tinha uma estrutura de casa colonial americana, com o tradicional corredor no centro, embora sem nenhum adereço, sendo apenas uma passagem vazia que levava da porta da frente à dos fundos. À esquerda havia duas portas e uma escada, e à direita, três portas, todas fechadas. Aquela não era uma casa que revelasse nenhuma informação à toa.

Enquanto Roberta conduzia Gurney e Kim à primeira porta à direita, fazendo-os entrar numa sala de estar decorada em estilo minimalista, ele perguntou:

– A senhora trabalha para alguma agência de polícia?

Ela só falou depois de ter fechado a porta com firmeza:

– Por que meu trabalho lhe interessa?

Gurney deu um sorriso afável.

– Só estou curioso em saber se a arma em sua cintura é exigência do serviço ou preferência pessoal.

– As duas coisas. Podem ficar à vontade – disse Roberta, apontando para um sofá com almofadas duras que fez Gurney se lembrar do que ficava na sala de espera da clínica onde Madeleine trabalhava três vezes por semana. Quando ele e Kim já estavam instalados, ela continuou: – É uma preferência pessoal porque faz com que eu me sinta melhor. E também é uma exigência, levando-se em consideração o mundo em que vivemos. Acredito que o trabalho de uma cidadã responsável seja reagir à realidade. Isso satisfaz sua curiosidade?

– Em parte.

Ela o encarou.

– Estamos em *guerra*, detetive. Em guerra com criaturas que não têm

nossa capacidade de discernir o certo do errado. Se não as pegarmos, elas nos pegarão. Essa é a realidade.

Gurney refletiu, talvez pela milésima vez na vida, a respeito de como a emoção cria sua própria lógica, como a raiva é, invariavelmente, a mãe da certeza. Sem dúvida, uma das grandes ironias da natureza humana é o fato de que quanto mais desorientados ficamos por conta de nossas paixões, mais certeza temos da clareza de nossa visão.

– Você já foi policial – continuou Rotker –, então sabe do que estou falando. Nós vivemos num mundo onde o luxo é caro e a vida é barata.

Essa declaração sombria levou a um silêncio profundo, que Kim rompeu animadamente com o objetivo de mudar o tom da conversa:

– Ah, falando em armas, eu queria contar ao Dave sobre seu estande de tiro. Talvez você possa mostrá-lo a ele. Aposto que ele adoraria ver.

– Por que não? – assentiu Rotker, sem hesitação nem entusiasmo. – Venham comigo.

Ela os conduziu pelo corredor em direção à porta dos fundos. Quando passaram por ela, Gurney viu um canil enorme, que devia ter metade do tamanho da casa. Quatro Rottweilers musculosos irromperam numa balbúrdia furiosa que parou no instante em que a dona gritou um comando em alemão.

Depois do canil, num campo atrás da casa, uma construção estreita e sem janelas se estendia na direção da cerca dos fundos. Rotker destrancou a porta metálica e acendeu as luzes. Dentro havia um estande básico de tiro, com uma única posição de disparo e um suporte de alvos motorizado.

Ela foi até o fim do estande e encostou o dedo no interruptor na parede ao lado da mesa. Um alvo de papel com uma imagem estilizada do tamanho de um homem, já suspenso no transportador de arame, começou a se mover e parou na marca de 6 metros.

– Quer tentar, detetive?

– Prefiro observar a senhora – respondeu ele, sorrindo. – Tenho a sensação de que é boa.

Ela retribuiu o sorriso friamente.

– O suficiente para a maioria das situações.

Em seguida, Roberta encostou o dedo de novo no interruptor e o alvo começou a se afastar mais, parando no fundo do estande, na marca de 15

metros. Ela pegou protetores de ouvido e óculos de segurança num gancho na parede e os colocou, olhando para Gurney e Kim.

– Desculpem, não há equipamentos extras. Quase nunca tenho espectadores.

A mulher tirou sua SIG do coldre, verificou o pente, destravou-a e por um momento ficou totalmente imóvel, com a cabeça inclinada para o lado como um mergulhador olímpico antes do momento crucial do salto. Então fez algo que Gurney soube que nunca mais esqueceria.

Ela gritou – um som furioso, bestial, que mais parecia um raio irrompendo no ambiente que a palavra “PORRA!”. Enquanto o grito saía de sua garganta, Roberta levantou a pistola num movimento súbito e, sem qualquer intenção visível de mirar, disparou todas as quinze balas do pente em menos de 4 segundos, pelo que Gurney calculou.

Depois baixou a arma devagar, colocou-a na mesa, tirou os óculos de segurança e os protetores de ouvido e pendurou-os na parede de forma meticulosa. Em seguida levou a mão ao interruptor e o alvo deslizou do fundo do estande até a mesa. Ela o soltou com cuidado, com um sorriso plácido no rosto, aparentemente em pleno controle de si mesma.

Levantou o alvo para que Gurney o avaliasse. A área normal de alvo – o centro do corpo humano – estava intocada. Na verdade, não havia nenhum buraco de bala em qualquer lugar da silhueta a não ser um.

O centro da testa tinha sido destruído.

Capítulo 11

O estranho resultado

Kim e Gurney estavam no Miata dela, passando pelo povoado quase inexistente de Peacock a caminho da estrada do condado, que os levaria através de uma sucessão de morros e vales a Walnut Crossing. Eram pouco mais de cinco horas, as nuvens estavam ficando menos densas e a garoa havia enfim passado.

– Fiquei muito mais chocado com aquilo do que você – comentou Gurney. Kim o avaliou.

– Isso faz você concluir que eu já a tinha visto atirar antes? Está certo.

– Foi por isso que você sugeriu que ela me mostrasse o estande? Para que eu pudesse ver com meus próprios olhos o pequeno espetáculo?

– Foi.

– Bom, causou uma tremenda impressão.

– Quero que você veja tudo. Ou, pelo menos, o máximo que tiver tempo de ver.

Os dois ficaram em silêncio. Na opinião de Gurney, ele já tinha visto muito. Era difícil acreditar que tinha sido apenas na manhã do dia anterior que Connie Clarke ligara para ele. Era atordoante. O projeto era bizarro, assim como seu envolvimento nele.

Ele acordou quando Kim entrava na estradinha que serpenteava pela montanha até sua casa.

– Nossa... Eu não pretendia cair no sono.

– Dormir é bom – disse ela, parecendo cansada e séria.

Três cervos subiram correndo por um barranco à frente deles.

– Você já atropelou algum? – quis saber Kim.

Alguma coisa no modo como ela enunciou a pergunta o fez olhá-la com curiosidade.

Tinha acontecido seis meses antes. Uma corça havia atravessado a Rota 10 bem na frente dele, saindo da floresta no lado esquerdo da estrada e indo para um campo aberto à direita. Assim que ele chegou ao lugar onde ela havia passado, seu filhote apareceu correndo pelo mesmo caminho.

Gurney se encolheu com a lembrança da pancada, ainda vívida em sua mente.

Pensou em si mesmo levando o carro para o acostamento, depois descendo e voltando na direção do corpinho retorcido, aqueles olhos abertos e sem vida. A corça parada no campo, olhando para trás, esperando. Na época ele ficara muito triste e horrorizado com o acontecimento, e podia sentir a mesma coisa agora.

Kim passou por uma fazenda caindo aos pedaços no morro, com uma dúzia de vacas malcuidadas e meia dúzia de carros enferrujados.

– Você se dá bem com seus vizinhos? Tem amizade com eles? – perguntou ela.

Gurney respondeu com um misto de grunhido e risada:

– Com alguns, sim. Com outros, não.

Quase um quilômetro à frente, avistaram o celeiro vermelho da propriedade de Gurney no fim da estrada, perto do lago.

– Pode me deixar aqui – pediu ele. – Quero ir andando pelo pasto. Isso vai me fazer acordar, clarear as ideias.

Ela franziu a testa.

– O capim parece molhado.

– Não faz mal. Vou tirar os sapatos quando chegar em casa.

Ela parou na frente do celeiro e desligou o motor, deixando a mão na chave, com uma expressão estranhamente preocupada.

Em vez de descer, Gurney continuou dentro do carro, sentindo que Kim tinha algo a dizer.

– Então... – começou ela. Parou e depois recomeçou: – Então... em que pé estamos?

Gurney deu de ombros.

- Você me contratou por um dia. O dia acabou.
- Alguma chance de contratá-lo para mais um?
- Para fazer o quê?
- Conversar com Max Clinter.
- Por quê?
- Porque não consigo entendê-lo. É como se ele *soubesse* algo sobre o caso do Bom Pastor. Alguma coisa terrível. Mas não sei se é isso mesmo ou se é só uma loucura da cabeça dele, algum tipo de ilusão. Então, considerando a experiência de vocês na polícia, talvez ele possa ser mais direto com você, especialmente se eu não estiver lá, se forem só os dois falando de policial para policial.
- Onde ele mora?
- Você topa? Vai falar com ele?
- Eu não disse isso. Perguntei onde ele mora.
- Próximo ao lago Cayuga. Bem perto da desastrosa perseguição de carro que ele fez. Isso contribui para minha preocupação, porque me faz achar que ele é meio pirado.
- Como assim? Porque ele mora lá?
- Por causa do *motivo* que o levou a morar lá. Clinter diz que é o lugar onde ele e o Bom Pastor se cruzaram e que é onde o carma vai juntá-los de novo.
- E esse é o cara com quem você quer que eu fale?
- Doido, não é?

Gurney prometeu pensar a respeito.

- Garanto que você vai achá-lo... interessante – completou Kim.
- Veremos. Eu aviso você.

Então ele saiu do carro, viu-a dar a volta e retornar pela estradinha.

A caminhada curta pelo pasto funcionou como um ótimo intervalo da agitação do dia, inundando suas narinas com os aromas do início da primavera: a doçura complexa da terra molhada, o ar puro o suficiente para limpar a alma, liberando o caminho entre a mente e a verdade das coisas.

Ou pelo menos pareceu – até entrar em casa, ir ao banheiro, lavar o rosto e Madeleine perguntar como havia sido seu dia.

Ele lhe contou, o mais detalhadamente possível, sobre as três peculiares reuniões a que fora com Kim: primeiro com Rudy Getz e sua patinadora,

depois com Larry Sterne e seu cardigã de Mister Rogers e em seguida com Roberta Rotker e sua exibição descarada de especialista em tiro. E ainda falou tudo o que sabia sobre Max Clinter, a figura peculiar e trágica cuja vida fora mudada para sempre pelo Bom Pastor.

Estava sentado à mesa perto da porta de vidro enquanto Madeleine picava legumes numa tábua junto à pia.

– Kim quer me contratar por mais um dia. Não tenho a mínima ideia do que fazer.

Madeleine cortou a extremidade de uma grande cebola roxa.

– Como está seu braço?

– O quê?

– Seu braço. O ponto dormente. Como está?

– Não sei. Quero dizer, eu não tive... – Sua voz ficou no ar enquanto ele esfregava o braço e o pulso. – Está bem... Na mesma, eu acho. Por quê?

Ela revirou a cebola na mão e tirou duas camadas duras da casca.

– E a dor na lateral do corpo, como está?

– Por enquanto está melhor. Ela vem e vai.

– A intervalos de cerca de dez minutos, não foi isso que você me disse?

– Isso.

– E com que frequência sentiu hoje?

– Não sei direito.

– Não sabe nem se sentiu?

– É, nem reparei.

Ela assentiu com a cabeça, cortou uma grande abobrinha ao comprido, pôs as metades na tábua e começou a parti-las em meias-luas.

Ele piscou, encarou-a e pigarreou.

– Então o que você está dizendo é que eu deveria aceitar a proposta de Kim de me contratar por mais um dia?

– Eu disse isso?

– Acho que sim.

Houve um longo silêncio. Madeleine cortou uma beringela, uma abóbora e um pimentão vermelho, depois colocou tudo numa tigela grande, que levou ao fogão, e em seguida jogou todos os ingredientes numa frigideira larga e funda com óleo.

– Ela é uma mulher interessante – comentou.

- Em que sentido?
- É inteligente, bonita, ambiciosa, delicada, cheia de energia... não acha?
- Hum... Sem dúvida ela não é nada superficial.
- Talvez você devesse apresentá-la ao Kyle.
- Meu filho?
- Não conheço nenhum outro Kyle.
- O que faz você pensar...?
- Acho que os dois combinam, só isso. Eles têm personalidades diferentes, mas na mesma sintonia.

Gurney tentou imaginar a química entre eles e em menos de um minuto desistiu do esforço. Eram possibilidades de mais e dados de menos. Invejava a intuição de Madeleine, que lhe permitia vencer todas as incógnitas que o deixavam paralisado.

Capítulo 12

A loucura de Max Clinter

“Destino à direita.”

O GPS de Gurney tinha acabado de levá-lo a um cruzamento sem placas, onde uma estradinha de terra se ligava à estrada pavimentada que ele percorrera por mais de 3 quilômetros sem ver uma única casa que não estivesse caindo aos pedaços.

De um lado da estrada ficava um portão de aço aberto e do outro havia um carvalho morto, com o desenho de um raio entalhado na casca e um esqueleto humano – ou pelo menos uma réplica bastante convincente, presumiu Gurney – pregado ao tronco. Pendurada no pescoço do esqueleto havia uma placa pintada à mão: O ÚLTIMO INTRUSO.

Levando em consideração o que Gurney sabia sobre Max Clinter, inclusive a impressão que tivera durante a conversa telefônica com ele naquela manhã, a placa não era surpreendente.

Ele pegou a estradinha esburacada, que passava por cima de um grande lago como se fosse uma espécie rudimentar de ponte. Depois do lago, atravessou um bosque de bordos e em seguida chegou a uma cabana de troncos construída num trecho elevado de terra, cercada por uma vastidão de água e grama alta.

Ao redor da cabana havia uma curiosa faixa de mato emaranhado, parecendo um fosso, limitada por uma cerca de tela de malha fina. O caminho até a entrada da casa passava por essa trilha de vegetação e era separado dela por um trecho de cerca de cada lado. Enquanto Gurney absorvia isso, especulando qual seria o propósito, a porta da cabana se

abriu e um homem desceu um pequeno degrau de pedra. Vestia uma camisa e uma calça de tecido camuflado que destoavam espantosamente de seu par de botas de couro de cobra, e tinha uma aparência severa.

– Serpentes – disse ele com uma voz grave.

– Como?

– No mato. Era nisso que você estava pensando, não era? – Ele tinha um sotaque estranho e seus olhos estavam fixos nos de Gurney. – Pequenas cascavéis. As menores são as mais perigosas. A notícia se espalha. É um excelente modo de deter intrusos.

– Eu nunca imaginaria que elas seriam úteis, já que hibernam no frio – retrucou Gurney em tom agradável. – O senhor deve ser o Sr. Clinter, certo?

– Maximilian Clinter. O frio só é um problema para as cobras *reais*. É a *ideia* de sua presença que mantém as visitas indesejáveis a distância. O clima não afeta as serpentes que estão na cabeça delas. Entendeu, Sr. Gurney? Eu o convidaria para entrar, mas nunca faço isso. Não consigo. Estresse pós-traumático. Se o senhor estivesse aqui dentro, eu teria que ficar aí fora. Para mim, duas pessoas já são uma multidão. Não consigo respirar. – Ele riu de uma forma meio louca. Seu sotaque, percebeu Gurney, era algo que ia e vinha, como o de Marlon Brando em *Duelo de gigantes*. – Só recebo meus convidados ao ar livre. Espero que não se ofenda. Venha comigo.

Ele conduziu Gurney pela lateral da cerca até uma área malcuidada nos fundos da cabana. Do outro lado de uma mesa de piquenique, parado à beira do pântano, havia um Humvee militar original pintado de bege.

– Você usa essa coisa? – perguntou Gurney.

– Em ocasiões especiais.

Clinter piscou com ar cúmplice enquanto se sentava à mesa. Pegou um par de exercitadores de mão de cima do banco e começou a apertá-los.

– Fique à vontade, Sr. Gurney, e diga qual é seu interesse no caso do Bom Pastor.

– Eu lhe disse pelo telefone. Pediram que eu...

– Desse uma olhada no lindo trabalho da emotiva Srta. Coração?

– Srta. Coração?

– *Corazón* significa “coração”. É espanhol básico, mas tenho certeza que o senhor já sabia. É um nome perfeito para ela, não acha? Coisas do coração,

paixões desenfreadas, o coração sangrando pelas vítimas dos crimes... Mas o que isso tem a ver com Maximilian Clinter? – Nesta última pergunta o sotaque transitório sumiu e os olhos do sujeito assumiram uma expressão penetrante, firme.

Gurney precisou decidir rapidamente como prosseguiria e optou pela abordagem franca:

– Kim acha que você sabe de mais coisas sobre o caso do que está dizendo. Ela não consegue entendê-lo. Acho que você a faz se cagar de medo. – Gurney poderia jurar que Clinter ficou satisfeito com isso mas não quis demonstrar. Ele sentiu que o próximo passo era pôr as cartas na mesa: – O negócio é que fiquei impressionado com a história de seu desempenho em Buffalo. Se metade do que ouvi é verdade, você é um sujeito talentoso.

Clinter sorriu.

– Grande Mel.

– O quê?

– Era o apelido do Frankie Benno na máfia.

– Porque era um sujeito doce?

Os olhos de Clinter brilharam.

– Por causa de seu hobby. Ele criava abelhas.

Gurney riu ao pensar nisso.

– E você, Max? Que tipo de homem você é? Ouvi dizer que lida com armas especiais.

Clinter lançou-lhe um olhar astuto, as mãos se exercitando rapidamente, quase sem esforço.

– Itens de coleção desativados.

– Quer dizer, armas que não funcionam mais?

– Todo o material militar de grande porte é praticamente impossível de ser disparado hoje em dia. Também tenho umas peças menores, bem interessantes, que funcionam, mas não sou comerciante. Para ser, precisaria de uma licença federal, por isso não sou. Aos olhos da lei, sou o “praticante de um hobby” que às vezes vende algo de sua coleção pessoal a outro praticante do mesmo hobby. Entendeu?

– Acho que sim. E que tipo de armas você vende?

– Modelos incomuns. E, em cada caso, tenho que sentir que aquela é a arma certa para o tipo de indivíduo em questão. Sempre deixo isso

perfeitamente claro. *Se você só quer a merda de uma Glock, vá à porra de um Walmart.* Essa é minha filosofia com relação às armas de fogo, e nunca escondi isso. – O sotaque estava voltando aos poucos. – Já se você quiser uma metralhadora Vickers usada na Segunda Guerra Mundial, desativada ou não, com um tripé antiaéreo combinando, talvez possamos conversar, considerando que você seja um praticante do hobby assim como eu.

Gurney se virou preguiçosamente no banco para olhar a água marrom do pântano. Bocejou e se espreguiçou, depois sorriu para Clinter.

– Então me diga: você sabe alguma coisa sobre o caso do Bom Pastor, como Kim acredita, ou tudo não passa de papo furado?

O sujeito encarou Gurney por um longo tempo antes de responder:

– O fato de todos os carros serem pretos é papo furado? O fato de duas vítimas terem estudado na mesma escola no Brooklyn durante o ensino médio é papo furado? E o fato de os assassinatos do Bom Pastor terem triplicado a audiência e os lucros da RAM-TV? E o fato de o FBI ter erguido um verdadeiro muro de silêncio em volta do caso?

Gurney levantou as mãos, perplexo.

– Em que direção tudo isso aponta?

– Na direção do mal, Sr. Gurney. Por trás desse caso existe um mal incrível. – Suas mãos apertavam e soltavam os exercitadores com movimentos tão rápidos que pareciam convulsivos. – Aliás, você sabia que existem pessoas com a cabeça tão ferrada que têm orgasmos assistindo a vídeos de acidentes com carros? Sabia disso?

– Acho que alguém fez um filme sobre isso nos anos 1990. Mas você não acha que o caso do Bom Pastor tem a ver com isso... Ou acha?

– Eu não acho nada. Só tenho perguntas. Um monte delas. Será que a polícia interpretou o manifesto de forma equivocada? Será que nosso Clyde tinha uma Bonnie no carro junto com ele? Será que a chave de tudo isso é o conjunto de seis bichinhos da Arca de Noé? Será que existem ligações secretas entre as vítimas que ninguém enxergou ainda? Será que foi a riqueza em si que pintou o alvo nas costas delas ou foi o modo como elas a obtiveram? Bom, essa é uma pergunta interessante, não acha? – disse ele piscando para Gurney. Era bem claro que não estava interessado na resposta, absorvido pelo barato causado por seu exercício retórico. – São perguntas demais. Será que o pastor poderia ser uma pastora, uma Bonnie

agindo por conta própria, uma maluca cheia de ressentimentos contra os ricos?

Clinter ficou em silêncio. O único som era o guinchado repetitivo das molas dos exercitadores.

– Suas mãos devem estar ficando muito fortes – comentou Gurney.

O outro mostrou um sorriso feroz.

– Na última vez em que encontrei o Bom Pastor, estava terrivelmente, vergonhosamente, tragicamente despreparado. Na próxima oportunidade não será assim.

Gurney teve uma visão momentânea do clímax de *Moby Dick*: Ahab segurando o arpão e cravando-o nas costas da baleia. Ahab e o gigantesco animal embolados, desaparecendo para sempre nas profundezas do mar.

Capítulo 13

Massacre em série

Quando Gurney já estava a alguns quilômetros da estranha cabana de Clinter, com suas serpentes reais ou imaginárias, seu fosso pantanoso, seu esqueleto sentinela, parou no acostamento de um retorno. O local era perto do topo de uma plácida colina com vista para a extremidade norte do lago Cayuga, de um azul tão brilhante quanto o céu.

Ele pegou o telefone, ligou para Jack Hardwick e foi atendido pela caixa postal.

– Olá, Jack. Acabei de bater um papo com o Sr. Clinter e preciso da sua opinião sobre duas coisas. Me ligue assim que puder. Obrigado.

Depois, ligou para Kim.

– Dave?

– Oi. Estou aqui perto de seu bairro cuidando de umas coisas e achei que seria legal fazer uma visita a Robby Meese. Você tem o endereço e o telefone dele?

– O que... o que você quer falar com ele?

– Existe algum motivo para você não querer que eu faça isso?

– Não. É só que... não sei... Claro, está bem, só um instante. – Em menos de um minuto ela voltou à linha. – Ele tem um apartamento em Tipperary Hill, na rua South Lowell, número 3.003. – Então lhe ditou um número, que Gurney anotou. – Lembre que ele está usando o nome Montague, não Meese. Mas... o que você vai fazer?

– Só umas perguntas para ver se descubro algo que faça sentido.

– Sentido?

– Quanto mais fico sabendo sobre seu projeto, ou sobre o caso em que ele se baseia, mais confusas as coisas ficam. Estou ansioso por um pouco de clareza.

– Clareza? Você acha que vai conseguir isso com *ele*?

– Talvez não diretamente, mas ele parece ter um papel em nossa pequena peça, e não saber de fato quem diabo ele é me deixa desconfortável.

– Eu lhe contei tudo o que sei sobre ele.

Ela pareceu magoada, na defensiva.

– Tenho certeza disso – retrucou Gurney.

– Então por que...

– Se quer minha ajuda, Kim, precisa me dar alguma liberdade.

Ela hesitou.

– Está bem... acho. Mas tenha cuidado. Ele é... estranho.

– Caras que têm mais de um nome costumam ser.

Gurney desligou e o celular tocou quando ele o guardava no bolso. O nome J. HARDWICK apareceu na tela.

– Olá, Jack, obrigado por ligar de volta.

– Sou apenas um humilde servidor público, Sherlock. O que posso fazer pelo famoso detetive hoje?

– Não sei exatamente. O que você pode me conseguir do arquivo do caso do Bom Pastor?

– Ah, já vi tudo.

A voz dele tinha o tom astuto que Gurney detestava.

– Já viu tudo o quê?

– Sinto que alguns neurônios do Sherlock aposentado estão voltando à vida.

Gurney ignorou o comentário.

– Então, o que você pode conseguir?

Hardwick pigarreou com uma estridência capaz de revirar o estômago.

– Relatórios originais dos crimes, identificação e dados das vítimas, fotos dos danos das balas nos rostos e crânios... Falando nisso, acabei de me lembrar de uma história curiosa. Uma das vítimas, uma moça chique que trabalhava com imóveis, perdeu grande parte do maxilar e da cabeça com aquela bala de canhão da Desert Eagle. Um jovem da perícia, ao esmiuçar a cena do crime, fez uma descoberta que nunca mais vai esquecer. Um

pedaço do lóbulo da orelha da mulher, do tamanho de uma moeda, estava pendurado no galho de um arbusto na beira da estrada, com um brinco enorme de diamante ainda preso. Consegue visualizar isso, ás? É o tipo de coisa que costuma ficar na memória. – Ele parou por um instante, como se esperando que Gurney visualizasse. – Enfim, nós temos um monte de detalhes desses, além das descobertas dos legistas, dos relatórios da equipe de provas e de investigação, das análises de laboratório, do perfil do atirador traçado pelos peritos em análise comportamental do FBI, blá, blá, blá, toneladas de outras merdas, algumas acessíveis, outras não. Do que você precisa?

– Que tal tudo o que você conseguir me mandar sem se encrascar muito?

Hardwick respondeu com sua gargalhada típica.

– Tudo em que o FBI se envolve tem uma grande chance de dar merda, porque eles são um bando de escrotos arrogantes, fanáticos por controle. – Fez uma pausa. – Vou ver o que posso fazer. Vou mandar algumas coisas agora mesmo e outras mais tarde. Fique atento ao e-mail.

Hardwick era sempre solícito quando havia a possibilidade de violar regulamentos e pisar em calos sensíveis.

– Aliás – disse Gurney –, acabei de vir de uma reunião com um tal Sr. Clinter.

Hardwick deu outra risada, dessa vez mais alta ainda.

– Max deixou você impressionado?

– Você já foi à casa dele?

– Aquela com ossos, cobras, Hummers, esse tipo de bobagem?

– Parece que você não leva muito a sério as ideias do Sr. Clinter.

– Você leva?

– Ainda não sei o que pensar. Existe um quê de psicopatia na personalidade dele, mas existe um certo grau de fingimento também. É difícil descobrir onde termina uma coisa e começa outra. Ele disse alguma coisa sobre estresse pós-traumático. Por acaso você sabe se isso aconteceu por causa do incidente que provocou a demissão dele?

– Não. Foi depois da primeira Guerra do Golfo. O fogo amigo de um helicóptero acabou com um cara do lado dele. Na época Max bancou o durão, reprimiu os sentimentos, sei lá. Mas isso provavelmente assentou a base para o surto dele depois da história com o Bom Pastor. Quem sabe?

Talvez ele achasse que estava disparando contra a porra de um helicóptero naquela noite.

- Alguém deu alguma atenção às teorias dele sobre o caso?

- Ele não tinha teorias. Tinha ideias malucas, baseadas em qualquer merda que lhe viesse à cabeça. Você leva a sério algum louco que afirma que o número de pernas de uma cadeira multiplicado pelo místico número sete é igual ao número de dias de um mês lunar? Max não parava de falar esse tipo de bobagem.

- Então você não acha que ele tenha alguma contribuição real a dar?

Hardwick ficou pensativo e depois resmungou:

- As únicas coisas reais que Max é capaz de dar são ódio, obsessão e uma espécie maluca de inteligência.

Era uma combinação que Gurney já havia encontrado antes. Uma receita para o desastre.

Quinze minutos depois, perto de Auburn, após ter cruzado os morros que separavam o lago Cayuga do lago Owasco, Gurney parou numa loja de conveniência para encher o tanque e comprar um copo grande de café. Segundo o relógio do painel, eram 13h05.

Depois que abasteceu, Gurney pegou o recibo do combustível e levou o carro para o estacionamento a fim de tomar o café e planejar a entrevista com Meese-Montague.

Ouviu o celular tocar e, quando o pegou, viu que tinha recebido uma mensagem de texto: DÊ UMA OLHADA NO SEU E-MAIL.

Ao abrir a caixa de entrada, viu um e-mail de Hardwick que dizia: “Veja os documentos em anexo: ‘Relatórios de Incidentes (6)’, ‘Suplemento de Movimentos Anteriores’, ‘Relatórios do Programa de Apreensão de Criminosos Violentos do FBI’, ‘Resumo de Elementos Comuns’, ‘Fotos das Vítimas Antes da Autópsia’.”

O título de cada documento era composto de um número de um a seis, que aparentemente indicava sua posição na lista, além do sobrenome da vítima. Gurney selecionou o documento 1- MELLANI e começou a examinar suas 52 páginas.

Havia as observações do primeiro policial a chegar ao local, diagramas e fotos da cena do crime, reconstituição do incidente baseada nas evidências, relatório de danos ao veículo, relatório de coleta de provas, lista de veículos

e policiais que responderam ao chamado, relatório preliminar do legista e uma lista de testes de laboratório.

Se os outros cinco documentos fossem parecidos com esse primeiro, Gurney ainda teria mais de 350 páginas pela frente. Não era uma tarefa que pretendesse realizar na tela de três polegadas de seu celular.

Voltou à lista de anexos e escolheu o “Resumo de Elementos Comuns” – os fatores que conectavam os seis homicídios. Ficou satisfeito ao ver uma página com treze pontos concisos.

1. Os ataques ocorreram em fins de semana consecutivos, de 18 de março a 1º de abril de 2000.
2. Os ataques ocorreram dentro de uma janela de duas horas, das 21h11 às 23h10.
3. Os ataques ocorreram dentro de um retângulo de 320x80 quilômetros, estendendo-se da região central do estado de Nova York até Massachusetts.
4. Os ataques ocorreram em curvas para a esquerda, com boa visibilidade à frente.
5. A velocidade dos veículos na hora dos tiros era moderada, de 74 a 93 km/h.
6. Havia pouco ou nenhum trânsito, nenhuma testemunha conhecida, nenhuma câmera de vigilância, nenhum prédio comercial ou residencial por perto.
7. Os ataques ocorreram em estradas rurais secundárias que ligam importantes rodovias a comunidades de padrão elevado.
8. Os veículos das vítimas: Mercedes pretos de último modelo, classe superluxo (preço no varejo entre 82.400 dólares e 162.760 dólares).
9. Tiro único na cabeça do motorista, grandes danos cerebrais, morte praticamente instantânea.
10. Distância estimada do atirador à vítima em cada situação: de 1,80 metro a 3,60 metros.
11. Todas as balas recuperadas são Action Express calibre 50 – usadas apenas na pistola Desert Eagle.
12. Animais de plástico de um popular brinquedo infantil foram

encontrados nas cenas dos crimes. Na ordem em que surgiram: leão, girafa, leopardo, zebra, macaco, elefante.

13. A vítima era do sexo masculino em cinco dos seis ataques.

Quase todos os itens da lista suscitaram uma ou duas perguntas na mente de Gurney. Ele fechou o arquivo “Resumo de Elementos Comuns” e abriu o “Fotos das Vítimas Antes da Autópsia”, fazendo uma careta ao pensar no que viria a seguir. Eram doze imagens, duas de cada vítima: uma na cena do crime, ainda dentro do veículo, e uma do rosto na mesa de autópsia.

Gurney trincou os dentes ao passar por todas as fotografias. Pensou, não pela primeira vez, que policiais e médicos de emergência compartilham o “privilegio” de saber algo que 99 por cento da população jamais saberá: o que uma bala de grosso calibre é capaz de fazer com uma cabeça humana – reduzi-la a algo aterrorizante e repugnante. Pode transformar um crânio num capacete despedaçado, um couro cabeludo num chapéu maluco caído na testa. Pode conferir a um rosto uma imitação de humor ou surpresa. Torcê-lo numa expressão de idiotice ou horror digna de uma história em quadrinhos. Ou dinamitá-lo completamente – deixando apenas uma massa pastosa de miolos, buracos e dentes.

Gurney fechou o arquivo de fotos, saiu da caixa de entrada e pegou seu café. Estava frio. Tomou uns goles mesmo assim, depois deixou-o de lado e ligou para Hardwick.

- O que você quer agora, Sherlock?
- Obrigado pelo material. Foi rápido.
- Beleza. E o que você quer agora?
- Liguei para agradecer.
- Conta outra. O que você quer?
- Quero as informações que não foram documentadas.
- Parece que você está pensando que eu sei mais do que disse.
- Nunca conheci ninguém com uma memória melhor do que a sua. As merdas parecem grudar em seu cérebro, Jack. Acho que esse é seu maior talento.
- Vá se ferrar.
- De nada. Agora pode me fazer o favor de traçar um quadro rápido das vítimas? De onde elas estavam vindo quando levaram os tiros, por

exemplo?

– Primeira vítima, Bruno Mellani. Ele e a mulher, Carmella, estavam voltando de um batizado em Long Island para sua propriedade rural, em Chatham, Nova York. Na verdade, o batizado era uma oportunidade de fazer média com os sócios. Bruno só pensava em dinheiro e negócios. Dizia-se que ele podia ter ligações escusas, mas acho que era apenas um monte de caras do ramo imobiliário em Nova York, e os boatos provavelmente lhe fizeram até bem. A bala entrou pela janela lateral do Mercedes, arrancou mais ou menos um terço da cabeça dele, depois acertou Carmella e deixou-a em coma. O filho, Paul, e a filha, Paula, que na época ainda não tinham nem 30 anos, pareceram verdadeiramente abalados, então talvez Mellani tivesse suas qualidades como pai. É esse tipo de informação que você quer?

– O que lhe vier à mente.

– Certo. Segunda vítima: Carl Rotker. Ele estava indo para casa, num condomínio particular perto de Bolton Landing, na margem oeste do lago George. Era dono de um gigantesco depósito de material hidráulico em Schenectady, de onde voltava na hora do ataque. Como era bastante comum, o caminho de Carl havia sofrido um desvio até o apartamento de uma brasileira com metade da idade dele. O som do Mercedes estava no máximo, rodando um CD de Frank Sinatra. Sabemos disso porque aquela porra ainda estava a todo volume tocando “My Way” quando o policial encontrou o carro capotado na beira da estrada, com uma poça enorme do sangue de Carl acumulada no teto. Quer mais?

– Tudo o que você lembrar.

– Terceira vítima: Ian Sterne. Era um odontologista *muito* bem-sucedido: dono e principal dentista e empreendedor de uma clínica muito lucrativa que empregava mais de dez profissionais no Upper East Side, em Manhattan. O consultório era especializado em ortodontia, próteses cosméticas, cirurgia maxilofacial e plástica, basicamente uma fábrica que vendia sorrisos perfeitos a pessoas dispostas a trocar o dinheiro que tinham pela beleza que não tinham. O próprio doutor, uma criaturinha murcha, parecia um lagarto bastante inteligente. Tinha um relacionamento estável com uma jovem russa que era aluna de piano da Juilliard, a escola de música mais importante dos Estados Unidos. Havia boatos de que os dois tinham planos de se casar. O fim foi bem curioso: quando a bala

despedaçou o córtex cerebral de Ian e o grande Mercedes Classe-S acabou mergulhado num riacho próximo, a primeira coisa que o policial que atendeu ao chamado conseguiu ver, logo acima da água, iluminada pelo pisca-alerta que se acendeu com o impacto, foi a placa do carro de Ian: A SMILE 4U. Um sorriso para você. Satisfeito?

– Longe disso, Jack. Você é um contador de histórias muito talentoso.

– Vítima número quatro: Sharon Stone. Era uma próspera corretora de imóveis com um nome sensacional. Estava voltando para casa, na cidadezinha chique de Barkham Dell, vindo de uma grande festa com amigos poderosos do governo do estado. Morava numa estonteante construção colonial antiga com o filho gay de 27 anos e um jardineiro musculoso que, segundo boatos bastante conhecidos, estava envolvido com a mãe e com o filho. A Sra. Stone era dona do lóbulo de orelha perdido do qual falei antes.

Hardwick fez uma pausa, como se esperasse uma reação.

– Pode continuar – disse Gurney.

– A quinta vítima era James Brewster, um importante cirurgião cardíaco. A habilidade do sujeito, sua tremenda reputação e sua agenda lotada o fizeram enriquecer, acabaram com seus dois primeiros casamentos e transformaram seu filho numa pessoa reclusa, amarga e estranha que não falava com ele havia anos e pareceu bastante feliz quando ele morreu. Em sua última noite de vida ele estava voltando do Centro Médico Albany para casa, nas colinas próximas a Williamstown, uma região próspera de Massachusetts. Conduzindo seu Mercedes duas portas AMG na velocidade máxima permitida, o médico ditava sua resposta a um convite para uma palestra num congresso de cirurgias cardíacas em Aspen. Os cacos do gravador que ele estava usando ficaram sujos com seus miolos e espalhados no banco do carona. O fato de a ocorrência ter sido cerca de 3 quilômetros depois da divisa do estado de Massachusetts foi o que finalmente atraiu o FBI à cidade.

– O Bureau de Investigação Criminal não viu isso como um grande ponto positivo?

Desta vez o riso de Hardwick pareceu tuberculoso.

– O que nos leva ao *grand finale*. A sexta vítima era Harold Blum, um advogado que estava bem longe do topo da carreira e, aos 55 anos, não

parecia que iria muito mais longe. Era o tipo de cara que lutava para dar a impressão de que todo seu esforço valia a pena. Segundo a esposa, Ruthie, que tinha muito a dizer, Harold era um grande consumidor, sempre fazendo compras acima de suas posses, como se qualquer de suas aquisições fosse fazer alguma diferença, ou ao menos atrair uma classe melhor de clientes. Ela parecia gostar bastante dele. Na noite em questão ele estava voltando de seu escritório, em Horseheads, para casa, no lago Cayuga, em seu reluzente Mercedes sedã novinho em folha, cujas parcelas do consórcio, segundo a esposa, já estavam sufocando-o. De acordo com a reconstituição do incidente, o Bom Pastor, fiel a seu costume, veio pelo lado esquerdo e disparou um único tiro. O córtex visual de Harold provavelmente foi despedaçado antes que ele pudesse ao menos registrar o clarão saindo do cano da arma.

– E foi aí que Max Clinter entrou em cena?

– Isso. Max ouviu o tiro que matou Blum em alto e bom som. Ele estava parado ali perto e olhou pela janela do carro a tempo de vislumbrar o Mercedes de Blum derrapando para o acostamento e as luzes de ré do veículo do Bom Pastor se afastando da cena do crime. Então acelerou seu Camaro e pegou a estrada atrás dele, com os pneus cantando. O problema é que Max não estava sozinho nem sóbrio. Apesar de ser casado e ter três filhos, ele estava com uma garota de 21 anos que tinha conhecido uma hora antes, num bar universitário em Ithaca. Os dois estavam transando dentro do carro dele, atrás de um arbusto. Enfim, agora ele seguia a uns 170 quilômetros por hora no encalço do Bom Pastor, mas não tinha nenhum plano, nem celular, nem qualquer ideia de para onde estava indo. Era uma perseguição animal, pura, primitiva. A garota começou a chorar e Max mandou que calasse a boca, porque o criminoso estava conseguindo escapar. Agora ele estava fora de si, de tanto álcool, ego e adrenalina. Enfiou a mão no paletó, pegou sua Glock calibre 40, abaixou o vidro e começou a atirar no veículo à frente. Era uma coisa insana, totalmente arriscada e totalmente ilegal. A garota não parava de gritar e Max estava quase perdendo a cabeça por completo, assim como o controle do Camaro.

– Parece que você estava no banco de trás.

– Ele contou essa história a um monte de gente. Uma grande história.

– Quer dizer: um grande fim de carreira.

– Foi o que acabou acontecendo. Mas se o Max tivesse tido sorte e um daqueles tiros houvesse derrubado o Bom Pastor, se nenhum inocente tivesse se ferido ou se os ferimentos tivessem sido menos sérios, se seu nível de álcool no sangue não fosse o triplo do limite legal... talvez a loucura de disparar quinze tiros em oito segundos de dentro de um veículo em movimento, a uma velocidade cada vez maior, contra um alvo mal definido numa estrada escura, com ocupante ou ocupantes desconhecidos... talvez tudo isso pudesse ser aliviado ou exposto de um modo que não acabasse completamente com ele. Mas não foi o que aconteceu. O fato foi que tudo degringolou de vez. Enquanto o Camaro começava a perder o controle e invadia a pista contrária, um motociclista surgiu de um ponto cego num trecho com muito pouca margem de manobra. A moto foi derrubada e o motorista, jogado longe. O carro de Max girou 180 graus a uma velocidade de 140 quilômetros por hora, derrapando para trás no asfalto e subindo por um barranco até bater numa parede de pedra projetada à frente. O impacto causou duas fraturas nas costelas de Max, quebrou o pescoço e os dois braços da garota e estourou o para-brisa na cara dos dois. O Bom Pastor escapou, mas Max não. Aquela noite lhe custou a carreira, o casamento, a casa, o relacionamento com os filhos, a reputação e, segundo algumas pessoas, o equilíbrio mental e emocional. Mas isso é outra coisa.

– Estou perplexo com sua memória, Jack. Seu cérebro devia ser objeto de estudo.

– A questão é: o que você vai fazer com essas informações?

– Não sei.

– Então você ligou para me fazer perder tempo?

– Não exatamente. Só estou com uma sensação esquisita.

– Sobre o quê?

– Toda essa história do Bom Pastor. Sinto que estou deixando escapar alguma coisa. De um lado, é tudo simples demais. Atirar nos ricos, tornar o mundo um lugar melhor... Uma clássica demonstração de loucura justificada pelo senso de missão. De outro lado...

– De outro lado o quê?

– Não sei. Tem alguma coisa errada. Não consigo identificar o que é.

– Davey, meu garoto, fico espantado com você, absolutamente espantado.

O tom de Hardwick era de deboche.

– Por quê, Jack?

– Você tem consciência, sem dúvida, de que o que chama de “toda essa história do Bom Pastor” foi pensado e repensado, analisado e reanalisado pelos melhores agentes, os mais inteligentes. Porra, até sua amiguinha psicóloga pôde dar sua opinião.

– O quê?

– Você não sabia?

– De quem você está falando?

– Nossa, agora estou realmente espantado. Quantas gostosas com ph.D. passaram por sua vida?

– Jack, não sei de que diabo você está falando.

– Acho que a Dra. Holdenfield ficaria magoada com sua atitude.

– Rebecca Holdenfield? Você pirou de vez?

Gurney sabia que sua reação estava sendo exagerada, não porque ele tivesse de fato cometido alguma indiscrição, mas porque, durante os dois casos em que haviam trabalhado juntos, ele não havia ficado indiferente à inegável beleza da psicóloga forense.

Também percebeu que sua reação exagerada fora exatamente o objetivo de Hardwick. O sujeito possuía uma sensibilidade fora do comum para atingir os pontos fracos dos outros e sentia um prazer imenso em fazê-lo.

– O trabalho dela foi citado numa nota de rodapé no perfil do Bom Pastor feito pelo FBI – disse Hardwick.

– Você tem uma cópia disso?

– Sim e não.

– Como assim?

– Não porque é um documento confidencial do FBI, com acesso realmente restrito, e meu nome não está na lista.

– Esse perfil não foi publicado em todos os principais jornais depois dos seis assassinatos?

– O que foi passado para a imprensa foi um resumo, não o perfil completo. Nossos amigos do FBI são bastante sensíveis com relação às suas pérolas de sabedoria que podem ser divulgadas. Eles se veem definitivamente como os grandes juízes do que deve ou não ser veiculado.

– Mas seria possível, de algum modo...?

– Se houver tempo suficiente, e motivação, qualquer coisa é possível de

algum modo.

Gurney conhecia Hardwick o suficiente para saber como participar de seu jogo.

– Eu não gostaria que você entrasse em nenhuma encrenca por minha causa.

Um silêncio cheio de possibilidades se instaurou entre os dois. Quem enfim o rompeu foi Hardwick.

– Então, Davey, meu garoto, há mais alguma coisa que eu possa fazer por você hoje?

– Claro, Jack. Você pode pegar esse negócio de “Davey, meu garoto” e enfiar no rabo.

Hardwick deu uma longa gargalhada. Parecia um tigre com bronquite.

O que o salvava era que ele gostava tanto de ser sacaneado quanto de sacanear.

Parecia que essa era sua ideia de um relacionamento saudável.

Capítulo 14

Uma estranha visita a um homem agitado

Quando terminou de falar com Hardwick, Gurney acabou com o que restava do café, digitou o endereço de Robby Meese no GPS e pegou a estrada do condado em direção a Syracuse. Gastou todo o tempo da viagem pensando em que personalidade adotaria quando abordasse o jovem. Finalmente decidiu como se apresentaria e diria o objetivo de sua visita. Depois, conforme a conversa se desenrolasse, ele resolveria como continuar.

Pelo que Gurney podia ver, os arredores a oeste da cidade eram deprimentes. Toda a área era tomada por empreendimentos industriais e comerciais mortos, agonizantes e feios. O GPS o instruiu a sair da estrada principal e atravessar um bairro de casas pequenas e malcuidadas que pareciam ter perdido a cor, a vida e a individualidade muito tempo antes. O lugar fez Gurney se lembrar de onde havia crescido: um local de realizações malsucedidas, ignorância, racismo e uma espécie de orgulho. Um lugar pequeno e triste em muitos sentidos.

Ele virou à esquerda, seguiu por um quarteirão, atravessou uma rua principal, passou por outro quarteirão e se viu numa espécie diferente de bairro: mais arborizado, com casas maiores, gramados mais bem tratados, calçadas mais limpas. Algumas casas tinham sido divididas em apartamentos, e até essas tinham uma aparência mais bem cuidada.

O GPS anunciou a “chegada ao destino” enquanto ele passava por uma grande casa vitoriana multicolorida. Gurney continuou por mais 100

metros até o fim do quarteirão, deu meia-volta e estacionou do lado oposto da rua, numa posição de onde podia ver a grande varanda e a porta da frente.

Quando começava a sair do carro, seu telefone apitou com uma mensagem de texto. A remetente era Kim: O PROJETO VAI DE VENTO EM POPA!! PRECISAMOS NOS FALAR QUANTO ANTES!! POR FAVOR!!

Gurney considerou “quanto antes” um conceito flexível, expansível pelo menos até depois de seu encontro com Meese. Desceu do veículo e se dirigiu à grande casa vitoriana.

A porta da frente levava a um saguão ladrilhado com mais duas portas. Na parede entre elas havia duas caixas de correio. Na da direita estava escrito “R. Montague”. Gurney bateu, esperou, depois bateu de novo com mais força. Não houve resposta. Ele pegou o celular, achou o número de Meese nos contatos e ligou para ele. Depois encostou o ouvido à porta para ver se escutava o toque do telefone, mas não conseguiu distinguir nenhum som. Quando a ligação caiu na caixa postal, ele desligou e voltou ao carro.

Inclinou o banco alguns centímetros e relaxou. Passou a hora seguinte examinando os longos relatórios dos incidentes e os anexos suplementares que descreviam toda a movimentação das vítimas nas horas anteriores aos assassinatos. Estava mergulhando nos detalhes, procurando qualquer coisa marcante que os investigadores originais pudessem ter deixado passar naquele aglomerado de dados.

Nada se destacou. Não havia nada que ligasse as vítimas umas às outras, nem qualquer semelhança entre elas a não ser certo nível financeiro, a preferência pela marca Mercedes e o endereço dentro de um determinado perímetro. Além dos dados ocupacionais, de parentes e a movimentação delas na noite de cada assassinato, não havia muitas informações sobre o passado das vítimas, o que era compreensível num caso em que o critério óbvio de seleção era o veículo que elas dirigiam. Se a marca Mercedes era o alvo do assassino, pouco importava quem a usava ou que escola havia frequentado.

Mas o que eu esperava encontrar? E o que me deixa tão incomodado nos assassinatos do Bom Pastor?

Ele não estava só incomodado, estava *sedento* pelo caso. Lembrou-se de ter visto algum tipo de loja um ou dois quarteirões antes, na rua principal.

Trancou o carro e foi para lá a pé. Quando chegou, viu que era uma mercearia precária, com preços altos, prateleiras empoeiradas, um odor desagradável e nenhum freguês. A geladeira de bebidas cheirava a leite azedo, apesar de não haver leite lá dentro. Gurney pegou uma garrafa d'água, pagou à vendedora entediada e saiu dali o mais depressa possível.

De volta ao carro, enquanto abria a garrafa, seu telefone tocou. Era outra mensagem de texto de Hardwick: DÊ UMA OLHADA EM SEU E-MAIL. PERFIL DO BP. NOTAR REFERÊNCIA À LINDA BECCA.

Gurney acessou sua caixa de entrada, abriu o anexo e leu devagar:

Bureau Federal de Investigação
Grupo de Reação a Incidentes Críticos
Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos
Unidade de Análise Comportamental 2

ACESSO: RESTRITO, Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos (CNACV), CÓDIGO B-7

Categoria do Serviço de Análise Investigativa Criminal: Perfil do Criminoso

Data: 25 de abril de 2000

Nome: Desconhecido

Apelido: "Bom Pastor"

Conclusões baseadas em metodologias de perfil indutivas e dedutivas, empregando análises fatuais, físicas, históricas, linguísticas e psicológicas do "Memorando de Objetivos" do analisado; estudo forense de provas, documentação fotográfica, cronologia e organização da cena do crime; critério de seleção de vítimas.

OPINIÃO RESUMIDA SOBRE O ANALISADO

O desconhecido é um homem branco, de 25 a 40 anos, de inteligência excepcional, com terceiro grau completo e possível pós-graduação. Excelente funcionamento cognitivo.

É educado, introvertido, formal no comportamento e nas interações sociais. Tem necessidade de controlar os relacionamentos e possui pouca capacidade para desenvolver intimidade com as pessoas. É um perfeccionista compulsivo sem amigos próximos.

É bem coordenado, com bons reflexos. Talvez se exercite regularmente. Pode ser visto como independente e metódico. Tem habilidade no uso da pistola – talvez seja um colecionador de armas ou um praticante de tiro ao alvo.

Seu vocabulário é sutil e preciso. Sua sintaxe e sua pontuação são impecáveis, sem qualquer traço étnico ou regional. Isso pode ser resultado de uma educação cosmopolita, de uma ampla exposição cultural ou de um esforço para apagar provas e lembranças de sua criação.

Características dignas de nota são o emprego de cadências bíblicas e imagens vingativas em sua condenação da cobiça, a escolha do nome "Bom Pastor" como forma de identificação e a colocação dos animais da Arca de Noé nos locais dos crimes. O contexto religioso – em que o

branco (luz) representa o bem e o preto (escuridão) representa o mal – pode explicar a escolha de veículos escuros como alvo, enfatizando a equivalência entre riqueza e maldade.

Os preparativos e a execução dos crimes são altamente organizados. Os locais dos ataques indicam um cuidadoso trabalho de reconhecimento – todos eles são situados em estradas usadas como ligação entre rodovias principais e comunidades de alto padrão (i.e., áreas promissoras para encontrar suas vítimas). Todas as estradas são mal iluminadas, pouco povoadas, sem a existência de cancelas ou outras entradas propícias à presença de câmeras de vigilância.

Todos os ataques foram feitos em curvas para a esquerda. Todos os veículos das vítimas, depois dos disparos, saíram da estrada pelo lado direito. O motivo evidente seria a incapacitação do motorista de manter a pressão sobre o volante para a esquerda, resultando na tendência do veículo de se desviar da direção da curva para uma linha de movimento mais reta. A consequência posterior seria o automóvel fora de controle *afastar-se* do carro do atirador (que estaria na faixa à esquerda do alvo no momento do disparo), minimizando assim a chance de colisão. O nível de previsão e a noção de tempo colocariam nosso analisado entre os criminosos com maior nível de organização.

PRIMEIRO NÍVEL DE MOTIVAÇÃO: O motivo declarado pelo analisado para os ataques é a injustiça inerente da distribuição desigual da riqueza. Ele afirma que a causa dessa desigualdade é a ganância, e que ela só pode ser eliminada se os praticantes desse pecado forem exterminados. Ele associa a ganância à posse de um veículo superluxuoso e escolheu o Mercedes como o arquétipo desse automóvel, transformando-o na característica definidora de suas vítimas.

SEGUNDO NÍVEL DE MOTIVAÇÃO: O caso do Bom Pastor parece admitir a aplicação de uma fórmula psicanalítica clássica: uma fúria edipiana implícita contra um pai poderoso e abusivo. Por todo o Memorando de Objetivos, o analisado equipara repetidamente a ganância a riqueza e poder. Também apoiando a interpretação psicanalítica, a escolha da arma do crime (uma das maiores pistolas do mundo) tem implicações fálicas inevitáveis e é um indicador óbvio desse tipo de patologia.

NOTA: A inclusão de uma mulher entre as vítimas pode levantar uma objeção à motivação baseada no ódio pelo pai. No entanto, Sharon Stone tinha uma altura muito acima da média, usava um corte de cabelo unissex e vestia um casaco de couro preto. Vista à noite, de perfil, sob a iluminação apenas do painel de seu próprio veículo, ela poderia dar uma impressão mais masculina do que feminina. Também é possível que o único critério do analisado fosse o veículo de luxo, o que tornaria o sexo do motorista irrelevante.

O documento terminava com uma lista de artigos relacionados em campos como linguística, psicometria e psicopatologia forenses, seguida de uma relação de livros teóricos de autores altamente credenciados: *A sublimação da raiva, Repressão sexual e violência, Estrutura familiar e atitudes sociais, Patologias geradas por abuso, Cruzadas sociais como*

expressões de traumas de infância e, por último... *Assassinato em série com sentido de missão*, de Rebecca Holdenfield, ph.D.

Depois de fitar o nome dela por um longo instante, Gurney voltou ao início do documento e leu tudo de novo, esforçando-se ao máximo para manter a mente aberta. Era difícil. As conclusões nada científicas relatadas em linguagem científica e a presunção acadêmica geral do texto incitavam os mesmos sentimentos questionadores provocados por todos os perfis que ele lia.

Em seus mais de vinte anos de experiência com homicídios, ele descobrira que perfis psicológicos às vezes eram totalmente certos e às vezes totalmente errados, mas na maioria dos casos eram dúbios. Você nunca sabia, até a investigação terminar, se tinha um bom perfil. E, claro, se a investigação nunca terminasse, você também ficava sem saber.

Mas não era isso que o incomodava, e sim o fato de tanto os especialistas em perfis quanto seus usuários não reconhecerem esse caráter falível.

Imaginou por que ficara tão ansioso por ler esse em particular, por que não tinha conseguido esperar até mais tarde, já que era algo em que ele acreditava tão pouco. Seria apenas seu humor combativo do momento? Seu desejo de encontrar erros em alguma teoria, de questionar alguma coisa?

Balançou a cabeça, irritado consigo mesmo. Recostou-se no banco e fechou os olhos.

Abriu-os com um susto.

O relógio do painel indicava 17h55. Olhou para a casa de Meese. O sol já estava baixo e a sombra do bordo gigante que crescia na frente dela agora cobria a construção.

Gurney saiu do carro e andou os cerca de 100 metros até a casa. Parou em frente à porta e tentou ouvir algum som lá dentro. Escutou uma espécie de música techno e resolveu bater. Não houve resposta. Ele tentou mais uma vez, mas ninguém veio atender.

Pegou o telefone, bloqueou o identificador de chamadas e ligou para o número de Meese. Para sua surpresa, ele atendeu no segundo toque.

- Aqui é o Robert. – A voz era suave, teatral.
- Olá, Robert. Aqui é o Dave.
- Que Dave?
- Precisamos conversar.

– Desculpe, mas eu conheço você? – Agora ele soava um pouquinho tenso.
– É difícil dizer, Robert. Talvez conheça, talvez não. Por que não abre a porta e dá uma olhada em mim?

– O quê?

– Sua porta, Robert. Estou do lado de fora. Esperando.

– Não estou entendendo. Quem é você? De onde nos conhecemos?

– Temos amigos em comum. Mas você não acha um pouco ridículo ficarmos falando pelo telefone quando poderíamos conversar pessoalmente?

– Espere um segundo. – A voz expressava confusão, ansiedade.

Robert desligou o telefone e logo em seguida a música parou. Um minuto depois ele veio abrir a porta, hesitante.

– O que você quer? – perguntou, parado atrás da porta entreaberta, usando-a como uma espécie de escudo ou, pensou Gurney, um modo de esconder o que quer que estivesse segurando na mão esquerda.

Robert tinha mais ou menos a altura de Gurney, cerca de 1,80 metro. Era magro, com feições delicadas, cabelos escuros desgrenhados e olhos de um azul profundo, de astro de cinema. Só uma coisa estragava essa imagem de perfeição: um traço dissonante ao redor da boca, uma sugestão de algo malévolo.

– Olá, Sr. Montague. Eu me chamo David Gurney.

As pálpebras do rapaz estremeceram de modo quase imperceptível.

– Esse nome é familiar para você? – perguntou Gurney.

– Deveria?

– Parece que você já o ouviu antes.

Mais um estremecimento.

– O que você quer?

Gurney decidiu seguir uma estratégia de baixo risco, que considerava particularmente útil quando não tinha certeza de quanto a pessoa sabia sobre ele. O plano era ater-se aos fatos, mas manipular o tom com que eram ditos.

– O que eu quero? Boa pergunta, Robert. – Ele deu um sorriso neutro, com uma expressão entediada. – Depende da situação. Para começar, preciso de uns conselhos. Veja bem, estou tentando decidir se aceito um serviço que me ofereceram, e, se aceitar, quais deveriam ser os termos. Você conhece

uma mulher chamada Connie Clarke?

– Acho que não. Por quê?

– Acha que não? Como assim? Talvez você a conheça, mas não tem certeza disso?

– O nome não me é estranho, só isso.

– Hum, sei. Se eu lhe disser que ela tem uma filha chamada Kim Corazón, será que isso refresca sua memória?

Ele piscou rapidamente.

– Quem é você, afinal? Que negócio é esse?

– Posso entrar, Sr. Montague? Esse é um assunto muito pessoal para ser tratado na porta.

– Não, não pode. – Ele mudou o peso do corpo de um pé para o outro, mantendo a mão esquerda escondida. – Por favor, diga logo o que quer.

Gurney suspirou, coçou o ombro distraidamente e encarou Robby Meese com um olhar inexpressivo.

– A questão é que querem me contratar para zelar pela segurança pessoal da Srta. Corazón, e estou tentando decidir quanto devo cobrar.

– Cobrar? Eu não... quero dizer... não vejo... O quê?

– Eu quero ser justo, entende? Se eu não tiver que fazer nada, se só precisar ficar por perto, de olho nela, é um preço. Mas se a situação exigir, digamos, uma ação preventiva, o preço é outro. Entendeu minha dúvida, Bobby?

As pálpebras dele pareceram tremer mais.

– Você está me ameaçando?

– *Ameaçando* você? Por que eu faria uma coisa dessas? Isso seria contra a lei. Como policial aposentado, tenho grande respeito pela lei. Inclusive muitos de meus melhores amigos são policiais. Alguns deles moram aqui mesmo, em Syracuse. Jimmy Schiff, por exemplo. Talvez você o conheça. De qualquer modo, a questão é que eu sempre gosto de fazer uma análise da situação antes de aceitar um trabalho. Você entende isso, não é? Então deixe-me perguntar de novo: você conhece algum motivo para que eu precise cobrar mais do que o preço normal para zelar pela segurança da Srta. Corazón?

Meese começou a ficar mais agitado.

– Por que diabo eu saberia alguma coisa sobre os problemas de *segurança*

dela? O que isso tem a ver *comigo*?

– Boa pergunta, Bobby. Você parece um rapaz legal, bonito, que nunca iria querer causar problemas a ninguém. Certo?

– Não sou eu que estou causando problemas.

Gurney assentiu devagar e ficou esperando, sentindo que a corrente mudava.

Meese mordeu o lábio inferior.

– Nós tivemos um relacionamento ótimo. Eu não queria que acabasse como acabou. Com aquelas acusações idiotas. Acusações falsas. Mentiras. Difamação. Denúncias falsas à polícia. Agora você. Ainda não entendi nem por que você está aqui.

– Eu disse por que estou aqui.

– Mas não faz sentido. Não sou eu que você devia estar incomodando. Devia estar falando com os escrotos que ela atraiu para a vida dela, isso sim. Se Kim está com problemas de segurança, é por causa deles.

– Quem seriam esses escrotos?

Meese gargalhou. Havia um quê de loucura em sua risada. Um efeito sonoro teatral.

– Você sabia que Kim está trepando com o suposto orientador acadêmico dela? Que está transando com qualquer um que possa ajudá-la a subir na carreira? Que está dormindo com Rudy Getz, o maior escroto de todos os tempos? Sabia que ela é completamente maluca? Hein?

Meese parecia estar numa montanha-russa de emoções totalmente fora de seu controle.

Gurney queria que ele continuasse, gostaria de ver onde aquilo iria parar.

– Não, não sabia de nada disso, mas fico grato pelas informações, Robert. Não tinha a menor ideia de que ela era maluca, e esse é o tipo de coisa que poderia afetar bastante meu preço. Ser segurança de uma maluca pode ser um grandíssimo pé no saco. Até onde você acha que vai a maluquice dela?

Meese balançou a cabeça.

– Você vai descobrir. Não vou falar mais nada. Sabe onde eu estive esta tarde? No escritório do meu advogado. Vamos abrir um processo contra aquela piranha. Meu conselho é que você fique bem longe dela. Bem longe.

Então ele bateu a porta com força e Gurney ouviu o som de duas

fechaduras sendo trancadas em seguida.

Tudo aquilo podia ser fingimento, mas sem dúvida não deixava de ser muito interessante.

Capítulo 15

Agravamento

Enquanto Gurney seguia as orientações de seu GPS para chegar à interestadual, o reflexo lúgubre de um pôr do sol rosado se espalhava pelo lago Onondaga. Em qualquer outro lago do interior do estado aquele espetáculo poderia ser lindo, mas o estado de espírito costuma ter um efeito poderoso no modo como se veem as coisas. Assim, o que Gurney via não era um belo pôr do sol refletido, mas a imagem infernal de um incêndio químico ardendo no leito do lago tóxico, 15 metros abaixo da superfície.

Ele sabia das medidas de contenção de danos ao lago, mas isso fazia pouca diferença em sua opinião sobre o lugar. De uma forma estranha, tornava-a pior, assim como ver uma pessoa saindo de uma reunião dos Alcoólicos Anônimos faz com que o problema dela pareça mais sério do que vê-la saindo de um bar.

Alguns minutos depois que Gurney pegou a I-81, seu celular tocou. O número no identificador de chamadas era de seu telefone residencial. Ele olhou a hora: 18h58. Madeleine já teria chegado do trabalho quase uma hora antes. Gurney sentiu uma pequena pontada de culpa.

- Oi, desculpe, eu devia ter ligado – disse ele assim que atendeu.
- Onde você está? – Ela parecia mais preocupada do que irritada.
- Entre Syracuse e Binghamton. Devo chegar um pouco depois das oito.
- Ficou tanto tempo assim com o tal de Clinter?
- Com ele, com Jack Hardwick ao telefone, no carro com documentos do caso que Hardwick me mandou por e-mail, com o ex-namorado de Kim

Corazón etc. etc.

- O perseguidor?
- Não sei bem o que ele é. Por sinal, também não sei o que Clinter é.
- Pelo que você me contou ontem à noite, ele parece instável e perigoso.
- É, bem, talvez seja. Mas também...
- É melhor você prestar atenção à...

Gurney havia entrado numa área sem sinal de celular e a ligação caiu. Decidiu esperar que Madeleine ligasse de novo. Pôs o aparelho de pé num dos suportes para copo no console central. Menos de um minuto depois, ele tocou.

– A última coisa que ouvi você dizer – começou ele – foi que era melhor que eu prestasse atenção a alguma coisa.

- Alô?
- Oi. Passei por uma área sem sinal.
- Desculpe... o que você disse?

Era uma voz feminina, mas não a de Madeleine.

- Ah, desculpe, achei que fosse outra pessoa.
- Dave? É a Kim. Você está ocupado?
- Não, posso falar. Aliás, desculpe não ter ligado de volta. O que houve?
- Você ouviu meu recado? Que a RAM-TV vai em frente com a primeira parte do projeto?

– Ouvi, sim.

– O primeiro programa vai ao ar este domingo. Eu não tinha ideia de que seria tão rápido. Estão usando o vídeo demo que eu gravei com Ruth Blum, como Rudy Getz disse. E querem que eu prossiga com o máximo de entrevistas possível com as outras famílias. A série vai passar todo domingo.

- Então as coisas estão acontecendo mais rápido do que você esperava?
- Sem dúvida.
- Mas?
- Ah, não tenho nenhuma reserva com relação a isso. Está tudo ótimo.
- Mas?
- Mas... estou com... um probleminha bobo aqui.
- Ah, é?
- As luzes. Elas se apagaram de novo.

– As luzes de seu apartamento?
– É. Eu cheguei a lhe contar sobre quando afrouxaram todas as lâmpadas?
– Fizeram isso de novo?
– Não. Eu chequei o abajur da sala e a lâmpada está ok. Acho que deve ser o disjuntor. Mas não existe nenhuma possibilidade de eu descer até o porão para olhar.

– Você ligou para alguém?
– Eles não consideram isso uma emergência.
– Quem não considera?
– A polícia. Disseram que *talvez* alguém dê uma passada aqui mais tarde, mas que eu não deveria contar com isso. Falaram que disjuntores não são problema da polícia, que eu deveria chamar o proprietário, alguém da manutenção, um eletricista, um vizinho ou, aparentemente, qualquer pessoa menos eles.

– E você fez isso?
– Se liguei para o proprietário? Com certeza. Caiu na caixa postal. Só Deus sabe se ou quando ele vai pegar meu recado. O cara da manutenção está em Cortland fazendo um serviço em outro prédio do mesmo proprietário. Falou que é ridículo vir até Syracuse para ligar um disjuntor, que não vai fazer isso de jeito nenhum. O eletricista que eu chamei cobra 150 dólares só pela visita. E não tenho nenhum vizinho confiável. – Ela fez uma pausa. – Então é esse o meu... probleminha bobo. Algum conselho?

– Você está em casa agora?
– Não. Estou no carro. Está escurecendo e não queria ficar lá dentro sem luz. Ia ficar pensando no porão e no que poderia haver lá embaixo.

– Alguma chance de você ir para a casa de sua mãe e ficar com ela até as coisas se resolverem?

– Não! – A reação dela foi tão raivosa quanto da última vez que ele tocara no assunto. – Lá não é mais minha casa, *aqui* é minha casa. Não vou correr para os braços da mamãe feito uma garotinha apavorada só porque um babaca está aprontando comigo.

Mas para Gurney ela parecia exatamente uma garotinha apavorada tentando agir como achava que um adulto faria. A imagem lhe causou um sentimento de ansiedade e responsabilidade quase doloroso.

– Certo – disse ele por impulso. Então passou para a pista da direita e

pegou uma rampa de saída no último segundo. – Fique onde está. Chego aí em vinte minutos.

Percorrendo a maior parte do caminho acima de 130 quilômetros por hora, Gurney chegou a Syracuse dezenove minutos depois de falar com Kim. Estacionou do outro lado da rua, na frente da casa dela. A noite já havia caído, e ele mal reconheceu o lugar que tinha visto à luz do dia, 48 horas antes. Enfiou a mão no porta-luvas e pegou uma lanterna de metal preta e pesada.

Enquanto ele atravessava a rua, Kim desceu do Miata. Parecia nervosa e constrangida.

– Estou tão sem graça!

Ela cruzou os braços com força, como se tentasse não tremer.

– Por quê?

– Porque é como se eu estivesse com medo do escuro. Medo da minha própria casa. Estou me sentindo péssima por ter feito você voltar aqui desse jeito.

– Voltar foi ideia minha. Quer esperar aqui enquanto eu olho lá dentro?

– Não! Não sou tão criança assim. Vou com você.

Gurney lembrou-se de já ter tido esse diálogo com ela antes e decidiu não discutir.

Tanto a porta principal da casa quanto a que levava ao apartamento de Kim estavam destrancadas. Gurney entrou primeiro, iluminando o caminho com a lanterna. Quando chegou a um conjunto de interruptores na parede do corredor, seguido de perto por Kim, virou-os para cima e para baixo, sem qualquer resultado. Depois parou junto à entrada para a sala e vasculhou o cômodo com a lanterna. Fez o mesmo na porta do quarto e na do banheiro antes de seguir para a cozinha.

Passou o fecho de luz lentamente pelo cômodo e perguntou:

– Você deu uma olhada no apartamento antes de voltar para o carro?

– Muito rápido. Mal cheguei à cozinha. E não passei nem perto do porão. Só sei que o interruptor da luz do teto não funcionou e que o mostrador do micro-ondas estava apagado. Então o problema deve ser o disjuntor, não é?

– É o que imagino.

Gurney então entrou na penumbra da cozinha com Kim logo atrás,

apoiando a mão em suas costas. A única luz do ambiente era a lançada pelo facho da lanterna nas paredes e nos utensílios. De repente ele escutou o que pareceu uma batida fraca. Parou e prestou atenção. Ouviu o mesmo barulho de novo alguns segundos depois e percebeu que eram apenas pingos d'água caindo lentamente na pia de metal.

Recomeçou a avançar em silêncio na direção do corredor de trás da casa, que levava à escada do porão e à porta dos fundos. Kim tirou a mão de suas costas, colocou-a em seu braço e começou a apertá-lo com força. Ao chegar ao corredor, Gurney viu que a porta do porão estava fechada e que o trinco do portão de saída parecia trancado. O som das gotas d'água na cozinha atrás dele parecia amplificado pelo espaço restrito.

Quando ele estava prestes a abrir a porta do porão, Kim cravou as unhas na parte de trás de seu braço.

– Calma – disse ele baixinho.

– Desculpe.

Ela afrouxou o aperto, mas não muito.

Gurney abriu a porta e apontou o facho da lanterna para a escada, atento.

Ping... ping...

Ele se virou para Kim e sussurrou:

– Fique aqui perto da porta.

Ela pareceu aterrorizada.

Gurney procurou algo que pudesse dizer para distraí-la e deixá-la mais calma.

– A caixa de eletricidade tem um disjuntor principal, além dos que comandam os circuitos individuais? – perguntou.

– O quê?

– Só estou querendo saber com que tipo de caixa vou ter que lidar.

– Não tenho a menor ideia. Isso é um problema?

– Não, de jeito nenhum. Se eu precisar de uma chave de fenda, chamo você, certo?

Ele sabia que ela não estava entendendo nada do que ele falava, mas, nesse ponto, deixá-la confusa era melhor do que vê-la ter um ataque de pânico.

Gurney desceu a escada com todo o cuidado, apontando o facho de luz para um lado e para outro.

Tudo parecia perfeitamente calmo.

Então, justo quando ele começou a pensar que um corrimão seria bastante útil na precária estrutura da escada, justo quando estava chegando ao antepenúltimo degrau, ouviu um estalo agudo. Em seguida o degrau desmoronou e Gurney tombou para a frente.

Tudo aconteceu em menos de um segundo.

Ele sentiu seu pé direito afundar junto com o degrau quebrado, ficando preso no vazio, enquanto o corpo desabava para a frente e Gurney levantava os braços instintivamente para proteger o rosto e a cabeça.

Ele atingiu o piso de concreto com toda a violência. A lente da lanterna se despedaçou e a luz se apagou. Uma dor aguda lhe subiu como um choque elétrico pelos ossos do braço direito.

Kim começou a gritar. Estava histérica, perguntando sem parar se ele estava bem. Então ele ouviu passos recuando, correndo, tropeçando.

Gurney estava atordoado, mas consciente.

Quando ia começar a tentar se movimentar para avaliar os danos físicos, ouviu um som que fez os pelos de sua nuca se eriçarem. Era um sussurro muito próximo a ele, um murmúrio áspero e sibilante. Parecia um gato furioso.

– Não acorde o diabo.

Segunda parte

Quando a Justiça falha

Capítulo 16

Dúvidas

Quando Gurney acordou na manhã seguinte, em casa, estava ansioso e exausto, com uma forte sensação de ardência no braço direito e o corpo inteiro rígido. As janelas do quarto encontravam-se abertas e havia umidade no ar.

Madeleine já tinha acordado, como sempre. Ela gostava de despertar com os pássaros. Parecia haver, na primeira luz da manhã, algum ingrediente secreto capaz de energizá-la.

Gurney sentiu seus pés frios e suados. O mundo lá fora estava cinzento. Fazia muito tempo que ele não tinha ressaca, mas era como se estivesse passando por uma agora. A noite fora terrivelmente agitada. Lembranças dos acontecimentos no porão de Kim, as descobertas que ele fizera depois da queda e as hipóteses que elas sugeriam se alternavam em sua mente sem nenhuma coerência ou conclusão, prejudicadas por suas dores múltiplas. Ele só caíra no sono pouco antes do amanhecer. Agora, duas horas depois, já tinha acordado. Seu nível de agitação mental deixou claro que não conseguiria dormir de novo.

A medida mais urgente no momento era organizar e entender os fatos. Repassou na mente mais uma vez tudo o que havia acontecido, tentando se recordar do máximo de detalhes possível.

Lembrou-se de sua descida cautelosa pela escada, usando a lanterna para iluminar não apenas os degraus, mas também o próprio porão. Não tinha ouvido nenhum som ou detectado qualquer movimento. Quando ainda restavam alguns degraus pela frente, direcionara o fecho para as paredes,

tentando localizar o painel de eletricidade. Era uma caixa de metal cinza que não ficava muito longe do baú ao qual as manchas de sangue o haviam levado dois dias antes. As marcas escuras ainda estavam nítidas nos degraus de madeira e no piso de concreto.

Lembrou-se do momento em que pisara no degrau seguinte, quando ouvira o estalo espantoso assim que a madeira cedera sob seu pé. Em seguida o facho da lanterna girara descoordenadamente enquanto ele levava as mãos à frente do rosto. Na hora ele soube que estava caindo e que não podia impedir isso, e teve consciência de que seria um tombo feio. Meio segundo depois, sentiu seus braços, o ombro direito, o peito e a lateral da cabeça colidirem brutalmente com o piso do porão.

Então ouvira um grito no topo da escada, seguido de duas perguntas desesperadas: “Você está bem? O que aconteceu?”

Por um momento ele ficara atordoado, incapaz de responder. Depois, vindo de algum lugar que não conseguira distinguir, escutara passos apressados aparentemente esbarrando numa parede, tropeçando, correndo de novo.

Tentara se mexer, mas um sussurro bem próximo a ele o fizera parar. Era um som febril, mais animal do que humano, as palavras sibiladas saindo através de dentes trincados como vapor de uma chaleira.

Gurney estendera a mão para o coldre em seu tornozelo, sacara a Beretta e ficara deitado na escuridão com os ouvidos atentos. A situação era tão atordoante que ele mal se lembrava de quanto tempo tinha se passado antes que Kim voltasse com sua pequena lanterna.

Ela começara a descer a escada no momento em que ele tentava se levantar, trêmulo, com uma dor lancinante percorrendo seu braço do pulso até o cotovelo. Gurney a orientara a ficar onde estava e simplesmente apontar o facho de luz para os degraus. Depois subira o mais rápido possível, quase perdendo o equilíbrio duas vezes por causa da tontura. Pegara a lanterna da mão dela, virara-se e iluminara o maior espaço possível do piso do porão.

Então descera dois degraus, com a arma numa das mãos e a lanterna na outra, e repetira a inspeção com o facho de luz. Depois de mais dois passos conseguira vasculhar o porão inteiro: chão, paredes, teto. Ainda não havia nenhum sinal de quem emitira aqueles sussurros. Nada estava fora do lugar

e não havia nenhum movimento além das sombras fantasmagóricas criadas pela lanterna.

Quando chegara ao fim da escada, Gurney concluía – com alívio e perplexidade – que não havia reentrâncias, esconderijos ou qualquer canto escuro onde um homem pudesse se ocultar da luz, com a possível exceção do baú.

Perguntara a Kim, que estava paralisada no topo da escada, se ela tinha ouvido alguma coisa depois que ele caíra.

- Como o quê? – quisera saber a jovem.
- Uma voz... um sussurro... alguma coisa do tipo.
- Não. Como assim? – indagara ela, cada vez mais nervosa.
- Não sei, eu só... – Ele balançara a cabeça. – Provavelmente foi só minha própria respiração.

Em seguida se questionara se os passos apressados que escutara tinham sido dela.

Kim respondera que sim, que achava que tinha corrido. Não conseguia lembrar direito, já que estava em pânico quando fora ao quarto buscar a lanterna que ficava em sua mesinha de cabeceira.

- Por quê?
- Só estou checando minhas impressões – dissera ele vagamente.

Não quisera especular em voz alta a outra possibilidade: de que o intruso houvesse subido a escada correndo e saído do porão enquanto Kim ia ao quarto e que em algum momento, quando ela estava voltando, pudesse ter passado a centímetros dela, protegido pela escuridão, a caminho da porta da frente.

Mas, aonde quer que ele tivesse ido, como quer que houvesse saído – presumindo-se que houvesse de fato saído e não estivesse agachado no baú –, que sentido isso fazia? Para começar, por que ele estaria no porão? Poderia ter sido Robby Meese? Logisticamente, era possível. Mas qual seria o objetivo?

Tudo isso havia se passado pela mente de Gurney ao pé da escada, enquanto ele apontava a lanterna para o baú e tentava decidir o que faria em seguida.

Em vez de enfrentar quem ou o que poderia estar dentro da arca apenas com o fraco feixe de luz, ele chamara Kim e pedira que ela ligasse o

interruptor que ficava no topo da escada, mesmo sabendo que isso não faria nenhuma diferença imediata. Depois, alternando a lanterna entre o baú e a caixa de eletricidade, fora até ela. Enfiara a lanterna embaixo do braço, abrira a porta de metal e, ao ver que o disjuntor principal estava desligado, empurrara o interruptor de plástico preto na direção oposta.

A lâmpada do teto do porão se acendera no mesmo instante. Lá em cima, algo como um motor de geladeira começara a zumbir e Gurney ouvira Kim dizer:

– Graças a Deus!

Então ele olhara rapidamente a seu redor, confirmando que, de fato, além do interior do baú, não havia nenhum lugar onde alguém pudesse se esconder.

Fora até lá, com o medo e os arrepios substituídos pela raiva e pela necessidade de confronto. Por cautela, ele não levantara a tampa, e sim rolara o baú. Enfiara a lanterna no bolso do paletó, segurara o canto da peça de madeira e empurrara-a de lado. A julgar por sua leveza, o baú estava vazio, o que Gurney confirmou ao abrir a tampa com um chute.

Kim já tinha descido metade da escada e espiava cada canto do porão como um gato assustado. Seus olhos pararam no degrau partido.

– Você poderia ter morrido – dissera ela, com os olhos arregalados, como se só então as implicações do acidente tivessem lhe ocorrido. – Ele se quebrou, simplesmente, quando você pisou?

– Foi – respondera Gurney.

Enquanto Kim examinava, com uma espécie de horror, o local onde Gurney havia caído, ele fora tocado pela expressão de ingenuidade dela. Aquela jovem que estava criando um ambicioso documentário sobre o impacto do assassinato nos familiares da vítima parecia espantada com a ideia de como a vida podia ser tão cheia de perigos.

Seguindo o olhar dela, ele também fitara a parte quebrada da madeira e logo notara o que lhe havia passado despercebido. O degrau, antes de se quebrar, tinha sido serrado quase por completo nas duas extremidades.

Quando apontara isso para ela, Kim franzira a testa, confusa.

– Como assim? Como alguém pode ter feito isso?

Tudo o que ele respondera tinha sido:

– Mais um mistério para acrescentar aos outros.

Agora, deitado na cama, olhando para o teto e massageando o braço sem muito resultado, reconstruindo a cadeia de acontecimentos da noite anterior, ele pensou mais detalhadamente em sua resposta.

Era provável que a sabotagem tivesse sido obra do intruso para atingir Kim e Gurney estivesse no lugar errado e na hora errada.

Criar uma armadilha numa escada serrando um degrau era um clichê de filme policial que dificilmente passaria despercebido. As marcas de serra seriam fáceis de detectar e deixariam claro que a madeira não se partira por acidente – o que significava que decerto o objetivo do invasor era que elas fossem descobertas.

Talvez a escolha de um degrau baixo também fizesse parte da ameaça – seria capaz de provocar uma queda feia, mas não fatal. Pelo menos por enquanto.

A mensagem poderia significar: *Se você ignorar meus avisos, eles vão ficar mais violentos. Mais dolorosos. Mais mortais.*

Mas de que exatamente Kim estava sendo prevenida? A resposta óbvia seria seu documentário, já que era a coisa mais importante que vinha acontecendo em sua vida. Talvez o invasor quisesse dizer algo como *Recue, Kim, pare de escavar o passado ou as consequências serão terríveis. O caso do Bom Pastor está conectado a um grande mal, e é melhor não despertá-lo.*

Será que isso significava que o intruso era alguém ligado ao famoso caso? Alguém com um forte interesse oculto em manter as coisas como estavam?

Ou seria apenas o sacaninha do Robby Meese, como Kim insistia em dizer?

Seria possível que tudo o que vinha acontecendo na vida dela – todos os ataques contra sua tranquilidade – tivesse sido orquestrado por um ex-namorado patético? Será que ele se recusava a aceitar o término do relacionamento? Será que o afrouxamento das lâmpadas, o desaparecimento das facas, as manchas de sangue, o degrau serrado e até mesmo o sussurro demoníaco poderiam ter sido motivados por puro ciúme, uma forma de vingança por ter sido dispensado?

Outra possibilidade era que, se o invasor fosse mesmo Meese, ele tivesse uma motivação mais sombria e mais doentia do que a raiva. Talvez aquilo tudo fosse a forma dele de dizer que, a não ser que Kim o aceitasse de volta, seu ressentimento cresceria até ficar realmente perigoso e ele se

transformaria num monstro, num demônio.

Talvez a mente de Meese fosse mais doentia do que Kim imaginava. A intensidade daquele sussurro parecia inquestionavelmente patológica.

Mas isso ainda levantava outra possibilidade, a que mais apavorava Gurney e que ele mal ousava considerar: a de que não tivesse havido sussurro algum.

E se o que ele tinha “ouvido” fosse resultado da queda, uma espécie de alucinação? E se o “som” fosse apenas um subproduto de ter sido atingido na cabeça por cima de um ferimento que mal havia se curado? Afinal de contas, o zumbido que ele passara a escutar não era um apito de verdade. Como explicara o Dr. Huffbarger, era um erro de interpretação cognitiva. E se, da mesma forma, a ameaça sussurrada não tivesse existido? A noção de que visões e sons pudessem estar sendo causados por tecidos queimados e sinapses interrompidas lançou um tremor por seu corpo.

Talvez tivesse sido por uma insegurança inconsciente com relação ao sussurro que Gurney não o mencionara ao policial que fora à casa de Kim atendendo ao chamado de emergência que ele fizera depois de descobrir o degrau serrado. E talvez essa mesma insegurança o houvesse impedido de tocar no assunto com Schiff quando ele chegara, meia hora depois.

Na ocasião fora bastante difícil decifrar a expressão de Schiff. Uma coisa, porém, estava clara: não havia nenhuma satisfação nela. Ele ficara olhando para Gurney como se sentisse que faltava alguma parte da história. Depois, voltara a atenção para Kim e fizera uma série de perguntas destinadas a estabelecer o período de tempo dentro do qual o ato de vandalismo pudesse ter ocorrido.

– É assim que você chama isso? – inquirira Gurney na segunda vez em que Schiff usara o termo. – Vandalismo?

– Por enquanto, é – respondera Schiff em tom ameno. – Algum problema?

– É uma forma bastante dolorosa de vandalismo – retrucara Gurney, esfregando lentamente o braço.

– Quer que eu chame uma ambulância?

Antes que Gurney pudesse responder, Kim interviera:

– Eu vou levá-lo ao hospital.

– É mesmo? – perguntara Schiff, com o olhar fixo no ex-detetive.

– Por mim, tudo bem – dissera Gurney.

Schiff o tinha encarado por um momento e depois se dirigira ao patrulheiro que estava parado ao fundo:

– Deixe registrado que o Sr. Gurney dispensou o transporte por ambulância.

Gurney sorriu.

– E aí? Como estamos indo com aquelas câmeras?

Schiff parecera não ter ouvido a pergunta.

Gurney dera de ombros.

– Ontem teria sido um bom dia para instalá-las.

Um clarão de raiva perpassara os olhos de Schiff. Ele lançara um último olhar ao porão, murmurara algo sobre procurar marcas de digitais na caixa de eletricidade no dia seguinte, perguntara sobre o baú virado de lado e espiara lá dentro.

Por fim, pegara o degrau serrado e saíra com ele do porão. Em seguida, passara alguns minutos examinando as janelas e as portas do apartamento. Indagara a Kim se ela havia recebido alguma comunicação incomum nos últimos dias, ou se havia tido qualquer contato com Meese. Finalmente, indagara como poderia ter acesso ao apartamento no dia seguinte, se fosse necessário. Depois fora embora, seguido pelo patrulheiro.

Capítulo 17

Uma simples iniciativa

O teto do quarto parecia um pouco mais claro agora e o cobertor sobre Gurney, um pouco mais quente. Ele ficou satisfeito ao pensar que sua reconstituição dos acontecimentos da noite anterior tinha sido razoavelmente completa e organizada. O significado, as causas, os objetivos, as motivações ainda precisavam ser determinados. Mas pelo menos ele começou a sentir que estava no caminho certo.

Fechou os olhos.

Foi acordado minutos depois pelo som do telefone, seguido por alguns passos. A ligação foi atendida no quarto toque. Ele escutou a voz de Madeleine, indistinta, vinda do escritório. Ela disse algumas frases, então ficou em silêncio e depois ele ouviu o barulho de passos mais uma vez. Pensou que ela poderia estar lhe levando o aparelho, que houvesse alguém querendo falar com ele. Seria Huffbarger, o neurologista? Lembrou-se da irritante conversa com a recepcionista do consultório. Deus, quando tinha sido aquilo? Dois ou três dias antes? Parecia uma eternidade.

Madeleine passou pela porta do quarto e foi para a cozinha.

Vozes femininas.

Sua mulher e Kim.

A jovem o havia levado para a casa dele depois que saíram da emergência do hospital em Syracuse. Ele não tinha conseguido dirigir por causa da dor lancinante em seu braço – o que o fizera acreditar que sofrera uma fratura – e Kim parecera mais do que satisfeita em passar a noite em qualquer lugar que não fosse seu apartamento.

Lembrou-se de como ela havia enfatizado que não seria seguro Gurney dirigir sozinho, mesmo depois de as radiografias terem mostrado que o braço dele não estava quebrado.

Havia algo na atitude de Kim, na imagem que ela tentava passar às pessoas, que o fez sorrir. A jovem podia facilmente deixar sua casa a fim de prestar um favor a alguém, mas jamais por ter sido expulsa pelo medo.

Gurney obrigou-se a sair da cama – e descobriu novas dores musculares. Tomou quatro anti-inflamatórios e uma ducha quente.

O banho e os comprimidos fizeram sua mágica restauradora – pelo menos até certo ponto. Depois que saiu do banheiro, foi à cozinha, tomou sua primeira xícara de café do dia e se sentiu um pouco melhor. Flexionou os dedos da mão direita e constatou que a dor era tolerável. Em seguida, apertou a xícara de café e, apesar do incômodo, concluiu que poderia usar a alavanca de câmbio caso precisasse dirigir. Não seria confortável, mas ao menos ele não estava impotente.

Não havia mais sinal nem de Madeleine nem de Kim dentro de casa. Podia ouvir o murmúrio baixo de suas vozes entrando pela janela aberta ao lado da bancada da cozinha. Levou a xícara até a mesa do café da manhã e então as viu, depois do pátio de arenito, na pequena área de capim bem aparado que ele e Madeleine chamavam de “o gramado”.

Estavam sentadas em duas cadeiras de jardim inclinadas. Madeleine estava com um de seus casacos multicoloridos e Kim usava um semelhante – sem dúvida emprestado por Madeleine. Cada uma segurava uma caneca de café com as duas mãos, para aquecê-las. Os tons de lilás, vermelho, laranja e verde-limão dos agasalhos resplandeciam ao sol que começava a se infiltrar entre as nuvens. A expressão das duas sugeria que o assunto, assim como a roupa, estava mais animado do que Gurney.

Ele ficou tentado a abrir a porta dupla de vidro para ver se o sol conseguiria deixar o ar um pouco menos frio. Mas sabia que, assim que Madeleine o visse, diria que ele deveria sair, que o dia iria ficar lindo e que tudo tinha um cheiro maravilhoso. E quanto maior fosse o entusiasmo dela sobre a beleza de estar ao ar livre, mais ele insistiria em ficar dentro de casa. Essa já era uma batalha antiga, com os dois praticamente lendo suas falas num roteiro. Por fim, depois de deixar claro que estava ocupado demais para sair, ele acabaria voltando atrás na decisão e, assim que

pusse os pés do lado de fora, de fato acharia o dia bonito e ficaria sem graça por sua oposição infantil.

No momento, porém, não tinha nenhuma vontade de iniciar esse ritual, então optou por manter a porta fechada. Decidiu pegar mais uma xícara de café, imprimir uma cópia do perfil do Bom Pastor e tentar lê-lo com a mente aberta em vez de ficar procurando suas inconsistências.

Foi ao escritório e abriu os e-mails de Hardwick no computador. Enquanto aguardava o término da impressão do perfil, abriu o primeiro arquivo que havia examinado por alto na tarde anterior, um relatório de incidente.

Não sabia direito o que procurava. Ainda estava no estágio em que o importante era olhar tudo, absorver o máximo de dados possível. As decisões sobre o que era significativo, a busca de padrões, viria depois.

Percebeu que da primeira vez tinha lido depressa demais. Precisava ir mais devagar. Com o passar dos anos, descobrira que um dos piores erros que um detetive podia cometer era criar uma teoria sem o máximo de informações nas mãos, porque, assim que se acreditava que um padrão estava definido, a tendência natural era desconsiderar dados que não se encaixassem nele. A propensão do cérebro a formar padrões desconsidera tudo o que não corrobora a imagem geral já formada. Acrescente-se a isso a necessidade do detetive de entender muito rapidamente as linhas gerais de uma situação e o resultado é uma predisposição para chegar a conclusões prematuras.

A importância de simplesmente *olhar, ouvir, absorver* era muito grande. Dar a atenção devida a esse processo era sempre o melhor modo de começar uma investigação.

Começar uma investigação? De quê, exatamente? A pedido de quem? Com a autorização de que órgão? Com o risco potencial de bater de frente com Schiff e com mais quem?

Decidiu simplificar a questão – ou pelo menos a terminologia – pensando no que estava fazendo apenas como uma iniciativa particular de busca de fatos, um pequeno esforço no sentido de responder a algumas perguntas como: quem estava por trás das “brincadeiras” que tinham tirado a paz de Kim? Qual das duas caracterizações estava mais próxima da verdade: a de Meese feita por Kim ou a de Kim feita por Meese? Quem havia criado a

armadilhazinha maligna que o fizera desabar no chão do porão? O alvo teria sido ele ou Kim? Se o sussurro que ouvira tivesse sido real, quem o emitira? Por que a pessoa estaria escondida lá? Como e quando havia entrado na casa? E como havia saído? Qual era o significado do aviso “Não acorde o diabo”? E o que os acontecimentos do presente tinham a ver com a série de assassinatos de dez anos antes?

Gurney pensou que sua busca deveria começar com uma revisão de tudo o que estava nos relatórios de incidentes, nos anexos, nos documentos do Programa de Apreensão de Criminosos Violentos, no perfil do FBI, nas informações contidas na pasta do projeto de Kim e nas anotações que ele fizera enquanto ouvia Hardwick falar sobre a personalidade das vítimas.

Poderia cuidar de tudo isso sozinho. Mas também sentia uma necessidade cada vez maior de se reunir com Rebecca Holdenfield e mergulhar mais profundamente no perfil do Bom Pastor e nas hipóteses do caso – saber como os dados primários tinham sido coletados, analisados, priorizados; como as teorias alternativas foram testadas; como se havia chegado a um consenso; se alguma de suas impressões sobre o caso mudara com o passar dos anos. Também estava curioso para saber se ela havia falado com Max Clinter.

Gurney ainda tinha o número de Rebecca no celular. (Os dois haviam trabalhado juntos brevemente nos casos Mark Mellery e Jillian Perry, e ele imaginara se seus caminhos se cruzariam de novo.) Acessou sua lista de contatos e ligou para ela. Caiu na caixa postal.

Ele ouviu uma longa mensagem falando dos horários e locais de trabalho dela, do website e do endereço de e-mail para o qual poderiam ser mandadas perguntas. O som da voz de Rebecca resgatou a imagem dela na mente de Gurney. Ela era uma mulher durona, racional, atlética e ambiciosa. Suas feições, embora não fossem belas, eram perfeitas. Os olhos eram marcantes e intensos, mas careciam do calor que poderia torná-los bonitos. Ela era uma profissional motivada, cujo trabalho como terapeuta preenchia todo o tempo que sobrava de sua ocupação principal como psicóloga forense.

Gurney deixou um recado conciso com o qual esperava intrigá-la: “Oi, Rebecca. Aqui é Dave Gurney. Espero que esteja tudo bem. Estou envolvido numa situação incomum que gostaria de discutir com você, ouvir sua

opinião sobre o que devo fazer. Tem a ver com o caso do Bom Pastor. Sei que você está sempre ocupada, mas me ligue assim que puder.” Disse o número de seu celular e então desligou.

Para qualquer outra pessoa com quem ele não falasse por seis meses, essa mensagem poderia soar curta e impessoal demais, mas Gurney sabia que Rebecca Holdenfield não ligava para isso. O que não queria dizer que ele não gostasse dela. Na verdade, podia se lembrar de momentos no passado em que achava sua personalidade perturbadoramente atraente.

O telefonema o deixou satisfeito. Voltou aos relatórios de incidentes abertos na tela do computador e começou a examiná-los. Uma hora depois, quando estava na metade do quinto documento, seu celular tocou. Olhou para o identificador de chamadas e viu CONSULTORES DE JUSTIÇA DE ALBANY na tela.

– Rebecca?

– Olá, David. Acabei de parar para abastecer o carro. O que posso fazer por você?

A voz dela revelava uma estranha combinação de aspereza e disponibilidade.

– Ouvi dizer que você sabe tudo sobre o caso do Bom Pastor.

– Sei um pouquinho.

– Será que podemos nos encontrar para uma conversa rápida?

– Por quê?

– Algumas coisas estranhas que têm acontecido ultimamente podem estar relacionadas com ele, e preciso da opinião de alguém que saiba do que está falando.

– Existe um monte de informações disponíveis na internet.

– Preciso de um ponto de vista em que possa confiar.

– E quando você quer me ver?

– Quanto antes, melhor.

– Estou indo para o Otesaga.

– Não entendi.

– O hotel Otesaga, em Cooperstown. Se você puder me encontrar lá, posso lhe conceder 45 minutos do meu tempo, de 13h15 às duas da tarde.

– Perfeito. Como eu...?

– Pergunte onde é o Salão Fenimore. Vou apresentar um trabalho lá ao

meio-dia e meia e depois vai haver um debate rápido, seguido de um pequeno bufê. Posso escapar do papo furado no bufê. Você consegue chegar às 13h15?

Gurney abriu e fechou a mão direita para se certificar mais uma vez de que conseguiria dirigir.

– Consigo.

– Vejo você lá, então – disse ela, e desligou.

Gurney sorriu. Sentia uma afinidade instantânea com qualquer pessoa disposta a dispensar o papo furado. Talvez isso fosse o que mais o agradava em Rebecca: o caráter minimalista de sua sociabilidade. Por um momento ele se distraiu e ficou pensando que papel essa característica deveria ter na vida sexual dela. Depois balançou a cabeça e afastou a ideia.

Voltou com concentração renovada à parte que faltava do quinto relatório – que consistia em fotos da cena do crime e do veículo, com as respectivas legendas. O Mercedes do Dr. James Brewster aparecia de diversos ângulos. A colisão com uma árvore na beira da estrada tinha compactado o veículo até que ele ficasse com a metade de seu tamanho original. Como a maioria dos outros automóveis, o bem de 100 mil dólares do médico também fora destruído até parecer algo irreconhecível e sem valor.

Gurney se perguntou se isso fazia parte do objetivo do Bom Pastor, se era isso que o motivava: não apenas matar os donos ricos dos carros, mas reduzir o símbolo de sua riqueza a pilhas de lixo. A humilhação final dos grandes e poderosos. Do pó ao pó.

– Estamos interrompendo alguma coisa? – Era a voz de Madeleine.

Gurney levantou a cabeça, assustado. Sua mulher estava parada na porta do escritório, com Kim atrás. Ele não ouvira quando as duas entraram em casa. Ainda usavam os casacos coloridos.

– Interrompendo? – disse ele.

– Você parecia tão concentrado...

– Só estou tentando entender algumas informações. Tudo bem com vocês?

– Tudo. O sol apareceu e o dia vai ficar lindo. Vou levar Kim para um passeio na montanha.

– Não vai estar cheio de lama?

Ele podia ouvir a rabugice na própria voz.

- Vou emprestar um par de botas a ela.
- Vocês vão *agora*?
- Algum problema?
- Não, claro que não. Na verdade, eu também vou precisar sair por umas duas horas.

Ela olhou alarmada para o marido.

- De carro? Com o braço assim?
- Anti-inflamatórios são uma coisa fantástica.
- Anti-inflamatórios... Há doze horas você caiu de uma escada, foi parar na emergência de um hospital e precisou ser trazido para casa. Agora bastam dois comprimidos e você está novinho em folha?
- Novo em folha, não. Mas não estou aleijado a ponto de não poder fazer nada.

Madeleine arregalou os olhos, exasperada.

- Que lugar tão importante é esse aonde você precisa ir agora?
- Você se lembra da Dra. Holdenfield?
- Acho que sim. Rebecca, não é?
- Isso. Rebecca. Psicóloga forense. Ela tem um escritório em Albany.

Madeleine levantou uma sobrancelha.

- Albany? É para lá que você vai?
- Não. Hoje ela vai estar em Cooperstown, num simpósio.
- No Otesaga?
- Como você sabe?
- Em que outro lugar de Cooperstown poderia haver um simpósio? – Ela o encarou com curiosidade. – É urgente?

- Não, nada de mais. Mas tenho umas perguntas sobre o caso do Bom Pastor. Ela escreveu um livro sobre assassinatos em série que foi citado numa das notas de rodapé do perfil do FBI. Acho que ela pode ter feito alguns artigos sobre o assunto depois.

- E se você conversasse com ela por telefone?
- Não dá, eu tenho perguntas demais.
- A que horas você vai chegar em casa?
- Ela só tem 45 minutos disponíveis, então vou sair de lá às duas horas. Devo chegar no máximo às três.
- No máximo às três. Lembre-se disso.

– Por quê?

Ela estreitou os olhos.

– Está perguntando por que deveria se lembrar?

– Estou perguntando se vai acontecer alguma coisa que eu não saiba às três horas.

– Quando você diz que vai fazer algo, acho que seria legal se realmente fizesse. Se você fala que vai estar em casa às três horas, eu gostaria de contar com isso. Simples assim. Tudo bem?

– Com certeza.

Se Kim não estivesse ali parada, talvez ele não concordasse tão rápido e perguntasse por que aquela questão era tão importante naquele dia específico. Só que Gurney fora criado numa casa em que nenhuma discordância, por menor que fosse, jamais seria revelada diante de alguém de fora. Essa rígida reserva anglo-irlandesa ainda estava entranhada em sua personalidade.

Kim pareceu preocupada.

– Eu não deveria ir junto?

– Já não faz muito sentido *eu* ir, então com certeza não há necessidade de aparecermos os dois.

– Venha – disse Madeleine, virando-se para Kim. – Vou pegar umas botas para você. Vamos sair enquanto está fazendo sol.

Dois minutos depois, Gurney, ainda no escritório, ouviu a porta lateral sendo aberta e depois fechada com firmeza. Em seguida a casa ficou em silêncio. Ele se virou para a tela do computador, fechou o documento com as fotos do Mercedes esmagado do Dr. Brewster e fez uma busca no Google por “Holdenfield + Bom Pastor”.

O primeiro resultado referente ao trabalho de Rebecca sobre o caso foi um artigo com um intimidante título acadêmico: “Ressonância de padrões: inferências para a formação de personalidade aplicadas a um atirador desconhecido (vulgo Bom Pastor) com o emprego de protocolos de modelagem bivalentes indutivo-dedutivos. R. Holdenfield et al.”.

Gurney clicou na barra de rolagem e deu uma olhada nos outros resultados, descartando links inúteis que iam desde uma matéria de jornal sobre um homem em Holdenfield, Nebraska, que fora mordido por um pastor-alemão até um obituário do pastor Holdenfield, um adventista

negro. No fim, contou cerca de uma dúzia de resultados relevantes.

Foi clicando em um por um, mas descobriu que a maioria só podia ser acessada pelos assinantes das respectivas publicações. Os preços das assinaturas eram muito maiores do que sua curiosidade, e, se a linguagem usada no título do artigo dela sobre ressonância de padrões indicava alguma coisa, ler aqueles textos inteiros acabaria lhe dando uma tremenda dor de cabeça.

Capítulo 18

Ressonância de padrões

Cooperstown se situava ao sul de um lago comprido e estreito localizado nas colinas do condado de Otsego. A principal avenida da cidade era atulhada de lojas de artigos esportivos, enquanto as tranquilas ruas transversais tinham casas em estilo grego renascentista, à sombra de carvalhos centenários.

A viagem de Walnut Crossing até lá demorou uma hora e pouco, mais do que Gurney havia esperado, mas não tinha problema: ele estava bastante adiantado. No fundo, achava que poderia gostar de ouvir a palestra de Rebecca, ou pelo menos parte dela.

O interior do estado – principalmente os balneários à beira do lago – não era um destino popular de férias no fim de março. O estacionamento do Otesaga não tinha nem um terço das vagas ocupadas e o terreno rural, ainda que perfeitamente bem cuidado, estava deserto.

Gurney constatou, pela elegância do saguão de entrada, que uma diária no hotel estaria muito além de suas posses. Quando ia perguntar onde ficava o Salão Fenimore, viu uma placa com uma seta apontando para um amplo corredor. A placa informava que o salão estava reservado naquele dia para uma reunião da Associação Americana de Psicologia Filosófica.

Havia outra placa informativa ao lado de uma porta aberta no fim do corredor. Enquanto Gurney se aproximava, escutou aplausos. Quando chegou, viu que Rebecca tinha acabado de ser apresentada e se dirigia a um palanque na outra extremidade do salão – um espaço de pé-direito alto onde uma reunião de senadores romanos se encaixaria perfeitamente.

Nada mau, pensou Gurney.

Numa avaliação rápida, ele calculou que havia cerca de duzentos lugares, e que a maior parte estava ocupada. A maioria dos espectadores era de homens, e grande parte deles parecia ter mais de 40 anos. Gurney entrou no salão e se sentou na última fila – assim como fazia em casamentos e outros eventos em que se sentia deslocado.

Quando Rebecca o viu, não fez qualquer sinal de reconhecimento. Alisou algumas folhas de papel em cima do palanque e sorriu para a plateia. Sua expressão revelava mais confiança e força do que cordialidade.

Até aí nenhuma novidade, pensou Gurney.

– Obrigada, Sr. Presidente – disse ela. Parou de sorrir e começou sua palestra em voz clara e segura: – Estou aqui hoje para lhes falar sobre uma ideia simples. Não quero apenas que concordem ou discordem dela, mas que pensem a respeito. O que trago para vocês é uma nova visão do papel da *imitação* em nossa vida, e como ela afeta tudo o que pensamos, sentimos e fazemos. Na minha visão, a imitação é um instinto de sobrevivência da espécie humana, tão indispensável quanto o sexo. Essa simples ideia é *revolucionária*. Esse fenômeno nunca foi classificado como instinto, como uma tendência à ação, impelido pelo aumento gradual da tensão e pela sua liberação. Mas não é exatamente isso que ele é?

Rebecca fez uma pausa. Todos na plateia estavam totalmente em silêncio.

– Talvez a verdade mais reveladora e ignorada sobre a imitação seja o fato de que... *a sensação é boa*. O processo de imitar oferece ao organismo humano uma forma de prazer, uma liberação da tensão. Em tudo o que fazemos existe uma tendência para a repetição, porque nos sentimos bem fazendo isso.

Os olhos dela brilhavam e a audiência parecia fascinada.

– Nós gostamos de ver as mesmas coisas que já vimos e de fazer o que já fizemos. O cérebro busca a *ressonância de padrões* porque *repetir é prazeroso*.

Ela se afastou do palanque, como se quisesse se conectar mais diretamente com os ouvintes.

– A sobrevivência de qualquer espécie depende da capacidade de cada geração de replicar os comportamentos da geração anterior. Essa replicação pode resultar da programação genética ou do aprendizado. O

comportamento das formigas, por exemplo, depende em grande parte da programação genética desses insetos. Já o dos humanos é consequência do aprendizado. Quando os insetos nascem, seu cérebro já tem praticamente todo o conhecimento de que eles precisam, ao passo que os humanos, no momento do nascimento, não sabem quase nada do que precisam para sobreviver. *A condição decisiva para a sobrevivência de um inseto é agir. A de um ser humano é aprender.* Os instintos dos insetos os impelem aos *atos específicos* do ciclo de vida, enquanto nosso instinto de imitação nos impele a *aprender como agir*.

Gurney percebeu, pelo silêncio no salão, que todos estavam completamente atentos às palavras dela. Ali Rebecca era uma estrela do rock.

– Dentro desse instinto estão as raízes da arte, do hábito, da alegria da criatividade, da dor da frustração. Boa parte do sofrimento humano decorre do fato de o instinto de imitação ser algo diretamente oposto a recompensas e punições externas. Considerem como exemplo um pai que bata no filho para castigá-lo por ter agredido outra criança. Nesse caso, ele está lhe ensinando duas lições: que bater é o modo *errado* de lidar com comportamentos que achamos questionáveis (já que é por isso que o filho está sendo castigado) e que, ao mesmo tempo, é o modo *certo* de lidar com comportamentos que achamos questionáveis (já que está sendo um modelo de castigo). O pai que bate num filho para ensiná-lo a não bater está, de fato, ensinando-o a bater. As chances de danos psíquicos são enormes quando o comportamento que está servindo como modelo é o mesmo pelo qual se está sendo castigado.

Durante a meia hora seguinte Gurney teve a sensação de que Rebecca só estava repetindo, em outras palavras, o que já dissera. Mas, longe de entediar a plateia, ela só parecia fasciná-la ainda mais. Andando e gesticulando dramaticamente naquele salão grandioso, ela era o centro das atenções.

Finalmente Rebecca retornou a seu lugar atrás do palanque com uma expressão triunfante.

– Portanto – concluiu ela –, peço que considerem a possibilidade de que o impulso de satisfazer o instinto de imitação possa ser o fator mais importante que falta em nossa compreensão da própria natureza humana.

Obrigada pela presença.

O salão foi tomado por uma salva de palmas. Um membro da plateia, com o rosto ruborizado e cabelos brancos, levantou-se da primeira fila e se dirigiu aos colegas com a voz de um locutor de rádio:

– Em nome de todo o grupo, eu gostaria de agradecer à Dra. Holdenfield por essa notável apresentação. Ela disse que queria nos dar algo em que pensar, e sem dúvida foi isso que aconteceu. Um conceito totalmente intrigante. Em cerca de quinze minutos abriremos nosso bar e teremos um belo bufê. Até lá, vocês poderão fazer perguntas e comentários. Está bom assim para você, Rebecca?

– Claro.

A maioria das “perguntas” que se seguiram foi composta principalmente de elogios à originalidade de Rebecca e agradecimentos por sua presença. Depois de vinte minutos, o homem de cabelos brancos se levantou de novo, expressou sua gratidão mais uma vez em nome do grupo e anunciou que o bar estava aberto.

– Muito interessante – disse Gurney com um sorriso estranho.

Rebecca lançou-lhe um olhar ao mesmo tempo avaliador e desafiante. Os dois ocupavam uma pequena mesa numa varanda com vista para um gramado impecável. O sol brilhava e o lago do outro lado da relva era tão azul quanto o céu. Ela estava com um terninho de seda bege e uma blusa branca do mesmo tecido. Não usava maquiagem nem joias, apenas um relógio dourado que parecia ter custado bem caro. Os cabelos castanho-avermelhados não eram nem compridos nem curtos e estavam penteados de forma casual. Ela o avaliava com os olhos castanho-escuros.

– Você chegou bem cedo.

– Queria reunir o máximo de informações que pudesse – respondeu ele.

– Sobre psicologia filosófica?

– Sobre você e seu modo de pensar.

– Meu modo de pensar?

– Estou curioso para saber como você chega às suas conclusões.

– Em termos gerais? Ou você tem uma pergunta específica que não está fazendo?

Ele riu.

- Como você está?
- Bem, acho. Ocupada. Na verdade, muito ocupada.
- Parece estar valendo a pena.
- Como assim?

– Fama. Respeito. Aplausos. Livros. Artigos. Palestras.

Ela assentiu, inclinou a cabeça, fitou-o e ficou esperando.

- E? – disse finalmente.

Gurney olhou o lago reluzente depois do gramado.

– Só estou notando a carreira marcante que você construiu, primeiro na psicologia forense e agora na psicologia filosófica. A marca Holdenfield está crescendo e brilhando. Estou impressionado.

- Não está, não. Você não se impressiona tão fácil. O que você quer?

Ele deu de ombros.

- Preciso de ajuda para entender o caso do Bom Pastor.

- Por quê?

- É uma longa história.

- Me conte a versão curta.

– A filha de uma conhecida minha está produzindo uma série de TV sobre as famílias das vítimas do Bom Pastor. Quer que eu vá às reuniões com ela e depois diga quais foram minhas impressões, que eu dê minha opinião como ex-policia! etc. etc.

Enquanto Gurney falava, as partes mal explicadas que ele preenchia com “etc.” o corroíam por dentro.

- O que você precisa saber?

- Muita coisa. Não consigo nem decidir por onde começar.

O canto da boca de Rebecca estremeceu.

- Então comece por qualquer lugar – falou ela.

- Ressonância de padrões – disse Gurney.

Ela piscou.

- O quê?

– O termo que você usou hoje na sua apresentação. E também como título de um artigo que escreveu há nove anos. O que significa?

- Você leu aquele artigo?

– Fiquei intimidado pelo título comprido e achei que o restante estaria além da minha capacidade.

– Nossa, como você fala besteira.

Ela fez isso parecer um elogio.

– Então me fale sobre a ressonância de padrões – pediu Gurney.

Ela olhou o relógio.

– Não sei se tenho tempo suficiente.

– Tente.

– Tem a ver com a transferência de energia entre estruturas mentais.

– Na linguagem de um humilde detetive aposentado nascido no Bronx, isso significaria...?

Os olhos dela brilharam, divertidos.

– É um modo de repensar e rever o conceito de sublimação de Freud: o desvio da energia agressiva ou sexual para canais alternativos mais seguros.

– Rebecca, essa não é a linguagem dos humildes detetives aposentados.

– Meu Deus, Gurney, você só fala merda! Mas tudo bem, vamos fazer do seu jeito. Esqueça Freud. Existe um poema muito famoso sobre uma menina chamada Margaret que está sofrendo por causa da queda das folhas no outono. Mas os dois últimos versos são: “É para a morte que o homem nasce, / É por Margaret que você chora.” Isso é ressonância de padrões. A profunda emoção que ela sente ao ver a morte das folhas vem, na verdade, de um conhecimento mais profundo de seu próprio destino inevitável.

– Você quer dizer que a energia emocional de uma experiência pode ser transferida para outra sem...

– Sem que a gente perceba que o que está *sentindo* no momento pode não ter nada a ver com o que está *acontecendo* no momento. Essa é a questão!

Ela estava orgulhosa de sua ideia.

– Como isso tudo se aplica ao Bom Pastor? – indagou Gurney.

– *Como?* Praticamente em todos os sentidos possíveis. As ações dele, seu pensamento, sua linguagem, sua motivação: tudo se encaixa com perfeição no conceito. O caso do Bom Pastor é uma das provas mais claras dessa teoria. Esse tipo de matança justificada por uma missão nunca é o que parece a princípio. Por trás da motivação consciente do assassino existe sempre outra fonte de energia, uma experiência traumática ou um conjunto de experiências que ocorreram muito antes. Ele tem um depósito de medo e fúria reprimidos, gerados por algo que ocorreu no passado. Por um

processo de associação, ele acaba conectando o que aconteceu lá atrás a algo do presente, e os antigos sentimentos começam a governar seus pensamentos. Os seres humanos acreditam, naturalmente, que o que sentem no momento é resultado do que experimentam também no momento. Por exemplo, quando estou feliz ou triste, presumo que seja porque algo na minha vida presente vai bem ou mal, e não porque certa quantidade de energia emocional foi transferida de uma memória reprimida para o instante atual. Em geral essa transferência equivocada é inofensiva, mas, quando se transforma em uma fúria patológica, pode ser muito perigosa. E é exatamente isso que acontece com certo tipo de assassino. O Bom Pastor é um exemplo perfeito.

– Você tem alguma ideia do que aconteceu na infância dele que tenha sido responsável por toda a energia transferida que está por trás dos assassinatos?

– Acho que o medo esmagador de um pai violento e materialista o deixou traumatizado.

– E por que você acha que ele parou depois de matar seis pessoas?

– Já pensou que ele próprio pode estar morto? – Rebecca olhou para o relógio mais uma vez e franziu a testa. – Desculpe, David, realmente não tenho mais tempo.

– Obrigado por ter conseguido um horário para mim em sua agenda caótica. Aliás, durante o estudo do caso, você chegou a falar com Max Clinter?

– Rá! Clinter. Falei, claro. O que é que tem?

– Eu é que pergunto.

Rebecca suspirou com impaciência, depois disse muito depressa:

– Max Clinter é um narcisista furioso que acredita que o caso do Bom Pastor tem a ver com ele. É cheio de teorias de conspiração que não fazem o menor sentido. Também é um bêbado autoindulgente que acabou com a própria vida e com a da família numa só noite de horror, e desde então vem tentando ligar os pontos da maneira que pode, por mais esquisita que seja, para culpar todo mundo, menos ele mesmo.

– Por que você acha que ele está morto?

– O quê?

– Você disse que o Bom Pastor pode estar morto.

– Sim. *Pode* estar.

– Mas, se não estiver, por que outro motivo ele teria parado?

Ela soltou mais um suspiro impaciente, dessa vez mais dramático.

– Talvez uma das balas do Clinter tenha chegado perto demais dele, ou o tenha até acertado. Ou então ele teve um colapso nervoso, uma descompensação psicótica. Pode estar num hospício ou até na prisão, por acontecimentos não relacionados aos assassinatos. Pode haver um milhão de motivos para ele ter sumido do mapa. Não faz sentido especular sem provas adicionais. – Rebecca se afastou da mesa. – Desculpe. Preciso ir.

Fez um aceno rápido com a cabeça para se despedir e começou a se dirigir à porta que separava a varanda do saguão do hotel.

Quando ela já tinha se virado, Gurney falou:

– Existe algum motivo para alguém querer impedir uma revisão do caso?

Rebecca se virou e o encarou.

– Sobre o que você está falando?

– Sabe a jovem que está fazendo o programa que eu mencionei? Coisas estranhas estão acontecendo com ela, coisas que poderiam ser interpretadas como ameaças. Ou, no mínimo, como sugestões hostis de que ela deveria cancelar o projeto.

Rebecca pareceu perplexa.

– Como o quê?

– Invasões a seu apartamento, objetos pessoais trocados de lugar, facas de cozinha sumindo e reaparecendo em outros locais, gotas de sangue misteriosas, luzes se apagando porque alguém mexeu na caixa de disjuntores, um degrau na escada do porão serrado nas extremidades, como uma armadilha para alguém cair... – Quando ele estava prestes a mencionar o aviso sussurrado, sua insegurança o deteve. – Existe uma chance de ela estar sendo importunada por outro motivo e que as ameaças não tenham ligação direta com o caso, mas eu acho que têm. Deixe-me perguntar uma coisa: no caso de o Bom Pastor ainda estar por aí à solta, você acha que ele tentaria impedir que um documentário sobre o caso fosse veiculado na TV?

Ela balançou a cabeça com veemência.

– Muito pelo contrário. Ele adoraria. Estamos falando de alguém que escreveu um manifesto de vinte páginas e mandou pelo correio para todos

os maiores órgãos de mídia do país. Esses psicopatas com ressentimento social querem plateia. *Adoram* plateia. Seu objetivo é que a importância de sua missão seja reconhecida por todo mundo.

– Você consegue pensar em outra pessoa que quisesse entrar no caminho?

– Não.

– Então tenho um estranho mistério nas mãos. Acho que o agente encarregado Trout não estaria muito disposto a falar comigo, não é?

– Matt Trout? Você só pode estar brincando.

– É, eu sou assim, cheio de humor. Obrigado por seu tempo, Rebecca.

O olhar perplexo ainda estava no rosto de Rebecca quando ela se virou de novo e entrou no saguão.

Capítulo 19

Causando controvérsia

Três meninos com camiseta e short vermelhos estavam jogando futebol num gramado perfeito na beira do lago. Pareciam não se incomodar com as nuvens que tinham encoberto o sol como se a primavera ainda não tivesse chegado para substituir o inverno.

Gurney se levantou da mesa e esfregou os braços para aquecê-los. Praticamente todo o corpo doía por causa da queda na noite anterior. O zumbido, que ele só costumava escutar de tempos em tempos, parecia mais constante agora. Enquanto seguia sem muita estabilidade na direção da porta do hotel, um rapaz a abriu para ele. O jovem usava um uniforme conservador e tinha um sorriso automático e uma voz que soou meio embolada aos ouvidos de Gurney.

– Como? – disse ele.

O rapaz falou mais alto, como um funcionário de um asilo de idosos:

– Só perguntei se está tudo bem, senhor.

– Sim, tudo ótimo, obrigado.

Gurney voltou para o estacionamento. Quatro jogadores de golfe usando calças xadrez tradicionais e suéteres com gola em V estavam descendo de um enorme utilitário branco que parecia uma grande torradeira de pão. Em geral a ideia de alguém pagar uma fortuna para andar por aí numa torradeira gigante o faria sorrir, mas agora pareceu apenas mais um sintoma de um mundo em degeneração, um lugar em que consumistas idiotas formavam um grupo interminável com o objetivo de comprar o maior número de coisas possível.

Talvez o Bom Pastor tivesse razão.

Ele entrou no carro, se recostou no banco e fechou os olhos.

Percebeu que estava com sede. Olhou para o banco de trás, onde costumava manter algumas garrafas d'água à mão, mas não encontrou nenhuma. Isso significava que elas haviam rolado e caído embaixo do banco da frente. Ele saiu do carro, abriu a porta de trás, se agachou e achou uma. Bebeu cerca de metade do líquido e entrou no veículo de novo.

Fechou os olhos outra vez, pensando que poderia clarear as ideias com um cochilo de cinco minutos, mas uma coisa que Rebecca havia dito não o deixou relaxar.

Você só pode estar brincando.

Disse a si mesmo que tinha sido apenas um comentário casual – que Rebecca devia estar se referindo ao costume ridículo de Trout de fingir que era inacessível –, ou então apenas um modo de evitar que Gurney pedisse que ela o apresentasse a ele. De qualquer modo, ficar pensando nisso seria uma grande perda de tempo.

Mas eram argumentos racionais, e a raiva que Gurney sentia não era nem um pouco racional. Raiva do metido fanático por controle que se recusava a recebê-lo, de Rebecca por ser tão egoísta para interceder, de toda a cultura arrogante do FBI.

Ficou repassando na mente trechos da palestra de Rebecca, seu conceito de ressonância de padrões para o assassinato em série, o perfil do Bom Pastor, o degrau serrado, a insistência de Robby Meese de que Kim Corazón era perigosamente louca, a bizarrice de Max Clinter, o repulsivo Rudy Getz, a maldita flecha com plumas vermelhas que tinha ido parar no canteiro. Mas, no meio de toda a confusão, seus pensamentos pareciam retornar àquela simples frase: *Você só pode estar brincando.*

Que reação ele teria preferido? “Claro que ele vai falar com você. Com toda sua reputação no Departamento de Polícia de Nova York, por que o agente Trout não iria querer se encontrar com você?”

Meu Deus! Será que ele era tão pateticamente dependente de sua reputação? Será que precisava tanto que sua posição de astro no mundo da lei fosse reconhecida por todos? Sempre que esse reconhecimento era feito em público, ele ficava incomodado. Mas, agora, sentiu que ter seu valor ignorado era pior. O que levava a outra pergunta perturbadora: *quem era*

ele sem essa posição, sem essa reputação?

Só mais um cara cuja carreira chegara ao fim? Só mais um cara que não sabia quem diabo era, porque a estrutura de poder que lhe conferira sua identidade também tinha o poder de ignorá-lo? Só mais um ex-policial lamentável, sentado no banco de reserva, sonhando com os dias em que sua vida fazia mais sentido, esperando ser chamado para entrar em campo?

Mas que papinho ridículo de autopiedade!

Chega!

Sou um detetive, pensou. Talvez sempre tenha sido e, de um modo ou de outro, sempre seja. Esse é um fato da minha vida, independentemente do meu contracheque ou da minha posição na cadeia de comando. Tenho talentos que me tornam o que eu sou. O que importa é o exercício desses talentos, não a opinião de Rebecca Holdenfield, de Matt Trout ou de qualquer outra pessoa. Minha autoestima, o que me prende à vida, depende do meu comportamento, não das reações de uma psicoenrolona criadora de perfis ou de algum agente federal burocrata que eu nem conheço.

Agarrou-se a essas afirmações, tentando se estabilizar, ao mesmo tempo que sentia certo exagero no tom delas. Mas tinha certeza de que era melhor ser exagerado em suas convicções do que não ter nenhuma. E percebia que, se quisesse manter o equilíbrio, precisava de ímpeto, assim como alguém andando de bicicleta. Tinha que *fazer* alguma coisa.

Pegou o celular, acessou o e-mail e abriu mais uma vez a série de relatórios de incidentes que Hardwick havia lhe mandado.

Enquanto passava os olhos por eles, lembrou que a corretora de imóveis – a que tinha um nome de estrela de cinema – estava a apenas alguns quilômetros de sua casa, em Barkham Dell, quando se tornara a quarta vítima do Bom Pastor.

Barkham Dell não ficava longe de Cooperstown. No relatório de incidente ele encontrou a localização exata da Long Swamp Road, rua em que Sharon morava, acompanhada de fotos com anotações sobre o ponto em que metade do rosto dela explodira com o tiro e seu carro havia saído da estrada.

Digitou o local em seu GPS e passou pelo portão do estacionamento do Otesaga. Não estava com nenhuma expectativa de que faria uma grande descoberta, e sim com o sentimento de humildade de voltar ao início de

tudo, de enfim conseguir pensar de forma realista.

A primeira visita a uma cena de crime, mesmo que ele tivesse sido cometido dez anos antes, provocava em Gurney um efeito que ele achava difícil de classificar. Chamá-lo de estimulante parecia perverso, mas definitivamente era algo que intensificava seus sentidos. As reações químicas que isso catalisava em seu cérebro faziam com que tudo o que ele via no local ficasse muito mais vívido em sua memória do que as visões e os acontecimentos de sua vida cotidiana.

Não era a primeira vez que ele visitava uma cena de crime tanto tempo depois de sua ocorrência. Certa vez, conseguira extrair de um assassino em série uma confissão que incluía a morte de uma adolescente numa floresta perto de Orchard Beach, no Bronx, que ocorrera doze anos antes da admissão da culpa.

Agora, enquanto dirigia devagar pela suave curva para a esquerda onde a Long Swamp Road se afastava da rodovia estadual a caminho do lago Dead Dog, ele fez a mesma coisa que fizera em Orchard Beach: pensou em como o local seria dez anos antes, subtraindo na mente o tempo de crescimento das árvores, apagando as mais novas e os arbustos menores.

Estava com as fotos do relatório do incidente para guiar seus ajustes. Não houvera interferências feitas pelo homem – nenhuma construção, nenhum outdoor, nenhum poste telefônico. No ano 2000 a estrada não tinha mureta de proteção, e agora também não. Na época do crime também era início de primavera, o que conferia às fotos antigas uma ilusão de atualidade.

A posição das árvores altas, combinada com as anotações nas fotografias e as medições de ângulos e distâncias, tornava possível para Gurney localizar o lugar aproximado em que o carro de Sharon Stone se encontrava quando a bala a acertou.

Voltou dirigindo até o ponto em que a estrada cruzava com outra que dava na rodovia estadual. Depois foi daí até o local do tiro, de onde seguiu por 3 quilômetros de pântanos, passou pelo lago Dead Dog, pelo povoado bucólico de Barkham Dell e por mais 1,5 quilômetro até onde a Long Swamp Road se ligava a uma movimentada rodovia do condado.

Em seguida retornou ao lugar de onde tinha partido e fez tudo de novo, só que dessa vez agindo como imaginava que o Bom Pastor teria feito.

Primeiro encontrou um lugar discreto para estacionar junto à estrada, perto do cruzamento com a rodovia estadual – uma localização razoável para alguém ficar à espreita de um Mercedes, um carro bastante comum entre as pessoas que passavam o fim de semana em Barkham Dell.

Então saiu atrás de um Mercedes imaginário, “seguiu-o” até o começo da curva, acelerou entrando nela, passou para a faixa da esquerda, baixou o vidro do carona e, no ponto aproximado indicado na reconstituição da ocorrência, levantou o braço direito e apontou para o motorista imaginário.

– POU! – gritou Gurney o mais alto que pôde, sabendo que nenhum som que conseguisse fazer chegaria sequer a dez por cento do estrondo do monstro calibre 50 usado no assassinato.

Enquanto fingia atirar, pisou no freio, visualizando o carro da vítima saindo do arco da curva e indo parar no pântano cerca de 100 metros à frente dele. Fingiu colocar a arma no banco ao lado, pegar um minúsculo animal de brinquedo no bolso da camisa e jogá-lo no acostamento perto de onde presumia que o Mercedes estaria, cercado pelos restos do capim morto da estação anterior.

Depois que terminou a simulação, continuou para Barkham Dell. No caminho, pensou em todas as opções possíveis para se livrar de uma pistola Desert Eagle. Três carros passaram por ele na direção oposta. Um deles, por acaso, era um Mercedes preto, o que lhe causou um frio na espinha.

Depois do sinal de trânsito do vilarejo, ele fez o retorno para voltar ao ponto de partida e repetir toda a ação. Mas, justo quando se aproximava do lago Dead Dog, considerando os pontos positivos e negativos dos locais onde desovar uma pistola, seu celular tocou. O número no identificador de chamadas era de seu telefone fixo.

– Madeleine?

– Cadê você?

– Numa estradinha perto de Barkham Dell. Por quê?

– Por quê?!

Ele hesitou.

– Algum problema?

– Que horas são? – perguntou ela com uma calma perturbadora.

– Que horas? Eu não... Ah, meu Deus. É, estou vendo. Esqueci.

O relógio em seu painel marcava 15h15. Ele havia prometido estar em

casa às três. *No máximo* às três.

- Você esqueceu?
- Desculpe.
- Só isso? Você esqueceu?

Havia uma raiva palpável na voz controlada de Madeleine.

– Desculpe. Não dá para ter controle sobre o que eu esqueço ou deixo de esquecer. Eu não *escolho* esquecer as coisas de propósito.

- Escolhe, sim.
- Como diabo eu faria isso? Esquecer é esquecer. Não é algo intencional.
- Você se lembra das coisas que acha importantes e se esquece das que não acha.

– Isso não é...

– É, sim. Você sempre coloca a culpa na memória, mas não tem nada a ver com isso. Você nunca esqueceu um compromisso no tribunal, não é verdade? Nunca esqueceu uma reunião com um promotor. Você não tem nenhum problema de *memória*, David, você tem um problema em *se importar*.

- Olhe, me desculpe.
 - Certo. E quando você vai chegar em casa?
 - Estou indo. Trinta e cinco, quarenta minutos.
 - Então você está dizendo que vai chegar por volta das quatro?
 - Sem dúvida por volta das quatro. Talvez antes.
 - Ótimo. Quatro horas. Só uma hora atrasado. Vejo você daqui a pouco.
- Então ela desligou.

Às 15h32 ele chegou à calma estradinha que serpenteava morro acima, junto ao riacho, até sua casa. Um quilômetro e meio depois, parou numa área coberta de capim diante de uma cabana de veraneio raramente usada.

Tinha passado os primeiros dez minutos da viagem de volta de Barkham Dell imaginando por que Madeleine parecera tão mais irritada que o usual com seus esquecimentos, com sua incapacidade de se importar e de anotar coisas que poderiam lhe escapar da mente. Já no restante do percurso ele se dedicou a pensar nos assassinatos do Bom Pastor.

Imaginou se fora feito algum progresso depois que o caso passara para o controle do escritório de campo do FBI em Albany, algo que não fora

registrado nos arquivos da polícia a que Hardwick tinha acesso. Também pensou se haveria algum modo de descobrir isso sem ter que passar pelo agente Trout, mas não conseguiu visualizar nenhum.

No entanto... se Trout fosse mesmo tão rígido quanto todos pareciam achar, ele também devia ter alguma fragilidade. Gurney sabia muito bem que as pessoas tendem a juntar suas defesas mais fortes em torno de seu ponto mais fraco.

Assim, uma mania de controle costuma significar um grande medo do caos.

E isso sugeria um caminho para penetrar na fortaleza.

Pegou o celular e ligou para Rebecca Holdenfield. Caiu na caixa postal.

– Oi, Rebecca. Desculpe incomodá-la de novo num dia tão agitado, mas existem algumas coisas sobre o caso do Bom Pastor que não se encaixam. Na verdade, pode haver uma falha crucial na teoria do FBI. Quando tiver um tempo, me dê uma ligada.

Enfiou o aparelho de volta no bolso e fez o restante do caminho morro acima.

Capítulo 20

Surpresa

Enquanto passava entre o lago e o celeiro e via a casa surgir no alto do pasto, Gurney vislumbrou o guidom e o tanque de gasolina de uma motocicleta ao lado do carro de Madeleine.

A visão lhe causou um misto de curiosidade e desconfiança. Quando parou ao lado do veículo, a primeira sensação aumentou. A motocicleta, um modelo muito bem conservado, era uma Cyclone BSA, uma máquina cada vez mais rara, que não era fabricada desde a década de 1960.

A moto lhe lembrava uma que ele próprio tivera. Em 1979, quando estava no primeiro ano da faculdade em Fordham e ainda morava com os pais no Bronx, ia para as aulas numa Triumph Bonneville de vinte anos. Quando ela foi roubada, no verão entre o primeiro e o segundo anos, ele já havia passado por temporais e quase acidentes suficientes na Cross Bronx Expressway para aceitar o tédio de andar de ônibus.

Entrou em casa pela porta lateral. Esperou escutar vozes, talvez a do dono da moto, mas tudo o que ouviu foi algo chiando no fogão. Quando chegou à cozinha, sentiu o forte aroma das cebolas que Madeleine estava refogando numa frigideira grande. Ela não se virou.

- De quem é aquela moto? – perguntou.
- Ela estava no caminho?
- Eu não disse que ela estava no caminho. – Ele esperou, olhando para as costas dela. – E então?
- Então o quê?
- De quem é?

– Não posso dizer.

– O quê?

Ela suspirou.

– Não posso dizer.

– Por que não?

– Porque... alguém quer que a visita seja uma surpresa.

– Quem? Onde está a pessoa?

– É uma surpresa.

Ela não pareceu satisfeita com a situação em que fora posta.

– Alguém veio aqui para se encontrar comigo?

– Isso.

Ela desligou o fogo, pegou a frigideira e jogou as cebolas refogadas sobre uma camada de arroz que estava num tabuleiro ao lado do fogão.

– Onde está Kim?

– Ela e sua visita foram dar um passeio.

Madeleine foi até a geladeira, pegou uma tigela de camarões crus descascados, uma segunda tigela com pimentões picados e aipo e um vidro de alho moído.

– Você sabe que eu não gosto muito de surpresas – disse Gurney.

– Nem eu.

Ela ligou de novo o fogo embaixo da frigideira, jogou os vegetais dentro e começou a misturar tudo vigorosamente com uma espátula.

Nenhum dos dois falou nada por um longo minuto. Gurney achou o silêncio desconfortável.

– Imagino que seja alguém que eu conheça.

Ele se arrependeu imediatamente da imbecilidade do que tinha dito.

Madeleine olhou-o diretamente pela primeira vez desde que ele havia chegado.

– Espero que sim.

Gurney respirou fundo.

– Isso é ridículo. Me conte quem veio naquela motocicleta e por que está aqui.

Madeleine deu de ombros.

– Kyle. Veio ver você.

– O quê?

– Você me ouviu. Seu zumbido não está tão ruim.
– Meu filho Kyle? Veio da cidade numa motocicleta? Me ver?
– Para fazer uma surpresa. Ele ia chegar às três, porque foi o horário em que você disse que ia voltar. *No máximo às três*. Depois decidiu chegar às duas para ter mais tempo com você se você chegasse antes.

– Você armou isso?

A frase saiu como uma pergunta e como uma acusação ao mesmo tempo.

– Não, eu não armei. Foi ideia do Kyle. Ele não vê você desde o hospital. Tudo o que eu fiz foi dizer a que horas você chegaria, a hora em que você *disse* que chegaria. Por que está me olhando desse jeito?

– Parece uma tremenda coincidência você ter sugerido ontem que Kyle e Kim formariam um casal interessante e agora eles estarem aqui, dando um passeio juntos.

– Coincidências acontecem, David. É por isso que a palavra existe.

Ela voltou a se concentrar na frigideira.

Gurney ficou mais incomodado do que desejava admitir. Chegou à conclusão de que era um sintoma de sua profunda aversão a mudanças de planos, a ter sua ilusão de controle desafiada. Isso e o fato de que o relacionamento com Kyle, seu filho de 26 anos do primeiro casamento, já estava deteriorado havia muito tempo. Além disso, o efeito dos anti-inflamatórios que ele havia tomado estava passando e a dor no corpo por causa da queda no porão estava piorando.

Tentou não soar hostil quando disse:

– Você sabe aonde eles foram?

Madeleine tirou a frigideira do fogo e acrescentou seu conteúdo ao arroz com cebolas no tabuleiro. Só respondeu depois que raspou totalmente o fundo, levou a frigideira de volta ao fogão e acrescentou mais óleo.

– Eu sugeri a trilha que vai dar no lago.

– Quando eles saíram?

– Assim que souberam que você iria se atrasar uma hora.

– Gostaria que você tivesse me contado sobre isso.

– Teria feito diferença?

– Claro que teria.

– Interessante.

O óleo na frigideira estava começando a soltar fumaça. Madeleine foi até o

armário de temperos e voltou com pó de gengibre, de cardamomo, de coentro e um saco de castanhas-de-caju. Ligou o exaustor do fogão no máximo, jogou um punhado das castanhas na panela, uma colher de chá de cada tempero e começou a mexer tudo.

Olhou pela janela ao lado do fogão e fez um gesto com a cabeça em direção a ela.

– Eles estão voltando.

Ele foi até lá para ver. Pelo caminho coberto de capim que passava pelo pasto vinham Kim, com o casaco multicolorido de Madeleine, e Kyle, com uma calça jeans desbotada e um casaco de couro preto. Pareciam estar se divertindo muito na companhia um do outro.

Madeleine observava o marido.

– Antes que eles entrem – disse ela –, você poderia fazer uma cara mais calorosa.

– Eu só estava pensando na motocicleta.

Ela jogou a mistura de castanhas com temperos em cima dos outros ingredientes no tabuleiro.

– O que é que tem?

– Uma moto clássica, de cinquenta anos, restaurada até ficar impecável, não é uma coisa barata.

– Rá! – Ela colocou a frigideira na pia e abriu a torneira. – E quando foi que Kyle já teve alguma coisa barata?

Ele assentiu vagamente.

– A única outra vez que ele veio a esta casa foi há dois anos, com aquela porcaria de Porsche que tinha comprado com os bônus de Wall Street. Agora é uma BSA caríssima. Meu Deus.

– Você é o pai dele.

– O que isso quer dizer?

Madeleine suspirou, olhando-o com uma estranha combinação de exasperação e compaixão.

– Não é óbvio? Ele quer que você fique orgulhoso. Tudo bem que ele faz isso de um jeito que não funciona. Vocês dois não se conhecem muito bem, não é?

– Acho que não – disse Gurney enquanto ela colocava o tabuleiro no forno. – Essas coisas reluzentes e luxuosas... essa baboseira de marca... tudo

isso me traz muitas lembranças do gene materialista que ele herdou da mãe corretora. Ela era ótima em ganhar dinheiro e melhor ainda em gastar. Ficava dizendo que eu estava perdendo meu tempo como policial, que devia estudar direito porque era mais rentável defender criminosos do que capturá-los. Por isso agora Kyle está na faculdade de direito. Isso deve deixá-la feliz.

– E você está com raiva porque acha que ele quer defender criminosos?

– Não estou com raiva.

Ela lhe lançou um olhar incrédulo.

– Talvez eu esteja com raiva – admitiu ele. – Não sei o que estou sentindo.

Parece que ultimamente tudo me dá nos nervos.

Madeleine deu de ombros.

– Não esqueça que foi seu filho que veio vê-lo hoje, não sua ex-mulher.

– Certo. Eu só queria...

Foi interrompido pelo som da porta lateral se abrindo, seguido pela voz empolgada de Kim no corredor:

– De jeito nenhum, é esquisito demais! Quero dizer, é a coisa mais doentia que eu já escutei na vida!

Kyle entrou na cozinha primeiro, com um sorriso largo.

– Oi, pai! Que bom ver você!

Os dois se cumprimentaram com um abraço desajeitado.

– É bom ver você também, filho. Foi uma viagem meio longa naquela moto, não foi?

– Na verdade, foi perfeita. O trânsito estava tranquilo na 17, e de lá até aqui as estradas são ideais para motos. O que achou dela?

– Acho que nunca vi uma em tão bom estado.

– Nem eu. Adoro aquela moto. Você tinha uma do tipo, não é?

– Não era tão bem conservada assim.

– Espero que eu consiga mantê-la dessa forma. Comprei-a há duas semanas na Exposição de Motos Clássicas de Atlantic City. Não tinha planejado sair de lá com uma, mas não resisti. Nunca vi uma tão boa, nem a do meu chefe.

– Seu chefe?

– É, eu acabei voltando para Wall Street. Estou trabalhando em meio expediente para uns caras da empresa antiga, que faliu.

– Mas ainda está estudando na Columbia?

– Claro, com certeza. O sufoco do primeiro ano. Uma tonelada de coisas para ler, todas programadas para acabar com quem não está motivado o suficiente. Estou tão ocupado que fico a ponto de pirar, mas tudo bem.

Kim passou pela porta da cozinha dando um sorriso animado para Madeleine.

– Obrigada de novo pelo casaco. Pendurei no armário, tudo bem?

– Tudo. Mas estou aqui morrendo de curiosidade.

– Sobre o quê?

– Estou tentando imaginar qual foi a “coisa mais doentia” que você já escutou na vida.

– O quê? Ah! Você ouviu? Foi uma coisa que o Kyle me falou. Eca. – Ela olhou para ele. – Conte para ela. Eu não tenho coragem.

– É, hã... é sobre um transtorno estranho que certas pessoas têm. Esta pode não ser a melhor hora para falar disso, porque requer alguma explicação. Talvez mais tarde seja melhor.

– Está bem, mas vou querer saber. Agora estou *mesmo* curiosa. Enquanto isso, querem beber ou beliscar alguma coisa? Temos queijo, biscoitos, azeitonas, frutas...

Kyle e Kim se entreolharam e balançaram a cabeça.

– Para mim, não – respondeu ele.

– Não, obrigada – disse ela.

– Então fiquem à vontade – falou Madeleine, indicando as poltronas ao redor da lareira de pedra na outra ponta do cômodo. – Preciso terminar umas coisas. Vamos jantar por volta das seis.

Kim perguntou se podia ajudar em alguma coisa e, quando Madeleine disse que não, ela pediu licença e foi ao banheiro. Gurney e Kyle se acomodaram em duas poltronas de frente uma para a outra, com uma mesinha de centro de cerejeira entre elas, diante do fogo.

– Então... – começaram ao mesmo tempo, e depois riram juntos.

Gurney teve um pensamento estranho. Apesar de Kyle ter a boca e o cabelo preto da mãe, fitá-lo era como olhar para um espelho mágico que refletisse uma imagem dele mesmo, só que vinte anos mais nova.

– Você primeiro – disse Gurney.

Kyle riu. Era a boca da mãe com os dentes do pai.

– Kim me contou sobre essa história de TV em que você está envolvido.
– Não estou ligado diretamente ao aspecto da TV. Na verdade, gostaria de ficar o mais longe possível dessa parte.

– Qual é a outra parte que existe?

Era uma pergunta tão simples, pensou Gurney enquanto tentava pensar numa resposta igualmente simples.

– Acho que o caso em si.

– Os assassinatos do Bom Pastor?

– Os assassinatos, as vítimas, as provas, o modus operandi, a argumentação apresentada no manifesto, a premissa da investigação.

Kyle ficou surpreso.

– Você tem dúvidas com relação a alguma dessas coisas?

– Dúvidas? Não sei. Acho que só um pouco de curiosidade.

– Eu imaginava que tudo o que se ligasse ao Bom Pastor tivesse sido analisado até a exaustão há dez anos.

– Talvez minhas dúvidas sejam referentes aos fundamentos que fizeram com que ninguém tivesse dúvida nenhuma. Além disso, andaram acontecendo umas coisinhas estranhas.

– Como o ex-namorado maluco sabotando a escada?

– Foi assim que ela descreveu o que aconteceu?

Kyle franziu a testa.

– Existe outro modo?

– Quem sabe? Como eu disse, só estou um pouco curioso. – Ele fez uma pausa. – Mas pode ser que essa curiosidade não leve a nada. Veremos. Existe um agente do FBI com quem eu gostaria de falar.

– Por quê?

– Tenho certeza de que neste momento eu sei tanto quanto a polícia do estado, mas nossos amigos do FBI costumam esconder alguns detalhes às vezes, principalmente o sujeito que estava cuidando do caso.

– E você acha que vai descobrir isso com ele?

– Talvez não, mas gostaria de tentar.

O som agudo de vidro se quebrando chegou até eles.

– Droga! – gritou Madeleine na outra ponta do cômodo, tirando a mão de dentro da pia e olhando lá para dentro.

– Você está bem? – perguntou Gurney.

Ela rasgou um pedaço do rolo de papel toalha que estava na ilha da cozinha. O rolo virou e caiu no chão. Ela o ignorou, assim como à pergunta, e começou a limpar a palma da mão esquerda.

– Precisa de ajuda? – Gurney se levantou e foi olhar a mão dela. Pegou o rolo de papel e o pôs de volta na bancada. – Deixe-me ver.

Kyle foi atrás dele.

– Por que os cavalheiros não voltam às suas poltronas? – disse ela franzindo a testa, desconfortável com a atenção recebida. – Acho que posso cuidar disso. É só um pouquinho de sangue, nada sério. Só preciso de água oxigenada e um band-aid.

Deu um sorriso e saiu da cozinha.

Os dois se entreolharam, dando de ombros ao mesmo tempo.

– Quer um café? – perguntou Gurney.

Kyle balançou a cabeça em uma negativa.

– Estou aqui tentando lembrar... O caso passou para o FBI por causa daquele cara em Massachusetts, certo? O cirurgião cardíaco?

Gurney piscou.

– Como diabo você se lembra disso?

– Foi um caso bastante famoso.

Algo na expressão de Kyle de repente tocou os sentimentos de Gurney: a constatação de que era claro que o rapaz prestaria atenção a algo do tipo, porque aquele era o mundo em que seu pai era especialista.

– Certo – respondeu Gurney, sentindo a pequena pontada de uma emoção pouco familiar. – Tem certeza de que não quer um café?

– Acho que quero. Quero dizer, se você também for tomar.

Enquanto aguardavam o café terminar de passar, os dois ficaram olhando pela porta de vidro. O sol da tarde se inclinava pelo pasto coberto de capim.

Depois de um longo silêncio, Kyle disse:

– E o que você acha desse negócio em que ela está envolvida?

– Kim?

– É.

– É uma pergunta difícil. Acho que tudo vai depender da execução final.

– Pelo modo como ela explicou, parece que quer mesmo que seja um retrato fiel das pessoas envolvidas.

– O que ela quer e o que a RAM-TV quer podem ser duas coisas muito

diferentes.

Kyle piscou, parecendo preocupado.

– Realmente o trabalho que eles fizeram na época dos acontecimentos foi uma grande porcaria. Vinte e quatro horas por dia só de bobagem, semana após semana.

– Você lembra?

– Só passava isso. Os assassinatos aconteceram logo depois que eu me mudei da casa da mamãe para a da Stacey.

– Quando você tinha... 15 anos?

– Dezesseis. Quando mamãe começou a sair com Tom Gerard, o figurão dos imóveis. – Uma forte emoção perpassou os olhos de Kyle enquanto ele acrescentava com ênfase exagerada: – *Mamãe e Tom*.

– Então você se lembra da cobertura pela TV? – perguntou Gurney rapidamente.

– Os pais da Stacey mantinham a TV ligada o dia inteiro. Viam a RAM-News *o tempo todo*. Meu Deus, ainda consigo ver as reconstituições que eles fizeram.

– Dos assassinatos?

– É. Havia um locutor com uma voz sinistra fazendo uma narração dramática que se baseava na interpretação livre dos fatos, enquanto algum ator dirigia um carro preto e brilhante numa estrada vazia. Era o tempo inteiro isso, até o momento do tiro e do carro saindo da estrada. Aí aparecia a palavra “reconstituição” em letras miúdas na tela durante meio segundo. Era como um reality show, só que sem o fator realidade. Todo dia. Conseguiram tanta audiência com aquela bosta que deviam pagar ao Bom Pastor por isso.

– Agora me lembro – comentou Gurney. – Era tudo parte do carnaval montado pela RAM.

– Por falar em carnaval, você assistia ao seriado *Cops*, que passava na TV? Fazia um tremendo sucesso na época.

– Cheguei a ver um pedaço de um episódio.

– Acho que nunca lhe contei, mas tinha um babaca no primeiro ano do ensino médio que sabia que você era da polícia e vivia me perguntando: “É isso que seu pai policial faz para viver? Arromba portas e invade a casa das pessoas?” Um completo imbecil. Eu sempre respondia: “Não, idiota, *não é*

isso que ele faz. Aliás, ele não é só um policial. É um detetive de homicídios.” Detetive de primeira classe, certo, pai?

– Certo.

Nesse momento Kyle pareceu uma criança. Isso provocou um aperto no peito de Gurney. Ele desviou o olhar e fitou o celeiro abaixo do morro.

– Quem me dera se aquele artigo sobre você na *New York* tivesse saído naquela época. Isso o faria calar a boca rapidinho. Aquela matéria foi sensacional.

– Kim deve ter dito que foi a mãe dela que escreveu, não é?

– Disse, quando eu perguntei como ela o conhecia. Ela gosta muito de você.

– Quem?

– Kim. A mãe dela, não sei. Talvez. – Kyle riu e de novo pareceu uma criança. – Aquele distintivo dourado deixava a mulherada louca, não deixava?

Gurney conseguiu dar uma pequena risada.

Uma nuvem passou lentamente diante do sol, fazendo com que o pasto se tornasse pálido. Por um segundo, algo naquela mudança de tonalidade fez Gurney se lembrar da pele de um cadáver. Um cadáver específico. Um matador de aluguel dominicano cujo bronzeado havia se esvaído junto com seu sangue numa calçada do Harlem. Gurney pigarreou, como se quisesse afastar a imagem.

Então ouviu um barulho baixo vindo do lado de fora da casa. O som foi aumentando de volume e logo se transformou no ruído de um helicóptero. Meio minuto depois ele passou rápido, visível apenas parcialmente por trás das copas das árvores ao longo do topo da montanha. Logo em seguida o barulho foi diminuindo até sumir e tudo ficou em silêncio de novo.

– Existe alguma base militar por aqui? – perguntou Kyle.

– Não, só o reservatório da cidade.

– Reservatório? – Ele pareceu pensar nisso. – Então você acha que o helicóptero tem alguma coisa a ver com o Departamento de Segurança Interna?

– Provavelmente.

Capítulo 21

Mais surpresas

Os quatro estavam jantando na mesa rústica de cerejeira com suporte de cavalete que separava a área da cozinha da área de estar. Quando começaram a comer, Kim e Kyle elogiaram entusiasticamente o prato de camarão com arroz temperado de Madeleine. Gurney ecoara os mesmos elogios com um ar preocupado e depois disso comeram por um tempo sem falar nada.

Kyle rompeu o silêncio:

– Essas pessoas que você está entrevistando têm muita coisa em comum?

Kim mastigou, pensativa, e engoliu antes de falar:

– A raiva.

– Todas elas? Depois de todos esses anos?

– Em algumas é mais óbvia, porque elas são mais diretas. Mas acho que, de uma forma ou de outra, a raiva está em todas elas. É de se esperar, não é?

Kyle franziu a testa.

– Eu achava que a raiva fosse um estágio do luto que acabava passando.

– Não se não houver um desfecho.

– Quer dizer, o fato de o Bom Pastor nunca ter sido apanhado?

– Nem apanhado nem identificado. Depois de ter sido perseguido por Max Clinter, ele simplesmente evaporou na noite. É uma história sem final.

Gurney fez uma careta.

– Acho que pode faltar mais nessa história do que só um final.

Houve um breve silêncio ao redor da mesa enquanto todos o olhavam

com expectativa.

Finalmente, Kyle instigou:

- Você acha que o FBI entendeu errado alguma parte?
- É o que quero descobrir.

Kim ficou pasma.

- Entendeu o que errado? Que parte?
- Não estou *afirmando* nada. Só estou dizendo que é uma *possibilidade*.

Kyle ficou mais empolgado.

- Que parte eles podem ter entendido errado?
- Pelo pouco que sei no momento, acho que *tudo*.

Ele olhou para Madeleine e viu emoções conflitantes no rosto dela, sutis demais para que pudesse identificar.

Kim pareceu alarmada.

- Não entendi. O que você quer dizer?
- Odeio falar assim, mas a história toda parece meio duvidosa.

Kim balançou a cabeça rapidamente, como se estivesse discordando dele por reflexo.

– Mas, quando você diz que eles podem ter entendido tudo errado, que diabo...

A voz dela ficou no ar quando o celular de Gurney começou a tocar no bolso dele.

Ele pegou o aparelho, olhou o identificador de chamadas e sorriu.

– Tenho a sensação de que vão me fazer essa mesma pergunta em cinco segundos. – Levantou-se da mesa e encostou o telefone no ouvido: – Olá, Rebecca. Obrigado por ligar de volta.

– *Uma falha crucial na teoria do FBI?* – Havia um vestígio de raiva em sua voz. – O que aquela mensagem queria dizer?

Gurney se afastou da mesa e andou na direção da porta de vidro.

– Nada conclusivo. Só tenho algumas perguntas. Dependendo das respostas, pode ou não haver um problema.

De costas para os outros, Gurney olhou as montanhas a oeste, com os últimos vestígios avermelhados do pôr do sol, sem registrar a beleza do que via. Estava focado num objetivo: ser convidado para um encontro com o agente Trout.

– Perguntas? Que perguntas?

– Na verdade, são várias. Você está com tempo para ouvir?
– Para ser sincera, não. Mas estou curiosa. Vá em frente.
– A primeira é a mais importante de todas: alguma vez você teve dúvidas sobre o caso?

– Dúvidas? Como o quê?
– De que realmente ele se tratava, por exemplo.
– Você não está dizendo coisa com coisa. Seja mais específico.
– Você, o FBI, os especialistas em análises psicológicas, os criminologistas, os sociólogos, praticamente todo mundo, menos Max Clinter, parece concordar em tudo. Nunca vi um nível de consenso tão conveniente sobre o que é, no fim das contas, uma série de crimes não solucionados.

– *Conveniente?* – A voz dela estava amarga.
– Não estou sugerindo nada corrupto. Só tenho a impressão de que todo mundo, com a evidente exceção de Clinter, está perfeitamente satisfeito com a teoria existente. Só estou querendo saber se essa conformidade é tão universal quanto parece e se você concorda mesmo com ela.

– Escute, David, eu não tenho a noite toda. Vá logo ao ponto e diga o que está incomodando você.

Gurney respirou fundo, tentando afastar sua irritação com a irritação dela.

– O que me incomoda é que há um monte de elementos no caso, e todos eles precisam ser interpretados de um modo específico para sustentar a teoria geral. Parece que é a teoria que está conduzindo a interpretação dos fatos, e não o contrário.

Em vez de uma análise sã, objetiva e confiável, sentiu-se tentado a acrescentar, mas ficou em silêncio.

Rebecca hesitou.

– Seja mais específico.
– Há questões óbvias levantadas por cada dado, cada prova, cada fato. As respostas a todas elas parecem decorrer da premissa investigativa, em vez de a premissa investigativa decorrer das respostas às perguntas.

– Você chama isso de ser mais específico?
– Certo. As perguntas: por que só Mercedes? Por que parar na sexta vítima? Por que usar uma Desert Eagle? Por que mais de uma Desert Eagle? Por que os animaizinhos de plástico? Por que o manifesto? Por que a

combinação de argumento racional frio com linguagem religiosa acalorada? Por que a repetição rígida de...

Rebecca o interrompeu, parecendo exasperada:

– David, cada uma dessas questões foi examinada e discutida até a exaustão. Absolutamente todas. As respostas são claras, fazem todo o sentido e formam uma imagem coerente. Não entendo mesmo aonde você quer chegar.

– Então você está dizendo que nunca houve outra premissa investigativa?

– Nunca houve base para nenhuma. Qual é o problema com a teoria existente, afinal?

– Você consegue visualizá-lo?

– Visualizar quem?

– O Bom Pastor.

– Se eu consigo *visualizá-lo*? Não sei. Essa pergunta é importante?

– Acho que sim. Qual é sua resposta?

– Minha resposta é que não concordo que seja importante.

– Pelo visto, você não consegue visualizá-lo. Nem eu. O que me faz pensar que pode haver contradições no perfil que estão prejudicando o processo instintivo de imaginar um rosto. Claro, *ele* pode ser uma mulher. Uma mulher com força suficiente para segurar uma Desert Eagle. Ou *ele* pode ser mais de uma pessoa. Mas por enquanto vamos deixar isso de lado.

– Uma mulher? Não existe a menor chance.

– Não temos tempo para discutir isso agora. Tenho uma última questão para você. Em meio a todo esse consenso profissional, você ou algum de seus colegas psicólogos, ou alguém da Unidade de Análise Comportamental, discordou de *algum* aspecto da teoria do caso?

– Claro que discordamos. Sempre há opiniões divergentes, diferenças de ênfase.

– Por exemplo?

– Por exemplo, o conceito de ressonância de padrões enfatiza a transferência de energia de um trauma original para uma situação atual, o que torna a manifestação atual, essencialmente, um veículo inanimado trazido à vida pelo passado. A aplicação do paradigma do instinto de imitação validaria a situação atual. Seria uma repetição de um padrão do passado, mas com vida e energia próprias. Outro conceito que pode se

aplicar é a teoria da transmissão transgeracional de violência, que é um modelo tradicional de comportamento aprendido. Houve amplas discussões de todas essas ideias.

Gurney riu.

– Falei alguma coisa engraçada? – disse Rebecca.

– Consigo ver vocês olhando um coqueiro no horizonte e debatendo qual é o número de cocos que ele tem.

– O que você quer dizer?

– E se o coqueiro em si for uma miragem? Uma ilusão coletiva?

– David, se alguém nesta conversa está iludido, não sou eu. Você tem mais alguma pergunta?

– Quem se beneficia da teoria atual?

– O quê?

– Quem se beneficia da...

– Eu ouvi. Que diabo você quer dizer?

– Estou com a sensação de que existe uma sinergia complexa ligando os fatos do caso aos pontos fracos da metodologia do FBI e à dinâmica de carreira da comunidade jurídica.

– Não acredito que você disse isso. Não acredito mesmo. É insultante demais. Olhe, eu preciso desligar, mas, antes de fazer isso, vou lhe dar uma chance de se explicar. Fale. Rápido.

– Rebecca, todos nós nos enganamos de vez em quando. Deus sabe que eu me engano. Meu objetivo não é insultar ninguém. Quando *you* olha o caso do Bom Pastor, *you* vê uma história simples de um psicótico brilhante cuja fúria incubada encontrou sua expressão nos ataques contra símbolos de riqueza e poder. Quando *eu* olho o mesmo caso, não sei bem o que vejo. Talvez um caso sobre o qual as pessoas não deveriam estar tão seguras quanto parecem. Só isso. Acho que se chegou a algumas conclusões rápido demais, e elas também foram aceitas rápido demais.

– E isso leva você aonde?

– Não sei. Mas me deixa curioso.

– Curioso como Max Clinter?

– Você quer mesmo que eu responda?

– Ah, com certeza eu quero que você responda.

– Pelo menos Max entende que a teoria não é, nem de longe, tão coerente

quanto você e seus coleguinhas do FBI acham. Pelo menos ele entende que pode haver outra conexão entre as vítimas além do fato de possuírem Mercedes.

– David, o que você tem contra o FBI?

– Às vezes eles são levados por seu próprio modo de fazer as coisas, seu modo de tomar decisões, sua obsessão pelo controle, pelo seu próprio *processo*.

– A realidade simples é que eles são excelentes no que fazem. São inteligentes, objetivos, disciplinados, receptivos a boas ideias.

– Isso significa que pagam sua consultoria dentro do prazo, sem reclamar do preço?

– Isso é apenas outra observação que não tem o objetivo de insultar?

– O que quero dizer é que tendemos a ver o bem em pessoas que veem o bem em nós.

– Sabe, David, você fala tanta merda que deveria ser advogado.

Ele riu.

– Engraçado. Gosto disso. Mas vou lhe dizer uma coisa: se eu fosse advogado, gostaria de ter o Bom Pastor como cliente. Porque tenho a sensação de que o conceito do FBI sobre o caso é tão sólido quanto fumaça ao vento. Na verdade, estou começando a sentir uma vontade desesperadora de provar isso.

– Sei. Desejo-lhe muito boa sorte.

Então ela desligou.

Gurney enfiou o aparelho de volta no bolso e o tom agressivo que tinha usado ficou ecoando em sua cabeça. Lentamente, seu olhar se dirigiu para a paisagem a distância. Tudo o que restava do pôr do sol era uma mancha arroxada no céu cinzento, como um hematoma acima da linha dos morros.

– Quem era? – A voz pertencia a Kim.

Gurney se virou. Ela, Madeleine e Kyle ainda estavam sentados à mesa, observando-o. Todos pareciam preocupados, Kim mais do que os outros.

– Uma psicóloga jurídica que escreveu vários artigos sobre o Bom Pastor e foi consultora do FBI em outros casos de assassinato em série – explicou ele.

– O que você... o que você está fazendo?

Ela parecia estar tentando disfarçar a fúria que sentia.

- Quero saber tudo o que há para saber sobre o caso.
- Que negócio foi aquele de que tudo o que as pessoas entenderam sobre ele está errado?
- Não está necessariamente errado, apenas não se sustenta tão bem pelos fatos.
- Não sei do que você está falando. Eu já lhe disse que Rudy Getz vai produzir meu documentário com as entrevistas que eu fiz. Ele quer usar as imagens sem tratamento que eu captei com minha câmera. Segundo ele, isso intensifica a realidade. Eu *disse* isso a você, que ele *vai em frente* com o programa. Em rede nacional, na RAM-TV. Agora você diz que está tudo errado, ou que tudo *pode* estar errado? Não sei aonde você quer chegar com isso. Não foi isso que eu pedi para você fazer. Você está transformando tudo numa enorme confusão. Por quê?
- Não estou fazendo confusão nenhuma. Só estou tentando entender as coisas. Houve alguns fatos perturbadores, com você e comigo, e não quero...
- Isso não é motivo para se meter no projeto e tentar provar que ele está todo errado!
- O único lugar em que me meti foi naquele buraco na escada. Não quero que nenhum de nós seja pego desprevenido daquele jeito outra vez.
- Então fique de olho em meu namorado imbecil! – Ela se corrigiu: – Em meu ex-namorado imbecil.
- E se não foi ele? E se foi...
- Não seja tolo! Quem mais poderia ser?
- Alguém que sabe sobre o projeto e não quer que você o termine.
- Quem? Por quê?
- Duas excelentes perguntas. Vamos começar pela primeira. Quantas pessoas sabem no que você está trabalhando?
- Sobre o documentário? Talvez um milhão?
- O quê?
- Um milhão, pelo menos. Talvez muito mais. O site da RAM-TV, sites de notícias na internet, todas as estações e jornais locais para os quais eu mandei e-mail, as páginas da emissora no Facebook, a página da Connie no Facebook, minha conta no Twitter... Meu Deus, são tantas... todos os possíveis participantes, todos os contatos deles...
- Então praticamente qualquer um que não viva numa bolha.

- Claro. Exposição máxima. Esse é o objetivo.
 - Certo. Isso significa que precisamos abordar a situação de outra forma.
- Kim encarou-o com expressão de aflição.

– Não precisamos *abordar* de jeito nenhum, não do modo como você está falando. Meu Deus, Dave... – Lágrimas brotavam dos olhos dela. – Este é um momento crítico. Você não vê? Não posso acreditar. Meu primeiro episódio vai ser veiculado daqui a dois dias e você fica dizendo às pessoas que todo o caso do Bom Pastor é... é... o quê? Não consegui nem acompanhar o que você disse. – Ela balançou a cabeça, secando as lágrimas dos olhos com as pontas dos dedos. – Desculpe. Eu não... eu não... merda! Com licença.

Ela saiu correndo da sala e alguns segundos depois Gurney ouviu a porta do banheiro bater com força.

Ele olhou para Kyle, que havia empurrado a cadeira alguns centímetros para trás, afastando-a da mesa, e parecia estar estudando uma mancha no chão. Depois encarou Madeleine, que o fitava com uma preocupação que ele achou inquietante.

Gurney virou as palmas das mãos para cima, num gesto de questionamento.

- O que eu fiz?
- Pense nisso – disse ela. – Você vai deduzir.
- Kyle?

O rapaz levantou a cabeça e deu de ombros.

- Acho que você a deixou apavorada.

Gurney franziu a testa.

– Sugerindo a alguém, pelo telefone, que a teoria do FBI sobre o caso pode estar errada?

Como Kyle não respondeu, Madeleine falou baixinho:

- Você fez mais do que isso.
- O quê, por exemplo?

Ela o ignorou e começou a levar alguns pratos da mesa para a pia.

Gurney insistiu, dirigindo a pergunta a nenhum dos dois em particular:

- O que eu fiz de tão terrível?

Desta vez Kyle respondeu:

– Você não fez nada *terrível*, pelo menos não de propósito, mas... acho que Kim teve a impressão de que você estava fazendo o projeto dela desandar

completamente.

– Você não disse apenas que podia haver uma pequena falha em algum ponto – acrescentou Madeleine. – Deu a entender que a teoria inteira estava errada. E não só isso. Você também disse que ia provar. Em outras palavras, você falou que ia acabar com o caso até o último pedacinho.

Gurney respirou fundo.

– Havia um motivo para isso.

– Um motivo? – Madeleine pareceu achar divertido. – Claro. Você sempre tem um motivo.

Ele fechou os olhos por um momento, como se assim pudesse encontrar com mais facilidade a paciência que estava procurando.

– Eu queria deixar Rebecca Holdenfield incomodada o suficiente para que ela entrasse em contato com o agente do FBI encarregado do caso, um sujeito bastante antipático chamado Trout, e por sua vez o deixasse incomodado o suficiente para que *ele* entrasse em contato *comigo*.

– Por que ele faria isso?

– Para descobrir se eu realmente sei alguma coisa sobre o caso que possa deixá-lo em maus lençóis. E isso me daria a oportunidade de descobrir se ele sabe alguma informação que não foi divulgada.

– Bom, se sua estratégia era incomodar as pessoas, pode começar a comemorar. – Ela apontou para o prato dele, ainda cheio. – Você vai comer isso?

– Não. – Ele ouviu o abrupto tom defensivo na própria voz e completou: – Não agora. Acho que vou dar uma caminhada para tomar um ar, clarear as ideias.

Ele saiu da mesa, foi até o quartinho dos casacos e vestiu um agasalho leve. Enquanto saía pela porta lateral para o crepúsculo que se instalava, ouviu Kyle dizendo algo a Madeleine em voz baixa, o tom hesitante, as palavras praticamente indistinguíveis.

As únicas que escutou com clareza foram “pai” e “raiva”.

Enquanto Gurney se sentava à beira do lago, a tarde se transformou rapidamente em noite. Um pequeno pedaço da lua que surgia por trás das densas nuvens oferecia uma percepção bastante difusa do mundo a seu redor.

A dor no braço havia retornado. Era intermitente, sem relação aparente com o ângulo, a posição ou a tensão dos músculos. A sensação ampliava a frustração que sentia com a atitude de Rebecca ao telefone, com sua própria combatividade, com a reação violenta de Kim.

Ele sabia de duas coisas – dois fatos que colidiam um com o outro. Primeiro: uma objetividade fria e rigorosa sempre estivera por trás de seu sucesso como detetive. Segundo: agora sua objetividade era questionável. Ele suspeitava que a demora em sua recuperação, o sentimento de vulnerabilidade, a impressão de ter sido posto de lado – o medo da *irrelevância* – haviam lhe causado uma agitação e uma raiva que poderiam facilmente interferir em sua capacidade de julgamento.

Esfregou o braço para aliviar a dor, mas não adiantou nada. Era como se a fonte dela estivesse em outro lugar, talvez num nervo pinçado na coluna, e seu cérebro estivesse interpretando o local da inflamação de forma errada. Parecia o caso do zumbido que ouvia, em que seu cérebro entendia um distúrbio neural como se fosse um som minúsculo.

Mesmo assim, apesar das dúvidas e da incerteza, se Gurney tivesse que apostar, apostaria que havia algo esquisito no caso do Bom Pastor, algo que não se *encaixava*. Seu sentimento de discrepância, sempre muito bem afinado, nunca o deixara na mão, e ele não achava...

Seu fluxo de pensamentos foi interrompido por passos que pareciam vir de algum lugar perto do celeiro. Quando Gurney olhou nessa direção, viu uma luz fraca se movendo no pasto entre o celeiro e a casa e percebeu que era uma lanterna na mão de alguém que descia a trilha.

– Pai? – Era Kyle.

– Estou aqui – gritou Gurney. – Perto do lago.

O facho da lanterna se moveu na direção dele.

– Tem algum animal aqui fora à noite?

Gurney sorriu.

– Nenhum que teria interesse em conhecer você.

Um minuto depois, Kyle chegou ao banco.

– Posso sentar?

– Claro.

Gurney se afastou um pouquinho para abrir espaço.

– Cara, aqui é escuro mesmo. – O som de algo caindo na floresta do outro

lado do lago chegou até eles. – Ah, merda! O que foi aquilo?

– Não faço ideia.

– Tem certeza que não existem animais neste mato?

– A floresta está cheia de animais. Cervos, ursos, raposas, coiotes, lince.

– Ursos?

– Ursos-negros. Geralmente são inofensivos. A não ser que tenham filhotes.

– E há lince mesmo?

– Um ou dois. Às vezes, quando estou subindo o morro de carro, vejo um com a luz dos faróis.

– Uau! Isso é bem louco. Nunca vi um lince de verdade. – Ele ficou em silêncio por um ou dois minutos. Gurney já ia perguntar o que ele estava pensando quando Kyle continuou: – Você acha mesmo que há mais no caso do Bom Pastor do que as pessoas pensam?

– Pode haver.

– Você pareceu ter bastante certeza quando estava ao telefone. Acho que foi isso que incomodou tanto Kim.

– É, bem...

– E o que você acha que todo mundo está deixando passar?

– O que você sabe sobre o caso?

– Como eu disse antes do jantar, tudo. Pelo menos tudo o que passou na TV.

Gurney balançou a cabeça no escuro.

– Engraçado, não me lembro de você estar tão interessado na época.

– Bom, eu estava. Mas não há motivo para você lembrar. Quero dizer, você raramente estava por perto.

– Eu estava por perto quando você ia passar os fins de semana com a gente. Pelo menos aos domingos.

– Você estava lá fisicamente, mas parecia... não sei, como se sua mente estivesse sempre ligada em alguma coisa importante.

Depois de uma pausa, Gurney disse, com certa hesitação:

– E eu acho que... depois de se envolver com Stacey Marx... você não aparecia todo fim de semana.

– É, acho que não.

– Vocês ainda mantiveram contato depois que terminaram?

– Eu nunca contei sobre isso?
– Que eu me lembre, não.
– Stacey está toda ferrada. Vive entrando e saindo de clínicas de reabilitação. Na verdade, acho que as drogas meio que fritaram o cérebro dela. Eu a vi no casamento de Eddie Burke. Você se lembra dele, não lembra?

– Mais ou menos. Um garoto ruivo?
– Não, aquele era o Jimmy, irmão dele. Mas não importa. Resumindo, Stacey fritou o cérebro.

Um longo silêncio baixou sobre os dois. A mente de Gurney estava vazia, desfocada, inquieta.

– Está meio frio aqui embaixo – disse Kyle. – Quer entrar?
– É. Vou daqui a pouquinho.
Nenhum dos dois se mexeu.
– Então... você não terminou de me contar o que o incomoda no caso do Bom Pastor. Parece que você é a única pessoa que tem problemas com ele.

– Talvez seja esse o problema.
– Isso é zen demais para mim.
Gurney soltou uma risada curta.
– O problema é a falta de pensamento crítico. A história toda é simplista demais, e conveniente demais para muita gente. Não foi questionada, discutida, testada, rasgada e jogada fora porque muitos especialistas em cargos de poder e influência querem que fique assim: um festival de assassinatos de manual, cometidos por um criminoso de manual.

Depois de um curto silêncio, Kyle disse:
– Você parece meio puto.
– Você já viu o estado de uma pessoa morta por uma bala calibre 50 de ponta oca na cabeça?
– Imagino que seja péssimo.
– É a coisa mais desumanizante que se possa imaginar. O suposto Bom Pastor fez isso com seis pessoas. Ele não as matou, simplesmente. Ele as mutilou, transformou-as numa coisa patética e horrível. – Gurney olhou para a escuridão durante um longo minuto antes de continuar: – Aquelas pessoas merecem mais do que receberam. Merecem um debate mais sério. Merecem que alguém faça *perguntas*.

- E qual é o plano? Encontrar as pontas soltas e amarrá-las?
- Se eu puder.
- Bom, é nisso que você é bom, não é?
- Era. Veremos.

– Você vai conseguir. Nunca fracassou em nada.

– Claro que fracassei.

De novo houve um breve silêncio, rompido por Kyle:

– Que tipo de perguntas?

– Hã?

A mente de Gurney havia mergulhado nas profundezas de suas falhas.

– Só estava imaginando que tipo de perguntas você tem em mente.

– Ah, não sei. Algumas grandes questões indefinidas sobre o tipo de personalidade que poderia estar por trás da linguagem do manifesto, da logística dos ataques, da escolha da arma. E um monte de questões menores, como por que todos os carros eram da mesma marca...

– Ou por que todos eles vinham de Sindelfingen?

– Por que todos... o quê?

– Todos os seis carros foram construídos na fábrica da Mercedes em Sindelfingen, perto de Stuttgart. Provavelmente não significa nada. É só um fato curioso.

– Como diabo você sabe disso?

– Eu disse que prestei muita atenção.

– Esse negócio de Sindelfingen passou no noticiário?

– Não. Só o ano de fabricação e o modelo dos carros. Eu estava... você sabe... tentando entender as coisas. Fiquei imaginando o que os veículos poderiam ter em comum além do óbvio. A Mercedes tem um monte de montadoras em um monte de países. Mas todos aqueles seis vieram de Sindelfingen. É só uma coincidência, certo?

Mesmo estando escuro demais para ver o rosto do filho, Gurney se virou para ele no banco.

– Ainda não entendi por que você...

– Por que me dei o trabalho de descobrir isso? Não sei. Acho que... quero dizer, eu pesquisava um monte de coisas assim... tipo crimes... assassinatos... coisas do tipo.

Gurney ficou em silêncio, chocado. Dez anos antes seu filho estava

brincando de detetive. Será que antes disso também? E depois? E por que diabo ele nunca ficara sabendo? Como isso havia escapado à sua atenção?

Meu Deus, será que eu era tão inacessível assim? Tão focado na carreira, nos meus pensamentos, nas minhas prioridades pessoais?

Sentiu as lágrimas enchendo seus olhos e não soube o que fazer.

Tossiu, depois pigarreou.

– O que eles fabricam em Sindelfingen? – perguntou finalmente.

– Os carros top de linha. O que explicaria isso como um fator comum, eu acho. Quero dizer, se o Bom Pastor estava procurando só os modelos mais caros da Mercedes, era nessa fábrica que eles teriam sido feitos.

– Mesmo assim, é um ponto interessante. E você se deu o trabalho de descobrir.

– Então, quer entrar agora? – perguntou Kyle depois de uma pausa. – Parece que vai chover.

– Daqui a pouquinho. Pode ir na frente.

– Quer ficar com a lanterna? – indagou Kyle.

Depois a ligou e apontou-a para a encosta, na direção do canteiro de aspargos.

– Não precisa. Eu conheço os obstáculos daqui até lá de cor.

– Está bem. – Kyle se levantou devagar, testando a regularidade do chão na frente do banco. Ouviram um som fraco de algo caindo na água do lago. – Que diabo foi aquilo?

– Um sapo.

– Tem certeza? Será que não foi alguma cobra?

– Aqui não existe praticamente nenhuma. E as que existem são todas pequenas e inofensivas.

Kyle pareceu pensar nisso por um tempo.

– Certo – disse finalmente. – Vejo você em casa.

Gurney observou-o, ou melhor, o facho da lanterna subindo aos poucos a trilha do pasto. Depois se recostou no banco, fechou os olhos e inalou o ar úmido, sentindo-se emocionalmente exaurido.

Abriu os olhos de repente ao som de um galho pequeno se partindo em algum ponto da floresta atrás do celeiro. Cerca de dez segundos depois, ouviu o mesmo ruído. Levantou-se do banco e ficou atento, forçando a vista, no escuro, na direção dos espaços mal definidos à sua volta.

Não escutou mais nada por um ou dois minutos, então, pisando com hesitação, andou com cuidado do banco até o celeiro, que ficava a uns 100 metros. Assim que se aproximou da grande estrutura de madeira, seguiu lentamente a seu redor, ao longo do trecho de capim que o cercava, parando de vez em quando com os ouvidos alertas. Cada vez que parava, pensava em tirar a Beretta do coldre, mas o pensamento era seguido por uma sensação de que estava exagerando.

Agora o silêncio da noite parecia absoluto. O orvalho no capim começava a penetrar nas costuras de seus sapatos e encharcar suas meias. Imaginou o que esperava descobrir, por que havia se dado o trabalho de vasculhar em volta do celeiro. Olhou para a encosta, na direção da casa. A luz âmbar nas janelas parecia convidativa.

Ao pegar um atalho pelo campo, ele tropeçou numa toca de marmota e caiu, o que trouxe de volta, por alguns segundos, a dor entre o cotovelo e o pulso. Quando entrou em casa, percebeu, pela expressão de Madeleine, que devia estar todo desganhado.

– Tropecei – explicou, alisando a camisa. – Cadê todo mundo?

Ela pareceu surpresa.

– Você não viu Kim lá fora?

– Lá fora? Onde?

– Ela saiu há alguns minutos. Achei que quisesse falar com você em particular.

– Ela saiu no escuro sozinha?

– Bom, ela não está aqui.

– E Kyle?

– Subiu para fazer alguma coisa.

O tom de voz dela pareceu estranho.

– Subiu?

– É.

– Ele vai dormir aqui?

– É o que parece. Eu ofereci o quarto amarelo.

– E Kim vai ficar no outro?

Era uma pergunta idiota. Claro que ela ia ficar no outro. Mas, antes que Madeleine pudesse responder, Gurney ouviu a porta lateral se abrindo e fechando, e em seguida o farfalhar de um casaco sendo pendurado. Um

instante depois, Kim entrou na cozinha.

– Você se perdeu? – perguntou Gurney.

– Não. Só estava dando uma olhada por aí.

– No escuro?

– Para ver se via alguma estrela. Respirar o ar do campo.

Ela parecia inquieta.

– Não é uma noite boa para ver estrelas.

– Concordo. Está até um pouco assustador lá fora. – Ela hesitou. – Olhe... eu quero pedir desculpas pelo modo como falei com você antes.

– Não precisa. Na verdade, eu é que devo me desculpar por chateá-la. Sei como isso é importante para você.

– Mesmo assim, eu não deveria ter falado daquele jeito. – Ela balançou a cabeça, constrangida. – Tenho um timing péssimo.

Ele não entendeu o que ela quis dizer com “timing”, mas não questionou para não prolongar a troca de desculpas, que achava incômoda.

– Vou tomar um café. Quer?

– Claro. – Ela pareceu aliviada. – Boa ideia.

– Por que vocês dois não se sentam? – sugeriu Madeleine com firmeza. – Eu faço o café.

Eles se acomodaram ao redor da mesa e Madeleine ligou a cafeteira. Dois segundos depois, as luzes da cozinha se apagaram.

– Que diabo é isso? – perguntou Gurney.

Nem Madeleine nem Kim disseram nada.

– Será que a cafeteira desarmou um disjuntor? – sugeriu ele.

Começou a se levantar, mas Madeleine o impediu.

– Não há nada de errado com o disjuntor.

– Então o que poderia...?

Nesse momento uma luz fraca e vacilante apareceu vindo do corredor que levava à escada.

A luz trêmula começou a ficar mais forte. Então ele escutou Kyle cantando. Um instante depois, o rapaz apareceu carregando um bolo coberto de velas acesas, sua voz ficando mais alta a cada palavra.

– Parabéns a você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.

– Meu Deus... – murmurou Gurney, piscando. – É hoje... mesmo...?

– Parabéns – disse Madeleine baixinho.

– Parabéns – gritou Kim, entusiasmada e nervosa ao mesmo tempo, então acrescentou: – Agora você sabe por que me senti tão mal por ter me comportado daquele jeito, especialmente hoje.

– Meu Deus – disse Gurney, balançando a cabeça. – Que surpresa.

Com um sorriso largo, Kyle pôs o bolo chamejante no meio da mesa, com todo o cuidado.

– Eu costumava ficar chateado quando ele esquecia meu aniversário. Mas então percebi que ele não lembrava nem do dele, logo não podia ser tão grave assim.

Kim riu.

– Faça um pedido e sopre as velas – disse Kyle.

– Está bem – respondeu Gurney.

Depois, em silêncio, pediu: *Que Deus me ajude a dizer a coisa certa*. Fez uma pausa, inspirou o mais fundo que pôde e soprou cerca de dois terços das velas. Inspirou mais uma vez e terminou o serviço.

– Você conseguiu! – exclamou Kyle.

Em seguida foi para o corredor, onde ficava o interruptor das luzes da cozinha, e o ligou de novo.

– Achei que eu tivesse que apagar todas com um sopro só – retrucou Gurney.

– Não quando são tantas. Ninguém conseguiria apagar 49 velas de uma vez só. A regra diz que você tem direito a uma segunda tentativa a partir de 25.

Gurney olhou perplexo para Kyle e para as velas apagadas e sentiu novamente a ameaça de uma lágrima chegando.

– Obrigado.

A cafeteira começou a emitir sons de perdigoto e Madeleine foi cuidar dela.

– Sabe – disse Kim –, você não parece nem perto de ter 49 anos. Se eu tivesse que adivinhar, diria que eram 39.

– Isso faria com que eu tivesse 13 quando Kyle nasceu – falou Gurney –, e 11 quando me casei com a mãe dele.

– Ih, quase esqueci – interrompeu Kyle.

Em seguida, enfiou a mão embaixo da cadeira e pegou um presente

embrulhado em um papel azul brilhante com uma fita branca. Enfiado sob a fita havia um envelope que parecia conter um cartão de aniversário. Entregou-o por cima da mesa.

– Meu Deus – disse Gurney, pegando o embrulho meio sem graça.

Ele e Kyle não trocavam presentes havia quantos anos mesmo?

O rapaz parecia empolgado e ansioso.

– É só uma coisa que encontrei por acaso e achei que combinava com você.

Gurney desamarrou a fita.

– Leia o cartão primeiro – pediu Kyle.

Ele abriu o envelope e pegou o cartão.

Na frente estava escrito, numa letra cursiva alegre: “Um parabéns especial para você.”

Ele sentiu um calombo duro no centro do cartão – sem dúvida era uma daquelas musiquinhas com som arranhado. Devia ser outra versão de “Parabéns a você”.

Mas não teve chance de descobrir.

Kim, cuja atenção obviamente fora atraída para algo fora da casa, levantou-se da mesa de forma tão abrupta que a cadeira caiu para trás. Ignorando o estrondo, ela correu para a porta de vidro.

– O que é aquilo? – gritou num pânico cada vez maior, arregalando os olhos na direção da encosta do pasto e levando as mãos ao rosto. – Meu Deus! Ah, meu Deus, o que é aquilo?

Capítulo 22

A manhã seguinte

Tinha chovido sem parar desde a meia-noite até o amanhecer. Agora, no meio da manhã, uma névoa fina pairava no ar.

– Você está planejando ir até lá? – perguntou Madeleine lançando um olhar cortante para Gurney.

Ela parecia estar com frio, sentada à mesa do café com um suéter leve sobre a camisola e as mãos envolvendo uma xícara quente.

– Não. Só estou olhando.

– Cada vez que você vai até aí, o cheiro de fumaça entra.

Gurney fechou a porta de vidro que havia aberto um minuto antes – pela décima vez naquela manhã – para ter uma visão mais nítida do celeiro, ou do que restava dele.

A maior parte das laterais de madeira e toda a cobertura do teto foram perdidas no incêndio terrível da noite anterior. Uma estrutura esquelética de colunas e caibros permanecia de pé, porém fraca demais para ser aproveitada no futuro. Tudo o que sobrara ali teria que ser derrubado.

A névoa, que se movia lentamente, conferia um estranho caráter desorientador à cena. Ou talvez, pensou Gurney, a desorientação estivesse nele mesmo – um efeito natural de ter passado a noite em claro. O ritmo do especialista em incêndios intencionais do Bureau de Investigações Criminais também não ajudava. O sujeito havia chegado às oito da manhã para assumir o caso e dispensar o Corpo de Bombeiros local e os patrulheiros. Já havia quase duas horas que ele estava cutucando as cinzas e os escombros.

– Aquele cara ainda está lá embaixo? – perguntou Kyle.

Ele estava sentado na outra ponta da sala, numa poltrona perto da lareira. Kim ocupava a outra.

– Ele está demorando o tempo necessário – respondeu Gurney.

– Acha que ele vai descobrir alguma coisa útil?

– Se ele for bom e o incendiário tiver cometido algum descuido, sim.

Em meio à neblina cinzenta, o investigador do BIC percorria mais uma vez, com uma lentidão meticulosa, todo o perímetro da estrutura arruinada. Estava acompanhado por um cachorro enorme, preso a uma coleira comprida. Parecia um labrador, tinha uma cor bem escura – preto ou chocolate – e sem dúvida era tão bem treinado na detecção de combustíveis quanto seu dono na coleta de provas.

– Ainda sinto cheiro de fumaça – disse Madeleine. – Deve ser da sua roupa. Você devia tomar uma ducha.

– Daqui a pouco. Tenho muito em que pensar no momento.

– Você poderia pelo menos trocar a camisa.

– Vou trocar. Só que não neste segundo, está bem?

– E então – falou Kyle depois de um silêncio incômodo –, você tem alguma suspeita de quem possa ter feito isso?

– Tenho suspeitas, assim como tenho em relação a tudo. Mas isso é totalmente diferente de acusar alguém.

Kyle se ajeitou na beira da poltrona.

– Fiquei pensando nisso quase a noite toda. Mesmo depois que os caminhões dos bombeiros foram embora, não consegui dormir.

– Acho que nenhum de nós. Eu, pelo menos, não consegui.

– Ele vai acabar se entregando.

Gurney olhou para Kyle.

– O incendiário? Por que você acha isso?

– Esses idiotas não acabam sempre contando vantagem para alguém num bar?

– Às vezes.

– Você não acha que esse vai fazer isso?

– Depende do motivo por que ele provocou o incêndio, para começo de conversa.

Kyle pareceu surpreso com a resposta do pai.

– Que tal porque ele é um caçador bêbado e lunático que ficou puto com suas placas de PROIBIDO CAÇAR?

– Acho que é uma possibilidade.

Madeleine franziu a testa olhando para sua xícara de café.

– Considerando que ele arrancou meia dúzia de placas e pôs fogo nelas na frente da porta do celeiro, isso não seria mais do que uma “possibilidade”?

Gurney olhou de novo para o morro.

– Vamos esperar e ver o que o sujeito tem a dizer.

Kyle pareceu intrigado.

– Quando ele arrancou as placas para queimá-las, deve ter deixado pegadas na terra, talvez até digitais nos postes. Também pode ter deixado alguma coisa cair. Será que devemos mencionar isso ao investigador?

Gurney sorriu.

– Se ele souber o que está fazendo, não vamos precisar dizer nada. E, se não souber, o que dissermos não vai fazer nenhuma diferença.

Kim fez um sonzinho trêmulo e se afundou ainda mais na poltrona.

– Saber que ele estava lá fora na mesma hora que eu, se esgueirando no escuro daquele jeito, me dá arrepios.

– Na mesma hora em que *todos* vocês – atalhou Madeleine.

– Isso mesmo – concordou Kyle. – Lá embaixo no banco. Nossa. Ele devia estar a poucos metros da gente. Droga!

Ou a menos de um metro, pensou Gurney. Ou a poucos centímetros, considerando sua busca em volta do celeiro.

– Acabei de pensar uma coisa – comentou Kyle. – Desde que vocês se mudaram para cá, há dois anos, alguém procurou vocês querendo caçar nesta propriedade?

– Algumas pessoas, assim que nos mudamos – respondeu Madeleine. – Nós sempre dissemos que não.

– Bom, talvez esse cara tenha sido uma delas. Alguém pareceu particularmente chateado? Ou disse que tinha o direito de caçar aqui?

– Houve pessoas mais amigáveis e outras menos. Não me lembro de ninguém invocando direitos.

– Alguma ameaça? – insistiu Kyle.

– Não.

– Vandalismo?

– Não. – Madeleine acompanhou os olhos de Gurney na direção da flecha em cima da bancada. – Acho que seu pai está se perguntando se isso conta como vandalismo.

– Se o quê conta? – indagou Kyle, com os olhos se arregalando.

Madeleine continuou observando o marido.

– Uma flecha com a ponta afiada – disse Gurney apontando para o objeto.

– Encontrei espetada num dos canteiros um dia desses.

Kyle foi pegá-la, franzindo a testa.

– Que estranho. Alguma outra esquisitice andou acontecendo?

Gurney deu de ombros.

– Não, a não ser que você conte um trator com o freio estranhamente emperrado, sendo que da última vez que fora usado estava em perfeitas condições, ou um porco-espinho na garagem.

– Ou um gambá morto na chaminé, ou uma cobra na caixa de correio – acrescentou Madeleine.

– Uma *cobra*? Na *caixa de correio*? – disse Kim parecendo completamente horrorizada.

– Uma pequeninha, há mais de um ano – retrucou Gurney.

– Eu morri de medo – comentou Madeleine.

Kyle olhou primeiro para ele, depois para ela.

– Se tudo isso aconteceu depois que vocês puseram as placas de PROIBIDO CAÇAR, será que não quer dizer alguma coisa?

– Como tenho certeza que dizem nas suas aulas de direito – respondeu Gurney, de maneira mais rígida do que pretendia –, sequência não quer dizer causalidade.

– Mas se ele arrancou as placas... quero dizer... se o incendiário não era um caçador com merda na cabeça que achou que vocês estavam lhe negando o direito conferido por Deus de abrir buracos em cervos, quem era? Quem mais faria uma coisa dessas?

Enquanto estavam parados conversando junto à porta de vidro, Kim havia saído silenciosamente de perto da lareira e se juntado a eles. Falou numa voz baixa, insegura:

– Você acha que pode ser a mesma pessoa que serrou o degrau da escada do porão?

Gurney e Kyle pareciam a ponto de responder quando um estalo metálico

vindo de algum lugar fora da casa desviou a atenção de todos.

Gurney olhou pela porta de vidro na direção dos escombros do celeiro. Outro estalo soou. Ele só conseguiu distinguir a silhueta do investigador ajoelhado, usando o que parecia uma pequena marreta contra o piso de concreto do celeiro.

Kyle se aproximou do pai.

– Que diabo ele está fazendo?

– Provavelmente abrindo um buraco no chão com uma marreta e um cinzel para pegar uma amostra da terra sob ele.

– Para quê?

– Quando um líquido catalisador de fogo cai no chão, tende a penetrar em qualquer rachadura que exista e depois ir para o solo. Se você conseguir uma amostra que não tenha sido queimada, a identificação exata fica mais fácil.

Esse novo aspecto da invasão fez os olhos de Madeleine chisparem de raiva.

– Alguém molhou nosso celeiro com gasolina antes de atear fogo nele?

– Gasolina ou alguma coisa similar.

– Como você sabe? – questionou Kim.

Gurney não respondeu de imediato, então Kyle explicou:

– Por causa da velocidade com que o fogo lambeu tudo. Um incêndio normal não poderia se espalhar tão depressa numa construção. – Ele olhou para o pai. – Certo?

– Certo – murmurou Gurney de forma vaga. Sua mente estava concentrada na sugestão de Kim, de que o sabotador da escada e o incendiário do celeiro pudessem ser o mesmo indivíduo. Virou-se para ela.

– Por que você disse aquilo?

– O quê?

– Que podia ser o mesmo invasor, aqui e no porão.

– Simplesmente me veio à cabeça.

Ele ficou pensativo. Aquilo lhe trouxe à mente uma pergunta que evitara fazer a ela na noite anterior.

– Me diga uma coisa – disse Gurney baixinho. – A expressão “não acorde o diabo” significa alguma coisa para você?

A reação de Kim foi imediata e assustadora. Ela arregalou os olhos de

medo e deu um pequeno passo para trás.

– Ah, meu Deus! Como você sabia disso?

Capítulo 23

Suspeita

Surpreso com a reação dela, Gurney hesitou.

– Robby! – gritou ela. – Que merda! Ele lhe contou, não contou? Mas, se você já sabe, por que está me perguntando se significa alguma coisa para mim?

– Eu gostaria de ouvir de sua própria boca.

– Não estou conseguindo entender.

– Há duas noites, em seu porão, eu ouvi uma coisa.

A expressão de Kim se paralisou.

– O quê?

– Uma voz. Na verdade, foi um sussurro.

A cor sumiu do rosto dela.

– Que tipo de sussurro?

– Um não muito agradável.

– Ah, meu Deus! – Ela engoliu em seco. – Havia alguém lá? Era homem ou mulher?

– É difícil dizer, mas acho que era homem. Estava escuro. Não dava para ver.

– Ah, minha nossa! O que ele disse?

– “Não acorde o diabo.”

– Ah, Deus!

Os olhos arregalados de Kim pareciam estar vendo algo muito perigoso.

– O que isso significa para você?

– É... o fim de uma história que meu pai me contava quando eu era

pequena. A história mais apavorante que eu já ouvi.

Gurney notou que ela cravava a unha do dedo médio na cutícula do polegar enquanto falava, tentando arrancar pedaços de pele.

– Sente-se – disse ele. – Relaxe. Você vai ficar bem.

– *Relaxar?*

Ele sorriu e pediu gentilmente:

– Você pode me contar a história?

Ela se acomodou na cadeira mais próxima, junto à mesa. Então fechou os olhos e respirou fundo várias vezes.

Depois de cerca de um minuto, abriu-os de novo e começou, com a voz trêmula:

– A história na verdade é bem curta e simples, mas quando eu era pequena parecia muito... grande. Apavorante. Um mundo para o qual eu era puxada. Como um pesadelo. Meu pai dizia que era um conto de fadas, mas contava como se fosse real. – Ela engoliu em seco. – Era uma vez um rei que criou uma lei que dizia que, uma vez por ano, todas as crianças más do reino deviam ser levadas a seu castelo. As crianças más eram todas aquelas que se metiam em confusão, que mentiam ou eram desobedientes. Todas aquelas que eram tão ruins que os pais não queriam mais saber delas. O rei mantinha todas elas no castelo durante um ano inteiro. Elas recebiam comida gostosa e camas confortáveis, e tinham liberdade para fazer o que quisessem. Mas havia uma exceção: na parte mais profunda e escura do porão do castelo existia um quarto, e elas eram proibidas de chegar perto dele. Era um cômodo pequeno e frio, onde havia apenas um objeto: um baú de madeira comprido e mofado. Na verdade, o baú era um caixão antigo, com a madeira já podre. O rei dizia às crianças que havia um diabo dormindo lá dentro, o diabo mais maligno do mundo. Toda noite, depois que elas se recolhiam, o rei ia de cama em cama sussurrando no ouvido de cada uma: “Não vá ao quarto escuro. Fique longe do caixão. Se quiser sobreviver à noite, não acorde o diabo.” Mas nem todas as crianças tinham a sensatez de obedecer ao rei. Algumas suspeitavam que ele tinha inventado essa história porque era ali que ele escondia suas joias, e de vez em quando uma delas se levantava de madrugada, entrava no quarto escuro e abria o baú. Então um berro lancinante era ouvido no castelo, como o grito de um animal preso nas mandíbulas de um lobo. E a criança

nunca mais era vista.

Houve um silêncio atordoado em volta da mesa.

Kyle foi o primeiro a falar:

– Credo! Essa era a história que seu pai contava para fazer você dormir quando era pequena?

– Ele não contava com tanta frequência assim, mas eu ficava aterrorizada sempre que a ouvia. – Ela olhou para Gurney. – Agora mesmo, quando você disse “Não acorde o diabo”, fiquei toda arrepiada. Mas... não entendo como alguém poderia estar esperando você no porão. Ou por que a pessoa teria sussurrado isso em seu ouvido. Que sentido isso faz?

Madeleine também tinha uma pergunta que a perturbava. Mas, antes que pudesse fazê-la, os quatro ouviram uma forte batida na porta lateral.

Quando Gurney foi abri-la, o investigador de incêndios estava parado ali. Era um sujeito mais velho, mais pesado, mais grisalho e consideravelmente menos atlético do que a maioria dos detetives do BIC. Os cantos de seus olhos inexpressivos pareciam caídos por conta de uma vida inteira de desapontamento com os seres humanos.

– Terminei a inspeção inicial do local. – Sua voz cansada complementava a expressão. – Agora preciso de algumas informações de vocês.

– Pode entrar – falou Gurney.

O investigador limpou os pés no capacho com cuidado, de maneira quase obsessiva, depois seguiu Gurney até a cozinha. Olhou ao redor com um ar de desinteresse que, na opinião de Gurney, escondia uma desconfiança que o fazia avaliar tudo o que via em seus mínimos detalhes. Todos os investigadores de incêndios que ele conhecera na cidade eram bastante observadores.

– Como acabei de dizer ao Sr. Gurney, preciso de algumas informações de cada um de vocês.

– Qual é mesmo seu nome? – perguntou Kyle. – Não prestei atenção quando o senhor falou da primeira vez.

O sujeito olhou-o com um rosto inexpressivo – sem dúvida, pensou Gurney, analisando o tom agressivo na voz do rapaz. Depois de um momento ele respondeu:

– Investigador Kramden.

– Sério? Como o Ralph?

Outro olhar vazio.

– Daquele filme *Casados com o azar*.

O sujeito ignorou a pergunta e virou-se para Gurney.

– Posso falar com cada um em meu furgão ou aqui mesmo, se houver um local adequado.

– Aqui está ótimo.

– Preciso conversar com cada um de vocês a sós, para evitar que as lembranças de uma testemunha sejam influenciadas pelas de outra.

– Por mim, tudo bem. Não sei se minha esposa e a Srta. Corazón concordam.

– Por mim, não tem problema – falou Madeleine, embora seu tom não tenha sido muito sincero.

– Eu... não tenho nenhuma objeção – disse Kim, insegura.

– Parece que o investigador Kramden acha que podemos ser suspeitos – observou Kyle, parecendo ansioso por uma discussão.

Kramden pegou no bolso um pequeno gravador parecido com um iPod e o examinou como se fosse muito mais interessante que o comentário de Kyle.

Gurney sorriu.

– Eu não o culparia. Nos incêndios criminosos os donos *costumam* ser os principais suspeitos.

– Nem sempre – retrucou Kramden em tom tranquilo.

– O senhor pegou uma boa amostra do solo? – quis saber Gurney.

– Por que está perguntando?

– Como assim, por quê? Porque alguém pôs fogo em meu celeiro ontem à noite e eu gostaria de saber se as duas horas que o senhor passou lá embaixo foram produtivas.

– Eu diria que sim. – Ele fez uma pausa. – O que precisamos fazer agora são essas entrevistas.

– Em que sequência?

Kramden piscou.

– O senhor primeiro.

– Acho que nós deveríamos ir para o escritório e esperar nossa vez, não é? – falou Madeleine com frieza.

– Se não se incomodarem... – respondeu Kramden.

Enquanto Madeleine se retirava com Kyle e Kim, Gurney se virou e disse:

– Investigador Kramden, imagino que em algum momento o senhor vá nos contar o que descobriu em *nosso* celeiro, se é que descobriu alguma coisa, certo?

– Vou compartilhar tudo o que puder – retrucou ele.

Era uma resposta tão evasiva que Gurney quase riu alto. Ele mesmo a tinha dado inúmeras vezes ao longo dos anos.

– Seria um prazer ouvir – disse Madeleine com evidente desagrado.

Depois seguiu com Kyle e Kim pelo corredor até o escritório.

Gurney foi até a mesa do café da manhã, sentou-se numa cadeira e fez um gesto para que Kramden se acomodasse na do outro lado.

O sujeito pôs o gravador na mesa, apertou um botão, sentou-se e começou a falar com voz neutra e burocrática:

– Investigador Everett Kramden, Sede Regional de Albany, BIC... Entrevista iniciada às 10h17 do dia 24 de março de 2010... O entrevistado é o Sr. David Gurney... O local da entrevista é a casa do entrevistado, em Walnut Crossing. O objetivo desta entrevista é reunir informações relativas a um incêndio suspeito numa estrutura secundária da propriedade da família Gurney, designada como celeiro, localizada aproximadamente 200 metros a sudeste da casa principal. As transcrições e autorizações estão anexadas à gravação.

Ele fitou Gurney com um olhar tão inexpressivo quanto seu tom de voz.

– A que horas vocês notaram que o celeiro estava em chamas?

– Não vi as horas, mas acho que foi entre 20h20 e 20h40.

– Quem foi o primeiro a perceber?

– A Srta. Corazón.

– O que chamou a atenção dela?

– Não sei. Ela olhou por essa porta de vidro por algum motivo e viu as chamas.

– Sabe por que ela resolveu olhar lá para fora, para começo de conversa?

– Não.

– O que ela fez quando viu as chamas?

– Gritou.

– O que ela gritou?

– Acho que “Meu Deus, o que é aquilo?” ou algo assim.

– O que o senhor fez?

– Levantei da outra mesa, onde eu estava sentado, vi o fogo, corri para o telefone e liguei para a emergência.

– Deu algum outro telefonema?

– Não.

– Mais alguém na casa fez alguma ligação?

– Não que eu tenha visto.

– Então o que o senhor fez?

– Calcei os sapatos e corri para o celeiro.

– No escuro?

– É.

– Sozinho?

– Com meu filho. Ele estava logo atrás de mim.

– O que se chama Kyle, que estava aqui agora mesmo?

– É, ele é meu... único filho.

– Qual era a cor das chamas?

– Predominantemente laranja. Eram muito altas, muito quentes e barulhentas.

– Elas queimavam em algum lugar em especial ou em mais de um?

– Praticamente em toda parte.

– O senhor notou se as janelas do celeiro estavam abertas ou fechadas?

– Abertas.

– Todas?

– Acho que sim.

– Era como o senhor havia deixado?

– Não.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Algum cheiro incomum?

– Algum destilado de petróleo. Quase certamente gasolina.

– O senhor tem alguma experiência com catalisadores de incêndio?

– Antes de meu trabalho como detetive de homicídios no DPNY, fiz um treinamento breve numa unidade de incêndios criminosos do Corpo de Bombeiros.

O rosto inexpressivo de Kramden estremeceu quase imperceptivelmente, parecendo registrar uma rápida sucessão de pensamentos não

verbalizados.

– Imagino – continuou Gurney – que o senhor e seu cão farejador tenham encontrado provas de catalisadores ao longo da base interna das paredes, além de na amostra do solo, não é?

– Fizemos um exame meticoloso do local.

Gurney riu da não resposta.

– E aposto que o senhor vai fazer uma cromatografia da amostra do solo em seu furgão agora mesmo. Estou certo?

A única reação de Kramden antes de fazer a pergunta seguinte foi um discreto movimento do maxilar.

– O senhor tentou apagar o incêndio ou entrar na construção antes da chegada dos primeiros profissionais?

– Não.

– O senhor não tentou retirar nada de valor que houvesse lá dentro?

– Não. As chamas já estavam altas demais.

– O que o senhor teria removido, se pudesse?

– Ferramentas... um cortador de lenha elétrico... nossos caiaques... a bicicleta da minha mulher... alguns móveis sobressalentes.

– Alguma coisa de valor foi retirada da construção no mês anterior ao incêndio?

– Não.

– O celeiro e seu conteúdo estavam no seguro?

– Estavam.

– Que tipo de apólice?

– Seguro residencial.

– Vou precisar de um inventário do conteúdo, além do número da sua apólice, do nome do corretor e da companhia de seguros. Houve algum aumento recente no valor da cobertura?

– Não. A não ser que tenha havido algum ajuste automático por causa da inflação e eu não tenha ficado sabendo.

– Eles não notificariam o senhor, caso tivesse havido?

– Não sei.

– O senhor tem mais de uma apólice de seguro contra incêndio?

– Não.

– O senhor já teve alguma perda coberta por seguro?

Gurney pensou por um momento.

– Uma motocicleta que foi roubada há uns trinta anos.

– Só isso?

– Só.

– O senhor está envolvido em algum conflito com vizinhos, parentes, parceiros de negócios etc.?

– Talvez nós tenhamos um conflito do qual não sabíamos: com o incendiário que arrancou nossas placas de PROIBIDO CAÇAR.

– Quando elas foram colocadas?

– Há uns dois anos, pouco depois de nos mudarmos para cá. Foi minha esposa quem as instalou.

– Algum outro conflito?

Ocorreu a Gurney que um degrau serrado numa escada e um aviso bizarro sussurrado em seu ouvido poderiam ser considerados evidências de um conflito. Por outro lado, não havia provas de que a sabotagem e a ameaça fossem destinadas a ele. Pigarreou.

– Que eu saiba, não.

– O senhor saiu de casa em algum momento nas duas horas anteriores ao incêndio?

– Saí. Fui me sentar no banco perto do lago depois do jantar.

– Quando foi isso?

– Cheguei lá pouco depois de escurecer, então... acho que por volta das oito.

– Por que o senhor foi até lá?

– Para me sentar no banco, como falei. Relaxar. Aliviar a tensão.

– No escuro?

– É.

– O senhor estava preocupado com alguma coisa?

– Estava me sentindo cansado, impaciente.

– Com quê?

– Uma questão particular de trabalho.

– Envolvendo dinheiro?

– Não.

Kramden se recostou na cadeira com os olhos fixos num pequeno ponto sobre a mesa. Tocou-o com o dedo, curioso.

– E enquanto estava sentado lá no escuro, relaxando, viu ou ouviu alguma coisa?

– Ouvi alguns sons na floresta atrás do celeiro.

– Que tipo de sons?

– Talvez de gravetos quebrando, não tenho certeza.

– Mais alguém saiu da casa nas duas horas anteriores ao incêndio?

– Meu filho foi atrás de mim e ficou sentado no banco comigo durante algum tempo. E a Srta. Corazón também saiu um pouco, não sei por quanto tempo.

– Aonde ela foi?

– Não sei.

Kramden levantou uma sobrancelha.

– O senhor não perguntou?

– Não.

– E o seu filho? Sabe se ele esteve em algum outro lugar além do caminho entre a casa e o banco no lago?

– Ele só foi até o banco e voltou para casa.

– Como o senhor pode ter certeza?

– Ele estava com uma lanterna acesa na mão.

– E sua esposa?

– O que é que tem?

– Ela saiu da casa?

– Não que eu saiba.

– Mas não tem certeza?

– Certeza absoluta, não.

Kramden assentiu devagar, como se as respostas de Gurney estivessem formando algum tipo de padrão coerente em sua cabeça. Passou a unha sobre a minúscula imperfeição preta no tampo da mesa.

– O senhor começou o incêndio? – perguntou, ainda olhando para o ponto.

Gurney sabia que essa era uma das várias perguntas-padrão que precisavam ser feitas nas investigações de incêndios intencionais.

– Não.

– O senhor preparou tudo para que outra pessoa o iniciasse?

– Não.

– Sabe quem o iniciou?

- Não.
- Conhece alguém que poderia ter motivo para fazer isso?
- Não.
- Tem mais alguma informação que possa ajudar na investigação?
- Neste momento, não.

Kramden o encarou.

- O que o senhor quer dizer com isso?
- Que *neste momento* não tenho nenhuma outra informação que possa ajudar na investigação.

Houve um minúsculo clarão de raiva nos olhos desconfiados do sujeito.

- Quer dizer que o senhor planeja ter alguma informação relevante no futuro?

– Ah, sim, Everett, eu seguramente terei alguma informação relevante no futuro. Pode contar com isso.

Capítulo 24

Aumentando as apostas

Kramden ficou apenas uns vinte minutos com Madeleine e outros vinte com Kyle, mas depois passou mais de uma hora com Kim.

Quando terminou, já era quase meio-dia. Madeleine o convidou para almoçar com eles, mas o investigador recusou com um olhar mais irritado do que agradecido. Sem dar nenhuma explicação, ele saiu da casa, desceu a encosta do pasto e entrou em seu furgão, estacionado na metade do caminho entre o lago e os escombros do celeiro.

O nevoeiro matinal havia se dissipado e o dia tinha clareado um pouco sob um céu com nuvens altas. Gurney e Kim estavam sentados à mesa enquanto Madeleine lavava cogumelos para fazer omeletes. Kyle olhava pela janela da cozinha.

- Que diabo ele está aprontando agora?
- Provavelmente verificando o progresso de sua cromatografia – respondeu Gurney.
- Ou comendo seu sanduíche secreto – disse Madeleine com um toque de ressentimento.
- Depois que a cromatografia fica pronta – continuou Gurney –, a análise leva cerca de uma hora.
- E o que ela pode revelar?
- Muita coisa. Uma cromatografia pode decompor qualquer catalisador em seus componentes originais e descobrir a quantidade exata de cada um, o que produz uma espécie de digital da substância química, revelando o tipo e às vezes até a marca, se for uma fórmula especial. É um exame

bastante específico.

– Uma pena que não especifica o filho da puta que começou o incêndio – retrucou Madeleine, cortando um cogumelo com uma força considerável, a faca batendo com força na tábua.

– Bem – disse Kyle –, o investigador Kramden pode ter uma máquina maravilhosa, mas é um babaca. Perguntou sobre minha lanterna, sobre o caminho exato que eu fiz da casa até o banco no lago, quanto tempo fiquei lá. Parecia achar que eu estava mentindo quando disse que não sabia quem começou o incêndio. Babaca. – Então olhou para Kim. – Ele ficou mais tempo com você. Por quê?

– Ele parecia querer saber tudo sobre *Os órfãos do assassinato*.

– Seu documentário? Por que ele estava interessado nisso?

Ela deu de ombros.

– Talvez ele ache que as duas coisas estão conectadas.

– Ele já sabia sobre o programa? – perguntou Gurney. – Ou foi você que contou?

– Eu que contei, quando ele perguntou qual era minha ligação com você, como eu vim parar aqui.

– O que você disse sobre meu papel no projeto?

– Que eu o contratei como consultor técnico em questões relacionadas ao caso do Bom Pastor.

– Só isso?

– Basicamente sim.

– Você falou alguma coisa sobre Robby Meese?

– Falei, porque ele perguntou sobre isso.

– Sobre o quê?

– Se eu tinha conflitos com alguém.

– Então você contou sobre as... coisas estranhas que têm acontecido?

– Ele foi muito persistente.

– E sobre a escada? E o sussurro?

– A escada, sim. O sussurro, não. Não fui eu que ouvi, então achei que deveria ficar por sua conta.

– O que mais?

– Acho que só isso. Ah, ele quis saber exatamente onde eu estive quando saí da casa ontem à noite. Se eu ouvi alguma coisa, se vi você, se vi o Kyle, se

vi mais alguém, coisas assim.

Gurney sentiu uma lenta onda de inquietação invadi-lo. Em qualquer interrogatório sobre um crime havia um amplo espectro de dados que poderiam ou não ser revelados. Numa extremidade do espectro ficavam os detalhes pessoais irrelevantes que nenhum policial sensato esperaria que alguém contasse e, na outra, fatos cruciais para o entendimento do crime, informações cuja ocultação constituiria obstrução da justiça. No meio do espectro ficava uma área indefinida, sujeita a debates e racionalizações.

A questão no momento era se o conflito pessoal na vida de Kim poderia ser visto, por causa do incidente no porão, como um conflito também na vida de Gurney. Se Kim tivesse falado sobre uma suposta conexão entre o degrau serrado no porão da casa dela e o celeiro queimado na propriedade dele, será que ele não deveria ter tocado no assunto também?

Mais especificamente, por que ele não havia dito nada? Seria apenas sua tendência policial de controlar as situações regulando informações?

Ou teria a ver com o elefante na sala? A lentidão em sua recuperação do ferimento, o medo de que suas capacidades tivessem sido diminuídas e que ele não fosse mais tão forte, tão sagaz, tão rápido quanto antes – quando não teria caído de cara e não teria deixado a pessoa que sussurrou em seu ouvido escapar.

– Você vai descobrir – disse Madeleine, jogando os cogumelos e as cebolas picados da tábua dentro de uma grande frigideira no fogão.

Percebeu que ela estivera observando-o e agora demonstrava mais uma vez a impressionante capacidade de ler a mente dele, de ver seus pensamentos e sentimentos com tanta clareza quanto se ele os tivesse verbalizado. Alguns anos antes, Gurney achava essa habilidade quase amedrontadora, mas com o passar do tempo começou a considerá-la uma das melhores coisas de sua vida a dois.

A frigideira começou a chiar e um aroma agradável encheu o cômodo.

– Ei, isso me lembra do presente de aniversário do meu pai – disse Kyle, olhando em volta. – Ele não terminou de abrir ontem à noite.

Madeleine apontou para a bancada. A caixa, ainda embrulhada no papel azul, estava perto da flecha. Kyle foi pegá-la com uma risada forçada e a pôs na mesa na frente do pai.

– Bom... – disse Gurney um pouco sem graça.

Então começou a desembulhar o papel.

– David, pelo amor de Deus – falou Madeleine. – Parece que você está desarmando uma bomba.

Ele riu nervosamente, arrancou o restante do embrulho e abriu a caixa, que era da mesma tonalidade de azul. Depois de desdobrar várias camadas de papel de seda branco, chegou a um lindo porta-retratos de prata esterlina de 20x25 centímetros. Dentro da moldura havia um recorte de jornal começando a ficar amarelado pelo tempo. Gurney olhou-o, piscando.

– Leia em voz alta – pediu Kyle.

– Eu... hã... não estou com meus óculos de leitura.

Madeleine fitou-o com um misto de curiosidade e preocupação. Desligou o fogo da frigideira, atravessou o cômodo, pegou o recorte emoldurado e examinou-o rapidamente.

– É um artigo do *New York Daily News*. O título é “Monstro assassino é preso por detetive recém-promovido”. A matéria diz o seguinte: “David Gurney, um dos detetives de homicídios mais jovens da cidade, pôs fim ontem à noite à horrenda carreira do assassino Charles Lermer, conhecido como ‘O Fatiador’. Os superiores de Gurney reconhecem sua importância fundamental na perseguição, na identificação e, finalmente, na prisão do monstro supostamente responsável por pelo menos dezessete assassinatos envolvendo canibalismo e desmembramento ao longo dos últimos doze anos. ‘Ele apresentou uma abordagem nova e radical ao caso, que levou ao bom resultado’, explicou o tenente Scott Barry, porta-voz do DPNY. ‘Vamos todos poder dormir mais tranquilos esta noite’, concluiu Barry, recusando-se a fazer mais comentários, o que indica que o processo judicial em andamento torna impossível revelar todos os detalhes no momento. O próprio Gurney não pôde ser encontrado para se pronunciar a respeito. O detetive herói é ‘alérgico a publicidade’, segundo um colega do departamento.” A data é de 1º de junho de 1987.

Madeleine devolveu o porta-retratos com o artigo a Gurney.

Ele segurou-o com todo o cuidado, o que esperava ser uma demonstração adequada de apreço. O problema era que não gostava de ganhar presentes, especialmente coisas caras. Também não gostava de ser o centro das atenções, era ambivalente com relação a elogios e não tinha nenhum sentimento de nostalgia.

– Obrigado – falou. – É muita gentileza sua. – Ele franziu a testa para a caixa azul. – Essa moldura é de onde eu acho que é?

Kyle deu um sorriso orgulhoso.

– A Tiffany tem umas coisas fantásticas.

– Meu Deus... Nossa, não sei o que dizer. Obrigado. Como você conseguiu esse artigo, afinal?

– Eu o tenho desde sempre. Não sei como ele já não estava todo despedaçado. Eu costumava mostrá-lo a todos os meus amigos.

Gurney ficou profundamente emocionado. Pigarreou alto.

– Aqui, deixe-me ficar com isso – disse Madeleine, pegando o retratos da mão dele. – Vamos ter que achar um lugar de destaque para colocá-lo.

Kim assistia à cena fascinada.

– Você não gosta muito de ser herói, não é?

Gurney deu uma risada áspera.

– Não sou nenhum herói.

– Muita gente vê você assim.

Ele balançou a cabeça.

– Heróis são fictícios. São seres inventados para servir a um propósito nas narrativas. Os contadores de histórias da mídia é que criam heróis. E, assim que os criam, os destroem.

A observação criou um silêncio constrangedor.

– Às vezes eles são reais – retrucou Kyle.

Madeleine tinha levado o artigo emoldurado para a outra ponta da sala e colocava-o em cima da lareira.

– Por sinal – disse ela –, há uma inscrição na borda que eu não li antes: “Parabéns ao melhor detetive do mundo.”

Nesse instante eles ouviram uma forte batida na porta lateral e Gurney se levantou imediatamente.

– Eu atendo – anunciou, esperando não parecer ansioso demais. Expressar sentimentos não era seu ponto forte, mas ele também não queria dar a impressão de que saía correndo sempre que as pessoas demonstravam afeto por ele.

O pessimismo evidente no rosto de Everett Kramden era, de uma forma perversa, menos perturbador para ele do que o entusiasmo filial de Kyle. O

sujeito estava a vários metros da porta quando Gurney a abriu, como se alguma força magnética reversa o tivesse repellido.

– Eu poderia falar com o senhor em particular por um instante?

Na verdade, não era uma pergunta.

Gurney saiu sem dar nenhuma indicação de que estava surpreso pelo tom usado pelo investigador.

– O senhor por acaso tem um recipiente de polietileno com capacidade para cinco galões de gasolina?

– Tenho. Dois, aliás.

– Sei. E onde o senhor os guarda?

– Um logo ali, para o trator – respondeu Gurney apontando para um galpão antigo do outro lado do canteiro de aspargos –, e o outro debaixo do alpendre nos fundos do... – Ele parou por um segundo. – Quero dizer, onde eram os fundos do celeiro.

– Sei. O senhor poderia, por favor, me acompanhar até o furgão e dizer se o recipiente de gasolina que está lá é um dos seus?

Kramden havia estacionado atrás do carro de Gurney. Ele abriu a porta de trás e Gurney identificou de imediato o recipiente que estava lá dentro.

– Tem certeza?

– Absoluta. Há um corte visível na alça. Não tenho nenhuma dúvida.

Kramden assentiu.

– Quando o senhor o usou pela última vez?

– Já faz um tempo. Praticamente só o uso para abastecer o cortador de grama que fica lá embaixo, então... acho que a última vez foi no último outono.

– Quantos litros de gasolina havia ali dentro?

– Não faço ideia.

– Onde o senhor o viu pela última vez?

– É bem provável que tenha sido nos fundos do celeiro.

– Quando o senhor o tocou pela última vez?

– Também não faço ideia. Como eu disse, acho que não mexo nele desde o último outono. Pode ser que eu o tenha manipulado há menos tempo, se tiver precisado tirá-lo do lugar para pegar outra coisa, mas não tenho nenhuma lembrança específica disso.

– O senhor usa algum aditivo na gasolina?

- Uso.
- De que marca?
- Hã... Homelite, eu acho.
- O senhor tem alguma ideia de por que o recipiente de gasolina estava escondido em um bueiro?
- Escondido? Em que bueiro?
- Deixe-me perguntar de outro modo. O senhor tem alguma ideia de por que esse recipiente de gasolina não estaria no lugar em que o senhor disse que o deixou?
- Não, não tenho. Onde exatamente o senhor o encontrou? De que bueiro está falando?
- Infelizmente, não posso revelar mais nenhum detalhe sobre isso. Há alguma coisa que o senhor não tenha me contado com relação ao incêndio ou sua investigação e que queira me falar agora?

– Não, não há.

– Então terminamos por enquanto. Tem mais alguma pergunta, senhor?

– Nenhuma que o senhor estaria disposto a responder.

Dois minutos depois, o furgão do investigador Everett Kramden descia devagar a estrada da cidade, fora de vista.

O ar estava totalmente parado. Não havia nenhuma sugestão de movimento no capim alto nem nos galhos menores das copas das árvores. O único ruído era o zumbido fraco e contínuo nos ouvidos de Gurney, o som que o neurologista havia explicado que não era de fato um “som”.

Quando ele se virou para retornar à casa, a porta lateral se abriu e Kyle e Kim saíram.

– E aí, o babaca foi embora? – perguntou Kyle.

– Parece que sim.

– Enquanto Madeleine faz os omeletes, vou dar uma voltinha de moto com Kim.

Ele parecia empolgado e ela, satisfeita.

Ao chegar à cozinha, Gurney ouviu o gutural motor de dois carburadores soltar um rugido pleno e um pouquinho abafado.

Madeleine ajustava o timer do forno. Depois, olhou para ele e disse:

– Você já viu um filme francês chamado *O homem do guarda-chuva preto*?

– Acho que não.

– Me lembrei agora de uma cena bastante inteligente. Um homem, vestindo uma capa de chuva preta e segurando um guarda-chuva da mesma cor, fechado, está sendo seguido por uma dupla de assassinos com fuzis. Eles andam atrás dele pelas ruas sinuosas e calçadas de paralelepípedos de uma cidade antiga. É uma manhã de domingo nebulosa e os sinos das igrejas tocam ao fundo. Cada vez que os dois matadores tentam mirar nele, o homem desaparece numa esquina. Então eles chegam a uma praça com uma grande igreja de pedra. No instante em que os criminosos estão apontando os fuzis para ele, o homem sobe a escadaria correndo e entra na igreja. Então a dupla fora da lei decide se posicionar dos dois lados da praça, a fim de vigiar a porta da igreja e esperar que ele saia. O tempo passa, começa a chover e enfim a porta da igreja se abre. Os assassinos se preparam para atirar, só que, em vez de sair apenas o homem que entrou, aparecem dois, ambos usando uma capa da mesma cor. Os dois abrem seus guarda-chuvas pretos, de modo que os assassinos não conseguem ver os rostos com clareza. Depois de alguns segundos de confusão, os criminosos finalmente decidem atirar nos dois. Mas aí um terceiro homem sai da igreja vestido da mesma maneira, e então outro, e em seguida mais dez, depois vinte, até que a praça fica lotada de pessoas com capas e guarda-chuvas pretos. E os assassinos ficam ali, simplesmente parados na chuva, encharcados, sem ideia do que fazer.

– Como termina?

– Não lembro, já faz muito tempo que eu assisti. A única coisa que lembro com clareza é dos guarda-chuvas. – Ela limpou a bancada com uma esponja, depois levou a esponja à pia e a enxaguou. – O que ele queria?

Gurney levou um segundo para entender o que ela estava perguntando.

– Ele achou o recipiente de gasolina que eu costumava guardar nos fundos do celeiro. O estranho é que ele estava escondido em algum lugar na estrada.

– Escondido?

– Foi o que ele disse quando pediu que eu o identificasse. Não faz muito sentido.

– Por que ele estaria escondido? Será que alguém o usou para provocar o incêndio?

– Talvez. Não sei. O investigador Kramden não foi muito comunicativo.

Ela inclinou a cabeça para o lado com curiosidade.

– Obviamente, o incêndio foi intencional. Isso não era nenhum segredo, considerando a pilha de cartazes de PROIBIDO CAÇAR na frente da porta, então qual seria o sentido de esconder...

– Não faço ideia. A não ser, claro, que o incendiário estivesse tão bêbado que isso fizesse algum sentido para ele.

– Você acha mesmo que a explicação é essa?

Ele suspirou.

– Não.

Ela lhe lançou um de seus olhares penetrantes que o faziam sentir-se transparente.

– Então – perguntou Madeleine –, qual é o próximo passo?

– O que Kramden vai fazer eu não sei. Já eu preciso pensar um pouco nas informações que temos e tentar deduzir como as coisas se ligam. Há umas dúvidas básicas que preciso resolver primeiro.

– Como decidir se você está lidando com um adversário ou dois?

– Exato. Acho que eu até preferiria que fossem dois.

– Por quê?

– Porque, se a mesma pessoa for responsável pelas invasões à casa de Kim e por esse ataque, significa que estamos lidando com alguém muito mais perigoso do que um caçador ressentido.

O timer apitou, mas Madeleine o ignorou.

– Alguém ligado ao caso do Bom Pastor?

– Ou a Robby Meese, que eu posso ter subestimado.

O timer soou de novo.

Madeleine inclinou a cabeça para a janela.

– Eles estão voltando pela estrada. Posso ouvi-los.

– O quê?

A interrogação era mais uma demonstração de sua irritação com a mudança abrupta de assunto do que uma pergunta. Madeleine não se incomodou em responder. Gurney esperou e, depois de alguns segundos, também identificou o rugido clássico da moto BSA.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, depois que todos já tinham almoçado, Gurney estava em seu escritório revisando de novo os documentos que

tinha recebido de Hardwick por e-mail. Esperava encontrar algo significativo que não tivesse percebido antes.

Deixou para analisar as fotos das autópsias após examinar todo o resto. Quase desistiu de olhá-las, dizendo a si mesmo que seria uma experiência desagradável e inútil – principalmente porque elas ainda estavam nítidas em sua mente desde que as vira pela primeira vez. Mas acabou se rendendo à tarefa impulsionado pelo gene obsessivo-compulsivo que fora um ponto positivo em sua carreira e um grande estorvo em sua vida pessoal.

Talvez por ter examinado as imagens numa ordem diferente, ou talvez pelo fato de sua mente estar mais receptiva nesse momento, ele notou algo novo. Os ferimentos de entrada na cabeça de duas vítimas pareciam estar exatamente no mesmo lugar.

Procurou um marcador apagável na gaveta de sua escrivaninha, não encontrou, foi à cozinha e finalmente achou um na gaveta do aparador.

– Parece que você está prestes a descobrir alguma coisa – comentou o filho.

Kyle e Kim estavam sentados nas poltronas perto da lareira, e Gurney notou que elas tinham sido posicionadas um pouco mais perto uma da outra.

Ele se limitou a assentir com a cabeça.

Voltou ao escritório, sentou-se em frente ao computador e, usando um cartão de crédito como régua, desenhou um retângulo na tela, em volta de uma das cabeças que tinham ferimentos iguais. Depois traçou duas linhas que ligavam os cantos de cima aos cantos opostos de baixo do quadrilátero para estabelecer o ponto central e confirmar suas suspeitas: as linhas se cruzavam no meio do ferimento de entrada. Limpou a tela rapidamente com a manga da camisa e repetiu o exercício com a outra foto. Chegou ao mesmo resultado.

Ligou para Hardwick e deixou um recado: “Aqui é o Gurney. Preciso fazer uma pergunta rápida sobre as fotos das autópsias. Obrigado.”

Então examinou com cuidado as outras quatro fotos, uma a uma. Quando estava na quarta, Hardwick retornou o telefonema.

– E aí, ás, o que você manda?

– Estava aqui pensando numa coisa. Em pelo menos duas fotos que consegui verificar, o ferimento de entrada está bem no meio do perfil. Nas

outras quatro não sei, porque pelo que vi as vítimas podiam estar virando a cabeça para a janela lateral no momento do impacto. O ferimento de entrada delas pode estar posicionado no centro também, em relação à direção do disparo. O problema é que, como elas não estão alinhadas com o centro da câmera da autópsia no mesmo ângulo em que estavam alinhadas com o cano da arma, não posso ter certeza.

– Não sei se entendi aonde você quer chegar.

– Estou pensando se existem mais anotações feitas pelos legistas a respeito da posição do ferimento do que as que foram incluídas nos resumos que você me mandou. Porque se...

– Espere aí! – interrompeu Hardwick. – Espere aí, meu chapa. Lembre-se, pelo amor de Deus, de que qualquer informação que você tenha não chegou às suas mãos por mim. Se eu tivesse mandado algum material oficial do caso do Bom Pastor para você, teria cometido uma violação passível de processo. Está claro?

– Claro como água. Agora me deixe terminar. O que estou procurando é um conjunto de medidas que localizem a posição do ferimento de entrada em cada rosto considerando o posicionamento desse rosto em relação à janela lateral do carro no momento do impacto da bala.

– Por quê?

– Porque duas das fotos mostram disparos que acertaram o centro exato do perfil em relação à posição do atirador. Se a cabeça das vítimas fosse um alvo de papel, o disparo teria sido perfeitamente na mosca. *Perfeitamente* mesmo. Em condições ruins, com veículos em movimento, com visibilidade perto de zero.

– E o que você acha que isso significa?

– Prefiro aguardar até saber sobre as outras quatro fotos. Espero que você tenha acesso às anotações completas das autópsias, ou conheça alguém que tenha, ou que seja próximo o bastante de um dos legistas para perguntar a ele.

– Você quer que eu ande por aí sondando os outros sobre as quatro fotos para só depois você me contar qual é o ponto? Pois eu sugiro que me diga agora mesmo o que está pensando antes que eu o mande ir se foder.

Gurney já estava acostumado com o comportamento de Hardwick e nunca deixava que isso interferisse em algo importante.

– O que estou pensando – respondeu com toda a calma – é que um tiro com esse nível de precisão, disparado pela janela de um veículo em movimento, com o rosto da vítima visível apenas pela luz do painel do carro dela, é praticamente impossível, o que significa que o atirador tem óculos de visão noturna de excelente qualidade, uma mão muito firme e gelo correndo nas veias, sobretudo se tiver conseguido isso nos seis casos.

– E daí? Qualquer um pode ter acesso a equipamentos de visão noturna. Há centenas de sites de venda na internet.

– Não é aí que eu quero chegar. Meu problema é que, quanto mais dados encontro sobre o Bom Pastor, menos clara fica a imagem dele. Quem é esse cara, afinal? É um atirador supercompetente, mas usa uma pistola que parece um canhão de história em quadrinhos. Seu manifesto é cheio de fervor religioso, mas o planejamento é o mais frio, coerente e racional possível. Ele embarca numa jornada para matar todas as pessoas gananciosas do mundo, mas para na sexta vítima. Seu objetivo declarado é insano, mas ele parece extremamente inteligente, lógico e avesso a riscos.

– *Avesso a riscos?* – A voz áspera de Hardwick estava ainda mais cética que de costume. – Dirigir por estradas escuras matando pessoas a tiro não me parece aversão a riscos.

– Mas e o fato de ele ter feito cada disparo no tipo de curva que reduziria o risco de colisão ao mínimo, ter interceptado o carro de todas as vítimas no ponto médio aproximado da curva, ter descartado cada arma depois de usá-la, ter conseguido jamais aparecer em nenhuma gravação de câmera de vigilância e nunca ter sido visto por nenhuma testemunha? Esse modo de fazer as coisas demanda raciocínio, tempo e dinheiro. Meu Deus, Jack, jogar fora uma arma caríssima como a Desert Eagle depois de cada uso? Só isso me parece um investimento muito sério em controle de risco.

– Então você está dizendo que, de um lado, temos um lunático com a Bíblia na mão, fervendo de ódio pelos ricos que estão acabando com o mundo... – resmungou Hardwick.

– ... e de outro – completou Gurney – temos um pistoleiro frio que parece suficientemente rico para jogar pistolas de 500 dólares pela janela.

O silêncio prolongado que se seguiu sugeriu que Hardwick estava pensando na ideia.

– E você quer os dados das autópsias... para provar o quê?

– Para *provar* nada. Só para saber se minha sensação de que há contradições de mais nesse caso faz sentido.

– Só isso? Sabe, ás, estou achando que pode haver outra coisa.

Gurney não pôde deixar de sorrir pela percepção de Hardwick. O sujeito podia ser – e muitas vezes era – um pé no saco pretensioso, amargo e chato. Mas não era nem um pouco idiota.

– É, pode haver outra coisa. Andei dando uma cutucada na teoria atual sobre os assassinatos do Bom Pastor, e pretendo continuar fazendo isso. Caso o enxame de agentes do FBI venha atrás de mim com seus ferrões em riste, eu gostaria de me proteger com o conhecimento do máximo de dados possível.

O interesse de Hardwick aumentou perceptivelmente. O sujeito tinha alergia a autoridades, a burocracia, a *procedimentos*, a homens engravatados. Em outras palavras, a organizações como o FBI. Fazer o que Gurney vinha fazendo era algo que ele com certeza aprovaria.

– Você provocou um conflito com nossos amiguinhos do Bureau, foi? – perguntou ele, quase torcendo para isso.

– Ainda não. Mas posso estar quase lá.

– Vou ver o que posso fazer.

Então Hardwick desligou sem se despedir, o que não era nada incomum.

Capítulo 25

Amor e ódio

Gurney estava enfiando o telefone de volta no bolso quando ouviu uma leve batida na porta do escritório, aberta atrás dele. Virou-se e viu Kim parada na soleira.

- Posso interromper só um minuto?
- Pode entrar. Não está interrompendo nada.
- Eu queria me desculpar.
- Por quê?
- Por dar aquele passeio na garupa da moto do Kyle.
- Se desculpar?
- Não foi certo. Quero dizer, meu timing foi péssimo. Sair para um passeio idiota de moto quando todas essas coisas sérias estão acontecendo... Você deve me achar uma cabeça de vento egoísta.

- Fazer uma pequena pausa no meio de uma grande confusão parece bem razoável para mim.

Ela balançou a cabeça.

- Não acho legal eu ficar andando por aí como se nada tivesse acontecido, principalmente se existir a possibilidade de seu celeiro ter sido destruído por minha causa.

- Você acha que Robby Meese seria capaz disso?
- Se fosse há algum tempo eu teria certeza que não. Agora não sei. – Ela parecia confusa e desamparada. – Você acha que foi ele?

Kyle apareceu atrás dela na porta e ficou ouvindo sem dizer nada.

- Sim e não – retrucou Gurney.

Kim assentiu, como se a resposta dele significasse mais do que de fato significava.

– Há mais uma coisa que eu quero dizer. Preciso que você acredite que uma semana atrás eu não tinha ideia da situação para a qual arrastei você. A esta altura, eu entenderia totalmente se você quisesse pular fora.

– Por causa do incêndio?

– Do incêndio e da armadilha no porão.

Gurney sorriu.

Ela franziu a testa.

– O que há de tão engraçado no que eu falei?

– Esses são exatamente os motivos pelos quais eu *não* quero pular fora.

– Não entendi.

Quem respondeu foi Kyle:

– Quanto mais difícil o mistério se torna, mais decidido ele fica.

Kim se virou para ele, espantada.

– Para o meu pai, a dificuldade é um ímã – continuou Kyle. – A impossibilidade é irresistível para ele.

Ela olhou de Kyle para Gurney.

– Quer dizer que você está disposto a continuar envolvido em meu projeto? – perguntou.

– Pelo menos até resolvermos algumas coisas. Como está sua agenda?

– Tenho mais algumas reuniões marcadas. Com o filho de Sharon Stone, Eric, e com o de Bruno Mellani, Paul.

– E elas estão marcadas para quando?

– Sábado.

– Amanhã?

– Não, sáb... Ah, meu Deus, amanhã é sábado. Achei que fosse sexta. Você acha que vai poder ir?

– Desde que não haja novas surpresas.

– Certo. Ótimo. É melhor eu ir. O tempo está voando. Assim que eu chegar em casa, vou confirmar as reuniões, aí ligo para você com os endereços. Podemos nos encontrar amanhã no local da primeira entrevista. Está bom para você?

– Você vai voltar a Syracuse?

– Preciso de roupas e de algumas outras coisas. – Ela pareceu

desconfortável. – Provavelmente não vou passar a noite lá.

– E você vai para lá como?

Ela olhou para Kyle.

– Você não contou a eles?

– Acho que esqueci. – Ele riu e ficou vermelho. – Vou dar uma carona a Kim até a casa dela.

– Na garupa da moto?

– O sol está saindo. Vou ficar bem.

Gurney olhou pela janela. As árvores na beira do campo lançavam sombras fracas no capim morto.

– Madeleine vai emprestar um casaco e luvas para ela – acrescentou Kyle.

– E o capacete?

– Podemos passar na loja da Harley no povoado. Podemos comprar um grande, tipo Darth Vader, com um crânio e ossos cruzados.

– Ah, *obrigada* – disse Kim, com uma imitação fofa de sarcasmo, dando um tapinha no braço dele.

Gurney queria dizer várias coisas. Mas, pensando bem, nenhuma parecia tão aconselhável quanto o silêncio.

– Vamos – chamou Kyle.

Kim sorriu, nervosa, para Gurney.

– Ligo para você com os horários das reuniões.

Assim que eles saíram, Gurney se recostou na cadeira e olhou para a colina, imóvel e tranquila como uma foto em sépia. O telefone fixo, na outra ponta da mesa, tocou, mas ele não fez menção de atender. O aparelho tocou uma segunda vez, depois uma terceira. O quarto toque foi interrompido na metade, evidentemente por Madeleine atendendo na cozinha. Ele ouviu a voz dela, mas não conseguiu distinguir as palavras.

Alguns instantes depois, ela entrou no escritório.

– É um homem chamado Trout – sussurrou, entregando o telefone a Gurney.

De certa forma ele já esperava aquela ligação, mas ficou surpreso com a rapidez com que viera.

– Gurney falando.

Era assim que ele atendia ao telefone no trabalho e, agora que estava aposentado, achava o hábito difícil de abandonar.

– Boa tarde, Sr. Gurney. Meu nome é Matthew Trout e trabalho como agente supervisor especial no FBI.

As palavras saíram da boca do sujeito como fogo de artilharia.

– Pois não?

– Sou o agente encarregado da investigação dos assassinatos múltiplos do Bom Pastor. Acredito que o senhor já saiba disso, certo? – Como Gurney não respondeu, ele continuou: – Fui informado pela Dra. Holdenfield que o senhor e uma cliente sua estão se envolvendo nessa investigação.

Gurney permaneceu em silêncio.

– O senhor diria que isso é verdade?

– Não.

– Perdão?

– O senhor perguntou se isso era verdade. Eu disse que não.

– Que parte não é verdade?

– O senhor deixou implícito que uma jornalista para quem estou trabalhando como consultor em questões policiais está tentando se intrometer na *sua* investigação e que eu estou tentando fazer a mesma coisa. As duas afirmações são falsas.

– Talvez eu tenha sido mal informado. Disseram-me que o senhor havia expressado um grande interesse pelo caso.

– Isso é verdade. Acho o caso fascinante e realmente gostaria de entendê-lo melhor. Também gostaria de entender por que o senhor me ligou.

Houve uma pausa, como se o sujeito tivesse ficado abalado pelo tom brusco de Gurney.

– A Dra. Holdenfield me disse que o senhor queria se encontrar comigo.

– Isso também é verdade. Existe algum horário que seja mais conveniente para o senhor?

– Na verdade, não, mas a conveniência é uma questão irrelevante. Neste momento estou trabalhando fora do escritório, na casa de minha família nas montanhas Adirondack. Sabe onde fica o lago Sorrow?

– Sei.

– Isso é surpreendente. – Havia um quê de esnobismo e incredulidade na voz dele. – Muito poucas pessoas já ouviram falar nele.

– Meu cérebro é cheio de fatos inúteis.

Trout não respondeu ao insulto não muito sutil.

– O senhor poderia vir aqui amanhã às nove da manhã?

– Não. Que tal no domingo?

Houve outra pausa. Quando Trout finalmente respondeu, foi de um jeito tenso e controlado, como se estivesse se esforçando para disfarçar a irritação.

– A que horas o senhor poderia estar aqui no domingo?

– No horário que o senhor quiser. Quanto mais cedo, melhor.

– Ótimo. Esteja aqui às nove.

– Aqui onde?

– Não há endereço. Aguarde um instante que meu assistente vai lhe passar todas as coordenadas. Sugiro que o senhor anote palavra por palavra, com todo o cuidado. As estradas aqui são traiçoeiras e os lagos, bem fundos. E muito frios. O senhor não vai querer se perder.

O aviso era quase cômico.

Quase.

Depois de haver anotado as coordenadas para chegar ao lago Sorrow, voltou à cozinha, e então viu Kim e Kyle descendo pelo pasto de baixo na motocicleta. Um sol pálido passava por entre as nuvens finas, fazendo os cromados da moto reluzirem.

A mente de Gurney foi invadida por várias questões angustiantes que começavam todas com “E se...”, até que seus pensamentos foram interrompidos pelo som de um cabide caindo no chão do quartinho dos casacos.

– Maddie?

– Oi?

Um instante depois ela apareceu à porta do quartinho vestida de modo mais conservador que o usual, ou seja, menos parecida com um arco-íris.

– Aonde você vai?

– Aonde você acha que eu posso estar indo?

– Se eu soubesse, não teria perguntado.

– Que dia é hoje?

– Sexta?

– E?

– E? Ah, sim, um de seus compromissos em grupo na clínica.

Ela ficou ali parada com uma de suas expressões complexas que pareciam ser ao mesmo tempo divertidas, exasperadas, calorosas e preocupadas.

– Você precisa que eu faça alguma coisa com relação ao seguro? – perguntou ela. – Ou prefere cuidar disso pessoalmente? Imagino que tenhamos que ligar para alguém, não é?

– É. Acho que para nosso corretor, na cidade. Vou descobrir. – Era uma tarefa simples da qual ele tinha se lembrado e esquecido várias vezes desde a noite anterior. – Na verdade, vou fazer isso agora, antes que me distraia com outra coisa.

Ela sorriu.

– O que quer que esteja acontecendo, você vai resolver. Você sabe disso, não sabe?

Ele pôs as coordenadas para o lago Sorrow em cima da mesa, foi até Madeleine e a abraçou, depois lhe deu um beijo no rosto e outro no pescoço, em seguida ficou apenas envolvendo-a com força. Ela o abraçou de volta, encostando o corpo no dele de um modo que o fez desejar que ela não estivesse saindo para o trabalho.

Madeleine recuou, fitou-o nos olhos e riu – só uma pequena risada, um murmúrio afetuoso. Depois se virou, seguiu pelo corredor curto até a porta lateral e saiu em direção ao carro.

Gurney ficou observando pela janela até o automóvel sumir de vista.

Nesse momento, seus olhos foram atraídos para um pedaço de papel preso com fita adesiva à parede acima do aparador. Ele se inclinou para ler o que estava escrito e reconheceu a letra de Kyle: “Não esqueça o cartão de aniversário.” Sob essa frase havia uma pequena seta apontando para baixo, para o envelope azul que viera com o presente. Essa cor, a mesma do embrulho da Tiffany, o fez experimentar de novo a sensação de desconforto com relação à necessidade de Kyle de gastar tanto dinheiro.

Abriu o envelope e tirou o cartão. Era de uma simplicidade elegante, com apenas algumas palavras na frente: “Um parabéns especial para você.”

Ele abriu o cartão, ainda esperando que o dispositivo fizesse tocar uma versão irritante de “Parabéns a você”. No entanto, durante três ou quatro segundos não houve nenhum som – talvez para dar ao destinatário tempo suficiente para ler uma segunda mensagem do lado de dentro: “Paz e alegria em seu dia especial.”

E então a música começou: quase um minuto inteiro de um notável trecho de “Primavera”, das *Quatro estações* de Vivaldi.

Considerando o tamanho do dispositivo, menor do que uma ficha de pôquer, a qualidade sonora era maravilhosa. Mas não foi isso que espantou Gurney, e sim a nitidez das lembranças que a melodia lhe trouxe.

Kyle tinha 11 ou 12 anos e ainda passava todos os fins de semana na casa de Dave e Madeleine na cidade em vez de ficar com a mãe em Long Island. Ele estava começando a se interessar pelo tipo de música que, aos ouvidos paternos, soava criminosa, grosseira e absolutamente ridícula. Por isso Gurney estabeleceu uma regra: Kyle podia ouvir o que quisesse, desde que também ouvisse um compositor clássico pelo mesmo tempo. Essa estratégia servia ao duplo propósito de limitar o contato de Kyle com a música pavorosa que os adolescentes adoravam e apresentar a ele obras-primas que de outro modo jamais ouviria.

O acordo não era isento de tensão e disputas, mas também possibilitou uma bela surpresa. Kyle descobriu que gostava muito de um dos compositores clássicos cujas obras Gurney lhe mostrara: Vivaldi. Apreciava especialmente as *Quatro estações*, das quais seu concerto preferido era “Primavera”. Ouvi-lo era o preço que ele pagava de boa vontade em troca de também poder escutar o lixo cacófono que dizia preferir.

E então algo aconteceu. Foi um processo tão lento que Gurney mal notou. O jovem começou a ouvir esporadicamente não apenas Vivaldi, mas também Haydn, Händel, Mozart, Bach – não de maneira forçada, mas por vontade própria.

Anos depois Kyle mencionou de maneira casual – não a Gurney, mas a Madeleine – que “Primavera” havia aberto uma porta mágica para ele e que apresentá-lo a esse tipo de música tinha sido uma das melhores coisas que o pai fizera por ele.

Algum tempo depois, Madeleine contara isso a Gurney e ele ainda se lembrava de como o comentário o fizera se sentir estranho. Ficara feliz, claro, por ter feito algo tão útil, mas também triste por ter sido algo tão simples, que havia exigido tão pouco dele. Imaginara se o motivo para Kyle valorizar tanto isso seria o fato de não ter tantas lembranças paternas para servir de comparação.

Agora Gurney estava sentindo esse mesmo turbilhão de emoções

enquanto segurava o cartão aberto e ouvia o finzinho da linda melodia barroca. Sua visão ficou turva e ele percebeu, com alguma preocupação, que as lágrimas estavam a ponto de correr mais uma vez por seu rosto.

Que diabo está acontecendo comigo? Meu Deus, Gurney, controle-se!

Foi à pia da cozinha e secou os olhos com um pedaço de papel toalha. Nos últimos dois meses sentira mais vontade de chorar do que em todos os anos de sua vida adulta.

Preciso fazer alguma coisa, qualquer coisa. Agir. Completar uma tarefa.

A primeira coisa que lhe veio à mente foi criar um inventário de tudo o que se perdera no incêndio. A companhia de seguros com certeza perguntaria isso.

Não estava com vontade nenhuma de fazer isso, mas se forçou a começar. Pegou um bloco de papel amarelo e uma caneta na mesa do escritório, entrou no carro e foi até os escombros do celeiro.

Assim que desceu do automóvel, fez uma careta ao sentir o cheiro ácido das cinzas molhadas. De algum lugar distante, na estrada, vinha o gemido intermitente de uma motosserra.

Com alguma relutância, ele se aproximou dos montes de tábuas queimadas dentro da estrutura do celeiro, que estava toda retorcida mas ainda de pé. No par de cavaletes onde os caiaques amarelos ficavam guardados, agora havia uma massa meio marrom, cheia de bolhas e endurecida. Gurney nunca tivera nenhum apreço especial pelas pequenas embarcações, mas sabia que remar no rio sob o sol de verão era um dos maiores prazeres de Madeleine. Ver os barquinhos destruídos, reduzidos a uma pasta petroquímica solidificada, deixou-o triste e irritado ao mesmo tempo. A visão da bicicleta dela foi pior ainda. Os pneus, o selim e os cabos haviam derretido e os aros estavam entortados.

Ele se obrigou a continuar seguindo por aquele horrível cenário com o bloco e a caneta nas mãos e começou a anotar as principais perdas de ferramentas e equipamentos. Quando terminou, saiu dali enojado e entrou de novo no carro.

Sua mente estava cheia de perguntas. A maioria podia ser reduzida a duas palavras: *por quê?*

Nenhuma das hipóteses óbvias era convincente, principalmente a teoria do caçador enfurecido. A região era cheia de placas de PROIBIDO CAÇAR, mas

nem por isso havia um monte de casos de celeiros incendiados.

Então o que mais poderia ser?

Um incendiário que tinha errado o endereço do alvo? Um piromaníaco doido para colocar fogo numa estrutura grande? Vândalos adolescentes sem nada na cabeça? Um inimigo do passado de Gurney querendo se vingar dele?

Ou teria algo a ver com Kim, Robby Meese e *Os órfãos do assassinato*? Será que o incendiário seria a mesma pessoa que havia sussurrado no porão?

Não acorde o diabo. Se essa frase fora tirada de uma história contada pelo pai de Kim na infância, como ela dissera, o alerta seria destinado a ela. Por que então sussurrá-la no ouvido dele, para quem não teria nenhum significado?

Será que o intruso teria acreditado que Kim é que caíra da escada?

Um engano desse tipo parecia muito improvável. Quando Dave caiu, a primeira coisa que escutou foram os gritos de Kim no topo da escada e em seguida o som dos passos dela correndo para pegar a lanterna. Só depois disso, deitado no piso do porão, foi que ele ouviu, bem perto, a voz baixa e agourenta, a voz de alguém que, naquele ponto, devia ter entendido que não estava falando com Kim.

Mas, se a pessoa sabia que não era Kim caída ali no chão, por que...?

A resposta teve o efeito de um tapa na cara de Gurney.

Mais especificamente, teve o efeito de uma melodia cristalina de um concerto de Vivaldi em seus ouvidos.

Voltou para casa com tanta pressa que passou por cima de dois buracos de marmota no caminho.

Assim que chegou, foi direto pegar o cartão de aniversário que Kyle lhe dera, olhou a parte de trás e viu o que esperava: o nome de uma empresa e o endereço de um site: kustomkardz.com.

Um minuto depois já estava acessando o site em seu laptop. A Kustom Kardz fornecia exatamente isto: cartões de comemoração individualizados com um dispositivo de reprodução a bateria que tocava “trechos de mais de cem melodias diferentes, à escolha do cliente, retirados das composições clássicas e canções folclóricas mais adoradas do mundo”.

Além de um endereço de e-mail na página FALE CONOSCO, havia um número 0800, para o qual Gurney ligou. Assim que a funcionária o atendeu, ele fez

uma pergunta importantíssima: em vez de customizar o dispositivo com uma música, era possível personalizá-lo com palavras faladas?

De acordo com a atendente, sim, com certeza. Era só gravar a mensagem – o que poderia ser feito pelo telefone –, convertê-la para o formato de áudio adequado e passá-la para o dispositivo.

Gurney lhe fez mais duas perguntas: quais eram as opções para fazer a gravação tocar caso o dispositivo fosse usado em outra coisa que não um cartão de comemoração? E qual era a diferença de tempo entre o comando para tocar e a reprodução efetiva da gravação que poderia ser programada no dispositivo?

A atendente lhe explicou que havia muitas opções de comando para acionar a gravação: pressão, liberação de pressão ou até pelo som, como aquelas lâmpadas que se acendem ao barulho de palmas. Outras possibilidades poderiam ser exploradas com o Sr. Emtar Gumadin, o guru tecnológico da empresa.

Então Gurney lhe disse que um conhecido seu recebera um cartão falante muito curioso com a mensagem “Não acorde o diabo” e perguntou se havia alguma possibilidade de que a Kustom Kardz tivesse processado essa mensagem específica num de seus chips de som.

A mocinha respondeu que achava que não, mas que, se Gurney pudesse esperar, ela verificaria com Emtar.

Depois de alguns minutos ela disse que ninguém se lembrava de nada do tipo, a não ser que Gurney estivesse se referindo à canção de ninar que começava com “Vá dormir, queridinho, descanse...”

Finalmente, Gurney quis saber se havia muitas outras empresas como aquela no mercado.

Segundo a atendente, infelizmente sim. O custo da tecnologia estava cada vez mais baixo e seu uso vinha aumentando de forma significativa.

Assim que Gurney terminou de falar com a Kustom Kardz, ligou para Kyle. Estava esperando que a ligação caísse na caixa postal, já que naquele momento o filho estaria seguindo com sua BSA pela I-88 e nenhum jovem de 26 anos, por mais impaciente que fosse, tiraria o telefone do bolso numa moto a toda a velocidade.

Mas, como para provar a inutilidade de sua teoria, Kyle atendeu de imediato.

- Oi, pai, tudo bem?
 - Onde você está?
 - Num posto de gasolina perto da interestadual. Acho que o nome da cidade é Afton.
 - Que bom que você pôde atender. Eu queria que você me fizesse um favor quando chegar à casa de Kim. Lembra a voz que eu escutei no porão dela? Acho que era uma gravação em algum dispositivo em miniatura parecido com o do cartão que você me deu.
 - Nossa! Como você chegou a essa conclusão?
 - Pensei nisso quando ouvi a música do cartão. Quero que você faça o seguinte: assim que chegar lá, vá ao porão, desde que as luzes estejam funcionando e que não haja nenhum sinal de invasão, é claro. Dê uma olhada ao redor da escada, perto da base, em busca de lugares onde um objeto do tamanho de uma moeda poderia ser escondido. A voz que eu escutei com certeza estava a menos de um metro de onde eu caí.
 - Acho que, para o som ficar claro, o tal objeto não poderia estar tão escondido assim...
 - É verdade. Não poderia estar totalmente enterrado na parede, mas poderia estar em algum buraco raso, talvez com algum papel ou um pedaço de pano da cor da parede por cima, algo assim.
 - Não no chão, certo?
 - Certo. A voz veio de algum lugar acima de mim, como se alguém estivesse se inclinando sobre a minha cabeça.
 - Poderia ser na própria escada?
 - Poderia, sim.
 - Está bem. Uau. Vamos pegar a estrada de novo agora. Ligo para você assim que chegarmos.
 - Não corra. Meia hora a mais ou a menos não vai fazer diferença nenhuma.
 - Pode deixar. – Ele fez uma pausa. – E... você gostou do cartão?
 - O quê? Ah, gostei, sim. Adorei. Obrigado.
 - Reconheceu o trecho de “Primavera”?
 - Claro.
 - Certo. Ótimo. Nos falamos daqui a pouco.
- Para impedir que “o trecho de ‘Primavera’” e suas lembranças lhe

causassem outro turbilhão de emoções, Gurney procurou algo para fazer até receber notícias de Kyle.

Foi até o escritório, abriu o arquivo de contatos, pegou o número de seu corretor de seguros e ligou para ele. Depois de várias alternativas de ramais, o sistema de atendimento automático lhe ofereceu a opção de ser transferido “para informar um acidente, incêndio ou outro tipo de perda coberto por nossa apólice residencial”.

Quando Gurney estava prestes a pressionar o botão correspondente, o telefone tocou em sua mão. Olhou o identificador de chamadas e viu que era Hardwick. Ficou pensando por três segundos e decidiu que o seguro podia esperar.

Assim que ele atendeu, Hardwick começou a falar:

– Porra, Gurney, tudo o que você me pede dá um trabalho desgraçado, sabia?

– Acho que você está muito preguiçoso e precisa desse exercício.

– Eu preciso disso tanto quanto um peixe precisa de uma bicicleta.

– O que você tem a me dizer além das merdas de sempre?

Hardwick pigarreou com a meticulosidade costumeira.

– A maioria das anotações originais das autópsias está fora do meu alcance. Como eu disse, tudo o que voc...

– Sei o que você disse, Jack. A questão é: o que você *tem*?

– Você se lembra do Wally Thrasher?

– O legista do caso Mellery?

– Ele mesmo. Um babaca arrogante e metido a besta.

– Igual a alguém que eu conheço.

– Vá se ferrar. Dentre as ótimas qualidades de Wally está sua obsessão por organização. E por acaso foi ele que fez a autópsia da corretora de imóveis.

– Sharon Stone?

– A própria.

– E?

– Na mosca.

– Como assim?

– O ferimento de entrada estava exatamente no meio da lateral da cabeça. Quero dizer, bem na porra do meio. Claro, o ferimento de saída é outra

história. É difícil achar o centro de algo que não existe mais.

- O que importa é o ferimento de entrada.

- Certo. Então agora você tem certeza de que foram dois tiros na mosca: o que você já sabia e este que eu descobri. Acha que isso basta para provar qualquer que seja o seu argumento brilhante?

- Talvez. Agradeço a ajuda.

- Eu nasci para servir.

E desligou.

Capítulo 26

Uma explosão de ameaças

Gurney ficou entusiasmado com as informações sobre os ferimentos, embora ainda não tivesse certeza de quais seriam as implicações de sua descoberta ou de como poderia usá-la em seu encontro com Trout no domingo. Mas agora sua mente parecia ter ficado mais ativa, como se ele tivesse tomado um *espresso* duplo, e ele logo começou a pensar numa nova questão.

Ligou para Kyle de novo, mas dessa vez caiu na caixa postal. Pelo visto ele ainda estava na estrada.

– Assim que você ouvir este recado, quero que pergunte a Kim quantas pessoas conhecem a história que o pai dela lhe contava para dormir. Não pessoas que saibam sobre ela em termos gerais, mas que conheçam os detalhes, principalmente a frase “Não acorde o diabo”. Se houver mais de duas ou três, peça que ela faça uma lista de nomes e endereços e escreva ao lado a natureza de seu relacionamento com elas. Obrigado. Seja cuidadoso. Falo com você em breve.

Assim que desligou, uma dúvida totalmente nova lhe veio à cabeça. Digitou o número de Kyle mais uma vez e deixou uma segunda mensagem:

– Desculpe ficar ligando toda hora, mas outra coisa acaba de me ocorrer. Depois de procurar o tal dispositivo de som em miniatura no porão, veja se acha também algum grampo eletrônico ou qualquer tipo de material de escuta. Dê uma olhada nos locais mais prováveis: alarmes de fumaça, protetores de pico de corrente, bocais de lâmpada. Fique atento a qualquer coisa que pareça não fazer parte desses pontos. Se achar algo, não mexa.

Deixe onde está. Por enquanto é só isso. Ligue assim que puder.

O pensamento de que o apartamento de Kim podia estar grampeado – e sabia-se lá há quanto tempo – suscitou uma série de perguntas complicadas com possibilidades de resposta potencialmente perturbadoras. Gurney pegou a cópia do projeto de Kim na gaveta da escrivaninha e se acomodou na poltrona do escritório para examiná-lo mais uma vez.

Quando chegou à metade, o desânimo abateu-se sobre ele tão rápido quanto a empolgação o havia contagiado. Convenceu a si mesmo que iria fechar os olhos por apenas cinco minutos, no máximo dez, e se recostou no estofamento macio. Tinham sido dois dias extremamente estressantes e exaustivos, em que ele quase não havia dormido.

Ia dar só um cochilo rápido...

Acordou com um susto. Algo estava tocando, mas por um momento ele não identificou o que era. Quando começou a se levantar, sentiu uma forte pontada no pescoço, rígido por causa da posição em que tinha dormido, com a cabeça caída para o lado.

Os toques pararam e ele escutou a voz de Madeleine:

– Ele está dormindo. – Uma pausa e então: – Cheguei em casa há meia hora e ele estava totalmente apagado. – E depois: – Vou dar uma olhada.

Depois de um instante, ela entrou no escritório. Viu Gurney sentado, esfregando os olhos.

– Está acordado?

– Mais ou menos.

– Pode falar com Kyle?

– Onde ele está?

– Na casa de Kim. Disse que estava tentando ligar para seu celular.

– Que horas são?

– Quase sete.

– Sete? Meu Deus!

– Ele parece muito ansioso para falar com você.

Gurney abriu mais os olhos e se levantou da poltrona.

Madeleine apontou para o telefone fixo na mesa.

– Pode atender aí. Vou desligar a extensão na cozinha.

Gurney pegou o fone e falou:

– Pronto.

- Oi, pai! Estou há duas horas tentando falar com você. Está tudo bem?
- Estou ótimo, só muito cansado.
- É, eu esqueci que você não tem dormido.
- Descobriu alguma coisa interessante?
- Mais estranha do que interessante. Por onde você quer que eu comece?
- Pelo porão.
- Muito bem, o porão. Sabe as tábuas compridas dos dois lados da escada, onde os degraus ficam presos? Bom, encontrei uma fenda estreita na parte de baixo de uma delas, cerca de 60 centímetros acima do degrau que está faltando, e nessa abertura tem um negócio mais ou menos da metade do tamanho de um pen-drive.
- Você o tirou de lá?
- Não, porque você tinha falado para eu deixar. Só puxei um pouquinho para fora com a ponta de uma faca para ver de que tamanho era. Mas agora é que vem a parte esquisita: quando o empurrei de volta para dentro da fenda, devo ter acionado algum dispositivo, porque uns dez segundos depois ele soltou um sussurro muito assustador. Parecia um maníaco de filme de terror sibilando as palavras entre os dentes. *Não acorde o diabo*. Juro que quase molhei as calças. Na verdade, acho que *molhei* as calças.
- A fenda era muito óbvia?
- Nem um pouco. Era como se o sujeito tivesse usado uma plaina para fazer uma apara de madeira minúscula que cobrisse o buraco com perfeição.
- E como você...
- Você disse que, o que quer que o negócio fosse, estaria a menos de um metro de onde caiu. Não era uma área muito grande. Só fiquei procurando até achar.
- Você perguntou a Kim quem mais sabe sobre a história do diabo?
- Ela insiste que a única pessoa a quem *ela* contou foi o ex-namorado maluco. E aí é claro que ele pode ter contado a outras pessoas.

Depois disso Kyle ficou em silêncio enquanto Gurney tentava organizar os confusos dados do caso na mente. Mas em que caso ele estava pensando, afinal? No dos seis assassinatos em estradas, conectados pelo manifesto do Bom Pastor? No suposto assédio de Robby Meese contra Kim Corazón, que chegava ao vandalismo e a atitudes imprudentes e perigosas? No incêndio

do celeiro? Ou em algum caso principal, hipotético, onde todos esses acontecimentos se entrelaçavam e talvez até se ligassem à flecha caída em seu jardim?

– Pai, ainda está na linha?

– Claro.

– Tem mais. Ainda não lhe dei as más notícias.

– Meu Deus. O que é?

– Todos os cômodos do apartamento de Kim estão grampeados, até o banheiro.

Gurney sentiu um arrepio na espinha.

– O que você encontrou?

– Na mensagem você mencionou os lugares óbvios para procurar, certo? Então o primeiro que olhei foi o alarme de fumaça na sala, e encontrei uma coisa que obviamente não faz parte dele. Não era muito maior do que uma caixa de fósforos, com um fio fino saindo da ponta. Achei que fosse algum tipo de transmissor sem fio.

– Havia algo parecido com uma lente?

– Não.

– Poderia ser pequena como meio grão de...

– Não, acredite, não havia lente nenhuma. Eu pensei nisso e verifiquei.

– Está bem – disse Gurney, absorvendo o significado daquilo. A ausência de um apetrecho de captação de vídeo significava que o dispositivo não fazia parte do equipamento de vigilância prometido pela polícia. Para identificar um intruso você colocava uma câmera, não um grampo de áudio.

– E depois você checkou os outros alarmes de fumaça?

– Chequei. Existe um em cada cômodo, e todos eles tinham o mesmo objeto estranho dentro.

– De onde você está ligando?

– Da calçada da casa de Kim.

– Muito bem. Tenho a impressão de que você ainda não me contou tudo. Estou certo?

– Você sabia que na casa dela existe um painel de acesso que leva ao apartamento de cima?

– Não, mas não estou surpreso. Onde é?

– Na lavanderia, perto da cozinha.

Gurney lembrou que a cozinha e a área de serviço tinham um quadrado grande no teto, formado por tiras de sancas decorativas, ideal para esconder um painel móvel.

– O que levou você a...

– Verificar o teto? Kim me disse que às vezes escuta barulhos à noite, tipo estalos e outros sons esquisitos. E me contou sobre todas as outras esquisitices que aconteceram mesmo depois de ela ter trocado as fechaduras: objetos em lugares diferentes, coisas que sumiram e reapareceram, as manchas de sangue. Além do mais, o apartamento de cima deveria estar vazio. Então, quando a gente junta tudo isso...

– Muito bem – disse Gurney, impressionado. – Você achou que o acesso mais provável para o apartamento dela seria o teto?

– Isso, e depois pensei que o teto mais provável seria o que tinha os painéis.

– E aí?

– Aí eu peguei uma escada no porão e comecei a cutucar os quadrados de todos os lados até encontrar um que parecia um pouco diferente, que cedia de um modo diferente dos demais. Depois peguei uma faca e soltei a sanca em volta dele o suficiente para ver que havia linhas cortadas por baixo. Não fui mais longe que isso. Se você não queria que eu mexesse nos grampos, imaginei que também não ia querer que eu tirasse o painel. Além disso, ele era fechado pelo outro lado, então eu teria que arrombá-lo para conseguir passar, e não tive segurança para fazer isso sem saber o que poderia haver lá em cima.

Gurney notou o entusiasmo da caça na voz do filho, misturado apenas a um pouco de cautela.

– Você teve uma tarde agitada.

– Precisamos pegar os bandidos. Qual é o próximo passo?

– *Seu* próximo passo é sair daí o mais rápido possível e voltar para cá. Vocês dois, aliás. *Meu* próximo passo é pensar um pouco nesses fatos novos. Às vezes, quando vou dormir com a cabeça cheia de perguntas, acordo com ela repleta de respostas.

– Sério?

– Não, mas seria bom.

Kyle riu.

- Com que perguntas você vai dormir hoje?
- Quero saber a mesma coisa de você. Afinal de contas, foi você que fez as descobertas. Estar no local nos dá uma perspectiva melhor. Em *sua* opinião, quais são as perguntas fundamentais?

Gurney sentiu uma empolgação palpável em Kyle até mesmo quando hesitou alguns segundos antes de responder:

- Pelo que estou vendo, só há uma pergunta realmente crucial.
- E qual é?
- Estamos lidando com um ex-namorado obsessivo ou com algo muito pior? – Ele fez uma pausa. – O que você acha?
- Acho que talvez estejamos lidando com as duas coisas.

Capítulo 27

Reações conflitantes

Gurney ficou acordado até que Kyle e Kim chegassem de Syracuse – ele na moto e Kim em seu Miata.

Depois de repassarem tudo o que haviam discutido ao telefone, Gurney tinha mais duas perguntas. A primeira era para seu filho, e ele não tinha chegado nem à metade da frase quando Kyle o interrompeu:

- Quando você tirou a tampa dos alarmes de incêndio...

- Não fiz barulho nenhum. Tirei bem devagar. Kim e eu ficamos o tempo todo falando sobre uma das matérias dela no mestrado, de modo que ninguém que estivesse escutando percebesse o que eu estava fazendo.

- Estou impressionado.

- Não fique. Vi isso num filme de espionagem.

A segunda pergunta de Gurney era para Kim:

- Você viu alguma coisa no apartamento que não fosse familiar? Algum aparelho pequeno, um rádio-relógio, um iPod, um bicho de pelúcia, qualquer coisa que não tivesse visto antes?

- Não, por quê?

- Só estou pensando se Schiff chegou a instalar as câmeras de vigilância, como disse que faria. Nas situações em que o morador do local sabe do plano, é mais fácil usar um transmissor de vídeo que já tenha sido colocado com antecedência dentro do objeto de disfarce do que escondê-lo num dispositivo no teto ou em outro lugar da casa.

- Não havia nada assim lá.

Na manhã seguinte, sentado à mesa do café da manhã, Gurney notou que Madeleine não tinha comido sua tigela usual de aveia e praticamente não havia tocado no café. Olhando através da porta de vidro, ela parecia concentrada em pensamentos sombrios, não na paisagem ensolarada.

– Está pensando no incêndio?

Ela demorou tanto para responder que Gurney começou a achar que não havia escutado.

– É, acho que se pode dizer que sim. Hoje, quando acordei, sabe o que me veio à mente por uns três segundos? Que eu aproveitaria esta linda manhã andando de bicicleta na estrada de trás, perto do rio. Aí eu lembrei que não tenho mais bicicleta. Aquela coisa queimada e retorcida no chão do celeiro não é mais uma bicicleta, certo?

Gurney não soube o que dizer.

Ela ficou sentada em silêncio durante um tempo, com a raiva perpassando-lhe os olhos. Depois disse, mais para a xícara de café do que para ele:

– Essa pessoa que grampeou o apartamento de Kim... o que você acha que ela descobriu sobre nós?

– Sobre nós?

– Sobre você. O que acha que ela descobriu sobre você?

Gurney respirou fundo.

– Boa pergunta. – Na verdade era um pensamento que o vinha incomodando desde que falara com Kyle ao telefone na tarde anterior. – Presumivelmente os grampos estão ligados a um equipamento de gravação ativado por voz, então a pessoa teve acesso às conversas que tive com Kim quando fui lá, além de tudo o que ela falou pelo celular quando estava em casa.

– Tudo o que ela falou para você, para a mãe, para Rudy Getz...

– É, embora não dê para ouvir o que eles responderam.

Os olhos de Madeleine se estreitaram.

– Então a pessoa sabe de muita coisa.

– Sabe.

– Será que deveríamos estar com medo?

– Precisamos ficar atentos. E eu preciso entender que diabo está acontecendo.

– Ah, claro. Eu fico atenta a qualquer pessoa que possa ser um maníaco potencial enquanto você brinca de montar o quebra-cabeça? É esse o plano?

– Estou interrompendo alguma coisa? – perguntou Kim.

Ela estava parada na porta da cozinha.

Madeleine parecia a ponto de dizer “É, você definitivamente está interrompendo alguma coisa”.

Antes que isso acontecesse, Gurney perguntou:

– Quer café?

– Não, obrigada... Eu só queria lembrar a você que precisamos sair mais ou menos daqui a uma hora para a primeira reunião. Vamos nos encontrar com Eric Stone em Barkham Dell. Ele ainda mora na casa em que vivia com a mãe. Você vai adorar conhecê-lo. Eric é... especial.

Antes de saírem, Gurney seguiu seu planejamento e ligou para o detetive James Schiff, do Departamento de Polícia de Syracuse, para perguntar sobre as câmeras de vigilância que ele ficara de instalar na casa de Kim. Ele estava fora, atendendo um chamado, então Gurney foi transferido para o parceiro dele, Elwood Gates, que parecia ciente da situação. Mas Gates não se mostrou interessado pelo problema nem pediu desculpas pelo atraso em instalar o equipamento prometido.

– Se Schiff disse que íamos fazer isso é porque vamos fazer.

– Tem alguma ideia de quando?

– Talvez quando tivermos terminado de cuidar de coisas mais importantes, certo?

– Mais importantes do que um maluco invadindo repetidamente o apartamento de uma jovem, com a intenção de lhe infligir sérios danos físicos?

– Está falando do degrau quebrado?

– Estou falando de uma armadilha sobre um piso de concreto, preparada para criar um dano potencialmente fatal.

– Bom, Sr. Gurney, deixe-me dizer uma coisa. Neste momento não há nada de *potencial* nos danos fatais com que estamos lidando. Acho que o senhor não ouviu falar na pequena guerra de traficantes de crack que irrompeu aqui ontem. É, acho que não. Mas posso garantir que seu importantíssimo

problema de invasão está no topo da lista de assuntos de que vamos cuidar assim que conseguirmos colocar as mãos na dezena de vagabundos armados com AK-47 solta por aí. Está bem? Vamos mantê-lo informado. Tenha um bom dia.

Kim estava olhando para Gurney enquanto ele enfiava o celular de volta no bolso.

- O que ele disse?
- Que talvez depois de amanhã.

Por insistência de Gurney, ele e Kim seguiram em carros separados para Barkham Dell. Se algum imprevisto surgisse, ele queria poder sair das entrevistas que Kim tinha marcado.

Ela dirigia mais rápido que ele e os dois se perderam de vista antes de chegarem à interestadual. Estava fazendo um dia lindo, o único até então que captava o conceito da estação. O céu era de um azul penetrante, cheio de pequenas nuvens fofas espalhadas. Trechos com minúsculas flores parecidas com flocos de neve brotavam em áreas sombreadas ao longo da rodovia.

Quando seu GPS indicou que ele estava na metade do caminho, Gurney parou para abastecer. Após encher o tanque, foi à loja de conveniência do posto para comprar um café. Alguns minutos depois, já sentado no carro com as janelas abertas e sorvendo a bebida fumegante, ele decidiu ligar para Hardwick e pedir mais dois favores.

Gurney achava que o preço desses favores seria bem alto, mas queria informações e esse era o modo mais eficiente de consegui-las. Fez a ligação esperando que caísse na caixa postal. Em vez disso, escutou a voz sarcástica e rascante do sujeito:

- Davey, meu garoto! Que diabo você quer de mim agora?
- Para ser sincero, um monte de coisas.
- Não diga! Que surpresa...
- Vou ficar em dívida com você por um bom tempo.
- Você já está em dívida comigo há um bom tempo, ás.
- É verdade.
- Pelo menos você reconhece isso. Pode falar.
- Primeiro, gostaria de saber tudo sobre um estudante da Universidade

de Syracuse chamado Robert Meese, mais conhecido como Robert Montague. Segundo, preciso de todas as informações disponíveis sobre Emilio Corazón, pai de Kim Corazón e ex-marido da jornalista Connie Clarke, de Nova York. Esta semana vai fazer dez anos que Emilio sumiu do mapa. Todos os esforços da família para localizá-lo fracassaram.

- Quando você diz “tudo”, o que exatamente...
 - Tudo o que possa ser desencavado nos próximos dois ou três dias.
 - Só?
 - Você pode fazer isso?
 - Só não se esqueça de sua enorme dívida.
 - Não vou esquecer. Jack. Muito obrigado mesm... – começou Gurney.
- Então notou que Hardwick já tinha desligado.

Ao voltar à estrada, Gurney seguiu as instruções do GPS e saiu da interestadual, depois passou por uma série de caminhos cada vez mais rurais até chegar à entrada da Foxledge Lane. Ali, parado no acostamento, viu o Miata vermelho. Kim acenou, retornou à rodovia e foi dirigindo devagar na frente dele.

Não precisaram ir muito longe. A primeira entrada de veículos, flanqueada por um impressionante muro de pedras, pertencia a um lugar chamado Clube de Caça de Whittingham. A segunda, algumas centenas de metros depois, não tinha identificação nem endereço visíveis, mas Kim entrou nela e Gurney foi atrás.

A casa de Eric Stone ficava no fim de uma estradinha de quase meio quilômetro. Era uma construção enorme, em estilo colonial, cuja pintura já começava a descascar em todos os lugares. As calhas precisavam de ajustes e consertos, o chão da entrada de veículos tinha várias rachaduras causadas pelo gelo e os entulhos do último inverno cobriam gramados e canteiros.

Havia um caminho de tijolos cheio de folhas podres e gravetos ligando a entrada de veículos aos três degraus que levavam à porta da frente, também imundos. Quando Gurney e Kim estavam na metade desse trajeto, a porta se abriu e um homem os recebeu. Ocorreu a Gurney que o corpo dele tinha o formato de um ovo. O sujeito, com ombros estreitos e uma barriga enorme, usava um avental branco impecável que ia do pescoço até os joelhos.

– Tenham cuidado, por favor. Isso aí está uma verdadeira selva.

Depois de ter dito isso de forma teatral, o homem deu um largo sorriso e encarou Gurney com olhos ansiosos. Seus cabelos curtos, prematuramente grisalhos, tinham sido penteados à perfeição e seu rosto pequeno e rosado acabara de ser barbeado.

– Biscoitinhos de gengibre! – anunciou todo animado enquanto dava passagem para que os dois entrassem na casa.

Enquanto Gurney passava por ele, o cheiro de talco foi substituído pelo nítido aroma do único tipo de biscoito que ele abominava por completo.

– Sigam pelo corredor até os fundos. A cozinha fica no lugar mais aconchegante da casa.

Além da escada para o andar de cima, o amplo saguão central tinha várias portas, mas as maçanetas empoeiradas sugeriam que elas quase nunca eram abertas.

A cozinha, nos fundos da casa, só era aconchegante no sentido de ser quente e ter cheiro de comida assada. Era enorme, com um pé-direito bem alto, e continha todos os eletrodomésticos que dez anos antes haviam se tornado obrigatórios nas casas dos mais abastados. A coifa do aparelho de exaustão acima do fogão, com 3 metros de altura, fez Gurney se lembrar de um altar de sacrifícios de um filme de Indiana Jones.

– Para minha mãe, qualidade vinha em primeiro lugar – disse o homem em forma de ovo. Depois acrescentou, como um espantoso eco do pensamento que passou pela cabeça de Gurney: – Era uma acólita no altar da perfeição.

– Há quanto tempo você mora aqui? – perguntou Kim.

Em vez de responder, ele se virou para Gurney.

– Sei exatamente quem o senhor é, e imagino que o senhor também saiba quem eu sou, mas ainda acho que seria adequado sermos apresentados.

– Ah, mas que idiota eu sou! – exclamou Kim. – Me desculpem. Dave Gurney, Eric Stone.

– Encantado – falou Stone, estendendo a mão com um sorriso insinuante. Seus dentes grandes e regulares eram quase tão brancos quanto seu avental. – Sua excelente reputação o precede.

– É um prazer conhecê-lo – retrucou Gurney.

A mão do sujeito era quente, macia e desagradavelmente úmida.

– Eu contei a Eric sobre o artigo que minha mãe escreveu sobre você – atalhou Kim.

Após um silêncio desconfortável, Stone apontou para uma mesa de pinho antiga e elegante localizada na outra extremidade da cozinha, depois do grandioso fogão.

– Vamos nos acomodar?

Assim que Gurney e Kim se sentaram, o dono da casa perguntou se alguém queria beber algo.

– Tenho vários tipos de café, além de chás de diversas variedades. Também tenho um refrigerante de romã muito interessante. Aceitam alguma coisa?

Os dois recusaram, e Stone, com uma expressão exagerada de desapontamento, se acomodou numa das cadeiras em volta da mesa. Kim tirou três câmeras pequenas e dois minitripés da bolsa a tiracolo e armou duas delas em cima dos suportes. Depois posicionou uma virada para Stone e outra para ela.

Em seguida, explicou longamente a filosofia da produção, dizendo que “o pessoal da RAM-TV” estava decidido a garantir que o clima da entrevista fosse o mais simples possível, com uma tecnologia visual e de áudio familiar a todos os espectadores acostumados a fazer vídeos caseiros com seus smartphones. O objetivo era conservar o aspecto de realidade. As conversas deveriam ser naturais, em vez de seguirem um roteiro. A iluminação também precisava ser simples: ela usaria apenas a luz que já existia no cômodo, não luz de cena. Nada profissional. Seres humanos sendo humanos etc.

Não ficou claro se o sujeito prestou atenção a essa declaração de autenticidade. Sua mente parecia estar longe e só entrou em foco de novo quando Kim encerrou os comentários dizendo:

– Alguma pergunta?

– Só uma – disse ele, e então se virou para Gurney. – Você acha que algum dia eles vão pegá-lo?

– O Bom Pastor? Eu gostaria de pensar que sim.

Stone revirou os olhos.

– Aposto que você sempre age assim em sua profissão, dando respostas que não querem dizer nada.

Seu tom era mais de lamento que de desafio.

Gurney deu de ombros.

– Ainda não tenho informações suficientes para dar nenhuma opinião.

Kim fez alguns acertos finais de enquadramento nas duas câmeras nos tripés e as programou para gravar em alta definição. Depois também ajustou a terceira câmera, que manteve na mão. Em seguida passou a mão pelos cabelos, empertigou-se na cadeira, alisou algumas rugas no blazer, sorriu e começou a falar:

– Eric, gostaria de agradecer de novo por sua decisão de participar de *Os órfãos do assassinato*. Nosso objetivo é uma apresentação honesta, não ensaiada, de seus pensamentos e sentimentos. Aqui, nada é proibido. Estamos em sua casa, não num estúdio. A história é sua, assim como as emoções. Comece por onde quiser.

Ele deu um longo suspiro, nervoso.

– Vou começar respondendo à pergunta que você me fez quando entrou na cozinha há alguns minutos, sobre há quanto tempo eu moro aqui. Vinte anos, metade dos quais num paraíso e a outra metade, num inferno. – Stone fez uma pausa. – Na primeira década, vivi num mundo maravilhoso criado por uma mulher notável, enquanto os últimos dez anos eu passei numa terra sombria.

Kim ficou um longo instante em silêncio antes de acrescentar com uma voz suave e triste:

– Às vezes é a profundidade de nossa dor que diz quanto perdemos.

Stone assentiu.

– Minha mãe era uma rocha. Um foguete. Um vulcão. Uma força da natureza. Isso mesmo, *uma força da natureza*. Pode ser clichê, mas a define perfeitamente. Perdê-la foi como perder meu chão, como se a lei da gravidade não existisse mais. Imagine só um mundo sem gravidade, um mundo sem nada para mantê-lo no lugar.

Os olhos do sujeito brilhavam com as lágrimas acumuladas.

O que Kim disse em seguida foi surpreendente. Ela perguntou a Stone se podia comer um biscoito.

Ele explodiu numa gargalhada, uma risada histérica que fez as lágrimas escorrerem por seu rosto.

– Sim, sim, claro que pode! Os de gengibre acabaram de sair do forno, mas

também tenho biscoitos com pedacinhos de chocolate e nozes, amanteigados e de aveia e passas. Tudo assado hoje.

– Acho que vou querer de aveia e passas – retrucou ela.

– Excelente escolha, madame.

Em meio às lágrimas, ele parecia tentar imitar um sommelier elegante. Foi até a outra extremidade da cozinha e pegou de cima do fogão um prato com um monte de biscoitos marrons. Kim levantou a terceira câmera para mantê-lo o tempo todo em foco.

Quando Stone ia colocar o prato na mesa, parou – aparentemente interrompido por um pensamento – e se virou para Gurney.

– Dez anos – falou, como se só agora tivesse se dado conta do que esse número significava. – Dez anos exatos. Uma década inteira. – O tom de sua voz subiu de forma dramática. – Depois de todo esse tempo, ainda estou completamente arrasado. O que acha disso, detetive? Minha condição patética o motiva a encontrar, prender e executar o desgraçado que matou a mulher mais incrível do mundo? Ou sou tão ridículo que o senhor está com vontade de rir da minha cara?

Gurney tendia a ficar impassível diante de demonstrações de emoção, e dessa vez não foi diferente. Com uma tranquilidade casual, respondeu apenas:

– Farei tudo o que puder.

Stone lançou-lhe um olhar cético cheio de astúcia, mas não pressionou mais.

Ofereceu café mais uma vez, e mais uma vez ambos recusaram.

Depois disso, Kim passou algum tempo extraíndo descrições de como era a vida do sujeito antes e após o assassinato da mãe. Segundo a detalhada narrativa dele, tudo era muito melhor antes, em todos os sentidos. Sharon tinha sido uma profissional de muito sucesso no mercado imobiliário de casas de campo e aproveitava a vida ao máximo, da forma mais luxuosa possível, compartilhando tudo com o filho. Pouco antes de o Bom Pastor aparecer, ela havia concordado em assinar um contrato de financiamento de 3 milhões de dólares que transformava Eric em dono da principal pousada e restaurante da região vinícola de Finger Lakes.

Sem a assinatura dela, porém, o acordo afundara. Agora, aos 39 anos, em vez de desfrutar da vida de hoteleiro e *restauranteur* de elite, Eric Stone

morava numa casa que não conseguia manter e fazia biscoitos na maravilhosa cozinha de sua falecida mãe, vendendo-os a delicatessens e pousadas da região para tentar ganhar a vida.

Depois de cerca de uma hora, Kim finalmente fechou o pequeno laptop que estivera consultando e surpreendeu Gurney ao indagar se ele tinha alguma pergunta.

– Tenho algumas, se o Sr. Stone não se incomodar.

– *Sr. Stone?* Por favor, me chame de Eric.

– Certo, Eric. Você sabe se sua mãe teve algum contato profissional ou pessoal com alguma das outras vítimas?

Ele se encolheu.

– Que eu saiba, não.

– Algum inimigo que fosse de seu conhecimento?

– Minha mãe não suportava idiotas.

– E o que isso quer dizer?

– Que ela irritava algumas pessoas, que pisava em alguns calos. O ramo imobiliário, em particular no nível em que minha mãe atuava, é *muito* competitivo, e ela não gostava de perder tempo com imbecis.

– Você sabe por que ela tomou a decisão de comprar um Mercedes?

– Claro. – Stone riu. – É um carro cheio de classe, elegante, potente, ágil. Fica muito acima de todos os outros. Como minha mãe.

– Nos últimos dez anos você teve contato com alguém ligado às outras vítimas?

O sujeito se encolheu mais uma vez.

– Não gosto dessa palavra.

– Que palavra?

– Vítima. Não penso nela assim. Soa tão passivo, tão desamparado, tudo o que minha mãe *não era*.

– Deixe-me colocar de outro modo: com relação ao contato com alguma das famílias...

Stone interrompeu-o:

– A resposta é sim, a princípio houve algum contato, uma espécie de grupo de apoio formado depois dos crimes.

– Todas as famílias se envolveram?

– Não. O cirurgião que morava em Williamson tinha um filho que foi a

nossos encontros uma ou duas vezes, depois argumentou que não tinha interesse num grupo de luto porque não estava sofrendo. Disse que ficara feliz com a morte do pai, que ele tinha sido terrível, totalmente nocivo.

Gurney olhou para Kim.

– Jimi Brewster – falou ela.

– Só isso? – perguntou Stone.

– Só mais duas bem rápidas. Sua mãe alguma vez mencionou alguém de quem ela tivesse medo?

– Nunca. Ela era o ser humano mais destemido que já existiu.

– “Sharon Stone” era seu nome verdadeiro?

– Sim e não. Seu nome completo era Mary Sharon Stone. Depois do enorme sucesso de *Instinto selvagem*, ela resolveu se repaginar: mudou o cabelo de castanho para loiro, abandonou o “Mary” e encarnou sua impressionante personagem nova. Minha mãe era um gênio do marketing pessoal. Teve até a ideia de fazer cartazes com uma foto dela de saia curta, sentada com as pernas cruzadas como na cena mais famosa do filme.

Gurney fez um sinal a Kim que indicava que ele não tinha mais perguntas.

Stone acrescentou, com um sorriso inquietante:

– Minha mãe tinha pernas lindas de morrer.

Uma hora depois, Gurney parou perto do Miata de Kim. Ela tinha estacionado diante de um centro comercial nos arredores de Middleton, na frente do escritório de uma firma de contabilidade chamada Bickers, Mellani & Flemm, que ficava entre um estúdio de ioga e uma agência de viagens.

Kim estava ao celular. Gurney se recostou no banco do carro e pensou no que faria caso se chamasse Flemm. Seria estranho ter um nome que significava desânimo e depressão. Será que iria mudá-lo ou o usaria, como um sinal de desafio? Será que a recusa em trocar um nome tão ridículo quanto uma tatuagem de “idiota” na testa era algo louvável ou um traço estúpido de teimosia? Em que ponto o orgulho se tornava algo prejudicial?

Meu Deus, por que estou desperdiçando meu tempo com esses absurdos?

Ele ouviu uma batidinha rápida no vidro do carro e o rosto objetivo de Kim junto à janela o trouxe de volta ao mundo real. Gurney desceu do veículo e acompanhou-a até o escritório.

A porta da frente levava a uma sala de espera simples, com algumas cadeiras diferentes umas das outras coladas a uma parede. Havia revistas velhas de economia dispostas em leque em cima de uma pequena mesa de centro em estilo dinamarquês moderno. Um balcão na altura da cintura separava essa área de outra menor, onde havia duas mesas vazias encostadas numa parede que continha uma única porta, que estava fechada. Em cima do balcão havia uma campainha antiga, uma pequena cúpula prateada com um botão no meio.

Kim bateu com força no botão, fazendo com que a campainha soasse surpreendentemente alto. Como ninguém apareceu, tocou de novo meio minuto depois. Mais uma vez, ninguém respondeu. Então, enquanto pegava o celular, a porta na parede dos fundos se abriu e um homem magro, pálido e de aparência cansada surgiu na frente deles. Olhou para os dois sem curiosidade.

– Sr. Mellani? – disse Kim.

– Sou eu.

A voz dele não continha nenhuma emoção.

– Meu nome é Kim Corazón. Nós nos falamos por telefone, lembra? Eu disse que viria aqui para fazer os preparativos da entrevista.

– É, eu lembro.

– Bem... – Ela olhou ao redor, com o semblante um pouco confuso. – Onde o senhor gostaria de...?

– Ah, sim, podemos ficar em meu escritório.

Então deu um passo para trás, entrando de novo na sala.

Gurney abriu uma portinha no balcão e segurou-a para Kim. O móvel estava tão empoeirado quanto as duas mesas desocupadas atrás dele. Os dois entraram no escritório de Mellani, um espaço sem janelas mobiliado com uma mesa grande de mogno, quatro cadeiras de encosto reto e estantes em três das quatro paredes. As prateleiras estavam cheias de volumes sobre regras de contabilidade e leis de impostos. A poeira penetrante havia se assentado nos livros também. O ar tinha um cheiro rançoso.

A única iluminação era fornecida por uma luminária na extremidade mais distante da mesa. Havia uma lâmpada fluorescente no teto, mas estava apagada. Enquanto Kim examinava a sala em busca de um lugar para

colocar as câmeras, perguntou se a luz do teto poderia ser acesa.

Mellani deu de ombros e a acendeu. Depois de uma série de clarões hesitantes a luz se estabilizou, produzindo um zumbido baixo. O brilho fluorescente enfatizava a palidez da pele e as olheiras dele. Havia algo nitidamente cadavérico no sujeito.

Como fizera na cozinha de Stone, Kim começou a arrumar as câmeras. Quando terminou, ela e Gurney sentaram-se a um dos lados da mesa e Mellani se acomodou no outro. Nesse ponto ela proferiu praticamente o mesmo discurso que fizera para Eric Stone, sobre o caráter informal, simples e espontâneo do projeto.

Mellani não respondeu.

Kim disse que ele deveria ficar à vontade para falar o que quisesse.

Ele continuou em silêncio, fitando-a.

Ela deu uma olhada no espaço claustrofóbico a seu redor, cuja monotonia nada acolhedora só ficara mais evidente com a luz do teto acesa.

– Então – começou Kim, sem jeito, parecendo perceber que precisaria tomar a iniciativa na conversa –, este é seu escritório principal?

Mellani pareceu pensar nisso.

– É meu único escritório.

– E seus sócios? Eles... eles estão aqui?

– Não. Não tenho sócios.

– Eu pensei... os nomes... Bickers... e...?

– Esse era o nome da firma, fundada como uma sociedade. Eu era o sócio principal. Então nós... nos separamos. O nome da empresa foi registrado assim... legalmente independente de quem quer que trabalhasse aqui. Nunca tive paciência para mudá-lo. – Ele falava devagar, como se lutasse com o peso das próprias palavras. – É a mesma situação de algumas mulheres divorciadas que mantêm o sobrenome do ex-marido. Não sei por que não mudo. Eu deveria fazer isso, não é?

Ele não parecia esperar nenhuma resposta.

O sorriso de Kim ficou mais tenso. Ela se remexeu na cadeira.

– Uma pergunta rápida antes de continuarmos: devo chamá-lo de Paul ou prefere Sr. Mellani?

Após vários segundos de silêncio, ele disse em tom quase inaudível:

– Pode ser Paul.

– Certo, Paul, vamos começar. Como lhe expliquei ao telefone, vamos só ter uma conversa básica sobre sua vida depois da morte de seu pai. Está bem para você?

Outra pausa e então ele falou:

– Está.

– Ótimo. Então... há quanto tempo você é contador?

– Desde sempre.

– Há quantos anos?

– Quantos anos? Desde a faculdade. Estou com... 45, e tinha 22 quando me formei. Então, 45 menos 22 é igual a 23 anos como contador.

Ele fechou os olhos.

– Paul?

– Sim?

– Você está bem?

Ele abriu um olho, depois o outro.

– Eu concordei em fazer isso e vou cumprir minha palavra, mas gostaria de acabar logo. Passei por tudo isso na terapia. Posso lhe dar as respostas. Só não gosto de... ouvir as perguntas. – Ele suspirou. – Eu li sua carta, depois nós conversamos ao telefone... Sei o que você quer. Quer saber como era minha vida antes e como ela ficou depois, certo? Tudo bem. Vou lhe contar.

Mellani deu outro pequeno suspiro.

Gurney teve a impressão momentânea de que eles eram mineiros presos embaixo de um desmoronamento de terra, com o suprimento de oxigênio acabando – uma imagem que tinha visto num filme quando criança.

Kim franziu a testa.

– Não sei se entendi.

Mellani repetiu, dessa vez enfatizando as palavras:

– Já passei por tudo isso na terapia.

– Certo. Então você...?

– Então posso lhe dar as respostas sem que você precise fazer as perguntas. É melhor para todo mundo. Está bem?

– Está ótimo, Paul. Por favor, vá em frente.

Ele apontou para uma câmera.

– Está rodando?

– Está.

Mellani fechou os olhos de novo. Quando ele começou sua narrativa, o que quer que Kim estivesse sentindo em relação à situação se manifestou pelos tiques nos cantos de sua boca.

– Não é que eu fosse uma pessoa feliz antes do... acontecimento. Nunca fui uma pessoa feliz. Mas houve um tempo em que eu tinha esperança. Pelo menos era algo parecido com esperança, eu acho. Uma sensação de que o futuro poderia ser melhor que o presente. Mas depois do... acontecimento... esse sentimento sumiu para sempre e tudo ficou cinzento. Entende? Cinza como uma TV desligada. Sem nenhuma cor. Antes do que ocorreu eu tive energia para montar uma empresa, para *criar* algo. – Ele articulou a palavra como se fosse um conceito estranho. – Clientes... sócios... motivação. Até que tudo aconteceu.

Ele ficou em silêncio.

– Tudo? – instigou Kim.

– O acontecimento. – Mellani abriu os olhos. – Foi como se minha vida começasse a dar para trás... As coisas começaram a degradingolar pouco a pouco.

– Qual era a situação de sua família? – indagou Kim.

– Situação? Tirando o fato de o meu pai ter sido assassinado e minha mãe estar num coma irreversível?

– Sinto muito, eu deveria ter sido mais clara. O que eu quis dizer foi: você era casado, tinha filhos?

– Eu fui casado. Até que minha esposa se cansou de ver tudo desmoronando.

– E vocês tiveram filhos?

– Não. Isso foi bom. Ou talvez não. Todo o dinheiro do meu pai foi para os netos dele, os filhos da minha irmã. – Mellani deu um sorriso amargo. – Sabe por quê? É engraçado. Minha irmã era muito ansiosa, uma pessoa totalmente problemática. Os dois filhos dela são bipolares. TDAH, TOC, o que você quiser. Então meu pai decidiu que *eu* estava bem, que *eu* era o saudável da família, e que *eles* precisavam de toda a ajuda possível.

– Você tem contato com sua irmã?

– Ela morreu.

– Sinto muito, Paul.

– Já faz alguns anos. Cinco? Seis? Câncer. Talvez morrer não seja tão ruim assim.

– Por que você diz isso?

De novo o sorriso amargo com um toque de tristeza.

– Está vendo? Perguntas, perguntas... – Ele olhou para o tampo da mesa como se estivesse tentando discernir a silhueta de alguma coisa sob a superfície de um lago turvo. – O negócio é que o dinheiro significava muito para meu pai. Era a coisa mais importante de sua vida, entende?

A tristeza dele se refletia nos olhos de Kim.

– Entendo.

– Meu terapeuta disse que foi por causa da obsessão dele pelo dinheiro que eu virei contador. Afinal de contas, o que os contadores contam? Dinheiro.

– E quando ele deixou tudo para a família da sua irmã...?

Mellani imitou com a mão a descida lenta de um carro num desfiladeiro.

– A terapia faz a gente perceber um monte de coisas, torna tudo mais claro, mas nem sempre isso é bom, não é?

Não era realmente uma pergunta.

Meia hora depois, ao deixar o pavoroso escritório de Paul Mellani e ir para o estacionamento ensolarado, Gurney teve a mesma sensação de quando saía de um cinema escuro para a luz do dia – a mudança de um mundo para outro.

Kim respirou fundo.

– Uau. Isso foi...

– Lúgubre? Desolador? Sinistro?

– Só triste.

Ela parecia abalada.

– Você notou as datas nas revistas da recepção? – perguntou Gurney.

– Não. Por quê?

– Eram todas de anos atrás. Nenhuma atual. E você reparou em como o escritório estava vazio em pleno horário comercial?

– Nossa, é mesmo. Quer dizer que ele não tem mais clientes. Ou pelo menos não muitos. Então o que ele está fazendo lá?

– Boa pergunta.

A volta para Walnut Crossing levou quase duas horas. Perto do fim da viagem a angulação dos raios de sol no para-brisa de Gurney deixou a sujeira no vidro bastante evidente – lembrando-o pela terceira ou quarta vez naquela semana de que o reservatório do limpador estava vazio. O que o irritava mais do que a falta do fluido limpador era sua necessidade cada vez maior de anotar tudo. Se deixasse de anotar alguma coisa...

O toque do telefone interrompeu suas lamentações. Ficou surpreso ao ver o nome de Hardwick na tela.

– E aí, Jack?

– A primeira foi fácil. Mas não pense que isso reduz sua dívida.

Gurney pensou no pedido que fizera de manhã.

– A primeira é a história do Sr. Meese-Montague?

– Na verdade, Sr. Montague-Meese, mas falaremos mais sobre isso sem delongas.

– *Sem delongas?*

– É. Significa “sem demora”. Uma das expressões preferidas de Shakespeare. Em vez de dizer “em breve”, ele usava “sem delongas”. Estou enriquecendo meu vocabulário para conseguir falar de modo mais confiante com chatos intelectuais como você.

– Que ótimo, Jack. Estou orgulhoso de você.

– Certo. Muito bem, essa é só a primeira abordagem. Talvez tenhamos outras mais tarde. O indivíduo de quem estamos falando nasceu em 28 de março de 1989, no hospital St. Luke, na cidade de Nova York.

– Hum.

– “Hum” o quê?

– Quer dizer que ele está para fazer 21 anos.

– E daí?

– É só um fato interessante. Prossiga.

– O nome do pai não consta na certidão de nascimento. O pequeno Robert foi entregue para adoção pela mãe, cujo nome era Marie Montague.

– Então o pequeno Robert era na verdade um Montague antes de ser um Meese. Muito interessante.

– E fica mais ainda. Ele foi adotado quase imediatamente por um importante casal de Pittsburgh, Gordon e Celia Meese. Gordon, por acaso, era podre de rico, herdeiro de uma fortuna em mineração de carvão nos

montes Apalaches. Adivinha o que vem em seguida?

- A empolgação em sua voz me diz que é algo horrível.
- Aos 12 anos Robert foi tirado do lar dos Meese pelo Serviço de Proteção à Infância.
- Você conseguiu descobrir por quê?
- Não. O arquivo dele é totalmente confidencial.
- Por que não estou surpreso? E o que aconteceu com Robert depois?
- Teve uma vida nada fácil. Um lar adotivo depois do outro. Ninguém disposto a ficar com ele por mais de seis meses. Rapaz difícil. Foi medicado com vários remédios para transtorno de ansiedade generalizado, transtorno de personalidade limítrofe, transtorno explosivo intermitente... Realmente uma criatura adorável.
- Acho que eu não deveria perguntar como você teve acesso a...
- Certo. Então não pergunte. Resumindo, é um jovem muito inseguro, com uma percepção instável da realidade e um quadro grave de raiva.
- E como é que esse exemplo de estabilidade...
- Foi parar numa universidade? Simples. O que comanda essa mente problemática é um QI estratosférico. E um QI estratosférico mais um passado difícil mais a ausência total de recursos financeiros é igual à fórmula mágica para uma bolsa integral. Desde que entrou na faculdade, Robert obteve resultados excelentes em teatro e notas médias a péssimas em todo o restante. Dizem que é um ator nato. Lindo como um astro de cinema, talentosíssimo e muito charmoso, só que cheio de segredos. Há pouco tempo mudou o nome de novo para Montague. Viveu por alguns meses, como você deve saber, com a pequena Kimmy. Parece que a relação acabou mal. Atualmente mora sozinho num apartamento de três cômodos numa construção vitoriana localizada em uma rua bacana de Syracuse. Não se sabe como ele paga o aluguel, as despesas com o carro e outros gastos na universidade.
- Ele trabalha?
- Não que eu saiba. Por enquanto é isso. Se eu descobrir mais alguma coisa, ligo para você.
- Fico lhe devendo essa.
- Pode ter certeza.

No início da noite, Gurney tentava organizar na mente as informações que tinha recebido quando Madeleine comentou, enquanto eles tomavam um café, sobre o pôr do sol espetacular que ocorrera uma hora antes. Ele não se lembrava nem de tê-lo visto. Em sua cabeça só havia uma massa inquietante de imagens, personalidades e detalhes.

O fazedor de biscoitos com silhueta de ovo que não queria pensar na mãe todo-poderosa como “vítima”. A mãe que “irritava algumas pessoas, que pisava em alguns calos”. Gurney imaginou se haviam contado ao sujeito sobre o lóbulo da orelha dela no arbusto à beira da estrada, o lóbulo com o brinco de diamante.

Paul Mellani, cujo pai deixara toda sua fortuna, e portanto todo seu amor, para outras pessoas. Um homem cuja carreira perdera o sentido, cuja vida tinha ficado cinza, cujos pensamentos eram amargos – e cujo comportamento parecia um anúncio de suicídio.

Meu Deus... e se...

Madeleine o observava do outro lado da mesa.

– Qual é o problema?

– Eu só estava me lembrando de uma pessoa que Kim e eu fomos ver hoje.

– E aí?

– Estou tentando repassar tudo o que ele disse. Ele parecia... bem deprimido.

O olhar de Madeleine ficou mais intenso.

– O que ele disse?

– Estou tentando lembrar. Ele tinha acabado de falar que a irmã dele estava morta, depois completou com “talvez morrer não seja tão ruim assim” ou algo do tipo.

– Nada mais direto? Nenhuma expressão de que pretendia fazer alguma coisa?

– Não. Só um... peso, uma... falta de... não sei.

Madeleine pareceu angustiada.

– O cara da clínica, o paciente que se matou – continuou Gurney –, ele foi específico em relação a...?

– Não, claro que não, senão teria sido levado para uma enfermaria psiquiátrica. Mas sem dúvida ele tinha esse... peso. Uma coisa sombria, uma falta de esperança.

Gurney suspirou.

– Infelizmente, não importa o que a gente ache que alguém *pode* fazer. Só importa o que as pessoas *dizem* que vão fazer. – Ele franziu a testa. – Mas há uma coisa que eu gostaria de descobrir, só para tranquilizar a mente.

Pegou o celular no aparador e digitou o número de Hardwick. A ligação caiu na caixa postal.

– Jack, quero aumentar minha enorme dívida com você pedindo mais um favor bem pequenininho. Há um contador no condado de Orange chamado Paul Mellani. Ele é filho de Bruno Mellani, a primeira vítima do Bom Pastor. Eu gostaria de saber se existe alguma arma registrada em seu nome. Estou preocupado com ele e gostaria de saber até que ponto essa preocupação faz sentido. Obrigado.

Gurney sentou-se de novo à mesa e colocou, distraidamente, uma terceira colher de açúcar no café.

– Quanto mais doce, melhor? – provocou Madeleine com um sorrisinho.

Ele deu de ombros, mexendo a bebida devagar.

Ela inclinou a cabeça um pouco para o lado e fitou-o de um modo que costumava deixá-lo inquieto, mas que nos últimos anos Gurney passara a apreciar – não porque agora soubesse o que ela estava pensando ou a que conclusões chegava olhando-o daquela forma, mas porque via isso como uma expressão de afeto. Perguntar o que se passava pela cabeça dela seria como pedir que definisse o relacionamento dos dois, e ele sabia que o que tornava qualquer relação preciosa não era algo que podia ser descrito em palavras.

Madeleine segurou a xícara com as duas mãos, levou-a aos lábios, tomou um gole e pousou-a suavemente na mesa.

– Então... quer falar um pouquinho sobre o que está acontecendo?

Por algum motivo, a pergunta o pegou de surpresa.

– Você quer mesmo saber?

– Claro.

– É uma longa história.

– Tudo bem.

– Certo. Lembre que foi você quem pediu. – Ele se recostou na cadeira e falou quase sem parar por 25 minutos. Contou-lhe tudo o que lhe veio à cabeça, desde o estande de tiro de Roberta até a caveira no portão da casa

de Max Clinter, sem se preocupar em organizar, priorizar ou cortar dados. Enquanto prosseguia, ele mesmo ficou perplexo com o número de pessoas intensas, desdobramentos esquisitos e dificuldades do caso. – E, finalmente – concluiu –, há a questão do celeiro.

– É, o celeiro – disse Madeleine, com o semblante mais grave. – Você acha que o que aconteceu está ligado a todo o restante?

– Acho que sim.

– Então qual é o plano?

Era uma pergunta desagradável, porque o obrigava a encarar o fato de que ele não tinha nem o esboço de um *plano*.

– Cutucar a onça com vara curta para ver se ela ataca. Algo do tipo.

– Como assim?

– Quero descobrir se alguém ligado à investigação do caso Bom Pastor tem fatos realmente sólidos ou se a teoria consagrada é tão frágil quanto imagino.

– É o que você vai tentar fazer amanhã com o tal policial?

– É, com o agente Trout, na casa dele nas montanhas Adirondacks, no lago Sorrow.

Nesse momento Kyle e Kim entraram pela porta lateral, trazendo uma lufada de ar gelado junto com eles.

Capítulo 28

Mais escuro, mais frio, mais fundo

No início da manhã seguinte, Gurney estava sentado na cozinha tomando seu primeiro café do dia. De seu lugar à mesa, perto da porta de vidro, ele observava uma aranha de patas compridas arrastar uma pequena centopeia no pátio de arenito. A presa ainda lutava por sua vida.

Por um momento, Gurney sentiu-se tentado a intervir – até perceber que não estava sendo impulsionado nem pela gentileza nem pela empatia. Queria apenas afastar a luta para longe de seus olhos.

– Qual é o problema? – perguntou Madeleine.

Ele levou um susto com a voz dela, então levantou a cabeça e a viu com uma camiseta rosa e uma bermuda verde de algodão. Ela tinha acabado de tomar banho e estava parada junto dele.

– Só estou observando os horrores da natureza.

Ela fitou o céu pela porta de vidro.

– Vai ser um belo dia.

Gurney assentiu sem realmente ter ouvido. Outro pensamento absorvera sua atenção.

– Ontem à noite, antes de eu ir dormir, Kyle comentou que voltaria para Manhattan hoje de manhã. Você lembra se ele mencionou a que horas planejava ir?

– Eles saíram há uma hora.

– O quê?

– Eles saíram há uma hora. Você estava dormindo e eles não quiseram

acordá-lo.

– Eles?

Madeleine lançou-lhe um olhar que parecia exprimir sua surpresa com a surpresa dele.

– Kim precisava estar na cidade hoje à tarde para gravar algo para *Os órfãos do assassinato* e Kyle a convenceu a ir cedo com ele, para passarem o dia juntos. Ele não precisou insistir muito, na verdade. Acho até que o plano é ela ficar no apartamento dele esta noite. Não acredito que você não tenha percebido que isso ia acontecer.

– Talvez tenha percebido, mas não achei que seria tão depressa.

Madeleine foi até a cafeteira na ilha da cozinha e serviu-se de uma xícara.

– E você está preocupado com isso?

– Fico preocupado com o desconhecido, com as surpresas.

Ela tomou um gole do café e voltou à mesa.

– Infelizmente, a vida é cheia das duas coisas.

– Já notei.

Madeleine parou perto da mesa e olhou através da janela na direção das montanhas cada vez mais iluminadas pelos raios de sol matinais.

– Kim preocupa você?

– Até certo ponto. Fico pensando na história de Robby Meese. Quero dizer, o cara é bem problemático, e Kim deixou que ele fosse morar com ela. Existe algo errado nisso.

– Concordo, mas talvez não do modo que você pensa. Muitas pessoas, principalmente as mulheres, são atraídas por indivíduos problemáticos. Às vezes, quanto mais complicados, melhor. Elas se envolvem com criminosos, viciados em drogas... Querem *consertar* alguém. É um ponto de partida horrível para um relacionamento, mas não é raro. Vejo isso todo dia na clínica. Quem sabe não era isso que estava acontecendo com Kim e Robby Meese? Até que ela encontrou a força e a sanidade para tirá-lo de sua vida.

Com todas as coordenadas do caminho na mão, Gurney partiu para o lago Sorrow pouco depois do nascer do sol. A viagem pelo sopé das Catskills, passando pelas fazendas de Schoharie e depois subindo as montanhas Adirondack, foi uma jornada cheia de lembranças desagradáveis. Ele se lembrou das férias no lago Brant quando ele ainda era um pré-adolescente

e a mãe estava no auge do afastamento emocional em relação ao marido, pai de Gurney. Fora esse distanciamento que a deixara carente, ansiosa e grudenta. Agora mesmo, quase quarenta anos depois, essas memórias o deixavam inquieto.

Enquanto seguia para o norte, as encostas das montanhas ficavam mais inclinadas, os vales se estreitavam e as sombras se aprofundavam. Segundo as instruções que o assistente de Trout havia lhe passado, a última estrada com alguma identificação que ele pegaria seria a Shutter Spur. Daí em diante ele teria que ficar atento ao medidor de quilometragem para virar nos lugares certos em meio a um labirinto de estradas de terra antigas. A floresta fazia parte de uma vasta propriedade particular onde havia apenas alguns chalés para temporada – sem lojas, sem postos de gasolina, sem pessoas e com grandes falhas no serviço de celular.

O Outback de Gurney não era muito adequado para enfrentar aquele tipo de terreno. Depois da quinta curva, que, segundo suas coordenadas, o levaria direto à casa de Trout, ele se viu numa pequena clareira.

Desceu do carro e deu uma olhada nas imediações. Havia quatro trilhas precárias saindo da clareira em direção à floresta, mas não havia como saber qual era a certa. Eram 8h58 – faltavam apenas dois minutos para o horário marcado.

Tinha certeza de que havia seguido todas as instruções – e também estava quase certo de que o meticuloso sujeito com quem falara ao telefone não devia ter cometido nenhum erro. Isso o deixava com duas explicações possíveis, mas só uma que lhe parecia provável.

Voltou ao carro, entrou, abriu a janela do carona para ventilar o interior do veículo, reclinou o banco o máximo possível, recostou-se e fechou os olhos. Às 9h15, ouviu um automóvel se aproximando e parando a poucos metros dele.

Alguns instantes depois, quando escutou alguém batendo no vidro do seu lado, Gurney abriu os olhos, bocejou, levantou o banco e abriu a janela. O sujeito parado ali era esguio, tinha cabelos pretos curtos e uma expressão severa, com olhos castanhos incisivos.

- Seu nome é David Gurney?
- Está esperando outra pessoa?
- Deixe seu carro aqui e venha comigo – disse ele, e em seguida indicou

um Kawasaki Mule com pintura de camuflagem.

– Você não falou nada disso ao telefone.

As pálpebras do sujeito estremeceram. Talvez ele não esperasse que Gurney reconhecesse sua voz com tanta facilidade.

– O caminho direto não pode ser usado nesta época do ano.

Gurney sorriu e seguiu o homem até o pequeno jipe.

– Sabe o que eu adoraria fazer se tivesse uma casa aqui? Adoraria fazer um joguinho com um convidado de vez em quando. Levaria a pessoa a pensar que estava perdida, que talvez tivesse pegado o caminho errado, para ver se ela entrava em pânico, considerando que aqui é afastado de tudo e não tem cobertura de celular. Porque, se ela tivesse feito merda na vinda, não conseguiria encontrar o caminho para ir embora, não é? Numa situação assim, é sempre divertido ver quem entra em pânico e quem não entra. Entende o que eu quero dizer?

O maxilar do sujeito se retesou.

– Acho que não.

– Claro que não. Como poderia? Para alguém gostar de fazer o que eu estou falando, teria que ser um verdadeiro obcecado por controle.

Três minutos depois, eles chegaram a uma cerca de arame com portão deslizante que se abriu assim que se aproximaram. Ao longo do caminho de quase um quilômetro, seguindo por uma trilha pedregosa, o sujeito não tinha desviado nenhuma vez seus olhos raivosos do terreno traiçoeiro.

Passada a cerca, a trilha se transformou num caminho ladeado por um bosque de pinheiros, com o chão coberto de folhas. Então, de repente, por entre as árvores, a casa apareceu na frente deles. Era uma construção rústica de dois andares feita de troncos, com as portas, as janelas e o telhado de tábuas verdes. A fachada era tão escura que só quando o carro parou diante dos degraus da frente Gurney viu o agente Trout – pelo menos presumiu que fosse ele – parado numa pose altiva no meio da varanda lúgubre. Ele segurava um grande Dobermann numa curta coleira preta. Gurney não soube dizer se era ou não intencional, mas a postura arrogante do homem e seu cão de guarda imponente o fizeram pensar num comandante de campo de concentração.

– Bem-vindo ao lago Sorrow – disse ele. Sua voz sem emoção não transmitia *nenhuma* sugestão de boas-vindas. – Meu nome é Matthew

Trout.

Os poucos raios de sol que passavam pelos enormes pinheiros eram muito distantes e fracos, e o ar tinha um cheiro pungente de sempre-verde. O som baixo e persistente de um motor de combustão interna, provavelmente um gerador, vinha de uma construção externa, à direita da casa principal.

– Belo lugar – falou Gurney.

– Sim. Por favor, entre – retrucou Trout.

Depois se virou e seguiu com o cão à frente de Gurney para entrar na casa. A porta levava a uma espaçosa sala de estar, que abrigava uma enorme lareira de pedra. Em cima dela, bem no meio, havia uma ave de rapina empalhada, com os olhos amarelos furiosos e as garras estendidas, flanqueada por dois lince prontos para saltar.

– Eles estão voltando – comentou Trout. – Têm sido vistos nestas montanhas toda semana.

Gurney seguiu o olhar do sujeito.

– Lince?

– Animais admiráveis. Quarenta quilos de puro músculo e garras afiadas como navalhas.

Havia uma empolgação nítida em seus olhos enquanto ele fitava os monstros empalhados sobre a lareira.

Gurney notou que ele era baixo – devia ter no máximo 1,65 metro –, mas tinha o corpo de um halterofilista.

Trout se abaixou e soltou o cachorro da coleira. Em seguida gritou uma ordem gutural que fez o animal ir trotando em silêncio para trás de um sofá de couro, que depois ele ofereceu para Gurney se sentar.

Gurney se acomodou sem hesitar. Os esforços evidentes de Trout para intimidá-lo lhe pareceram idiotas, mas também o fizeram se perguntar o que viria a seguir.

– Espero que você entenda que este encontro é extraoficial – começou Trout, ainda de pé.

– Artificial...? – respondeu Gurney, fingindo que não tinha entendido direito.

– Não. Extraoficial.

– Desculpe. Estou com um leve zumbido nos ouvidos. Levei um tiro na

cabeça há não muito tempo.

– Ouvi dizer. – Ele fez uma pausa, observando a cabeça de Gurney como se olhasse para uma fruta não muito fresca na feira. – Como vai a recuperação?

– Quem lhe contou?

– Contou o quê?

– Sobre meu ferimento na cabeça. Você disse que ouviu dizer.

Um celular começou a tocar baixinho no bolso da camisa de Trout. Ele pegou o aparelho, olhou o identificador de chamadas e franziu a testa. Pareceu indeciso por um momento, depois apertou o botão para atender.

– Trout falando. Onde você está? – Durante o minuto seguinte, enquanto ele segurava o telefone na altura do ouvido, os músculos de seu maxilar se retesaram várias vezes. – Então veremos você em breve. – Apertou outro botão e enfiou o celular de volta no bolso. – Essa foi a resposta à sua pergunta.

– A pessoa que lhe contou que eu levei um tiro está vindo para cá agora?

– Exato.

Gurney sorriu.

– Impressionante. Achei que ela não trabalhasse aos domingos.

O comentário fez Trout dar uma piscadela de surpresa. Depois ele fez uma pausa e em seguida pigarreou.

– Como eu dizia, nosso encontro é extraoficial. Decidi receber você por três motivos. Primeiro, porque você perguntou à Dra. Holdenfield se ela poderia lhe conseguir um horário comigo. Segundo, porque achei adequado fazer essa cortesia a alguém que já foi da polícia. Terceiro, porque espero que nossa conversa acabe com qualquer dúvida em relação à autoridade e à responsabilidade pela investigação dos assassinatos do Bom Pastor. Às vezes as boas intenções acabam atrapalhando um processo judicial. Você ficaria pasmo se soubesse as coisas que os advogados são capazes de interpretar como obstrução da justiça.

Trout balançou a cabeça, como se desanimado com os advogados inescrupulosos do governo que poderiam cair sobre Gurney com uma tonelada de pedras na mão.

Gurney deu um grande sorriso, depois ficou sério.

– Matt, acredite, eu concordo totalmente com você nesse ponto. É por isso

que eu sou a favor de manter tudo às claras. Cartas na mesa. Jogo aberto. Sem segredos, sem mentiras, sem papo furado.

– Ótimo. – O tom de desprezo de Trout anulou o sentido da palavra. – Agora tenho que pedir licença por um instante para resolver uma coisinha rápida. Não vou demorar.

Então ele saiu da sala por uma porta à esquerda da lareira.

O cão enorme emitiu um rosnado grave, trovejante.

Gurney se recostou no sofá, fechou os olhos e repassou seu plano de jogo.

Quando Trout retornou, quinze minutos depois, estava acompanhado de Rebecca Holdenfield. Em vez de chateada ou ressentida por ter o fim de semana interrompido, ela parecia cheia de disposição e energia.

Trout deu o sorriso mais cordial que conseguira até o momento.

– Pedi à Dra. Holdenfield que se reunisse conosco hoje. Acredito que, juntos, possamos dissipar as estranhas preocupações que você parece ter. Quero que entenda, Sr. Gurney, que esta é uma situação bastante incomum. Também pedi a Daker que estivesse presente para termos um par extra de ouvidos, uma outra perspectiva.

No mesmo instante seu assistente apareceu na porta junto à lareira e ficou parado ali enquanto Trout e Holdenfield se acomodavam em poltronas de couro de frente para Gurney.

– Bom – disse Trout –, vamos direto às dúvidas que você tem em relação ao caso. Quanto antes nos livrarmos delas, mais cedo iremos para casa.

Ele fez um gesto para que Gurney falasse.

– Eu gostaria de começar com uma pergunta. No decorrer da investigação, vocês descobriram algum fato que tenha parecido incoerente de acordo com sua hipótese básica? Pequenas perguntas impossíveis de serem respondidas?

– Poderia ser mais específico?

– Houve alguma discussão sobre a necessidade do criminoso de usar óculos de atirador de elite?

Trout franziu a testa.

– Como assim?

– Ou sobre a escolha absurda da arma? Ou sobre quantas armas havia de verdade? Ou sobre o lugar onde ele se livrou delas?

Apesar do esforço evidente de Trout para permanecer impassível, seus

olhos se encheram de preocupação.

– E há ainda a contradição fascinante entre a indiscutível aversão do criminoso aos riscos e seu fanatismo declarado – continuou Gurney. – Além da incoerência entre seu planejamento perfeitamente racional e seus objetivos completamente irracionais.

– Os bombardeios suicidas são cheios de contradições como essas – retrucou Trout, balançando a mão como se não desse importância.

– Os bombardeios podem ser, mas os indivíduos envolvidos neles, não. O cara que está no topo da pirâmide com um objetivo político, o estrategista que escolhe o alvo e estabelece o plano, o recrutador, o treinador, o supervisor de campo, o mártir que se oferece para explodir junto com a bomba, todos eles podem formar uma equipe, mas cada um é quem é. O resultado geral pode ser inconcebível e contraproducente, mas cada componente é, dentro do grupo, compreensível e coerente.

Trout balançou a cabeça.

– Não vejo qual é a relevância disso.

Na porta, Daker bocejou.

– A relevância é óbvia – falou Gurney. – Os Osama bin Laden do mundo não se tornam pilotos nem jogam aviões contra arranha-céus. Os componentes psicológicos que criam um não criam o outro. Ou o Bom Pastor é mais de uma pessoa, ou as inferências unificadoras que vocês fizeram sobre suas motivações e a estrutura de sua personalidade estão erradas.

Trout deu um longo suspiro.

– Muito interessante. Mas sabe o que eu acho *mais* interessante? Seu comentário sobre a arma, ou as armas. Está claro que você teve acesso a informações restritas. – Ele se recostou na poltrona e juntou as pontas dos dedos das mãos sob o queixo. – Isso é um problema, tanto para você, por estar de posse delas, quanto para a pessoa que as vazou, que pode ter a carreira em risco. Deixe-me fazer-lhe uma pergunta direta: você tem outra informação referente a este caso, ou a qualquer outro, restrita aos arquivos confidenciais do FBI?

– Meu Deus, Trout, não seja ridículo.

Os tendões do pescoço do sujeito se retesaram, mas ele não disse nada.

– Eu vim aqui para conversar sobre a possibilidade de um erro gigantesco

num caso de assassinato importantíssimo – prosseguiu Gurney. – Você quer mesmo reduzir a questão a uma disputa interna de departamentos por causa de uma violação burocrática hipotética?

Holdenfield levantou a mão direita.

– Posso fazer uma sugestão? Que tal baixarmos um pouquinho o tom de voz? Estamos aqui para discutir fatos, provas, interpretações racionais, mas estamos deixando as emoções interferirem. Talvez pudéssemos apenas...

– Você está absolutamente certa – concordou Trout com um sorriso tenso.

– Acho que deveríamos deixar o Sr. Gurney, Dave, dizer tudo o que tem a dizer. Se houver problema com as interpretações das provas, trataremos delas. Dave? Tenho certeza que você tem mais a falar. Por favor, continue.

O desespero de Trout para que Gurney admitisse que recebera documentos roubados era tão evidente que o ex-policia quase riu na cara dele.

– Talvez eu tenha ficado próximo demais do caso nos últimos dez anos – acrescentou Trout. – Você está chegando com um olhar novo. Então me diga: o que estou deixando escapar?

– Que tal o fato de vocês terem construído uma hipótese elaboradíssima fundamentada em pouquíssimos dados?

– É nisso que se baseia a arte de construir uma premissa investigativa.

– Também é nisso que se baseiam as ilusões esquizofrênicas.

– Dave... – disse Rebecca, levantando a mão num gesto que pedia cautela.

– Desculpe. Minha preocupação é que o estudo de caso que ganhou lugar de destaque nos anais da psicologia contemporânea não passe de uma enorme corrida em círculos. O manifesto, os detalhes dos crimes, o perfil do criminoso, a criação do mito por parte da mídia, a imaginação popular e a teorização acadêmica, juntos, contribuíram para a história, moldando-a, transformando-a numa verdade absoluta. O problema é que não existe nenhum fato sólido que sustente essa verdade absoluta.

– A não ser, é claro – falou Rebecca com veemência –, os dois primeiros itens que você mencionou, que são de fato muito sólidos: o manifesto e os detalhes dos crimes.

– Mas e se essas duas coisas foram projetadas especificamente para refletir e reforçar uma à outra? E se o assassino for duas vezes mais inteligente do que qualquer um acha que ele é? E se ele estiver há dez anos

morrendo de rir da equipe do agente Trout?

O olhar de Trout endureceu.

– Você mencionou que tinha lido o perfil, certo?

Gurney deu uma risada.

– E isso lhe parece mais uma prova de acesso ilegal a documentos preciosos? Na verdade, não foi isso que eu disse. Eu me *referi* ao perfil, mas não disse que o *li*. Aliás, deixe-me especular sobre ele por um minuto. Aposto que o perfil tenta explicar como o assassino é ao mesmo tempo eficiente e ineficiente, estável e maluco, ateu e religioso fervoroso. Como estou me saindo?

Trout deu um suspiro impaciente.

– Sem comentários.

– O problema é que vocês aceitaram o manifesto do criminoso como uma expressão legítima dos pensamentos dele, porque isso confirmava a teoria de vocês, validava as ideias que já tinham formado sobre o caso. Nunca lhes ocorreu que o texto fosse uma charada, que o Bom Pastor estivesse fazendo vocês de bobos. Ele deu a entender que suas conclusões faziam sentido. Então, é claro, vocês acreditaram nele.

Trout balançou a cabeça num arremedo de lamento resignado.

– Acho que nós estamos em mundos totalmente diferentes aqui. Considerando seu passado, imaginei que estivéssemos do mesmo lado.

– Belo pensamento, mas meio fora da realidade.

Ele balançou a cabeça de novo.

– O objetivo do FBI com o caso do Bom Pastor, assim como em relação a qualquer caso, é descobrir a verdade. Essa deveria ser a meta de qualquer oficial honesto. Se você tivesse a mesma integridade que eu na profissão, então estaríamos do mesmo lado.

– Você acredita nisso?

– A integridade é a base de tudo o que fazemos.

– Olhe, Trout, eu tenho tanta experiência quanto você, talvez mais. Você está falando com um policial, não com uma pessoa qualquer. Claro, o objetivo da polícia é descobrir a verdade, a não ser que outro objetivo entre no caminho. Na maioria dos casos, nós não chegamos à verdade. O máximo que conseguimos, quando temos sorte, é uma conclusão satisfatória. Chegamos a uma teoria que faça sentido, a um modo de condenar alguém.

Você sabe muito bem que a estrutura das agências policiais no mundo real não valoriza a busca da verdade e da justiça. Valoriza, isso sim, as conclusões satisfatórias. O objetivo de um policial pode ser descobrir a verdade, mas o objetivo pelo qual ele é recompensado é ter o caso solucionado: entregar um criminoso à promotoria, de preferência com uma narrativa coerente de fatos e motivações. Se houver uma confissão assinada, melhor ainda. Esse é o verdadeiro jogo.

Trout revirou os olhos e olhou para o relógio.

– A questão – continuou Gurney, inclinando-se para a frente – é que vocês tinham uma narrativa coerente. De certa forma, tinham uma confissão assinada: o manifesto. Claro, havia a desvantagem de não terem encontrado o criminoso. Mas, ora, vocês criaram um perfil dele, tinham a declaração de objetivos escrita por ele, tinham seis assassinatos coerentes com o que você e sua Unidade de Análise Comportamental *sabiam* sobre ele. Trabalho sólido e conclusões lógicas. Coerente e profissional.

– Qual é exatamente seu problema com isso?

– A não ser que vocês tenham provas que não foram reveladas, tudo o que acham que sabem é baseado em ficção. Aliás, eu espero estar errado. Diga que você tem em seus arquivos informações que ninguém conhece.

– Não estou entendendo o que você quer dizer, Gurney, e estou sem tempo. Então, se não se incomoda...

– Só faça duas perguntas a si mesmo, Trout. A primeira delas é: que outra teoria poderia ter surgido se vocês não tivessem recebido o manifesto? E a segunda: e se cada palavra daquele precioso documento for mentira?

– Perguntas interessantes, com certeza, mas deixe-me também fazer uma antes que você vá embora. – Ele colocou de novo os dedos unidos embaixo do queixo numa pose professoral. – Considerando que você não tem autorização oficial ou qualquer base para se envolver nessa história... aonde toda essa teorização hostil o leva, além de a uma confusão sem tamanho?

Talvez tenha sido a ameaça no olhar de Trout, ou o risinho nos lábios de Daker. Ou, ainda, a lembrança irritante de que ele não tinha mais um distintivo. Qualquer que tenha sido a razão, Gurney disse algo que não havia planejado:

– Ela pode me levar a aceitar uma oferta que eu não havia considerado

seriamente até agora. Uma oportunidade de trabalho na RAM-TV. Eles querem fazer uma série de programas sobre mim.

– Sobre *você*?

– É. Sobre minha imagem. Usando as estatísticas das prisões que eu realizei.

Trout olhou curiosamente para Daker, que deu de ombros mas não falou nada.

– Eles parecem muito impressionados por eu ser o detentor do maior número de homicídios solucionados na história do departamento.

Trout abriu a boca, mas depois a fechou sem emitir qualquer som.

– Querem que eu reveja casos famosos não solucionados e diga onde eu acho que as investigações saíram dos trilhos. O primeiro caso vai ser o do Bom Pastor. Eles planejam chamar a série de *Quando a Justiça falha*. Interessante, não é?

Trout tirou as mãos de baixo do queixo e ficou olhando para as pontas de seus dedos unidos durante um longo minuto. Depois, balançou a cabeça com tristeza mais uma vez.

– Tudo isso me remete de novo ao problema dos documentos vazados, acessos não autorizados, transmissão de informações confidenciais, violação de regulamentos, desrespeito a leis federais e estaduais. Um monte de complicações desagradáveis.

– É um preço pequeno a pagar. Afinal de contas, como você disse antes, o objetivo principal é a busca da justiça. Ou seria da verdade? Algo assim, não é?

Trout encarou-o com frieza e repetiu devagar, de forma enfática:

– Um monte de... complicações... desagradáveis. – Então desviou os olhos para os felinos empalhados em cima da lareira. – Não é um preço tão pequeno assim. Eu não gostaria de estar em seu lugar. Principalmente agora, depois de ter enfrentado aquele incêndio.

– Como?

– Ouvi falar do seu celeiro.

– O que isso tem a ver com o que estamos discutindo?

– É apenas outro tipo de pressão em sua vida, só isso. Outra complicação.

– Trout consultou o relógio de novo. – Nosso tempo realmente chegou ao fim.

Então ele se levantou.

Gurney o imitou e, em seguida, Rebecca também.

Trout deu um largo sorriso sem emoção.

– Obrigado por compartilhar suas preocupações conosco, Sr. Gurney. Daker vai levá-lo de volta a seu carro. – Ele se virou para Rebecca. – Será que poderia ficar mais alguns minutos? Há algumas coisas que eu gostaria de discutir com você.

– Claro. – Ela se posicionou entre Trout e Gurney e estendeu a mão para este. – Foi um prazer vê-lo de novo. Outro dia você vai ter que me contar sobre o problema do seu celeiro. Só fiquei sabendo agora.

Quando Gurney apertou a mão dela, sentiu um pedaço de papel dobrado na palma de sua mão. Pegou-o e guardou-o discretamente.

Daker parecia bastante atento, mas não deu nenhum sinal de ter notado alguma coisa. Ele apontou para a porta da frente e disse:

– Hora de ir.

Gurney só tirou o papel do bolso após ter entrado no carro e ligado o motor e depois que Daker já tinha desaparecido pela trilha no Kawasaki.

Desdobrado, ele tinha no máximo 5 centímetros de largura e só uma frase escrita: “Espere por mim em Branville, no Eagle’s Nest.”

Ele nunca fora ao Eagle’s Nest. Tinha ouvido dizer que era um restaurante novo que fazia parte do esforço de renovação de Branville, de sua tentativa de se transformar de bairro rural pobre em povoado charmoso. O lugar ficava no caminho que ele faria, então não seria nenhum estorvo ir até lá.

A rua principal de Branville ficava ao pé de um vale, próxima a um riacho pitoresco que fornecia ao lugar seu único componente charmoso, além das ocasionais e desastrosas enchentes. A estrada que ligava Branville à interestadual fazia uma longa descida em espiral a partir de um conjunto de colinas e encontrava a rua principal a apenas um quarteirão do Eagle’s Nest. Apesar de ser quase meio-dia quando Gurney entrou no restaurante, só uma das doze mesas estava ocupada. Ele se acomodou na que ficava perto de uma janela com vista para a rua e pediu um Bloody Mary, que quase nunca tomava. Ainda estava surpreso com sua escolha quando a garçonne apareceu com o drinque, alguns minutos depois.

A bebida veio num copo alto, bem cheio, e tinha exatamente o gosto que

ele esperava. Gurney deu um sorriso – coisa rara nos últimos meses – ao dar o primeiro gole. Saboreou o drinque bem devagar, e terminou de bebê-lo às 12h15.

Às 12h16, Rebecca entrou e se sentou na frente dele.

– Espero não ter demorado demais.

O modo como ela sorriu enfatizou sua tensão. Todo o seu corpo estava sob controle e alerta.

– Cheguei há alguns minutos.

Ela analisou o ambiente a seu redor com a frieza que lhe era peculiar.

– O que você pediu?

– Um Bloody Mary.

– Perfeito.

Ela se virou e acenou para a garçonete.

Quando a jovem chegou com dois cardápios na mão, Rebecca lhe lançou um olhar cético.

– Você já tem idade para servir bebidas?

– Tenho 23 anos – respondeu ela, parecendo perplexa com a pergunta.

– Tudo isso? – disse Rebecca com ironia. – Vou querer um Bloody Mary.

Então apontou para o copo vazio e fitou Gurney com uma interrogação nos olhos.

– Vou ficar só nesse, obrigado – falou ele.

A garçonete se afastou.

Como sempre, Rebecca não perdeu tempo e foi direto ao ponto:

– Por que você foi tão agressivo com nossos parceiros do FBI? E que papo foi aquele sobre óculos de atirador de elite, descarte das armas, problemas com o perfil?

– Só estava provocando-o para tentar desequilibrá-lo.

– Provocando? Tudo aquilo mais pareceu um soco na cara.

– Estou meio frustrado.

– E de onde você acha que vem sua frustração?

– Estou ficando de saco cheio de explicar.

– Vamos lá, seja bonzinho comigo.

– Vocês todos estão tratando o manifesto como um texto sagrado. Não é. É uma armação. As ações falam mais alto do que as palavras. Os atos do Bom Pastor foram totalmente racionais, firmes como uma rocha. Ele planejou

cada crime com paciência e de forma pragmática. Já o manifesto é bem diferente. É uma obra de ficção, uma tentativa de criar um personagem e estabelecer motivações que você e seus coleguinhas da Unidade de Análise Comportamental poderiam analisar e reproduzir naquele perfil de qualidade primária.

– Olhe, David...

– Só um segundo, ainda estou sendo “bonzinho” com você. A ficção assumiu vida própria, porque satisfazia todo mundo. E, depois dos artigos intermináveis na revista americana de babaquices teóricas, ninguém podia mais voltar atrás. Todos vocês estão desesperados para proteger o castelo de cartas que construíram, porque, se ele desmoronar, muitas carreiras vão pelo mesmo caminho.

– Acabou?

– Você me pediu para explicar minha frustração.

Rebecca se inclinou na direção dele e falou baixinho:

– David, não acho que eu seja a pessoa “desesperada” aqui. – Ela fez uma pausa e se empertigou quando a garçonete chegou com seu drinque. Assim que a jovem voltou aos fundos do salão, ela continuou: – Já trabalhei com você antes. Você era sempre a pessoa mais calma e sensata de todas. O Dave Gurney que eu conheço não teria ameaçado um importante agente do FBI, não chamaria minhas opiniões profissionais de “babaquice” e não me acusaria de desonestidade e estupidez. Isso me faz pensar no que *realmente* está se passando pela sua cabeça. Para ser bastante honesta com você, esse novo Dave Gurney me preocupa.

– É mesmo? Você acha que a bala que entrou na minha cabeça prejudicou alguns circuitos cerebrais?

– Só estou dizendo que agora seu processo de raciocínio está sendo mais impelido por um componente emocional do que antes. Você discorda?

– Eu discordo é do seu esforço para transformar meu processo de raciocínio na questão principal, enquanto o verdadeiro problema é o fato de você e seus colegas associarem seus nomes e suas reputações a um monte de merda que permitiu a fuga de um assassino em série.

– Isso é muito interessante, David. Sabe quem mais fala sobre o caso em termos bastante interessantes? Max Clinter.

– Era para ser uma ofensa?

Ela tomou um gole de seu drinque.

– Foi só algo que me veio à mente. Livre associação. Vocês dois têm tanto em comum... Ambos foram feridos seriamente, ambos ficaram incapacitados por pelo menos um mês, ambos desconfiam de tudo e de todos, ambos já se aposentaram da polícia, ambos estão obcecados em provar que a teoria oficial do caso do Bom Pastor está errada e ambos são caçadores natos que detestam ser colocados de lado. – Ela tomou outro gole. – Você já foi avaliado para síndrome de estresse pós-traumático?

Gurney a encarou. A pergunta o pegou de surpresa, ainda que ele já devesse esperá-la, principalmente depois que Rebecca o comparou a Max Clinter.

– Foi isso que você veio fazer aqui? Sugerir um diagnóstico? Você e Trout falaram sobre minha estabilidade mental?

Ela sustentou o olhar dele.

– Nunca senti esse tipo de hostilidade vinda de você antes.

– Deixe-me fazer uma pergunta: por que você quis se encontrar comigo aqui?

Ela piscou, encarou a mesa, respirou fundo e soltou o ar bem devagar.

– Lembra nossa conversa pelo telefone no outro dia? Foi muito perturbadora. Francamente, estou preocupada com você.

Ela pegou seu Bloody Mary e bebeu mais da metade.

Quando os olhares dos dois se encontraram de novo, ela disse com delicadeza:

– Levar um tiro é um choque muito grande. Nossa mente fica revivendo o momento, a ameaça, o impacto. As reações naturais são medo e raiva. A maioria dos homens prefere a segunda opção à primeira, por achar que a raiva é um sentimento mais fácil de expressar. Imagino que a descoberta de sua própria vulnerabilidade, o fato de você não ser perfeito, não ser um super-homem... o deixou furioso. E a demora na recuperação só está aumentando essa fúria.

Será que aquela psicóloga renomada estava sendo tão sincera quanto parecia? Será que estava lhe dando sua opinião verdadeira? Será que realmente se importava com ele? Ou sua preocupação seria parte de um esforço cada vez mais desagradável de levá-lo a se questionar em vez de questionar a teoria do caso?

Gurney a encarou, procurando uma resposta.

Rebecca o fitava com firmeza, sem piscar.

Ele começou a sentir a fúria que ela havia mencionado. Era hora de sair dali antes de dizer algo de que se arrependesse.

Terceira parte

A qualquer
preço

Prólogo

Havia demorado mais tempo do que esperava para encontrar as palavras certas. Tanta coisa vinha acontecendo, tanta coisa que precisava administrar... Mas finalmente estava satisfeito. A mensagem enfim dizia tudo o que precisava ser dito:

A ganância se alastra por uma família como sangue contaminado se espalha na água de uma banheira, infectando a todos que toca. Então as esposas e os filhos que você considera sofredores, dignos de misericórdia, também deverão ser destruídos. Os filhos da ganância são diabólicos, assim como todos aqueles com quem se relacionam. Logo, também devem ser destruídos. Todos aqueles que você acha que devem ser confortados pelas pessoas ingênuas do mundo serão destruídos, ligados, seja por sangue, seja por casamento, aos filhos da ganância. Consumir o produto da ganância é consumir também sua mancha. O fruto deixa sua marca. Os beneficiários da ganância carregam a culpa por ela e, portanto, devem sofrer seu castigo. Morrerão sob os refletores dos elogios feitos por você. Seus elogios serão a desgraça deles. Sua piedade é um veneno. Sua compaixão os condena à morte.

Você não consegue ver a verdade? Perdeu o sentido da visão?

O mundo enlouqueceu. A ganância se mascara de ambição louvável. A riqueza finge ser prova de talento e mérito. Os canais de comunicação caíram nas mãos de monstros. Os piores entre os piores são exaltados.

Com demônios ocupando os púlpitos e anjos sendo ignorados, cabe às pessoas honestas castigar o que o mundo louco recompensa.

Estas são as palavras verdadeiras e finais do Bom Pastor.

Imprimiu duas cópias e as enviou pelo correio noturno. Uma para Corazón, outra para Gurney. Depois levou a impressora para os fundos da casa e arrebentou-a com um tijolo. Recolheu todos os pedaços, até as lascas de plástico tão pequenas quanto aparas de unhas, colocou-os num saco de lixo junto com o restante do papel da impressora e os levou para enterrar na floresta.

Investir na cautela era sempre uma medida sensata.

Capítulo 29

Peças demais

Enquanto Gurney saía de Branville em direção às colinas e aos pastos do nordeste do condado de Delaware, sua mente foi tomada por um turbilhão de pensamentos. Sua facilidade natural para organizar dados em padrões significativos estava prejudicada pela quantidade de informações em sua cabeça.

Era como tentar ordenar um monte de minúsculas peças de quebra-cabeça sem saber se todas elas estavam disponíveis – ou mesmo sem saber de quantos quebra-cabeças faziam parte. Num instante ele tinha certeza de que todos os fragmentos de dados pertenciam a um único todo; no instante seguinte não tinha certeza de mais nada. Talvez estivesse ansioso demais para chegar a uma explicação, uma equação que fizesse sentido.

Na estrada, ao passar por uma placa de boas-vindas a Dillweed, pensou em seu próximo passo, algo bem simples. Parou o carro e ligou para o único habitante de lá que conhecia pessoalmente. Um encontro cara a cara com Jack Hardwick poderia ser um bom antídoto para sua confusão mental.

Dez minutos depois, após percorrer pouco mais de 6 quilômetros de estradas de terra sinuosas, chegou à casa alugada que Hardwick chamava de lar. Era uma construção bem simples, que precisava urgentemente de uma demão de tinta. Quando ele veio abrir a porta, estava usando, como sempre, uma camiseta e uma bermuda de moletom.

– Quer uma? – perguntou, segurando uma garrafa vazia de cerveja.

Primeiro Gurney disse que não, mas depois aceitou a oferta. Sabia que seu hálito estaria cheirando a álcool quando ele chegasse em casa e ficaria mais

confortável atribuindo-o a uma cerveja com Jack do que a um Bloody Mary com Rebecca.

Depois de pegar uma garrafa para Gurney e outra para si mesmo, Hardwick afundou numa das duas poltronas de couro estofadas e fez um gesto para que Gurney se acomodasse na outra.

– E então, meu filho – disse num sussurro áspero que simulava um nível de bebedeira camuflado por seu olhar afiado –, há quanto tempo você não se confessa?

– Mais ou menos 35 anos – respondeu Gurney, participando do jogo do homem a quem tinha ido pedir ajuda.

Ele deu um gole na cerveja. Não era ruim. Olhou a salinha ao redor e constatou que, assim como a roupa de Hardwick, o ambiente afeitivamente vazio era o mesmo de sua última visita. Inclusive a poeira.

Hardwick coçou o nariz.

– Você deve estar muito encrencado para vir buscar o conforto da Sagrada Igreja depois de tanto tempo. Fale à vontade, filho. Conte-me todas suas blasfêmias, suas mentiras, seus roubos e seus adultérios. Devo dizer que estou mais interessado nos detalhes dos adultérios.

Ele deu uma piscadela cheia de malícia.

Gurney se recostou na confortável poltrona e tomou outro gole de cerveja.

– O caso do Bom Pastor está ficando complicado.

– Sempre foi.

– O problema é que não sei com quantos casos estou lidando.

– É merda demais para uma latrina só?

– Como eu disse, não sei exatamente.

Então ele falou, com o máximo de detalhes possível, sobre a longa relação de fatos, eventos, esquisitices, suspeitas e perguntas que tinha na mente.

Hardwick pegou um lenço amarrotado no bolso da calça e assoou o nariz.

– E o que você quer de mim?

– Saber o que sua intuição lhe diz. De tudo o que está acontecendo, o que você acha que faz parte de um grande quadro geral e o que pode se relacionar a algo totalmente diferente?

Hardwick fez um som com a língua que pareceu um cacarejo.

– Com relação à flecha, não sei. Ainda se alguém a tivesse cravado em sua

bunda... mas lançá-la no meio dos nabos? Não entendi.

– E o restante?

– O restante, eu acho significativo. Grampos no apartamento, incêndio no celeiro, armadilha na escada, o alçapão no teto da jovem... Isso tudo demanda tempo e energia, sem falar nos riscos legais inerentes a esse tipo de coisa. Então, é grave. Quero dizer, existe algo sério em jogo. Não estou dizendo nada de novo, não é?

– Na verdade, não.

– Você quer saber se eu acho que está tudo ligado a uma grande conspiração? – Ele fez uma expressão exagerada de indecisão. – A melhor resposta é algo que você me disse há muito tempo, quando estávamos trabalhando no caso Mellery: “É mais seguro presumir que existe uma ligação que acabe se mostrando falsa do que ignorar uma que se revele verdadeira.” Mas há uma questão maior. – Ele fez uma pausa para arrotar. – Se o caso do Bom Pastor não está relacionado ao assassino dos milionários diabólicos, então está relacionado a quê? Descubra isso, Sherlock, e todas suas dúvidas serão resolvidas. Quer outra cerveja?

Gurney balançou a cabeça numa negativa.

– Aliás, se você tentar mesmo destruir a teoria oficial do caso, vai ficar no meio de uma tempestade de merda que só acontece uma vez na vida. Tipo Galileu no Vaticano. Você sabe disso, não sabe?

– Hoje mesmo eu comecei a receber essa ameaça.

Ele visualizou o agente Trout, com o Dobermann sinistro a seu lado, parado em sua varanda sombria nas montanhas Adirondack. As referências às “complicações”. A alusão ao incêndio. E Daker, o protótipo de assassino que ele já vira numa centena de filmes.

– Está bem, meu garoto, mas não custa nada falar. Porque... – O toque do celular de Hardwick o interrompeu. Ele tirou o aparelho do bolso e atendeu: – Hardwick falando. – A princípio ele permaneceu em silêncio, então sua expressão foi ficando cada vez mais atenta, mais perplexa. – Certo... Certo... O quê?... Puta que o pariu!... É... É a única?... Você tem a data original do registro?... Certo... Está bem... Obrigado... É... Tchau.

Quando ele desligou o telefone, continuou olhando para ele como se o aparelho pudesse lhe fornecer algum esclarecimento adicional.

– Que diabo foi isso? – perguntou Gurney.

- A resposta à sua pergunta.
- Qual delas?
- Você pediu que eu descobrisse se Paul Mellani tinha alguma arma registrada no nome dele.
- E?
- Ele tem uma pistola. Uma Desert Eagle.

Durante quase toda a viagem de meia hora entre Dillweed e Walnut Crossing, Gurney não conseguiu pensar em outra coisa. No entanto, por mais espantosa que tivesse sido a descoberta, era mais perturbadora do que legalmente útil. Era como descobrir que um assassino que se acreditava não ter nenhuma conexão com sua vítima havia sido da mesma turma que ela no jardim de infância. Era algo que chamava a atenção, mas que diabo significava?

Seria importante saber quanto tempo fazia que Mellani tinha a arma. O problema era que o registro acessado pelo colega de Hardwick não continha a data oficial do pedido. Gurney chegara a ligar para o escritório e para o celular de Mellani, mas caíra na caixa postal nas duas ocasiões. E, mesmo que o sujeito retornasse o telefonema, não teria nenhuma obrigação de explicar sua escolha incomum de arma.

Era óbvio que esse fato novo e curioso exacerbava a preocupação original de Gurney: de que a depressão e o fácil acesso a uma arma de fogo pudessem ser uma combinação de alto risco. Mas era só uma preocupação. Não havia nenhuma evidência concreta de que Paul Mellani representasse um risco a si mesmo ou a outras pessoas. Ele não havia dito nada – nenhuma das expressões-chave ou das palavras de alerta psiquiátrico – que justificasse notificar a polícia de Middleton ou proceder a qualquer intervenção além dos telefonemas já realizados.

Mas o assunto não saía da cabeça de Gurney. Ele não parava de pensar no que Kim teria dito ao sujeito em seus contatos anteriores ao encontro no sábado: a carta e o telefonema explicando o projeto. Esses lembretes da morte do pai de Mellani – e de sua aparente falta de preocupação com o filho – podiam ter chamado a atenção dele para o vazio em sua vida, para o fato de sua carreira estar desmoronando.

Afundado em seu quadro de depressão, será que ele poderia estar

planejando acabar com tudo? Ou – que Deus não permitisse – já teria feito isso? Talvez houvesse sido por isso que as ligações tinham caído na caixa postal.

Mas e se Gurney estivesse errado? E se o objetivo da Desert Eagle não fosse suicida, e sim homicida?

E se sempre *tivesse sido* homicida? E se...

Meu Deus! E se... E se... E se... Chega! O sujeito tinha permissão legal para portar uma arma. Havia milhões de pessoas deprimidas no mundo que nunca chegavam nem perto de fazer mal a si mesmas ou a outras pessoas. Sim, a marca da pistola suscitava perguntas óbvias, mas elas poderiam ser feitas e respondidas quando Mellani ligasse de volta, e ele certamente faria isso. Coincidências estranhas muitas vezes têm explicações bastante simples.

Capítulo 30

Hora do show

Quando Gurney chegou em casa, às 14h02, Madeleine tinha saído. Seu carro continuava parado perto da porta lateral, o que significava que ela provavelmente estava fazendo uma caminhada por uma das trilhas que subiam a partir do pasto próximo à casa.

Nos últimos quilômetros da viagem, a obsessão dele pela arma de Paul Mellani havia diminuído, mas fora substituída pelo eco da importante pergunta de Hardwick: se o festival de assassinatos cometidos pelo Bom Pastor não era parte da missão psicótica descrita no manifesto, *o que era?*

Gurney pegou um bloco e uma caneta e se sentou à mesa perto da porta dupla de vidro. Colocar os pensamentos no papel era a melhor forma de diminuir a sobrecarga mental. Depois de uma hora escrevendo, ele chegou ao início de uma premissa investigativa e a uma pequena lista de perguntas que poderiam levar a caminhos que valeria a pena explorar.

PREMISSA:

Existem diferenças irreconciliáveis, em termos de processo de raciocínio e de estilo, entre o planejamento e a execução eficientes e precisos dos assassinatos e o texto do manifesto, que imita a linguagem bíblica. A verdadeira personalidade é revelada pelo comportamento. A genialidade e a eficiência não podem ser forjadas. A incoerência entre o modo de agir do assassino e a justificativa para seus atos – um discurso emocional baseado numa missão psicótica – sugere que a explicação pode ser falsa e ter o objetivo de desviar a atenção de uma motivação mais pragmática.

PERGUNTAS:

Se não foi por sua “ganância”, por que essas vítimas foram escolhidas?

Qual é o significado dos veículos de mesma marca?

Por que os assassinatos aconteceram naquela época específica, na primavera de 2000?

A sequência dos crimes é significativa?

Todos eles têm a mesma importância?

Algum dos seis foi consequência de outro?

Por que uma arma tão dramática?

Por que os animaizinhos de plástico nos locais dos crimes?

Que linhas de investigação foram abortadas com a chegada do manifesto?

Gurney olhou o que havia escrito sabendo que era apenas o início, sem esperar um insight imediato. Sabia que seus momentos de iluminação jamais aconteciam simplesmente porque ele queria.

Decidiu compartilhar suas ideias com Hardwick e Rebecca para ver que tipo de reação elas suscitariam. Pensou em dar uma cópia do texto a Kim, mas desistiu. Os objetivos dela eram diferentes dos seus e as perguntas dele só a deixariam angustiada de novo.

Foi ao escritório, sentou-se na frente do computador e enviou e-mails separados para os dois. Depois fez uma impressão para mostrar a Madeleine, deitou-se no sofá e dormiu.

– O jantar.

– Hein?

– É hora do jantar.

Era a voz de Madeleine.

Ele piscou e, ao encarar o teto com os olhos embaçados, pensou ter visto um par de aranhas deslizando pela superfície branca. Piscou de novo, esfregou os olhos e as aranhas sumiram. Seu pescoço doía.

– Que horas são?

– Quase seis.

Ela estava parada à porta do escritório.

– Meu Deus... – disse ele. Então se sentou devagar no sofá e massageou o pescoço. – Peguei no sono.

– Pegou mesmo. Enfim, o jantar está pronto.

Ela voltou à cozinha. Gurney se espreguiçou, foi ao banheiro e lavou o rosto com água fria. Quando se juntou a ela na mesa, Madeleine já havia servido duas tigelas grandes cheias de sopa de peixe fumegante, dois pratos de salada verde e uma travessa de pão de alho.

- O cheiro está ótimo – comentou ele.
- Você informou à polícia sobre os grampos?
- O quê?
- Os equipamentos de grampo, o alçapão no teto... Alguém notificou à polícia?
- Por que está perguntando isso agora?
- Só estou pensando que essas coisas são contra a lei, não são? Não deveriam ser denunciadas, então?
- Sim e não. Talvez deversem, mas na maioria dos casos não existe nenhuma exigência legal de informar um ato criminoso, a não ser que a omissão possa ser interpretada como obstrução numa investigação em curso.

Ela o encarou em silêncio.

- Nessa situação, se eu fosse o policial investigando, iria preferir que os grampos não fossem retirados.
- Por quê?
- Porque eles podem ser úteis. Um grampo ativo que a pessoa que instalou não sabe que foi descoberto pode ser um recurso valioso para ajudar a pegá-la numa armadilha.
- Como?
- Deixando-a escutar uma conversa armada que a levaria a fazer algo que a identificasse ou incriminasse. Mas talvez Schiff e os outros detetives da polícia de Syracuse não concordem comigo. Nesse caso, assim que eu contasse sobre os grampos, eles poderiam simplesmente entrar lá e desativar todos. A situação sairia do meu controle, e neste momento eu gostaria de me agarrar a qualquer vantagem que puder.

Ela assentiu e provou a sopa.

- Está boa. Tome antes que esfrie.

Ele colocou a primeira colherada na boca e concordou que estava mesmo saborosa.

Madeleine partiu um pedaço de pão de alho e disse:

– Enquanto você cochilava, eu li a página que deixou na mesinha perto do sofá, com suas perguntas sobre o caso.

– Eu queria mesmo que você lesse.

– Tem certeza que os assassinatos não têm a ver com o que todo mundo acha?

– Certeza quase absoluta.

– Você está abordando o caso como se ele fosse totalmente novo?

– Isso, um caso totalmente novo que por acaso tem dez anos.

Ela ficou encarando a colher.

– Se você está voltando ao ponto de partida, acho que a pergunta mais básica seria: por que as pessoas matam outras?

– Sem contar as ilusões de que estão numa missão sagrada, os motivos principais são sexo, dinheiro, poder e vingança.

– E qual deles você acha que é, nesse caso específico?

– Considerando a variação das vítimas, é difícil imaginar que seja sexo.

– Aposto que é dinheiro – sugeriu Madeleine. – Muito dinheiro.

– Por quê?

Ela deu de ombros.

– Carros de luxo, armas caras, vítimas ricas... Parece que se trata disso.

– Mas e se a questão for o ódio? Ódio ao poder do dinheiro, vontade de eliminar a ganância...

– Ah, não, acho que não. Para mim, é exatamente o oposto.

Gurney sorriu. Teve a sensação de que Madeleine podia estar captando alguma coisa.

– Acabe sua sopa – disse ela. – Você não vai querer perder o primeiro episódio de *Os órfãos do assassinato*.

Eles não tinham aparelho de televisão, mas a RAM havia anunciado a transmissão simultânea do programa tanto pelos canais a cabo da emissora quanto pela internet.

Quando se sentaram na frente do computador no escritório, Gurney digitou o endereço da RAM-TV e começou a navegar pelo site. Ele sempre ficava pasmo com as novas evidências de como o mundo da mídia se tornara um lixo. E só piorava. O sensacionalismo era como um vírus contagioso, e a programação tóxica da emissora liderava a descida para o

fundo do poço.

Uma página que consistia principalmente de um enorme logotipo vermelho, branco e azul com REDE DE NOTÍCIAS RAM: O MUNDO SEM FIRULAS escrito era seguida por outra que mostrava os programas mais populares da emissora. Gurney passou os olhos rapidamente pela lista, procurando *Os órfãos do assassinato*, e viu *Segredos e mentiras: o que a grande imprensa não conta*, *Segunda opinião: questionando a sabedoria convencional* e *Apocalipse imediato: a batalha pela alma dos Estados Unidos*.

Meio impaciente, ele passou para a página seguinte, onde, no topo de uma relação de atrações especiais, encontrou o programa de Kim. Sob o título havia um curto texto promocional: “O que acontece com os sobreviventes de uma família quando um assassino leva um de seus membros? Histórias reais e chocantes de sofrimento e fúria. Primeiro episódio hoje às sete da noite.”

Dez minutos depois, às sete horas em ponto, o primeiro episódio começou.

A tela ficou quase toda escura. O pio fantasmagórico de uma coruja sugeria que o espectador estava olhando uma estrada de terra à noite. Um homem saiu da escuridão para uma área iluminada pelos faróis de um carro parado no acostamento coberto de capim. A estrutura óssea de seu rosto sob a luz parecia a de um personagem de filme policial.

Ele começou a falar com uma voz lenta e agourenta: “Exatamente há dez anos, na primavera de 2000, nas colinas rurais do estado de Nova York, numa estrada abandonada como esta, numa noite sem lua, com o frio do inverno ainda no ar, teve início o horror. Bruno e Carmella Mellani voltavam para casa de uma festa de batizado na cidade – quem sabe conversando sobre os acontecimentos felizes do dia, sobre os amigos e parentes queridos que não viam havia muito tempo – quando outro carro apareceu atrás do deles e começou a ultrapassá-lo em alta velocidade numa curva pronunciada e escura. Mas quando aquele automóvel estranho e veloz emparelhou com o de Bruno e Carmella Mellani...”

O foco mudou para o interior mal iluminado de um veículo em movimento. Na cena, um motorista e uma passageira no banco da frente, irreconhecíveis no escuro. Os dois conversavam e riam baixinho. Alguns segundos depois, os faróis de um carro atrás do deles ficaram visíveis.

Enquanto o automóvel se aproximava, as luzes ficaram mais fortes e se moveram para a esquerda do carro deles, sugerindo que o outro veículo ia fazer uma ultrapassagem. Então houve um súbito clarão de luz branca na tela, simultâneo ao efeito sonoro explosivo de um disparo de arma, seguido pelo guincho de pneus de um carro fora de controle e, finalmente, por prolongados sons metálicos de uma batida e de vidro se estilhaçando.

Após essa cena o narrador voltou à tela. Abaixou-se e pegou um pedaço de metal retorcido no chão, depois o brandiu no ar como se fosse uma prova significativa do crime que estava descrevendo.

Ele continuou a narrativa: “O carro dos Mellani voou para fora da estrada. Ficou tão destruído que os primeiros policiais que chegaram à cena tiveram dificuldade para identificar a marca e o modelo. Um terço da cabeça de Bruno Mellani foi explodido pelo impacto de uma bala disparada por uma pistola enorme. Os ferimentos de Carmella Mellani a deixaram em coma profundo, situação em que permanece até hoje.”

De frente para a tela do computador, Madeleine franziu a testa, enojada. Parecia achar a abordagem da RAM-TV mais perturbadora do que o acontecimento em si.

O narrador prosseguiu fazendo descrições bastante dramáticas dos outros cinco assassinatos do Bom Pastor e culminou num longo detalhamento do fiasco que se seguiu à morte da sexta vítima, Harold Blum, que levou à destruição da carreira e da vida de Max Clinter.

– Meu Deus – disse Madeleine –, esse negócio já passou dos limites.

Gurney assentiu.

A câmera deu um zoom até o narrador-apresentador estar num plano médio, sentado num set de entrevista com dois homens.

– Dez anos – falou ele. – Dez anos e ainda assim, para alguns de nós, parece que foi ontem. Vocês podem estar se perguntando: por que reviver esse horror agora? A resposta é simples: porque o aniversário de 10 anos é um marco, um ponto em que frequentemente achamos adequado parar e olhar para trás, a fim de ver tanto os triunfos quanto as tragédias que se passaram durante esse tempo.

O apresentador virou-se para um homem moreno sentado numa das poltronas diante dele.

– Dr. Mirkilee, o senhor é especialista em psicolinguística forense. Poderia

explicar esse termo a nossos espectadores?

– Claro. É o campo em que se tenta descobrir o pensamento por trás das palavras.

A voz dele era baixa, rápida e precisa, com um sotaque bem indiano. Uma legenda apareceu no pé da tela: DR. SAMMARKAN MIRKILEE, PH.D.

– O pensamento? – perguntou o apresentador.

– A pessoa, a emoção, o contexto. O modo como a mente funciona.

– Então o senhor é especialista na forma como as palavras, a gramática, o estilo se juntam para revelar o eu interior do indivíduo?

– Exatamente.

– Muito bem, Dr. Mirkilee, vou ler alguns trechos de um documento enviado pelo Bom Pastor aos órgãos de mídia há dez anos para saber qual é sua opinião sobre a mente do autor. Está pronto?

– Com certeza.

Enquanto o apresentador lia um longo e enfadonho texto sobre o modo de “erradicar a ganância” e “exterminar os portadores humanos” para livrar a Terra “desse contágio definitivo”, Gurney reconheceu a introdução do Memorando de Objetivos do Bom Pastor, também conhecido como “manifesto”.

– Então, Dr. Mirkilee, com que tipo de indivíduo estamos lidando?

– Em termos leigos? Uma pessoa muito lógica, mas ainda assim muito emotiva.

– Fale mais sobre isso, por favor.

– Há muitos pontos de tensão na escrita, muitos estilos, muitas atitudes.

– O senhor quer dizer que ele tem múltiplas personalidades?

– Não, isso é uma bobagem. Esse tipo de distúrbio não existe, a não ser em histórias, em filmes.

– Ah. Mas eu pensei que o senhor tinha dito que...

– Há muitos *estilos*. Primeiro um fica mais evidente, depois outro, em seguida outro. É um homem muito instável.

– E imagino que o senhor caracterizaria um homem assim como perigoso, certo?

– Sim, claro. Ele matou seis pessoas, não matou?

– Muito bem observado. Uma última pergunta: o senhor acha que ele ainda está por aí, espreitando nas sombras?

O Dr. Mirkilee hesitou.

– Bom, eu diria o seguinte: se ele *está* por aí, eu poderia apostar que *está* assistindo a este programa agora mesmo. Assistindo e refletindo.

– Refletindo? – O apresentador fez uma pausa, como se tentasse captar o significado dessa declaração. – Bom, é um pensamento arrepiante. Um assassino andando pelas ruas. Um assassino que pode estar, neste momento, *refletindo sobre o que fazer em seguida*.

Ele respirou fundo, como se tentasse acalmar os nervos antes de continuar a falar, enquanto a câmera dava um zoom nele.

– E agora *está* na hora do intervalo...

Gurney pegou o mouse e diminuiu o volume até zero, uma reação reflexa aos comerciais.

Madeleine olhou-o de soslaio.

– Nós ainda nem vimos *Kim* aparecer e já estou perdendo a paciência com isso.

– Eu também, mas agora preciso pelo menos assistir à entrevista que ela fez com Ruth Blum.

– Eu sei – disse Madeleine.

Ela deu um sorrisinho.

– O que foi?

– Existe uma ironia ridícula nessa situação toda. Quando você foi ferido, quando os efeitos colaterais não sumiram tão rápido quanto você gostaria, você mergulhou em direção ao fundo do poço. Quanto mais afundava, menos coisas fazia. E quanto menos coisas fazia, mais afundava. Era horrível vê-lo daquela forma. Não fazer nada estava matando você. Agora, toda essa loucura, todo esse perigo, *está* trazendo você de volta à vida. Antes você ficava sentado à mesa do café, numa linda manhã, passando o dedo no braço para cima e para baixo para checar se a dormência tinha diminuído, se tinha aumentado, se tinha mudado de lugar. E sabe de uma coisa? Você não fez isso nenhuma vez esta semana.

Ele não sabia o que dizer, então ficou em silêncio.

Na tela, o último comercial terminou e a câmera voltou para o set de entrevistas.

Gurney aumentou o volume de novo a tempo de ouvir o apresentador fazer uma pergunta ao outro convidado presente.

– Dr. Monty Cockrell, é uma honra recebê-lo aqui. O senhor é conhecido nos Estados Unidos como um especialista em raiva. Então, por favor, diga de que realmente se tratava o festival de assassinatos do Bom Pastor.

Cockrell fez uma pausa dramática antes de responder:

– Falando de forma bastante simples: de guerra. Os assassinatos e o manifesto que os justificava foram uma tentativa de iniciar a guerra de classes. Uma tentativa ilusória de castigar os bem-sucedidos pelos fracassos dos malsucedidos.

Depois dessa declaração, o apresentador e os dois convidados começaram uma discussão desordenada que durou cinco minutos inteiros – o que em televisão é uma vida – e terminou com os três concordando que o direito ao porte de arma às vezes era a única defesa contra esse tipo de pensamento diabólico.

Gurney baixou o volume de novo e se virou para Madeleine.

– O que foi? – disse ela. – Posso ver suas engrenagens girando.

– Eu estava pensando no que o indiano disse.

– Que seu assassino poderia estar assistindo a esse programa ridículo?

– É.

– Por que ele se daria o trabalho de fazer isso?

Era uma pergunta retórica, e Gurney não respondeu.

Os dois ainda sofreram por vários minutos com o programa até que a entrevista de Kim com Ruth Blum finalmente começou. As duas estavam sentadas frente a frente numa mesa ao ar livre na varanda dos fundos de uma casa. Era um dia ensolarado e ambas usavam casacos leves, com o zíper fechado.

Ruth Blum era uma mulher gorducha, de meia-idade, cujas feições pareciam sobrecarregadas de tristeza. Gurney achou o penteado dela bobo, mas de uma forma comovente – uma pilhazinha desgrenhada de cachos castanho-claros que parecia um Yorkshire empoleirado em sua cabeça.

– Ele era o melhor homem do mundo – disse ela. Então fez uma pausa, como se quisesse dar um tempo para que Kim entendesse essa grande verdade antes de continuar. – Caloroso, gentil e... sempre tentando fazer melhor, sempre tentando evoluir. Você já notou que as melhores pessoas sempre tentam se superar? Harold era assim.

A voz de Kim soou instável quando ela respondeu:

- Perdê-lo deve ter sido a pior coisa que já lhe aconteceu.
- Meu médico disse que eu deveria tomar um antidepressivo. *Um antidepressivo* – repetiu ela, como se tivesse sido o conselho mais insensível que já recebera.
- Alguma coisa mudou ao longo do tempo?
- Sim e não. Eu ainda choro.
- Mas continua a viver.
- É.
- A senhora sabe agora alguma coisa sobre a vida que não sabia antes de seu marido ser assassinado?
- Entendi como as coisas são passageiras. Eu achava que tudo o que eu tinha fosse eterno, que Harold estaria sempre presente, que eu nunca perderia nada importante. É idiotice pensar isso, mas eu pensava. A verdade é que, se a gente viver o suficiente, perde tudo, todo mundo.
- Kim pegou um lenço no bolso do casaco e enxugou os olhos.
- Como vocês se conheceram? – indagou ela.
- Numa escola de dança. – Nos minutos seguintes, Ruth contou os pontos altos de seu relacionamento com Harold, voltando finalmente ao tema de uma dívida recebida e uma dívida tomada de volta. – Nós achávamos que duraríamos para sempre. Mas nada é para sempre, não é?
- Como a senhora conseguiu passar por isso?
- O mais importante foram os outros.
- Os outros?
- O apoio que conseguimos dar uns aos outros. Cada um de nós perdeu um ser amado do mesmo modo. Tínhamos isso em comum.
- Vocês formaram um grupo de apoio?
- Durante algum tempo, fomos como uma família. Mais próximos do que algumas famílias, até. Todo mundo era diferente, mas tínhamos um elo forte. Eu me lembro de Paul, o contador, tão quieto, quase nunca falava. Roberta, uma fortaleza, mais forte do que qualquer homem. O Dr. Sterne, que era a voz da razão, o que tinha a capacidade de acalmar as pessoas. Havia o rapaz que queria abrir um restaurante chique. E quem mais? Ah, claro, Jimi. Como eu pude me esquecer do Jimi? Jimi Brewster odiava tudo e todos. Sempre me pergunto o que deve ter acontecido com ele.
- Eu consegui localizá-lo – disse Kim – e ele concordou em falar comigo.

Vai participar do projeto.

– Bom para ele. Coitado. Tanta *raiva*... Sabe o que dizem sobre pessoas furiosas assim?

– O quê?

– Que elas têm raiva de si mesmas.

Kim ficou em silêncio por um longo tempo antes de perguntar:

– E você, Ruth? Não sente raiva pelo que aconteceu?

– Às vezes. Mas na maior parte do tempo só sinto tristeza. Na maior parte...

Ela parou de falar e lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

O segmento da entrevista terminou e a cena voltou para o estúdio, mostrando a imagem do apresentador à mesa de entrevistas com Kim. Gurney presumiu que aquela era a entrevista que ela fora gravar na cidade mais cedo.

– Não sei o que dizer – começou o apresentador. – Estou sem palavras, Kim. Foi forte demais.

Ela olhou para a mesa com um sorriso sem graça.

– Forte demais – repetiu ele. – Quero falar mais sobre isso daqui a um minuto, Kim, mas antes eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. – Inclinou-se na direção dela e falou baixinho, em tom de cumplicidade: – É verdade que você conseguiu que o detetive de homicídios altamente condecorado David Gurney se envolvesse neste projeto? O homem que a revista *New York* chamou de “supertira”?

Um tiro não teria captado a atenção de Gurney com tanta eficácia. Ele examinou o rosto de Kim na tela. Ela pareceu assustada.

– Mais ou menos – disse ela depois de uma pausa. – Quero dizer, ele tem me aconselhado em relação a algumas questões ligadas ao caso.

– *Questões?* Pode nos dar algum detalhe?

A hesitação de Kim convenceu Gurney de que ela de fato fora apanhada desprevenida.

– Andaram acontecendo algumas coisas estranhas que por enquanto prefiro não revelar. Mas parece que alguém poderia estar tentando impedir que *Os órfãos do assassinato* fosse ao ar.

O apresentador fingiu grande preocupação.

– Continue...

– Bom... aconteceram algumas coisas conosco que poderiam ser interpretadas como avisos para recuarmos, para ficarmos longe do caso do Bom Pastor.

– E seu detetive-consultor tem alguma teoria?

– Ele parece ter uma visão do caso diferente da de todo mundo.

O apresentador fez uma expressão de perplexidade.

– Você está dizendo que um especialista acha que o FBI esteve no caminho errado por todos esses anos?

– Você teria que perguntar isso a ele. Já falei demais.

Sem dúvida, pensou Gurney.

– Se isso é verdade, Kim, nunca é demais! Talvez eu faça uma entrevista com o próprio detetive Gurney antes do próximo episódio de *Os órfãos do assassinato*. Enquanto isso, convido os espectadores a falar. Reajam! Compartilhem suas ideias conosco. Acessem nosso site e deem sua opinião.

O endereço ram4news.com apareceu piscando no pé da tela em letras azuis e vermelhas.

O apresentador se inclinou na direção de Kim.

– Ainda temos um minuto. Você poderia resumir a essência do caso do Bom Pastor em poucas palavras?

– Em poucas palavras?

– É. A essência do caso.

Ela fechou os olhos.

– Amor. Perda. Dor.

A câmera deu um zoom no apresentador.

– Muito bem, pessoal. Aí está: amor, perda e uma dor terrível. Na semana que vem conheceremos melhor a família despedaçada de outra vítima do Bom Pastor. E lembrem-se: pelo que sabemos, o assassino ainda está por aí, vivendo entre nós. *Um homem... para quem... a vida humana... não significa nada*. Fiquem ligados na RAM-TV para tudo o que precisam saber. Tenham cuidado, amigos. O mundo é um lugar perigoso.

Então a tela ficou preta.

Gurney fechou o navegador, pôs o computador no modo de espera e se recostou na poltrona.

Madeleine lançou-lhe um olhar avaliador.

– O que está deixando você preocupado?

– Neste minuto? Não sei. – Ele se remexeu na cadeira, fechou os olhos e esperou que a fonte de sua perturbação se revelasse. Surpreendentemente, não era o programa que havia acabado de ver, por mais perturbador que tivesse sido. – O que você acha dessa história entre Kim e Kyle?

– Eles parecem estar interessados um pelo outro. O que há para achar?

Ele balançou a cabeça.

– Não sei.

– O que Kim falou agora no fim do programa, sobre você ter dúvidas em relação à abordagem do FBI, vai lhe criar problemas?

– Pode fazer o agente Trout ficar ainda mais desagradável. Talvez mexa com a obsessão dele por controle a ponto de o sujeito querer criar algum problema jurídico para mim.

– Há alguma coisa que você possa fazer com relação a isso? Algum modo de se proteger?

– Claro. Só preciso provar que o caso é um absurdo total. Aí ele teria problemas muito maiores com que se preocupar do que eu.

Capítulo 31

A volta do Bom Pastor

Quando Gurney acordou na manhã seguinte, às sete e meia, estava chovendo. Era o tipo de chuva fraca mas constante que podia durar horas.

Como sempre, as duas janelas tinham sido abertas alguns centímetros em cima. O ar no quarto estava gelado e úmido. Ainda que oficialmente o nascer do sol tivesse sido quase uma hora antes, o retângulo de céu que ele conseguia ver deitado na cama prometia um dia cinzento.

Madeleine já tinha se levantado. Gurney se espreguiçou e esfregou os olhos. Não teve vontade nenhuma de voltar a dormir. Seu último sonho, bastante inquietante, tinha a ver com um guarda-chuva preto. Enquanto o guarda-chuva se abria aparentemente sozinho, o tecido, ao se desdobrar, se transformava nas asas de um enorme morcego. Em seguida o mamífero voador virava um abutre preto e o cabo curvo do guarda-chuva virava um bico afiado. E então, através da exótica lógica sensorial dos sonhos, o abutre se transformava na corrente de ar frio que entrava pelas janelas abertas – cujo toque desagradável fora o motivo de ele ter despertado.

Gurney saiu da cama, numa tentativa de afastar o sonho. Depois tomou um banho quente para clarear as ideias, fez a barba, escovou os dentes, vestiu-se e foi para a cozinha tomar café.

– Ligue para Jack Hardwick – disse Madeleine de frente para o fogão, sem levantar os olhos para ele, enquanto acrescentava um punhado de passas a algo que ela estava fervendo numa panela pequena.

– Por quê?

– Porque ele ligou há uns quinze minutos querendo falar com você.

- Ele disse o que queria?
 - Que tinha uma pergunta sobre seu e-mail.
 - Hum – respondeu Gurney. Depois foi até a cafeteira e serviu-se de uma xícara do líquido fumegante. – Sonhei com um guarda-chuva preto.
 - Ele parecia muito ansioso para falar com você.
 - Já vou ligar para ele. Mas... me conte como aquele filme acabava.
- Madeleine esvaziou a panelinha em sua tigela e levou-a à mesa do café.
- Não lembro.
 - Você descreveu aquela cena com todos os detalhes: o cara que os atiradores estavam seguindo, o modo como ele entrou na igreja, depois o modo como ele saiu com outra pessoa vestida da mesma maneira que ele e também segurando um guarda-chuva preto para despistar os perseguidores... O que aconteceu depois disso?
 - Acho que ele conseguiu escapar, porque os homens não podiam atirar em todo mundo.
 - Hum...
 - O que foi?
 - Suponha que eles *tenham atirado* em todo mundo.
 - Não atiraram.
 - Mas suponha que tenham atirado, porque era o único modo de garantir que conseguiriam matar quem estavam perseguindo. E se os policiais chegassem mais tarde e encontrassem todos aqueles corpos, todas aquelas pessoas mortas na rua? O que pensariam?
 - O que os policiais pensariam? Não faço ideia. Talvez que algum maníaco estivesse matando fiéis da igreja?
- Gurney assentiu.
- Exato. Principalmente se recebessem no mesmo dia uma carta de alguém que dizia que os religiosos eram o lixo da Terra e que o plano dele era matar todos.
 - Mas... espere um minuto. – Madeleine pareceu incrédula. – Você está sugerindo que o Bom Pastor matou todas aquelas pessoas porque não sabia quem era o alvo de verdade? E que simplesmente ficou atirando em pessoas com certo tipo de carro até ter certeza de ter acertado a pessoa que desejava?
 - Não sei. Mas pretendo descobrir.

Madeleine balançou a cabeça.

– Não sei como... – Mas nesse momento foi interrompida pelo som do telefone fixo na bancada perto da geladeira. – É melhor atender. Deve ser “você sabe quem”.

Ele atendeu. E era.

– Já terminou aquela porra de banho?

– Bom dia, Jack.

– Recebi o e-mail com sua premissa de investigação e com a lista de perguntas.

– E?

– Seu argumento é que existe um conflito de estilo entre o texto do manifesto e as ações do atirador?

– Pode-se colocar dessa forma.

– Você diz que o *modus operandi* do assassino prova que ele é prático, frio, calmo e concentrado demais para ter os pensamentos que apresentou no manifesto. Estou entendendo direito?

– O que eu quero dizer é que existe uma falta de conexão aí.

– Sei. Muito interessante. Só que isso mais cria um problema do que resolve.

– Como?

– Você afirma que o motivo para os assassinatos é diferente do que foi explicitado no manifesto.

– Isso.

– Logo, as vítimas foram escolhidas por outro motivo, não por gastarem uma fortuna em artigos luxuosos, não por serem filhas da puta gananciosas que mereciam morrer?

– Isso.

– Então esse gênio da praticidade e da frieza tinha um motivo pragmático, não revelado, para assassinar aquelas pessoas?

– Isso.

– Está vendo o problema?

– Que problema?

– Se o verdadeiro motivo do atirador para escolher cada vítima não era o fato de ele, ou ela, estar ao volante de um Mercedes de 100 mil dólares, então temos que acreditar que estar ao volante de um Mercedes de 100 mil

dólares era irrelevante. Uma porra de uma coincidência. Alguma vez você já deparou com algo assim, Davey, meu garoto? Seria como descobrir que cada vítima das fraudes de Bernie Madoff por acaso tinha um duende tatuado na bunda. Entende o que eu quero dizer?

– Entendo, Jack. Mais alguma coisa no meu e-mail incomoda você?

– Na verdade, sim: outra de suas perguntas. De fato, três perguntas que de certa forma giram em torno da mesma questão: todos os assassinatos têm a mesma importância? A sequência dos crimes é significativa? Algum deles foi consequência de outro? Eu queria saber o que existe neste caso que o levou a pensar nessas perguntas.

– Às vezes o que atrai minha atenção é o que está faltando. E, devido à natureza da teoria oficial sobre este caso, falta um monte de coisas: caminhos alternativos a serem explorados, perguntas que deveriam ter sido feitas mas não foram. A suposição básica desde o início foi que os crimes eram componentes idênticos de uma declaração filosófica que o assassino estava fazendo. Assim que todo mundo concordou com isso, ninguém os viu como acontecimentos distintos que poderiam ter propósitos diferentes. Mas é possível que os assassinatos não tivessem todos a mesma importância, ou que nem todos tenham sido praticados pelo mesmo motivo. Está me acompanhando, Jack?

– Não tenho muita certeza. Você tem alguma dúvida específica?

– Já viu um filme francês chamado *O homem do guarda-chuva preto*?

Ele não tinha assistido nem ouvido falar a respeito. Então Gurney contou a história e no fim fez a mesma especulação que havia levantado com Madeleine: e se os atiradores tivessem matado todo mundo?

Depois de um longo silêncio, Hardwick respondeu mais ou menos o que Madeleine tinha falado:

– Você está dizendo que os cinco primeiros assassinatos foram *erros*? E que o assassino finalmente acertou no sexto? Me ajude a entender. Quero dizer, se ele era um profissional, como os caras do filme, que informações ele recebeu sobre o alvo? Só que a pessoa dirigia um Mercedes top de linha? Aí ele teve que andar por aí à noite atirando em motoristas com a maior pistola do mundo para ver se matava a pessoa certa? Estou tendo alguma dificuldade com isso.

– Eu também. Mas sabe de uma coisa? Estou começando a ter a sensação

de que posso estar no caminho certo, apesar de não ter certeza de onde ele vai dar.

- *Certeza?* Que tal dizer que não tem a mínima *ideia* de onde vai dar?
- Você precisa ter pensamentos mais positivos.
- Tem mais alguma pérola de sabedoria para compartilhar, Sherlock, antes que eu vomite?
- Só uma coisa: o agente especial Trout está obcecado pela possibilidade de eu ter acesso a informações privilegiadas que não estou legalmente autorizado a possuir. Fique atento, Jack.
- Quero que Trout se foda. Existe algum outro segredo de Estado que você precisa que eu descubra?
- Já que perguntou, você teve algum progresso na busca a Emilio Corazón?
- Por enquanto, não. Ele conseguiu se transformar num homem invisível.

Às 8h45, Madeleine saiu para trabalhar. Ainda chovia.

Gurney foi ao escritório, imprimiu uma cópia de seu e-mail para Hardwick, começou a rever a lista de perguntas que tinha redigido e parou na que dizia “Por que os assassinatos aconteceram naquela época específica, a primavera de 2000?”. Quanto mais ele acreditava que as mortes tinham sido pragmáticas, mais significativo se tornava o elemento temporal.

Geralmente, os assassinatos ligados a uma missão psicótica assumem duas formas: o tipo big bang, no qual o atirador invade um lugar com alvos múltiplos, como um correio ou uma mesquita, e começa a disparar sem plano de fuga. Em 99 por cento das ocorrências esses homens (são sempre homens) acabam atirando em si mesmos quando não resta mais ninguém em que possam matar. E há o outro tipo: os caras que ficam na ativa durante dez ou vinte anos. Esses gostam de explodir a cabeça ou a mão de alguém com uma carta-bomba a cada um ou dois anos, mas não têm muita vontade de se matar.

Os assassinatos cometidos pelo Bom Pastor não pareciam se encaixar em nenhuma das duas categorias. Havia uma frieza palpável, uma falta de emoção no planejamento e na execução dos crimes. Era isso que Gurney dizia a si mesmo quando o telefone tocou, às 9h15.

Era Hardwick de novo, mas seu tom estava mais sério do que antes:

– Qualquer que seja o caminho onde tudo isso vai dar, ele só piora. Ruth Blum apareceu morta.

O primeiro pensamento de Gurney, que o deixou imediatamente nauseado, foi que ela levara um tiro na cabeça, assim como o marido dez anos antes. A imagem que saltou à sua mente foi a do cabelo de cachorrinho Yorkshire misturado numa gosma de sangue e miolos.

– Ah, meu Deus! Não! Onde? Como?

– Na casa dela. Um furador de gelo no coração.

– O quê?

– Você está surpreso ou surdo?

– Um furador de gelo?

– Um único golpe, de baixo para cima, até o esterno.

– Minha nossa... Quando?

– Em algum momento depois das onze da noite de ontem.

– Como se sabe disso?

– Ela publicou uma postagem no Facebook às 22h58 e o corpo foi achado às 3h40.

– É a mesma casa onde ela morava dez anos atrás, quando...

– Isso. Mesma casa. Também é a mesma casa onde a pequena Kimmy a entrevistou para o programa na RAM-TV.

A mente de Gurney estava a toda a velocidade.

– Quem a encontrou?

– Policiais da delegacia de Auburn, na Zona E. É uma longa história. Uma amiga dela que mora em Ithaca ficou acordada até tarde e leu a postagem dela no Facebook. Achou perturbadora e perguntou, nos comentários, se ela estava bem. Como Ruth não respondeu, ela mandou um e-mail, que também não teve resposta. Então ela começou a ligar para o celular da amiga e ninguém atendia. Só caía na caixa postal. Aí ela entrou em pânico e ligou para a polícia local. Eles a transferiram para o departamento do xerife, de onde a transferiram mais uma vez, agora para a delegacia de Auburn, que contatou uma viatura que estava na vizinhança. Quando chegou à casa de Ruth, o patrulheiro encontrou tudo em silêncio, sem problemas, sem sinais de distúrbio, sem...

– Espere um segundo. Você sabe o que dizia a postagem de Ruth Blum

que originou tudo isso?

- Acabei de mandar por e-mail para você.
- Como você teve acesso a isso?
- Andy Clegg.
- Quem diabo é Andy Clegg?
- Um cara novo da Zona E. Você não se lembra dele?
- Deveria?
- Do caso Piggert.
- Ah, sim. Tenho uma vaga lembrança. Mas não me lembro da cara dele.
- O primeiro trabalho dele depois que saiu da Academia de Polícia foi atender ao meu pedido de reforços quando encontrei metade do corpo da Sra. Piggert. Foi a primeira oportunidade oficial do Andy de vomitar. E ele a aproveitou como poucos.

O infame caso de incesto e assassinato de Peter Piggert tinha sido o início do relacionamento tenso mas produtivo entre Hardwick e Gurney. Na época, Gurney era do Departamento de Polícia de Nova York e Hardwick trabalhava na Polícia do Estado de Nova York. Cada um investigava o caso Piggert dentro de sua própria jurisdição quando um acaso grotesco os reuniu. Separados por mais de 150 quilômetros, cada um deles descobriu, no mesmo dia, uma metade do mesmo corpo.

– Nós conhecemos o jovem Andy Clegg numa comemoração depois que você conseguiu colocar as mãos no esquivo Sr. Piggert, o desgraçado que matou a própria mãe. Andy ficou impressionadíssimo com suas habilidades, e não muito menos com as minhas. Depois daquilo nós continuamos mantendo contato.

– E tudo isso leva a quê?

– Quando as informações básicas sobre a morte de Blum com o furador de gelo chegaram, hoje cedo, fiz uma ligação amigável para o detetive Clegg e fiquei sabendo da história toda. Achei que era naquele momento ou nunca mais, porque, assim que Trout ficar sabendo da história e deduzir as implicações, vai dizer que o homicídio faz parte de sua investigação aberta do caso do Bom Pastor e fechará a porta na nossa cara.

– O que nos traz de volta à minha pergunta. O que dizia a postagem de Ruth...

– Abra seu e-mail.

– Certo.

Gurney pousou o telefone e acessou a caixa de entrada. Ali estava.

Postado por Ruth J. Blum:

Que dia! Passei um tempão imaginando como seria o primeiro episódio de *Os órfãos do assassinato*. Fiquei tentando lembrar as coisas que Kim havia me perguntado quando veio aqui e minhas respostas. Não consegui lembrar tudo. Achei que tivesse conseguido expressar o que sentia de verdade. Acredito, como Kim diz, que às vezes a TV não entende o ponto. Eles se concentram demais no lado sensacionalista das coisas, e não no que realmente importa. Eu esperava que o programa fosse ser diferente, porque Kim parecia diferente. Mas agora não sei mais. Fiquei um pouco decepcionada. Acho que eles devem ter cortado uma parte muito grande da nossa entrevista para dar espaço aos “especialistas”, aos comerciais e às outras coisas. Vou ligar de manhã para Kim e perguntar sobre isso.

Desculpem, mas preciso parar agora. Tem alguém na entrada de veículos. É mole? São quase onze da noite. Quem será? É um daqueles jipes grandes que parecem um carro militar. Depois eu volto.

Gurney leu a postagem de novo antes de pegar o telefone.

– Ainda está aí, Jack?

– Estou. Então a amiga dela em Ithaca estava checando os e-mails por volta da meia-noite e viu entre eles uma notificação do Facebook. Ela clicou no link e viu a mensagem que Ruth tinha postado às 22h58, aparentemente antes de descer para ver quem estava no carro de estilo militar, na entrada de veículos. Podia ser um Hummer, o que você acha?

– Podia.

Gurney visualizou o Humvee de Max Clinter, pronto para o combate, com pintura de camuflagem.

– Bom, se não era um Hummer, que diabo era? Enfim, aí a amiga fez todos os esforços para contatar Ruth e, como eu disse, um policial acabou indo verificar e decidiu que tudo parecia em ordem. Já estava indo embora quando a amiga ansiosa apareceu de carro, depois de dirigir 40 quilômetros desde Ithaca, e insistiu que precisavam arrombar a porta da casa, porque ela achava que alguma coisa ruim podia ter acontecido. Disse que, se o policial não arrombasse a porta, ela mesma o faria. Os dois começaram a discutir, o jovem policial quase a prendeu, então apareceu outro patrulheiro, mais velho e mais sensato, e acalmou todo mundo. Aí eles começaram a vasculhar o lado de fora da casa e acabaram encontrando uma janela aberta. Houve mais uma discussão, mais debates etc. etc.

Resumindo, os policiais finalmente entraram e encontraram o corpo de Ruth Blum.

– Onde?

– No saguão de entrada, perto da porta da frente. Como se ela tivesse aberto a porta e *pou!*

– A perícia tem certeza que a arma era um furador de gelo?

– Não houve muita dúvida. Segundo Clegg, aquela merda ainda estava cravada nela.

– Você não acha que ele me deixaria entrar na casa, não é?

– De jeito nenhum. O lugar foi lacrado com um quilômetro de fita amarela por caras que estão lá exclusivamente para manter a cena do crime impecável até que os peritos saiam e a equipe do BIC entregue o caso ao FBI. Com certeza não vão colocar o rabo deles na reta para que um figurão aposentado da polícia possa fazer um passeio pela casa.

Gurney estava doido para ver aquilo tudo com os próprios olhos. Ouvir a descrição de uma cena tinha talvez dez por cento do valor de estar lá. Mas ele achava que Hardwick estava certo. Não conseguia pensar em nenhuma vantagem para que alguém do BIC, menos ainda do FBI, o ajudasse. Isso o fez pensar mais uma vez em qual seria a motivação de Hardwick. Toda vez que o sujeito lhe repassava informações de um arquivo confidencial ou de uma fonte interna, ele se arriscava. E andava fazendo isso um bocado de vezes.

Será que ele valorizava tanto a busca pela verdade a ponto de ignorar qualquer preocupação com as regras ou com a própria carreira? Ou será que era impelido por um desejo obsessivo de constranger os poderosos? Ou será, ainda, que o próprio risco, a emoção de estar à beira do penhasco, o atraía com a mesma força com que repelia pessoas mais equilibradas? Não era a primeira vez que Gurney se fazia essas perguntas, e de novo concluiu que a resposta provavelmente era sim para todas elas.

– Então, Davey, meu garoto... – A voz de Hardwick chamou sua atenção de volta para o assunto principal. – A trama se complica. Ou talvez isso torne tudo mais claro para você. Qual das duas opções?

– Não sei, Jack. Acho que um pouco das duas. Depende do que acontecer em seguida. Nesse meio-tempo, isso foi tudo o que Clegg contou a você?

– Quase tudo. – Hardwick hesitou. Sua atração por pausas dramáticas

sempre enfurecia Gurney, mas era um preço aceitável a pagar pelo que em geral vinha em seguida. – Lembra os animaizinhos de plástico que o Bom Pastor deixava nas cenas dos crimes?

– Lembro.

Na verdade, Gurney estivera pensando neles naquela manhã, imaginando qual seria a explicação para a presença deles perto dos corpos.

– Bom, acharam um nessa madrugada também, equilibrado delicadamente nos lábios de Ruth Blum.

– Nos lábios?

– Isso mesmo.

– Que tipo de animal?

– Clegg acha que era um leão.

– O leão não foi o primeiro animal na sequência original de seis?

– Boa memória, ás. E aí, quais são as chances de esperarmos o aparecimento de mais cinco?

Gurney não tinha resposta para isso.

Assim que terminou de falar com Hardwick, ligou para Kim. Imaginou se ela ainda estaria no apartamento de Kyle, se os dois estariam juntos na cama, quais seriam os planos deles para o dia, se eles sabiam...

O telefonema caiu na caixa postal e ele deixou um recado direto: “Oi. Não sei se já deu no noticiário, mas Ruth Blum está morta. Foi assassinada em casa, em Aurora, ontem à noite. É possível que o Bom Pastor tenha voltado, ou que alguém queira que a gente pense isso. Me ligue assim que puder.”

Em seguida tentou o número de Kyle, que também caiu na caixa postal, e deixou o mesmo recado.

Ficou olhando pela janela do escritório para a encosta molhada do morro. A chuva havia parado, mas as calhas continuavam a pingar. As novas informações fornecidas por Hardwick estavam mais confundindo do que ajudando seu raciocínio. Eram peças demais, que tornavam impossível enxergar o caminho através do labirinto. Para dar um passo à frente, era preciso primeiro saber *onde* ficava a frente. Gurney foi dominado por uma sensação desesperadora de que o tempo estava se esgotando, de que o fim do jogo se aproximava depressa, sem que ele ao menos soubesse o que isso significava.

Precisava fazer *alguma coisa*.

Por falta de ideia melhor, pegou o carro e partiu para Aurora.

Duas horas depois, ele entrava na estrada estadual que seguia ao longo do lago Cayuga, com o GPS indicando que faltavam apenas 5 quilômetros para o endereço de Ruth Blum. O lago e as casas às suas margens podiam ser vistos através de uma linha de árvores à esquerda. À direita, separada da estrada por uma profunda vala de drenagem coberta de capim, ficava uma paisagem bucólica de campinas e bosques que subiam em direção a um horizonte de milharais. Num plano mais elevado da estrada, havia três estabelecimentos comerciais localizados entre várias casas mais antigas e bem cuidadas: um posto de gasolina, uma clínica veterinária e uma oficina de lanternagem em cujo estacionamento havia meia dúzia de carros em vários estágios de conserto.

Pouco depois da oficina, Gurney entrou numa longa curva e viu, do lado esquerdo da estrada, as primeiras indicações de uma cena de crime: várias viaturas da polícia local, do condado e do estado. Havia também quatro vans: duas que pareciam ser da imprensa local, com parabólicas em cima; uma com o emblema da Polícia do Estado de Nova York, onde Gurney achou que devia estar a parafernália da equipe de coleta de provas; e uma sem qualquer identificação, provavelmente do fotógrafo da perícia. Não havia sinal nenhum de rabecão, o que significava que um médico-legista já havia aparecido e o corpo fora transportado do lugar.

Enquanto se aproximava, Gurney contou seis policiais uniformizados com várias insígnias de jurisdições diferentes, uma mulher e um homem com as roupas formais preferidas dos detetives, um perito em coleta de provas com um macacão branco e luvas de látex e uma repórter de TV vestida elegantemente e acompanhada de dois técnicos de rabo de cavalo.

Havia um patrulheiro uniformizado no meio da estrada afastando qualquer carro que diminuísse a velocidade ao passar por ali. Quando chegou ao lado do patrulheiro, na frente da casa de Ruth Blum, Gurney viu que as fitas de isolamento da polícia abarcavam a propriedade inteira. Enfiou a mão no porta-luvas, pegou uma carteira de couro fina e abriu-a, revelando um distintivo dourado do DPNY com a palavra APOSENTADO escrita embaixo, em letras pequenas.

Antes que o patrulheiro pudesse examinar a identificação com atenção, Gurney jogou-a de volta no porta-luvas e perguntou se o investigador-chefe

Jack Hardwick se encontrava no local.

O quepe do patrulheiro estava inclinado para a frente, com a aba rígida sombreando seus olhos.

– Jack Hardwick, do BIC?

– Isso.

– Existe algum motivo para ele estar aqui?

Gurney deu um suspiro profundo.

– Estou trabalhando numa investigação que pode envolver Ruth Blum.

Hardwick sabe disso.

O patrulheiro pareceu ter dificuldades para decifrar essa resposta.

– Como você se chama?

– Dave Gurney.

O sujeito o encarou com a mistura de educação e desconfiança com que a maioria dos policiais olha para estranhos.

– Encoste ali na frente – disse ele, apontando para um espaço no acostamento entre a van da equipe de perícia e uma das vans da imprensa.

– Fique no carro.

Em seguida se virou e andou na direção de um grupo de três pessoas que conversavam acirradamente perto da entrada de veículos. Falou com uma mulher corpulenta de cabelos curtos e castanhos que usava um casaco azul-marinho e uma calça da mesma cor. O homem grisalho à direita dela estava de macacão branco e o mais novo, à esquerda, de terno escuro, camisa branca e gravata escura – a vestimenta-padrão de detetives, papa-defuntos e mórmons. Os ombros musculosos, o pescoço grosso e o cabelo de corte militar deixavam claro a qual desses grupos ele pertencia.

Enquanto o patrulheiro falava com eles, os três olharam ao mesmo tempo para Gurney. O mais novo começou a sorrir e a falar rapidamente com a mulher enquanto gesticulava para o carro dele.

Seu sorriso acionou uma lembrança distante na mente de Gurney.

– Detetive! – gritou a mulher, levantando a mão para atrair a atenção dele.

– Detetive Gurney!

Assim que ele saiu do veículo, ouviu o latejar ruidoso de um helicóptero. Olhou para o alto e, acima das copas das árvores, viu a aeronave formar um círculo vagaroso. Seu olhar foi atraído para a palavra RAM pintada na base da cabine com letras brancas gigantescas. A visão lhe provocou uma careta

involuntária.

– A tenente Bullard quer falar com o senhor.

O patrulheiro tinha voltado para perto de Gurney e estava levantando o cordão de isolamento para que ele pudesse entrar na área cercada. Seu tom pareceu mais autoritário do que gentil.

Gurney se curvou para passar por baixo da fita e, ao fazer isso, não pôde deixar de notar a presença de terra que se acumulara dentro do longo sulco que separava a entrada de veículos do acostamento da estrada. Enquanto ele fazia uma pausa para ver melhor, o patrulheiro largou a fita sobre ele e voltou a organizar o tráfego.

Quando Gurney se empertigou, o rapaz de terno escuro que lhe era familiar estava vindo em sua direção.

– Provavelmente o senhor não se lembra de mim. Meu nome é Andrew Clegg. Nós nos conhecemos durante a investigação do...

Gurney o interrompeu dizendo calorosamente:

– Eu me lembro de você, Andy. Parece que foi promovido.

O jovem deu mais uma vez o sorriso que o transformava num adolescente.

– No mês passado. Enfim consegui entrar para o BIC. O senhor foi uma das minhas inspirações.

Enquanto falava, ele conduzia Gurney em direção à mulher corpulenta, que continuava conversando com o perito de macacão branco.

– Se quiser ensacar o tapete e levá-lo, tudo bem. Você decide – dizia ela. Então se virou para Gurney com uma expressão atenta e profissional. – Andy me falou que você e Jack Hardwick trabalharam juntos no caso Piggert. É verdade?

– É, sim.

– Parabéns. Foi uma grande vitória para os mocinhos.

– Obrigado.

– O caso do Papai Noel Satânico que ele resolveu foi uma vitória maior ainda – comentou Clegg.

– Papai Noel...? – Ela fez uma cara de quem estava tentando se lembrar. – Não foi aquele psicopata que cortava pedaços de pessoas e mandava para policiais?

– Embrulhados para presente! Como presentes de Natal! – exclamou

Clegg, obviamente mais encantado do que horrorizado.

Ela encarou Gurney, pasma.

– E você...?

– Aconteceu de eu estar no lugar certo na hora certa.

– Impressionante. – Ela estendeu a mão. – Sou a tenente Bullard. E o senhor claramente não precisa de mais apresentações. A que devemos o prazer?

– A esta situação com Ruth Blum.

– Como assim?

– Vocês viram o programa com ela ontem à noite na RAM-TV?

– Ouvi falar. Por quê?

– Porque ele pode ajudar vocês a entender o que aconteceu aqui.

– Como?

– A atração foi a primeira exibição de uma série que aborda os efeitos dos seis assassinatos cometidos pelo Bom Pastor em 2000. O que aconteceu aqui foi, quase com certeza, o sétimo homicídio dele. E podem vir outros.

Qualquer cordialidade que tivesse havido na expressão da tenente deu lugar a um olhar frio.

– O que exatamente o senhor está fazendo aqui?

Ele começou a avaliar suas palavras com muito cuidado, mas depois pensou: *Que se dane!*

– Eu vim até aqui porque acho que os agentes do FBI entenderam o caso de forma errada desde o primeiro dia, e o que aconteceu nesta casa pode provar isso.

A expressão dela era difícil de decifrar.

– O senhor disse a eles o que acha?

Gurney deu um sorriso rápido.

– O resultado não foi muito bom.

Ela balançou a cabeça.

– Não entendi direito o que o senhor quer dizer. Não sei em nome de quem ou sob que autoridade está aqui. – Ela olhou para Clegg, que se remexeu, inquieto, de um pé para o outro. – Andy me informou que o senhor já se aposentou. Nós estamos nas primeiras horas, as horas cruciais, de uma investigação de assassinato. Então, a não ser que consiga me explicar muito bem sua presença aqui, terá que ir embora. Espero ter sido

clara sem parecer grosseira.

– Entendo – respondeu ele. Depois respirou fundo e falou: – Eu fui contratado como consultor pela mulher que entrevistou Ruth Blum e andei dando uma boa olhada no caso do Bom Pastor. Cheguei à conclusão de que existe uma falha enorme na teoria consagrada. Espero que a investigação deste assassinato não seja estragada, como aconteceu com a dos seis primeiros, mas infelizmente parece que já há um problema.

– Como assim?

– Ele não estacionou na entrada de veículos.

– Do que o senhor está falando?

– O homem que matou Ruth Blum não parou nesta entrada de veículos. Se vocês acham que ele fez isso, nunca vão entender o que aconteceu aqui.

A tenente lançou um olhar na direção de Clegg, talvez para ver se ele sabia mais sobre aquele desafio inesperado do que ela, mas a expressão dele só demonstrava surpresa e confusão. Ela fitou Gurney de novo e depois checou as horas em seu relógio de pulso.

– Vamos lá para dentro. Vou lhe dar exatamente cinco minutos para conseguir se fazer entender. Enquanto isso, Andy, fique aqui de olho nos abutres da TV. Eles não podem colocar nem um dedo do pé deste lado da fita.

– Sim, senhora.

Ela seguiu com Gurney por um gramado inclinado na lateral da casa, depois os dois subiram os degraus da varanda dos fundos, que ele reconheceu como o local da entrevista de Kim com Ruth Blum. Em seguida, passaram por uma porta que ligava a varanda a uma grande copa-cozinha. Um fotógrafo estava sentado a uma mesa no canto, transferindo fotos de uma câmera digital para um laptop.

A tenente olhou a cozinha ao redor, mas o lugar não oferecia muita privacidade.

– Desculpe, Chuck, mas você poderia nos dar licença um minutinho?

– Sem problema, tenente. Posso terminar isso na van.

Ele recolheu o equipamento e saiu um instante depois.

A tenente acomodou-se numa cadeira junto à mesa onde estava o técnico e fez um sinal para que Gurney se sentasse em outra.

– Muito bem – disse ela. – Meu dia até agora não foi nada fácil e ainda está

muito longe de terminar. Não tenho tempo a perder, então gostaria que o senhor fosse bem claro e rápido. Pode começar.

– O que a faz pensar que ele parou na entrada de veículos?

Ela estreitou os olhos.

– O que faz o senhor achar que eu penso isso?

– O modo como vocês três estavam parados perto dela quando cheguei, tendo todo o cuidado para não pisar nela, embora àquela altura a equipe da perícia já devesse ter acabado de examiná-la. Isso me faz acreditar que ela está sendo resguardada para uma análise mais completa. Por que estão convencidos de que ele parou ali?

Ela o avaliou por algum tempo antes que um sorrisinho cínico aparecesse em seus lábios.

– O senhor já sabe alguma coisa, não sabe? Onde aconteceu o vazamento?

– Não faz nenhum sentido seguir por esse caminho. O FBI já fez isso. É um confronto que só gera perda de tempo.

Ela o examinou de novo, dessa vez por menos tempo, depois pareceu chegar a uma decisão.

– A vítima publicou uma postagem na página dela no Facebook ontem à noite. Depois de alguns comentários sobre o programa na RAM-TV, descreveu um carro chegando à entrada de veículos enquanto ela estava sentada dentro de casa, usando o computador. Por que eu tenho a sensação de que o senhor já sabia de tudo isso?

Gurney ignorou a pergunta.

– Que tipo de carro?

– Grande. Parecia um veículo militar. Ela não mencionou marca nem modelo.

– Jipe? Land Rover? Hummer? Algo assim?

Ela assentiu.

– Então a teoria é que ele parou na entrada de veículos, subiu até a porta da frente, bateu e... o quê? Matou-a na soleira? Ela o deixou entrar? Ela o conhecia? Não o conhecia?

– Calminha aí. O senhor perguntou por que nós achamos que o assassino, ou alguém que por coincidência a visitou mais ou menos na hora em que ela foi morta, parou na entrada de veículos. Eu já respondi. Achamos isso porque a própria vítima disse que foi o que aconteceu. É o relato dela,

postado em sua página no Facebook antes de ser morta. – A expressão de triunfo da tenente Bullard tinha um discreto sinal de preocupação. – Então agora o senhor me deve uma explicação breve e clara de por que acha que Ruth Blum diria essas coisas se não fossem verdade.

– Ela não disse.

– O quê?

– As coisas não aconteceram desse modo. A situação que você apresentou não faz nenhum sentido. Em primeiro lugar, antes de chegarmos à questão lógica, vocês têm um problema de prova física no fim da entrada de veículos.

– Que problema de prova física?

– O chão está quase seco. Há quanto tempo foi a última chuva?

Ele sabia quando fora a última chuva em Walnut Crossing, mas o sistema climático ao redor de Finger Lakes costumava ser bem diferente.

Ela pensou por um momento.

– Ontem de manhã. Por volta do meio-dia não estava mais chovendo. Por quê?

– Há uma tira de terra numa fenda ali na beira da estrada, de uns 2,5 centímetros de largura. Qualquer um que seguisse pela entrada de veículos teria que passar por cima dela, a não ser que fosse pelo mato e atravessasse o gramado. Mas aquela tirinha de terra não parece ter sido mexida pelo menos desde a última chuva.

– Dois centímetros e meio não são necessariamente o bastante para achar...

– Talvez não, mas é algo sugestivo. Além disso, há o fator psicológico. Se o Bom Pastor está de volta, se esta foi a sétima vítima, o que já sabemos sobre ele tem que se encaixar nisso.

– Como o quê, por exemplo?

– Uma das coisas que sabemos é que ele é cauteloso ao extremo, avesso a riscos. E aquela entrada de veículos é exposta demais. Qualquer carro parado ali, em especial do tamanho de um Hummer, ficaria com o para-choque traseiro praticamente na estrada. Muito chamativo, muito fácil de identificar. Qualquer policial que estivesse fazendo a ronda no momento poderia ficar curioso com um carro estranho assim, parar para dar uma olhada e verificar o número da placa nos registros.

A tenente Bullard franziu a testa.

– Mas o fato é que Ruth Blum foi morta, e, se o assassino veio até aqui de carro, tinha que parar em algum lugar. Então o que o senhor está dizendo? Onde ele parou? No acostamento? Isso seria mais exposto ainda.

– Acho que foi na oficina de lanternagem.

– Onde?

– A quase um quilômetro daqui, na rodovia estadual, voltando em direção a Ithaca, há uma oficina de lanternagem. Há alguns carros e picapes num estacionamentozinho ao lado, esperando para serem consertados ou apanhados. É o único lugar na vizinhança onde um veículo desconhecido não levantaria suspeitas nem seria notado. Se eu fosse matar alguém nesta casa no meio da noite, pararia lá e depois andaria o restante do caminho por aquela vala funda na beira da estrada, para não ser visto por motoristas que passassem.

Ela olhou para o tampo da mesa, como se tentasse ver as possibilidades num jogo imaginário de palavras cruzadas. Fez uma careta.

– *Em teoria*, pode fazer sentido. O problema é que o texto dela no Facebook se refere especificamente a um veículo parando...

– Você quer dizer: o texto no Facebook.

– Não entendi o que...

– Você está presumindo que *ela* postou.

– A conta era dela, a página era dela, o computador era dela, a senha era dela.

– O assassino não poderia ter arrancado a senha dela antes de matá-la, acessado a página e escrito o texto?

Bullard encarou o tampo da mesa com mais atenção ainda. Balançou a cabeça, insegura.

– Isso é *concebível*. Mas, assim como sua teoria da oficina de lanternagem, não há provas que sustentem essa visão.

Gurney sorriu diante dessa abertura.

– Depois que seus técnicos confirmarem que a terra na rachadura da entrada de veículos não foi mexida, peça que eles visitem a oficina e procurem marcas de pneus relativamente frescas que não correspondam a nenhum veículo que está lá.

– Mas... por que o assassino gastaria tempo se dando o trabalho de postar

um texto daqueles no Facebook?

– Para despistar a investigação. Ele é muito bom nisso.

Algo na expressão dela deixou claro que a tenente estava aberta a qualquer migalha de informação em que pudesse pôr as mãos.

– O que você sabe sobre o caso original? – perguntou ele.

– Não o suficiente – admitiu ela. – Alguém do escritório de campo do FBI está a caminho daqui para me atualizar. Por falar nisso, vou precisar do seu endereço, e-mail e números de telefone em que possa ser encontrado 24 horas por dia. O senhor tem algum problema com isso?

– Nenhum.

– Vou lhe dar meu e-mail e o número do celular. Posso supor que o senhor vá me informar sobre qualquer fato relevante que descobrir, não é?

– Ficarei feliz em fazer isso.

– Certo. Estou totalmente sem tempo aqui. A gente se fala de novo.

Quando Gurney saiu da casa, o helicóptero da RAM-TV ainda circulava ruidosamente, com o rotor soltando as poucas folhas mortas ainda grudadas aos galhos mais altos das árvores, fazendo-as cair em redemoinhos. Antes que pudesse chegar ao carro, Gurney foi interceptado pela repórter de cabelo sedoso e maquiagem carregada com um microfone na mão e um câmara atrás.

– Meu nome é Jill McCoy, do *De olho nas notícias*, de Syracuse! – gritou ela com uma expressão de curiosidade alarmada que era padrão em sua profissão. – Fui informada que o senhor é o detetive Dave Gurney, que a revista *New York* chamou de *supertira*. Dave, é verdade que o Bom Pastor, o infame assassino em massa, atacou de novo?

– Com licença – respondeu Gurney, forçando a passagem por ela.

A mulher estendeu o microfone para ele, gritando um monte de perguntas às suas costas enquanto ele abria o carro, entrava, fechava a porta e girava a chave.

– Ela foi morta por causa do programa de TV? De algo que disse? Esse caso terrível é complicado demais para nossa polícia local? Foi por isso que chamaram o senhor? De que forma o senhor está envolvido na investigação? É verdade que o senhor tem um problema com o FBI? Que problema é esse, detetive Gurney?

Enquanto ele saía devagar da vaga, a câmara de vídeo estava a

centímetros de sua janela lateral. O guarda de trânsito não fazia nada para aliviar o problema. Na verdade, encontrava-se totalmente absorvido numa conversa com um sujeito que tinha acabado de chegar. Ao pegar a estrada estadual, Gurney conseguiu vislumbrar o homem: compacto, cabelos escuros, sério. Essas características foram suficientes para Gurney reconhecê-lo.

Era Daker.

Capítulo 32

O multiplicador

Enquanto Gurney fazia a primeira curva na estrada, avistou a oficina de lanternagem. Diminuiu a velocidade enquanto passava, atento à placa no prédio de blocos de concreto: LAKESIDE COLLISION. Ainda estava convencido de que ali era o melhor lugar para estacionar um carro sem chamar atenção.

Na metade do caminho para Walnut Crossing, passou por um outdoor da Verizon Celular, o que o fez se lembrar de que havia desligado seu aparelho na cozinha da casa de Ruth Blum, quando se sentara com Bullard. Ligou-o de novo para pegar os recados. Havia sete novos. Antes de ter chance de ouvir algum, o telefone começou a tocar.

Gurney atendeu.

Era Kyle, e ele parecia agitado.

- Estamos tentando falar com você há uma hora.
- Qual é o problema?
- Kim está totalmente surtada. Já deixou três recados na sua caixa postal.
- Por causa do que aconteceu com Ruth Blum?
- Principalmente. Mas também por causa da exibição do *Órfãos* ontem à noite na TV. Ela detestou o modo como montaram o programa, o que cortaram e o que acrescentaram, sobretudo aqueles dois panacas. Está muito chateada.
- Onde ela está?
- No banheiro, chorando. De novo. Espere, acabei de ouvir a porta se abrir. Espere um pouco.

Gurney ouviu, ao fundo, Kim perguntar a Kyle com quem ele estava

falando, depois a voz do filho dizendo “Com meu pai” e então Kim fungando e assoando o nariz. Em seguida escutou o som do telefone sendo entregue a ela, vozes abafadas, mais assoadas de nariz e pigarros.

Enfim ela levou o fone ao ouvido e disse:

– Dave?

– Sou eu.

– Isso tudo é um pesadelo. Não acredito que esteja acontecendo. Quero dormir, acordar de novo e descobrir que nada disso é real.

– Espero que você não esteja se culpando pelo que aconteceu com Ruth.

– É claro que estou!

– Você não é responsável por...

Kim interrompeu-o, com o tom de voz se elevando:

– Ela não estaria morta se eu não a tivesse convencido a participar desse programa ridículo!

– Você não é culpada da morte dela, e também não é responsável pelo que a RAM-TV fez com sua entrevista, ou pelo que eles acrescentaram, ou pelo modo como...

– Eles cortaram minha entrevista pela metade e a cercaram com todos os absurdos proferidos por aqueles supostos *especialistas*. – Ela pronunciou a palavra como se estivesse cusbindo. – Ah, meu Deus, eu só quero sumir. Apagar tudo. Apagar tudo o que matou Ruthie.

– Quem a matou foi um assassino.

– Mas isso não teria acontecido se...

– Escute, Kim. Um assassino matou Ruth Blum. Um assassino com objetivos pessoais. Provavelmente o mesmo que matou o marido dela, há dez anos.

Ela ficou em silêncio. Gurney podia ouvi-la respirando. Inspirações e expirações lentas e trêmulas. Quando ela finalmente conseguiu falar, seu estado próximo da histeria havia se transformado em sofrimento puro:

– Era isso que Larry Sterne ficava me dizendo. Tudo acabou se tornando verdade. Ele falava que a RAM-TV iria distorcer tudo e transformar em algo barato e terrível. Que eles saberiam melhor como me usar do que eu a eles, que só se importavam em ter a maior audiência possível, que o preço do meu projeto seria muito maior do que as recompensas. Ele estava certo. Totalmente certo.

- O que você quer fazer?
- Fazer? Quero me afastar o máximo possível da RAM-TV. Quero cair fora.
- Você disse isso a Rudy Getz?
- Disse.

Havia insegurança na voz dela.

- Mas...? – perguntou Gurney.
- Liguei para ele hoje de manhã, antes de ouvir o seu recado sobre a morte de Ruth. Falei que estava decepcionada, que o programa não era nem um pouco parecido com o que nós havíamos combinado.

- E?
- Disse a ele que, se é para ser assim, eu não quero mais participar.
- E?
- Ele falou que queria se encontrar comigo, que não era uma coisa para se resolver pelo telefone, que tínhamos que conversar pessoalmente.

- Você concordou em se encontrar com ele?
- Concordei.
- E falou com ele de novo depois que ficou sabendo do assassinato de Ruth?

– Falei. Ele disse que isso tornava mais importante ainda nós nos reunirmos. Que o assassinato era um multiplicador.

- Um o quê?
- Um *multiplicador*. Falou que a morte dela elevava o potencial do projeto, que precisávamos discutir a respeito.

– “Elevava o potencial do projeto”?

– Foi o que ele disse.

– Quando vocês vão se encontrar?

– Quarta-feira ao meio-dia. Na casa dele, em Ashokan Heights.

Gurney teve a impressão de que ela estava deixando algo de fora.

– E?

Houve uma pausa.

– Ah, meu Deus... Detesto ter que pedir isso. Estou me sentindo uma idiota ingênua e desamparada.

Gurney esperou, certo do que viria em seguida.

– Minha visão de como isso vai ser... minha suposição... o modo como eu penso... O que estou tentando dizer é... meu ponto de vista sobre tudo isso

obviamente não é muito sensato. Eu preciso... preciso do apoio, das ideias de uma mente mais equilibrada. Não tenho o direito de pedir isso a você, mas... por favor...?

- Você quer que eu vá à reunião de quarta-feira com Rudy Getz?
- Quero muito. Você poderia?

Capítulo 33

Captando a mensagem

Ao passar pela placa na montanha Franklin que dava as boas-vindas ao condado de Delaware, Gurney deixou o sol vespertino para trás e desceu em direção a um vale cheio de nuvens. O tempo nas montanhas parecia mudar a cada hora.

Durante o restante da viagem para casa, ele teve que ficar ligando e desligando os limpadores do para-brisa a todo momento. Odiava dirigir na chuva – o cinza e o molhado eram um campo fértil para suas preocupações.

Tornou-se consciente da dor em seus músculos do maxilar e percebeu que estava trincando os dentes – um efeito colateral da tensão e da raiva que impulsionavam seus pensamentos.

TEPT. Transtorno de estresse pós-traumático. Uma expressão irritante. Se Rebecca Holdenfield estivesse certa, se sua capacidade de raciocinar tivesse sido prejudicada...

Por que mesmo Kim havia dito que precisava dele? Porque precisava das ideias de uma mente mais equilibrada que a dela? Gurney deu uma risadinha. No momento o equilíbrio não era seu ponto mais forte.

Pensar em sua conversa ao telefone com Kim o fez se lembrar das sete mensagens em sua caixa postal, que ainda não tinha ouvido. Já estava quase chegando à trilha que levava à sua casa, dizendo a si mesmo que as escutaria assim que chegasse, quando, com medo de esquecer de novo, decidiu parar e fazer isso.

As três primeiras eram de Kim, pedidos cada vez mais tensos de que ele ligasse para ela.

A quarta era da mãe dela, Connie Clarke: “David! O que está acontecendo, afinal? Toda essa loucura no noticiário de hoje... Sobre Ruth não sei das quantas sendo morta depois da entrevista com Kim. E todos os comentaristas gritando que o Bom Pastor voltou! Meu Deus! Me dê uma ligada para dizer o que está acontecendo. Recebi um recado totalmente histérico de Kim, dizendo que ela quer desistir de tudo, abandonar o programa, jogar tudo fora. Ela estava completamente fora de controle. Não entendi nada. Liguei para ela, não consegui falar e deixei recado, mas não tive nenhuma notícia até agora. Imagino que você esteja em contato com ela, que saiba que diabo está havendo. Quero dizer, não era essa a ideia? Pelo amor de Deus, me ligue!”

Talvez ligasse, talvez não. Definitivamente, não estava com vontade nenhuma de passar meia hora ao telefone com ela para colocá-la a par de todo o caos, de todas as perguntas sem resposta, só porque a filha não tinha retornado seu telefonema.

O quinto recado só estava identificado como MENSAGEM DE VOZ, mas não havia como não identificar o modo maníaco de falar de Max Clinter: “Sr. Gurney, que pena que o senhor não pôde atender. Eu estava ansioso para trocar umas ideias. Aconteceu muita coisa desde que nos falamos pela última vez. Parece que o Bom Pastor está de novo entre nós, que a pequena Corazón o trouxe de volta à vida. Ouvi seu nome ser invocado naquele programa desprezível *Os órfãos do assassinato*. Maldita RAM-TV. Mas, pelo que foi dito, fiquei com a impressão de que o senhor tem algumas ideias. Ideias próprias. Talvez não muito diferentes das minhas. Gostaria de compartilhá-las? Para ganhar ou perder, é hora de escolher. Agora o fim não está longe. Desta vez vou estar preparado. A pergunta final: David Gurney é amigo ou inimigo?”

Dave escutou o recado três vezes. Ainda não sabia direito se Clinter era maluco ou se apenas gostava de representar o papel. Rebecca havia insistido que ele era um pé no saco mentalmente perturbado, mas Gurney não estava pronto para ignorar o sujeito que tinha entrado naquele prédio em Buffalo e deixado cinco mafiosos armados mortos no chão.

Olhou o relógio no painel. Eram 16h01. A névoa havia se dissipado, pelo menos por ora. Ele pegou a trilha de cascalho e terra e começou a subir a montanha.

Quando chegou à pequena área de estacionamento perto da porta lateral, viu que a luz do quarto no andar de cima, que Madeleine usava para fazer tricô e crochê, estava acesa. Fazia só um ou dois meses que ela tinha voltado a usá-lo. Em setembro do ano anterior, o cômodo havia sofrido uma invasão assustadora durante a investigação do caso Perry – na qual Gurney acabara levando um tiro.

Essa lembrança o fez levar a mão ao local dormente no braço, buscando alguma mudança de sensação – um hábito que a agitação da semana anterior havia interrompido. Seria um costume bom de perder. Ele saiu do carro e entrou em casa.

No fim das contas, Madeleine não estava tricotando. Gurney a ouviu tocando violão.

– Cheguei! – gritou ele.

– Já vou descer! – respondeu ela do segundo andar.

Gurney escutou-a dedilhar mais algumas notas de uma agradável melodia e terminar num acorde agudo perfeito.

Depois de alguns segundos de silêncio, ela gritou:

– Escute a terceira mensagem na secretária!

Jesus... Que não fosse outra mensagem perturbadora. Ele já tivera mais do que o suficiente para um dia só. Foi ao escritório, pegou o telefone fixo antigo e apertou o botão para ouvir o recado de que Madeleine tinha falado.

“Espero ter ligado para o detetive Gurney certo. Peço desculpas se for o errado. O detetive Gurney que estou procurando andou comendo uma puta chamada Kim Corazón. Ele é um velho patético e asqueroso com pelo menos o dobro da idade da vagabunda. Se você é o detetive Gurney errado, talvez possa dar um recado ao certo. Pergunte se ele sabe que o filho dele está comendo a mesma vagabunda. Tal pai, tal filho. Talvez Rudy Getz possa transformar isso num reality show da RAM – *A suruba da família Gurney*. Tenha um bom dia, detetive.”

Era a voz cortante de Robby Meese, sem qualquer vestígio de delicadeza.

Enquanto Gurney ouvia a mensagem de novo, Madeleine apareceu à porta do escritório com uma expressão ininteligível.

– Sabe quem é? – perguntou ela.

– O ex da Kim.

Ela assentiu, com o rosto sério, como se a ideia já tivesse lhe ocorrido.

– Ele parece saber que existe algum tipo de relacionamento entre Kim e Kyle. Como ele pode ter descoberto isso?

– Talvez tenha visto os dois juntos.

– Onde?

– Em Syracuse?

– Como ele soube que Kyle é seu filho?

– Se foi ele que grampeou o apartamento, deve saber muita coisa.

Ela cruzou os braços.

– Você acha que ele seguiu os dois até aqui?

– Pode ter sido.

– Então também é possível que tenha seguido os dois ontem até o apartamento do Kyle, não é?

– Seguir alguém na cidade não é tão simples quanto parece, principalmente para uma pessoa que não esteja acostumada a dirigir em Manhattan. É fácil demais se perder, com todos os sinais de trânsito.

– Ele parece bastante determinado.

– Como assim?

– Quero dizer, parece que ele odeia mesmo você.

Capítulo 34

Aliados e inimigos

Estavam terminando de jantar mais cedo que de costume. O cardápio fora salmão, ervilhas e arroz com molho de pimenta. Haviam conversado a respeito da reunião a que Madeleine iria naquela noite, na clínica, para discutir mais sobre o suicídio recente de um paciente e os procedimentos para identificar sinais de perigo nos outros clientes. Ela estava nitidamente tensa e preocupada.

– Depois daquele recado terrível no telefone e tudo o que aconteceu hoje, esqueci de dizer que veio uma pessoa da seguradora aqui.

– Para examinar o celeiro?

– E fazer algumas perguntas.

– Como o Kramden?

– Os temas abordados foram os mesmos: lista de bens, quem fez o quê e quando, detalhes de quaisquer outras apólices que tenhamos etc.

– Você deu a ele as cópias do mesmo material que já entregamos ao Kramden, certo?

– A ela.

– O quê?

– Era uma mulher. Queria os recibos de compra da bicicleta e dos caiaques. – A voz de Madeleine soava triste e irritada. – Você tem ideia de onde eles estão?

Gurney balançou a cabeça.

Ela fez uma pausa.

– Eu perguntei quando a gente poderia demoli-lo.

– A parte que ainda está de pé?
– Ela disse que a empresa nos avisaria.
– Não deu ideia nenhuma de quando vai ser isso?
– Não. Eles precisam da permissão por escrito do Corpo de Bombeiros antes de autorizar qualquer coisa. – Ela fechou as mãos com força. – Não suporto olhar para lá.

Gurney fitou-a por um longo instante.

– Está com raiva de mim?
– Estou com raiva do desgraçado malévolo que destruiu nosso celeiro. Estou com raiva do maluco que deixou aquela mensagem nojenta na nossa secretária eletrônica.

Diante da fúria de Madeleine, os dois ficaram em silêncio até o momento em que ela saiu para a clínica. Durante esse tempo, Gurney pensou em coisas que poderia dizer, e depois em motivos para não dizê-las.

Depois de vê-la descer com o carro pela trilha do pasto, Gurney levou a louça suja para a pia, espirrou um pouco de detergente em cima e abriu a torneira de água quente.

O celular em seu bolso tocou. O nome que apareceu no identificador de chamadas foi G. B. BULLARD.

– Sr. Gurney?
– Eu mesmo.
– Eu gostaria de lhe contar algo, já que tem a ver com uma questão que o senhor levantou hoje.
– Pois não.
– Sobre as marcas de pneus...
– Sim?
– Nós as achamos onde o senhor sugeriu que elas poderiam estar, na oficina de lanternagem.
– Indicando que um carro estacionou numa vaga que, segundo o dono da oficina, não estava ocupada?
– Basicamente sim, embora ele não tenha certeza absoluta.
– E a faixa de terra na entrada de veículos de Ruth Blum?
– Não é conclusiva.
– O que quer dizer que a superfície de solo disponível não é suficiente para termos certeza nem de uma coisa nem de outra, mas não há qualquer

prova clara de que um veículo tenha entrado ou saído?

– Isso mesmo.

Gurney estava ficando curioso sobre o motivo do telefonema. Não era comum um detetive fazer um relatório de progresso para alguém de fora da equipe de investigação envolvida num caso, quanto mais para alguém de fora do departamento.

– Mas houve um pequeno desdobramento – continuou ela –, e eu gostaria de ouvir sua opinião. Nossas entrevistas na vizinhança levaram a dois relatos de testemunhas sobre um Humvee na área ontem, no fim da tarde. Uma das pessoas afirmou que era o modelo militar original, não a versão posterior da GM, e as duas o viram passando duas ou três vezes, de um lado para outro, ao longo do trecho onde fica a casa de Blum.

– Você acha que alguém andou examinando o local?

– É possível, mas, como eu disse, houve um desdobramento. De acordo com as marcas de pneus, o veículo que parou ontem à noite na oficina não era um Humvee. – Ela fez uma pausa. – Alguma ideia sobre isso?

Duas hipóteses lhe vieram à mente.

– O assassino podia ter um ajudante. Ou... – Gurney hesitou antes de expor a segunda opção, avaliando sua plausibilidade.

– Ou o quê? – instigou Bullard.

– Bom, digamos que eu esteja certo sobre a postagem no Facebook, que ela tenha sido escrita pelo assassino e não pela vítima. O texto se refere a algum tipo de veículo militar. Talvez o propósito da mensagem fosse plantar a ideia do Humvee. E talvez ficar andando com ele de um lado para outro na estrada tenha servido justamente para ele ser notado e informado, dando-nos a certeza de que era o veículo do assassino.

– Por que se dar todo esse trabalho se ele ia estacionar um carro diferente em um lugar onde o veículo não seria notado?

– Pode ser que o objetivo do Humvee fosse nos levar numa determinada direção.

Talvez se destinasse a nos levar a Max Clinter. Mas por quê?

Bullard ficou em silêncio por tanto tempo que Gurney já ia perguntar se ela ainda estava na linha.

– O senhor tem um grande interesse nesse caso, não é? – perguntou ela por fim.

– Tentei deixar isso claro hoje.

– Certo. Deixe-me ir direto ao ponto. Amanhã de manhã vou ter uma reunião com Matthew Trout para discutir o caso e as questões de jurisdição. O senhor gostaria de ir também?

Por um momento, Gurney ficou sem fala. O convite não fazia sentido. Ou talvez fizesse.

– Você conhece bem o agente Daker? – indagou ele.

– Só o conheci hoje. – A voz dela era fria. – Por quê?

A reação da tenente o encorajou a se arriscar:

– Porque acho que ele e o chefe são uns sacaninhas arrogantes e controladores.

– Minha impressão é que eles têm uma consideração igualmente elevada pelo senhor.

– Eu não imaginava nada diferente. Daker colocou você a par do caso original?

– Esse era o objetivo declarado da visita dele, mas na verdade o que eu recebi foi um monte de dados desorganizados.

– Provavelmente eles querem sobrecarregá-la, fazer com que veja o caso como um emaranhado de complicações impossíveis de ser resolvidas, de modo que você recue discretamente e ceda a jurisdição a eles sem questionar.

– O problema – retrucou a tenente Bullard – é que eu tenho uma tendência a ser do contra. Para mim é muito difícil dar as costas a uma briga potencial. Detesto ser subestimada por... como foi que você os chamou? Sacaninhas arrogantes e controladores? Não sei por que estou lhe dizendo isso. Não conheço nem o senhor nem suas alianças. Devo ser maluca por falar essas coisas.

Gurney achou que ela sabia exatamente o que estava fazendo.

– Você sabe que Trout e Daker não me suportam. Isso não basta para confiar em mim? – perguntou ele.

– Acho que vai ter que bastar. Sabe onde fica nossa sede em Sasparilla?

– Sei.

– Pode estar lá amanhã às 9h45?

– Posso.

– Ótimo. Encontro o senhor no estacionamento. Uma última questão:

nossos peritos deram uma boa olhada no teclado do computador da vítima e descobriram uma coisa. As digitais dela...

Gurney interrompeu:

– Deixe-me adivinhar. As digitais dela nas teclas necessárias para escrever o texto do Facebook estavam ligeiramente manchadas, ao contrário das digitais nas outras teclas. E seus peritos acreditam que essas manchas são coerentes com alguém digitando com os dedos protegidos por luvas de látex.

Houve um segundo de silêncio.

– Não necessariamente de látex, mas como...

– É a hipótese mais provável, porque o único modo de o assassino não ter que fazer isso seria obrigar Ruth a digitar a mensagem enquanto ele ditava. Mas ela ficaria tão aterrorizada que isso criaria dificuldades. Ele já deve ter se sentido bastante exposto só de arrancar a senha dela. Quanto mais tempo Ruth permanecesse viva, maiores seriam os riscos que ele enfrentaria. Ela poderia ter um colapso e começar a gritar, por exemplo. Essa não é uma perspectiva com a qual ele ficaria confortável. Esse cara iria querê-la morta o mais rápido possível. Assim haveria menos chances de resultados incontrolláveis.

– O senhor não é nem um pouco tímido com suas opiniões, não é, Sr. Gurney? Há mais alguma coisa que gostaria de compartilhar?

Ele pensou na relação de comentários e perguntas que havia mandado para Hardwick e Rebecca Holdenfield.

– Eu tenho umas ideias não muito populares sobre o caso original que talvez você considere úteis.

– Estou com a impressão de que o senhor considera a impopularidade uma virtude.

– Não uma virtude. Simplesmente irrelevante.

– É mesmo? Acho que percebi uma disposição para a discussão. Durma bem. A reunião de amanhã deve ser interessante.

Ele praticamente não pregou os olhos.

Tinha a intenção de ir cedo para a cama, mas a volta de Madeleine da reunião na clínica, ansiosa para falar sobre sua irritação eterna com as assistentes sociais, acabou com seu plano.

– Se a energia que elas dedicam a tirar o próprio rabo da reta e às besteiras burocráticas fosse direcionada a ajudar as pessoas, isso poderia mudar o mundo numa semana!

Depois de três xícaras de chá de ervas, eles finalmente foram se deitar. Madeleine se acomodou do seu lado da cama com *Guerra e paz*, a soporífera obra-prima que ela parecia decidida a conquistar avançando pedacinho por pedacinho.

Depois de ajustar o despertador, Gurney ficou deitado pensando nas motivações da tenente Bullard e em como elas poderiam ser usadas na reunião em Sasparilla. Ela parecia considerá-lo um aliado, ou ao menos uma ferramenta útil, no conflito que já sabia que teria com Trout e companhia. Ele não se importava em ser usado, desde que isso não atrapalhasse seus propósitos pessoais. Sabia que a aliança com ela tinha objetivos muito específicos, de modo que ele precisaria estar atento a qualquer mudança de curso durante a reunião. O que não era uma experiência nova. No DPNY, mudanças de curso eram bastante comuns.

Uma hora depois, enquanto a mente dele entrava num agradável estado de entorpecimento, Madeleine pôs o livro de lado e indagou:

– Você conseguiu entrar em contato com aquele contador deprimido com quem estava preocupado, o da pistola grande?

– Ainda não.

A pergunta encheu sua cabeça de novo com um emaranhado de questões e angústias, e toda a esperança de uma noite de descanso desapareceu. Seus pensamentos e sonhos entrecortados foram entremeados por imagens repetitivas de pistolas, furadores de gelo, construções em chamas, guarda-chuvas pretos, cabeças despedaçadas.

Com o dia raiando, Gurney caiu num sono profundo, do qual o toque agudo de seu despertador o acordou uma hora depois.

Ele já havia tomado banho e se vestido e bebia uma xícara de café para tentar despertar, e Madeleine já estava do lado de fora, afofando a terra de um canteiro.

Ele lembrou que recentemente ela havia dito algo sobre plantar ervilhas.

A manhã estava bem suave, como todas as manhãs costumam parecer: suaves, inofensivas, descomplicadas. Cada manhã – presumindo que tivesse havido algum período de sono que a separasse do dia anterior – criava a

ilusão de um recomeço, uma espécie de libertação do passado. A impressão era a de que os seres humanos eram de fato criaturas diurnas, não apenas no sentido de serem não noturnas, mas também no de serem programadas para viver um dia de cada vez – um dia *separado* de cada vez. A consciência ininterrupta era capaz de despedaçar uma pessoa. Não é de espantar que a CIA usasse a privação de sono como tortura. Meras 72 horas de *vida* ininterrupta – vendo, ouvindo, sentindo, pensando – poderiam fazer uma pessoa desejar estar morta.

O sol se põe e nós dormimos. O sol nasce e acordamos. E, quando acordamos, experimentamos – breve e cegamente – a fantasia de recomeçar do zero. Depois, de forma implacável, a realidade reafirma sua presença.

Naquela manhã, enquanto Gurney estava parado perto da janela da cozinha com seu café, contemplando o pasto ressecado, a realidade se restabeleceu na forma de uma pessoa montada numa motocicleta escura, imóvel entre o lago e os escombros do celeiro.

Ele pousou sua xícara, vestiu um casaco, calçou um par de botas de cano curto e saiu. A figura na moto continuou parada. O ar tinha um cheiro mais de inverno que de primavera. Quatro dias depois do incêndio, a atmosfera ainda recendia a cinzas.

Gurney começou a descer a trilha do pasto devagar. O motociclista ligou o motor de sua moto grande e enlameada e começou a subir pelo pasto, movendo-se à mesma velocidade dos passos dele. Os dois se encontraram aproximadamente no meio do campo. Só quando o homem levantou a viseira do capacete foi que Gurney reconheceu os olhos intensos de Max Clinter.

– Você deveria ter avisado que vinha – disse Gurney em seu jeito sereno. – Tenho uma reunião agora de manhã. Você quase não me encontrou.

– Eu não sabia que vinha. Quando vi, já estava aqui – respondeu Clinter. Sua tensão equivalia, em intensidade, à calma de Gurney. – Havia um monte de coisas na minha lista e era difícil decidir a ordem certa. A ordem certa é fundamental. Você sabe que as coisas estão chegando a um ponto decisivo, não sabe?

O motor da motocicleta ainda estava ligado.

– Sei que o Bom Pastor voltou, ou que alguém quer que a gente pense isso.

– Ah, ele voltou. Eu sinto nos ossos, nos ossos que se quebraram há dez anos. O desgraçado voltou mesmo.

– O que posso fazer por você, Max?

– Vim lhe fazer uma pergunta.

Os olhos dele cintilaram.

– Se você tivesse deixado um número quando me ligou, eu teria telefonado de volta.

– Quando você não atendeu, entendi como um sinal.

– Um sinal de quê?

– De que é sempre melhor fazer uma pergunta cara a cara. É melhor ver os olhos da pessoa, em vez de apenas escutar a voz. Então aqui vai: qual é sua posição nessa merda toda da RAM-TV?

– Como assim?

– O mundo é cheio de maldade, Sr. Gurney. De maldade e do espelho dela. Assassinato e mídia. Preciso saber qual é sua posição.

– Está perguntando como eu me sinto com relação ao modo como a mídia faz a cobertura da violência? Como *você* se sente?

Clintor deu uma gargalhada áspera.

– Teatro para idiotas! Orquestrado por vermes! Sensacionalismo, lixo e mentiras! É isso a “cobertura da mídia”, Sr. Gurney. A glorificação da ignorância! A invenção de conflitos em busca do lucro! A venda de raiva e ressentimento como diversão! RAM-TV, a pior de todas. Jogando todo tipo de merda para o público visando ao lucro dos porcos!

Bolhas de cuspe haviam se acumulado nos cantos da boca de Clintor – ele espumava.

– Você também parece cheio de raiva – disse Gurney placidamente.

– Cheio de raiva? Ah, sim! Mas consumido, impelido por ela. Não estou *vendendo* a raiva. Não estou lucrando com a raiva como a RAM-TV. Minha fúria não está à venda.

O motor da motocicleta ainda estava ligado e agora emitia um barulho mais áspero. Clintor girou o acelerador, aumentando o ruído até um rugido feroz.

– Então você não é vendedor – falou Gurney quando o som diminuiu. – Mas o que você é, Max? Não consigo entendê-lo.

– Sou aquilo que aquele desgraçado do mal fez de mim. Sou a ira de Deus.

- Cadê o Humvee?
- Engraçado você perguntar.
- Existe alguma chance de você ter estado nas redondezas do lago Cayuga anteontem?

Clinter o encarou por um longo instante com uma expressão dura.

- Existe uma chance, sim.
- Posso perguntar por quê?

Ele lançou-lhe um olhar avaliador.

- Estive lá atendendo a um convite especial.
- Como assim?
- Foi a jogada de abertura dele.
- Não entendi.

– Recebi uma mensagem de texto do Bom Pastor, um convite para encontrá-lo na estrada, a fim de terminarmos o que ficou inacabado entre nós. Foi idiotice minha acreditar nas palavras dele. Fiquei me perguntando por que ele não apareceu e não consegui chegar a conclusão nenhuma até ouvir o noticiário da manhã. O assassinato da tal Ruth Blum. Ele armou para cima de mim, não vê? Fez com que eu passasse pela casa dela várias vezes, cheio de ódio e fome de vingança. Ele sabia que eu ia aparecer. Muito bem, então. Ponto para ele. O próximo é meu.

- Imagino que a fonte do torpedo não possa ser rastreada, certo?
- Até um celular pré-pago anônimo? Não vale o esforço. Mas me diga uma coisa: como você sabe que eu estive perto do lago?

- Entrevistas na vizinhança no dia seguinte ao do assassinato. Parece que algumas pessoas se lembraram do veículo e contaram aos policiais, aí um deles me disse.

Os olhos de Clinter relampejaram.

- Está vendo? Uma porra de uma armação para acontecer exatamente o que aconteceu!

- Aí você decidiu sair de casa e esconder o Humvee?

- Até que seja necessário. – Clinter fez uma pausa, umedeceu os lábios e enxugou a boca com as costas da luva preta. – O problema é que eu não sei até que ponto a armação vai, e se eles me pegarem para interrogatório ou me prenderem como suspeito não estarei em condições de enfrentar o inimigo. Entendeu minha dificuldade?

– Acho que sim.

– Então você poderia ser mais claro em relação a de que lado está?

– Estou do meu lado, Max. Não estou do lado de mais ninguém.

– É justo. – Clinter acelerou o motor de novo até o limite e manteve-o nesse estado por pelo menos cinco segundos ensurdecedores, antes de voltar ao ponto morto. Enfiou a mão num bolso interno da jaqueta de couro e pegou o que parecia um cartão de visita. Mas não tinha nome nem endereço, só um número de telefone. Entregou-o a Gurney e disse: – Meu celular. Está sempre comigo. Me avise de qualquer coisa que ache que eu precise saber. Segredos criam conflitos. Vamos torcer para que isso não aconteça.

Gurney enfiou o pedaço de papel no bolso.

– Antes de você ir, tenho uma pergunta. Acho que você foi a pessoa que mais examinou a vida pessoal das vítimas. Fico imaginando o que pode ter permanecido em sua mente.

– Permanecido em minha mente? Tipo o quê?

– Quando você pensa nas vítimas ou nas famílias, se lembra de algo estranho, qualquer coisa que possa ligar todas elas?

Clinter ficou pensativo, depois recitou os nomes rapidamente, numa espécie de litania rítmica.

– Mellani, Rotker, Sterne, Stone, Brewster, Blum. – Sua expressão de concentração se aprofundou e ele franziu a testa. – Um monte de coisas estranhas. As conexões são as mais impalpáveis. Passei semanas, meses na internet. Liguei nomes a matérias em jornais, matérias em jornais a mais nomes, organizações, companhias, uma coisa levando a dez outras. Bruno Mellani e Harold Blum estudaram na mesma escola de ensino médio no Queens, em anos diferentes. O filho de Ian Sterne tinha uma namorada que foi uma das vítimas do Estrangulador de White Mountain. Ela estava no último ano em Dartmouth ao mesmo tempo que Jimi Brewster entrava lá como calouro. Sharon Stone talvez tenha mostrado, certa vez, uma casa a Roberta Rotker, cujos Rottweilers foram comprados num canil em Williamstown, a 3 quilômetros da propriedade do Dr. Brewster. Eu poderia continuar, mas acho que você já entendeu. Há algum tipo de conexão, mas sua importância ainda não foi determinada.

Um vento frio varreu o pasto, passando pelo mato duro, seco.

Gurney enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

– Você nunca encontrou um fio que ligasse todas as vítimas?

– Absolutamente nada, a não ser a porra dos carros. Claro, eu era o único que estava procurando. Sei o que meus colegas pensavam: os carros são a ligação óbvia, então por que ir atrás de uma segunda conexão?

– Mas você acha que existe uma, não é?

– Eu não *acho* que existe. Tenho certeza. Uma armação maior que ninguém deduziu ainda. Mas agora já passamos disso.

– Como assim?

– O Bom Pastor está em ação. Armando para mim. Para acabar comigo. Tudo está chegando a um ponto decisivo. Chega de pensar, avaliar e deduzir. O momento de raciocinar já passou. Agora é hora do combate. Preciso ir. O tempo está acabando.

– Uma última pergunta, Max: a frase *Não acorde o diabo* significa alguma coisa para você?

– Nada. – Ele arregalou os olhos. – Mas é uma frase esquisita, não é? Faz a mente avançar numa direção específica. Onde você ouviu isso?

– Num porão escuro.

Clinter encarou Gurney por um longo momento.

– Parece um bom lugar para isso.

Ele ajeitou o capacete preto, acelerou, fez uma pequena saudação militar, virou a moto rapidamente para o outro lado e desceu o morro.

Quando a moto e o piloto sumiram de vista, Gurney voltou para casa, pensando nas pequenas “conexões” entre as famílias que Clinter havia descoberto. Isso o fez se lembrar do conceito dos seis graus de separação: a probabilidade de que qualquer olhar mais aguçado na vida das pessoas revele um número surpreendente de lugares onde os caminhos delas se cruzaram.

O elefante na sala continuava a ser, como Clinter havia dito, “a porra dos carros”.

De volta à cozinha, Gurney tomou outra xícara de café. Madeleine apareceu depois de sair do quartinho dos casacos e perguntou em tom afável:

– Amigo seu?

– Max Clinter – respondeu ele. Então começou a relatar o que o sujeito

havia dito, mas viu a hora no relógio. – Desculpe, é mais tarde do que eu pensava. Preciso estar em Sasparilla às 9h45.

– E eu estava indo para o banheiro.

Alguns instantes depois, Gurney gritou para Madeleine que estava saindo e ela gritou de volta que ele tivesse cuidado.

– Te amo – concluiu ele.

– Te amo – respondeu ela.

Cinco minutos depois, quando já tinha descido cerca de 1,5 quilômetro da estrada da montanha, viu um caminhão de entrega expressa dos correios vindo em sua direção. Só havia duas outras casas entre aquele ponto e a sua, e ambas só costumavam ter gente nos fins de semana, o que significava que a encomenda provavelmente era para ele ou para Madeleine. Parou e acenou enquanto saía do carro.

O motorista parou e, ao reconhecê-lo, pegou um envelope na parte de trás do caminhão e lhe deu. Depois de trocarem algumas frases solidárias sobre a primavera gelada daquele ano, o homem partiu e Gurney abriu a correspondência endereçada a ele.

Dentro do envelope grande havia outro simples, de papel pardo, que continha uma folha de papel. Gurney começou a ler:

A ganância se alastra por uma família como sangue contaminado se espalha na água de uma banheira, infectando a todos que toca. Então, as esposas e os filhos que você considera sofredores, dignos de misericórdia, também deverão ser destruídos. Os filhos da ganância são diabólicos, assim como todos aqueles com quem se relacionam. Logo, também devem ser destruídos. Todos aqueles que você acha que devem ser confortados pelas pessoas ingênuas do mundo serão destruídos, ligados, seja por sangue, seja por casamento, aos filhos da ganância. Consumir o produto da ganância é consumir também sua mancha. O fruto deixa sua marca. Os beneficiários da ganância carregam a culpa por ela e, portanto, devem sofrer seu castigo. Morrerão sob os refletores dos elogios feitos por você. Seus elogios serão a desgraça deles. Sua pena é um veneno. Sua compaixão os condena à morte.

Você não consegue ver a verdade? Perdeu o sentido da visão?

O mundo enlouqueceu. A ganância se mascara de ambição louvável. A riqueza finge ser prova de talento e mérito. Os canais de comunicação

caíram nas mãos de monstros. Os piores entre os piores são exaltados.

Com demônios ocupando os púlpitos e anjos sendo ignorados, cabe às pessoas honestas castigar o que o mundo louco recompensa.

Estas são as palavras verdadeiras e finais do Bom Pastor.

Capítulo 35

Convite para a festa

Enquanto Gurney entrava na Rota 7, a estrada principal que passava por Sasparilla, seu telefone tocou. Segundo o identificador de chamadas, era Kyle, mas a voz que soou em seus ouvidos foi a de Kim.

A culpa e a raiva que ela deixara transparecer na ligação do dia anterior tinham sido substituídas pelo choque e pelo medo.

– Acabei de receber uma coisa pelo correio expresso... *dele...* do Bom Pastor... Fala de pessoas sendo destruídas... pessoas sendo mortas.

Gurney pediu que ela lesse. Queria ter certeza de que era o mesmo texto que havia chegado para ele, e era.

– O que a gente faz? – quis saber ela. – Devemos chamar a polícia?

Gurney disse que havia recebido a mesma carta e que dali a alguns minutos participaria de uma reunião em que iria repassá-la à polícia do estado e ao FBI. Mas tinha uma pergunta para ela:

– A quem o envelope estava endereçado?

– Essa é a parte mais assustadora. – A voz dela tremia. – O envelope maior estava no nome do Kyle, com o endereço aqui da casa dele, mas o de dentro tinha o *meu* nome, o que significa que o Bom Pastor sabe que eu estou aqui, que nós estamos aqui juntos. Como ele pode ter descoberto isso?

Quando o desagradável recado que Meese deixara na secretária levava Madeleine a fazer uma pergunta semelhante na noite anterior, Gurney tinha descartado a possibilidade de uma perseguição física. Agora não estava tão certo disso.

– *Como ele pode ter descoberto isso?* – repetiu Kim, levantando a voz.

– Talvez ele não *soubesse* que vocês estão aí juntos. Ele pode simplesmente achar que Kyle entraria em contato com você para repassar a mensagem.

Ao mesmo tempo que dizia isso, Gurney percebeu que não fazia muito sentido, que ele só estava tentando acalmá-la.

E, pelo jeito, não estava funcionando.

– Para ter contratado o correio expresso, ele queria que eu recebesse a carta hoje de manhã. E usou tanto meu nome quanto o de Kyle. *Então ele sabe que nós dois estamos aqui!*

A lógica dela não era exatamente perfeita, mas Gurney não iria discuti-la. Por um momento pensou em informar o Departamento de Polícia de Nova York, nem que fosse apenas para que um policial uniformizado aparecesse, dando a ilusão de que eles estavam protegidos. Mas a confusão e a necessidade de explicações que viriam em seguida seriam maiores do que os benefícios práticos. Em termos burocráticos, não havia provas concretas de uma ameaça iminente contra eles, e envolver o DPNY na história provavelmente daria início a uma discussão e terminaria numa grande encrenca.

– Quero que vocês façam o seguinte: fiquem aí e certifiquem-se de que a porta esteja trancada. Não a abram para ninguém. Eu ligo para vocês depois da reunião. Enquanto isso, se houver alguma ameaça tangível ou qualquer comunicação além da carta que já receberam, liguem para mim na mesma hora. Certo?

– Certo.

– Agora me deixe fazer outra pergunta, Kim. Você tem como acessar o vídeo de sua entrevista com Jimi Brewster?

– Tenho, claro. Estou com uma cópia aqui no meu iPod.

– E está num formato que você possa me mandar por e-mail?

– Depende do tamanho de documento que seu servidor de e-mail aceita. Vou reduzir a resolução para diminuir o tamanho do arquivo. Desse jeito não deve haver nenhum problema.

– Ótimo, desde que as imagens estejam nítidas.

– Quer que eu mande agora?

– Por favor.

– Posso perguntar por quê?

– O nome de Jimi Brewster surgiu em outro contexto. Numa conversa que tive com Max Clinter. Gostaria de entender melhor quem ele é.

Quando Gurney desligou, estava entrando no estacionamento da sede local da Polícia do Estado de Nova York. Passou por uma fileira de viaturas e parou perto de um reluzente BMW 640i prata.

Um veículo espalhafatoso de 85 mil dólares seria uma escolha questionável para um funcionário público, mas para um consultor de alto nível que estivesse subindo na carreira faria sentido. Até então não lhe ocorrera que Rebecca Holdenfield poderia comparecer à reunião, mas agora poderia apostar que estaria lá. Era o tipo de carro que ela usaria.

Olhou o relógio. Faltavam cinco minutos para a hora marcada. Podia aproveitar aquele tempo para retornar a ligação de Connie Clarke, com a desculpa verdadeira de ter que falar rápido no caso de ela realmente atender. Enquanto procurava o número dela, um dos Crown Victoria pretos da Polícia do Estado de Nova York parou ao lado de seu carro. Bullard estava no banco do carona e Andy Clegg dirigia.

A tenente fez um gesto para que Gurney se juntasse a eles, no banco de trás do grande sedã. Ele obedeceu, levando seu envelope do correio expresso.

Ela começou a falar como alguém que havia pensado com muito cuidado no que dizer:

– Bom dia, Dave. Obrigada por vir assim, tão em cima da hora. Antes de entrarmos, queria deixar claro o que penso. Como você sabe, a unidade do Bureau de Investigação Criminal em Auburn está investigando o assassinato de Ruth Blum. A morte dela pode ou não estar relacionada ao caso do Bom Pastor, de dez anos atrás. Podemos estar lidando com o mesmo criminoso ou com um imitador, ou com uma terceira opção ainda não definida.

Para Gurney não havia a possibilidade de nenhuma “terceira opção”, mas sabia que Bullard queria estabelecer o raciocínio mais amplo possível para manter o controle da investigação.

– Sei que existe uma teoria consagrada para o caso original, e sei que você andou questionando-a agressivamente – continuou ela. – Quero que saiba que estou aqui com a mente aberta. Não tenho nenhum interesse oculto em qualquer versão específica da verdade. Também não tenho interesse em

disputas de ego. Quero saber é dos fatos. É neles que estou interessada. Pedi que você viesse hoje porque acho que talvez você compartilhe minha visão. Alguma pergunta?

Todo esse discurso pareceu tão direto e honesto quanto a voz clara e firme de Bullard. Mas Gurney sabia que não era bem assim. Tinha quase certeza de que fora convidado porque a tenente havia descoberto, provavelmente por meio de Daker, que ele andou incomodando Trout – o que significava que seu papel não declarado era deixar Trout desestabilizado durante a reunião. Resumindo, ele estava ali como um curinga na mão da mulher.

– Alguma pergunta? – repetiu ela.

– Só uma. Imagino que Daker tenha lhe mostrado o perfil do Bom Pastor feito pelo FBI, certo?

– Mostrou.

– O que achou dele?

– Não sei exatamente.

– Isso é bom.

– Como assim?

– É um sinal de mente aberta. Agora, antes de entrarmos, tenho uma pequena bomba para você. – Ele abriu o envelope do correio expresso, depois o que havia dentro dele e pegou a carta. – Isto chegou para mim hoje cedo. Eu já manuseei, mas seria melhor se ninguém mais o tocasse.

Bullard e Clegg se viraram um pouco mais nos bancos para encará-lo. Gurney leu a mensagem em voz alta, bem devagar: “Com demônios ocupando os púlpitos e anjos sendo ignorados, cabe às pessoas honestas castigar o que o mundo louco recompensa.” O problema era que essa era uma expressão de emoção que parecia desprovida de qualquer emoção.

Quando terminou, estendeu o texto para Bullard e Clegg lerem por si sós. Os olhos da tenente brilhavam.

– É o original? – quis saber ela.

– Um dos dois originais, pelo que sei. O outro foi enviado a Kim Corazón.

Bullard piscou rápido várias vezes, parecendo raciocinar a toda a velocidade.

– Vamos fazer algumas cópias quando entrarmos e depois vamos colocar o original num saco de provas para a perícia de Albany. – Ela encarou

Gurney. – Por que você?

– Porque estou ajudando Kim Corazón? Porque ele quer que nós dois paremos?

A tenente piscou freneticamente mais algumas vezes, depois olhou para Clegg.

– As pessoas citadas nesta carta devem ser alertadas, assim como todas aquelas que se encaixam na definição dele de inimigo. – Ela se virou para Gurney. – Levante o papel de novo, para que eu possa ler mais uma vez. – Então, após fazer isso, ela disse: – Parece que ele pode estar ameaçando todos os familiares das vítimas originais, os filhos deles e as famílias dos filhos. Precisamos de nomes, endereços e números de telefone, para ontem. Quem teria tudo isso? – perguntou ela fitando Clegg.

– Havia algumas informações sobre endereços e números de contato no material que Daker nos mostrou, mas a questão é: será que estão atualizadas?

– Sua fonte mais atual deve ser Kim Corazón – sugeriu Gurney. – Ela tem os dados de muitas dessas pessoas.

– Está bem. Ótimo. Vamos entrar e pedir ajuda com isso. Nosso objetivo principal é alertar qualquer pessoa que possa estar em perigo, sem criar uma situação de pânico.

A tenente Bullard foi a primeira a sair do carro e entrou no prédio na frente dos outros. Gurney reconheceu os passos decididos de uma pessoa totalmente determinada em situações de crise. Quando estava prestes a segui-la através das pesadas portas de vidro da recepção, vislumbrou um utilitário escuro entrando no estacionamento. O rosto magro e inexpressivo atrás do volante pertencia ao agente Daker.

Um reflexo no vidro escondia o rosto da pessoa ao lado dele, o que deixou Gurney sem saber se Trout o tinha visto e, caso tivesse, até que ponto ia sua insatisfação.

Capítulo 36

Furadores de gelo e animais

Grças ao tumulto gerado pela carta do Bom Pastor e ao tempo necessário para que as várias iniciativas indispensáveis fossem levadas a cabo, a reunião começou 45 minutos depois do horário marcado, com a programação reorganizada e o café requentado.

Numa típica sala de reuniões sem janelas, com um mural de cortiça pendurado numa parede e um quadro branco reluzente preso à parede ao lado. A iluminação fluorescente era ao mesmo tempo brilhante e fria, lembrando o escritório claustrofóbico de Paul Mellani. Uma mesa retangular comum, com seis cadeiras em volta, ocupava a maior parte do espaço. No canto ficava uma mesa pequena com um bule de alumínio com café, copos de isopor, colheres de plástico, leite em pó e um recipiente quase vazio de sachês de açúcar. Era o tipo de sala onde Gurney havia passado inúmeras horas e o sentimento que ela suscitava nunca mudava. Sempre que entrava num ambiente como aquele, queria ir embora imediatamente.

De um lado da mesa estavam Daker, Trout e Rebecca e, do outro, Clegg, Bullard e Gurney. Era uma arrumação que favorecia o confronto. Em cima da mesa, diante de cada um dos participantes, Bullard havia posto uma cópia da nova missiva do Bom Pastor, que todos já tinham lido várias vezes.

À frente da própria tenente também havia uma grossa pasta de papelão – sobre a qual, para surpresa de Gurney, estava o resumo que ele lhe mandara, com suas ideias sobre o caso original.

Bullard estava sentada diante de Trout, que tinha as mãos cruzadas na

frente do corpo.

– Obrigada por terem vindo – começou ela. – Além da importância óbvia desta nova carta, supostamente enviada pelo Bom Pastor, há algo de importante que vocês queiram abordar antes de iniciarmos a reunião?

Trout deu um sorriso afável e virou as palmas das mãos para cima num tradicional gesto de deferência.

– Estamos no seu campo, tenente. Viemos aqui para ouvir. – Em seguida lançou um olhar menos cordial para Gurney. – Minha única preocupação seria a inclusão de uma pessoa não autorizada numa discussão interna sobre uma investigação em curso.

Bullard franziu os olhos, pasma.

– Não autorizada?

Ele deu outro sorriso afável.

– Deixe-me ser mais específico. Não estou me referindo à famosa carreira do Sr. Gurney na polícia, mas à natureza desconhecida do motivo que o leva a estar envolvido com pessoas que poderiam se tornar objetos desta investigação.

– Está falando de Kim Corazón?

– E de seu ex-namorado, só para citar dois nomes de que eu tenho conhecimento.

Era interessante ele saber sobre Meese, pensou Gurney. Duas fontes que poderiam tê-lo informado seriam Schiff, em Syracuse, e Kramden, o sujeito que fora investigar o incêndio no celeiro de Gurney e perguntara a Kim sobre ameaças e inimigos. Ou Trout poderia ter começado a xeretar a vida de Kim de outros modos. Mas por quê? Mais uma indicação de sua mania de controle? De sua determinação infernal de estar à frente dos acontecimentos?

Bullard assentiu com uma expressão pensativa, depois desviou o olhar para o quadro branco vazio.

– É uma preocupação razoável. Minha posição talvez seja um pouco menos razoável. Mais emocional. Tenho a sensação de que o criminoso está tentando afastar Dave Gurney do caso, e isso me faz querer tê-lo por perto.

– De repente sua voz estava bem mais firme, assim como os traços de seu rosto. – Veja bem, eu sou a *favor* de qualquer coisa *contra* a qual o criminoso esteja. Além disso, também posso fazer algumas suposições

sobre a integridade de todos os indivíduos nesta sala.

Trout se inclinou para trás.

– Não me entenda mal. Não estou questionando a integridade de ninguém.

– Desculpe, mas acho que não entendi seu argumento. Há um instante você usou a palavra “envolvido”. Em minha mente essa palavra tem conotações claras. Mas não vamos nos precipitar. Minha recomendação é que primeiro revisemos o que sabemos sobre o homicídio de Ruth Blum, para depois falarmos sobre a carta recebida hoje de manhã, além da natureza do relacionamento entre este homicídio e os assassinatos que aconteceram na primavera de 2000.

– E, claro, sobre a questão da jurisdição – acrescentou Trout.

– Claro. Mas só poderemos abordar isso à luz dos fatos. Então, vamos a eles.

Gurney deu um sorrisinho. A tenente parecia durona, inteligente, clara e prática nas proporções corretas.

– Alguns de vocês talvez tenham visto a terceira atualização que postamos ontem à noite no sistema da Divisão de Serviços de Informações da Justiça Criminal, certo? – continuou ela. – Para quem não está ciente, tenho cópias aqui.

Ela tirou vários impressos da pasta e distribuiu-os pela mesa.

Gurney deu uma olhada rápida na folha que recebeu. Era um resumo das provas da cena do crime de Ruth Blum e das conclusões preliminares da perícia. Ficou satisfeito com a validação das hipóteses que havia levantado no local, e também pelas rugas na testa de Trout e de seus companheiros.

Após dar algum tempo aos presentes para que absorvessem as informações e suas implicações, Bullard enfatizou alguns pontos e em seguida perguntou se alguém tinha dúvida.

Trout levantou o relatório da DSIJC.

– Qual é a importância dessa confusão com relação ao lugar onde o assassino estacionou o carro?

– Acho que “tentativa de confundir” seria uma expressão mais precisa do que “confusão”.

– Chame como quiser. Minha pergunta é: que importância isso tem?

– Visto como um elemento isolado, não muita além de indicar certo nível

de cautela. Mas, combinado com a postagem no Facebook, eu diria que indica uma tentativa de levar a uma história falsa. Assim como o fato de o corpo ter sido removido da sala no andar de cima, onde o ataque aconteceu, para o saguão de entrada, onde foi encontrado.

Trout levantou uma sobrancelha.

– Marcas microscópicas de arranhões feitos pelos calcanhares dos sapatos de Ruth Blum no carpete da escada indicam que ela foi arrastada – explicou Bullard. – O que quer dizer que estávamos sendo levados a engolir uma versão do crime muito diferente do que realmente aconteceu.

Rebecca Holdenfield se pronunciou pela primeira vez:

– Por quê?

Bullard sorriu como uma professora para um aluno que enfim fez a pergunta certa.

– Bom, se tivéssemos engolido a fraude, ou seja, a ideia de que o assassino parou na entrada de veículos, bateu à porta, golpeou a vítima quando ela a abriu e sumiu na noite, acabaríamos acreditando que a postagem no Facebook tinha sido escrita pela vítima e que tudo nela era verdadeiro, inclusive a descrição do veículo do assassino. Além disso, acharíamos que o assassino provavelmente era alguém que ela não conhecia.

Rebecca pareceu sinceramente curiosa.

– Por que alguém que ela não conhecia?

– Por dois motivos. Primeiro, a postagem no Facebook indica que não era um veículo que ela já tivesse visto. Segundo, a disposição enganosa do corpo naquele local dá a falsa ideia de que ela não o deixara entrar na casa, quando na verdade sabemos que ela deixou.

– Há muito poucas evidências disso – observou Trout.

– Temos provas de que ele *esteve* na casa e que fez um esforço para nos fazer crer que não. Há vários motivos para ele querer isso, mas um muito importante seria esconder o fato de que a vítima o conhecia e o convidou a entrar.

Isso pareceu pegar Trout de surpresa.

– Está dizendo que Ruth Blum conhecia o Bom Pastor pessoalmente?

– Estou dizendo que alguns elementos na cena do crime exigem que levemos essa possibilidade a sério.

Trout olhou para Daker, que deu de ombros como se não achasse isso

nada de mais. Depois fitou Rebecca, que parecia acreditar que isso tinha, sim, muita importância.

A tenente Bullard se recostou na cadeira e deixou que o silêncio tomasse conta da sala antes de acrescentar:

– As falsas evidências criadas pelo Bom Pastor em relação ao assassinato de Ruth Blum me fizeram reconsiderar os assassinatos originais dele.

– Reconsiderar? – Trout estava agitado. – Reconsiderar o quê?

– Fico imaginando se na época ele teria a mesma disposição para esconder a verdade. O que acha, agente Trout?

A seu modo, a tenente havia jogado uma pequena bomba na reunião. Não era uma bomba *nova*, é claro. Era o que Gurney vinha murmurando havia uma semana e Clinter nos últimos dez anos. Mas agora, pela primeira vez, a questão fora levantada não por alguém de fora, e sim por uma importante investigadora, com o direito legítimo de levar o caso à sua conclusão.

Ela parecia dar a Trout a chance de voltar atrás em sua certeza de que a essência do caso se resumia ao manifesto e ao perfil do criminoso.

Como era de esperar, ele empacou e disparou:

– Você falou antes sobre a importância dos fatos. Eu gostaria de ter muito mais fatos nas mãos antes de dar minha opinião. Não estou disposto a repensar o caso mais analisado da criminologia moderna só porque alguém tentou nos enganar sobre o lugar onde o assassino estacionou o carro.

O sarcasmo foi um erro. Gurney viu isso na rigidez do maxilar de Bullard e nos dois segundos extras durante os quais ela sustentou o olhar do sujeito antes de prosseguir. A tenente pegou a folha impressa com as questões levantadas por Gurney e disse:

– Já que vocês, colegas do FBI, estiveram no centro de toda essa análise, espero que possam me esclarecer alguns pontos. A história dos animaizinhos, por exemplo. Tenho certeza de que viram no nosso relatório da DSIJC que um leão de plástico de 5 centímetros foi posto sobre os lábios da vítima. O que acham disso?

Trout se virou para Rebecca.

– Becca?

Ela deu um sorriso sem graça.

– Esta é uma área especulativa. A fonte dos animais originais, um brinquedo chamado Arca de Noé, sugere um significado religioso. A Bíblia

descreve o dilúvio como o julgamento de um mundo maligno por Deus, assim como as ações do Bom Pastor representam o julgamento deste mundo por ele. Além disso, o Bom Pastor só usou um de cada par de animais nos locais dos crimes. Dividir os casais dessa forma pode ter um significado inconsciente para ele. Seria seu modo de “separar o rebanho”. De uma perspectiva freudiana, essa atitude poderia refletir um desejo infantil de romper o casamento dos pais, talvez matando um deles. Mas digo mais uma vez: tudo isso é especulação.

Bullard assentiu devagar, como se tivesse acabado de ouvir uma verdade profunda.

– E a arma gigantesca? De uma perspectiva freudiana, seria um pênis enorme?

Rebecca olhou para ela com cautela.

– Não é tão simples assim.

– Ah – disse Bullard. – Era disso que eu estava com medo. Justo quando acho que estou captando... – Ela se virou para Gurney. – Qual é sua interpretação da arma grande e dos animais pequenos?

– Acho que o objetivo era gerar esta conversa.

– Pode repetir?

– Minha interpretação da arma e dos animais é que eles servem para nos distrair.

– Distrair do quê?

– Do pragmatismo essencial de toda a operação. O objetivo é sugerir que existe uma motivação neurótica por trás da operação, ou mesmo algum desequilíbrio mental.

– O Bom Pastor quer que acreditemos que ele tem problemas mentais?

– Por trás do raciocínio de um típico assassino impelido por uma missão existe sempre um componente de motivação neurótica ou psicótica. É a fonte inconsciente da energia homicida que impele a “missão” consciente. Certo, Rebecca?

Ela ignorou a pergunta.

– Acredito que o assassino tenha plena consciência disso – continuou ele.

– Do meu ponto de vista, a arma e os animais foram os toques finais de um mestre da manipulação. Os especialistas em perfis psicológicos esperariam encontrar coisas assim, então ele as forneceu. Elas ajudavam a tornar

verossímil o conceito de “missão”. A única hipótese que o assassino não queria que ninguém propusesse ou seguisse era que ele era são como qualquer um de nós e que seus crimes poderiam ter uma motivação puramente prática e tradicional, porque isso conduziria a investigação a uma direção totalmente diferente, sendo provável que ele fosse desmascarado bem rápido.

Trout suspirou com impaciência e se dirigiu a Bullard:

– Nós já repassamos todos esses argumentos com o Sr. Gurney. E as afirmações dele continuam não passando disso: afirmações. Não se baseiam em provas. Para ser franco, repetir tudo isso é cansativo. A teoria consagrada representa uma visão totalmente coerente do caso, a *única* visão racional e coerente que já foi apresentada. – Ele pegou sua cópia da nova mensagem do Bom Pastor e balançou-a no ar. – Além disso, este novo comunicado é cem por cento coerente com o manifesto original e oferece uma explicação perfeitamente verossímil para o ataque contra a viúva de Harold Blum.

– O que você acha, Rebecca? – perguntou Gurney, apontando para o papel na mão de Trout.

– Eu gostaria de ter mais tempo para estudá-lo, mas neste momento eu diria, com um nível razoável de certeza profissional, que foi redigido pelo mesmo indivíduo que escreveu o documento original.

– O que mais?

Ela franziu os lábios e pareceu avaliar diferentes modos de responder.

– Ele está explicitando o mesmo ressentimento obsessivo, que agora foi agravado pela transmissão de *Os órfãos do assassinato* na TV. Sua nova reclamação, o fator motivador que disparou seu ataque contra Ruth Blum, é que o programa é uma glorificação intolerável de pessoas desprezíveis.

– Tudo isso faz sentido – exclamou Trout. – Reforça tudo o que dissemos sobre o caso desde o início.

Gurney ignorou a interrupção e permaneceu focado em Rebecca.

– Em que ponto você diria que está a raiva dele a esta altura?

– O quê?

– Em que ponto você diria que está a raiva do homem que escreveu isso?

A pergunta pareceu surpreendê-la. Ela pegou sua cópia e releu.

– Bom... ele emprega uma linguagem bastante emocional e usa palavras

como *sangue... diabólico... mancha... culpa... castigo... morte... monstros*, expressando uma espécie de raiva bíblica.

– O que você vê nesse documento é *raiva*? Ou uma *representação* da raiva?

Ele viu um tremor quase imperceptível no canto da boca de Rebecca.

– Qual é a diferença?

– Eu me pergunto se este é um homem furioso expressando sua raiva ou um homem calmo dizendo o que imagina que um homem furioso escreveria nessas circunstâncias.

Trout o interrompeu de novo:

– Qual é o objetivo de tudo isso?

– É um objetivo bem básico – respondeu Gurney. – Quero saber se a Dra. Holdenfield, uma psicoterapeuta bastante perceptiva, acha que quem redigiu esse texto estava expressando uma emoção autêntica ou se, de certa forma, estaria pondo palavras na boca de um personagem que inventou: o suposto Bom Pastor.

Trout olhou para Bullard.

– Tenente, não podemos passar o dia inteiro nesse tipo de teorização excêntrica. Esta reunião está sendo presidida pela senhora. Insisto que faça alguma coisa a respeito da pauta.

Gurney continuou a sustentar o olhar da psicóloga.

– É uma pergunta simples, Rebecca. O que acha?

Ela demorou bastante tempo para falar:

– Não sei exatamente.

Gurney sentiu, enfim, alguma honestidade nos olhos de Rebecca e em sua resposta.

A tenente Bullard pareceu perturbada.

– David, agora há pouco você usou a expressão “puramente prática” em relação à motivação do Bom Pastor. Que tipo de motivo puramente prático poderia levar um assassino a escolher seis vítimas cuja conexão principal era dirigir carros extravagantes?

– Mercedes pretos extravagantes – corrigiu Gurney, mais para si mesmo do que para ela, com *O homem do guarda-chuva preto* vindo-lhe de novo à mente.

Referir-se à trama de um filme durante a discussão de um crime

verdadeiro era arriscado, principalmente num ambiente hostil, mas Gurney decidiu ir em frente. Contou como os atiradores foram enganados durante a perseguição ao homem do guarda-chuva quando ele apareceu em meio a uma multidão de pessoas com guarda-chuvas iguais.

– Que diabo de conexão existe entre essa história e o que viemos discutir? Esse foi o primeiro comentário de Daker.

Gurney sorriu.

– Não sei. Só tenho a sensação de que existe uma. Eu tinha esperança de que alguém na sala conseguisse me ajudar a enxergá-la.

Trout revirou os olhos.

Bullard pegou a folha impressa com as perguntas sobre os assassinatos que Gurney havia listado. Seu olhar parou na metade da página e ela leu em voz alta:

– “Todos eles têm a mesma importância?” – Em seguida fitou as pessoas ao redor da mesa. – Essa me parece uma pergunta interessante no contexto da história do guarda-chuva.

– Não vejo qual é a relevância – retrucou Daker.

Bullard começou a piscar freneticamente de novo, como se avaliasse as possibilidades.

– Suponha que nem todas as vítimas fossem alvos primários.

– E as que não eram... foram o quê? *Erros?* – questionou Trout com a incredulidade estampada no rosto.

Gurney já havia explorado essa ideia com Hardwick e ela levara a hipóteses improváveis demais para serem consideradas.

– Erros, não – disse ele. – Mas vítimas secundárias, de certa forma.

– Secundárias? – repetiu Daker. – Que diabo quer dizer isso?

– Ainda não sei. Por enquanto é só uma pergunta.

Trout deixou as mãos caírem na mesa com um estrondo.

– Só vou falar isto uma vez: em toda investigação, chega uma hora que temos que parar de questionar o básico e nos concentrar na busca ao criminoso.

– O problema, aqui – reagiu Gurney –, é que nenhum processo sério de questionamento sequer teve início.

– Certo, certo – replicou Bullard, levantando as mãos para que os dois se calassem. – Quero falar sobre os passos que já demos. – Virou-se para

Clegg, que estava sentado à sua esquerda. – Andy, faça um resumo rápido sobre o que está acontecendo.

– Sim, senhora. – Ele pegou um pequeno aparelho digital no bolso do paletó, digitou algumas teclas e examinou a tela. – A equipe de perícia liberou a cena do crime para acesso geral. As provas físicas foram ensacadas, etiquetadas e processadas. O computador foi mandado para os peritos em informática. Os fragmentos de digitais encontrados foram verificados pelo sistema de identificação de digitais. O relatório preliminar do legista já está disponível. O relatório da autópsia e os exames toxicológicos completos ficarão prontos em 72 horas. As fotos do local do crime e da vítima foram disponibilizadas no sistema, assim como o relatório de ocorrência. A terceira atualização do relatório da Divisão de Serviços de Informações da Justiça Criminal está no sistema. Até agora, foram feitas 48 entrevistas na vizinhança, e o objetivo é que esse número chegue a um total de 66 até o fim do dia. As transcrições iniciais já estão disponíveis e os resumos encontram-se a caminho. Como duas testemunhas afirmaram ter visto um Humvee ou um automóvel parecido com um Hummer na vizinhança, o Departamento de Veículos Motorizados está compilando listas de proprietários de todos os automóveis semelhantes registrados na área central do estado de Nova York.

– E como planejamos usar essas listas? – perguntou Trout.

– Elas vão funcionar como um banco de dados no qual poderemos pesquisar os nomes de todos os suspeitos à medida que forem surgindo – esclareceu Clegg.

Trout pareceu cético, mas não disse nada.

Gurney estava desconfortável com o fato de já ter a resposta que Clegg procurava. Em geral, era a favor do máximo de sinceridade. Nas circunstâncias atuais, porém, temia que a revelação só fosse criar uma distração e desperdiçar um tempo valioso, ao desviar a atenção para Max Clinter. E Max Clinter, no fim das contas, não podia ser o Bom Pastor. Ele era esquisito, talvez maluco, mas diabólico? Não, com certeza não era diabólico.

No entanto, Gurney tinha um motivo menos objetivo para guardar essa informação. Não queria parecer íntimo demais de Clinter, alinhado demais com suas ideias. Não queria se queimar com essa associação. Rebecca

Holdenfield jogara aquele diagnóstico de estresse pós-traumático na cara dele no restaurante em Branville. Num determinado ponto, Max Clinter também fora diagnosticado como portador de TEPT. Gurney não gostava da semelhança.

Clegg estava encerrando seu relatório.

– As impressões de marcas de pneus deixadas no estacionamento da Lakeside Collision estão sendo analisadas e as fotos foram mandadas para os peritos em automóveis, para que chequem peças originais e de reposição que combinem. Conseguimos uma impressão dupla completa bastante decente. Vamos torcer por uma medida única de largura de eixo. – Ele levantou os olhos da tela do aparelho. – Isso é tudo o que sei no momento, tenente.

– Os peritos deram alguma previsão de horário para nos ligar falando da análise da carta do Bom Pastor? Precisamos de dados sobre a tinta, o papel, a impressora, parciais de impressões digitais no formulário de endereço e no envelope interno etc.

– Eles disseram que vão ter uma ideia melhor em uma hora.

Bullard assentiu.

– E as notificações que temos que enviar às potenciais próximas vítimas?

– Estamos no início do processo. Temos uma lista de membros das famílias entre os materiais fornecidos pelo agente Daker. Acredito que estejamos em contato com a Srta. Corazón agora mesmo, segundo a sugestão do Sr. Gurney, para solicitar os números de telefone atualizados. Carly Madden, oficial de relações públicas, está ajudando a formular uma mensagem adequada.

– Ela entende o objetivo das notificações e a importância de usar os termos exatos, certo? Deve ser um alerta sério, mas sem provocar pânico.

– Ela está ciente disso.

– Ótimo. Eu gostaria de ver o esboço da mensagem antes que os telefonemas sejam efetuados. Vamos fazer isso o mais rápido possível.

A impressão que Gurney tivera sobre a mulher estava se confirmando. Ela era movida a ação. O trabalho era, provavelmente, seu único vício. “O mais rápido possível” devia ser, quase com certeza, o modo como ela queria que tudo acontecesse. E os adversários deveriam se cuidar.

A tenente olhou ao redor da mesa.

– Alguma pergunta?
– Parece que você está bem ocupada – comentou Trout.
– Então... Temos mais alguma novidade?
– O que estou dizendo é que em algum momento todos nós precisamos de ajuda.

– Sem dúvida. Pode me ligar sempre que se encontrar nessa situação.
Trout riu – um som tão caloroso e agradável quanto um carro com a bateria arriada.

– Eu só queria lembrar que temos alguns recursos em nível federal com que talvez vocês não contem em Auburn ou Sasparilla. E o fato é que, quanto mais clara se tornar a ligação entre este novo homicídio e os casos antigos, maior será a pressão institucional sobre nós dois para utilizarmos todos os meios federais de que dispusermos.

– Talvez isso aconteça amanhã. Mas hoje ainda é hoje. Vamos viver um dia de cada vez.

Trout sorriu – uma expressão mecânica coerente com a risada que tinha dado anteriormente.

– Não sou um filósofo, tenente, só um homem realista que sabe como as coisas funcionam e onde este caso vai parar. Imagino que você possa ignorar isso até o momento em que acontecer, mas precisamos determinar algumas regras básicas de ação e comunicação a partir de agora.

Bullard olhou para seu relógio de pulso.

– Na verdade, a partir de agora o que vai acontecer é um pequeno intervalo para o almoço. É meio-dia em ponto. Sugiro que recomeçemos a reunião às 12h45 para discutirmos as regras básicas de ação e comunicação. Depois, proponho que façamos um trabalho de verdade, se as regras básicas permitirem. – Seu sarcasmo foi suavizado por um sorriso. – O café e as máquinas de salgadinhos neste prédio são horrorosos. Vocês, de Albany, gostariam de uma recomendação de um local para almoçar?

– Não é preciso. Vamos ficar bem – respondeu Trout.

Rebecca Holdenfield continuava pensativa e inquieta. Aparentava não estar nada bem.

Daker parecia não sentir nada além de um desejo genérico de acabar com todos os encenqueiros do mundo, dolorosamente, um por um.

A tenente Bullard e Gurney estavam sentados num reservado em forma de U em um pequeno restaurante italiano com um bar e três inevitáveis aparelhos de TV.

Cada um pediu uma pequena entrada e os dois dividiram uma pizza. Clegg ficara no departamento para acompanhar o progresso das inúmeras iniciativas em andamento. Bullard estava quieta desde que chegaram e agora separava as pimentas na borda do prato de salada. Assim que afastou a última, levantou os olhos e encarou Gurney.

– Então, Dave, me diga: que diabo você está aprontando?

– Seja mais específica na pergunta e ficarei feliz em responder.

Ela olhou para a salada, espetou uma pimenta com o garfo, colocou-a na boca, mastigou e engoliu sem qualquer indício de desconforto.

– Sinto que você está realmente envolvido com essa história. O que você está fazendo é mais do que apenas um favor para uma garota com uma boa ideia. Então, o que é? Preciso saber.

Ele sorriu.

– Por acaso Daker lhe contou que a RAM-TV quer que eu faça um programa de comentários críticos sobre investigações fracassadas da polícia?

– Algo assim.

– Bom, eu não tenho intenção de fazer.

Ela lhe lançou um olhar longo, avaliador.

– Certo. Você tem outro interesse financeiro ou profissional na situação atual sobre o qual não tenha me falado?

– Nenhum.

– Certo. O que é, então? Qual é o atrativo?

– Existe no caso uma lacuna grande o suficiente para caber um caminhão. E para me fazer perder o sono à noite também. Além disso, aconteceram algumas coisas esquisitas que acho que tinham o objetivo de fazer Kim desistir do projeto e desencorajar minha participação. Eu tenho uma reação perversa a esforços desse tipo. Quanto mais me querem longe, mais eu quero ficar perto.

– Eu lhe disse algo semelhante sobre mim. – Ela falou isso tão tranquilamente que era difícil saber se significava um sinal de camaradagem ou um aviso para não tentar manipulá-la. Antes que ele

pudesse decidir o que pensar, a tenente continuou: – Mas tenho a sensação de que há outra coisa. Estou certa?

Ele se perguntou até que ponto poderia ser honesto.

– Há, sim. Não sei se devo dizer porque é algo que me faz parecer idiota, pequeno e ressentido.

Bullard deu de ombros.

– É uma das escolhas básicas da vida, não é? A gente pode parecer moderno, legal, bacana. Ou pode dizer a verdade.

– Quando comecei a me familiarizar com o caso do Bom Pastor para ajudar Kim Corazón, perguntei a Rebecca Holdenfield se ela achava que o agente Trout estaria disposto a ouvir meus pontos de vista sobre a investigação.

– E ela disse que não, porque você não era mais um membro ativo da polícia?

– Pior. O que ela falou foi: “Você só pode estar brincando.” Um pequeno comentário. Um comentáriozinho irritante. Deve parecer um motivo maluco para eu me agarrar ao osso desse jeito e me recusar a largar.

– Claro que é um motivo maluco. Mas pelo menos agora eu sei o que há por trás de toda essa obstinação. – Ela comeu uma segunda pimenta. – Voltando à lacuna no caso que não deixa você dormir à noite. Que perguntas você se faz às duas da madrugada?

Ele não precisava pensar muito para responder.

– Três principais. Primeiro, o fator tempo. Por que os assassinatos começaram naquela época, a primavera de 2000? Segundo, que linhas de investigação foram descartadas, ou jamais iniciadas, por causa da chegada do manifesto? Terceiro, o que tornou “matar os ricos gananciosos” a história falsa perfeita para esconder o que acontecia de verdade?

Bullard levantou uma sobrancelha em sinal de desafio.

– Presumindo que alguma coisa *estivesse* acontecendo além de “matar os ricos gananciosos”, uma suposição com a qual você está muitíssimo mais comprometido do que eu.

– Você vai passar a gostar dela. Na verdade...

– *O Bom Pastor voltou!*

O anúncio irritante na TV acima do bar fez Gurney parar no meio da frase. Um dos melodramáticos apresentadores de jornal da RAM-TV aparecia em

uma das metades da tela. Na outra, estava um famoso evangelista de topete grisalho, o reverendo Emmet Prunk.

– Segundo fontes confiáveis, o temido assassino em série do interior do estado de Nova York voltou. O monstro está assombrando a cena rural mais uma vez. Há dez anos, o Bom Pastor acabou com a vida de Harold Blum com uma bala na cabeça. Na noite de anteontem, o assassino retornou. Apareceu na residência da viúva de Harold, Ruth. Entrou na casa dela no meio da noite e cravou um furador de gelo em seu coração. – A entonação exagerada do sujeito era tão chamativa quanto repulsiva. – Isso é tão... tão desumano... tão além dos limites... Peço desculpas aos telespectadores, mas existem coisas neste mundo que me deixam simplesmente sem palavras. – Ele balançou a cabeça, sério, e se virou para a outra metade da tela dividida, como se o religioso estivesse sentado ao lado dele no estúdio. – Reverendo Prunk, o senhor parece ter sempre as palavras certas, a ideia certa, então, por favor, nos ajude. Qual é sua opinião sobre esse acontecimento aterrorizante?

– Bom, Dan, como qualquer ser humano normal, meus sentimentos vão do horror à indignação. Mas acredito que no plano de Deus haja um propósito para cada acontecimento, por mais pavoroso que possa parecer a nosso modo meramente humano de enxergar. Alguém poderia me perguntar: “Mas, reverendo Prunk, que propósito esse pesadelo poderia ter?” E eu diria que, diante de tanta maldade, existem muitas coisas que podemos aprender sobre a natureza do mal em nosso mundo atual. Esse monstro não tem respeito por suas vítimas. Elas são palhas a ser sopradas pelo vento de sua obstinação. Não são nada. Um sopro de fumaça. Um grão de terra. Essa é a lição que o Senhor colocou diante de nossos olhos. Ele está nos mostrando a verdadeira natureza do mal. Extinguir a vida, soprá-la como um fiapo de fumaça, pisoteá-la como um grão de terra, essa é a essência do mal! Essa é a lição que o Senhor ergue para que nós, os justos, vejamos nos feitos do demônio.

– Obrigado, senhor. – O apresentador se virou de novo para a câmera. – Como sempre, sábias palavras do reverendo Emmet Prunk. E agora, informações importantes das pessoas que tornam a RAM News possível.

Uma sequência de comerciais espalhafatosos e ruidosos ocupou o lugar do apresentador e do pastor.

- Meu Deus – murmurou Gurney, olhando Bullard do outro lado da mesa. Ela o encarou de volta.
- Diga mais uma vez que você não está ligado a essas pessoas.
- Não estou ligado a essas pessoas.

Ela sustentou seu olhar por mais um tempo, depois fez uma careta, como se uma das pimentas não tivesse caído bem.

– Vamos voltar a seu argumento sobre certas linhas de investigação terem sido descartadas com a chegada do manifesto. Você pensou em quais poderiam ser?

– As coisas óbvias. Para começar, quem foi beneficiado? A simples questão de quem pode ter lucrado de modo prático com todos os seis assassinatos precisa estar no topo da lista de elementos que nunca foram investigados assim que o manifesto fez todos acreditarem que o assassino era um homem com uma missão.

- Certo, estou ouvindo. O que mais?
- Uma conexão. Alguma ligação entre as vítimas.
- Além de todas possuírem um Mercedes?
- Isso.

Ela pareceu cética.

– O problema com isso é que tornaria a marca dos carros algo secundário. Se eles não foram o critério principal para os ataques, teriam que ser vistos como uma coincidência. Tremenda coincidência, não acha?

A objeção dela era a mesma de Hardwick. Gurney não tivera resposta para isso naquela ocasião, e ainda não havia chegado a uma.

- O que mais? – perguntou ela.
- Investigações aprofundadas de cada caso individual.
- Como assim?
- Assim que o padrão serial ficou evidente, passou a ditar a natureza da investigação.
- Claro que passou. De que outro modo...
- Só estou citando caminhos que não foram explorados. Não estou dizendo que eles *deveriam* ter sido explorados, só que não foram.
- Me dê um exemplo.
- Se os assassinatos tivessem sido investigados como crimes individuais, o processo seria totalmente diferente. Em qualquer caso de homicídio

premeditado sem motivação ou suspeito óbvio, você sabe tão bem quanto eu o que aconteceria. Esmiuçaríamos a vida e os relacionamentos das vítimas: amigos, amantes, ligações criminosas, ficha criminal, maus hábitos, casamentos ruins, divórcios complicados, conflitos de negócios, disposições de testamentos e propriedades, dívidas, pressões e oportunidades financeiras. Em outras palavras, fuçaríamos a vida delas procurando situações e pessoas suspeitas. Mas nesse caso...

– Sim, sim, eu sei, nesse caso nada disso foi feito. Se alguém anda por aí atirando em Mercedes aleatórios no meio da noite, a gente não gasta tempo e dinheiro verificando os problemas pessoais de cada vítima.

– Claro. Um padrão psicopatológico, principalmente com um instigador simples como um carro preto, faz com que encontrar o assassino psicopata seja o único foco. As vítimas não passam de componentes genéricos do padrão.

Ela lançou-lhe um olhar duro.

– Espero que você não esteja sugerindo que os assassinatos do Bom Pastor tiveram seis motivações diferentes a partir das vidas individuais das seis vítimas.

– Seria absurdo, não é?

– Seria. Tão absurdo quanto a ideia de os seis carros da mesma marca serem coincidência.

– Não vou questionar isso.

– Muito bem, então. Esses são os caminhos que não foram levados em consideração. Agora há pouco você mencionou o fator tempo como uma das questões em sua mente incansável. Tem ideias específicas sobre isso?

– Não, por enquanto nada. Às vezes, analisar atentamente *quando* alguma coisa aconteceu pode ser o ponto de partida para entender *por que* ela aconteceu. Por sinal, sua referência às minhas noites em claro me lembrou de algo que eu queria lhe contar. Paul Mellani, filho de Bruno Mellani e participante do projeto de Kim, tem licença para portar uma pistola Desert Eagle.

– Quando ele a obteve?

– Não tenho acesso a essa informação.

– Sério? – Ela fez uma pausa. – Por falar nisso, acho que o agente Trout está bastante interessado nesse assunto.

- Eu sei. Ele está perdendo tempo. Mas obrigado por mencionar.
- Ele também está bastante interessado em seu celeiro.
- Como você sabe?
- Daker me disse que seu celeiro pegou fogo em circunstâncias suspeitas, que um investigador de incêndios criminosos encontrou uma lata de gasolina escondida em algum lugar e que eu deveria ter cautela ao lidar com você.

- E o que *isso* lhe diz?
- Que eles não gostam muito de você.
- Que surpresa!
- Matthew Trout pode ser um inimigo poderoso.
- Todo mundo tem que enfrentar problemas na vida.

Bullard assentiu e quase deu um sorriso, depois pegou o celular.

- Andy? Preciso que você rastreie uma informação sobre porte de arma... Paul Mellani... É, o próprio... Uma Desert Eagle... Fiquei sabendo que ele tem uma, mas a grande questão é quando comprou... A data original da licença... Certo... Obrigada.

Os dois comeram em silêncio por algum tempo, terminando a entrada e a maior parte da pizza enquanto uma série de anúncios de reality shows grotescos da RAM-TV retumbava nas três telas do restaurante.

Um dos programas se chamava *Efeito sanfona*, no qual quatro homens e quatro mulheres disputavam para ver quem ganhava ou perdia o maior número de quilos, ou ganhava primeiro e depois perdia, num período de 26 semanas, durante as quais eram obrigados a viver juntos. O vencedor da edição anterior tinha ido de 59 a 118 quilos e voltado a 58, ganhando os prêmios extras Dobro e Metade.

Enquanto Gurney imaginava se a insanidade na mídia era exclusividade dos Estados Unidos ou se o mundo inteiro havia enlouquecido, recebeu uma mensagem de texto de Kim, pedindo-lhe que abrisse o e-mail que lhe mandara com o vídeo da conversa dela com Jimi Brewster.

Ver o nome da jovem na tela do celular o fez se lembrar de outro detalhe de logística. Olhou para Bullard, que fazia um sinal para que o garçom trouxesse a conta.

- Presumo que você vá mandar a cópia da nova mensagem do Bom Pastor recebida por Kim Corazón para o laboratório em Albany. O que você quer

que ela faça com a carta?

- Onde ela está?
- Na casa do meu filho, em Manhattan.

A tenente hesitou por um ou dois segundos, como se arquivasse esse fato para analisá-lo depois.

– Peça que ela a leve ao escritório de comunicação, na sede do DPNY. Quando voltarmos à unidade, vou lhe dar as instruções que precisam ir junto com o material.

Gurney já ia enfiar o celular de volta no bolso quando lhe ocorreu que Bullard poderia se interessar pelo vídeo de Brewster.

– Por sinal, tenente, Kim entrevistou, há pouco tempo, Jimi Brewster, um dos familiares de vítimas do Bom Pastor. Foi ele que...

Ela assentiu.

– O que odiava o pai cirurgião. Li sobre ele na pilha de papéis que Daker jogou em meu colo.

– Certo. Bom, Kim acaba de me mandar um e-mail com o vídeo da conversa que teve com ele. Você quer dar uma olhada?

– Claro que quero. Poderia me encaminhar?

Quando Gurney e Bullard voltaram à sala de reuniões, Trout, Daker e Rebecca já estavam em torno da mesa. Apesar de os dois terem se atrasado apenas um minuto, Trout lançou um olhar para o relógio.

– Você tem outro compromisso? – perguntou Gurney em tom casual e com um sorriso afável que disfarçavam apenas ligeiramente a hostilidade em sua voz.

Trout não respondeu. Na verdade, nem ao menos levantou a cabeça. Em vez disso, passou a unha entre os dentes da frente para tirar algo que tinha ficado ali.

Assim que Bullard e Gurney ocuparam seus lugares, Clegg entrou na sala e pôs diante da tenente um papel, que ela examinou com a testa franzida numa expressão de curiosidade.

– Isso quer dizer que vocês começaram a dar os telefonemas de alerta?

– Só ligações rápidas para saber quem está disponível e quem não está – informou Clegg. – Para quem atende, dizemos que vamos telefonar de novo em cerca de uma hora com informações relacionadas ao caso. Quando a

ligação cai na caixa postal, pedimos que as pessoas entrem em contato conosco.

A tenente Bullard assentiu e deu mais uma olhada na folha.

– De acordo com estas informações, você falou diretamente com a irmã de Ruth Blum, que estava no meio do percurso entre o Oregon e Aurora, com Larry Sterne, em Stone Ridge, e com Jimi Brewster, em Turnwell. E quanto ao restante das pessoas da lista?

– Deixamos recado nas caixas postais de Eric Stone, Roberta Rotker e Paul Mellani, pedindo que nos ligassem de volta.

– Temos os endereços de e-mail deles?

– Acredito que Kim Corazón tenha nos dado todos os contatos da lista dela.

– Então mande um e-mail agora mesmo para todas as pessoas com quem não conseguiram falar diretamente. Se não tivermos notícias de ninguém em meia hora, vamos tentar de novo. Diga a Carly que ela tem quinze minutos para me atualizar. Se não conseguirmos nada na segunda tentativa, vamos despachar patrulheiros para cada um dos endereços físicos.

Quando Clegg saiu da sala, Bullard respirou fundo, recostou-se na cadeira e olhou, pensativa, para Trout.

– Voltando às questões mais difíceis: você tem ideia de por que Ruth Blum foi assassinada?

– É o que eu já disse antes. Basta olhar a mensagem do Bom Pastor.

– Eu já até decorei o texto.

– Então sabe o motivo tão bem quanto eu. A estreia de *Os órfãos do assassinato* na RAM-TV tocou o nervo mais sensível dele e ressuscitou sua missão de matar os ricos.

– Dra. Holdenfield? Concorde com isso?

Rebecca assentiu.

– Em termos gerais, concordo. Mais especificamente, eu diria que o programa trouxe seu *ressentimento* de volta à vida. Destruiu a represa que devia estar contendo a emoção nos últimos dez anos. Então a fúria começou a fluir de novo para sua obsessão pela injustiça social e o resultado foi o assassinato.

– É um modo interessante de ver o que aconteceu – disse Bullard. – E

você, Dave? Como interpreta o crime?

- Frio e calculista, com aversão ao risco. O oposto da descrição de Rebecca. Fúria zero. Racionalidade total.

- E o motivo totalmente racional para matar Ruth Blum seria...?

- Impedir o trabalho que está sendo feito com o programa, por representar uma ameaça para ele.

- E essa ameaça é...?

- Ou é algo que Kim poderia descobrir à medida que as entrevistas se desenrolam, ou algo que um espectador poderia perceber enquanto assiste à série na TV.

Bullard voltou a ficar cética.

- Quer dizer, um elo de ligação entre as vítimas? Além dos carros? Nós já discutimos o problema com os...

- Talvez não seja uma ligação em si. O objetivo declarado e amplamente divulgado de Kim era *revelar os efeitos do assassinato na vida dos que ficaram*. Talvez haja algo relacionado a essas famílias que o assassino não queira que seja revelado, algo que possa apontar para a descoberta de sua identidade.

Trout bocejou. Talvez, se ele não tivesse feito isso, Gurney não se sentisse compelido a acrescentar uma última possibilidade:

- Ou pode ser que o assassinato, junto com a mensagem explicativa, seja um esforço para garantir que todos continuem vendo os ataques do Bom Pastor da mesma forma de sempre. Talvez seja um esforço para afastar a possibilidade de alguém enfim iniciar o tipo de investigação que deveria ter sido realizado na época.

Os olhos de Trout expressavam uma fúria profunda.

- Que diabo você sabe sobre o que deveria ter sido feito na época?

- O que parece claro é que vocês viram o caso como o Bom Pastor queria e que agiram de acordo com isso.

Trout se levantou abruptamente.

- Tenente Bullard, a partir de agora este caso está sob jurisdição federal. O caos e as teorias malucas que você está encorajando aqui não me deixam outra alternativa. – Ele apontou para Gurney. – Esse sujeito está aqui a convite seu. Não tem nenhum cargo oficial e já verbalizou, repetidas vezes, um desrespeito espantoso pelo FBI. Além disso, pode muito bem se tornar

o principal suspeito num caso de incêndio criminoso. Também pode ser o receptor de materiais vazados, de forma ilegal, de arquivos do Bureau e do BIC. Ele sofreu um ferimento traumático no cérebro e pode ter deficiências físicas e psicológicas que afetam sua percepção e sua capacidade de julgamento. Eu me recuso a perder mais tempo debatendo qualquer coisa com ele ou na presença dele. Vou falar com seu superior, o major Forbes, sobre a transferência da responsabilidade sobre a investigação.

Daker, sentado ao lado de Trout, se levantou. Parecia satisfeito.

– É uma pena que você se sintasse assim – respondeu Bullard com calma. – Meu objetivo, ao contrapor pontos de vista diferentes, era testar a força de cada um deles. Você não acha que esse objetivo foi alcançado?

– Foi uma perda de tempo.

– Trout vai ficar famoso – comentou Gurney com um sorriso frio. Quando todos olharam para ele, continuou: – Vai entrar para a história do FBI como o único agente que esteve no controle do mesmo caso duas vezes e conseguiu ferrá-lo nas duas.

Não houve despedidas nem apertos de mão.

Trinta segundos depois, Gurney e Bullard estavam sozinhos na sala.

– Você tem mesmo certeza de que está correto e de que todo mundo está errado? – indagou ela.

– Tenho 95 por cento de certeza.

Assim que ouviu as próprias palavras, foi invadido por uma dúvida profunda. Ter certeza de qualquer coisa naquelas circunstâncias pareceu-lhe de repente um excesso de confiança completamente insano.

Quando ia perguntar a Bullard em que momento ela achava que o controle do processo iria passar para o escritório regional do FBI, Clegg apareceu junto à porta. Ele estava com os olhos arregalados, expressando um tipo de urgência angustiada comum a policiais jovens.

Bullard encarou-o.

– Sim, Andy?

– Outro assassinato. Eric Stone. Na porta de sua casa. Um furador de gelo no coração. Uma zebrinha de plástico nos lábios.

Capítulo 37

Querendo matar

– Ah, meu Deus! – disse Madeleine. – Quem o achou assim?

Ela encontrava-se parada junto à ilha da cozinha, com um escorredor de macarrão ainda pingando na mão. Gurney estava sentado num banco alto do outro lado. Tinha acabado de relatar os pontos negativos, as dificuldades e os conflitos de seu dia – algo que, para ele, não era natural. Nunca fora. Ele culpava sua herança genética. Seu pai nunca se permitira se incomodar com nada, jamais admitira sentir medo, raiva ou confusão. “A fala é de prata, mas o silêncio é de ouro” era seu ditado preferido. Na verdade, até Gurney aprender, no ensino médio, que isso não era verdade, acreditava que o pai estava certo.

Seu primeiro instinto ainda era ficar em silêncio sobre seus sentimentos. Mas nos últimos tempos vinha tentando fazer pequenos avanços para vencer esse hábito que cultivara a vida inteira. Os ferimentos no outono anterior tinham diminuído sua tolerância ao estresse e ele havia descoberto que compartilhar alguns pensamentos com Madeleine parecia ajudar a aliviar a pressão.

Então, ele se sentara no banco perto da pia, meio sem jeito, e começara a narrar os problemas do dia, respondendo às perguntas dela do melhor modo possível.

– Um dos clientes o encontrou. Stone ganhava a vida fazendo pães e biscoitos especiais para algumas pousadas da região. A dona de uma delas apareceu para pegar um pedido de biscoitos de gengibre e notou que a porta da frente não estava trancada. Como Stone não respondeu às batidas,

ela empurrou a porta e ali estava ele, caído de costas no saguão de entrada, como Ruth Blum. Com o cabo de um furador de gelo se projetando logo abaixo do esterno.

– Meu Deus, que horror! O que ela fez?

– Parece que chamou a polícia.

Madeleine balançou a cabeça devagar, depois piscou, parecendo surpresa por ainda estar segurando o corredor. Despejou o macarrão fumegante numa travessa.

– Esse foi o fim do seu dia em Sasparilla?

– Basicamente, sim.

Ela foi até o fogão e pegou uma panela onde havia salteado aspargos e cogumelos. Jogou a mistura em cima do macarrão e colocou a panela vazia na pia.

– O confronto sobre o qual você estava me falando, com o tal de Trout... Isso está deixando você muito preocupado?

– Não sei bem.

– Ele parece um sacana intrometido.

– Ah, sim, com certeza.

– Mas você está preocupado com a hipótese de ele ser perigoso?

– Esse é um dos modos de dizer o que estou sentindo.

Ela levou a travessa de macarrão com aspargos e cogumelos para a mesa, depois pegou pratos e talheres.

– Só fiz isso hoje. Se quiser carne, temos sobras de almôndegas na geladeira.

– Está bom assim.

– Porque tem muitas almôndegas, e...

– Não, está ótimo, de verdade. Aliás, esqueci de contar que sugeri ao Kyle que ele e Kim ficassem aqui por alguns dias.

– Quando?

– A partir de hoje.

– Quero dizer, quando você sugeriu?

– Liguei para eles quando estava voltando de Sasparilla. O fato de os dois terem recebido aquela mensagem pelo correio significa que o remetente sabe onde Kyle mora. Por isso achei que poderia ser mais seguro...

Madeleine franziu a testa.

– O *remetente* também sabe onde *nós* moramos.
– É só que... parece melhor que eles fiquem por aqui. Unidos venceremos, talvez?

Comeram em silêncio por vários minutos, então Madeleine pousou seu garfo depois de ter ingerido apenas metade do jantar e empurrou o prato com delicadeza para o centro da mesa.

Gurney olhou-a.

– Algum problema?
– *Algum problema?* – Ela o encarou, incrédula. – Você perguntou isso mesmo?

– Não, quero dizer... Meu Deus, não sei o que eu quero dizer.

– Parece que as portas do inferno estão se abrindo.

– Não tenho como discordar.

– E qual é seu plano?

Ela lhe fizera essa mesma pergunta depois do incêndio no celeiro. Agora a preocupação era maior, porque a situação tinha piorado rápido demais. Pessoas estavam morrendo com furadores de gelo enfiados no coração. A equipe do FBI parecia mais decidida a transformá-lo em vilão e a se proteger do que a descobrir a verdade. Rebecca Holdenfield o havia enfraquecido traiçoeiramente, fornecendo a Trout, como munição, os argumentos “dano traumático ao cérebro” e “dificuldade psicológica”. Bullard podia ser uma semialiada no momento, mas Gurney sabia que esse pacto poderia evaporar bem rápido caso ela decidisse que seria melhor fazer as pazes com Trout.

Mas isso não era tudo. Além da rede de detalhes sórdidos e ameaças concretas em que estava emaranhado, Gurney tinha a sensação de que o mal se aproximava rápido e que um destino terrível se abateria sobre ele, Kim, Kyle e Madeleine. O diabo que a gravação no porão o alertara a não acordar, qualquer que fosse ele, já tinha despertado e estava à solta. E o único “plano” de Gurney era sua determinação de continuar estudando as peças do quebra-cabeça para descobrir a imagem que elas formariam, prosseguir cutucando o castelo de cartas oficial até que ele desmoronasse – ou até que seus opositores conseguissem neutralizá-lo.

– Não tenho nenhum plano – falou. – Mas, se você estiver com tempo, há uma coisa que eu gostaria que examinasse comigo.

Ela olhou o grande relógio de parede.

– Tenho cerca de uma hora. Vai haver outra reunião na clínica. O que você quer me mostrar?

Ele levou-a ao escritório, abriu o arquivo de vídeo que Kim havia lhe mandado e explicou o pouco que sabia a respeito dele.

Os dois se acomodaram nas poltronas diante da tela do computador.

O vídeo começava com um segmento que parecia ter sido gravado do banco do carona do carro de Kim enquanto o veículo se aproximava de uma placa de sinalização da estrada, espetada num montinho de neve. A placa anunciava o início do povoado de Turnwell, um lugar minúsculo no norte das Catskills onde Jimi Brewster recebia sua correspondência.

Sua moradia real era bem no alto das colinas, longe do precário agrupamento de construções caindo aos pedaços e lojas abandonadas que compunham o povoado em si. Os únicos estabelecimentos ativos pareciam ser um bar com uma vitrine imunda, um posto de gasolina com uma só bomba de abastecimento e uma agência de correio localizada num prédio de blocos de concreto do tamanho de uma casa pequena.

O carro de Kim – e a câmera – prosseguiu por uma estrada esburacada com montes de neve dos dois lados, que a separavam de outras construções arruinadas e de árvores que pareciam mortas havia muito tempo, e não apenas sem folhas por causa da estação. Gurney ficou pasmo ao constatar que Turnwell era um ambiente campestre tão diferente de Williamstown, onde o pai de Jimi morara. Perguntou-se se aquela distância cultural e estética era intencional, e a questão permaneceu em sua mente enquanto o vídeo prosseguia.

Também havia a dúvida sobre quem segurava a câmera. Tudo indicava que era Robby Meese, o que situaria a visita a Jimi Brewster em algum momento anterior ao rompimento dos dois.

A velocidade do carro diminuiu à medida que se aproximava de uma casinha à direita. A casa e a propriedade sem graça ao redor demonstravam um evidente descaso pela aparência. Tudo – desde as colunas que sustentavam o telhado meio caído sobre a varanda torta até a porta da construção anexa – se encontrava torto e em desalinho com relação a qualquer outro elemento. Pela experiência de Gurney, o desprezo explícito pela harmonia arquitetônica em geral era um indicativo de pobreza,

incapacidade física, depressão ou desordem cognitiva.

O homem que passou pela precária porta da frente e apareceu na varanda era magro e parecia nervoso, com os olhos se movendo freneticamente. Usava uma calça jeans preta e uma camiseta alaranjada, da mesma cor de seus cabelos curtos e sua barba rente.

O fato de ter entrado na faculdade duas décadas antes significava que ele teria pelo menos 37 anos, embora parecesse dez anos mais novo. A máxima DESAFIE TUDO, impressa em letras grossas na frente de sua camiseta, contribuía para essa imagem.

– Vamos entrar – disse ele, fazendo um gesto impaciente na direção da porta. – Está um frio desgraçado aqui fora.

A câmera o acompanhou para dentro da casa. As costas de sua camiseta proclamavam: A AUTORIDADE É UM SACO.

O interior da residência era tão pouco convidativo quanto o exterior. A pequena sala de estar contava com pouquíssimos móveis, e todos pareciam bem gastos. Havia um sofá sem graça encostado numa parede e uma mesinha retangular posicionada contra a parede oposta, com uma cadeira dobrável em cada uma das laterais.

Havia uma porta fechada de cada um dos lados do sofá e uma outra, no fundo da sala, permitia vislumbrar uma cozinha pequena. A principal fonte de iluminação era uma ampla janela acima da mesa.

Enquanto a câmera fazia uma panorâmica no espaço apertado, a voz de Kim pôde ser ouvida:

– Robby, desligue isso até a gente se ajeitar.

A câmera continuou ligada e focalizou o sujeito magro e ruivo, dando um zoom enquanto ele mudava o peso do corpo de um pé para o outro nervosamente. Era difícil saber se ele estava sorrindo ou fazendo uma careta.

– Robby. A câmera. Desligue. *Por favor.*

Apesar do tom veemente de Kim, o vídeo continuou por pelo menos dez segundos antes de ser interrompido.

Quando a imagem e o som retornaram, Kim e Jimi Brewster estavam sentados à mesa, frente a frente. O ângulo e o enquadramento sugeriam que Meese estava operando a câmera de algum lugar no sofá.

– Muito bem – disse Kim com o entusiasmo que Gurney se lembrava de

ter visto no dia em que a conheecera. – Vamos direto ao ponto. Quero repetir, Jimi, que estou muito grata por você se dispor a participar deste projeto. Aliás, você prefere que eu o chame de Jimi ou de Sr. Brewster?

Ele balançou a cabeça – um movimento discreto e espasmódico.

– Não importa. Como quiser.

Então começou a tamborilar levemente sobre o tampo da mesa, num ritmo entrecortado.

– Certo. Se para você não faz diferença, vou chamá-lo de Jimi. Como expliquei quando estávamos com a câmera desligada, esta conversa é só uma preliminar das perguntas que farei numa data posterior, numa situação mais formal...

Ele parou de tamborilar abruptamente e perguntou:

– Você acha que eu o matei?

– Como?

– É o que todo mundo se pergunta.

– Desculpe, Jimi, mas não estou entendendo...

Ele a interrompeu de novo:

– Mas, se fui eu que o matei, então teria que ter matado todos. E por isso eles não podem me prender, porque tenho um álibi para os quatro primeiros.

– Continuo sem entender, Jimi. Nunca pensei que você matou...

– Eu gostaria de ter matado.

Kim fez uma pausa, perplexa.

– Você gostaria... de ter matado seu pai?

– E todos os outros. Você acha que eu me pareço com o Bom Pastor?

– O quê?

– Quero dizer, com o modo como você imagina que o Bom Pastor seria?

– Eu nunca... na verdade eu nunca imaginei como ele seria.

Brewster começou a tamborilar outra vez.

– Porque ele fez tudo no escuro?

– No escuro? Não, eu só... simplesmente nunca imaginei como ele seria, não sei por quê.

– Você acha que ele é um monstro?

– Fisicamente, você quer dizer?

– Fisicamente, mentalmente, espiritualmente... De algum modo, de todos

os modos, de qualquer modo. Você acha que ele é um monstro?

– Ele matou seis pessoas.

– Seis monstros. O que faz dele um herói, não é?

– Por que você acha que todas as vítimas dele eram monstros?

Durante esse diálogo, a câmera fora se aproximando aos poucos, como um intruso na ponta dos pés, como se quisesse captar o menor tique ou a menor ruga no rosto deles.

As pálpebras de Jimi Brewster tremiam, sem de fato piscar.

– É fácil. Se você esbanja 100 mil dólares num carro, uma porra de um *carro*, você é de fato um desgraçado diabólico.

Sua voz era intensa e acusatória e parecia, como todo o restante, menos madura do que se esperaria, considerando sua idade cronológica. Ele se assemelhava mais a um membro perturbado do clube de xadrez de uma escola do ensino médio do que um homem de quase 40 anos.

– Um desgraçado diabólico? É isso que você acha do seu pai?

– O grande cirurgião? O cirurgião escroto, o merda que só queria saber de dinheiro?

– Seu pai. Você ainda o odeia tanto quanto na época?

– Minha mãe continua tão morta quanto estava na época.

– Como?

– Minha mãe se matou com comprimidos para dormir que ele receitou para ela. O grande gênio cirurgião. Que teve a cabeça de gênio explodida em mil pedaços. Quer saber um segredo? Quando me ligaram para dar a notícia, eu fiz com que repetissem três vezes. Acharam que eu estava em choque, mas não era isso. Fiquei tão feliz que queria garantir que não estava sonhando. Precisava ouvir a notícia várias vezes. Foi o dia mais maravilhoso da minha vida. – Brewster fez uma pausa, irradiando empolgação, fitando o rosto de Kim. – Rá! – exclamou ele. – Aí está! Estou vendo em seus olhos!

– O quê?

– A grande pergunta.

– Que grande pergunta?

– A grande pergunta de todo mundo: será que Jimi Brewster é o Bom Pastor?

– Como eu disse, essa ideia nunca me ocorreu.

– Mas ocorreu agora. Não minta. Você está pensando: “Tanto ódio... Seria ódio suficiente para explodir a cabeça de seis desgraçados?”

– Você disse que tinha um álibi. Se tinha um álibi...

Ele a interrompeu:

– Você acredita que algumas pessoas podem estar com o corpo num lugar e com o espírito em outro?

– Eu... não sei bem o que isso significa.

– Existem iogues indianos que supostamente foram vistos em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. O tempo e o espaço podem não ser o que nós pensamos. Parece que eu estou aqui, mas também posso estar em outro lugar.

– Desculpe, Jimi, eu não...

– Toda noite, em minha mente, eu dirijo por estradas escuras procurando médicos geniais que receitam comprimidos para qualquer um, uns bostas que agem no automático, e, quando vejo algum deles em seu carro reluzente de merda, aponto minha arma, miro bem entre a têmpora e o ouvido e depois aperto o gatilho. Aí aparece um clarão de luz vindo do céu, a luz da verdade e da morte, e metade da cabeça dele vai pelos ares!

Ele começou a tamborilar cada vez mais rápido.

A câmera deu um zoom no rosto de Brewster. Ele encarava Kim com olhos insanos, mordendo o lábio inferior, parecendo esperar a reação dela. Então a câmera recuou de novo, enquadrando os dois.

Em vez de reagir diretamente, ela respirou fundo e mudou de assunto:

– Você entrou para alguma faculdade?

Ele pareceu pasmo, desapontado.

– Entrei.

– Qual?

– Dartmouth.

– Estudou o quê?

Ele abriu a boca num pequeno espasmo que poderia ter sido um breve sorriso.

– Medicina.

– Estou surpresa.

– Por quê?

– Pelo que você disse sobre seus sentimentos por seu pai, não achei que

seguiria os passos dele.

– Não segui. – Dessa vez o espasmo na boca era mais parecido com um sorriso, ainda que não tivesse nada de caloroso. – Abandonei antes de me formar.

Kim franziu a testa.

– Só para deixá-lo decepcionado?

– Só para ver se ele sabia que eu existia.

– E sabia?

– Na verdade, não. Ele só disse que abandonar a faculdade era uma idiotice minha. Como poderia ter dito que era idiotice deixar a janela do carro aberta na chuva. Ele nem ficou com raiva. Não se importava o suficiente para sentir raiva. Tinha uma porra de uma calma enorme com relação a tudo. Você deveria ter visto como ele ficou tranquilo no enterro da minha mãe.

– Você desperdiçou uma grande quantidade de dinheiro dele não se formando. Ele se importou com isso?

– Ele passava oito horas por dia na sala de cirurgia, cinco dias por semana. O filho da puta podia ganhar, em duas semanas, o suficiente para me pagar quatro anos de faculdade. Minhas acomodações, despesas com material e mensalidades eram uma porra de um cocô de mosca na vida dele. Como minha mãe. Como eu. Para ele, os carros que dirigia tinham mais importância do que nós, sua família.

Kim não disse nada. Levantou as mãos com os dedos entrelaçados e as pressionou contra os lábios, com os olhos fechados, como se tentasse conter alguma emoção. O silêncio durou um longo tempo. Ela pigarreou antes de falar de novo:

– Como você faz para viver?

– Como as pessoas fazem para viver?

– Quero dizer, como você ganha a vida?

– Isso é algum argumento irônico que você está tentando levantar?

– Não entendi.

– Você está pensando que eu vivo com o dinheiro que ele me deixou. Acha que é o dinheiro dele, que eu finjo odiar, que me sustenta. Está pensando: “Que hipocritazinho sacana!” Está achando que eu sou exatamente igual a ele, que só queria a porra do dinheiro.

– Eu não estava pensando nada disso. Foi só uma pergunta inocente.

Ele deu uma risada áspera.

– Uma repórter de TV com uma pergunta inocente? É igual à porra de um diabo com um coração de ouro. Ou um cirurgião com alma. Sim, claro, pergunta inocente.

– Pode acreditar no que quiser sobre a pergunta, Jimi. Ela tem uma resposta?

– Ah. *Agora* estou vendo de que isso se trata. Você quer saber como todos nós nos viramos. Quanto herdamos com as mortes. É isso?

– Quero saber o que você estiver disposto a me contar.

– Quer dizer, o que eu estiver disposto a lhe contar sobre *o dinheiro*. Porque é disso que a porra dos espectadores de TV querem saber. Pornografia financeira. Certo. Tudo bem. A bosta do dinheiro. Quem mais se ferrou foi o contador patético, cuja irmã ficou com tudo por causa dos filhos problemáticos. Já o padeiro excêntrico herdou principalmente as dívidas da mamãezona loura. E a doce esposa do advogado se deu bem, ficou com 2 ou 3 milhões, porque o marido tinha uma porrada de seguros. Foi esse tipo de coisa que eles compartilharam na porra do grupo de apoio. É isso que você quer saber?

– O que você quiser me contar.

– Certo. Claro. Ótimo. Larry Sterne herdou a clínica de estética dentária do pai, e tenho certeza de que vale milhões. Roberta, aquela mulher assustadora que tem aqueles cachorros assustadores, ficou com o negócio multimilionário de vasos sanitários do pai comedor de prostitutas. E, claro, ainda temos a minha situação. O desgraçado do meu pai ganancioso tinha uma conta num banco de investimentos que valia pouco mais de 12 milhões de dólares quando sua cabeça foi estourada por aquela bala. E, caso os espectadores ávidos pela verdade estiverem interessados na última atualização, a conta, agora em meu nome, vale cerca de 17 milhões. O que sem dúvida levanta uma pergunta em sua mente: “Se o pequeno Jimi Brewster tem uma pilha de dinheiro dessas, por que mora neste pardieiro?” A resposta é simples. Você consegue adivinhar?

– Não, Jimi, não consigo.

– Ah, acho que você conseguiria, se tentasse, mas vou lhe dizer. Estou guardando cada centavo para dar ao Bom Pastor, se um dia o pegarem.

- Você quer dar o dinheiro de seu pai ao homem que o matou?
- Cada centavo. Deve ser uma boa verba para pagar a defesa, não acha?

Capítulo 38

O Estrangulador de White Mountain

O vídeo continuou por mais dez ou quinze minutos, mas nada mais do que foi dito se aproximou do impacto do plano que Jimi tinha para o espólio do Dr. James Brewster. Depois de uma breve discussão sobre a fonte de rendimentos que ele usava para pagar suas contas – uma pequena empresa de *web design* e consultoria eletrônica –, a entrevista foi se aproximando do fim. O vídeo terminou com Kim despedindo-se de Jimi com uma expressão séria e prometendo fazer um novo contato em breve.

– Meu Deus – disse Gurney, desligando o computador e se recostando na poltrona.

Madeleine suspirou.

– Tão cheio de culpa...

Ele olhou-a com curiosidade.

– Culpa?

– Ele odiava o pai e provavelmente queria que ele morresse. Talvez até desejasse que alguém o matasse. Então ele *foi* morto. É difícil escapar disso.

– Mesmo que ele não tivesse nada a ver com isso... – disse Gurney, pensando em voz alta.

– Mas, de certa forma, ele tinha. Quando o sonho se realizou, não havia como escapar do fato de que era *seu* sonho. Ele conseguiu o que havia desejado.

– Nesse vídeo eu vi muito mais raiva do que culpa.

– A raiva não dói tanto quanto a culpa.

– É uma escolha?

Madeleine lançou-lhe um longo olhar antes de responder:

– Se você consegue se concentrar no fato de seu pai ter feito coisas tão terríveis a ponto de merecer a morte, você pode ficar com raiva dele para sempre, em vez de sentir culpa por desejar a morte dele.

Gurney teve a sensação incômoda de que ela estava falando não somente sobre Jimi Brewster, mas também sobre o frio relacionamento dele mesmo com o pai – um homem que o havia ignorado na infância e que ele, por sua vez, ignorou depois, ao longo da vida. Mas essa era uma questão complexa na qual ele não queria pensar agora. A vastidão de problemas entre pai e filho era um pântano no qual ele poderia facilmente se atolar.

O foco, de fato, era tudo. Então ele precisava de mais perguntas, mais ação. Saiu do escritório para a cozinha, a fim de pegar o celular.

Ele tinha enviado o vídeo com a entrevista de Jimi Brewster para a tenente Bullard na hora do almoço. Com certeza ela teria ficado suficientemente curiosa para já ter assistido. Era estranho ainda não ter ligado para falar a respeito. Ou talvez não fosse tão estranho, considerando os diferentes tipos de pressão causados pela situação. E a política instável. Talvez valesse a pena ligar para ela, só para sondar. A não ser que ficar quieto e esperar que ela telefonasse primeiro pudesse enviar uma mensagem melhor.

Foi poupado da decisão ao ver, pela janela da cozinha, o Miata de Kim subindo o morro, passando pelos escombros do celeiro – e, atrás dele, a moto de Kyle.

Enquanto eles se aproximavam da casa, o Miata chacoalhou com um estalo alto ao passar por um buraco formado por uma toca desmoronada de marmota na trilha do pasto. Mas, quando Kim saiu do carro, após parar perto do Outback de Gurney, sua expressão indicava que ela nem tinha percebido o impacto. Enquanto ela se dirigia à porta onde ele estava parado, ficou claro que a ansiedade evidente em seu rosto se devia a preocupações mais profundas do que uma pancada no eixo traseiro. Gurney notou um sentimento semelhante no modo aflito e exagerado com que Kyle equilibrava sua moto no descanso.

Quando Kim ficou cara a cara com Gurney, estava mordendo os lábios como se tentasse prender o choro.

- Desculpe toda essa sensibilidade ridícula.
- Não tem problema nenhum.
- Não consigo entender o que está acontecendo.

Ela parecia uma criança apavorada tentando ser perdoada por algo tão complexo que fugia à sua compreensão.

Kyle estava parado atrás dela, com a perturbação aparente em seus lábios apertados.

Gurney sorriu do modo mais caloroso que pôde.

- Vamos entrar.

Assim que pisaram na cozinha, Madeleine também apareceu, surgindo de dentro da casa. Ela usava o que Gurney chamava de sua “roupa de ir à clínica” – calça sob medida marrom-escura e casaco bege –, muito mais discreta e “profissional” do que a confusão de cores tropicais habitual.

Ela deu um sorriso rápido para Kim e Kyle.

- Se estiverem com fome, tem comida na geladeira e na despensa.

Ela foi até o aparador e pegou a bolsa de lona que a acompanhava a todos os lugares e que tinha um logotipo mostrando um bode de aparência amigável cercado pelas palavras APOIE AS FAZENDAS LOCAIS.

- Devo estar de volta em duas horas – disse enquanto saía.
- Tenha cuidado – gritou Gurney.

Ele olhou para Kim e Kyle. Era evidente que os dois estavam cansados, empenhados e apavorados.

– Como ele sabia? – perguntou ela, uma dúvida aparentemente tão presente em sua cabeça que ela imaginou que todos saberiam de imediato do que estava falando.

– Quer dizer, como o Bom Pastor sabia que podia mandar alguma coisa para você no endereço de Kyle?

Ela assentiu com rapidez.

- Odeio a ideia de ele ter nos seguido, vigiado. É assustador demais.

Ela começou a esfregar os braços, como se quisesse se aquecer.

– Não é mais assustador do que aquela gravação, ou as gotas de sangue em sua cozinha, ou a faca em seu porão.

– Mas aquilo tudo era coisa do Robby. Robby, aquele desgraçado. Mas isso... isso é o assassino... que matou Ruthie... e Eric... com furadores de gelo! Ah, meu Deus... Ele vai matar todo mundo com quem eu falei?

– Espero que não. Mas, neste momento, talvez seja uma boa ideia acender o fogão a lenha. Aqui fica bem frio depois que o sol se põe.

– Eu cuido disso – prontificou-se Kyle, parecendo desesperadamente ansioso para fazer algo útil.

– Obrigado. Kim, por que não tenta relaxar na poltrona próxima ao fogão? Tem uma manta de lã no assento. Vou fazer um café para nós.

Dez minutos depois, Gurney estava sentado com Kim e Kyle nas poltronas em volta do fogo. O cheiro calmante da lenha de cerejeira, as chamas amarelo-avermelhadas tremeluzindo dentro do fogão de ferro e as canecas fumegantes de café forneciam um leve toque de tranquilidade, uma sugestão de que o caos poderia mesmo ter limites.

– Estou bem confiante em que ninguém nos seguiu até a cidade – disse Kyle. – E tenho certeza de que ninguém nos seguiu no caminho para cá.

– Como você sabe?

A pergunta de Kim era mais um pedido para ser tranquilizada do que um questionamento.

– Porque eu estava atrás de você o tempo todo, às vezes colado em seu carro e outras vezes ficando mais para trás. Fiquei prestando atenção nisso a viagem inteira. Se alguém estivesse nos seguindo, eu teria visto. E quando saímos da Rota 17, em Roscoe, não havia nenhum veículo à vista.

A explicação de Kyle pareceu tranquilizar Kim apenas minimamente, ao passo que levantou outras possibilidades na mente de Gurney. Ele decidiu guardar suas ideias para si mesmo, ao menos por ora, já que elas não melhorariam em nada o estado emocional de Kim.

– Você falou de Robby Meese agora há pouco – comentou Gurney. – Eu estava pensando... Ele teve muito contato com Jimi Brewster?

– Não, não muito.

– Não foi ele que filmou o vídeo que você me mandou?

– Foi, mas Robby e Jimi não se deram muito bem. A insegurança de Robby ficava evidente o tempo todo.

– Como?

– Quanto mais Robby convivia com as pessoas envolvidas no projeto, mais parecia precisar da aprovação delas. Foi quando começou a ficar evidente um lado dele que eu não conhecia e eu vi que ele era um

verdadeiro puxa-saco, um adorador do dinheiro. Acho que Jimi viu isso, também. E Jimi era totalmente contra tudo isso.

– Ele puxava o saco de quem?

– Praticamente de todo mundo. Primeiro, de Eric Stone, até descobrir que tudo o que ele tinha estava hipotecado por mais do que valia. Depois, de Ruthie, que era vulnerável e tinha dinheiro suficiente para despertar o interesse dele. – Ela balançou a cabeça. – Que sacana desgraçado... E ele escondeu isso muito bem durante nossos primeiros meses de convivência.

Gurney esperou em silêncio que Kim continuasse, o que ela fez depois de respirar fundo:

– E havia Roberta, claro, que tinha toneladas de dinheiro da empresa de material hidráulico do pai. Ela era mais intimidadora do que vulnerável, mas ele nunca parou de ligar para ela. E havia Larry, também com montanhas de dinheiro da grande clínica de odontologia estética. Mas acho que Larry enxergou Robby como ele era de verdade, viu como ele estava desesperado por atenção e talvez tenha até sentido pena dele. Mas por que estamos falando disso? Robby não matou Ruthie nem Eric. Ele não seria capaz disso. É um sacana, mas não esse tipo de sacana. Então que diferença isso faz?

Gurney não tinha resposta, mas o toque do telefone no aparador salvou-o de ter que admitir isso. Ele esperava que fosse a tenente Bullard para falar sobre o vídeo de Jimi Brewster, mas quando olhou o identificador de chamadas viu que era Hardwick.

– Davey, meu garoto, não sei se está sabendo, mas conseguiu deixar algumas pessoas bastante incomodadas com você.

– Tem alguém reclamando por aí?

– Reclamando? Se você acha que *reclamar* é amarrar uma placa com a palavra CRIMINOSO em seu pescoço e jogar você na arena de leões da justiça criminal, então sim, eu diria que tem alguém reclamando por aí.

– Trout está mesmo indo atrás da história do celeiro?

– A unidade de incêndios criminosos do BIC ainda detém o caso, mas o escritório regional do FBI começou a expressar bastante interesse por ele. Eles se colocaram à disposição para ajudar a analisar sua vida financeira e tentar descobrir se você pode estar em dificuldades que tornariam o dinheiro do seguro atraente. Você sabe, dívidas de jogo, hipoteca, saúde,

namoradas...

– Filho da puta – murmurou Gurney.

E começou a andar em volta da mesa de jantar.

– O que você queria? Se você ameaça arriar as calças do cara em público, precisa esperar que ele vá reagir.

– Não estou surpreso com a reação, só com o pouco tempo que me resta.

– Falando nisso, além de deixar todo mundo puto com você, está fazendo algum progresso em direção à sua grandiosa revelação da verdade oculta?

– Você fala como se eu estivesse procurando algo que não existe.

– Eu não disse isso. Só quero saber se você chegou mais perto do que quer que seja.

– Só vou descobrir quando já estiver lá. Enquanto isso, que informações você tem sobre o Estrangulador de White Mountain?

Houve um breve silêncio.

– História antiga, não é? Já faz o quê? Uns quinze anos? Em New Hampshire?

– Acho que já são uns vinte anos. Foi na cidade de Hanover e nos arredores.

– Certo. Estou começando a lembrar. Cinco ou seis mulheres estranguladas com echarpes de seda num período de tempo relativamente curto. Por quê?

– Uma das vítimas do Estrangulador era namorada do filho de uma das futuras vítimas do Bom Pastor. Ela cursava o último ano em Dartmouth. E, por acaso, o filho de outra vítima do Bom Pastor tinha acabado de entrar na faculdade no mesmo ano.

– Hein? Namorada do... filho da... vítima do... último ano... mesmo ano...? De que diabo estamos falando?

– De uma veterana de Dartmouth que era namorada de Larry Sterne e foi morta pelo Estrangulador exatamente no ano em que Jimi Brewster entrou na mesma faculdade.

Houve outro silêncio. Gurney quase podia visualizar as pequenas luzes piscando na calculadora mental de Hardwick. Finalmente, o sujeito pigarreou.

– Eu deveria saber o que isso significa? O que quero dizer é: e daí, porra? Nós temos duas famílias do nordeste que perderam, cada uma, um de seus

membros para um atirador em série em 2000. E por acaso, dez anos antes, em 1990, o filho de uma das futuras vítimas do Bom Pastor estudava numa das melhores faculdades do país quando uma amiga do filho de outra futura vítima foi assassinada por um estrangulador em série. Admito que soa meio bizarro, mas acho que um monte de coincidências simples podem parecer bizarras. Só não sei o que isso pode significar. Você está achando que Jimi Brewster era o Estrangulador de White Mountain?

– Não tenho motivo para isso. Mas, só para tirarmos essa dúvida da cabeça, você poderia dar uma olhada nos bancos de dados, talvez nos antigos relatórios da DSIJC, se é que eles ainda podem ser acessados, e descobrir as informações básicas?

– Tipo o quê?

– Para começar, mais detalhes sobre o modus operandi, o perfil da vítima, os caminhos da investigação, qualquer coisa que possa sugerir uma conexão com Brewster.

– Para começar?

– Bom, em algum momento talvez queiramos falar com o agente que comandou o caso e descobrir se o nome de Brewster chegou a surgir durante a investigação.

Isso produziu o maior silêncio de todos.

– Ainda está aí, Jack?

– Estou. Só pensando no grande pé no saco que esses pequenos pedidos seus vão ser.

– Eu sei.

– Isso em algum momento vai ter fim?

– Como eu disse, é obvio que estou ficando sem tempo. Então, sim, em algum momento isso vai ter um fim. De um modo ou de outro. Pode ser que eu só tenha mais um dia.

– Para fazer o quê?

– Para deduzir tudo. Ou ser enterrado embaixo disso de uma vez por todas.

Outro silêncio, não tão longo quanto o anterior.

Hardwick espirrou, depois assoou o nariz.

– O caso do Bom Pastor já existe há dez anos. Você planeja solucioná-lo nas próximas 24 horas?

– Não creio que me reste outra opção. Por sinal, Jimi Brewster disse a Kim que tinha um álibi para os assassinatos do Bom Pastor. Por acaso você sabe qual era?

– Esse é difícil de esquecer. O assassinato do pai dele foi o último crime do Bom Pastor que o BIC notificou a um parente. O médico foi morto em Massachusetts, mas, como Jimi morava aqui, assumimos a tarefa de avisar à família antes que o FBI assumisse o controle do que acabou virando uma investigação interestadual.

– O que faz com que seja difícil esquecer?

– O fato de que o álibi a que ele se referiu mais parecia um motivo para matar o pai. Jimi estava na cadeia local por porte de LSD no período em que os quatro primeiros ataques aconteceram, porque não tinha dinheiro para pagar a fiança e o Dr. Brewster havia se recusado a ajudar. Ele ficou na prisão por algumas semanas, até que finalmente conseguiu que uma ex-namorada pagasse o valor e ele fosse libertado, fumegando de raiva, cerca de três horas antes de o pai ser morto.

– Ele chegou a ser considerado suspeito?

– Na verdade, não. O modus operandi do assassinato do Dr. Brewster combinava perfeitamente com os outros. E Jimi não poderia tê-lo imitado, porque naquele ponto nenhum dos detalhes tinha sido divulgado.

– Então podemos descartá-lo.

– É o que parece. Uma pena, de certa forma. Ele se encaixaria direitinho em uma das possibilidades daquela sua lista.

– Como assim?

– Lembra que uma das perguntas era se todos os crimes tinham a mesma importância? Bom, se Jimi tivesse matado todas as seis vítimas, seu pai seria a mais importante e as outras seriam uma espécie de excedente emocional, pessoas que, por terem carros iguais ao do pai dele, seriam, em sua mentezinha deturpada, igualmente desprezíveis, igualmente merecedoras da morte. Alvos duplicados. Culpa por associação. – Ele fez uma pausa. – Ah, deixe isso para lá. O que estou falando? Tudo isso não passa de psicobaboseira.

Capítulo 39

Sangue e sombras

Quando chegou em casa depois da reunião na clínica, Madeleine estava exausta e indignada. Após alguns comentários sobre os sofrimentos gerados pela burocracia, foi para a cama com *Guerra e paz* embaixo do braço.

Pouco depois, Kim disse que queria descansar para a reunião do dia seguinte com Rudy Getz, despediu-se e subiu.

Então Kyle também se retirou.

Ao ouvir Madeleine desligar sua luz de leitura, Gurney fechou o fogão a lenha, verificou se as portas e janelas estavam trancadas e lavou alguns copos que estavam na pia. Então começou a bocejar e decidiu que também era hora de ir para a cama.

No entanto, por mais cansado e sobrecarregado que estivesse se sentindo, ir se deitar era muito diferente de dormir. O principal objetivo de ficar no escuro, posicionado na horizontal, era criar um espaço ilimitado no qual os elementos do caso do Bom Pastor poderiam girar à vontade, sem amarras com o mundo real.

Seus pés estavam suados e frios ao mesmo tempo. Ele teve vontade de pôr meias quentes, mas não conseguiu reunir a motivação necessária para sair da cama. Enquanto olhava, pensativo, pela janela grande e sem cortina mais próxima dele, percebeu que a luz prateada da lua cobria o pasto de cima com sua fosforescência.

Finalmente, a inquietação o obrigou a se levantar e se vestir. Saiu do quarto e foi sentar-se numa das poltronas perto do fogão a lenha, que ao

menos mantinha um calor agradável. Algumas brasas vermelhas reluziam na grade. Parecia que, sentado, ele conseguia organizar melhor a mente para pensar sobre o caso.

O que ele sabia com certeza?

Primeiro de tudo, que o Bom Pastor era inteligente, inabalável sob pressão e avesso a riscos. Detalhado no planejamento, meticuloso na execução. Era absolutamente indiferente à vida humana e estava decidido a impedir que *Os órfãos do assassinato* fosse adiante. Era adepto tanto de uma pistola do tamanho de um canhão quanto de um simples furador de gelo.

A aversão ao risco era a característica em que Gurney não parava de pensar. Seria essa a chave? Ela parecia sustentar muitos aspectos do caso. Por exemplo, a longa procura por locais ideais para os ataques, a escolha exclusiva de curvas à esquerda para minimizar a chance de colisão depois do tiro, o dispendioso abandono de cada arma depois de uma única utilização, a preferência pela discrição em detrimento da conveniência na escolha do local de estacionamento para o assassinato de Ruth Blum e o tempo e o raciocínio investidos no despistamento da polícia – desde o manifesto até a mensagem falsa no Facebook de Ruth.

Aquele era um homem decidido a se esconder a qualquer custo, em termos de tempo, de dinheiro e das vidas de outras pessoas.

Isso levantava uma questão interessante. Que outra tática para garantir a segurança e minimizar os riscos ele podia ter empregado além das que já haviam sido reveladas? Ou, colocando de outro modo, que outros riscos ele podia ter enfrentado em seus empreendimentos homicidas, e de que forma podia ter decidido lidar com eles?

Gurney precisava se pôr no lugar do Bom Pastor.

Perguntou-se com que possibilidades ele mais se preocuparia caso planejasse atirar em alguém num carro numa estrada solitária. A primeira questão lhe veio imediatamente à cabeça: *E se ele errasse?* E se a vítima pretendida vislumbrasse a placa de seu carro? Era provável que isso não acontecesse, mas era uma possibilidade suficientemente realista para deixar inquieto alguém que tentava ao máximo evitar riscos.

Criminosos profissionais costumavam usar carros roubados em suas ações, mas o perigo de manter e usar um automóvel roubado durante três

semanas, muito depois de o roubo ter sido denunciado e entrado nos bancos de dados da polícia, parecia uma estratégia improvável para minimizar os riscos. Outra alternativa seria roubar um novo carro para cada ataque, mas isso criaria outro tipo de exposição. Não era uma hipótese com a qual o Bom Pastor ficaria confortável.

Então o que ele faria?

Quem sabe obscurecesse parcialmente o número da placa com a aplicação de um pouco de lama? Sim, uma placa suja era uma infração passível de multa, mas e daí? Esse risco era insignificante comparado àquele que seria neutralizado.

Com que outra coisa o Bom Pastor poderia se preocupar?

Gurney se pegou olhando as brasas na grade do fogão, com a mente se recusando a se concentrar. Levantou-se da poltrona, acendeu um abajur de chão e foi até a ilha da cozinha para fazer um café. Muito tempo antes, havia descoberto que um modo de chegar à solução é se afastar do problema e se dedicar a outra atividade. O cérebro, aliviado da pressão de ter que pensar num único assunto, em geral descobre seu próprio caminho. Como um de seus vizinhos nascidos e criados no condado de Delaware havia dito certa vez: “Um cão não vai atrás da caça enquanto você não o solta da coleira.”

Então ele decidiu que devia partir para outra coisa. Ou voltar para outra coisa.

Por exemplo, o desconforto que havia sentido quando Kyle insistira que ninguém o seguira em sua ida com Kim para a cidade ou no caminho de volta para Walnut Crossing. Gurney não vira sentido em compartilhar seu desconforto naquele momento, mas agora precisava resolver a questão que o vinha perturbando. Pegou as três lanternas na gaveta do aparador, testou todas elas e escolheu a que parecia estar com as pilhas menos gastas. Depois foi ao quartinho buscar o casaco sujo de tinta que usava no celeiro, acendeu a luz junto à porta lateral e saiu.

O clima estava gélido, não apenas frio. Ele foi até o carro de Kim e se agachou no capim congelado para verificar a distância entre o chassi e o chão. Não era suficiente para o que ele tinha em mente, por isso voltou em casa para pegar as chaves.

Encontrou-as na bolsa dela, na mesinha de centro junto à lareira.

Saiu pela porta lateral mais uma vez, foi até o galpão onde ficava o trator e

pegou o par de rampas inclinadas que costumava usar para levantar o cortador de grama quando as lâminas precisavam ser trocadas. Posicionou as rampas na frente do Miata, depois deu a partida no motor e acelerou suavemente até que a extremidade frontal estivesse cerca de 20 centímetros acima do chão. Em seguida, puxou o freio de mão, saiu do carro, deitou-se na frente dele, de costas no capim congelado, e retorceu-se para baixo do automóvel com sua lanterna.

Não demorou muito para descobrir o que havia suscitado e temido. Ali estava uma caixa de metal preta não muito maior do que um maço de cigarros, presa por um ímã a um dos componentes frontais do chassi. Um fio que saía da caixa subia na direção da bateria do carro.

Gurney saiu de baixo do carro, desceu-o das rampas, entrou em casa e recolocou as chaves de Kim na bolsa dela.

Precisava pensar um pouco. A descoberta de um transmissor de localização por GPS no Miata não era exatamente algo que mudava o jogo, mas com certeza lhe dava uma dimensão nova e perturbadora. E exigia que ele se decidisse entre deixá-lo ali ou não.

Enquanto começava a examinar as implicações de cada opção, uma lista de outras questões começou a lhe vir à mente. Decidiu livrar-se delas, ao menos temporariamente, com um telefonema.

Eram onze e meia da noite e as chances de Hardwick atender eram poucas, mas deixar um recado já serviria ao objetivo de Gurney de se libertar por ora. Como ele já esperava, a ligação caiu na caixa postal.

“Olá, Jack. Mais perguntas pé no saco para você. Existe algum banco de dados estadual disponível sobre multas de trânsito de dez anos atrás? Estou pensando especificamente em ocorrências de placas obscurecidas que tenham sido reportadas nos condados do interior do estado durante o período dos assassinatos do Bom Pastor. Aproveitando, já conseguiu alguma informação sobre o caso do Estrangulador de White Mountain?”

Depois que desligou, Gurney voltou a pensar na situação do rastreador por GPS. O fato de o aparelho ter sido ligado ao sistema elétrico do carro significava que, diferentemente de um sistema com bateria e tempo de vida limitado, ele podia ter sido instalado muito tempo antes e ainda estar funcionando. As questões sobre a instalação eram *quando, por quê e por quem*. Sem dúvida, era a mesma pessoa que vinha monitorando os grampos

no apartamento de Kim. Talvez fosse seu ex-namorado obsessivo, mas Gurney tinha a sensação de que a história era muito mais complicada do que isso.

Na verdade, era totalmente possível que...

Foi ao quartinho, vestiu o casaco de novo e saiu mais uma vez para a área de estacionamento.

Pegou as rampas que estavam na frente do Miata e as posicionou diante de seu Outback. Como esquecera as chaves e a lanterna, entrou novamente em casa e, quando voltou para fora, ligou o carro e repetiu o processo anterior.

Esperando encontrar um dispositivo de rastreamento semelhante, examinou com meticulosidade a parte frontal do chassi, mas não achou nada. Abriu o capô e procurou no compartimento do motor. Também nada. Acompanhou os fios da bateria até suas várias conexões e não viu nada fora do lugar.

Como último passo para ficar totalmente tranquilo, Gurney carregou as rampas da frente do carro para sua traseira, entrou no automóvel, engrenou a ré e posicionou o automóvel sobre elas. Depois entrou com a lanterna embaixo da traseira suspensa.

E ali estava. Uma segunda caixa preta – um pouco maior do que a primeira para acomodar uma bateria – encontrava-se presa por um ímã ao topo de um dos suportes do para-choque traseiro. A marca e as especificações gerais impressas na lateral do dispositivo indicavam que era do mesmo fabricante e de um modelo semelhante ao do carro de Kim, só que cada um dos aparelhos usava uma fonte distinta de energia.

Essa diferença poderia ter várias explicações, mas a mais óbvia era que cada um dos dispositivos tinha seu próprio tempo de instalação – no mínimo meia hora para a versão conectada à bateria do carro e praticamente nada para o modelo com bateria própria. No geral, o primeiro tipo era o mais usado – o que sugeria que quem os havia instalado tinha mais acesso ao carro de Kim do que ao de Gurney. O que, claro, lhe trouxe Meese outra vez à mente.

Já passava da meia-noite, mas dormir estava fora de questão. Ele pegou um caderno e uma caneta na mesa do escritório e passou algum tempo espremido embaixo de cada um dos carros, copiando as informações

impressas nos rastreadores para depois checar os parâmetros de desempenho no site do fabricante. Todos os rastreadores por GPS funcionavam mais ou menos do mesmo modo, transmitindo coordenadas de localização que apareciam como um ícone num mapa, que podia ser visto por meio de um software adequado praticamente em qualquer computador com acesso à internet. A variação de preço entre os sistemas disponíveis no mercado tinha a ver com alcance, precisão de localização, sofisticação do programa e exatidão em tempo real. Era uma tecnologia que se tornara razoavelmente barata, mesmo em altos níveis de desempenho, e portanto era acessível a qualquer pessoa.

Enquanto saía de baixo do Miata pela segunda vez naquela noite, Gurney sentiu uma vibração na altura do quadril esquerdo e levou um susto. Instintivamente ele associou a sensação ao que estava fazendo e achou que, de algum modo, tinha sido causada pelo dispositivo de GPS. Um instante depois, percebeu que era o celular, que ele havia posto para vibrar a fim de não acordar ninguém caso Hardwick ligasse de volta.

Enquanto ficava de pé, tirou o telefone do bolso e viu o nome de Hardwick no identificador.

- Que rapidez – disse Gurney.
- Rapidez? De que diabo você está falando?
- Rapidez para responder às minhas perguntas.
- Que perguntas?
- As que deixei na sua caixa postal.
- Eu não acesso minha caixa postal no meio da madrugada. Não é por isso que estou ligando.

Gurney teve uma premonição que o deixou nauseado. Ou talvez ele só conhecesse Hardwick bem o suficiente para identificar o som da morte em sua voz. Esperou o anúncio.

– Lila Sterne. Mulher do dentista. Dentro de casa, caída em frente à porta de entrada. Furador de gelo no coração. Com isso são três recentes, além das seis antigas. Nove no total. Nenhuma conclusão à vista. Achei que você gostaria de saber. A esta altura, creio que nenhuma outra pessoa iria se dar o trabalho de lhe contar.

- Meu Deus. Domingo, segunda, terça. Uma por noite.
- E quem virá em seguida? Alguma aposta para o furador de gelo da

quarta-feira?

O tom de Hardwick mudara de novo, dessa vez para um registro cínico que atingiu Gurney como unhas raspando um quadro-negro.

Ele entendia a necessidade policial básica de distanciamento e humor negro, mas Hardwick parecia ir sempre além da conta. Esse exagero era a razão superficial do incômodo de Gurney, mas ele sabia que havia algo mais profundo nessa sensação, algo no tom de Jack que o fazia lembrar seu pai.

– Obrigado pela informação, Jack.

– Ei, para que servem os amigos, não é?

Gurney entrou em casa e parou no meio da cozinha, perto do aparador, tentando absorver todas as descobertas da última hora. Com as luzes da cozinha acesas, ele não conseguia enxergar nada pela janela, então as desligou. A lua estava quase cheia – um círculo com um dos lados ligeiramente achatado – e clara o suficiente para conferir um tom cinzento ao capim e fazer com que as árvores à beira do pasto lançassem sombras negras e nítidas no chão. Ele estreitou os olhos e pensou que podia vislumbrar os galhos encurvados das árvores.

Então achou que viu algo se movendo. Prendeu a respiração e se inclinou na direção da janela por cima do aparador. De repente, deu um grito por causa de uma dor aguda que lhe subiu pelo pulso direito. Soube, antes mesmo de ver, que tinha pressionado a ponta afiada da flecha que estava ali havia uma semana e que o corte fora profundo. Quando acendeu a luz, viu a mão sangrando e as gotas caindo por entre seus dedos, pingando no chão.

Capítulo 40

Encarando os fatos

Incapaz de dormir apesar da exaustão, Gurney estava sentado à mesa do café da manhã, na penumbra, olhando para as montanhas a leste. O alvorecer se espalhava com uma palidez doentia pelo céu – um reflexo adequado de seu estado de espírito.

Mais cedo, acordada por seu grito de dor, Madeleine o levava à emergência do posto de saúde de Walnut Crossing.

Ficara com ele durante um processo de quatro horas que poderia ter sido concluído em menos de uma se três ambulâncias não tivessem chegado com os sobreviventes de um acidente improvável, no qual um motorista bêbado derrubara um outdoor, que por sua vez funcionara como uma rampa e lançara no ar, a toda a velocidade, uma moto, que finalmente pousara no capô de um carro vindo na direção oposta. Pelo menos essa tinha sido a história que os paramédicos e o pessoal da emergência repetiam sem parar uns para os outros do lado de fora do cubículo onde Gurney esperava para levar os pontos e ganhar um curativo.

Tinha sido sua segunda visita a um hospital em menos de uma semana, o que, por si só, era perturbador.

Ele estivera consciente dos olhares preocupados de Madeleine a caminho da emergência, na sala de espera e na volta para casa, mas os dois mal haviam dito uma palavra. Quando romperam o silêncio, foi principalmente para falar sobre como estava a mão dele ou sobre a necessidade de se livrar da porcaria da flecha, ou pelo menos colocá-la num local mais seguro.

Havia outras coisas sobre as quais ele poderia ter conversado com ela –

sobre as quais talvez *devesse* ter conversado. Sobre o rastreador no carro de Kim. O rastreador em seu carro. O terceiro assassinato com um furador de gelo. Mas não contou nada disso a ela.

O motivo de seu silêncio era o fato de que falar sobre tudo aquilo só iria perturbá-la. Pelo menos foi disso que se convenceu. Mas uma voz baixinha no fundo de sua mente dizia outra coisa: a verdadeira razão era evitar discussões, manter as opções em aberto. Disse a si mesmo que o segredo seria temporário, então não era uma questão de contar a verdade, e sim de quando isso seria feito.

Depois que chegaram em casa, meia hora antes do amanhecer, ela foi para a cama com a mesma expressão de preocupação que cruzara seu rosto tantas vezes naquela noite.

Agitado demais para pegar no sono, Gurney sentou-se à mesa, debatendo-se com as implicações dos assuntos sobre os quais não queria falar, em especial a lista crescente de mortes.

De todos os modos como os assassinos acabavam sendo presos, poucos se aplicavam a matadores inteligentes e disciplinados. E o Bom Pastor podia ser o mais inteligente e o mais disciplinado de todos.

A única chance razoável de identificá-lo seria por meio de um enorme esforço coordenado entre as polícias. Isso exigiria reavaliar cada informação do caso original. E demandaria uma quantidade gigantesca de agentes e horas de trabalho, além de um mandado para recomeçar do zero. Mas, na atmosfera atual, não havia como isso acontecer. Nem o FBI nem o BIC poderiam se afastar demais da teoria já estabelecida, porque era uma teoria que eles próprios haviam construído e que vinham reforçando havia dez anos.

Então o que ele deveria fazer?

Posto no ostracismo e rotulado como inimigo, com uma possível acusação criminal pairando sobre ele e um carimbo de estresse pós-traumático na testa, que diabo *poderia* fazer?

Nada lhe veio à mente.

Nada além de um ditado de uma simplicidade irritante.

Cada um joga com as cartas que tem.

E que cartas ele tinha, afinal?

Concluiu que a maior parte delas não servia para nada. Ou não podia ser

usada com os recursos quase inexistentes que ele tinha à disposição.

Mas precisava admitir que tinha um curinga.

Que poderia tanto valer alguma coisa quanto não valer nada.

O sol surgiu por trás de uma névoa matinal. Ainda estava baixo no céu quando o telefone fixo tocou. Gurney se levantou da mesa e foi ao escritório atender. Era alguém da clínica, perguntando por Madeleine.

Quando ia levar o aparelho ao quarto de costura dela, ela apareceu à porta do escritório, de pijamas, e estendeu a mão para pegá-lo como se já estivesse esperando o telefonema.

Madeleine olhou o identificador de chamadas antes de começar a falar num tom profissional que contrastava com a expressão sonolenta no rosto.

– Bom dia, aqui é Madeleine.

Em seguida ficou ouvindo com atenção o que sem dúvida era uma longa explicação. Nesse momento Gurney voltou à cozinha para fazer uma jarra de café fresco.

Escutou a voz dela de novo apenas brevemente, quase no fim da ligação, e só conseguiu distinguir algumas palavras com clareza. Pareceu que ela estava concordando em fazer algo. Alguns instantes depois, Madeleine apareceu na cozinha olhando-o com a mesma preocupação da noite anterior.

– Como está a mão?

O efeito do anestésico que tinham lhe dado antes dos nove pontos havia passado e a parte inferior da palma da mão latejava.

– Não está tão ruim. O que estão pedindo para você fazer agora?

Ela ignorou a pergunta.

– Você deveria mantê-la levantada. Como o médico disse.

– Certo. – Ele ergueu a mão alguns centímetros acima da ilha da cozinha, junto à qual esperava que o café ficasse pronto. – Apareceu outro suicida? – perguntou, de forma um pouco brincalhona demais.

– Carol Quilty pediu demissão ontem à noite. Eles precisam de alguém para cobrir o turno dela hoje.

– A que horas?

– O mais cedo que eu conseguir chegar. Vou tomar banho, comer uma torrada e sair. Você vai ficar bem, sozinho?

– Claro.

Ela franziu a testa e apontou para sua mão.

– Mais alto.

Ele levantou-a no nível dos olhos.

Madeleine suspirou, deu uma piscadela de aprovação e foi para o banheiro.

Pela milésima vez, Gurney ficou maravilhado com a alegria inata de Madeleine, com sua capacidade constante de aceitar a realidade de qualquer coisa que surgisse à sua frente e de lidar com ela de forma muito mais positiva do que a dele.

Madeleine encarava a vida como ela era, e fazia o melhor que podia.

Jogava com as cartas que tinha.

O que o fez pensar de novo em seu curinga.

Independentemente de seu valor, Gurney precisava fazer algo com ele logo. Precisava utilizá-lo antes que o jogo terminasse.

Esse “curinga” era o acesso ao grampo que fora instalado na casa de Kim. Talvez pelo Bom Pastor, que podia ainda estar monitorando as transmissões. Se as duas suposições fossem válidas – e ambas eram grandes “se” –, o equipamento poderia ser um canal de comunicação, um modo de falar com o assassino. Uma oportunidade de mandar uma mensagem.

Mas que tipo de mensagem deveria ser?

Era uma pergunta simples – com um número ilimitado de respostas.

Ele só precisava descobrir qual era a certa.

Pouco depois de Madeleine partir para a clínica, o telefone do escritório tocou de novo. Gurney viu, pelo identificador de chamadas, que era Hardwick.

– Dê uma olhada nos arquivos do *Manchester Union Leader* na internet – disse ele com sua voz áspera. – Eles fizeram uma série sobre o caso do Estrangulador de White Mountain em 1991. Aposto que você vai achar uma porrada das coisas que está procurando. Preciso mijar. Se cuida.

O sujeito sem dúvida tinha um modo próprio de se despedir.

Gurney sentou na frente do computador e passou uma hora percorrendo os arquivos não somente do *Union Leader*, mas também de outros jornais

da Nova Inglaterra que haviam feito longas matérias sobre os crimes do Estrangulador.

Houvera cinco ataques em dois meses, todos fatais. Todas as vítimas eram mulheres e todas tinham sido estranguladas com echarpes de seda branca, que foram deixadas amarradas no pescoço. Os fatores em comum entre as vítimas eram mais circunstanciais do que pessoais. Três delas moravam sozinhas e tinham sido mortas em casa. As outras duas trabalhavam até tarde em locais isolados. Uma fora assassinada num estacionamento escuro atrás da loja de artesanato que administrava e a outra numa área semelhante atrás de sua pequena floricultura. Os cinco ataques ocorreram dentro de um raio de 15 quilômetros ao redor de Hanover, onde ficava a faculdade de Dartmouth.

Ainda que a motivação sexual seja comum em casos de estrangulamento em série de mulheres, não havia sinais de estupro nem de outro tipo de abuso. E o “perfil das vítimas” pareceu estranho a Gurney. Na verdade, não havia perfil nenhum. A única característica física que as mulheres tinham em comum era o fato de todas serem razoavelmente baixas. Fora isso, não eram nem um pouco parecidas. Os cortes de cabelo e os estilos das roupas eram bem diferentes. O grupo era formado por uma curiosa mistura socioeconômica: uma estudante de Dartmouth (namorada de Larry Sterne na época), duas donas de lojas, uma funcionária da lanchonete de uma escola fundamental local que trabalhava em regime de meio expediente e uma psiquiatra. As idades variavam entre 21 e 71 anos. A universitária era uma típica loura protestante americana. A psiquiatra aposentada era uma afro-americana grisalha. Gurney poucas vezes vira uma diferença tão grande entre as vítimas de um assassino em série. Era difícil descobrir, olhando para aquelas mulheres, qual era a fixação do assassino – a obsessão que o motivara.

Enquanto pensava nas peculiaridades do caso, ouviu o chuveiro do andar de cima ser aberto. Pouco depois, Kim apareceu à porta do escritório com uma expressão terrivelmente ansiosa.

- Bom dia – disse Gurney, encerrando a busca no computador.
- Desculpe ter colocado você nessa situação – falou ela à beira das lágrimas.
- É o que eu fazia para ganhar a vida.

– Quando você fazia para ganhar a vida, ninguém incendiou seu celeiro.
– Não temos certeza se o celeiro tem algo a ver com o caso. Pode ter sido algum...

– Ah, meu Deus – interrompeu ela. – O que aconteceu com sua mão?
– A flecha que eu deixei no aparador. Apoiei a mão em cima dela ontem à noite.

– Ah, meu Deus – repetiu ela, encolhendo-se.

Kyle apareceu no corredor atrás dela.

– Bom dia, pai, como você est... – Ele parou ao ver o curativo. – O que aconteceu?

– Nada de mais. Parece pior do que é. Estão com fome?

– Ele cortou a mão naquela flecha medonha – explicou Kim.

– Meu Deus, aquilo parece uma navalha – comentou Kyle.

Gurney se levantou.

– Venham. Vamos comer alguma coisa, tomar um café.

Ele estava tentando parecer normal. No entanto, ao mesmo tempo que sorria casualmente e ia até a mesa da cozinha, voltou à sua mente a questão do que dizer sobre o último assassinato ou sobre os rastreadores que encontrara. Será que tinha mesmo o direito de guardar tudo para si? E por que estava fazendo isso?

As dúvidas quanto às suas motivações sempre foram os principais elementos que prejudicavam toda a paz de espírito que ele conseguia alcançar de tempos em tempos. Tentou se forçar a prestar atenção nos detalhes cotidianos do café da manhã.

– Que tal começarmos com um suco de laranja?

A não ser por poucos comentários isolados, os três tomaram café num silêncio meio desconfortável. Assim que terminaram de comer, Kim, ansiosa para se ocupar com alguma coisa, insistiu em tirar a mesa e lavar a louça. Kyle se concentrou em verificar suas mensagens de texto, e pareceu ler todas ao menos duas vezes.

No silêncio, a mente de Gurney voltou à questão crucial de como utilizar seu curinga. Tinha apenas uma chance de acertar. A sensação do tempo se esvaindo era quase física.

Visualizou um fim de jogo em que finalmente confrontaria o Bom Pastor. Um fim de jogo em que as peças do quebra-cabeça se juntariam. Um fim de

jogo que provaria que sua visão do contra era produto de uma mente sã, não a fantasia de um policial decadente.

Não tinha tempo para questionar a racionalidade desse objetivo – ou sua probabilidade de ser bem-sucedido. A única coisa que podia fazer agora era se concentrar em como provocar o confronto. E onde.

Decidir *onde* seria fácil.

O desafio seria *como*.

Quando o telefone tocou, o barulho trouxe-o de volta ao presente, ainda sentado à mesa, agora banhada pelo sol da manhã. Ficou surpreso ao ver que, enquanto estivera perdido em pensamentos, Kim e Kyle haviam se retirado para as poltronas na outra ponta da sala e que Kyle tinha acendido um fogo baixo no fogão a lenha.

Foi ao escritório atender.

– Bom dia, Connie.

– David?

Ela pareceu surpresa por ele ter atendido.

– Estou aqui.

– No olho do furacão?

– É o que parece.

– Imagino. – A voz dela estava tensa e enérgica. Connie sempre parecia ter acabado de tomar um estimulante. – Para onde o vento está soprando neste momento?

– Como?

– Minha filha está aguentando firme ou quer sair correndo?

– Ela disse que está decidida a abandonar o projeto.

– Por causa da agitação?

– Agitação?

– Os assassinatos com furadores de gelo, o reaparecimento do Bom Pastor, o pânico nas ruas. É isso que a está deixando apavorada?

– As vítimas eram pessoas de quem ela gostava.

– O jornalismo não é para os fracos. Nunca foi, nunca será.

– Além disso, ela tem a sensação de que a ideia de um documentário sério, que lida com as emoções das pessoas, está sendo transformada numa novela de péssima qualidade da RAM-TV.

– Ah, pelo amor de Deus, David, a gente vive numa sociedade capitalista.

- O que quer dizer que...
 - Que o negócio da mídia é... surpresa!... um negócio. Sutileza é legal, mas o que vende mesmo é o drama.
 - Talvez você devesse ter essa conversa com ela, não comigo.
 - De jeito nenhum. Nós duas somos como azeite e água. Mas, como eu disse antes, ela respeita você. Vai ouvi-lo.
 - O que você quer que eu diga a ela? Que a RAM é uma empresa nobre, que Rudy Getz é um príncipe?
 - Pelo que já ouvi por aí, Rudy é um merda. Mas é um merda inteligente. O mundo é do jeito que é. Alguns de nós lidam com isso, outros não. Espero que ela pense duas vezes antes de dar o fora.
 - Dar o fora, neste caso, pode não ser uma ideia muito ruim.
- Os dois ficaram silêncio – o que não era comum numa conversa com Connie Clarke. Quando ela voltou a falar, sua voz saiu mais baixa:
- Você não sabe aonde isso poderia levar. A decisão dela de cursar jornalismo, ter um diploma, seguir essa ideia, construir uma carreira na mídia tem sido uma boia, uma salvação do lugar onde ela estava antes.
 - E que lugar era esse?
- Houve outro silêncio.
- A garota ambiciosa e focada que você está vendo agora é uma espécie de milagre. O modo como ela era há alguns anos me deixava apavorada. O modo como ela *fugiu* de sua vida normal depois do sumiço do pai. Quando ela era adolescente, ficou perdida. Não queria fazer nada, não se interessava por nada. Havia ocasiões em que ficava bem, mas depois afundava de novo num buraco negro. A opção pelo jornalismo, em especial o projeto desse documentário, lhe deu um novo rumo, uma vida nova. Prefiro não pensar onde ela iria parar se resolvesse *fugir* de novo.
 - Quer falar com ela?
 - Ela está *aí*? Na sua casa?
 - Está. Longa história.
 - Aí, agora, no mesmo cômodo que você?
 - Em outro cômodo, com meu filho.
 - Seu filho?
 - Outra longa história.
 - Sei. Bem... eu adoraria ouvir essa história quando você tiver tempo de

me contar.

– Será um prazer. Talvez daqui a um ou dois dias. Agora as coisas estão meio complicadas.

– Dá para imaginar. Enquanto isso, por favor, lembre-se do que eu disse.

– Preciso desligar agora.

– Certo, mas... faça o que puder, David. *Por favor.* Não deixe que ela se destrua.

Depois que desligou, Gurney ficou parado junto à janela do escritório olhando as montanhas sem vê-las de verdade. Como diabo alguém deveria impedir que outra pessoa se destruísse?

Sua mão começou a latejar, interrompendo seus pensamentos. Ele levantou-a, encostou-a no postigo da janela e a dor diminuiu. Olhou o relógio da escrivaninha. Em menos de uma hora ele e Kim teriam que sair para a reunião com Rudy Getz.

Mas, nesse momento, ele tinha questões mais urgentes para resolver.

O curinga. A oportunidade de mandar uma mensagem ao assassino.

Qual deveria ser a mensagem?

Um convite?

Para ir aonde? Fazer o quê? Por que motivo?

O que o Bom Pastor poderia querer?

Uma coisa que ele parecia querer sempre era segurança.

Talvez Gurney pudesse lhe oferecer uma oportunidade de eliminar algum elemento de risco na vida dele.

Talvez uma oportunidade de eliminar um adversário.

É. Isso funcionaria.

A chance de matar alguém que lhe criava problemas.

E Gurney conhecia o lugar para isso. O lugar perfeito para um assassinato.

Abriu a gaveta da escrivaninha e tirou lá de dentro um cartão de visita sem nome, só com um número de celular.

Pegou o telefone e ligou. Caiu na caixa postal. Não havia saudação nem identificação, só uma ordem brusca: “Diga o que quer.”

– Aqui é Dave Gurney. Assunto urgente. Me ligue.

A resposta veio menos de um minuto depois:

– Aqui é Maximilian Clinter. O que houve, rapaz?

O sotaque dele estava mais carregado que nunca.

– Tenho um pedido – falou Gurney. – Estou com uma coisa em mente e preciso de um lugar especial para fazê-la.

– Ora, ora, ora. Uma coisa grande?

– É.

– Muito grande?

– Maior, impossível.

– Maior, impossível. Ora, ora. Isso só pode significar uma coisa. Estou certo?

– Não sei ler mentes, Max.

– Mas eu sei.

– Então não precisa fazer pergunta nenhuma.

– Não é uma pergunta, só um pedido de confirmação.

– Estou confirmando que é grande e estou pedindo para usar sua casa por uma noite.

– Poderia dar algum detalhe?

– Ainda não pensei em nenhum.

– A ideia básica, então.

– Prefiro não fazer isso.

– Eu tenho o direito de saber.

– Vou convidar uma pessoa para se encontrar comigo aí.

– O próprio?

Gurney não respondeu.

– Cacete! Sério? Você encontrou o cara?

– Na verdade, eu quero que *ele* me encontre.

– Na minha casa?

– É.

– Por que ele quereria vir aqui?

– Possivelmente para me matar, se eu conseguir lhe dar um motivo forte o suficiente para isso.

– Sei. Seu plano é passar a noite na minha casa, no meio do pântano Hogmarrow, com a esperança de receber a visita de um homem com um bom motivo para matá-lo. Entendi certo?

– Mais ou menos.

– E qual é o final feliz? Uma fração de segundo antes de sua cabeça ser estourada eu pulo do céu para salvar você, tipo a porra do Batman?

- Não.
- Não?
- Eu me salvo. Ou não.
- O que você é? Um exército de um homem só?
- A situação é muito arriscada para alguém mais se envolver.
- Eu deveria participar.

Gurney olhou distraidamente pela janela do escritório, pensando no monte de suposições que sustentavam seu plano. Ir sozinho seria muito arriscado. Mas levar alguém como reforço, especialmente uma pessoa como Clinter, seria mais arriscado ainda.

- Desculpe. Ou vai ser do meu jeito, ou não vai ser.

Clinter explodiu:

– Você está falando do desgraçado que acabou com minha vida! Do filho da mãe que eu vivo para matar! Do sacana que eu quero dar como comida para um cachorro! Aí você vem me dizer que tem que ser da *porra* do seu jeito. *Da porra do seu jeito?* Pirou de vez, cacete?

– Realmente não sei, Max. Mas estou vendo uma minúscula oportunidade de parar o Bom Pastor. Talvez impedi-lo de matar Kim Corazón. Ou meu filho. Ou minha mulher. É agora ou nunca, Max. Minha única chance. Já existem variáveis demais, muitas condicionais. Envolver mais uma pessoa na história seria uma variável adicional. Desculpe, Max, não posso tolerar isso. É do meu jeito ou de jeito nenhum.

Houve um longo silêncio.

- Certo.

A voz de Clinter estava inexpressiva. Sem sotaque. Sem sentimento.

- Certo o quê?
- Certo, pode usar minha casa. Para quando você precisa?
- Quanto antes, melhor. Digamos que amanhã à noite. Do anoitecer até o amanhecer.
- Está bem.
- Mas preciso que você fique bem longe daí.
- E se você acabar precisando de ajuda?
- Quem ajudou você naquela salinha em Buffalo?
- Aquilo foi diferente.
- Talvez não tenha sido tão diferente assim. As fechaduras da sua casa

têm chave?

– Não. Minhas pequenas serpentes sempre foram as únicas proteções de que eu precisei.

– Suas serpentes fictícias?

Gurney se lembrou desse estranho detalhe da visita à casa de Clinter na semana anterior. Parecia ter sido um mês atrás.

– Rumores podem ser mais eficientes que fatos, rapaz. Nunca subestime a força da mente humana. Mais vale uma cobra no cérebro que duas no mato.

O sotaque voltava aos poucos.

Capítulo 41

O cúmplice do diabo

Pouco antes das onze horas daquela manhã, Kyle se acomodou em frente ao computador de Gurney com um cabo USB e começou a transferir arquivos em PDF de seu BlackBerry. Um colega de turma lhe mandava resumos e exercícios das aulas para mantê-lo atualizado, reduzindo assim qualquer pressão que ele pudesse estar sentindo para retornar à cidade. Kyle explicou que seu trabalho também podia ser feito por e-mail, pelo menos por ora.

Às onze em ponto, Gurney e Kim partiram para a reunião de meio-dia e meia com Rudy Getz. Foram no Miata, com Kim ao volante. Gurney esperava, já que não estaria dirigindo, conseguir se concentrar em sua ideia de atrair o Pastor à casa de Max Clinter. E, com um pouco de sorte, poderia dar um cochilo.

Em alguns crimes, descobrir o motivo possibilitava levar ao assassino. Em outros, identificar o assassino levava ao motivo. Na situação atual, não havia tempo suficiente para nenhuma das duas abordagens. A única esperança era fazer com que o próprio assassino se identificasse. Isso parecia um desafio impossível. Como se prepara uma armadilha para um especialista em armadilhas?

Quando estavam na metade do caminho para Ashokan Heights, pela Rota 28, Gurney enfim se entregou a um cochilo desesperadamente necessário. Que terminou 25 minutos depois, quando Kim o acordou na Falcon's Nest Lane, a 1,5 quilômetro da casa de Getz.

– Dave?

– O quê?

– O que você acha que eu deveria fazer?

Ela estava olhando para a frente enquanto falava.

– Essa é uma pergunta importante – disse ele de forma vaga. – Se você decidir dar para trás com a RAM-TV, existe um plano B?

– Por que preciso de um plano B?

Antes que ele pudesse responder, o carro chegou à grande e imponente entrada de veículos de Getz. Kim passou entre as colunas de pedra e entrou no túnel formado por um arco de rododendros que levava à casa.

Quando desceram do Miata, foram recepcionados pelo ruído de um rotor de helicóptero. O barulho foi ficando cada vez mais alto enquanto eles espiavam por entre as árvores ao redor procurando de onde vinha. Logo o som ficou tão próximo que Gurney pôde sentir sua vibração, mas não viu a aeronave – que vinha se aproximando da casa fora de seu campo de visão – até que ela estivesse a ponto de pousar no teto. Atingido pelo vento gerado pelo rotor, o cabelo de Kim voou descontroladamente em volta de seu rosto.

Quando o ar ficou imóvel de novo, ela enfiou a mão na bolsa que carregava a tiracolo e pegou uma escova pequena. Penteou o cabelo, ajeitou o blazer e deu um sorrisinho para Gurney. Os dois subiram a escada até a porta e Gurney bateu.

Não houve resposta. Ele bateu de novo. Esperaram cerca de 30 segundos e, quando Gurney já ia fazer uma terceira tentativa, a porta se abriu.

A boca de Rudy Getz estava esticada em algo que parecia um sorriso. Seus olhos fundos brilhavam de um modo que o fazia parecer sob efeito de drogas. Ele usava uma calça jeans preta e uma camiseta da mesma cor, como na visita anterior, mas o paletó esporte de linho branco fora substituído por um lilás bem claro.

– Olá! Que bom ver vocês! Bem na hora! Gosto disso. Entrem, entrem.

O interior modernista, com seus frios móveis de metal e vidro, era o mesmo de que Gurney se lembrava. Getz estalava os dedos como se seu nível de agitação exigisse isso. Apontou para a mesma mesinha oval de acrílico com poltronas em volta onde tinham feito a primeira reunião e disse:

– Sentem-se. É hora de uma bebida. Adoro helicópteros, simplesmente

amo. A RAM-TV tem uma frota. Somos famosos por isso. Os Ramcópteros. Em qualquer acontecimento importante, um Ramcóptero é sempre o primeiro a chegar. Em eventos realmente grandes, mandamos dois. Nenhuma outra emissora tem tantos recursos. É um motivo de orgulho para nós. Mas, sempre que voo, aterrisso com sede. Me acompanham num drinque?

Antes que Gurney ou Kim pudessem responder, Getz pôs dois dedos nos lábios e assobiou – uma nota alta e aguda que poderia ser ouvida a meio quilômetro de distância. Quase de imediato, a patinadora entrou, vindo de uma porta na outra extremidade da sala. Gurney reconheceu os patins, a malha preta esticada em seu corpo atraente, o cabelo azul-escuro espetado com gel, os olhos tão azuis e eletrizantes quanto os cabelos.

– Já tomaram uma vodca chamada Stoli Elit? – perguntou Getz.

– Vou querer apenas um copo d’água, se não tiver problema – disse Kim.

– E o senhor, detetive Gurney?

– Água.

– Que pena. A Stoli Elit é realmente especial. Custa uma fortuna. – Ele olhou para a patinadora. – Claudia, querida, me traga três dedos, sem gelo – pediu, levantando três dedos na horizontal para ilustrar a dose que queria.

Ela deu um giro nas pontas dos patins e deslizou pela porta do outro lado.

– Então estamos todos aqui. Vamos nos sentar e conversar.

Getz indicou as poltronas de novo.

Kim e Gurney se acomodaram de um lado da mesa e Getz, do outro.

Claudia retornou e pôs um copo na frente de Getz. Ele pegou-o, bebericou o líquido transparente e sorriu.

– Perfeito.

Ela fitou Gurney de forma avaliadora e desapareceu de novo pela porta.

– Muito bem – falou Getz. – Vamos aos negócios. – Em seguida pousou os olhos brilhantes em Kim. – Querida, sei que você quer desabafar. Vamos tirar isso do caminho primeiro. Fale comigo.

Kim pareceu perdida por um momento, então respondeu:

– Não sei o que dizer, além do fato de que estou horrorizada pelo que aconteceu. Eu me sinto responsável. Essas pessoas que foram mortas... foi por minha causa. Por causa de *Os órfãos do assassinato*. Isso precisa parar. Precisa acabar.

Getz a encarou.

– Só isso?

Ele pareceu pasmo, como se estivesse fazendo um teste de interpretação com uma atriz que parasse de falar depois da primeira frase.

– Isso e todo o tom do programa. Não foi o que eu esperava. O modo como ele foi editado, aquela abertura piegas na estrada escura, os supostos especialistas dando sua opinião. Para ser honesta, achei um lixo.

– Lixo?

– Resumindo, quero que a série seja cancelada.

– Resumindo, você quer que a série seja cancelada? Isso é muito engraçado.

– Engraçado?

– É. Engraçado. Tem certeza que não quer uma bebida?

– Eu pedi água.

– Pediu. Essa é a verdade. – Getz apontou um indicador para ela como se fosse o cano de uma arma e riu. Depois pegou sua vodca e acabou com ela em dois longos goles. – Certo, vamos colocar alguns fatos na mesa primeiro, para começar a esclarecer as coisas. Você precisa verificar seu contrato, querida, para ter uma compreensão mais clara do básico, tipo quem é dono de quê, quem toma as decisões, quem pode cancelar o quê etc. Mas agora não é hora de ficarmos atolados em questões legais. Temos assuntos mais importantes para resolver. Deixe-me dizer algumas coisas sobre a RAM-TV que...

– Você está dizendo que não vai cancelar?

– Por favor, me deixe contextualizá-la um pouco. Sem conhecer o contexto, não podemos tomar boas decisões. Por favor, permita que eu termine. Eu estava dizendo que há algumas coisas sobre a RAM-TV que talvez você não saiba. Por exemplo: nós temos mais programas líderes de audiência do que qualquer rede de TV a cabo ou aberta. Temos a mais alta...

– Não me importa.

– Por favor, me deixe falar. Existem fatos que talvez você não conheça. Nós temos a maior audiência total do ramo. A cada ano os números sobem mais. Nossa empresa controladora é a maior companhia de mídia do mundo, e nós somos sua divisão mais lucrativa. No ano que vem vamos ser mais lucrativos ainda.

– Não vejo a importância disso.

– Por favor, escute. Nós entendemos de programação. Entendemos os espectadores. Resumindo? Quer falar de resumo? O resumo é que sabemos o que estamos fazendo, e fazemos isso melhor do que todo mundo. Você teve uma ideia de programa. Nós estamos transformando essa ideia em ouro. Alquimia da mídia. É isso que fazemos. Transformamos ideias em ouro. Entendeu?

Kim se inclinou para a frente e disse, em voz mais alta:

– O que eu entendi é que pessoas morreram por causa desse programa.

– Quantas pessoas?

– O quê?

– Você sabe quantas pessoas morrem neste planeta todo dia? Quantos milhões?

Kim o encarou, momentaneamente sem fala.

Gurney aproveitou a oportunidade para perguntar, de modo casual:

– Os assassinatos vão aumentar seus níveis de audiência?

Getz sorriu.

– Quer saber a verdade? A audiência vai subir até a estratosfera. Vamos fazer novos especiais, debates sobre a Segunda Emenda, talvez até uma série nova. Lembra o projeto que ofereci a você, *Quando a Justiça falha*? Uma revisão implacável de casos não solucionados? Poderia ser um sucesso. A oferta ainda está de pé, detetive. *Os órfãos do assassinato* pode ir muito longe. Uma franquia. Alquimia da mídia.

Os punhos de Kim estavam fechados com força.

– Isso é tão... nojento.

– Sabe o que é isso, querida? É a natureza humana.

Os olhos dela brilharam de raiva.

– Mais parece maldade e ganância.

– Certo. Como eu disse. Natureza humana.

– Isso não é a natureza humana! Isso é lixo!

– Deixe-me dizer uma coisa. O animal humano não passa de outro primata. Talvez até o mais feio e mais estúpido de todos. Essa é a verdade verdadeira. E eu sou realista. Não fui eu que criei a porra do zoológico. Só ganho a vida nele. Sabe o que eu faço? Alimento os animais.

Kim se levantou da cadeira.

- Para mim, acabou. Estou indo embora.
- Vai perder um ótimo almoço de comida japonesa.
- Não estou com fome. Preciso sair daqui. Agora.

Ela começou a andar em direção à saída. Gurney se levantou sem qualquer comentário e a seguiu. Getz ficou onde estava.

Quando os dois se aproximavam da porta da frente, ele gritou:

– Antes de irem, eu gostaria de lhes pedir uma opinião. Estamos tentando escolher um novo slogan e ficamos entre duas opções. A primeira é “RAM News: a Mente e o Coração da Liberdade”. A segunda é “RAM News: Nada Além da Verdade”. Qual vocês preferem?

Balançando a cabeça, Kim abriu a porta da frente e saiu o mais rápido que pôde.

Gurney olhou para o sujeito, que ainda estava sentado perto da mesa de acrílico.

Ele estava tirando fiapos invisíveis de seu paletó lilás.

Capítulo 42

Uma possibilidade remota

Descendo a estrada em zigue-zague através da floresta de pinheiros que separava a propriedade de Getz da estrada principal, Kim dirigia tão ferozmente que Gurney se distraiu de seus pensamentos sobre o executivo da RAM-TV e sua empresa de mídia nojenta.

Na segunda vez em que o carro derrapou de lado no acostamento estreito, ele se ofereceu para pegar o volante. Kim recusou, mas diminuiu a velocidade.

– Não acredito – disse ela, balançando a cabeça. – Eu estava tentando criar uma coisa boa. Uma coisa verdadeira. E veja no que foi transformada. Numa confusão horrível. Meu Deus, como sou idiota! Como sou idiota e ingênua!

Gurney olhou-a. O blazer azul conservador, a blusa branca sem enfeites, o cabelo de uma simplicidade quase severa pareciam de repente parte de um figurino adulto usado por uma criança.

– O que vou fazer? – Ela perguntou tão baixinho que ele mal escutou. – Suponha que o Bom Pastor continue a matar. Aquele aviso, “Não acorde o diabo”, era para mim. Mas eu ignorei. Isso faz com que cada assassinato novo seja minha culpa. Como podemos impedir que Getz vá em frente com essa coisa horrível?

– Acho que não temos como fazer isso.

– Ah, meu Deus...

– Mas pode haver um modo de impedir o Bom Pastor.

– Como?

– É uma possibilidade meio remota.

– Qualquer coisa é melhor do que nada.

– Talvez eu precise de sua ajuda.

Ela se virou para ele.

– Faço qualquer coisa. É só dizer. O que for, eu...

O carro estava se desviando rapidamente para a mureta de proteção.

– Meu Deus! – gritou Gurney. – Olhe para a frente!

– Desculpe, desculpe. Mas, por favor, qualquer coisa que você queira que eu faça, é só dizer.

Ele se perguntou sobre a sensatez de discutir aquilo enquanto ela dirigia. Mas não podia se dar ao luxo de esperar. O tempo se esvaía cada vez mais depressa. Esperava que suas dúvidas e seus temores não fizessem com que a ideia parecesse tão frágil aos olhos dela quanto parecera aos de Clinter.

– Meu plano se baseia em duas crenças que tenho sobre o Bom Pastor. Primeiro: ele matará qualquer um que represente uma ameaça para ele, desde que sinta que pode fazer isso com segurança. Segundo: ele tem bons motivos para considerar que meu interesse pelo caso é uma ameaça.

– E o que vamos fazer?

– Aproveitar o sistema de grampo do seu apartamento para nos comunicarmos com ele, deixando que ouça algumas coisas que o motivarão a sair da toca.

– Você acha que foi ele que andou me escutando? Não o Robby?

– *Poderia* ser o Robby. Mas eu apostaria no Bom Pastor.

Ela pareceu perturbada com a ideia, mas depois assentiu heroicamente.

– Certo. O que queremos que ele ouça?

– Pretendo que ele saiba que eu vou estar num local bastante isolado, numa posição muito vulnerável. Quero que ele acredite que tem uma chance única para se livrar de mim e de Max Clinter, que ele *precisa* se livrar de nós e que nunca haverá momento mais propício para isso.

– Então nós vamos nos sentar na minha casa e você vai dizer certas coisas na esperança de que ele esteja ouvindo?

– Ou que vá ouvir mais tarde. Acho que ele está gravando as transmissões daqueles grampos num dispositivo ativado por voz, e deve verificá-las uma ou duas vezes por dia. Quanto a “dizer certas coisas”, o modo como vamos revelar a informação precisa ser mais sutil do que simplesmente conversando com você. Tem que haver uma história por trás, uma dinâmica

emocional, um motivo para estarmos no apartamento, alguma tensão. Algo que pareça real. Ele precisa acreditar que está ouvindo coisas que não deveria ouvir.

Quando chegaram à casa de Gurney, pouco depois das três da tarde, Kyle estava no escritório, na frente do computador, cercado por impressos, um BlackBerry, um iPhone e um iPad. Cumprimentou-os sem afastar o olhar da tela, onde havia uma espécie de planilha.

– Olá, pessoal. Bem-vindos de volta. Já falo com vocês. Estou fechando isto aqui.

Não havia sinal de Madeleine, que ainda devia estar na clínica. Enquanto Kim subia para trocar sua roupa formal, Gurney verificou a secretária eletrônica do telefone fixo. Não havia recados. Foi ao banheiro e em seguida se dirigiu à cozinha. Ao lembrar que não tinha almoçado, abriu a geladeira.

Um ou dois minutos depois, quando Kim desceu de novo, ele continuava olhando as prateleiras sem enxergar nada de fato. Sua mente estava em outro lugar, pensando nos detalhes da farsa que ele e Kim encenariam no fim daquela tarde, a farsa da qual tanta coisa dependia.

A chegada dela à cozinha, vestindo uma calça jeans e um suéter largo, trouxe-o de volta à realidade.

– Quer comer alguma coisa? – perguntou.

– Não, obrigada – respondeu ela.

Logo em seguida, Kyle apareceu.

– Imagino que vocês tenham ouvido a notícia.

A expressão de Kim ficou paralisada.

– Que notícia?

– Outro assassinato: a mulher de uma das pessoas com quem você falou. Lila Sterne.

– Ah, meu Deus, não! – exclamou Kim, agarrando a borda da bancada da pia.

– Você ouviu a notícia no rádio? – perguntou Gurney.

– Vi na internet. Google News.

– O que eles disseram? Deram algum detalhe?

– Só que ela foi morta com um furador de gelo em algum momento na noite passada. “A polícia está no local, a investigação está sendo feita. O

monstro anda à solta.” Um monte de drama e poucos fatos.

– Merda – murmurou Gurney.

Ouvir a notícia pela segunda vez de certa forma a tornava pior, agravando a sensação de que a situação se acelerava, fugindo do controle.

Kim parecia perdida.

Gurney foi até ela e envolveu-a com os braços. Ela o abraçou com uma ferocidade que o deixou espantado. Quando o soltou, respirou fundo e deu um passo para trás.

– Estou bem – disse ela, respondendo à pergunta que ele não fizera.

– Ótimo, porque mais tarde nós dois precisaremos atuar em plena capacidade.

– Eu sei.

Kyle franziu a testa.

– Plena capacidade? Para quê?

Gurney explicou do modo mais calmo e razoável possível seu propósito geral e o fato de esse objetivo depender do equipamento de escuta do apartamento de Kim. Sabia que estava tentando dar à estratégia um ar de coerência maior do que realmente tinha. Imaginou quem estaria tentando convencer: Kyle ou ele próprio.

– Hoje à noite? – perguntou Kyle, incrédulo. – Você planeja fazer isso hoje?

– Na verdade – disse Gurney, sentindo de novo a terrível pressão do tempo se esgotando –, deveríamos partir para Syracuse assim que pudermos.

Kyle pareceu muito preocupado.

– Vocês estão... preparados? Quero dizer, esse negócio parece ser muito perigoso. Vocês têm ideia do que vão dizer, do que querem que o Bom Pastor escute?

Gurney tentou de novo imprimir um tom de tranquilidade à própria voz:

– Minha ideia, e admito que muita coisa terá que ser improvisada na hora, é entrarmos na casa de Kim no meio de uma discussão sobre a reunião que tivemos hoje com Rudy Getz. Kim vai me dizer que quer acabar com a série na RAM-TV e eu vou argumentar que talvez ela não devesse ser tão precipitada em desistir do programa.

– Espere um minuto – disse Kyle. – Por que vocêalaria isso?

– Quero que o Bom Pastor *me* veja como a principal ameaça para ele, não Kim. Minha intenção é que ele acredite que ela quer que a série seja cancelada e que eu posso atrapalhar essa decisão.

– É isso? Esse é o plano?

– Não. Tem mais. O que estou pensando é que, no meio de toda essa discussão que vamos ter sobre a série, eu recebo um telefonema, supostamente de Max Clinter. Qualquer um que ouça o meu lado da ligação, e é só isso que os grampos vão poder captar, terá a impressão de que Max descobriu alguma informação apontando para a identidade do assassino. Talvez algo que se encaixe com uma das coisas que eu descobri. A ideia é que o Bom Pastor fique com a impressão de que temos quase certeza de quem ele é e que vamos nos encontrar na casa de Clinter, amanhã à noite, para comparar nossas anotações e decidir os próximos passos.

Kyle ficou em silêncio por um longo minuto.

– Então... o plano é que ele... o quê? Vá à casa de Clinter... para tentar matar vocês?

– Se eu agir do jeito certo, ele vai ver isso como uma chance de eliminar uma grande ameaça correndo quase nenhum risco.

– E vocês... – Ele ficou olhando para o pai e para Kim. – E vocês vão... simplesmente improvisar isso tudo?

– A esta altura, é a única forma possível. – Gurney fitou o relógio na parede. – Temos que ir.

Kim pareceu aterrorizada.

– Vou pegar minha bolsa.

Quando Gurney ouviu os passos dela subindo a escada, virou-se para Kyle.

– Quero lhe mostrar uma coisa. – Ele levou o filho até o quarto principal e abriu a gaveta de baixo de sua cômoda. – Não sei a que horas vou voltar para casa hoje. Caso algo inesperado aconteça, ou caso algum visitante indesejado apareça, quero que você saiba que isto está aqui.

Kyle olhou a gaveta aberta. Ela continha uma espingarda calibre 12 de cano curto e uma caixa de balas.

Capítulo 43

Falando com o Bom Pastor

Gurney e Kim foram para Syracuse em carros separados. Com tanta coisa ainda para ser determinada, parecia sensato ter o máximo de flexibilidade possível.

Parado na frente da casinha sem graça onde o apartamento de Kim ficava, Gurney repassou o plano com ela. Enquanto fazia isso, a fragilidade da ideia parecia cada vez mais inegável. Na verdade, nem era um “plano”; mais parecia uma improvisação de teatro mal concebida. Mas ele não podia deixar que suas dúvidas crescentes se tornassem evidentes, não podia deixar que elas afetassem Kim. Qualquer ansiedade a mais iria paralisá-la. E, para o bem ou para o mal, aquele esquemazinho precário era tudo o que eles tinham.

Concluiu dizendo, com o sorriso mais confiante que conseguiu dar:

– O que quer que eu diga no seu apartamento, reaja como se realmente acreditasse nisso. Fique o mais próxima possível de seus sentimentos verdadeiros. Só relaxe e interaja comigo, está bem?

– Acho que sim.

– E só mais uma coisa: esteja com seu celular à mão e pronto para ser usado. Em algum momento vou sinalizar que você ligue para o meu número, para que meu telefone toque, e então vou ter a conversa falsa com Max Clinter. Vou inventar qualquer fato que ache necessário. Depois, basta que você interprete a si mesma. Reaja como reagiria normalmente. É só isso.

Ele lhe deu uma piscadela e fez um gesto apontando os polegares para

cima. Depois desejou não ter feito isso. Ficou sem graça com a falsa bravata.

Kim engoliu em seco, abriu a porta para o vestíbulo minúsculo, depois destrancou a porta do apartamento. Conduziu-o pelo corredor estreito até a sala de estar. Gurney olhou o sofá, a mesinha de centro barata, o par de poltronas gastas, cada uma delas acompanhada por um abajur de aparência frágil. Tudo estava como ele lembrava, até o tapete cor de terra puído no meio.

– Pode se sentar e ficar à vontade, Dave. Volto num minuto – disse Kim, com a voz apenas um pouco tensa, como seria normal depois de um dia difícil.

Ela seguiu pelo corredor e desapareceu no banheiro, fechando a porta com um estrondo.

Gurney ficou andando pela sala, pigarreou algumas vezes e sentou-se ruidosamente no sofá. Alguns minutos depois, ela retornou. Os dois puseram os celulares na mesa.

- E aí... quer beber alguma coisa?
- Estou *mesmo* com sede. O que você tem?
- O que você quiser.
- Hã, acho que um suco ou algo assim. Se você tiver.
- Acho que posso dar um jeito. Espere um segundo.

Kim voltou pelo corredor até a cozinha. Logo depois, Gurney ouviu copos batendo um no outro e a torneira da pia se abrindo e fechando.

Em seguida, ela apareceu na sala com dois copos vazios. Entregou um a Gurney, bateu o dela no dele e disse “Saúde”. Então se sentou no sofá, virada de lado para ele.

– Saúde – disse Gurney. – Vejo que está bebendo vinho. Algo para fazê-la se sentir melhor em relação à história da RAM-TV.

Ela deu um suspiro alto.

- Essa situação toda é um pesadelo.

Gurney pigarreou.

- Televisão é televisão, eu acho.
- Está dizendo que eu deveria estar empolgada por trabalhar com Rudy Getz, aquele saco de bosta?

– Não necessariamente empolgada. Mas você *precisa* pensar no seu futuro.

– Não sei se quero esse tipo de futuro. Por quê? – disse ela em tom meio provocador. – Você está interessado em aproveitar a oportunidade que Getz lhe ofereceu, de ter seu próprio programa?

– De jeito nenhum, pelo menos não da forma como ele descreveu. – Dave tossiu, depois pigarreou. – Você se importaria de pegar mais um pouco de suco para mim?

Enquanto falava, ele apontou para o celular dela.

Kim assentiu e pegou-o.

– Você está *mesmo* com sede... – Ela se levantou ruidosamente, batendo com a mão em seu copo e derrubando-o. – Ai, merda! Que sujeira!

Então saiu da sala batendo os pés no chão.

O copo estava vazio, então não havia nenhuma sujeira, mas quem estivesse ouvindo visualizaria um daqueles momentos incômodos e espontâneos da vida real. Gurney sorriu. A garota era mesmo talentosa.

Alguns instantes depois, seu telefone tocou. Ele pegou-o e começou a conversa fictícia:

– Max?... Claro, pode falar... Como assim?... Por que está perguntando?... O quê?... Está falando sério?... Certo... Não, a postagem no Facebook era falsa... Ah, bem pensado... Tem certeza?... Olhe, o que você está dizendo faz todo o sentido, mas essa identificação precisa ser confirmada, quero dizer, cem por cento confirmada, sem pontas soltas... Isso é absolutamente incrível, mas, meu Deus, acho que você está certo... Claro... Quando?... Está bem, eu levo tudo... Combinado... É... Tenha muito cuidado... Amanhã à meia-noite... Com certeza!

Gurney apertou o botão como se estivesse encerrando a ligação, depois colocou o telefone na mesa.

Kim voltou à sala.

– Aqui está seu suco – disse ela, como se estivesse entregando um copo. – Quem foi que ligou? Você pareceu bastante empolgado.

– Era o Max Clinter. Parece que o Bom Pastor finalmente cometeu um grande erro, além dos que tinha cometido na casa de Ruth Blum e na oficina de lanternagem lá perto. Desses eu já sabia, mas Max acabou de fazer outra descoberta e... agora nós sabemos quem ele é!

– Ah, meu Deus! Vocês identificaram o Bom Pastor?

– É. Tenho noventa por cento de certeza. Mas quero ter cem por cento. É

algo muito sério para haver dúvidas.

– E quem é ele? Me conte!

– Por enquanto, não.

– Como assim, “por enquanto não”?

– Não posso correr o risco de estar errado. Há muita coisa em jogo. Vou me encontrar com Clinter amanhã à noite, na casa dele. Ele tem uma coisa que eu preciso ver. Se combinar com o que eu tenho, o quebra-cabeça estará completo e o Bom Pastor vai ser história.

– Por que vocês precisam esperar até amanhã à noite? Por que não agora?

– Clinter está fora da área desde que recebeu uma mensagem de texto do Bom Pastor, enganando-o para que ele passasse pela vizinhança de Ruth, em Aurora. Ele ficou desconfiado. Nem quer ficar no condado de Cayuga durante o dia. Disse que só poderia estar em casa amanhã à meia-noite.

– Meu Deus, não consigo nem acreditar! Não acredito que você sabe quem é o Bom Pastor e não quer me dizer!

Ela parecia apavorada, de uma forma quase patética.

– Assim é mais seguro. – Ele esperou alguns instantes, como se estivesse considerando algo. – Acho que, por enquanto, você deveria se hospedar num hotel. Seja discreta. Por que não faz uma mala com algumas coisas? Depois, vamos embora daqui.

Capítulo 44

Avaliação

Os dois só se falaram de novo depois que pararam seus carros no estacionamento de um hotel pertencente a uma grande rede, na estrada de acesso da I-88.

Eram quase sete e meia, e o crepúsculo havia se transformado em noite. As luzes do estacionamento haviam se acendido, conferindo ao lugar uma atmosfera de penumbra.

Kim havia se juntado a Gurney no banco da frente do Outback para falar do “desempenho” dos dois e de seu impacto potencial na plateia presumida. Ela foi a primeira a levantar uma questão prática:

– Você acha que o Bom Pastor vai engolir a isca?

– Acho que sim. Ele pode até estar com alguma suspeita, porque deve ser o tipo de pessoa que desconfia de tudo. Mas terá que fazer algo. E, para isso, terá que sair da toca. Na situação que nós armamos, o risco de ficar de braços cruzados seria maior do que o de agir. Ele vai entender isso. É um cara muito lógico.

– Então você acha que a gente se saiu bem?

– Você se saiu mais do que bem. Parecia você mesma. Agora escute: passe a noite neste hotel e não abra a porta para *ninguém*. Em nenhuma circunstância. Se alguém tentar convencê-la a fazer isso, chame a segurança imediatamente, está bem? Ligue para mim amanhã bem cedo.

– Será que um dia vamos ficar em segurança?

Gurney sorriu.

– Acho que sim. Espero que depois de amanhã estejamos totalmente

seguros.

Kim estava mordendo o lábio inferior.

– O que você vai fazer?

Gurney se recostou, olhando a luz amarelada do estacionamento.

– Meu plano é deixar o Bom Pastor aparecer e armar a própria força. Mas isso é para amanhã à noite. Hoje o objetivo é ir para casa, deitar e dormir como não faço há dois dias.

Kim assentiu.

– Certo. – Fez uma pausa. – Bom, é melhor eu ir arranjar um quarto.

Ela pegou a bolsa, saiu do carro e entrou no hotel.

Depois de ver Kim desaparecer no saguão, Gurney saiu do carro, foi até a traseira, deitou-se de costas no chão e enfiou a mão embaixo da carroceria. Sem muita dificuldade, conseguiu tirar o rastreador de GPS do suporte do para-choque. De volta ao banco, abriu o dispositivo com uma pequena chave de fenda e desconectou a bateria.

A partir daquele momento até o confronto final, queria manter sua localização em segredo.

Capítulo 45

O discípulo do diabo

O Senhor dá. O Senhor tira.

Naquela noite, Gurney teve sete horas de sono ininterrupto e absolutamente necessário. Mas na manhã seguinte acordou com um sentimento de pavor – um medo indefinido que só foi aliviado em parte depois que ele tomou uma chuveirada, se vestiu e prendeu sua Beretta no coldre.

Às oito da manhã, estava olhando pela janela da cozinha. O sol era um disco pálido e frio em meio à névoa matinal. Ele já tinha tomado metade de uma xícara de café, esperando que ela tivesse um efeito positivo. Madeleine estava sentada à mesa do café da manhã com sua tigela de aveia, uma torrada e *Guerra e paz*.

– Você ficou lendo isso a noite toda? – perguntou ele.

Ela piscou ao ser interrompida, visivelmente confusa e irritada.

– *O quê?*

Ele balançou a cabeça.

– Nada. Desculpe.

Tinha sido uma tentativa desajeitada de soar bem-humorado – que não fora nem engraçada –, baseada em sua lembrança de tê-la visto, na noite anterior, sentada àquela mesma mesa com o mesmo livro quando ele havia chegado de Syracuse e ido quase imediatamente para a cama, depois de lhe dar apenas um resumo superficial da farsa que ele e Kim haviam representado.

Gurney terminou o café, pegou a jarra e começou a se servir de uma

segunda xícara. Enquanto ele fazia isso, Madeleine fechou o livro e empurrou-o alguns centímetros para o centro da mesa.

– Talvez você não devesse beber tanto café – comentou ela.

– Provavelmente você está certa.

Ainda assim ele continuou a encher a xícara, mas, numa rara concessão à preocupação dela, colocou apenas um saquinho de adoçante, em vez dos dois de sempre.

Ela continuou observando-o. Gurney teve a impressão de que a apreensão no rosto da esposa se devia a questões maiores do que a quantidade de cafeína em seu organismo.

Depois que ele desligou a cafeteira e voltou para a janela, ela perguntou baixinho:

– Há algo coisa que eu possa fazer por você?

A pergunta teve um efeito estranho. Parecia abarcar tudo e, ao mesmo tempo, era muito simples.

– Acho que não.

Aos seus próprios ouvidos, a resposta pareceu banal, imprópria.

– Bom – disse ela –, me avise se pensar em alguma coisa.

O tom suave o fez se sentir mais inadequado ainda. Tentou melhorar o humor mudando de assunto:

– Quais são seus compromissos de hoje?

– Ir à clínica, claro. E talvez eu não venha jantar em casa. Talvez vá à casa de Beth depois do trabalho. – Ela fez uma pausa. – Está bem?

Era uma pergunta que ela costumava fazer numa variedade de contextos. Poderia ser sobre ir a algum lugar, plantar algo num canteiro de flores ou sobre o que comer. Ele sempre achava aquilo irritante de uma forma inexplicável, e acabava sempre respondendo do mesmo jeito:

– Claro que está bem.

O diálogo, como agora, era sempre seguido por um silêncio.

Madeleine pegou o livro e o abriu de novo.

Ele levou o café para o escritório, sentou-se à mesa e pensou nas incertezas da situação em que entraria à noite, sozinho e totalmente despreparado, na casa de Max Clinter.

Então um novo pensamento – uma nova preocupação – surgiu do nada. Deixou o café no escritório e foi até o carro de Madeleine.

Vinte minutos depois, entrou em casa de novo, aliviado por seu medo súbito não ter fundamento e o carro dela não estar com nenhum dispositivo eletrônico indesejado acoplado.

– O que foi isso? – perguntou ela, espiando-o por cima do livro enquanto ele passava pela cozinha, voltando ao escritório.

Ele decidiu que não tinha opção melhor do que dizer a verdade. Contou o que tinha ido procurar e por quê, descrevendo as descobertas que fizera no carro de Kim e no dele.

– Quem você acha que fez isso?

A voz dela estava tranquila, mas os cantos dos olhos denotavam tensão.

– Não tenho certeza.

A resposta era tecnicamente verdadeira, mas evasiva.

– Aquele tal de Meese? – sugeriu ela, quase esperançosa.

– Pode ser.

– Ou então a pessoa que incendiou o celeiro? E serrou a escada de Kim?

– Pode ser.

– Pode ser o próprio Bom Pastor?

– Pode.

Ela deu um suspiro longo e lento.

– Isso significa que ele está seguindo você?

– Não necessariamente. Pelo menos não de perto. Eu teria notado. Ele pode só querer acompanhar minha localização.

– Por que ele iria querer isso?

– Gerenciamento de risco. Sentimento de controle. Desejo natural de saber onde o inimigo está o tempo todo.

Ela o encarou, os lábios apertados numa linha reta. Estava claro que Madeleine podia ver outro uso – mais violento – para esse tipo de informação.

Gurney estava prestes a aplacar um pouco do medo dela explicando que já havia desconectado o rastreador do Outback, mas percebeu que isso levaria à perturbadora pergunta de por que não havia desconectado também o do Miata.

Na verdade, a resposta era simples. O Bom Pastor poderia acreditar que a versão a pilha do rastreador tinha ficado sem energia, mas desconfiaria se o equipamento ligado à bateria do carro falhasse ao mesmo tempo. No

entanto, Gurney relutou em dizer isso a Madeleine, porque sabia que ela ficaria muito perturbada com a possibilidade de o Bom Pastor rastrear Kim por mais um dia inteiro. Havia um limite para o número de conflitos que poderia enfrentar ao mesmo tempo, e fazer uma triagem era essencial.

– Então, pai, vai contar como foi?

Ao som da voz de Kyle, Gurney se virou e viu o filho entrar na cozinha descalço, usando calça jeans e camiseta, o cabelo molhado do banho.

– Tudo aconteceu como eu disse ontem à noite.

– Ontem à noite você não disse muita coisa.

– Acho que eu só queria ir para a cama. Estava acabado. Mas foi bem tranquilo. Sem problemas. Acho que a história que inventamos foi verossímil.

– E agora?

Havia limites para o que Gurney queria dizer na frente de Madeleine. Todo o plano poderia parecer arriscado demais aos olhos dela. Então, respondeu da forma mais casual que conseguiu:

– Basicamente, vou me posicionar e esperar que ele caía na armadilha.

Kyle pareceu cético.

– Só isso?

Gurney deu de ombros. Madeleine tinha parado de ler e o observava.

Kyle insistiu:

– Quais foram as palavras mágicas?

– O quê?

– O que vocês disseram na... cena improvisada... que vai fazer com que o cara apareça?

– Nós demos a impressão de que pode haver um modo de ele se livrar de mim. É difícil lembrar as palavras exat...

Seu celular tocou.

Olhou o identificador e reconheceu o número de Kim. Sentiu-se grato pela interrupção, mas o sentimento durou apenas poucos segundos.

Ela pareceu ofegante.

– Kim? O que foi?

– Meu Deus... Meu Deus...

– Kim?

– É.

– O que foi? Qual é o problema?

– O Robby. Ele está morto.

– O quê?

– Ele está morto.

– Robby Meese está morto?

– Está.

– Onde?

– O quê?

– Você pode dizer onde ele está?

– Na minha cama.

– O que aconteceu?

– Não sei.

– Como ele foi parar na sua cama?

– Não sei! Só sei que ele está aqui! O que eu devo fazer?

– Você está na sua casa?

– Estou. Você pode vir aqui?

– Diga o que aconteceu.

– Não sei o que aconteceu. Eu vim do hotel de manhã para pegar mais algumas coisas. Quando entrei no quarto, eu...

– Kim?

– O quê?

– Você entrou no quarto...

– Ele está lá agora. Na minha cama.

– Como você sabe que ele está morto?

– Ele estava deitado de bruços. Tentei rolá-lo para o lado, acordá-lo... Havia o... o cabo de uma coisa... se projetando do peito dele.

A mente de Gurney estava em disparada, com as peças do quebra-cabeça de repente voando num redemoinho.

– Dave?

– O quê, Kim?

– Pode vir aqui, por favor?

– Escute, Kim, o que você precisa fazer agora é ligar para a emergência.

– Você pode vir?

– Kim, minha presença não vai ajudar em nada. Você tem que ligar para a emergência. Agora. Isso é o mais importante. Entendeu?

– Entendi. Mas eu queria que você estivesse aqui. Por favor.

– Eu sei. Mas vou desligar agora para você ligar para a emergência. Depois que descrever a situação para o atendente, me ligue de volta. Entendeu?

– Entendi.

Quando Gurney desligou, Kyle e Madeleine o encaravam. Cinco minutos depois, enquanto ainda contava a conversa com o máximo de detalhes possível, ela ligou de novo.

– O atendente disse que a polícia está vindo.

A voz dela parecia mais controlada.

– Você está bem?

– Acho que sim. Não sei. Ele deixou um bilhete de suicídio.

– Repita isso.

– Um bilhete de suicídio. Do Robby. No meu computador.

– Você verificou seu computador?

– Eu simplesmente vi. Está na tela. Na minha frente. O computador está ligado.

– Tem certeza que é um bilhete de suicídio?

– Claro que tenho. O que mais poderia ser?

– O que está escrito?

– É horrível.

– O que diz?

– Não quero ler alto. Não posso.

Ela parecia estar respirando fundo.

– Por favor, Kim, tente ler para mim. É importante.

– Preciso mesmo ler? É horrível de verdade.

– Tente. Por favor.

– Está bem. Vou tentar. Certo. – Ela leu com a voz trêmula: – “A raça humana me enoja. Você me enoja. Você e Gurney me enojam. A vida é nojenta. Espero que algum dia você veja a verdade e que ela mate você. Esta é a vontade final de Robert Montague.” É isso. É isso que está escrito. Quando a polícia chegar, o que devo dizer?

– Só responda às perguntas deles.

– Devo contar sobre ontem à noite?

– Responda às perguntas de modo conciso e verdadeiro. – Ele fez uma pausa, procurando as palavras. – Eu não ofereceria voluntariamente um

monte de informações que só confundiriam a visão geral.

– Posso dizer que você esteve aqui?

– Pode. Eles vão querer saber se você esteve no apartamento, quando entrou, quando saiu, e se havia alguém com você. Pode dizer que estivemos aí, que discutimos o seu projeto na RAM-TV. Acho que não seria útil distraí-los com detalhes sobre Max Clinter ou a casa dele. Tenha em mente que você precisa dizer a verdade, não pode mentir, mas não precisa revelar detalhes que não forem pedidos. Entende o que estou dizendo?

– Acho que sim. Devo dizer que passei a noite num hotel?

– Com certeza. Eles vão querer saber onde você esteve, e você precisa ser sincera. Se eu fosse você e meu apartamento tivesse sido invadido misteriosamente em várias ocasiões, e a polícia local não tivesse reagido de modo adequado, eu também não ia querer dormir aí. Me sentiria mais seguro num hotel, ou em Walnut Crossing, ou no apartamento de um amigo em Manhattan. Por sinal, você saiu do hotel em algum momento durante a noite?

– Não, claro que não. Mas e se... – Houve uma batida forte ao fundo. – A polícia chegou. É melhor eu ir. Ligo depois.

Assim que desligou, Gurney ficou onde estava, no meio do cômodo, tentando entender os fatos, as implicações, os imperativos imediatos. Sentia-se como se estivesse equilibrando meia dúzia de laranjas no ar e acabassem de jogar uma melancia para ele.

Uma melancia cheia de nitroglicerina.

Capítulo 46

Não há outro modo

– Suicídio? – perguntou Kyle.

– Duvido – disse Gurney. – Não faz o gênero dele. E, mesmo que fizesse, homicídio ainda faria mais sentido.

– Você acha que os policiais de Syracuse são bons o suficiente para descobrir o que aconteceu de verdade?

– Talvez com um pouquinho de ajuda.

Gurney passou alguns segundos avaliando as opções, depois pegou o telefone e digitou o número de Hardwick.

Ele atendeu no primeiro toque.

– Mas que coincidência feliz! – disse com a voz rouca.

– O quê?

– Eu ia pegar o telefone para ligar para você e aí está! Não diga que não é uma coincidência maravilhosa.

– Se você acha... Estou ligando porque tenho uma informação que pode ser valiosa para o BIC, e talvez você seja a única pessoa de lá disposta a falar comigo.

– É, bem... Depois que eu lhe der uma certa notícia, talvez você não dê a mínima para...

– Escute. Robby Meese está morto.

– Morto? Morto do tipo que foi apagado?

– Eu diria que sim, mas a coisa foi armada como suicídio.

– O BIC ainda não sabe desse cadáver?

– A polícia de Syracuse sabe, então vocês logo vão ficar sabendo também.

Mas a questão não é essa. Independentemente de quem fizer a perícia, quero garantir que olhem muito bem o teclado do computador que foi usado para digitar o suposto bilhete de suicídio. As manchas nas teclas devem ser muito semelhantes às que foram encontradas no computador de Ruth Blum.

Hardwick ficou em silêncio, como se tentasse absorver a informação.

– Onde está o cadáver?

– No apartamento de Kim Corazón.

Hardwick fez uma pausa mais longa.

– As manchas de luva de látex no computador de Ruth Blum foram deixadas por alguém tentando digitar algo de modo que preservasse as digitais dela nas teclas, para dar a impressão de que ela havia digitado. Certo?

– Certo.

– Como isso funcionaria aqui? As digitais preservadas no teclado de Kim vão ser dela, não de Meese. Como isso faria parecer que ele digitou o bilhete?

– O assassino pode ter mandado que Meese digitasse outra coisa, um e-mail, talvez, antes de matá-lo. Então, com as digitais dele no teclado, o assassino calçou luvas e redigiu o bilhete de suicídio.

– E o que você quer que eu faça com essa grande ideia?

– Quando você vir na DSIJC o relatório do homicídio de Meese, que com sorte mencionará o bilhete de suicídio, pode lhe ocorrer de repente, por causa da ligação de Kim Corazón com Ruth Blum, que as marcas no teclado deveriam ser comparadas. Talvez você queira sugerir isso à tenente Bullard, em Auburn. E a um certo detetive James Schiff, em Syracuse.

– Você não quer fazer isso?

– No momento meu nome não é bem-vindo. Qualquer sugestão minha vai acabar no fundo da pilha, se é que vai chegar à pilha.

Hardwick explodiu numa tosse cheia de pigarro. Ou poderia ser uma gargalhada.

– Cara, é verdade, e era por isso que eu ia ligar. A unidade de investigação de incêndios decidiu deter você para interrogatório. Como suspeito.

– Quando?

– Provavelmente amanhã de manhã. Talvez até hoje à tarde. Pensei que

deveria lhe contar isso, para o caso de você preferir não estar em casa.

– Certo, Jack. Obrigado. Tenho que ir agora. Preciso cuidar de umas coisas aqui.

– Tenha cuidado, cara-pálida. O negócio está ficando feio.

Quando Gurney desligou, estava parado no meio do cômodo comprido. Madeleine e Kyle encontravam-se sentados à mesa. Kyle olhava-o com evidente espanto.

– Isso é incrível... a coisa das luvas no teclado. Como você descobriu?

– Só estou supondo. Posso não ter descoberto nada. Mas agora tenho outro problema. Os idiotas da unidade de investigação de incêndios estão sendo pressionados pelos imbecis do FBI para me interrogar sobre o celeiro.

Kyle pareceu furioso.

– Não foi isso que o escroto do Kramden fez quando veio aqui?

– Kramden pegou minha declaração como testemunha. Agora eles querem me interrogar como suspeito.

Madeleine ficou perplexa.

– Suspeito? – gritou Kyle. – Eles estão completamente pirados?

– E não é só isso – disse Gurney. – Um ou mais departamentos de polícia podem querer me interrogar sobre a morte de Robby Meese, já que eu estive no apartamento de Kim ontem à noite. Por isso, acho que seria melhor eu não estar aqui. As entrevistas sobre homicídios podem durar muito tempo, e hoje à noite eu tenho um compromisso que não quero perder.

Kyle estava com raiva, estressado, impotente. Foi até a outra extremidade da sala e olhou o fogão a lenha frio, balançando a cabeça.

O olhar de Madeleine estava fixo em Gurney.

– Aonde você vai?

– À casa de Max Clinter.

– Para...?

– Esperar, vigiar, ouvir. Ver quem aparece. Improvisar.

– A calma com que você fala isso é realmente apavorante.

– Por quê?

– A forma como você atenua as coisas quando tudo o mais está em risco.

– Não gosto de drama.

Os dois ficaram calados, e o silêncio foi rompido pelo som distante de grasnidos. No pasto de baixo, três corvos subiram do mato aparado e voaram em arco até a copa das árvores do outro lado do lago.

Madeleine respirava devagar, profundamente.

– E se o Bom Pastor entrar com uma arma e atirar em você?
– Não se preocupe. Isso não vai acontecer.
– Não se preocupe? *Não se preocupe?* Você falou mesmo isso?
– O que eu quero dizer é que pode não haver tanto com que se preocupar como você pensa.

– Como você sabe?

– Se ele está verificando os grampos, ouviu quando eu disse que Max e eu vamos nos encontrar na casa de Clinter hoje à meia-noite. A coisa mais sensata para ele seria aparecer algumas horas antes de nós, decidir que local é o mais vantajoso, tirar seu veículo de vista e esperar. Acho que ele vai achar essa perspectiva atraente. Esse cara tem muita experiência em atirar em pessoas à noite, em locais remotos. É muito bom nisso. Vai considerar uma chance de baixo risco e grandes benefícios. E vai achar os elementos familiares da escuridão e do isolamento encorajadores, quase uma zona de conforto.

– Só se a mente dele funcionar como você acha que funciona.

– Ele é um homem extremamente racional.

– Racional?

– Muito. A ponto de não ter qualquer sentimento de empatia. O que o torna um monstro, um sociopata completo. Mas também o transforma num sujeito fácil de entender. Sua mente é uma verdadeira calculadora de risco e recompensa, e as calculadoras são previsíveis.

Madeleine o encarou como se ele estivesse não somente falando em outra língua, mas num idioma de outro planeta.

A voz insegura de Kyle veio da outra ponta da sala, onde ele ainda estava de pé junto ao fogão a lenha.

– Então sua ideia se resume a aparecer primeiro? Você vai estar lá esperando por ele, em vez de ele estar lá esperando você?

– Algo assim. Na verdade, é bem simples.

– E você tem certeza de... tudo isso?

– O bastante para ir em frente.

De certa forma, estava sendo sincero. Mas uma resposta mais honesta poderia incluir o fato de que tudo era relativo – sua margem de manobra estava quase esgotada, ficar parado não era opção e ele não conseguia pensar em outro modo de avançar.

Madeleine se levantou da mesa e levou seu mingau de aveia frio e a torrada inacabada até a pia. Encarou a torneira durante algum tempo, sem tocá-la, com os olhos cheios de pavor. Depois levantou a cabeça com um sorrisinho tenso e disse:

- O dia está lindo. Vou dar um passeio.
- Não vai à clínica hoje?
- Só preciso chegar às dez e meia. Tenho bastante tempo. A manhã está muito bonita para eu ficar em casa.

Ela foi ao banheiro e saiu dois minutos depois usando uma variedade incrível de cores: uma calça de moletom laranja, um casaco de náilon rosa e um boné vermelho.

- Vou estar perto do lago – disse. – Nos vemos antes de você ir.

Capítulo 47

Um anjo partindo

Kyle se sentou à mesa com Gurney.

– Você acha que ela está bem?

– Claro. Quero dizer... é óbvio que ela... tenho certeza que ela está bem. Ficar ao ar livre sempre parece ajudá-la. Andar faz alguma coisa com ela. Algo bom.

Kyle assentiu.

– O que eu devo fazer?

Parecia a pergunta mais importante que um rapaz poderia fazer ao pai. Pensar desse modo fez Gurney sorrir.

– Fique de olho nas coisas. – Fez uma pausa. – Como está seu trabalho? E as coisas na faculdade?

– O e-mail é uma coisa mágica.

– Ótimo. Eu me sinto mal com isso. Arrastei você para uma situação... criei um problema na sua vida, em que não deveria haver problema nenhum... criei um perigo. Isso não é algo... que um pai...

Sua voz ficou no ar. Ele olhou pela porta de vidro, para ver se os corvos continuavam empoleirados nas árvores.

– Você não criou o perigo, pai. Você é a pessoa que está cuidando dele.

– Certo. Bom... é melhor eu ir me aprontar. Não quero ficar preso aqui por causa desse absurdo do incêndio quando preciso estar em outro local.

– Quer que eu faça alguma coisa?

– Como eu disse, fique de olho em tudo. E você... você sabe onde a... – continuou Gurney, fazendo um gesto na direção do quarto.

- Onde a espingarda está. Sei. Sem problema.
- Amanhã à noite, com alguma sorte, tudo deve estar resolvido.

Ao dizer isso – com menos firmeza do que teria preferido –, Gurney saiu da sala.

Na verdade, não havia muita coisa a fazer antes de partir. Checou se o celular estava bem carregado. Verificou a trava da Beretta e a firmeza do coldre de tornozelo. Foi à escrivaninha, pegou a pasta com informações que Kim havia lhe dado no primeiro encontro dos dois e colocou dentro dela as impressões dos relatórios mandados por Hardwick por e-mail. Ainda tinha algumas horas antes que ocorresse qualquer tipo de confronto, e planejava revisar de novo todos os fatos que possuía.

Quando voltou à cozinha, Kyle estava parado junto à mesa, obviamente ansioso demais para ficar sentado.

- Certo, filho, é melhor eu ir.
- Está bem. Vejo você mais tarde.

Kyle levantou a mão num gesto determinadamente casual, algo entre um aceno e uma saudação.

- Certo. Até mais tarde.

Gurney foi rápido para o carro, depois de pegar o paletó no quartinho de casacos. Mal teve consciência de que seguia pela trilha do pasto até chegar ao local perto do lago onde a superfície coberta de capim se fundia com o cascalho da estrada municipal. Nesse momento, avistou Madeleine.

Ela estava parada junto a uma árvore alta, na margem do lago mais próxima ao morro, de olhos fechados, o rosto levantado em direção ao sol. Ele parou o carro, saiu e foi até ela. Queria se despedir e dizer que estaria em casa antes do amanhecer.

Madeleine abriu os olhos devagar e sorriu.

- Não é incrível?
- O quê?
- O ar.
- Ah. É, muito bom. Eu estava indo, e pensei...

O sorriso dela o deixou desconcertado. Estava tão... tão cheio de... quê? Não exatamente de tristeza. Era outra coisa.

O que quer que fosse aquilo, também estava em sua voz.

- Só pare um pouquinho – disse ela – e sinta a brisa no rosto.

Por um instante – alguns segundos, talvez um minuto, ele não tinha certeza –, Gurney ficou hipnotizado.

– Não é incrível? – repetiu ela, tão baixinho que as palavras pareciam fazer parte do ar que ela descrevia.

– Preciso ir. Preciso ir antes...

Ela o interrompeu:

– Eu sei. Sei que precisa. Tenha cuidado. – Em seguida pôs a mão no rosto dele. – Eu te amo.

– Ah, meu Deus. – Ele a encarou. – Estou com medo, Maddie. Sempre fui capaz de deduzir as coisas. Só peço a Deus que eu saiba o que estou fazendo. É só isso que posso fazer.

Ela pôs os dedos suavemente nos lábios dele.

– Você é brilhante.

Ele não se lembrava de ter andado até o carro, nem de ter entrado nele.

Sua única recordação era ter olhado para trás e visto Madeleine parada à luz do sol, radiante em sua profusão de cores, acenando para ele, sorrindo com uma tristeza que ia além de sua compreensão.

Capítulo 48

O único que importava

O campo entre Walnut Crossing e o condado de Cayuga apresentava uma paisagem bucólica depois da outra – pequenas fazendas, vinhedos e milharais entremeados de bosques de madeira de lei. Mas Gurney praticamente não notava. Estava concentrado no destino – uma cabana localizada num pântano – e no que poderia acontecer lá naquela noite.

Ainda não era meio-dia quando chegou. Decidiu não entrar de imediato na propriedade. Em vez disso, passou devagar pela estrada de terra com sua caveira sentinela e o portão de alumínio bambo. O portão estava aberto, mas isso parecia mais um sinal de mau agouro do que um convite.

Continuou por cerca de 1,5 quilômetro e fez o retorno. Na metade do caminho de volta à intimidante entrada de veículos de Clinter, viu um celeiro grande e decrepito no meio de um campo coberto de mato. O teto estava dramaticamente afundado. Faltavam algumas tábuas na lateral da construção, além de uma das partes da porta dupla. Não havia nenhuma casa à vista, só os alicerces arruinados que poderiam ter sustentado uma no passado.

Gurney ficou curioso. Assim que chegou ao que um dia devia ter sido a entrada, entrou no campo e seguiu devagar por ele até a frente do celeiro. Lá dentro estava escuro, e ele precisou acender os faróis para ter uma ideia do interior. O piso era de concreto e havia uma passagem aberta, comprida, indo da frente até o fundo da construção, que se encontrava nas sombras. O lugar estava imundo, com feno apodrecido em toda parte, mas fora isso estava vazio.

Ele tomou uma decisão. Entrou com o carro lentamente no celeiro até chegar ao recanto mais escuro. Em seguida pegou sua pasta de dados de *Os órfãos do assassinato* e relatórios da polícia, saiu do carro e trancou as portas. Era exatamente meio-dia. Teria uma longa espera, mas estava preparado para aproveitá-la da melhor forma.

Seguiu a pé pelo campo emaranhado e ao longo da estrada até a entrada de veículos de Clinter. Enquanto passava pelo estreito caminho elevado que cruzava o lago e o pântano adjacente, Gurney ficou pasmo de novo pelo abandono do lugar.

Como prometido, a porta da frente estava destrancada. O interior, que parecia consistir de um cômodo grande, tinha um cheiro de mofo que indicava que as janelas raramente eram abertas, enquanto as paredes de troncos de madeira exalavam um odor azedo. A mobília parecia ter sido comprada numa loja de artigos “rústicos”. Era um ambiente tipicamente masculino. Um ambiente de caçador.

Havia um fogão, uma pia e uma geladeira encostados numa parede; uma mesa comprida com três cadeiras posicionada contra a parede adjacente; e uma cama de solteiro, baixa, situada junto a outra parede. O piso era de tábuas escuras de pinheiro. A silhueta do que parecia ser um alçapão no piso atraiu o olhar de Gurney. Perto de uma das bordas havia um buraco para o dedo, provavelmente como um modo de abri-lo. Por curiosidade, Gurney tentou, mas o alçapão não cedeu. Devia ter sido lacrado em algum momento. Ou, conhecendo Clinter, poderia haver uma fechadura escondida em algum lugar. Talvez fosse ali que ele guardava as armas “de colecionador” que vendia a outros “coleccionadores”, sem necessidade de uma licença federal de porte.

A mesa comprida era iluminada pela claridade que entrava por uma janela, que também fornecia uma vista do caminho lá fora. Gurney se acomodou numa das três cadeiras e tentou organizar sua grossa pilha de papéis numa sequência prática para as próximas horas. Depois de fazer alguns montes, mudando itens de lugar e colocando-os em várias ordens de prioridade, abandonou os esforços de arrumação e decidiu começar por onde sentisse vontade.

Pegou o maço de fotos das autópsias de dez anos antes e escolheu as que documentavam os ferimentos nas cabeças. Mais uma vez, achou-os

horríveis – o modo como os traumas enormes distorciam as feições das vítimas, transformando-as em paródias grotescas de emoções vivas. De novo, a grosseira violação da dignidade pessoal delas o ultrajou, renovando a decisão de lhes dar o respeito que mereciam – de restaurar a dignidade que lhes fora roubada, levando seu assassino à Justiça.

Essa força de vontade era ótima. Parecia objetiva, descomplicada, energizante. Mas logo a sensação boa começou a se esvaír.

Enquanto olhava ao redor – aquele cômodo frio, pouco convidativo, impessoal, que servia como o lar de um homem –, ficou perplexo com a insignificância do mundo de Max Clinter. Ele não sabia direito como a vida de Clinter havia sido antes de sua história com o Bom Pastor, mas com certeza ficara menor desde então, ao longo dos anos. Aquela cabana, aquela caixinha empoleirada num monte de terra no meio de um pântano qualquer, era a toca de um ermitão. Clinter era um ser humano profundamente isolado, impelido por seus demônios, por suas fantasias, por sua sede de vingança. Era Ahab. Um Ahab ferido, obcecado. Em vez de percorrer o mar, aquele Ahab espreitava na mata. Um Ahab com armas em vez de arpões. Estava preso à sua própria busca, sem visualizar nada além do ápice de sua missão fervorosa, sem ouvir nada além das vozes de sua própria mente.

O sujeito era absolutamente solitário.

A verdade daquilo, a força de sua constatação, deixou Gurney à beira das lágrimas.

Então percebeu que as lágrimas não eram por Max.

Eram por ele próprio.

E foi nesse momento que lhe veio a imagem de Madeleine. A lembrança dela parada perto da árvore, na pequena encosta entre o lago e a floresta, acenando para ele. Parada naquela explosão de cor e luz, acenando, sorrindo. Sorrindo com uma emoção que estava muito além dele. Uma emoção além das palavras.

Era como o fim de um filme sobre um homem que havia recebido um grande presente, um anjo para iluminar seu caminho, um anjo que poderia ter lhe mostrado tudo, tê-lo levado a todos os lugares, se ele ao menos estivesse disposto a olhar, ouvir e seguir. Mas o homem estivera ocupado demais, absorvido demais por muitas coisas – pela escuridão que o

desafiava e fascinava, e consigo mesmo. E finalmente o anjo foi chamado de volta, porque tinha feito tudo o que podia por ele, tudo o que ele estava disposto a permitir que fosse feito. Ela o amava e sabia tudo o que havia para saber sobre ele. Amava-o e aceitava-o exatamente como ele era. Desejava-lhe todo o amor, a luz e a felicidade que ele era capaz de aceitar. Desejava o melhor de tudo para ele, para sempre. Mas agora era hora de ela ir. E o filme terminava com o anjo sorrindo com todo o amor do mundo, enquanto desaparecia na luz do sol.

Gurney baixou a cabeça e mordeu os lábios. Lágrimas rolaram por seu rosto. Ele começou a soluçar. Por causa do filme imaginado. Por causa da verdade de sua vida.

Era ridículo, pensou uma hora mais tarde. Absurdo. Uma bobagem autoindulgente, exagerada e excessivamente emotiva. Quando tivesse tempo, pensaria melhor nisso e descobriria o que havia disparado seu pequeno colapso infantil. Claro, ele vinha se sentindo vulnerável. O aspecto político do caso o havia isolado e sua recuperação problemática dos ferimentos à bala o deixara frustrado e sensível. Além disso, sem dúvida havia questões mais profundas, ecos de inseguranças infantis, medos e assim por diante. Ele realmente teria que pensar melhor no assunto. Mas nesse momento...

Nesse momento precisava usar o tempo de que dispunha da melhor forma possível. Tinha que se preparar para qualquer confronto que surgisse do processo que ele e Kim haviam detonado.

Começou a folhear os papéis sobre a mesa, desde os resumos dos relatórios de incidentes originais até as anotações de Kim sobre seus contatos iniciais com as famílias, desde o perfil gerado pelo FBI até o texto integral do Memorando de Objetivos do Bom Pastor.

Leu tudo com toda a atenção, como se fosse a primeira vez. Enquanto fazia isso, lançava olhares frequentes pela janela, para o caminho elevado, e andava ocasionalmente pelo cômodo para verificar outras aberturas. A tarefa lhe consumiu mais de duas horas. Então ele fez tudo de novo.

Quando terminou a segunda leitura, o sol já havia se posto. Estava exausto de tanto ler e com o corpo rígido de ficar sentado. Levantou-se, espreguiçou-se, tirou a Beretta do coldre do tornozelo e saiu pela porta da

frente. O azul do céu sem nuvens começava a se transformar em cinza com a chegada do crepúsculo. Em algum lugar no lago, houve o ruído de algo caindo na água. Depois outro. E outro. Em seguida, silêncio completo.

A ausência de som trouxe consigo um sentimento de tensão. Gurney andou devagar ao redor da casa. Não parecia ter havido qualquer mudança com relação ao que lembrava da primeira visita – a não ser pelo Humvee que ficava estacionado atrás da mesa de piquenique e que agora não estava lá. Quando retornou à frente da casa, entrou de novo e fechou a porta, mas sem passar o trinco.

Nos dois ou três minutos em que estivera lá fora, o nível de luz caíra de forma evidente. Voltou à mesa, pôs a Beretta ao alcance da mão e pegou, das pilhas de documentos, sua lista de perguntas sobre o caso. A questão que chamou sua atenção foi a mesma a que a tenente Bullard havia se referido em Sasparilla e que Hardwick mencionara ao telefone, com relação a alguns motivos hipotéticos que Jimi Brewster poderia ter tido para matar não somente o pai, mas também as outras cinco vítimas.

A teoria de Hardwick era que Jimi poderia ter assassinado o próprio pai por puro ódio e pelas prioridades materialistas personificadas pelo carro que ele escolhera, e que teria acabado com a vida das outras cinco pessoas porque elas, com seus automóveis da mesma marca, eram iguais a ele. Segundo esse raciocínio, haveria apenas uma vítima primária e cinco secundárias.

Mas, ainda que existisse algo hipnotizante nessa ideia, ela não correspondia exatamente ao que Gurney sabia sobre assassinos patológicos. Eles tendiam a matar o objeto primário de seu ódio *ou* uma série de substitutos, não os dois. De modo que a noção de motivação primária e secundária não...

Ou será que sim?

E se o assassino tivesse de fato um alvo primário – uma pessoa que ele quisesse exterminar – e tivesse matado as outras cinco vítimas não porque elas o lembrassem desse alvo primário, *mas porque fariam a polícia se lembrar dele?*

E se ele tivesse matado essas outras cinco pessoas apenas para criar a impressão de um tipo de crime diferente? No mínimo, essas vítimas extras embolariam o meio de campo de tal modo que seria impossível para a

polícia, ou qualquer outra pessoa, ver claramente quem era o alvo primário dentre os seis mortos. E, claro, pelo modo como o esquema de assassinatos do Bom Pastor fora engendrado, os detetives envolvidos nem chegariam ao ponto de fazer essa pergunta.

Por que lhes ocorreria que as seis vítimas eram de fato a soma de um mais cinco? Por que eles sequer entrariam nessa discussão? Especialmente se existisse, desde o início, uma teoria sólida que tornasse os seis alvos igualmente importantes. Especialmente se tivessem recebido um manifesto de missão do assassino que fazia com que todos os assassinatos tivessem o mesmo valor. Um manifesto que explicava tudo. Um manifesto construído de modo tão inteligente e que citava os detalhes dos crimes com tanta exatidão que os melhores e mais sagazes agentes o engoliriam por completo.

Gurney teve a sensação de que enfim podia estar entendendo alguma coisa com clareza – um sentimento de que a névoa começava a se dissipar. Era sua primeira visão do caso que parecia, pelo menos à primeira vista, coerente.

Como acontecia com a maior parte das descobertas em sua carreira, seu pensamento imediato foi que isso deveria ter lhe ocorrido antes. Afinal de contas, esse modo de olhar os assassinatos era apenas uma pequena variação da descrição que Madeleine fizera da cena de *O homem do guarda-chuva preto*. Mas às vezes qualquer detalhe fazia toda a diferença.

Por outro lado, nem todas as ideias que parecem certas estão certas. Gurney sabia, por experiência, como era perigosamente fácil não perceber as falhas lógicas no próprio pensamento. Quando analisamos o produto de nossa mente, a objetividade é uma ilusão. Todos acreditamos que temos essa capacidade, mas isso não é verdade. A existência de um advogado do diabo é fundamental.

A primeira pessoa em quem ele pensou para exercer esse papel foi Hardwick. Pegou o celular e ligou. Quando caiu na caixa postal, deixou uma mensagem breve: “Olá, Jack. Tive uma ideia sobre o caso e gostaria de sua opinião. Me dê uma ligada.”

Verificou se o celular ainda estava no modo silencioso. Não sabia o que a noite lhe reservava, mas, nas hipóteses que tinha em mente, o toque de um telefone poderia ser um problema.

A segunda pessoa que considerou como advogado do diabo foi a tenente Bullard. Não sabia qual era a posição dela no momento, mas a necessidade que ele sentia de pedir a opinião de alguém era maior do que sua preocupação com a política. Além disso, se sua ideia estivesse correta, a tenente poderia fazer com que os ventos da política soprassem a favor dele. A ligação para ela também caiu na caixa postal, e ele deixou praticamente a mesma mensagem que deixara para Hardwick.

Sem saber quando os dois poderiam retornar os telefonemas e ainda querendo contar seu novo ponto de vista a alguém, decidiu, sem muita convicção, ligar para Clinter. Depois do terceiro toque, ele atendeu:

– E aí, rapaz, algum problema na sua grande noite? Está precisando de ajuda?

– Nenhum problema. Só tive uma ideia e queria saber o que você acha. Pode ter furos ou pode significar alguma coisa.

– Sou todo ouvidos.

De repente, Gurney percebeu que havia algo em comum entre as mentalidades de Clinter e Hardwick. Clinter *era* Hardwick depois de despencar do precipício. Estranhamente, essa noção deixou-o ao mesmo tempo mais e menos confortável.

Gurney explicou sua teoria. Duas vezes.

Não houve resposta. Enquanto esperava, ele olhou pela janela para o pântano amplo e lamacento. A lua cheia havia aparecido no céu, conferindo às árvores mortas um caráter fantasmagórico.

– Está aí, Max?

– Estou pensando, rapaz, pensando. Não encontrei nenhuma falha fundamental na sua ideia. Mas, claro, é algo que suscita dúvidas.

– Claro.

– Só para ter certeza de que eu entendi direito: você quer dizer que só um dos assassinatos era importante?

– Isso.

– E os outros cinco eram apenas disfarces?

– Isso.

– E nenhuma das mortes tinha nada a ver com os males da sociedade?

– Isso.

– E os carros chiques foram escolhidos... por quê?

– Talvez porque a única vítima que importava tivesse um. Um Mercedes preto, grande e caro. Talvez todo o conceito tenha vindo daí.

– E as outras cinco pessoas foram mortas ao acaso? Porque tinham automóveis iguais? Para fazer parecer que havia um padrão?

– Exatamente. Não creio que o assassino soubesse ou se importasse com qualquer coisa a respeito das outras vítimas.

– O que faria dele um filho da puta bem frio, não é?

– É.

– Então agora vem a grande pergunta: qual das vítimas era a importante?

– Quando eu encontrar o Bom Pastor, vou perguntar.

– E você acha que isso vai acontecer hoje?

A voz de Clinter pulsava de empolgação.

– Max, *you precisa ficar longe daqui*. É um esquema bastante frágil o que estou montando.

– Entendido, rapaz. Mas tenho outra pergunta: como sua teoria a respeito dos assassinatos antigos explica os atuais?

– É simples. O Bom Pastor está tentando impedir que a gente perceba que as seis vítimas originais eram a soma de uma mais cinco. De algum modo, *Os órfãos do assassinato* tem o potencial de revelar esse segredo, talvez evidenciando de alguma forma a vítima que importava. Ele está matando pessoas para impedir que isso aconteça.

– É um homem muito desesperado.

– Mais prático do que desesperado.

– Meu Deus, Gurney, ele acabou com três pessoas em três dias, segundo os noticiários.

– Sim. Só não acho que o desespero tenha muito a ver com isso. Não creio que o Bom Pastor veja o assassinato como algo muito sério. É apenas uma coisa que ele faz quando parece vantajosa. Sempre que ele pensa que matar alguém removerá mais riscos de sua vida do que criará. Não acho que o desespero tenha a ver...

Um sinal de chamada em espera fez Gurney parar no meio da frase. Ele verificou o identificador.

– Max, preciso desligar. A tenente Bullard, do BIC, está na chamada em espera tentando falar comigo. E, Max, fique longe daqui hoje. Por favor.

Gurney olhou pela janela. A estranha paisagem negra e prateada fez um

arrepio percorrer seus braços. Ele estava parado num fecho de luar que atravessava o centro do cômodo, projetando uma imagem da janela, junto com sua própria sombra, na parede acima da cama.

Apertou o botão para atender a chamada em espera.

– Muito obrigado por ligar de volta, tenente. Acho que posso ter uma...

Não pôde terminar a frase.

Houve uma explosão espantosa. Um clarão branco acompanhado de um estrondo ensurdecedor. E um impacto terrível na mão de Gurney.

Ele cambaleou para trás, de encontro à mesa, sem saber direito, por vários segundos, o que acontecera. Sua mão direita estava entorpecida e seu pulso ardia.

Com medo do que poderia ver, levantou a mão ao luar e virou-a bem devagar. Todos os dedos continuavam ali, mas ele segurava apenas um pedacinho do telefone. Olhou ao redor, procurando inutilmente, no escuro, outras áreas de destruição.

A primeira explicação que lhe ocorreu foi que o telefone havia explodido. Sua mente se concentrou nessa improbabilidade, tentando imaginar um modo como a explosão poderia ter sido armada, um período de tempo durante o qual o telefone talvez tivesse ficado acessível a alguém capaz desse tipo de sabotagem, a maneira como um explosivo em miniatura poderia ter sido implantado e depois disparado.

Mas isso não era apenas improvável – era impossível. A violência do impacto o fazia acreditar que a explosão fora detonada por algo que ele nem conseguia conceber que pudesse ser instalado num telefone em funcionamento. Poderia acontecer num telefone falso, construído com esse objetivo, mas não no celular que ele estava usando.

Então sentiu cheiro de pólvora de bala comum.

Logo, não tinha sido uma sofisticada bomba em miniatura. Tinha sido um tiro.

Um tiro alto demais, porém, para ter sido disparado de qualquer pistola normal – por isso ele não havia chegado à conclusão certa de imediato.

Mas conhecia pelo menos uma pistola que poderia produzir um estrondo daquela magnitude.

E pelo menos um indivíduo com a precisão e a firmeza exigidas para atravessar um celular com uma bala, ao luar.

Seu pensamento seguinte foi que o atirador devia ter disparado para dentro da casa através de uma das janelas, então Gurney se abaixou instintivamente e espiou pela janela acima da mesa. Mas ela continuava fechada, e os vidros iluminados pelo luar permaneciam intactos. Isso significava que o tiro teria vindo de uma das janelas dos fundos. Mas, considerando a posição de seu corpo no momento do impacto, era difícil deduzir como a bala teria acertado o telefone em sua mão sem passar pelo ombro.

Então como...?

O entendimento chegou com um pequeno tremor.

O tiro não tinha vindo de fora da casa.

Alguém estava ali, na sala, com ele.

A percepção lhe ocorreu mais pela audição do que pela visão.

O som de uma respiração.

A pouco mais de um metro.

Uma respiração lenta, relaxada.

Capítulo 49

Um homem extremamente racional

Enquanto Gurney olhava na direção de onde vinha o som, viu, interrompendo a faixa de luz prateada no piso da cabana, um retângulo escuro onde o alçapão fora aberto. Do outro lado da abertura o luar sugeria a presença de uma pessoa em pé.

Um sussurro áspero confirmou essa impressão.

– Sente-se à mesa, detetive. Ponha as mãos na cabeça.

Gurney obedeceu em silêncio.

– Tenho algumas perguntas. Você deve responder imediatamente. Entendeu?

– Entendi.

– Se a resposta não for rápida vou presumir que é mentira. Entendeu?

– Entendi.

– Ótimo. Primeira pergunta: Clinter vem para cá?

– Não sei.

– Você acabou de dizer ao telefone que ele não viesse.

– Isso mesmo.

– Você acha que ele virá mesmo assim?

– Talvez. Não sei. Ele é imprevisível.

– É mesmo. Você precisa continuar dizendo a verdade. A verdade irá mantê-lo vivo. Entendeu?

– Entendi.

Gurney parecia perfeitamente calmo, como costumava acontecer em

situações extremas. Mas, por dentro, ele estava cheio de medo e fúria. Medo da situação em que havia entrado e fúria pelo arrogante erro de cálculo que o pusera nela.

Tinha presumido que o Bom Pastor seguiria os horários que ele havia revelado na farsa executada com Kim e que apareceria ali duas ou três horas antes do suposto encontro de Clinter com Gurney, à meia-noite. No turbilhão de fatos, reviravoltas e suposições em sua cabeça, ele deixara de considerar a possibilidade óbvia de que o Bom Pastor poderia chegar muito antes disso – talvez umas boas doze horas antes.

Que diabo tinha pensado? Que o Bom Pastor era um sujeito lógico e que o horário lógico de chegar seria pouco antes da meia-noite. Logo, havia achado que era isso que aconteceria e pronto? Meu Deus, que idiotice! Disse a si mesmo que era apenas humano, e que seres humanos cometem erros. Mas isso não afastou sua amargura por ter cometido um erro tão fatal.

O sussurro gutural ficou mais alto:

– Sua esperança era me enganar para que eu aparecesse aqui e, de algum modo, me pegar de surpresa?

A perspicácia da pergunta o deixou irritado.

– Era.

– A verdade. Ótimo. Ela o mantém vivo. Então, agora, vamos falar sobre seu telefonema para Max Clinter. Você acredita no que disse a ele?

– Sobre os assassinatos?

– Sobre os assassinatos, sim, é claro.

– Acredito.

Durante vários segundos, tudo o que Gurney ouviu foi o som da respiração de seu interrogador – seguido por uma pergunta tão baixa que foi quase inaudível:

– Que outras ideias você tem?

– Minha única ideia neste momento é: você vai atirar em mim?

– Claro. Só que, quanto mais sincero você for, mais tempo terá de vida. É simples. Entendeu?

– Entendi.

– Muito bem. Agora me conte todas suas ideias sobre os assassinatos. Suas considerações reais.

– Minhas considerações são principalmente perguntas.

– Que perguntas?

Gurney imaginou se o sussurro áspero seria uma dificuldade vocal ou um modo de disfarçar a verdadeira voz do Bom Pastor. Tendeu para a segunda hipótese. As implicações disso eram interessantes, mas por ora ele precisava se concentrar na necessidade imediata de se manter vivo.

– Por exemplo, quantas outras pessoas você matou além das que sabemos? Possivelmente um bocado. Estou certo?

– Claro que está.

Gurney ficou pasmo com a franqueza da resposta e teve uma esperança momentânea de que o sujeito estivesse envolvido numa espécie de discurso – que o orgulho pudesse levá-lo a alardear as coisas que havia feito. Afinal de contas, os sociopatas tinham egos enormes e adoravam reviver as próprias narrativas de poder e implacabilidade. Talvez conseguisse fazer o sujeito falar sobre si mesmo e com isso estender a janela de oportunidade para alguma intervenção externa.

Mas então a moeda da esperança virou para o lado oposto e Gurney percebeu por que o sujeito estava tão disposto a falar: isso não implicava nenhum risco, já que logo Gurney estaria morto.

O sussurro se tornou uma paródia de gentileza:

– O que mais você quer perguntar?

– Sobre Robby Meese e seu relacionamento com ele. Imagino quanto ele fez por conta própria e quanto você o encorajou a fazer. Por que você o matou naquele momento. Se você achou que acreditariam no suposto suicídio.

– O que mais?

– Eu me pergunto se você tentou mesmo jogar a culpa pelo assassinato de Ruth Blum em Max Clinter ou se só estava fazendo um joguinho ridículo.

– O que mais?

– Imagino se você achou que as pessoas acreditariam em sua postagem no Facebook de Ruth fingindo ser ela.

– O que mais?

– Fico me questionando sobre o celeiro da minha casa.

Gurney tentava estender a conversa pelo maior tempo possível. Quanto mais durasse, melhor, em todos os sentidos.

- Continue falando, detetive.
- Eu me pergunto sobre os localizadores de GPS nos carros. Se o do carro de Kim foi ideia sua ou de Robby. Robby, o assediador.
- O que mais?
- Algumas coisas que você fez foram muito inteligentes, mas outras foram muito idiotas. Imagino se você sabe a diferença.
- Me provocar não vai levar a nada, detetive. Terminou de falar sobre suas ideias?
- Fico me perguntando sobre o Estrangulador de White Mountain. Um caso tão estranho... Você é familiarizado com ele? Há algumas características interessantes.

Houve um longo silêncio. Ganhar tempo equivalia a esperança. O tempo dava espaço para Gurney pensar, talvez até uma chance de pegar sua arma na mesa, atrás dele.

Quando o Bom Pastor falou de novo, o ronronar era meloso:

- Alguma consideração final?
- Só mais uma: como alguém tão inteligente pôde cometer um erro tão colossal na Lakeside Collision, a oficina perto da casa de Ruth Blum?

O Bom Pastor ficou calado de novo. Era um silêncio alarmante, que poderia significar qualquer coisa. Talvez o assassino finalmente tivesse sido desestabilizado. Ou talvez seu dedo estivesse prestes a apertar o gatilho. O estômago de Gurney ficou embrulhado.

- Sobre o que você está falando?
- Você vai descobrir em pouco tempo.
- Quero saber agora.

Havia uma nova intensidade no sussurro, que foi seguida do brilho de algo se movendo ao luar.

Gurney vislumbrou pela primeira vez o cano de uma enorme pistola prateada à altura de seu rosto, a menos de 2 metros de distância.

- Agora! – repetiu o sujeito. – Fale sobre a Lakeside Collision.
- Você deixou uma identificação lá.
- Eu não ando com nenhuma identificação.
- Naquela noite, andou.
- Diga exatamente o que era. Agora!

Pelo modo como Gurney via a situação, não existia resposta boa, nada que

tivesse a probabilidade de salvá-lo. Por certo a revelação da descoberta das marcas de pneus não teria o poder de adiar o inevitável. E implorar pela vida também não teria utilidade. Só havia uma opção que lhe oferecia ao menos uma chance de permanecer vivo por um minuto que fosse: fazer jogo duro, recusar-se a dizer mais qualquer coisa.

Tentou impedir que a voz tremesse enquanto falava:

– Você deixou a solução do quebra-cabeça no estacionamento da Lakeside Collision.

– Não gosto de charadas. Você tem três segundos para responder à minha pergunta. Um... – disse ele, levantando um pouco a pistola no facho de luar.

– Dois... – Moveu-a ligeiramente para a direita e firmou-a. – Três.

Então puxou o gatilho.

Capítulo 50

Apocalipse

O solavanco que Gurney deu, movido pelo reflexo de se afastar do clarão e do estrondo ensurdecador, teria feito sua cadeira tombar para trás se não fosse a beirada da mesa. Por um minuto ele não viu nada e só conseguia escutar o eco áspero e agudo do tiro.

Sentiu algo molhado no lado esquerdo do pescoço, um fio fino que escorria. Pôs a mão na lateral do rosto e sentiu o lóbulo da orelha úmido. Tateando mais acima, descobriu um ponto dolorido e ardido no alto da orelha: a fonte do sangramento.

– Ponha as mãos de volta na cabeça. Agora.

A voz sussurrada parecia distante, perdida na reverberação de seus ouvidos.

Mas ele se esforçou ao máximo para obedecer.

– Você me ouviu? – indagou a voz distante, abafada.

– Ouvi – respondeu Gurney.

– Ótimo. Escute com atenção. Vou perguntar mais uma vez e você deve responder. Tenho o talento de saber o que é verdade e o que não é. Se eu achar que o que você diz é verdade, nós continuaremos sem danos adicionais. Só uma conversinha, está bem? Mas, se eu ouvir alguma mentira, vou puxar o gatilho de novo. Está claro?

– Está.

– Cada vez que eu escutar uma mentira, você perde algo. Na próxima vez não vai ser só um pedacinho da orelha. Vão ser coisas mais importantes. Entendeu?

– Entendi.

A visão de Gurney estava começando a se normalizar depois do clarão da arma, e ele vislumbrou mais uma vez o luar fraco no centro do cômodo.

– Ótimo. Quero saber tudo sobre esse suposto erro na Lakeside Collision. Sem charadas. A pura verdade.

Gurney viu, ao luar, o cano prateado da pistola baixar gradualmente até estar na altura de seu tornozelo direito.

Ele trincou os dentes para não tremer ao pensar no que uma bala de Desert Eagle faria naquela articulação. A perda imediata do pé já seria bastante ruim, mas o sangramento arterial significaria o verdadeiro problema. E dizer ou não a verdade não controlaria o resultado, e sim o sentimento de segurança pessoal do Bom Pastor. E agora só havia um desfecho possível, já que não existia qualquer hipótese em que um Gurney vivo significasse um risco menor ao Bom Pastor do que um Gurney morto.

A única variável que ainda faltava ser determinada era quantas partes de seu corpo seriam decepadas antes que ele sangrasse até a morte, sozinho, no chão da cabana de Max Clinter, no meio de um pântano que nem aparecia no mapa.

Fechou os olhos e visualizou Madeleine, na colina, em tons de fúcsia, violeta, rosa, azul, laranja, vermelho... todas as cores tremeluzindo ao sol.

Andou até ela pelo capim verdejante e com um cheiro tão doce quanto deveria ser o do céu.

Ela pôs os dedos de leve em seus lábios e sorriu.

– Você é brilhante – disse. – Absolutamente brilhante.

E um instante depois ele estava morto.

Pelo menos foi o que pensou.

Através das pálpebras fechadas, percebeu uma iluminação súbita, acompanhada pelo som distante de uma música, aumentando de volume em meio ao zumbido nos ouvidos, e pelo latejar de um grande tambor.

E então escutou a voz.

A voz que o trouxe de volta à cabana no pântano. Uma voz tremendamente amplificada por um megafone:

“POLÍCIA... POLÍCIA DO ESTADO DE NOVA YORK... LARGUE AS ARMAS... LARGUE AS ARMAS E ABRA A PORTA... AGORA... LARGUE AS ARMAS E ABRA A PORTA... AQUI É A POLÍCIA DO ESTADO DE

NOVA YORK... LARGUE AS ARMAS E ABRA A PORTA.”

Gurney abriu os olhos. Em vez do luar, o clarão de um holofote brilhava na janela. Ele fitou o outro lado da sala, onde seu formidável e invisível captor estivera parado como um ninja na escuridão. No lugar dele havia um homem de estatura mediana usando uma calça e um cardigã marrons, com uma das mãos erguida para proteger os olhos da claridade. Para Gurney era difícil associar a figura modesta com o monstro homicida de sua imaginação. Mas na outra mão do sujeito estava o elo inegável com o monstro: uma reluzente pistola Desert Eagle calibre 50, a arma responsável pelo sangue que continuava a escorrer pela lateral do pescoço de Gurney, pelo cheiro acre de pólvora no cômodo, pelo zumbido em seus ouvidos.

A arma que havia chegado tão perto de acabar com sua vida.

O homem se virou um pouco para se proteger da luz e, com toda a calma, baixou a mão da altura dos olhos, revelando um rosto impassível, sem rugas de preocupação. Eram feições indistintas, inexpressivas, sem qualquer característica particularmente proeminente. Um rosto equilibrado, comum, esquecível.

Mas Gurney sabia que o tinha visto antes.

Quando enfim conseguiu situá-lo, quando foi capaz de ligar um nome a ele, sua primeira reação foi achar que estava enganado. Piscou várias vezes, tentando absorver a identidade do sujeito diante dele. Não conseguia ligar aquela identidade inofensiva às palavras e aos atos do Bom Pastor. Especialmente a um de seus atos.

No entanto, à medida que a certeza aumentava, Gurney quase pôde sentir as peças do quebra-cabeça assumindo novas posições, criando conexões mais interessantes, encaixando-se.

Larry Sterne o encarou de volta, com a expressão mais pensativa do que temerosa. O homem que o fazia se lembrar do apresentador Mister Rogers. O dentista de fala mansa. O pacato empreendedor da estética dentária. O filho de Ian Sterne, que havia criado um império multimilionário para levar beleza à boca das pessoas.

Larry Sterne, filho de Ian Sterne, que havia convidado uma linda e jovem pianista russa para dividir a casa com ele em Woodstock. E, quase com certeza, sua cama. E, potencialmente, um lugar em seu testamento.

Santo Deus, qual era o objetivo de tudo aquilo?

Será que Larry Sterne quisera apenas garantir sua herança? Proteger seu futuro financeiro dos afetos imprevisíveis do pai?

Claro, era uma herança substancial. Um monte de dinheiro com o qual valia a pena se preocupar. Na verdade, uma máquina de fazer dinheiro. Não era algo que alguém quiereria perder.

Será que o calmo e gentil Larry tinha querido evitar, por meio do simples expediente de matar o pai, algum risco de que essa máquina financeira fosse parar nas mãos da linda e jovem pianista russa? E então, ao providenciar mais cinco corpos, será que sua intenção tinha sido apenas afastar qualquer risco de a polícia fazer a pergunta mais importante de todas, que levaria direto a Larry se seu pai houvesse sido a única vítima? *Quem se beneficia com isso?*

Na estranha combinação do luar e da luz dos holofotes que brilhavam através da janela, Gurney viu que a mão de Sterne continuava firme na arma, mas os olhos do sujeito estavam, inconfundivelmente, visualizando um mundo com cada vez menos alternativas. Era difícil identificar a emoção expressa naqueles olhos. Seria pavor? Fúria? A determinação feroz de um rato encurralado? Ou será que a fria calculadora mental do sujeito tinha começado a avaliar as opções, dando a seu processo de raciocínio um aspecto frenético?

Gurney concluiu que estava na presença de um processo sem emoção, mecânico. O mesmo processo que fora responsável por... quantas mortes?

Quantas mortes? Essa foi a pergunta que pôs o caso do Estrangulador de White Mountain subitamente em foco. Ele se encaixava no padrão de uma morte que importava e era encoberta por outras insignificantes, todas embrulhadas no mesmo pacote do assassino psicopata que usava uma echarpe de seda branca para enformar as vítimas. Gurney se perguntou o que a namorada de Larry teria feito para tornar sua vida inconveniente para ele. Será que tinha engravidado? Ou talvez não fosse nada tão sério. Para um homem como Larry – o Estrangulador de White Mountain, o Bom Pastor –, o assassinato de alguém não exigia um motivo sério. Só precisava oferecer a perspectiva de produzir um benefício maior do que o custo.

As palavras do evangelizador da RAM-TV voltaram a Gurney com um arrepio: “Extinguir a vida, soprá-la como um fiapo de fumaça, pisoteá-la como um grão de terra, essa é a essência do mal.”

Lá fora, além do lago, uma sirene soou por cinco segundos, depois foi desligada. Então o anúncio anterior feito através do megafone foi repetido em volume máximo.

Gurney se virou na cadeira e espiou pela janela da frente. Potentes holofotes iluminavam toda a propriedade a partir do lago. Ele percebeu que o ruído da sirene devia ser o que tinha escutado antes. Em meio a seu turbilhão de emoções, com o tiro da pistola ainda soando em seus ouvidos, ele confundira aquele som com música. Depois ouviu o barulho que confundira com um grande tambor e que agora reconhecia como o rotor de um helicóptero circulando, movendo sua luz de busca de um lado para outro acima da cabana, do capim emaranhado do pântano, dos troncos que se projetavam com nitidez da água escura.

Gurney se virou para Sterne. Tinha duas perguntas que disputavam entre si o primeiro lugar de importância numa lista de quarenta ou cinquenta. Uma delas era:

- O que você vai fazer agora, Larry?
- Prosseguir do modo mais racional possível.

A resposta, com toda a tranquilidade com que foi dita, não poderia ter soado mais insana.

- O que exatamente isso quer dizer?
- Me render. Jogar com as regras do jogo. Vencer.

O medo de Gurney era de que estivesse testemunhando a calma que precede a tempestade – que a doce luz da razão e a rendição fossem explodir num banho de sangue.

- Vencer?
- Eu sempre venci. Sempre vencerei.
- Mas você pretende... se render?
- Claro. – Sterne sorriu como se estivesse tentando aplacar o medo de uma criança de entrar no ônibus escolar no primeiro dia de aula. – O que você pensou? Que eu iria tomá-lo como refém, que o usaria como um escudo humano para escapar?
- Isso já foi feito.
- Não por mim. Não com você. – Ele parecia estar realmente se divertindo.
- Seja realista, detetive. Que tipo de escudo você seria? Pelo que ouvi dizer, seus colegas de profissão adorariam a oportunidade de matá-lo. Eu estaria

mais bem protegido com um saco de batatas.

Gurney ficou sem fala diante do autocontrole do sujeito. Será que ele era totalmente maluco?

– Você está bem animado para alguém que vai ser condenado à pena de morte. Ouvi dizer que injeções letais não são muito agradáveis.

Ao mesmo tempo que dizia isso, frustrado pela atitude de Sterne, ele percebeu que seu comentário tinha sido perigoso e pouco aconselhável.

Mas, pelo jeito, não tinha nada com que se preocupar. Sterne apenas balançou a cabeça.

– Não seja bobo, detetive. Muitos idiotas com advogados de terceira classe já conseguiram adiar a execução por mais de vinte anos. Posso fazer melhor do que isso. Muito melhor. Tenho dinheiro. Muito dinheiro. Possuo conexões. Mais importante de tudo, sei como o sistema judicial funciona. Como funciona *de verdade*. E tenho algo muito valioso para oferecer ao sistema. Uma moeda de troca, digamos assim.

Sua compostura estava a meio caminho entre a paz de um iogue e a loucura.

– O que seria isso?

– Conhecimento.

– De?

– Alguns casos não solucionados.

Lá fora, cinco segundos de uma sirene alta precederam outro anúncio pelo megafone. As palavras tinham ficado mais urgentes:

“AQUI É A POLÍCIA DO ESTADO DE NOVA YORK... LARGUE AS ARMAS AGORA... ABRA A PORTA IMEDIATAMENTE... FAÇA ISSO AGORA... LARGUE AS ARMAS IMEDIATAMENTE E ABRA A PORTA... ABRA A PORTA AGORA.”

– Casos não solucionados... Por exemplo?

– Há alguns minutos você perguntava quantas pessoas eu posso ter matado além das que você contou.

O barulho do helicóptero ficava cada vez mais alto acima da cabana e as luzes de busca se tornavam mais brilhantes. Mas Sterne não parecia perceber. Sua atenção estava totalmente focada em Gurney, que por sua vez tentava analisar a última reviravolta e reagir de acordo com ela naquele que começava a se tornar um dos casos mais inquietantes de sua carreira.

– Não entendi a lógica, Larry. Se eles conseguirem associar os assassinatos do Bom Pastor a você...

- Um grande “se”, por sinal.
- Certo, um grande “se”. Mas, se eles conseguirem, não vejo que vantagem você obteria em confessar outras mortes.

Sterne deu seu sorriso transcendental.

- Sei o que você está fazendo. Está ridicularizando minha oferta para me obrigar a mostrar minhas cartas. Um ardilzinho bem tolo. Mas tudo bem. Nada de segredos entre amigos. Deixe-me fazer uma pergunta hipotética: que importância teria para a polícia resolver vinte ou talvez trinta casos não solucionados?

Gurney desanimou. Larry Sterne estava totalmente iludido ou era um mentiroso compulsivo com o tipo de megalomania que lhe dava a certeza de que podia inventar qualquer coisa e fazer as pessoas acreditarem.

Sterne pareceu perceber o ceticismo de Gurney. Sua reação foi dobrar a aposta:

- Acho que pode ser vantajoso colocar trinta casos no arquivo de “crimes solucionados”. Melhorar drasticamente as estatísticas da polícia. Fornecer um desfecho às famílias. Se trinta não for um número alto o suficiente, podemos até oferecer quarenta. O que for necessário para o tipo de acordo que eu tenho em mente.

- Que tipo de acordo seria, Larry?

– Nada que não seja razoável. Acho que você vai descobrir que sou a pessoa mais sensata que você já conheceu. Neste momento, não precisamos entrar em detalhes. Só estou falando de uma prisão com alguns privilégios fundamentais. Uma cela individual confortável. Conveniências básicas. O afrouxamento apenas das regras mais desnecessárias. Eu não pediria nada que os homens de boa vontade não pudessem negociar facilmente.

- E em troca disso você estaria disposto a confessar vinte, trinta ou quarenta assassinatos não solucionados? Com todos os detalhes sobre motivação e modus operandi?

- Hipoteticamente.

O megafone anunciou:

“ESTA É A ÚLTIMA CHANCE DE LARGAR AS ARMAS E ABRIR A PORTA. VOCÊ DEVE FAZER ISSO AGORA!”

Gurney tentou uma reviravolta louca:

- Inclusive o caso do Estrangulador de White Mountain?

– Hipoteticamente.

– E o número de vítimas é alto assim porque o método básico era sempre o mesmo: matar cinco ou seis pessoas de cada vez para ocultar o motivo da única morte que importava?

– Hipoteticamente.

– Sei. Mas há uma questão que eu gostaria de esclarecer, só para ter certeza de que entendi o raciocínio que inspirou o modus operandi. Não seria razoável presumir que um assassinato bem planejado teria menos chance de ser descoberto do que cinco ou seis?

– A resposta é não. Por mais bem planejado que seja um crime, ele ainda focaliza a atenção naquela vítima e nas consequências de sua morte. Não há como escapar da singularidade do acontecimento. Mas os assassinatos adicionais excluem praticamente qualquer risco de que a morte central receba a atenção necessária e quase não criam risco adicional. Os assassinos são descobertos principalmente por causa da ligação que têm com as vítimas. Se não há conexões... bom, tenho certeza de que você entende o conceito.

– E o custo, as vidas ceifadas, isso nunca preocupou você?

Sterne não respondeu. Seu sorriso calmo dizia tudo.

Gurney se perguntou quanto tempo aquele sorriso duraria no rosto dele numa prisão estadual.

O sorriso se alargou enquanto Sterne parecia adivinhar de novo o que Gurney pensava.

– Na verdade, não vejo a hora de interagir com o sistema penal e sua população. Sou uma pessoa prática, detetive. Aceito a realidade que se apresenta a mim. Uma penitenciária é um novo mundo a conquistar. Eu tenho a capacidade de atrair pessoas que podem ser úteis. Você parece ter notado como fui bem-sucedido com Robby Meese. Pense nisso. As instituições penais estão cheias de sujeitos como ele: rapazes suscetíveis que procuram uma figura paterna, alguém que os entenda, que esteja a seu lado e possa canalizar suas energias, seus temores, seus ressentimentos. Pense nisso, detetive. Guiados de forma adequada, jovens desse tipo podem se tornar uma espécie de guarda palaciana. É uma perspectiva empolgante, e tive a oportunidade de pensar nela muitas vezes com o passar dos anos. Resumindo, creio que minha vida na prisão será bastante administrável.

Posso até me tornar uma espécie de celebridade. Tenho a sensação de que posso me transformar de novo no queridinho da comunidade de psicólogos enquanto eles tentam se redimir com ideias novas e profundas sobre a verdadeira história do Bom Pastor. E não se esqueça dos livros. Biografias autorizadas e não autorizadas. Especiais na RAM-TV. E sabe de uma coisa? A longo prazo, posso acabar muito melhor do que você. Você ganhou mais inimigos aqui do lado de fora do que eu terei do lado de dentro da prisão. Não é uma grande vitória para você, pensando bem. Eu posso contratar pessoas muito boas nesse tipo de coisa para me proteger. E quanto a você? Se eu estivesse em seu lugar, ficaria preocupado.

“LARGUE AS ARMAS E ABRA A PORTA AGORA.”

Gurney olhou o homenzinho de cardigã marrom do outro lado do cômodo.

– Me diga uma coisa, Larry. Você tem algum arrependimento?

Ele pareceu surpreso.

– Claro que não. Tudo o que eu fiz faz todo o sentido.

– Inclusive com Lila?

– O quê?

– Inclusive matar sua mulher, Lila?

– O que é que tem?

– Também faz todo o sentido?

– Claro. Caso contrário, eu não teria feito. Hipoteticamente falando, é claro. Na verdade, nós tínhamos mais uma relação empresarial do que um casamento tradicional. Lila era uma atleta sexual bastante refinada. Mas isso é outra história. – Ele deu um risinho especulativo. – Pode render um ótimo filme.

Ele passou por Gurney, foi até a porta da frente, abriu-a e jogou a grande pistola no capim.

“MOSTRE AS MÃOS... COLOQUE-AS NA CABEÇA... ANDE BEM DEVAGAR.”

Sterne levantou as mãos e saiu da casa. Enquanto se dirigia ao caminho elevado, o farol do helicóptero se fixou nele. Um veículo na outra ponta da elevação – com faróis, luzes de neblina e dois refletores acesos – começou a avançar.

Isso era estranho. Em condições assim você iria querer manter sua posição e deixar que o criminoso se aproximasse até um ponto em que você

e sua equipe de apoio pudessem controlar a situação com segurança.

Por falar nisso, onde diabo *estava* a equipe de apoio? No helicóptero, sobrevoando a cabana? Nenhum líder de equipe sensato agiria assim.

Havia vários holofotes acesos lá fora, mas nenhum outro farol de carro. Nenhuma radiopatrulha. Meu Deus, se havia uma, deveria haver uma dúzia.

Gurney pegou sua Beretta na mesa e ficou olhando pela janela.

Era difícil ver muita coisa do veículo que se esgueirava pela elevação com todas as luzes apontadas para a frente. Mas uma coisa era evidente: a posição dos faróis indicava que o carro era largo demais para ser uma radiopatrulha. A Polícia do Estado de Nova York tinha vários tipos de utilitário, mas aquela coisa era grande demais para ser um deles.

Mas era grande o suficiente para ser o Humvee de Clinter.

Isso significava que o helicóptero acima também não era da polícia.

Que porra é essa?, pensou Gurney.

Agora Sterne estava no caminho elevado, com as mãos ainda erguidas, a cerca de 20 metros do veículo em movimento.

Gurney saiu da cabana segurando a Beretta no bolso de seu casaco e olhou para cima. Apesar da claridade das luzes de busca do helicóptero, não teve dificuldade em reconhecer o logotipo da RAM-TV.

As luzes varreram o caminho elevado, iluminando primeiro Sterne, depois o veículo à frente dele, que de fato parecia o Humvee de Clinter. Havia algo montado no capô. Talvez algum tipo de arma? A luz do helicóptero percorreu a água, voltou para cima da cabana e retornou para a elevação.

Que diabo estava acontecendo ali? O que Clinter estava aprontando?

A resposta veio com um choque terrível. Da estrutura em cima do capô jorrou um rio de fogo, que engolfou Sterne instantaneamente, da cabeça aos pés, numa enorme chama laranja. O sujeito começou a se retorcer e berrar. O helicóptero embicou para baixo e se aproximou da cena, mas o vento do rotor intensificou as chamas e a aeronave girou para longe, subindo rápido.

Gurney correu da cabana para o caminho elevado. Ao chegar perto de Sterne, porém, o sujeito já havia caído no chão e estava abençoadamente inconsciente, engolfado nas chamas que ardiam com o calor ofuscante do napalm caseiro.

Quando Gurney levantou o olhar do corpo em chamas, Max Clinter estava parado junto à porta aberta do Humvee, com seu uniforme camuflado e as botas de couro de cobra. Seus lábios estavam repuxados e os dentes, à mostra. Ele segurava uma metralhadora que Gurney só vira em filmes antigos de guerra, e somente sobre um tripé. Parecia grande e pesada demais para que um homem a carregasse, mas Clinter aparentava não ter consciência do peso enquanto se afastava a passos largos do Humvee e levantava o cano da arma para o céu.

O ângulo da arma e a ferocidade insana nos olhos de Clinter criaram a impressão momentânea de que ele iria atacar a própria lua. Mas então o cano se moveu firmemente para o helicóptero da RAM-TV, cujo vento das pás transformava a plácida superfície do lago numa massa de ondulações vibrantes.

Assim que percebeu o objetivo de Clinter, Gurney gritou:

– Max! Não!

Mas Clinter estava além do alcance, além da audição, além da possibilidade de parar. Afastou os pés e, berrando algo que Gurney não conseguiu decifrar em meio à barulheira, começou a disparar.

A princípio o jorro de balas pareceu não causar nenhum efeito. Então o helicóptero se inclinou para o lado e começou a descer em arcos pequenos e bruscos. Max continuou atirando. Gurney tentava alcançá-lo, mas as chamas que envolviam o corpo de Sterne bloqueavam o caminho. O calor e o fedor de carne queimada eram terríveis.

Então, com um estremecimento abrupto, o helicóptero virou de lado em 90 graus, explodiu em chamas e despencou no caminho elevado atrás do Humvee. Houve uma segunda explosão e, em seguida, uma terceira, enquanto o veículo de Clinter era engolfado no incêndio. Clinter pareceu não notar que fora atingido por um jato de combustível em chamas.

Gurney pulou no lago para se desviar do corpo de Sterne e se esforçou para seguir em frente com a água até a cintura e a lama do fundo sugando seu pés. Quando conseguiu sair do outro lado do lago, meio se arrastando, meio tropeçando na direção de Clinter, as roupas e os cabelos do homem estavam em chamas. Ainda segurando a metralhadora, Clinter começou a correr feito louco na direção da cabana, enquanto o ar deslocado por sua movimentação rápida alimentava o fogo que o consumia. Gurney correu

para a frente dele, tentando conduzi-lo para o lago, mas os dois caíram no chão antes de chegar à margem, com a arma gigantesca entre eles, cuspidos balas na noite.

Capítulo 51

Graça

No fim da manhã seguinte, Gurney ainda estava numa maca na emergência do hospital de Ithaca. Ainda que os médicos tivessem quase certeza de que seu estado não era grave – eram principalmente queimaduras de primeiro grau e algumas de segundo –, Madeleine insistira, logo ao chegar, que chamassem o dermatologista de plantão.

Agora que o especialista, que eles acharam parecido com uma criança brincando de médico numa peça da escola, tinha aparecido e ido embora, após confirmar o diagnóstico anterior, eles estavam esperando que alguma confusão do plano de saúde fosse resolvida e que a papelada fosse preenchida. Um sistema de computador havia saído do ar, não tinha ficado bem claro qual, e eles foram avisados, num tom animado, que o processo todo ainda poderia demorar.

Kyle, que acompanhara Madeleine ao hospital, não parava de andar entre o quarto de Gurney e a sala de espera, entre a loja de presentes e a lanchonete, entre o departamento de enfermagem e o estacionamento. Estava claro que ele queria estar lá, mas se sentia frustrado pela falta de algo útil para fazer. Havia entrado e saído do quarto de Gurney inúmeras vezes naquela manhã. Depois de várias tentativas desajeitadas, finalmente conseguiu pedir algo que, segundo ele, não lhe saía da cabeça desde que Madeleine mencionara que o antigo capacete de motociclista de Gurney estava guardado no sótão.

– Sabe, pai, minha cabeça é mais ou menos do tamanho da sua, não é? Eu fiquei imaginando... se poderia... quero dizer... fiquei imaginando se poderia

usar seu capacete.

– Claro, sem dúvida. Vou dá-lo a você assim que voltarmos para casa.

Gurney sorriu ao pensar que pelo visto Kyle herdara seu modo tortuoso de expressar afeto.

– Obrigado, pai. Isso é ótimo. Uau. Obrigado.

Kim havia ligado duas vezes para saber como Gurney estava, pedir desculpas por não poder ir ao hospital, agradecer profusamente por ele ter arriscado a vida e enfrentado o Bom Pastor e para avisar que dera uma longa entrevista ao detetive Schiff no dia anterior, com relação ao homicídio de Robby Meese. Disse que tinha cooperado *adequadamente*. Mas, quando o agente Trout, do FBI, se juntou a Schiff naquela manhã para entrevistá-la de novo à luz do grande drama que tinha acontecido na casa de Max Clinter, ela decidiu que seria sensato ter a presença de um advogado, deixando essa nova entrevista temporariamente em suspenso.

Hardwick entrou no quarto de Gurney um minuto antes do meio-dia. Após dar um sorriso e uma piscadela tranquilizadora para Madeleine, encarou Gurney com a testa franzida e explodiu numa gargalhada – na verdade, mais um rosnado rítmico do que uma expressão de alegria.

– Meu Deus, cara, que diabo você fez com suas sobrancelhas?

– Decidi queimar e começar do zero.

– Também decidiu transformar a cara na porra de uma romã?

– Que bom que você veio, Jack. Eu precisava desse encorajamento.

– Meu Deus, na TV você parecia o James Bond. Já aqui...

– Como assim, na TV?

– Não diga que você não viu.

– Vi o quê?

– Minha Nossa Senhora... O cara provoca a Terceira Guerra Mundial e diz que não viu. O que aconteceu ontem à noite está passando a manhã inteira na RAM-TV. Sterne saindo da casa. Aquela porra do lança-chamas no capô do Max. Sterne sendo incinerado. Max metralhando o Ramcóptero no céu. Você, o herói, saindo pela noite para arriscar a própria vida. A queda do Ramcóptero, seguida pelo que os comentaristas da RAM-TV chamaram de “terrível e trágica bola de fogo”. É um tremendo show, Davey, meu garoto.

– Espere um segundo, Jack. O helicóptero foi derrubado, então de onde vieram as imagens da queda?

– Os filhos da puta tinham dois helicópteros lá. Um Ramcóptero caiu, mas o outro se posicionou e continuou filmando. As trágicas bolas de fogo são boas para a audiência. Especialmente com duas pessoas sendo incineradas no processo.

Gurney fez uma careta. A terrível morte de Max Clinter continuava dolorosamente vívida em sua memória.

– E isso está na TV?

– A manhã inteira. É espetáculo, meu amigo, é uma porra de espetáculo!

– Aqueles helicópteros... como é que eles foram parar lá, para começo de conversa?

– Seu amigo Clinter avisou a RAM-TV. Ontem, mais cedo, ligou para eles e disse que algo muito importante iria acontecer naquela noite com o Bom Pastor e que eles deveriam se posicionar na área, prontos para cobrir. Ligou de novo logo antes de agir. Max sempre odiou a RAM-TV pelo modo maligno como cobriram seu fracasso original com o Bom Pastor. Parece que derrubar o helicóptero a tiros fazia parte do plano dele.

Enquanto Gurney tentava processar a informação, Hardwick saiu do quarto e foi até o posto de enfermagem, onde falou com uma jovem que estava trabalhando no computador.

Retornou com um brilho triunfante no olhar.

– Eles têm algumas TVs sobre carrinhos. A belezinha peituda vai arranjar uma para a gente. Você deveria assistir a essa merda com os próprios olhos.

Madeleine suspirou e fechou os seus.

– Enquanto isso, Sherlock, duas perguntas: como diabo Larry, o dentista, se tornou tão bom com uma arma?

– Minha impressão é que ele tinha uma paixão fora do normal pela precisão. Pessoas assim tendem a se tornar boas em tudo o que se propõem a fazer.

– Uma pena a gente não poder engarrafar essa determinação e vender para pessoas sãs. E a segunda pergunta, de cunho um pouco mais pessoal: você tinha alguma ideia daquilo em que ia se meter na casa do Clinter?

Gurney fitou Madeleine. O olhar dela estava fixo nele, aguardando a resposta.

– Eu esperava encontrar o Bom Pastor. O desastre que se seguiu não foi previsto.

- Tem certeza?
- Que diabo você quer dizer com isso?
- Você acredita mesmo que Clinter ficaria longe, como você havia pedido?

Gurney fez uma pausa.

- Como você sabe que eu mandei que ele ficasse longe?

Hardwick respondeu à pergunta com outra:

- Por que você acha que ele apareceu naquela hora?

Gurney já tinha pensado nesse pequeno mistério. O timing de Max com relação à reviravolta dos acontecimentos na cabana fora perfeito demais. Agora a explicação parecia óbvia.

- Ele grampeou a própria casa?

- Claro.

- E o receptor estava no Humvee?

- É.

- Então ele estava escutando minha conversa com Larry Sterne?

- Naturalmente.

– E o receptor gravou tudo o que foi dito na cabana, inclusive meu telefonema para ele. E em algum ponto vocês pegaram a gravação, motivo pelo qual agora sabem que eu mandei que ele ficasse longe. Mas o Humvee pegou fogo, então como vocês conseguiram...

– Conseguimos direto com o sujeito. Ele mandou o arquivo de áudio por e-mail para o BIC um instante antes de ligar o tal lança-chamas. Pelo visto, ele sabia como a situação poderia terminar. Também parece que ele queria que a gente tivesse material concreto para defender a visão que você tem do caso.

Gurney sentiu um grande sentimento de gratidão para com Clinter. Os comentários e as confissões de Larry Sterne acabariam com a história do “manifesto” de uma vez por todas.

- Isso vai deixar muita gente bastante insatisfeita.

Hardwick riu.

- Que se fodam.

Houve um longo silêncio, durante o qual Gurney percebeu que seu envolvimento no caso do Bom Pastor havia chegado ao fim. O crime estava solucionado. O perigo havia passado.

Logo muita gente na polícia e na psicologia forense se engajaria numa

orgia de denúncias frenéticas, insistindo que os EOP – Erros de Outras Pessoas – as haviam desviado do caminho certo. O próprio Gurney poderia, em algum momento depois que a poeira baixasse, receber reconhecimento pela colaboração. Mas o reconhecimento era uma faca de dois gumes. Muitas vezes, tinha um preço alto demais.

– Por sinal – disse Hardwick –, Paul Mellani se matou com um tiro.

Gurney piscou.

– O quê?

– Ele atirou em si mesmo com sua Desert Eagle. Parece que isso já aconteceu há alguns dias. Ontem à tarde a mulher da loja ao lado disse que estava sentindo um mau cheiro que vinha pelo sistema de ventilação.

– Não há dúvida de que foi suicídio?

– Nenhuma.

– Meu Deus.

Madeleine pareceu abalada.

– É o coitado de quem você falou semana passada?

– É. – Gurney se virou para Hardwick. – Você conseguiu descobrir quando ele comprou a arma?

– Há menos de um ano.

– Meu Deus – repetiu Gurney, falando mais para si mesmo do que para Hardwick. – Dentre todas as armas que ele poderia ter usado, por que uma Desert Eagle?

Hardwick deu de ombros.

– Foi uma arma desse tipo que matou o pai dele. Talvez ele quisesse ir pelo mesmo caminho.

– Ele odiava o pai.

– Talvez fosse esse o pecado que ele precisava pagar.

Gurney encarou Hardwick. Às vezes o sujeito dizia as coisas mais incríveis.

– Falando em pais – disse Gurney –, descobriu algum sinal de Emilio Corazón?

– Mais do que um sinal.

– Hã?

– Quando tiver tempo, talvez você queira pensar em como lidar com isso.

– Lidar com o quê?

– Emilio Corazón é um alcoólatra e viciado em heroína em estágio final. Mora num abrigo do Exército da Salvação em Ventura, Califórnia. Mendiga para comprar bebida e drogas. Já mudou de nome um monte de vezes. Não quer ser achado. Precisa de um transplante de fígado para continuar vivo, mas não consegue ficar sóbrio por tempo suficiente para entrar na lista. Está começando a sofrer de demência por causa dos níveis de amônia no sangue. As pessoas do abrigo acham que no máximo em três meses ele vai estar morto. Talvez antes disso.

Gurney sentiu que deveria dizer alguma coisa, mas sua mente permanecia em branco.

Sentia-se vazio.

Dolorido, triste e vazio.

– Sr. Gurney?

Ele levantou os olhos. A tenente Bullard estava parada junto à porta.

– Desculpe se interrompo alguma coisa. Eu só... só queria agradecer... e ver se o senhor está bem.

– Pode entrar.

– Não, não. Eu só... – Ela olhou para Madeleine. – É a Sra. Gurney?

– Sou. E a senhora?

– Georgia Bullard. Seu marido é um homem notável. Mas é claro que a senhora sabe disso. – Ela olhou para Gurney. – Talvez, depois que tudo isso for resolvido... eu estava imaginando se poderia convidar o senhor e sua esposa para almoçar. Conheço um restaurantezinho italiano ótimo em Sasparilla.

Gurney riu.

– Mal posso esperar.

Ela recuou com um sorriso e um aceno e, tão rápido quanto havia aparecido, sumiu.

Gurney voltou a pensar no destino de Emilio Corazón e no efeito que a notícia provavelmente teria em sua filha. Fechou os olhos e encostou a cabeça no travesseiro.

Quando os abriu, não soube direito quanto tempo havia passado. Hardwick tinha ido embora. Madeleine havia tirado a cadeira do canto do quarto, colocando-a ao lado da cama, e agora o vigiava. A cena o fez se lembrar do fim semelhante do caso Perry, quando ele quase fora morto e

sofrera o dano físico que, de certa forma, ainda estava com ele. Ao fim daquela experiência, quando Gurney saíra do coma, Madeleine também estava junto à sua cama, esperando, observando.

Por um momento, encarando-a, ficou tentado a dizer uma gracinha: *Precisamos parar de nos encontrar assim*. Mas de algum modo não parecia certo, não era engraçado de verdade, não era uma piada que ele tivesse o direito de fazer.

Um sorriso maroto apareceu no rosto de Madeleine.

– Você ia dizer alguma coisa?

Ele balançou a cabeça. Na verdade, apenas moveu-a ligeiramente de um lado para o outro, no travesseiro.

– Ia, sim – falou ela. – Uma coisa boba. Pude ver nos seus olhos.

Ele riu, depois se encolheu com a dor que sentiu com a pele se esticando em volta da boca.

Madeleine pôs a mão sobre a dele.

– Está chateado por causa de Paul Mellani?

– Estou.

– Porque está achando que deveria ter feito algo?

– Talvez.

Ela assentiu, esfregando gentilmente as costas dos dedos dele.

– É uma pena que a busca pelo pai de Kim não tenha tido um final mais feliz.

– É.

Ela apontou para a outra mão dele, a que tinha o curativo.

– Como está o ferimento de flecha?

Ele levantou a mão da cama e olhou-a.

– Eu tinha esquecido.

– Ótimo.

– Ótimo?

– Não estou falando da mão ferida. Estou falando da flecha. O grande *mistério* da flecha.

– Você não acha que seja um mistério?

– Não um mistério solucionável.

– Então deveríamos ignorá-lo?

– Isso mesmo. – Como Gurney pareceu não ter se convencido, ela

continuou: – A vida não é assim?

– Cheia de flechas inexplicáveis caindo do céu?

– Quero dizer que sempre haverá coisas que não teremos tempo de entender perfeitamente.

Era o tipo de ideia que incomodava Gurney. Não que não fosse verdadeira. Claro que era. Mas ele sentia que o *teor* dela consistia num ataque ao processo racional, ao modo como sua mente funcionava. No entanto, se havia uma discussão que não valia a pena ter com Madeleine, era essa.

Uma jovem enfermeira chegou à porta, empurrando uma TV em cima de uma mesa com rodinhas, porém Gurney simplesmente balançou a cabeça e dispensou-a. A “horrível e trágica bola de fogo” da RAM-TV poderia esperar.

– Você entendeu o Larry Sterne? – perguntou Madeleine.

– Talvez parte dele. Não tudo. Sterne era... uma criatura incomum.

– É bom saber que não existe um monte de gente igual a ele andando por aí.

– Ele pensava em si mesmo como um homem absolutamente racional e prático. Um paradigma da razão.

– Você acha que ele se importava com os outros?

– Não. Nem um pouco.

– E acha que ele confiava em alguém?

Gurney balançou a cabeça.

– “Confiar” é um conceito que não significava nada para ele. Não no sentido normal. Ele via a disposição de confiar como uma forma de fraqueza, uma falha irracional nos outros, uma falha da qual ele poderia tirar proveito. Seus relacionamentos eram baseados em exploração e manipulação e ele via as outras pessoas como instrumentos.

– Então ele era totalmente solitário.

– É. Completamente solitário.

– Que horror!

Gurney quase disse: *Para lá, se não for a graça de Deus, eu vou*. Sabia como poderia ficar isolado e nem notar que isso estava acontecendo. Como os relacionamentos podiam se esvaír como fumaça na brisa. A facilidade com que ele podia afundar em si mesmo. Como suas obsessões de isolamento

podiam parecer naturais e benignas.

Queria explicar isso a ela, falar sobre essa peculiaridade a respeito de si mesmo. Mas então teve a sensação que às vezes experimentava quando estava perto dela: a impressão de que ela já sabia o que ele pensava sem que tivesse que verbalizar.

Ela o encarou, apertando sua mão.

E, pela primeira vez na vida, ele teve aquela mesma sensação peculiar, mas na direção oposta. Sentiu que *ele* já sabia o que *ela* estava pensando, sem que ela precisasse verbalizar.

Podia sentir as palavras na mão dela, podia vê-las em seus olhos.

Ela estava lhe dizendo que não tivesse medo, que confiasse nela e acreditasse em seu amor por ele. Estava lhe dizendo que a graça da qual ele dependia estaria sempre com ele.

Na paz profunda que se seguiu às palavras silenciosas de Madeleine, Gurney se sentiu desligado de qualquer preocupação com o mundo. Tudo estava bem. Tudo estava em paz. E então, de algum lugar distante, veio um som. Era tão baixo, tão delicado, que ele não teve certeza se estava escutando, sentindo ou imaginando. Mas sabia exatamente o que era.

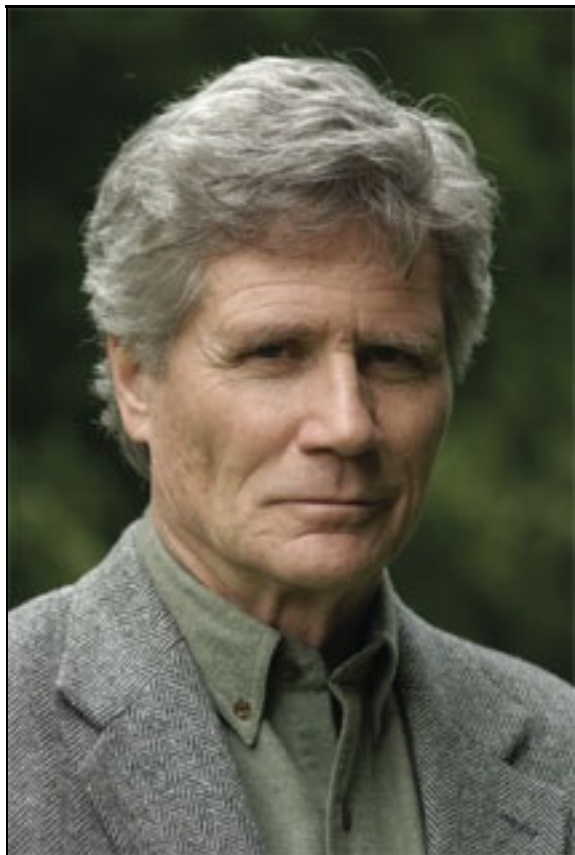
O ritmo característico e alegre da “Primavera” de Vivaldi.



FIM

Sobre o autor

© Naomi Fisch



JOHN VERDON

Depois de uma carreira bem-sucedida no ramo publicitário, John Verdon se mudou com a esposa, Naomi, para as montanhas Catskills, na região rural do estado de Nova York. Para mais informações, visite www.johnverdon.net.